

EDUARDO PIRES COELHO

*O segredo
da Flor
do Mar*

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

EDUARDO PIRES COELHO

*O segredo
da Flor
do Mar*


PRIMAVERA
EDITORIAL

EDUARDO PIRES COELHO

*O segredo da
Flor do Mar*



PRIMAVERA
EDITORIAL

OBRA VENCEDORA DO PRÊMIO LITERÁRIO
ESFERA DAS LETRAS 2010

O autor está disponível para comentários sobre o romance em:

epirescoelho@gmail.com

www.linkedin.com/in/EduardoPiresCoelho

www.facebook.com/EduardoPiresCoelho

www.eduardopirescoelho.com

*Ao meu pai, que me ensinou a
magia da História e o orgulho de ser
português.*

“A sorte protege os audazes.”

Sumário



Prólogo

Lisboa, 10 de março, 6h50

Capítulo 1

Boston, 24 de abril, 10h40

Capítulo 2

Chicago, 31 de maio, 8h50

Capítulo 3

Miraflores, 6 de julho, 13h00

Capítulo 4

Cusco, 8 de julho, 19h30

Capítulo 5

Golfo do Sião, 20 de abril de 1594

Capítulo 6

Cingapura, 12 de julho, 18h10

Capítulo 7

Cusco, 13 de julho, 17h50

Capítulo 8

Malaca, 3 de maio de 1594

Capítulo 9

Malaca, 15 de julho, 15h30

Capítulo 10

Achém, 7 de julho de 1601

Capítulo 11

Angra dos Reis, 16 de julho, 9h30

Capítulo 12

Foz do Johor, 24 de fevereiro de 1603

Capítulo 13

Malaca, 18 de julho, 18h30

Capítulo 14

Maurícias, 20 de janeiro de 1606

Capítulo 15

Malaca, 22 de agosto de 1606

Capítulo 16

Aru, 7 de setembro de 1606

Capítulo 17

Malaca, 21 de julho, 16h45

Capítulo 18

Malaca, 31 de dezembro de 1640

Capítulo 19

Lisboa, 28 de julho, 18h50

Capítulo 20

Lisboa, 30 de julho, 2h00

Capítulo 21

Angra dos Reis, 15 de setembro, 16h15

Capítulo 22

Carcavelos, 21 de setembro, 18h40

Epílogo

Alcácer-Quibir, 10 de agosto de 1578

Cronologia

Prólogo

LISBOA, 10 DE MARÇO, 6H50

“O IMPÉRIO PORTUGUÊS É
UM DOS MAIORES ENIGMAS DA
HISTÓRIA! COMO É QUE UM
PAÍS COM POUCO MAIS DE UM
MILHÃO DE PESSOAS
CONSEGUIU TER POSSESSÕES NA
ÁFRICA, NO BRASIL E UM
POUCO POR TODO O ORIENTE?”

Sanjay Subrahmanyam, historiador indiano



s primeiros raios de sol iluminaram as paredes caiadas ao redor, bem como as igrejas e os conventos ao longo das colinas. Francisco pousou o cachimbo, sorriu e voltou a olhar para os papéis através da lupa. Estava atônito com o que tinha descoberto e, por momentos, quase que sentiu a respiração faltando-lhe. Olhando para trás, tudo parecia tão evidente, que se amargurou por nunca ter explorado aquela via de investigação. Perguntou a si mesmo onde tinha falhado e concluiu que estivera desatento ou muito cansado num momento crucial na semana anterior. Ao mesmo tempo, achou graça da situação! Por vezes, a História pregava as suas peças, e aquela tinha sido grande. Bastava ignorar uma pequena pista para perder o rumo da investigação e semanas inteiras de trabalho!

O escritório da casa da Graça era o seu último refúgio e em nenhum outro local Francisco se sentia tão bem. As paredes repletas de livros, o teto forrado de madeira, os cadeirões de cabedal e o odor a tabaco de cachimbo, livros e madeira davam-lhe um encanto especial. Tudo o que ali estava tinha um significado. Bastava percorrer as paredes com o olhar para vislumbrar recordações e artefatos que

tinha trazido dos vários cantos do antigo Império Português. Cada um deles trazia-lhe uma recordação especial e Francisco tinha muitas histórias para contar. Manaus, Baucau, Benguela, Ormuz, Diu, Mombaça e outros tantos locais menos conhecidos e apagados pelo tempo.

A vista da janela era arrebatadora! Sentado na cadeira da escrivaninha, Francisco avistou as colinas de Lisboa, o Hospital de São José com as suas cores escarlates, a praça do Martim Moniz sempre em constante mutação, os telhados avermelhados da avenida da Liberdade, o topo da estátua de D. Pedro IV no Rossio, seguido do bairro do Chiado e do Príncipe Real. Mais abaixo, a acompanhar a cidade a alguma distância, estava o azul imenso do rio Tejo, que formava um enorme lago interior, pouco antes de desaguar no oceano.

Francisco sentia-se feliz, mas estava ansioso. Tinha de ter a certeza de que não estava enganado. Afastou os blocos de notas, os registros da Torre do Tombo e os documentos que alguns amigos lhe tinham enviado do outro lado do mundo. Concentrou-se numa pequena folha amarelada, e passados alguns instantes, confirmou o que pensava. Fazia todo o sentido! Os nomes, as datas, os locais, tudo estava certo! Pousou a lupa e voltou a sorrir. Estava cansado após tantas horas de pesquisa, mas a adrenalina dava-lhe forças. O que tinha confirmado era verdadeiramente incrível. Sentia que tinha feito a descoberta mais importante da sua vida e que a verdade tinha estado sempre perto dele. A primeira vez que pensara naquela possibilidade fora em algum momento entre 1989 e 1991, na época das investigações da *Flor do Mar*. Finalmente descobrira por que razão as pesquisas haviam falhado! Coincidência ou não, tinha agora a certeza onde estavam os últimos despojos da *Flor do Mar*.

Francisco baixou o olhar. Agora sim, tinha o pensamento claro sobre o que havia acontecido. Faltava o que era teoricamente mais fácil, mas que também era o mais difícil

para ele. Tinha de juntar as peças no terreno e provar que a sua teoria estava correta. Sabia que ia chegar ao lugar certo! Tinha um fio condutor muito sólido, e conhecia todos os passos a dar, bem como a ordem que deveria seguir. Tocou na cadeira de rodas com uma das mãos e não deixou de sentir alguma amargura. Já tinha pensado no que iria fazer. Além de Rosa, havia três pessoas em quem confiava totalmente. Podia falar acerca do seu trabalho com qualquer uma delas. Perante a missão que teriam pela frente, qualquer uma das três tinha pontos fortes e fraquezas, mas tinha que se decidir por uma delas. Abriu o correio eletrónico e os três endereços surgiram. Pensou como cada um deles estava em pontos totalmente diferentes do globo. Um em Boston, outro em Cingapura e o último em Cusco, no meio das cordilheiras do Peru. Era um sinal do mundo atual, um mundo global que estava à distância de pequenos toques no teclado do computador. Por detrás do monitor, a luz no céu era forte. A manhã já tinha chegado em toda a sua plenitude. Francisco tirou os óculos, colocou-os em cima da escrivaninha e esfregou os olhos. O cansaço começava a vencê-lo. Bocejou e cerrou lentamente os olhos, quase sem dar conta disso.

Barba branca rala e cara redonda, Francisco tinha nascido na Beira, a segunda maior cidade de Moçambique, sessenta anos antes. Tinha crescido no seio de uma família liberal. Tinham sido três irmãos, mas Francisco era o único que ainda estava vivo. Desde cedo, demonstrara um interesse profundo pela História dos seus antepassados. A vida tinha-lhe dado muitas oportunidades e ele tinha percorrido os vários cantos do mundo à procura de vestígios da presença portuguesa. Eram mais de oitocentos monumentos no mundo construídos pelos portugueses entre os séculos XIV e XVI. Desde o Forte de Galle no sul do Sri Lanka, à cidade de Sacramento no Uruguai, até as muralhas e fortalezas da imponente cidade de Chaul, a sul de Damão, e às fortalezas

esquecidas de Solor e Ternate.

Francisco estudara a fundo quase todos esses monumentos, escrevera sobre muitos deles, mas com o passar dos anos acabou se especializando no Estado da Índia. Era uma especialização difícil, por ser muito diversificada. No seu apogeu, quinhentos anos atrás, o Estado da Índia ia desde Moçambique até as ilhas Molucas, na parte Oriental da atual Indonésia. Ao todo, aquele Estado tinha mais de dez mil quilômetros em linha reta, ligado pelo vasto Oceano Índico, o que o tornava um Estado diferente de todos os outros. Francisco detinha uma obra acadêmica conceituada no meio e era frequentemente convidado para participar de conferências no mundo inteiro. Sentia que as suas apresentações sobre o Império Português faziam a diferença, no meio de tantas obras sobre o Império Britânico, Francês e Espanhol, e talvez por isso era tão requisitado. No entanto, sentia que ainda havia muito por descobrir e que tinha um trabalho enorme pela frente. Era isso que tentava explicar aos seus alunos e mesmo aos colegas da Universidade de Lisboa. Mas nem sempre era bem-sucedido.

Enquanto jovem, Francisco voltara à cidade da Beira sempre que podia. Percorrera Moçambique de norte a sul, especialmente Sofala, Lourenço Marques e as ilhas do Ibo e de Moçambique, a antiga capital da província até 1898. Tinha sido naquela pequena ilha coralina que conhecera a mulher da sua vida, Rosa.

Francisco recordava-se desse momento como se tivesse sido ontem. Estava há vários dias estudando a Capela de Nossa Senhora do Baluarte, o mais antigo edifício europeu do hemisfério sul e o único monumento manuelino de toda a província ultramarina. Era ali que os governadores recebiam a ação de graças e o bastão do poder depois de desembarcarem na ilha e, apesar de a capela ser pequena, parecia que todos os seus recantos e lápides sepulcrais

contavam uma história e escondiam um segredo. Francisco lembrava-se que tinha feito uma pequena pausa nos trabalhos e subido às muralhas da poderosa fortaleza de São Sebastião, quando vislumbrou uma jovem mulher de cabelos compridos banhando-se nas águas transparentes do Índico. Parecia uma sereia, e Francisco ficou a observá-la por longos momentos, escondido na sombra das ameias. Sem se aperceber, apaixonou-se por ela naquele instante. Um impulso levou-o a largar a poeira das muralhas, ultrapassar a porta de armas e correr para a pequena praia arenosa na enseada da fortaleza. Lembrava-se perfeitamente de como tinha corrido pela areia, ultrapassado o mangue, mergulhado na água e nadado para perto dela. Dominado por uma magia estranha, os dois tinham trocado um olhar fulminante e depois um longo sorriso. Aquele sorriso tinha significado uma vida.

Francisco recostou-se na cadeira de rodas e suspirou profundamente. Recordou como ele e Rosa tinham se apaixonado loucamente um pelo outro quase imediatamente, e como haviam jantado na pousada da ilha naquela mesma noite e vivido uma paixão intensa, percorrendo depois, juntos, meio mundo, em busca de uma História perdida no tempo. Foi como se tivessem tido uma lua de mel que tinha durado vários anos. Depois, quando voltaram à sua terra, perceberam que tudo tinha mudado. A guerra em Moçambique contra a Frelimo estava longe de estar controlada e fazia parte do dia a dia no Norte da província. O confronto alastrava-se nas províncias do Cabo Delgado e do Niassa e já tinham ocorrido alguns incidentes em Tete. Pouco depois, Francisco foi incorporado no Exército e deixou Rosa na Beira, e uma vida feliz para trás. Foi colocado no Norte, em Mueda, a cidade no planalto dos macondes, que estava no epicentro dos ataques da Frelimo. Quase de um dia para o outro, Francisco viu-se fardado, num quartel, com uma arma

na mão e um olhar receoso sempre que saía para o mato, habituando-se a olhar para trás e esperar o pior.

A comissão fora longa e penosa. Ao longo dos meses, Francisco sentiu que estava ficando uma pessoa diferente e descobriu nele coisas que desconhecia. Tinha visto coisas horríveis no mato e perguntou qual seria o sentido de todo aquele esforço. Pensou que um império não se podia manter daquela maneira, que a Operação “Nó Górdio” apenas tinha servido para adiar o curso dos acontecimentos e que, mais cedo ou mais tarde, Lisboa teria de ceder, tal como Paris cedera na Argélia ou na Indochina após anos de resistência.

Um dia, a sua vida mudou para sempre. Francisco abriu muito os olhos e foi como se estivesse longe do escritório da Graça. Engoliu em seco e viveu tudo de novo. O pelotão militar tinha saído de Mueda de manhã cedo e percorria a estrada para Negomano, nas margens do rio Rovuma. Havia relatos de presença inimiga nas imediações daquela aldeia fronteiriça e o pelotão tinha sido enviado para pacificar a zona. Infelizmente, as informações não tinham sido precisas e a coluna sofreu uma emboscada feroz, antes mesmo de chegar ao rio. Inesperadamente, vários homens do pelotão tinham sido atingidos por balas certeiras. Tudo tinha se passado muito rapidamente, mas Francisco gravara na memória a expressão do Alferes Silva quando fora atingido por uma bala na perna e logo a seguir por outra no peito. Foi nesse momento que sentiu uma dor aguda numa perna e depois na outra. As suas mãos deixaram cair a arma no chão, perdeu a força para se manter em pé e percebeu que tinha sido atingido.

Francisco sobreviveu à emboscada da Frelimo de Negomano e acabou por ser deslocado de helicóptero para o hospital em Nampula, longe do local dos confrontos, onde o comando militar português estava acampado. Para ele, a guerra do Ultramar terminara. Quando recuperou a

consciência, tudo tinha mudado. Não tinha sido fácil adaptar-se à condição de inválido, mas no meio de depressões, suores frios e pesadelos, Rosa conseguira resgatá-lo e tinha-o levado a interessar-se novamente pela vida. Na Beira, voltou a sentir-se vivo e a ter motivação para devolver novas histórias à História. Mas com a queda do regime de Lisboa, poucos meses mais tarde, o mundo transfigurou-se. Os acontecimentos em Moçambique durante o verão de 1974 mudaram a vida de todos. A Frelimo chegara ao poder e os episódios contra a população branca sucederam-se. Meses mais tarde, quando chegou a hora de optar entre ficar na sua terra ou ir para a chamada metrópole, Rosa e ele decidiram seguir a via mais segura e rumaram a Portugal.

De repente, Francisco despertou da penumbra em que estivera mergulhado no escritório. Ouviu pequenos passos no chão de madeira e descerrou os olhos. Conheceria aquele andar em qualquer lugar do mundo e pensou que a mulher que amava vinha saber o que tinha acontecido para ele não se ter deitado. Passados tantos anos, Francisco ainda achava Rosa uma mulher lindíssima e sensual. Alta, de corpo delgado, cabelos compridos grisalhos e nariz afilado, Rosa tinha um andar leve, como se saltitasse. Francisco sorriu quando a viu a entrar no escritório. Bastava olhar para ela para sentir uma paixão intensa. Pegou-lhe na mão e depois recebeu o seu abraço. Reparou que Rosa ainda não estava maquiada, mas que não deixava de ser uma mulher extraordinariamente bonita. Percorreu a mão pelas suas nádegas e depois beijou-lhe o peito de leve. Rosa sorriu e beijou-o na boca com ternura.

Francisco lembrou-se que Rosa era quem o poderia ajudar mais na sua decisão. Ela conhecia-o melhor que ninguém e acompanhara sempre a sua vida profissional. Estava ciente das investigações que realizava nos tempos

livres, muito embora sempre tivesse achado que seria mais por brincadeira do que um caso sério.

Rosa pouco ou nada sabia do rumo das suas mais recentes investigações. E se ele sabia que não podia dizer-lhe tudo, também sabia que podia e devia relevar-lhe uma grande parte.

— Desculpe, meu amor, mas estava tão entusiasmado que acabei por ficar aqui...

— E acabou ficando até o sol nascer... — comentou Rosa, sorrindo e salientando os seus lábios úmidos. — Você não tem remédio! Às vezes ainda parece uma criança...

— Sabe que está muito bonita?

— Estou ou sou? — inquiriu Rosa baixinho, com um riso de jovem e cerrando parcialmente os olhos.

— É e está! — respondeu num tom de brincadeira. — E o que diria se fôssemos tomar o café da manhã no Chiado?

Capítulo 1

BOSTON, 24 DE ABRIL, 10H40

“BOSTON TEM MAIS LOCAIS
RELACIONADOS COM A
REVOLUÇÃO AMERICANA DO
QUE QUALQUER OUTRA CIDADE
NO PAÍS. A ENCOSTA SUL DE
BEACON HILL TORNOU-SE
CENTRO DE PODER E RIQUEZA
DA CIDADE DE BOSTON A
PARTIR DE 1790, E A SUA ELITE
SÓ ABANDONOU O LOCAL
QUANDO FOI CONSTRUÍDO O
BAIRRO DE BACK BAY.”

New England Eyewitness



s mercados europeus tinham fechado em alta, mas Filipe não tirava os olhos do ecrã da Bloomberg. Esperava que algo acontecesse. O BPI tinha fechado com fortes ganhos e o BCP, um dos seus maiores concorrentes, tinha estado sobre forte pressão até o fechamento do mercado. Estava “curto”¹ em BPI e “longo”² em BCP e sentia que os investidores não estavam analisando bem a situação.

Olhou pela janela e viu o Charles River a serpentear ao longo da cidade com uma calma que o deixava ainda mais nervoso. Uma onda de frio vinda do Ártico assolara toda a costa de New England. Tinha descido pelo Maine e os termômetros marcavam 4º Fahrenheit negativos, o que era equivalente a 20º Celsius negativos. Até a foz do rio, em North End, onde as águas doces se misturavam com as águas salgadas do mar, estava parcialmente congelada. Do outro lado da sala de *trading*, Filipe percebeu que a água da marina também parecia um enorme tapete branco, com vários iates encalhados no meio do gelo.

Eram cinco horas mais tarde em Lisboa e a situação era complexa. O BCP, o maior banco privado português, tinha lançado uma oferta pública de aquisição (OPA) ao BPI, o

quinto maior banco do país. O processo decorria há mais de um ano e Filipe sabia que muitos *hedge funds*³ como a Imperium tinham abandonado aquele processo por estar demorando muito tempo. Filipe tinha uma grande vantagem sobre todos os outros! Era português, conhecia o país e os dois bancos em questão. Sabia que o processo não iria ficar assim e que algo tinha que acontecer.

— Fili, BCP is releasing results — gritou Yuan, um dos *traders* chineses, do outro lado da sala. — Os resultados do BCP estão saindo na Bloomberg.

Filipe analisou rapidamente os números trimestrais do BCP. Eram bons, ligeiramente acima do que os analistas esperavam. Daí a minutos, o BPI iria fazer o mesmo. Mas não era por isso que ele ansiava.

Apesar de ainda não serem 11h da manhã em Boston, mais de metade do escritório almoçava por entre os terminais. Um forte odor de arroz frito pairava no ar, como quase todos os dias. A maior parte dos empregados da Imperium era de origem asiática e Filipe sentia-se bem no meio deles. Também adorava arroz e não se cansava de acompanhar a maior parte dos colegas. Sabia que os portugueses em geral comiam muito mais arroz que qualquer europeu e em certos casos superavam até alguns povos asiáticos.

— BPI's results are out! — informou Yuan, de novo. — Estão em linha com o consenso de mercado. Ganhos de *trading* acima das expectativas, mas comissões um pouco abaixo.

— Thanks, mate! — agradeceu Filipe, levando a *mug* de chá à boca e sentindo o calor nos lábios. Sabia que não faltava muito tempo para o que todos esperavam.

Na Imperium estavam todos vivendo intensamente aquela operação e sabiam que Filipe tinha jogado bem alto. Aquele era o último dia que o BCP tinha para rever o preço

oferecido para comprar o BPI. O BPI tinha fechado em Eur6.64. A ação tinha chegado a atingir Eur6.83 quando o preço oferecido pelo BCP era ainda de Eur5.83. O mercado esperava uma revisão significativa de preço. Um preço que levasse todos os acionistas do BPI a vender, pelo menos, a Eur8.00 por ação. Mas Filipe tinha sérias dúvidas que isso acontecesse. Estava sabendo o que acontecia dentro da equipe de gestão do BCP – das dúvidas, das divergências e de todas as hesitações. Tinha a convicção que a equipe de gestão do BCP tinha pouca margem para subir muito o preço e por isso tinha apostado forte.

— Breaking news, Fili — gritou Lim do outro lado da mesa de *trading*. — O BCP está divulgando um novo comunicado.

Filipe pousou a *mug* e virou as costas para a marina.

— O BCP aumentou o preço oferecido para Eur7.00!

De repente, os telefones tocaram na mesa de *trading*. Vários *brokers* portugueses telefonaram para a Imperium como se fossem dar a notícia em primeira mão e por isso estivessem informando valores mais altos. Gilmour Moraes, um dos *traders* mais seniores da Imperium, conversava com os *brokers* à procura de mais informações e sobre o que eles achavam que iria acontecer. Gilmour trocou olhares cúmplices com Filipe. Estava tudo correndo como tinham previsto. Os dois estavam cada vez mais próximos, além de estarem unidos pela língua. Gilmour era o único no escritório que falava com Filipe em português, porque também era a sua língua materna. Toda a sua família era de Goa, apesar de ele já ter nascido em Porto Amélia, em Moçambique, uns anos depois do que considerava ser a invasão indiana.

— A OPA está morta! — disse Gilmour em português com um sorriso rasgado. — The take over bid is over.

Filipe gritou de alegria e foi seguido por todos os *traders*. Se John estivesse ali, certeza que estariam todos dançando o

haka. Pensando bem, aquele era o momento mais inebriante desde que o neozelandês tinha ido embora.

— Mas a OPA está morta como? — questionou Nigel, o único *trader* norte-americano da Imperium, levantando-se da cadeira, ainda sem perceber o que estava acontecendo. — Não acham que este preço tem alguma razão? Será que estamos enxergando bem toda a situação?

— Ninguém vende a Eur7.00, Nigel! — assegurou Filipe com um sorriso nos lábios. — O mercado está fazendo Eur6.64. Acho que mesmo que o preço fosse de Eur8.00, seria difícil o núcleo duro do BPI aceitar a oferta. Amanhã, o BPI cai e o BCP dispara. Estamos ricos!

— Mas como sabe que é isso que vai acontecer?

— Tenho certeza, Nigel! — respondeu num tom quase arrogante. — Sei que nenhum dos principais acionistas do BPI vende a este preço. Sei que a Eur7.50 não venderiam! Mesmo a Eur8.00 tenho muitas dúvidas.

A sala ficou inundada de alegria. Ninguém queria saber se o mercado espanhol tinha caído mais de 5% com o mercado imobiliário e se o mercado alemão dava sinais de esgotamento, especialmente com notícias que indicavam o desaquecimento do setor de construção. A Imperium estava *short* em ambos os mercados, tirando algumas empresas que pouco ou nada tinham a ver com as respectivas economias.

Filipe acabou saindo cedo naquele dia. Queria celebrar, mas sentia uma enorme ansiedade por causa do dia seguinte. Pensou em telefonar para os pais a fim de contar o que tinha feito, mas hesitou. Sabia que eles pouco iriam compreender e que iriam se limitar a dizer que estavam muito felizes. Pensou que não podia sequer dizer quanto dinheiro iria ganhar para o fundo, porque os seus pais viviam numa outra dimensão. Uma vez, em uma conversa, percebera que ganhava num mês quase o que o pai, professor universitário de renome em Portugal, ganhava em meio ano.

Assim que chegou à rua, sentiu o frio intenso no rosto. A neve cobria a estrada e poucas pessoas se aventuravam a andar ao frio. Mesmo assim, Filipe sentia a face quente. Tinha sido um dia muito intenso e ainda tinha o pensamento acelerado. Decidiu ligar para o Pedro, um outro português que trabalhava no setor financeiro em Boston, para irem beber. Mas Pedro estava viajando pela China, à procura de ideias de investimento para o seu novo fundo asiático.

Apesar do frio, caminhou algum tempo por Back Bay até Newbury Street. No verão, aquela rua enchia-se de pessoas ao ar livre, pintores e de todo o gênero de eventos. Era possivelmente o local mais animado da cidade. Mas, àquela altura, Newbury Street não podia estar mais diferente, e parecia apenas uma rua de uma cidade escura, meio abandonada. Filipe virou na esquina da Clarendon Street e depois entrou no Quincy.

O Quincy estava um pouco vazio, mas a verdade é que tinha sempre bom ambiente. Era um bar moderno com uma decoração simples de tons americanos, cores italianas, misturando o clássico com o moderno. Lá dentro, estava uma temperatura agradável e várias pessoas saboreavam um capuccino, enquanto outras bebiam um copo de vinho da região da Toscana.

O silêncio era quase sepulcral, apenas acompanhado por uma leve música de fundo. Filipe sentou-se numa das mesas encostadas à janela e ficou vendo a neve cair e o tapete branco acumular-se no chão. Os serviços municipais não paravam de limpar a rua, mas parecia um trabalho ingrato. A neve não parava de cair. Pensou como raramente nevava em Portugal. Quando as pessoas lhe perguntavam se existia neve no seu país, respondia sempre que existiam duas ou três serras onde nevava de vez em quando. Quando isso acontecia, acrescentava, eram muitas as pessoas que se deslocavam para lá, para sentir a neve nas mãos e atirar

bolas de neve.

Pediu uma Samuel Adams, a cerveja típica do estado de Massachusetts, e abriu o romance que tinha trazido. Um livro antigo do Alistair McLean, tipicamente um livro do seu gênero, como diria a sua ex-namorada Susana. Um romance de aventuras, de acontecimentos sucedendo-se vertiginosamente, que se passava na Segunda Guerra Mundial, mas com pouco conteúdo humano. Logo a seguir, a sua atenção distanciou-se do livro devido a um som conhecido.

— Brasileiro? — perguntou Filipe, reconhecendo a língua em que o empregado falara há pouco.

— Sim, senhor. Português?

— Sim, de Lisboa! — respondeu sorrindo. Cada vez que os portugueses e os brasileiros se encontravam num país estrangeiro, acabavam por trocar algumas palavras cúmplices, comentando como a pronúncia era diferente e como num país fazia frio e no outro, calor. Em Boston, existia uma grande comunidade brasileira, mas nem sempre era fácil encontrá-la na imensidão da cidade.

— Ah, meu nome é Edmilson. Sou de Salvador, da Bahia!

— Nunca fui a Salvador, mas já ouvi dizer que é uma cidade muito bonita — comentou. — Está há muito tempo em Boston?

— Dois anos. Antes estive em Nova Iorque, mas Boston é uma cidade muito mais legal. E você?

— Dois anos também — respondeu, assentindo. — Também vim de Nova Iorque.

Os dois homens sorriam com as coincidências. O Quincy começava a encher, a música tocava mais alto e Edmilson teve de se afastar para atender outros clientes. Estava anoitecendo rapidamente e a neve não parava de cair. A porta do Quincy abriu-se uma vez mais e Filipe viu uma bonita mulher loura entrando no bar. Depois de tirar o

casaco, Filipe percebeu que estava vestida de um modo muito formal, de blazer escuro, saia justa e saltos altos. Imaginou que não deveria ter sido fácil chegar até ali e tentou adivinhar em que ela trabalhava. Tinha uma expressão leve e agradável. Deveria ter pouco mais de trinta anos, um olhar seguro e cabelos curtos, o que lhe dava um ar de francesa. Sentou-se duas mesas à frente e pediu um chá Earl Grey quente. Notou que tinha uma leve pronúncia americana, mas algo lhe dizia que era estrangeira.

Edmilson passou por Filipe e trocaram mais algumas palavras. O brasileiro trabalhava no Quincy há três meses. Estava gostando bastante, ganhava bem e estava entre amigos. Percebeu que o dono do bar também era brasileiro, descendente de italianos, e que tinha tido a ideia de montar um bar-restaurant italiano em Back Bay. Edmilson confessou que já tinha tido convites para outros bares, inclusive para o Cheers, mas que não tinha aceitado. Estava bem.

Edmilson afastou-se pouco depois, mas Filipe não voltou à leitura. Ficou pensando. Estava em Boston há quase dois anos e vivia nos Estados Unidos há quase cinco. Tinha saído de Portugal para se candidatar a um trabalho num banco norte-americano que precisava de alguém para gerir um fundo de ações europeias. Tinha concorrido com mais de dez pessoas, mas venceu a tudo e a todos e teve uma ascensão impressionante no banco, em Nova Iorque. Apesar disso, quando o mercado entrou em crise, não escapou à terceira onda de demissões. No início, ficara deprimido. Em Portugal, ser despedido era como ter uma doença. Mas ali não. Era quase normal, fazia parte da carreira e, no fundo, vendo bem, era inevitável.

Filipe tinha entrado na Imperium por causa de John. Tinham se conhecido numa conferência de ações europeias em Londres e, no último dia, tinham saído para beber no bar

do hotel, depois das reuniões. Trocaram cartões e, uns meses mais tarde, John telefonou-lhe com uma proposta de emprego. A entrada na Imperium tinha sido bem-aceita. Mais tarde, quando John saiu para ir para o outro lado do mundo, todos acharam natural que Filipe ocupasse o seu lugar e se tornasse o novo diretor de investimentos da Imperium. Vinte pessoas dependiam dele e todas elas o viam como um verdadeiro líder. Pouco tempo depois, ninguém mais se lembrava de John e o moral de Filipe estava em alta.

— O seu celular está tocando! — ouviu uma voz feminina perto dele.

Filipe, atrapalhado, agradeceu à mulher loura que bebia o chá, saindo do torpor em que estava mergulhado. Era Gilmour para dar-lhe conhecimento dos últimos negócios realizados e informar que ia embora.

— E alguma notícia relevante de Portugal?

— Não, Fili! Nada! Nenhuma reação até agora...

— Então até amanhã, Gilmour. Have a good one — finalizou. Pensou que era natural que não existisse notícias de Portugal. Era noite cerrada na Europa. A oferta estava feita, a equipe de gestão ou mesmo os acionistas do BPI não iriam dizer nada àquela hora. Tinha apenas que relaxar e esperar pela manhã seguinte.

— Obrigado. Eu não estava ouvindo! — agradeceu, depois de desligar o celular. Ela já tinha tirado o blazer e estava apenas com um top branco que deixava antever algumas das suas formas. — “Sorry”, desculpe.

— Não precisa desculpar-se — sorriu. — Eu percebi que estava concentrado em algo.

— Sim, estava pensando. Estava longe daqui... — confessou, fazendo uma expressão tímida. — Posso lhe pagar uma bebida em sinal de agradecimento?

A mulher olhou para a xícara e deu-se conta que estava vazia; acabando por desenhar um sorriso embaraçado na

face. Aceitou a oferta de Filipe timidamente, assentindo levemente com a cabeça, e não reclamou quando ele pediu duas cervejas.

— Chamo-me Sonya — apresentou-se, estendendo-lhe a mão. Tinha uma face muito branca, com algumas sardas espalhadas e uns olhos azuis pintados com rímel que faziam sobressair a cor e lhe davam um olhar penetrante.

— Filipe — respondeu. Vendo-a mais de perto, percebeu que tinha um ar bastante mais maduro do que aparentava ao longe. Possivelmente tinha quarenta anos e um olhar que parecia enfeitiçá-lo.

— Espanhol?

— Português!

— Bem me parecia que a língua que estava falando ao telefone era para esses lados — comentou, rindo baixinho. — Eu sou holandesa.

— Ah, estamos muito longe de casa.

— Sim, é verdade! — acenou Sonya, passando a mão pelos cabelos.

— O que faz em Boston? — questionou, pensando que estava a tratando por você. Maravilhas do inglês em que tudo ou quase tudo se baseia no “you”. — Vive aqui ou está de passagem?

— Estou num congresso. Cheguei à cidade há três dias.

— Ah, deixe-me adivinhar — tentou, olhando para o blazer. — É médica?

— Não, advogada — respondeu Sonya, um pouco mais solta.

— E você?

— Eu trabalho no mercado de ações!

— Ah, daquelas pessoas que ganham a vida comprando e a vendendo ações?

— Sim, pode-se dizer mais ou menos que sim.

— E o que faz tão longe de casa?

— Obra do acaso. Tive uma oferta de trabalho há uns anos e fui ficando — respondeu Filipe. — E a verdade é que os anos foram passando.

— Se os anos foram passando, é bom sinal. É sinal que não o percebeu. E como é viver em Boston?

— É muito bom, gosto muito da cidade — respondeu, sorrindo de leve. — É uma cidade bonita, prática e fácil. Está tudo perto e tem vários locais interessantes para visitar. Não só na cidade, mas também à volta. E depois sente-se a História, especialmente na zona entre Beacon Hill e North End.

— Sim, nota-se a História aqui — concordou. — Ontem estive numa excursão organizada pelo congresso e também me apercebi disso.

— Arrisco a dizer que Boston é para os americanos a sua principal cidade histórica, ou seja, o equivalente a Roma ou a Atenas para os europeus — comentou Filipe, num tom sério. — Foi uma das primeiras cidades fundadas pelos ingleses no século XVII. Foi aqui que a Revolução Norte-Americana começou e onde teve lugar a principal batalha contra os ingleses. Além disso, Boston tem o pub mais antigo e acho que tem a única rua de pedras do país.

Riram longamente. Nenhum dos dois notou que Edmilson passava ali perto. O brasileiro reparou os avanços do português e sorriu. O Quincy era um bar que dava um ar quente àquela cidade tão fria de New England.

— E de que parte da Holanda é? — questionou, quando parou de rir. — Amsterdã?

— Trabalhei vários anos em Amsterdã, mas, desde que me divorciei, voltei para a minha cidade. Nasci em Haia, uma cidade menor, quase desconhecida.

— Bem, não é assim tão desconhecida! É a capital da Holanda e a sede do tribunal internacional, não é? — brincou, não deixando de notar que Sonya tinha dito que

tinha se divorciado. Começou a sentir uma ansiedade diferente. Estava certo que aquela frase não tinha sido totalmente inocente.

— Não. A capital da Holanda é mesmo Amsterdã — corrigiu. — Haia alberga a sede do governo. Enfim, não é simples, eu sei...

— Nunca fui lá, é verdade. A Holanda, para mim, é sinônimo de tulipas, moinhos, diques e, claro, o red light district de Amsterdã.

— Uma combinação agradável, mas temos mais coisas — acrescentou, franzindo os olhos e olhando fixamente para ele. — Portugal para mim são pescadores, sol e praia, mas imagino que tenha mais coisa.

Ambos voltaram a rir e Edmilson trouxe mais duas Sam Adams geladas com um sorriso ainda mais aberto. Fez um pequeno comentário em português, mas Filipe não compreendeu. Agradeceu as Sam Adams e continuou a contar pormenores da cidade de Lisboa e de Portugal.

Àquela hora, o Quincy enchia rapidamente e, sem darem conta, os dois ficaram cercados. O bar-restaurant ficou completamente cheio e várias pessoas amontoavam-se no balcão. A música aumentou de volume e de intensidade. Filipe reconheceu a voz de Daniela Mercury e era visível que os clientes sentiam o ritmo de Salvador, Bahia. Algumas pessoas arriscavam dançar no meio da multidão, atraídas pelo ritmo brasileiro, e o ambiente estava muito alegre.

— Música brasileira?

— Sim, de Salvador.

— Onde fica? — perguntou Sonya mais alto, para se fazer ouvir.

— Fica na costa, mais ou menos no meio do país — explicou, com a ajuda das mãos. — Foi a primeira capital do Brasil, ainda no tempo dos portugueses.

— No Brasil falam português, não é?

— Sim, claro! Mas um português com algumas variantes. Algumas palavras são bastante diferentes e, claro, a pronúncia é totalmente diferente. Mas entendemo-nos relativamente bem! — informou Filipe, tentando descortinar Edmilson. — Imagino que seja como o inglês da Inglaterra e dos Estados Unidos ou como o castelhano da Espanha e o da América Latina.

— Já foi ao Brasil? — continuou Sonya interessada, deixando para trás o ar formal.

— Sim, há algum tempo — respondeu, acabando a cerveja. Era a quarta. — Estive uns dias em São Paulo e depois no Rio de Janeiro. O Rio é uma cidade muito bonita, eu diria, única no mundo. Combina prédios urbanos construídos por entre morros, onde vivem milhões de pessoas numa autêntica selva virgem e densa, e praias magníficas. É um sítio único...

— Nunca estive no Brasil, mas sempre tive vontade de ir.

Parecia que se conheciam há anos. Falavam descontraidamente. Filipe percebeu que Sonya era bastante mais expressiva do que parecera ao início, talvez solta pelo álcool. Falava muito com as mãos, fazia expressões engraçadas com os olhos e com os lábios e ia ficando com a voz mais lenta.

Pediram dois pratos de massa para jantar e ali ficaram, conversando e ouvindo música. Depois, trocaram de pratos para experimentar, como se fosse natural, e continuaram falando. Falaram de tudo e de nada, de Boston, de Haia e de Lisboa, e o tempo voou. A conversa arrastou-se sem rumo, e por vezes os dois falavam um pouco mais de si próprios, das suas vidas, do que gostavam, por onde tinham estado e o que tinham vivido.

Edmilson estava mais ativo do que nunca. Suava abundantemente, mas continuava a espalhar sorrisos por todos os lados. O Quincy estava repleto, cheio de clientes à

procura de um momento, a sós ou em companhia, ou apenas para beber algo. A música continuava animada e, de vez em quando, Filipe ia reconhecendo Bocelli, Enya, Dulce Ponte, Bryan Adams, Coldplay, Bon Jovi, numa sucessão de sons e ritmos diferentes que já não ouvia há muito tempo.

Finalmente, Sonya olhou para o relógio e assustou-se. Sabia que já tinha perdido o jantar de encerramento da conferência e apercebeu-se que era muito tarde. Ainda tinha que fazer a mala para a viagem de regresso e responder aos e-mails que tinha recebido da empresa.

— Tenho que ir embora! — disse subitamente Sonya num tom triste, perdendo o ar descontraído. Olhou para a janela e pareceu-lhe que a neve tinha parado de cair. — Nem me dei conta de que o tempo passou, mas já é muito tarde. Desculpe!

Sonya olhou para ele fixamente e os seus olhos azuis pareceram perfurar a sua alma. Ela parecia estar ali, à espera dele. Sonya abaixou um pouco os ombros e deixou antever um pouco do seu decote. Filipe sentiu-se intensamente atraído e desejou beijá-la, mas depois conteve-se.

— Se não viu o tempo passar, então é bom sinal — lembrou Filipe, brincando com ela. — Claro. Vamos, eu te levo ao hotel!

Edmilson trouxe a conta e os dois a dividiram. Deixaram uma gorjeta generosa a Edmilson, que já se aproximava com os casacos e com um sorriso rasgado desenhado na face.

— Have a good one! — despediu-se Edmilson pouco depois. — Boa sorte, meu amigo de Lisboa. Está bem-acompanhado.

— Adeus, Edmilson! — despediu-se Filipe, estendendo-lhe a mão. — Espero que corra tudo bem contigo.

Assim que saíram do Quincy para apanhar um táxi, gelaram com o vento frio. Filipe sentiu-se tentado a abraçá-la, mas não o fez. Caminharam rapidamente pela Newbury

Street. A neve tinha parado e os carrinhos da prefeitura limpavam a zona com afinco e rapidez. As calçadas iam ficando desimpedidas, mas o frio e o vento constante acabou por aproximá-los, e caminharam abraçados até o ponto de táxis.

Chegaram ao hotel cerca de dez minutos depois. Ao contrário da maior parte dos visitantes, Sonya estava hospedada num pequeno hotel em Beacon Hill. Tratava-se de um edifício de cinco andares, típico do bairro, com paredes de tijolo, numa das ruas que descia para o jardim da cidade, não muito longe da casa do Senador Kerry, um ex-candidato à presidência norte-americana. Entraram rapidamente no interior do hotel para se protegerem do frio. O *lobby* era suntuoso, típico das grandes mansões de Beacon Hill, com o piso de mármore e as paredes forradas de pedra e madeira. Em todo o lado se viam indicações da conferência e o bar, ao fundo, ainda estava cheio de pessoas, quase todas participantes do evento.

— Quer subir? — perguntou ela sem rodeios quando ambos pararam perto do elevador.

Filipe aproximou-se e beijou-a nos lábios, sentindo uma umidade eletrizante. Voltou a insistir e os seus lábios úmidos tocaram-se com ansiedade. Ela respondeu com agilidade e percorreu os lábios dele de leve com a língua.

— É melhor subirmos! — disse ela baixinho, ligeiramente desconfortável. — Vamos...

Assim que entraram no elevador, abraçaram-se. Sonya esqueceu-se que tinha que responder aos e-mails, que tinha a mala para fazer e que tinha um avião para pegar no Logan Airport na manhã seguinte. Quando fecharam a porta do quarto, agarraram-se com sofreguidão, numa sucessão de movimentos. As mãos percorreram o corpo um do outro, por dentro da roupa, à procura de algo inacessível. Filipe passou as mãos pelas costas dela, sentiu a sua pele quente, e Sonya

reagiu com uma excitação arrebatadora. As mãos dela desceram lentamente, rodopiando pelo peito e pela barriga. Nenhum deles estava consciente do que se estava acontecendo e nenhum dos dois percebeu como ficou sem roupa, minutos depois. Acabaram na cama. Os seus corpos entrelaçaram-se e a sucessão de movimentos era incontrolável. Sonya sentiu que estava enlouquecendo e teve uma vontade imensa de o agarrar. Beijava-o com força e soltava palavras em holandês que ele não entendia.

Filipe abraçou Sonya e inspirou o cheiro da sua pele, mas Sonya já estava mais adiante. O desejo, a vontade, o descontrolo eram muito intensos. Dançaram em uníssono, numa dança só deles, como se nada mais à volta existisse. Não durou muito tempo. Estavam ambos muito excitados com aquela noite. Sentiram-se sem resistência quase ao mesmo tempo. Primeiro ele, com uma violência assustadora, o que acabou por ser um catalisador para ela. Filipe não parou, encheu-a de carinhos, sussurros e palavras soltas, que só a excitaram ainda mais. Depois, Sonya atingiu um prazer profundo e demorado, até sentir que não aguentava mais. Tinha sido indescritível!

Caíram extenuados, lado a lado, com os corpos suados e sem forças. Sonya olhou para Filipe e beijou-o nos lábios de leve. Sussurrou algo em holandês e, depois, passou-lhe a mão pela face, com um sorriso cansado desenhado no rosto. Deitou-se e adormeceu nua nos seus braços. Filipe sorriu ao ouvir a respiração pesada de Sonya. Pensou que quando vira aquela mulher executiva entrando no Quincy não podia adivinhar que estaria dormindo com ela umas horas mais tarde. Sentia-se bem e adormeceu instantaneamente, abraçado a Sonya. Mas o sono não chegou a ser profundo. Uma hora depois, acordou sobressaltado. Sentia o cérebro muito acelerado. Pensava em muitas coisas e não conseguiu adormecer mais. Olhou para o relógio e percebeu que não

tinha muito tempo. Eram 6h50 em Portugal. Àquela hora, o sol já estava nascendo no outro lado do Atlântico. Os mercados europeus abririam dentro de pouco mais de uma hora.

Filipe sentiu a pele nua de Sonya e hesitou. Parecia veludo e teve vontade de voltar a abraçar aquela mulher. Depois pensou melhor e, num ápice, levantou-se. Arrumou-se em silêncio no banheiro e depois rabiscou numa folha de papel umas palavras dedicadas a Sonya, deixando o papel em cima da cama. Sabia que ela regressaria à Holanda dentro de horas e, por isso, resolveu deixar-lhe o seu número de celular para o caso de ela voltar a Boston. Quinze minutos depois, Filipe saiu do hotel de Beacon Hill.

Naquela manhã, os *traders* da Imperium chegaram mais cedo do que habitual. Todavia, os primeiros a chegar espantaram-se com as luzes acesas do escritório e repararam que alguém já estava trabalhando. Filipe estava no escritório desde as 2h45 da manhã, minutos antes da abertura do mercado português. Quando chegaram, viram o diretor de investimentos amarrotado, com o cabelo despenteado, barba por fazer, mas com uma expressão vitoriosa. Filipe não tinha dormido, mas nem se lembrava disso. Sentia uma excitação e uma adrenalina a percorrer-lhe o corpo.

— Ganhamos cinquenta milhões de dólares, meus caros! — informou sorridente. — Fechei a maior parte da nossa posição há cerca de três horas.

Gilmour olhou para o monitor da Bloomberg e compreendeu o que Filipe estava dizendo. O BPI caía a pique e o BCP subia. Assim se confirmavam as suas previsões. Nunca tinham ganhado tanto dinheiro num só negócio.

— Falta ainda fechar a posição restante — avisou Filipe. — E é melhor fazermos isso rapidamente.

A restante posição foi fechada em poucos minutos, numa altura em que o BCP acentuava a subida. A tensão

desapareceu e um ambiente de descontração inundou a sala. O sol já tinha nascido em Boston e a luz contrastava com o branco da neve das ruas. Os barcos da marina continuavam encalhados no gelo, mas a situação possivelmente iria mudar dentro de dois ou três dias.

— Filipe, tem visitas! — interrompeu uma voz do outro lado da sala.

Filipe virou o olhar para Alayna, que apareceu à porta da sala de *trading*. Não se lembrava de nada e sabia que não tinha nada marcado na agenda.

— O Greg e o Paul estão lá embaixo — informou a elegante secretária afro-americana, franzindo o nariz e fazendo uma pequena careta.

Todos os *traders* trocaram olhares entre si e Filipe não conseguiu disfarçar um olhar surpreso. Não estava à espera daquilo. Greg e Paul eram os sócios majoritários da Imperium. Os dois juntos tinham cerca de 60% do capital do fundo.

— Greg, Paul, que surpresa... — começou Filipe, lançando um sorriso aberto assim que os viu entrando na sala de *trading*.

— Hi, Fili! Desculpe-nos aparecermos assim, mas precisamos falar com você — disse Paul com um ar tenso. — O assunto é sério!

— Claro, claro! — respondeu, indicando a direção da sala de reuniões. — Querem alguma coisa? Café, água, chá?

Nenhum dos dois homens aceitou. Quando Filipe fechou a porta da sala e olhou para a expressão de ambos, percebeu que o caso era bastante sério. Nunca os tinha visto com um semblante tão carregado.

— O que está acontecendo?

— Não vamos fazer rodeios, Filipe! — avançou Paul. Era um homem de cinquenta anos, calvo, com muitos anos de mercado, que tinha visto o melhor e o pior. — A situação da

Imperium é muito grave!

— Grave? Grave como? — questionou Filipe surpreso, sem perceber as palavras de Paul. Tinha acabado de fazer o negócio mais lucrativo da sua vida, o fundo ganhava mais dinheiro do que nunca. — Como assim?

— Entramos em dificuldades e com perdas que são insuportáveis.

— Perdas? Do que é que estão falando? — estranhou. Não tinha conhecimento de nada e pelos mapas de transações, assim como pelas contas da empresa, a situação da Imperium era mais sólida do que nunca.

— Fizemos um negócio que julgávamos muito promissor, mas as coisas não correram nada bem — continuou Greg. Homossexual assumido, Greg tinha nascido em Southampton, no sul de Inglaterra, 55 anos atrás, e tinha enriquecido no final da década de 1990 na Ásia. Era ele o principal contato com os clientes principais da Imperium, incluindo o GIC, o fundo soberano de Cingapura.

— Mas de que negócio estão falando? Greg, Paul? Do que estão falando? — continuou Filipe, num tom enraivecido, tentando manter-se calmo. Sentia que estava perdendo o controle e começava a suspeitar do que estava em curso. — Eu sou o diretor de investimentos da Imperium. Não estou a par de nenhum negócio que acarrete pesadas perdas. O valor do fundo está muito acima do capital investido.

— Investimos cerca de 350 milhões de dólares em duas empresas imobiliárias na Espanha! — informou Greg friamente, pondo as mãos em cima da mesa. — Tínhamos uma fonte muito segura e seria o negócio das nossas vidas. Mas uma dessas empresas divulgou surpreendentemente problemas graves nos últimos dois dias e caiu quase 90%. A outra perdeu metade do seu valor, em linha com o setor. Tivemos que assumir parte das perdas!

Filipe engoliu em seco e fixou o olhar no mastro de um dos iates que flutuava na marina. Nem o conseguia ver bem. Greg tinha acabado de dizer que a Imperium tinha perdido mais de duzentos milhões de dólares em dois dias.

— Mas que negócio foi esse? — questionou baixinho. — Eu não fui informado de nada!

— Não informamos porque achamos que não devíamos informar — continuou Greg, visivelmente irritado e dando um murro na mesa. — Ninguém está mais chateado do que nós, Fili! Acredite! Custa-nos muito perder tanto dinheiro, especialmente dessa maneira!

— Mas vocês não compreendem! — continuou Filipe, tentando refazer-se do que tinha acabado de ouvir. — Conseguimos fazer um grande negócio, acredito que podemos compensar o que perdemos!

— Sabemos o que fez! Consegui ganhar bastante dinheiro com o negócio dos bancos em Portugal. Mas a situação é muito mais grave. Acabamos de receber a informação de que perdemos os nossos três maiores clientes. Querem resgatar o capital do fundo! Com isso vamos perder cerca de metade do nosso montante sob gestão e ainda temos que fechar as posições que temos na Espanha.

— Mas uma perda de 200, 250 milhões, consegue ser compensada — tentou Filipe, fazendo cálculos de cabeça. Sabia que as perdas eram pesadas, mas que poderiam se recuperar.

— Não é assim tão fácil, Fili! A saída dos três clientes tem um impacto muito significativo — informou Paul. — Tentamos evitar os resgates a todo o custo, mas não conseguimos!

Filipe arregalou os olhos e não conseguiu emitir qualquer palavra. Não podia ser. Sentiu-se desesperado. Tinha sido desrespeitado. Os seus chefes tinham-no enganado, tinham feito um negócio à sua revelia, e o

resultado era devastador.

— E agora, o que faremos?

— E agora não faremos mais nada, Fili! — respondeu Greg num tom mais gélido do que nunca. — Agora fechamos a Imperium!

Capítulo 2

CHICAGO, 31 DE MAIO, 8H50

“AQUELES QUE QUEREM
VENDER OS SEUS TÍTULOS NO
CURTO PRAZO FICAM
CONTENTES POR VER OS
PREÇOS DAS AÇÕES SUBINDO.
EM CONTRAPARTIDA, OS
POTENCIAIS COMPRADORES
PREFEREM VER OS PREÇOS DAS
AÇÕES AFUNDAREM.”

*Warren Buffet, um dos maiores investidores
norte-americanos e um dos homens mais ricos do
mundo*



quarto do hotel tinha uma vista frontal para o Lago Michigan. O lago parecia um autêntico mar, de tons azulados, a perder de vista. Aquele era um dos cinco grandes lagos da América do Norte e tinha quase metade da dimensão de Portugal. Ao fundo, Filipe conseguiu avistar alguns cargueiros que navegavam naquelas águas doces, como se de um verdadeiro mar aberto se tratasse. Mais perto da costa, dezenas de veleiros, pequenos e grandes, estavam ancorados nas águas protegidas da baía da cidade, bem perto do Navy Pier e do Aquário John Sheed.

Filipe tinha uma entrevista de emprego num dos maiores *hedge funds* dos Estados Unidos e, talvez, o mais importante de toda a East Coast. Era um *hedge fund* criado por Vlad Ladik, um dos maiores investidores da década de 1970 e que atualmente era visto como um dos gurus mais conceituados do mercado de ações mundial, a par de Warren Buffet. Ladik tinha dominado o mercado de *commodities*⁴ nos finais da década de 1990 e ultimamente era considerado um dos investidores mais influentes em Wall Street. Era uma lenda viva no mercado de ações e tinha já mais de oitenta anos. Contava-se que era natural da Lituânia e estava radicado nos

States desde a Segunda Guerra Mundial.

A primeira entrevista em Boston tinha corrido bem e, por isso, Filipe estava em Chicago, na sede da empresa. Depois do que tinha acontecido na Imperium, ainda pensou em voltar a Portugal. Passou mais de um mês com os pais na casa da Graça e procurou alguns anúncios. Falou também com alguns contatos que tinha no meio financeiro para perceber as suas possibilidades, mas não encontrou nada que lhe agradasse. Os pais acabaram por concordar. Era difícil radicar-se em Portugal. Pensou em tirar uma licença sabática de um ano ou aproveitar os rendimentos variáveis que tinha ganhado para montar um negócio próprio em Portugal. Tinha pensado mesmo em montar um *hedge fund*, mas acabou desistindo. Fez contas e concluiu que não conseguia reunir capital suficiente para montar um fundo, mesmo com alguns contatos de que dispunha. A certa altura, arranjou até um nome para o fundo. Chamaria Olissipo, o nome romano de Lisboa. Mas tudo aquilo não passara de um breve sonho, um sonho que tinha se desvanecido e, por isso, ali estava ele em Chicago.

Foi num instante que Filipe desceu os quarenta andares de elevador até o *lobby* do hotel, mas ainda teve tempo de se olhar no espelho. Estava de terno escuro, camisa branca e gravata azul. Sentia-se estranho! Sentia o pescoço apertado, o corpo amordaçado pelo terno e pelo nó da gravata e até o andar não parecia ser o seu. Quando trabalhara em Lisboa, vestira-se assim todos os dias. Mas isso tinha sido há muito tempo, quase noutra vida, e depois de tantos anos trabalhando com roupas informais em Nova Iorque e em Boston, custava-lhe estar assim vestido.

A porta do hotel dava para uma praça enorme delimitada por arranha-céus com paredes de vidro, mas com um imenso parque verdejante com muitas árvores e canteiros de flores. Tentou imaginar-se vivendo naquela cidade e

achou que poderia dar-se bem. Havia alguma coisa de que gostava naquela cidade e ainda não sabia bem o quê. Estava curioso para perceber se em Chicago ventava como diziam e, se assim fosse, talvez não fosse tão agradável como parecia. Apanhou rapidamente um táxi, não muito longe da entrada do hotel.

— Para East Rudolph Street, número 30, por favor.

— Edifício Praetorian? — adivinhou o taxista, olhando pelo espelho retrovisor, pondo de imediato o carro em marcha. Tratava-se de um jovem indiano, com um olhar sério, por detrás de um par de óculos com aros metálicos.

— Sim, exatamente!

O movimento na cidade era intenso e de algum modo lhe fazia lembrar Nova Iorque. Mas Chicago era uma cidade com espaço, diferente de Manhattan. Tinha avenidas largas, jardins enormes a perder de vista até as margens do lago, estátuas modernistas e muitos edifícios *art déco*. Parecia uma cidade harmoniosa. Nada fazia crer que se tratava da terceira maior cidade dos Estados Unidos e pouco tinha a ver com a imagem que tinha nos anos 1920, quando Chicago era sinónimo de crime organizado.

— Não é como LA, nem como Nova Iorque!

— O quê?

— Chicago é um misto de Los Angeles e Nova Iorque — repetiu o taxista, sorrindo, percebendo o olhar atento do passageiro. — Em Nova Iorque, nem se consegue ver o céu e em LA só se consegue andar de carro. Fica tudo muito longe para ir a pé.

— Não conheço LA, mas compreendo o que está dizendo! — respondeu Filipe, concordando. Nesse aspecto, Boston era uma cidade muito diferente, uma cidade quase europeia. A maior parte das cidades americanas eram muito grandes, estendendo-se por dezenas de milhas. — E Chicago é um misto das duas cidades?

— Sim, é uma grande cidade por onde se consegue andar a pé sem se ter aquela sensação de se caminhar por entre arranha-céus.

O taxista mudou repentinamente de direção e ficaram paralelos ao Lago Michigan. Várias pessoas corriam ao longo da água em ambos os sentidos, e mais ao fundo, conseguiu vislumbrar dezenas de pequenas embarcações ancoradas, movendo-se ao sabor da ondulação.

— De onde você é? — perguntou Filipe com alguma curiosidade.

— Da Índia.

— Do Norte ou do Sul?

— Do Sul, perto de Mangalore.

— Costa do Coromandel, não é assim?

O indiano olhou-o fixamente pelo espelho retrovisor e sorriu largamente, deixando antever os seus dentes brancos — Tenho uns primos que vivem em Madras, no Coromandel. Conhece a Índia?

— No, my good friend! — respondeu, tentando lembrar-se do nome da costa sul e ocidental da Índia. — Infelizmente nunca fui lá! Sou de Portugal, mas o meu pai viveu uns tempos na Índia.

— Goa?

— Não, Diu! — respondeu, lembrando-se do que conhecia da escola. Goa, Damão e Diu, a Índia Portuguesa, a primeira colônia a cair na década de 1960. — Ele contava muitas histórias da Índia.

— Ah, Índia Portuguesa, não era? — comentou o indiano, coçando a barba. — Pois eu sou do Sul, mas não do Coromandel. A minha família é de Mangalore, no Malabar. Não fica muito longe de Goa, umas centenas de quilômetros ao sul.

— E está há muito tempo nos Estados Unidos? — insistiu, interessado. Malabar, era isso! Também se lembrava

desse nome do liceu.

— Sete anos. Nunca mais voltei a Mangalore! —
adiantou, olhando pelo espelho retrovisor. — And you?

Filipe contou-lhe.

— Já tinha reparado que tem sotaque de Boston. Também é uma cidade com qualidade. Dizem que é a cidade mais europeia dos States.

Filipe concordou. Sentia Boston como a sua segunda casa. Era uma cidade pequena por comparação com outras cidades norte-americanas e era compacta como a maior parte das cidades europeias. Depois tinha o rio, o mar, a baía, Cape Cod e uma atmosfera muito mais descontraída que Nova Iorque.

Chegaram a East Rudolph Street cinco minutos depois. A Torre Praetorian era uma das torres prateadas mais altas da *downtown*, perto do Lago Michigan e do Millenium Park. Deveria ter mais de oitenta andares e era diferente de todas as outras, porque tinha no topo a estátua enorme de uma figura mítica musculosa, de cabelos compridos, que apontava para o lago.

Filipe voltou a olhar para o topo da torre e respirou fundo. Até então sentira-se descontraído, mas agora que chegou, estava diferente, nervoso e teve uma sensação estranha. Começou a sentir o coração batendo velozmente e a respiração ofegante. Um frio estranho percorreu-lhe as costas de alto a baixo e sentiu um leve tremor.

Assim que passou as portas giratórias do edifício e se dirigiu ao segurança, apercebeu-se do local onde estava. Nunca tinha visto uma coisa daquelas, nem em Boston nem em Nova Iorque. O *lobby* de entrada ocupava toda a área do prédio. O chão, pavimentado com mármore italiano, brilhava intensamente e todo o piso estava ladeado por estátuas greco-romanas. O teto do *lobby* estava pintado de passagens bíblicas como se fosse a Capela Sistina do Vaticano, o que

transmitia um ambiente celestial. Respirava-se dinheiro! O segurança autorizou a sua entrada e indicou-lhe o 68º andar. Assim que chegou lá, uma senhora sorridente de meia-idade encaminhou-o para uma sala envidraçada com uma vista soberba do lago. Daquele piso conseguia avistar quase toda a cidade, mas tudo parecia muito pequeno: os carros, os barcos, os edifícios, tudo. Perguntaram-lhe se queria chá ou café, mas Filipe declinou amavelmente.

O primeiro entrevistador entrou na sala menos de um minuto depois. Era um homem baixo de cabelos brancos curtos, ombros largos e com um nariz pontiagudo. Filipe se perguntou se seria Ladik, mas logo concluiu que não. O homem deveria ter no máximo sessenta anos e, pouco depois, soube que ele era búlgaro e chamava-se Nikolai Iliacov. Tinha um olhar gelado, mãos grossas e firmes, e pelo cartão percebeu que deveria ser um dos gestores majoritários do fundo.

— Give me a story to gain money! — inquiriu Nikolai, sem se sentar.

— Vallourec! — respondeu Filipe com uma voz segura. — Um dos maiores produtores de tubos de aço para o setor de energia e petroquímico.

— Por quê?

— Valor escondido, forte *cash flow* e uma procura sustentada nos próximos anos — voltou a responder sem hesitar. — Está negociando com múltiplos muito baixos, abaixo da média histórica dos últimos dez anos e dos seus comparáveis. Eu comprava a 12 meses.

— Muito bem! — rematou Nikolai, entendendo-lhe a mão. — Somos acionistas. Não é uma posição muito grande, mas espero que tenha razão!

O entrevistador seguinte foi uma mulher de cerca de quarenta anos, cabelos ruivos, pele muito branca salpicada por sardas. Apresentou-se como Barbara Stanley e, ainda

antes de se sentar, começou a fazer perguntas. Tinha uma voz aguda e ao lançar cada uma das pergunta usava um tom irritante. O que faria se estivesse perdendo 30% numa posição? O que faria num dia negro da bolsa? O que faria se o *broker* o tivesse enganado num *trade*? As perguntas sucediam-se a uma velocidade estonteante e de um modo cada vez mais agressivo. Meia hora depois, Barbara mudou de tom, falou mais lentamente, e esboçou um sorriso muito simpático.

— Muito prazer em conhecê-lo, Filipe! — saudou Barbara, levantando-se e estendendo a mão e despedindo-se. — Nunca visitei Portugal, mas gostaria muito de conhecer esse país que dizem ser lindíssimo. O meu bisavô nasceu em Portugal e emigrou para os States quando era jovem.

Filipe retribuiu o sorriso e olhou para a mulher impressionado. Pensou como a atitude dela tinha mudado de um momento para o outro. Ainda estava incomodado com o tom das perguntas e com o modo como tinha sido tratado durante a entrevista.

— Possivelmente era natural das ilhas dos Açores...

— Não sei dizer — respondeu já perto da porta, com um sorriso quase cativante. — Vou chamar o Dennis.

Dennis Fergunson era um texano de origem escocesa, com um ar robusto, ligeiramente atarracado, pele queimada do sol e com o cabelo louro quase rapado. Se não sorrisse tanto, quase que pareceria um militar ou um agente secreto.

— Sou o responsável pelos mercados asiáticos — informou com um sorriso muito aberto. — Acabei de chegar da China e estou bastante impressionado com o desenvolvimento de lá.

— Conheço muito mal a Ásia, mas nos mercados a palavra “China” é quase mágica.

Dennis assentiu e sorriu. A economia chinesa estava crescendo muito rapidamente há vários anos e o país já era o

maior mercado do mundo em várias *commodities*. O texano continuou falando da sua viagem à China, citando nomes de cidades quase impossíveis de pronunciar. Mostrou-se sempre interessado em saber o que Filipe pensava sobre o que estava dizendo, sobre a evolução previsível do preço desta ou daquela *commodity* e do posicionamento dos chineses neste ou naquele mercado.

Filipe respondia de um modo genuíno e por vezes mencionava alguma experiência que tivera. Nunca tinha investido em ações asiáticas, mas no contexto do mundo global em que se vivia acabava percebendo um pouco do que Dennis estava falando. Não deixava de ser uma entrevista. O texano apenas tinha outra forma de o conhecer e, possivelmente, conseguia aperceber-se muito melhor das suas capacidades que os entrevistadores anteriores, que haviam usado uma metodologia violenta e assertiva.

Dennis despediu-se com o mesmo sorriso com que tinha entrado e pediu a Filipe para esperar um pouco mais. Cinco minutos depois, Nikolai Iliacov voltou a entrar na sala e daquela vez sentou-se. Ficou em silêncio durante um instante enquanto mantinha o olhar fixo em Filipe. Baixou o olhar para a folha de papel que tinha na mão e voltou a passar os olhos pelo currículo de Filipe.

— Vou ser muito franco com você — avançou Nikolai num tom baixo. — Gostamos muito de você. Tem um currículo invejável, boas referências e um *killer instinct* fora do comum. Os nossos colegas de Boston tinham razão, mas...

Filipe engoliu em seco e abriu um pouco os olhos. Havia sempre um “mas”.

— Temos ainda algumas dúvidas se consegue ganhar dinheiro num mercado em queda — opinou Nikolai. Continuava a falar num tom baixo e calmo, com uma nítida pronúncia da Europa de Leste. — Pelas referências que

obtive, você fez muitos *trades* longos, mas poucos *short trades* com sucesso.

— Já passei por fases boas e más do mercado ao longo da minha carreira — ripostou, disfarçando o nervosismo. Sabia que o búlgaro tinha alguma razão. — E tive já vários *short trades* com grande sucesso, o último deles com bancos portugueses.

— Sim, nós sabemos, mas aí tinha a vantagem de jogar em casa. Mas não leve tão a sério o que estou dizendo! — rematou Nikolai, como se estivesse dominando a situação. — Neste momento está na fase final. Está concorrendo apenas com um outro candidato de quem também gostamos muito.

— Ok, fair enough!

— Temos que equacionar alguns pontos, mas conversaremos nas próximas semanas — informou. Estava com um ar cansado. — Acredito que agora poderemos adiantar um pouco mais do cargo que estamos oferecendo, bem como as condições.

Nikolai levantou-se repentinamente e Filipe fez o mesmo. A entrevista tinha terminado. Nikolai acompanhou-o até a porta do elevador e despediu-se com um aperto de mão firme. Quando Filipe saiu da Torre Praetorian, sentiu um incômodo imenso. Havia muito tempo que não vivia uma situação daquelas. Pensou que já não estava habituado aos Estados Unidos, depois de ter passado algum tempo em Portugal. Tinha sido muito mais duro do que imaginara! Deixou-se caminhar sem direção. Tinha a cabeça cheia de pensamentos e precisava relaxar. Atravessou uma das pontes do Chicago River e chegou à Magnificent Mile, a zona norte da Michigan Avenue, delimitada por um misto de arranha-céus modernos e clássicos. Tratava-se possivelmente da artéria mais importante da cidade, povoada por lojas enormes e reluzentes de marcas mundialmente conhecidas. Centenas de pessoas preenchiam os quarteirões em ambas as

direções. Pouco depois, percebeu que se tratava de um dia especial na cidade. O Cubs, o clube histórico de beisebol, iria jogar ao final da tarde. O jogo deveria ser importante, porque quase todas as lojas tinham referências ao Chicago Cubs – um uniforme azul rodeando uma enorme letra C vermelha –, mesmo algumas lojas de departamento.

Realmente, nada lhe fazia lembrar James Colosimo, Al Capone e os gangsters das décadas de 1920 e 30, e ainda não tinha sentido o vento forte de que tanto se falava. Acabou sentando-se num café na esquina com Pearson Street, defronte da Water Tower, um edifício gótico do século XIX e um dos poucos sobreviventes do incêndio que tinha destruído quase toda a cidade em 1871. Estava um calor úmido e tinha a camisa por debaixo do terno completamente encharcada. Pediu uma Coca-Cola e ficou ali, vendo as pessoas passando.

Mais calmo, viu que tinha duas chamadas perdidas no celular, ambas da sua mãe. Imaginou que deveria ser para saber como foi a entrevista. Não deixou de achar estranho. Normalmente, a sua mãe esperava pelo seu telefonema. Acreditou que a sua mãe realmente andava bastante preocupada. Tinha sentido isso quando esteve em Portugal. Para os pais, estar desempregado era uma infelicidade muito grande, mesmo quando se tinha alguns milhões de dólares na conta bancária. Olhou para o relógio. Eram quase 11h horas da manhã, ou seja, 17h em Lisboa. Pegou o celular.

— Olá, mãe... — começou num tom brincalhão.

— Meu filho... — ouviu a voz da sua mãe. Estava chorosa e com um tom muito triste.

— Então, mãe, o que está acontecendo? — perguntou, mudando de voz. Sentiu algo estranho, que a mãe não estava bem. — Vi agora que me ligou...

— Aconteceu uma desgraça, meu filho... — suspirou a mãe, ofegante. — Foi o seu pai!

— O que se passa com o pai?

— O seu pai... — respondeu a mãe, depois de uma pequena pausa. — O seu pai morreu, Filipe!

Lentamente, a mãe explicou o que acontecera naquela manhã, fazendo um esforço para se controlar. O pai tinha falecido com uma parada cardíaca. Tinha sido inesperado. Durante a manhã, Francisco estava ótimo. Tomaram café, juntos, no lugar habitual do Largo da Graça, e ele tinha ido bem-disposto para a Universidade. Aparentemente, estava normal. Tudo tinha acontecido de forma repentina. Ninguém estava com ele quando morreu. Tinham ido à sua procura, porque estava muito atrasado para dar uma aula, e isso não era uma coisa nada normal. Encontraram-no sem vida no gabinete, mal sentando na cadeira da escrivaninha, com a cabeça caída.

— Os médicos disseram-me que ele morreu sem dor. Deve ter sido tudo muito rápido.

Filipe ficou em estado de choque com a notícia. Sentiu o sangue subindo à cabeça, os braços sem força e a garganta seca. Custou-lhe acreditar nas palavras da mãe. Sabia que o pai tinha alguma idade, mas nunca o vira verdadeiramente como um velho. Apesar da cadeira de rodas, sempre fora tão enérgico, tão ativo, tão criativo, que irracionalmente sempre pensou que o seu pai seria jovem para sempre. Olhou para a Coca-Cola. Continuava aquecendo e perdendo gás, sem que ele tivesse bebido. Refletiu como a sua vida tinha mudado de repente, de um minuto para o outro. Fechou os olhos e esperou acordar, mas não acordou. O seu pai estava morto! E nunca mais o veria!

Os patos deslizavam lentamente pelas águas do lago, indiferentes à multidão que enchia o pátio do cemitério.

Navegavam em grupo, em forma de V, seguindo o líder, em direção à outra margem, mais sossegada, com menos barulho e agitação. O céu em Lisboa estava coberto de nuvens escuras, enquanto um vento sul, do Norte de África, tornava o ar muito abafado, especialmente na zona oriental da cidade.

O funeral do seu pai tinha sido muito rápido e uma montanha de flores coloridas aglomerava-se junto ao caixão. À sua volta, estavam centenas de pessoas que não arredavam pé. Ao contrário dos funerais normais, o ambiente não tinha sido nem pesado nem silencioso. Há muito que aquele momento tinha deixado de ser religioso. Filipe conseguiu distinguir alunos e professores da Universidade, companheiros e amigos de Moçambique, de Timor, da Índia, vários amigos e muitos vizinhos do bairro da Graça. As pessoas falavam entre si e trocavam impressões acerca de vários assuntos, recordações e alguns episódios. Recordavam o que Francisco tinha dito ou feito, o artigo que escrevera, a palestra ou conferência que tinha dado. Até a sua mãe estava vivendo naquele ambiente, tentando falar com todos. Olhando à volta, Filipe pensou que estava mergulhado numa simbiose muito estranha que o levava a sentir um misto de tristeza e conforto.

Naquela mesma noite, Filipe entrou pela primeira vez no escritório do apartamento da Graça. Não foi fácil, mas estar ali fazia-o sentir-se mais perto do pai. Descobria a sua presença em todas as paredes, em todos os cantos, e até as fotografias da estante pareciam que ganhariam vida a qualquer momento. Tocou em tudo com a ponta dos dedos, com um carinho especial. Na escrivaninha, na estante dos livros, nos candeeiros, nos cadeirões, nos quadros e nas paredes. Sentiu que o espírito do pai ainda estava por ali, escondido em algum lugar. Um pouco mais atento, voltou a olhar para a estante branca. Centenas de livros estavam

dispostos nas prateleiras, formando uma parede colorida e confortável. Eram principalmente livros relacionados com a História de Portugal, especialmente sobre a época do Império Português.

De repente, Filipe descobriu um exemplar de capa dura da tese de doutoramento do seu pai, de 1979: *A Primeira Guerra Mundial, 1595-1663: o conflito entre Portugal e Holanda*. Lembrava-se do seu pai falando sobre isso quando era criança. Lembrava-se de o pai dizer que os historiadores identificavam a Primeira Guerra Mundial como a Grande Guerra de 1914-1918, mas que ignoravam que muitos anos antes tinha deflagrado um conflito de dimensão mundial que se tinha travado em quase todos os pontos do Globo. Na costa brasileira, no sertão de Angola, na foz do rio Tejo, nas ilhas longínquas de Sonda, nos mares de Moçambique e de Goa, no Japão, na Guiné e no Ceilão. Tinha tido uma verdadeira dimensão verdadeiramente mundial!

Filipe tirou o livro da estante e sentou-se numa das poltronas vitorianas dispostas no canto perto da janela. Observou-o com atenção e deixou-se levar página após página. Reparou que os dois países em conflito eram realmente muito pequenos na época, cada um deles com pouco mais de um milhão de habitantes, muito menos que os seus vizinhos. Mas o conflito durara várias décadas. Começara com um ataque da marinha holandesa às ilhas de São Tomé e Príncipe, no Golfo da Guiné, e só tinha terminado com a derrota dos holandeses no Brasil e com a queda de todos os portos portugueses na Costa do Malabar, incluindo Cochim, a primeira capital do Estado da Índia conquistada por Pedro Álvares Cabral. No final do conflito, quase setenta anos depois, Portugal tinha obtido uma vitória total no Brasil e empatado com a África, onde tinha conseguido manter várias possessões. Pelo contrário, tinha cedido em quase toda a linha na Ásia e perdido aí quase

todos os fortes, limitando a sua presença a algumas praças-fortes isoladas, como Goa, Diu, Damão, Larantuka, Macau e Timor.

Ao pensar nisso, Filipe sentiu uma saudade imensa do pai. Não tinha absorvido o suficiente do seu entusiasmo, nem tinha aprendido tudo o que poderia acerca da história do Império Português. E tinha perdido essa oportunidade para sempre. Sentiu-se angustiado por ter estado fora tanto tempo. Sentiu-se triste e olhou pela janela. Viu o Bairro Alto, distinguindo as luzes do jardim do Príncipe Real, o Chiado e, mais ao fundo, a cúpula da Basílica da Estrela. Era muito branca, irradiante, redonda, e surgia no meio das luzes amareladas da cidade. Não conseguiu conter as lágrimas. Tinha dinheiro, carreira e outras coisas mais, mas tinha perdido o pai e nunca mais voltaria a vê-lo!

Limpou as lágrimas e levantou-se de novo. Voltou à estante e foi percorrendo os títulos dos livros. Como era impressionante a documentação sobre a Índia! Deveria ter mais informação ali do que em qualquer outro lugar. Os nomes não terminavam: Vasco da Gama, João de Castro, Fernão Mendes Pinto, Afonso de Albuquerque, Francisco de Almeida, Fernão de Magalhães e outros nomes que nada lhe diziam, mas que deveriam estar relacionados com a Índia.

Pegou um livro aleatoriamente. Chamava-se *A vida de Fernão de Magalhães*. Havia comandado a frota que pela primeira vez tinha dado a volta ao mundo no século XVI, depois de ter passado vários anos combatendo no Oriente português, incluindo Diu e Malaca. Era conhecido em todo o mundo como Magellan. Tinha tentado chegar a Ternate, uma das ilhas das especiarias, por Ocidente, dando assim a volta ao mundo, mas a realidade é que não tinha conseguido terminar a viagem. Filipe passou os olhos pelo livro com interesse e relembrou o que já sabia. Magalhães tinha primeiro sofrido um motim e depois acabou sendo morto

numa batalha nas ilhas Cebu, em 1521. Mas a verdade é que era mais conhecido do que os homens que tinham conseguido dar a volta ao mundo e desembarcado em Sevilha três anos mais tarde.

Voltou a pôr o livro na estante e tirou outro. Intitulava-se *O massacre de Nagasaki*. Pensou que era algo relacionado com a Segunda Guerra Mundial e a bomba atômica de 1945, mas depressa viu que nada tinha que ver com isso. O livro narrava acontecimentos passados em pleno século XVII. Tratava-se da história dos massacres dos portugueses em Nagasaki, que tinham sido queimados e decapitados com a mudança de regime no Japão. Daquele modo, tinha terminado uma relação de mais de cem anos, em que Portugal tinha aberto o Japão ao mundo.

Não conseguiu dominar os sentimentos e deixou os livros. A estante estava também repleta de artefatos dos vários cantos do mundo, uns de madeira, outros de pedra, outros de algo que não conseguia perceber o que seria. Tentou observar cada um dos objetos com atenção. Recordou-se que o pai lhe explicara o significado de todos deles. Tinha sido há muito tempo, possivelmente há mais de vinte anos. Tentou lembrar-se de tudo e, aos poucos, as recordações vieram. Uma das fotografias mostrava os seus pais abraçados, com uma expressão feliz, com o mar ao fundo. Não sabia exatamente onde era, mas conseguia distinguir um rio enorme. Depois pegou num dos artefatos e lembrou-se que era de Timor, onde o seu pai tinha estado pouco antes de ter regressado a Moçambique para ingressar no Exército. Pousou-o e, depois, observou mais uma fotografia do pai, em preto e branco, que estava numa prateleira mais acima. O pai estava entre um asiático e um timorense muito sorridentes, apoiados no capô de um jeep com uma montanha muito alta em segundo plano.

— Monte Ramelau! — explicou a mãe pouco depois,

surpreendendo-o, parada à entrada da porta.

— Como?

— Monte Ramelau — confirmou Rosa, quase esboçando um leve sorriso, segurando uma xícara com uma mão e com a outra no bolso do roupão cor-de-rosa. — O seu pai adorava essa montanha. Nunca percebi bem por quê, mas acho que tem a ver com o fato de ter sido a montanha mais alta de Portugal no tempo colonial.

— Onde fica?

— Timor. Se bem me recordo, fica na parte sul da ilha, não muito longe da fronteira com Timor Ocidental, mas já lá vão muitos anos...

A mãe entrou no escritório e sentou-se num dos cadeirões de cabedal, ficando com o olhar preso às luzes dispostas ao longo das colinas. Filipe observou-a com atenção. Parecia ter envelhecido dez anos de repente. Estava muito magra, de olhos fundos, costas dobradas, ombros caídos e uma expressão triste. A xícara que trazia emanava um cheiro forte e adocicado, e Filipe percebeu que era Rooibos Tea, o chá vermelho da África do Sul que a sua mãe tanto bebia. O odor invadiu o escritório e misturou-se com o cheiro a tabaco do cachimbo do seu pai que por ali ainda se fazia sentir.

— Tenho saudades do pai!

— Eu sei, meu filho — assentiu a mãe com uma expressão carregada, baixando o olhar. — Eu também tenho muitas. Estar aqui nesta casa sem ele é uma sensação tão estranha que ainda hoje não consigo entender.

Rosa pousou a xícara e abraçou o filho com força. Os dois ficaram abraçados em silêncio durante alguns instantes.

— Ainda não acredito que isso tenha acontecido.

— Eu sei, meu filho. Eu também não consigo acreditar no que aconteceu. Foi tão repentino...

— Estou vendo as coisas e os livros do pai — contou. —

É impressionante. Parece que se sente a presença dele em cada um dos livros!

— Sim, é verdade! — concordou Rosa, num tom quase imperceptível, bebericando um pouco mais de Rooibos. — O seu pai amava a História. Sempre foi assim desde que o conheci. Aliás, talvez por causa disso é que nos conhecemos...

— Na ilha de Moçambique, não foi?

— Sim, há muitos, muitos anos... — sorriu de novo, baixando o olhar, para depois olhar o filho de frente. — Mas queria falar com você sobre um assunto, Filipe.

— Então?

— O seu pai gostaria de o ter falado pessoalmente, mas a culpa foi minha. Eu, inadvertidamente, levei-o a não fazer isso.

— O que é?

— O seu pai andava há muitos anos, senão décadas, fazendo uma investigação.

— Uma? — questionou com estranheza, quase sorrindo, imaginando que o seu pai sempre vivera num mundo muito à parte. — Pensei que fossem várias. Sobre os descobrimentos, a expansão do império, os vários monumentos portugueses construídos pelo mundo fora. Eu sei lá...

— Sim, é verdade. O seu pai não era capaz de fazer apenas uma coisa de cada vez. Mas havia um assunto que ele perseguia nas horas livres. Era o seu passatempo, digamos assim. Até eu própria não sabia que era um assunto ao qual dedicasse tanta atenção. Está relacionado com o Oriente, com o Estado da Índia, mas tem pouco a ver com os monumentos...

— Então?

Filipe fixou a mãe com o olhar, sentou-se ao seu lado e esperou que ela falasse. Mas Rosa não falou. Bebericou mais

um gole de chá com muita calma e depois olhou pela janela, como se estivesse tentando descortinar algo. No fundo, estava tentando ganhar tempo. Não se sentia confortável com a situação e, por instantes, pensou que ainda não estava preparada para falar naquele assunto. Lembrou-se daquela manhã no Chiado em que o Francisco lhe tinha confessado o que havia descoberto. A princípio, tinha achado que era mais uma das loucuras do marido. Mas a verdade é que fora uma manhã inesquecível. E, no fundo, Rosa sentia-se culpada por Francisco não ter realizado o sonho que perseguia. Agora era muito tarde...

— Fale, mãe! — forçou Filipe, deixando escapar alguma ansiedade. — O que está acontecendo?

— Desculpe-me, filho. Isto não é fácil para mim — explicou. — Há uns meses, o seu pai contou-me que tinha concluído uma investigação em que estivera mergulhado durante anos, muitos mais do que eu sequer imaginava. Disse-me que, a partir daquele momento, iria precisar de ajuda para obter as provas necessárias para comprovar a sua tese.

— Mas que pesquisa era essa?

— O seu pai chegou a pensar em você, mas eu disse que estava com as coisas da bolsa na América, que tinha a sua vida, e que não tinha tempo para aquelas aventuras — continuou Rosa no mesmo tom. — Quando você voltou de Boston, o seu pai voltou a insistir comigo, mas eu voltei a dizer que não. Você estava tentando reconstruir sua vida, sempre ligada à bolsa, e não podíamos impedi-lo.

— Mas pedir o quê? — perguntou numa voz quase esganiçada. — Explique, por favor, o que está acontecendo, mãe?

— Alguma vez o seu pai lhe falou da *Flor do Mar*?

Lá fora, subitamente, as colinas de Lisboa tornaram-se difusas de repente por detrás de um nevoeiro cerrado. A

noite estava escura e não se conseguia vislumbrar as luzes da cidade nem os navios ancorados no Mar da Palha.

Capítulo 3

MIRAFLORES, 6 DE JULHO, 13H00

“PORTUGAL É MEU! EU
HERDEI-O, COMPREI-O E
CONQUISTEI-O, PARA TIRAR
TODAS AS DÚVIDAS!”

*D. Filipe II de Espanha, por alturas da sua
aclamação como El-Rei D. Filipe I de Portugal em
1581*



baía era ampla e rodeada de escarpas acastanhadas. Do topo da encosta, Filipe tinha uma vista magnífica desde o porto até Barranco e as praias que se seguiam. As águas estavam muito calmas e mais ao fundo vários navios estavam ancorados à espera para entrar no porto de El Callao. No passado, aquele tinha sido o porto mais importante de todo o Oceano Pacífico e ainda hoje pode se sentir esse passado de glória.

No hotel, tinham-lhe recomendado aquele local para um almoço rápido e agradável. Era um centro comercial moderno ao ar livre, no final da avenida José Larco com um conjunto de restaurantes, bares e lojas finas, bastante caras, e com uma vista única sobre toda a baía. Filipe tinha chegado de Madri 24 horas antes, mas sentia-se bem. Outra pessoa talvez estivesse com o corpo moído ou com os horários trocados. Mas ele, não. Observava tudo ao redor com curiosidade – aquela curiosidade de estar do outro lado do mundo, num local em que nunca estivera antes. Também em Portugal havia um lugar chamado Miraflores, muito perto de Lisboa, na parte de cima de Algés. Mas aquele Miraflores era bem diferente, era um dos subúrbios mais finos da cidade de

Lima, capital do Peru. Localizada à beira mar, Miraflores tinha um ambiente muito mais descontraído que o centro da cidade. Os edifícios estavam bem cuidados e as ruas estavam limpas, arranjadas e rodeadas de jardins cheios de flores, exatamente como as retratadas por Mario Vargas Llosa num dos seus mais recentes livros, *Travessuras da menina má*.

Estava-se em pleno inverno, mas a temperatura era amena. Miraflores vivia um ambiente festivo. Aliás, todo o país estava em festa. Na noite anterior, o Peru tinha ganhado o jogo de futebol contra o Equador. Filipe perguntou que competição era aquela e ficou sabendo que se tratava apenas de um jogo particular. Mas cedo percebeu que jogar contra a seleção do Equador era sempre um desafio nacional, e que ganhar com um gol, já nos acréscimos, mais sabor tinha.

Ao fundo, na praça principal do centro comercial, vários adolescentes vendiam gravuras de paisagens típicas do Peru com bastante sucesso. Filipe estava longe daquela agitação. Fitando o mar, voltou a recordar a entrevista de Chicago e como tudo aquilo parecia estranho àquela distância. Tinha sido a última coisa que fizera antes de saber que o seu pai morrerá. Lembrou-se do que tinha passado na Imperium depois da conversa com os dois sócios gerentes. Todas as pessoas tinham sido despedidas naquela mesma semana. Tudo o que construía desmoronara-se de repente e cada um tentara seguir com a sua vida.

Suspirou e bebeu mais um gole de cerveja Cristal, típica da cidade de Lima. Ainda não tinha tido resposta de Chicago, mas para dizer a verdade, não sabia se queria ter. Precisava de mais tempo. Sentia-se bem ali. Sabia que estava fazendo uma coisa que o seu pai teria gostado e, além disso, estar ali fazia com que se lembrasse dele. A conversa com a mãe no escritório da casa da Graça tinha sido surpreendente. Soube com naturalidade que a investigação do pai era sobre o Império Português no Oriente e o Estado da Índia. O que

não esperava era que, segundo o pai, o Império do Oriente, a chamada Ásia portuguesa guardava um segredo. Até aquela noite, nunca tinha ouvido falar da *Flor do Mar*. Conhecera mais o seu pai naqueles dias depois da sua morte, com as histórias que a sua mãe lhe contara, do que em muitos anos de vivência com ele. No meio de tudo aquilo, havia uma frase que não lhe saía da cabeça. Lera-a muitas vezes em vários papéis do pai.

— O pelourinho da “Famosa” esconde dois segredos!

Filipe gostava de História, crescera envolto nela por influência do pai, mas os seus conhecimentos eram limitados. Mesmo sobre a História de Portugal. Percebera isso nos últimos dias que vivera na casa da Graça, em seguida ao funeral do pai. Tinha aprendido mais naqueles dias, no escritório do seu pai, estudando os seus rascunhos, do que em vários anos de escola.

Recordou que na escola em Portugal, dedicava-se muito tempo ensinando a época dos Descobrimentos — navegadores que tinham enfrentado o desconhecido, com o objetivo de dar novos mundos ao Mundo, e à espera de encontrar monstros marinhos ou o fim do mundo. Descreviam-se os locais descobertos, os navegadores famosos, os naufrágios e os perigos que se viviam naquelas viagens. Mas a História parecia interromper-se no início do século XVI, com o descobrimento oficial do Brasil em 1500, com os primeiros vice-reis da Índia e as grandes conquistas de D. Afonso de Albuquerque no Oriente. Pensando bem, parecia que a partir dali a História se tornava obscura. O rei D. Sebastião morrera na batalha de Alcácer-Quibir, em 1578, e Portugal fora absorvido pela Espanha, ficando integrado numa Monarquia Dual, dois anos depois, com a aclamação de D. Filipe como rei de Portugal. Desses tempos, pouco se estudava até dezembro de 1640, o ano em que um grupo de fidalgos portugueses atirara um tal de Miguel de Vasconcelos

por uma janela de um palácio e o país reconquistara a independência, aclamando o Oitavo Duque de Bragança como rei de Portugal, 15 dias depois.

No entanto, muita coisa tinha acontecido nesse período. Um país com pouco mais de um milhão de habitantes tinha conseguido manter um império tão vasto e disperso do outro lado do mundo, de Sofala, em Moçambique, até Nagasaki, no Japão. Esse império tinha tido dois objetivos essenciais: um religioso, para expandir o cristianismo, combatendo aqueles a quem se dava o nome de infiéis, e outro puramente comercial. Cobria uma vasta área ligada pelo Oceano Índico e era auxiliado por vários portos estratégicos, dos mais conhecidos, como Goa, Malaca, Macau ou Ormuz, aos mais obscuros, como Cananor, Solor, Mascate, Ternate ou Amboino. Por meio desses portos, os portugueses controlavam o acesso a vários produtos, especialmente especiarias, e mantinham as rotas marítimas em segurança.

De um ano para o outro, os portugueses passaram a abastecer a Europa de tudo o que era exótico. Canela do Ceilão, a mais pura e a mais cara do mundo, cravinho e noz-moscada das Ilhas Molucas, sedas de Samatra, gengibre e pimenta do Malabar, e mais tarde lingotes de prata do Japão e porcelana da China. Assim nascera um monopólio comercial entre a Ásia e a Europa, pela rota do Cabo da Boa Esperança, naquela que ficou conhecida como a Carreira da Índia. Todos os anos, partia de Lisboa uma frota gigantesca de galeões e naus, muitas delas com mais de mil toneladas. Normalmente, a frota zarpava em março para uma viagem que duraria pelo menos seis meses, até Goa ou Cochim, se conseguissem apanhar os ventos atlânticos de feição e as monções de Sudoeste do Índico.

A Carreira da Índia era uma viagem intrépida que mais nenhum país europeu tinha a capacidade de fazer. A taxa de mortalidade entre a tripulação e de naufrágios era dolorosa,

mas os lucros eram imensos e pareciam mais que compensar os infortúnios. A Carreira da Índia era um monopólio da Coroa portuguesa e com isso a Casa da Índia enriquecera dia após dia, apesar dos pesados gastos. A pimenta era a razão principal por detrás de toda essa riqueza. Era a especiaria mais procurada na Europa e, por isso, a mais importante para os portugueses. Oito em cada dez importações da Ásia eram de pimenta, e só muito depois é que vinha a canela. A produção de especiarias na Ásia e a procura na Europa mais do que duplicaram na segunda metade do século XVI.

O império expandiu-se para o Oriente e os portugueses passaram a controlar parte do comércio marítimo intra-asiático, baseado em concessões privadas. Eram as chamadas “viagens a lugares”. Os portugueses transportavam especiarias para Malaca, tecidos da Índia para todo o Extremo Oriente, porcelanas e seda da China e barras da prata do Japão. A fundação de Macau em 1557 intensificou essa presença. O contrabando ocasional foi substituído pelo comércio legal e o tráfego proliferou por todo o Mar da China. Esse comércio chegou a render mais dinheiro do que a própria Carreira da Índia, transformando as pequenas aldeias de pescadores de Macau e Nagasaki em grandes cidades cosmopolitas.

Com surpresa, Filipe tomou consciência de que nessa altura o português era a língua franca desde Moçambique até Manila, nas Filipinas. Concluiu que o português deveria ter sido naqueles tempos o inglês dos tempos modernos. Tinha sido o apogeu do Império Português no Oriente e, assim, os portugueses cruzaram aqueles mares durante quase um século, praticamente sem concorrência.

A concorrência acabou por chegar e com força, e Portugal teve de enfrentar um inimigo mais preparado e, acima de tudo, melhor dirigido. A Monarquia Dual proporcionara vantagens e tinha alargado o mercado dos

comerciantes portugueses a todo o Império Espanhol. Mas, por outro lado, Portugal herdara os inimigos da Espanha e as Províncias Unidas dos Países Baixos estavam decididas a conquistar o império das especiarias. Pensava nisso e no que tinha acontecido depois, quando foi interrompido pela garçonete do restaurante. O almoço finalmente chegara. Tinha pedido aji de galinha, um prato típico do Peru, feito de frango coberto por um molho leitoso, com queijo, cebola e alho, e acompanhado de arroz.

Filipe suspirou. Lá em baixo, as ondas do Pacífico rebentavam na areia da praia, mas ele continuava com a mente acelerada. Recordou que a sua mãe tinha lhe dito que o pai não chegara a partilhar os resultados da investigação com ninguém. Sabia que tinha sido por sua causa, mas Rosa tinha certeza que duas pessoas estavam cientes de parte da investigação, porque o tinham ajudado a certa altura.

Filipe ia ao encontro de um deles. Alberto Blanco! Por isso, tinha um voo no dia seguinte para Cusco. Mas começava a ficar nervoso. Não sabia bem o que dizer, o que perguntar e imaginou que seria como nas reuniões que tinha com as empresas, quando trabalhava no mercado de ações. Deveria fazer as perguntas certas, sem deixar que a outra parte percebesse bem o que procurava e sem que ficasse uma sensação de desconforto no ar. Seria um equilíbrio difícil, mas que estava habituado a fazer. Tinha que saber qual era a relação da investigação do seu pai com o Peru. De imediato, diria que seria muito fraca, mas existia pelo menos uma ligação: o Império Espanhol! Sabia que o Peru tinha sido uma peça fundamental do Império Espanhol durante vários séculos e Portugal estivera unido a Espanha durante sessenta anos. Era uma ligação, mas de qualquer maneira parecia-lhe muito tênue para levar o seu pai a estar tão interessado naquele local.

De repente, o seu celular tocou. Podia ser a sua mãe, para

saber como estava. Assim que o tirou do bolso, olhou para o número e percebeu que não. Reconheceu de imediato o prefixo. Era de Chicago!

No lado exatamente oposto do continente sul-americano, alguns graus ao sul, o clima era mais agradável. O céu era azul, o ar era quente e a água do mar era verde transparente. A baía de Angra dos Reis, no Brasil, estava cercada por encostas recortadas e verdejantes e continha muitas pequenas ilhas, que pareciam nascer por todo o lado. A maior parte delas eram particulares e os seus donos enchiam as capas de revistas em todo o país, espalhando *glamour* por toda a parte. Jogadores de futebol, estrelas de novelas, importantes homens de negócios ou simplesmente milionários competiam entre si e davam nomes às ilhas – a ilha do Ronaldo, a ilha da Xuxa, ou a ilha do Ivo Pitanguy.

Salad Rani era muito mais discreto. Os negócios o obrigavam a se relacionar e, talvez por essa razão, evitava relações com os vizinhos. Mas a sua ilha era uma das maiores de toda a baía. Tinha-a comprado há uns sete anos de um cirurgião plástico de São Paulo por uma fortuna, mas hoje achava que ganharia bastante dinheiro se a vendesse. Era conhecida como a ilha do Pereira, em memória de um comerciante português que por ali andara no século passado. Mas, para Salad, a ilha era apenas o seu refúgio e era para ali que ia quando queria realmente descansar. Dispunha de um enorme sobrado, com mais de dez cômodos, e uma decoração inspirada no Oriente Médio, um terraço enorme que dava para a baía e um jardim luxuoso que a cercava e cobria a encosta até cair para o mar. No meio da ilha, bem defronte da sala, estendia-se uma pequena praia de areia fina, onde Salad aproveitava para se banhar quase todos os

dias. Salad ainda tinha espaço para um anexo, na zona mais distante da ilha, onde os empregados ficavam hospedados, um heliporto e um ancoradouro para as embarcações que vinham do Rio de Janeiro, de Santos ou apenas de Paraty.

Salad parou de nadar e deixou-se ficar imóvel, simplesmente boiando na água, a pouca distância da praia. Fitou o recorte da sua ilha. Estava satisfeito e diria mesmo que se sentia feliz. O tumor maligno que tinha sido detectado no cérebro parecia clinicamente extinto. Tinham-lhe dado seis meses de vida, mas já passara quase um ano e não teve nenhuma recaída. Os seus três filhos estavam bem de vida e até mesmo Assad, que sempre sentira uma forte atração pelo jogo, parecia ter ganhado juízo e estava estabelecido no Rio de Janeiro, no ramo dos iates de luxo.

Salad tinha 62 anos e era neto de imigrantes árabes que tinham se radicado em São Paulo. Tinha tido uma educação ocidental desde pequeno e, talvez por isso, sempre se sentira mais brasileiro do que árabe. Mas não esquecia as suas raízes. Pelo contrário. Cada ano que passava se sentia mais atraído pela cultura dos seus antepassados. Além disso, sabia que herdara os genes e o talento dos pais, que tinham conseguido enriquecer com duas lojas de tecidos.

Salad pensou como subira na vida e como havia expandido a riqueza que os seus pais tinham lhe deixado. As suas empresas pareciam estar mais sólidas do que nunca. O petróleo continuava a preços altos e, enquanto isso durasse, a vida continuava a sorrir. A Saladin, o império de Salad, gozava de boa saúde e era recomendada. Além do petróleo e derivados, os seus investimentos estavam sobretudo em hotéis, imobiliários, cassinos e tinha entrado recentemente no negócio dos químicos. Depois, claro, a Saladin continuava a deter uma posição majoritária na Poseidon.

Salad mergulhou de novo e quando voltou à superfície sentiu-se vivo. O sol continuava alto e a sua pele escura

contrastava com o verde azulado do mar. Nadou até a areia. Quando aí chegou, deparou com Ibrahim. O seu secretário estava vestido com um terno escuro muito formal e segurava uma toalha branca na mão. Salad, mesmo àquela distância, apercebeu-se do seu nervosismo. Alguma coisa não estava bem.

— Que se passa, Ibrahim? — perguntou Salad, segurando na toalha que o secretário de dois metros de altura estendera-lhe. — Está com um ar preocupado.

— Sayyid⁵, desculpe-me interromper, mas tenho uma informação que julgo ser importante — avançou Ibrahim, não tirando os olhos do chão. Suava abundantemente e as manchas que tinha pela camisa não deixavam qualquer margem para dúvida.

— Problemas?

— Temo que sim! — arriscou Ibrahim, entregando um pequeno envelope e olhando diretamente para o patrão pela primeira vez.

Salad Rani retirou a folha de papel dobrada de dentro do envelope e leu o que estava escrito. A primeira reação foi de surpresa. Não estava à espera daquilo, especialmente do local em questão, mas já tinha vivido muito tempo e problemas suficientes para deixar de lado qualquer pista, por menor ou mais ridícula que fosse. Não iria deixar passar aquilo em branco. Olhou para a baía de águas esverdeadas e tentou concentrar-se. Tinha de pensar no que podia fazer. E tinha de ser rápido!

— Confirma-se, Sayyid?

— Sim, Ibrahim. Você tinha razão. Pode ser um problema grave. Mas, no entanto, isso também pode querer dizer que a pesquisa ainda não acabou.

— Pesquisa, Sayyid?

— Sim, um dos maiores fracassos da Poseidon! Chama-se *Flor do Mar*, uma nau portuguesa que naufragou no

Estreito de Malaca no século XVI! — avançou, lembrando-se do professor português de cadeira de rodas. — Por certo que não se lembra disso, Ibrahim. Foi há muitos anos! Eu próprio participei das buscas no local...

O barulho que provinha da varanda era ensurdecedor e sugeria o pior. Os touros surgiram à vista, galopando pelo paralelepípedo escuro da calle Santo Domingo, em Pamplona, no norte da Espanha, empurrando-se uns aos outros, com uma violência esmeada. Havia mais de vinte, avançando pela rua estreita, limitada por prédios antigos, ultrapassando tudo e todos como se não existisse nada mais importante senão seguir em frente. A corrida tinha menos de um quilômetro até a plaza de Toros, mas a multidão protegia-se como podia, gritando euforicamente e fugindo daquela mancha negra.

Juan Alvarez tinha nascido Jon Aiarza algumas décadas atrás, mas tinha adaptado o seu nome para o castelhano, anos mais tarde. Os amigos mais chegados, e principalmente aqueles que vinham do tempo da adolescência, ainda o tratavam por Aiarza, mas no dia a dia ele era conhecido por Alvarez. Pele morena, rosto redondo e pouco cabelo, Juan tinha uma estatura média e, com o passar dos anos, tinha engordado, principalmente pela alimentação desequilibrada e consumo excessivo de álcool.

Naquele momento, Juan observava com alegria os touros do alto da varanda. Estava acostumado àquele espetáculo, apesar de não ser natural de Pamplona. Tinha nascido em Arrasate, Mondragon para os castelhanos, uma pequena cidade com pouco mais de vinte mil habitantes situada no meio das montanhas do País Basco, fria, inóspita, feia, mas ao mesmo tempo de uma beleza única no mundo. Iruna, ou

Pamplona, como os castelhanos lhe chamavam, também era uma cidade com encanto e onde se notava a alma basca. Sentia-se bem naquela cidade, especialmente nos dias de *fiesta*. Pamplona parecia ser o centro do mundo durante aqueles dias, cheia de estrangeiros provenientes dos quatro cantos do mundo, que se vestiam de branco para o desafio das suas vidas.

— Que horror! Juan, vem cá! — gritou Natascha, debruçada na varanda, numa grande excitação, quase deixando cair a taça por entre os dedos. — Um touro acabou de apanhar um homem...

Juan estava muito mais relaxado. A noite anterior não tinha sido fácil. A missão em Oviedo, nas Astúrias, era teoricamente acessível: eliminar o presidente de uma grande empresa de biscoitos que estava contra uma proposta de fusão feita por uma outra empresa do mesmo setor. Tudo corra bem no início. Conseguiu entrar dentro de casa sem ser visto e encontrara o empresário quando ele estava menos protegido, sentado no vaso sanitário. O tiro tinha sido certo, entre os olhos, e o empresário perdera a vida sem emitir qualquer som.

No entanto, tinha tido azar. O corpo do empresário, ao cair do vaso sanitário, bateu num armário cheio de frascos de vidro que se partiram num instante. O barulho tinha sido enorme, especialmente porque nesse momento alguém entrava em casa. O filho do empresário ouviu o estrondo e chamara pelo pai. Juan escondera-se atrás da porta e esperara. Esperou até o outro homem surgir na sua mira e depois disparou. Acertou-lhe no ombro e o rapaz não morreu de imediato. Foi obrigado a sair do esconderijo para lhe dar o tiro final.

Juan não gostava de eliminar inocentes. Não fazia parte do seu trabalho, mas não tivera outra saída. Tudo finalmente terminara bem e o cliente ficara satisfeito. Agora, apenas

tinha de esquecer o sucedido e aproveitar o que a vida tinha de bom. Esvaziou a taça de cava⁶ e sorriu na direção da janela.

Natascha e Brida continuavam em cima do patamar de ferro forjado da varanda, absorvidas pelo espetáculo. Juan olhou para as duas mulheres russas e para as suas minissaias jeans justas e as botas pretas até o joelho. Ficou levemente excitado e sorriu ao pensar que tinha uma atração especial por mulheres de botas altas. Voltou a encher a taça de cava e foi até a varanda.

Lá embaixo, a calle Santo Domingo estava repleta de pessoas trajadas a rigor, vestidas de branco e lenço vermelho, completamente eufóricas ao ver os touros passando. O primeiro e principal Encierro das Fiestas de San Fermin era sempre um espetáculo inesquecível. O calor humano era imenso, o ambiente era intenso e seria assim nos sete dias seguintes, com o Encierro a ter lugar àquela mesma hora. Juan passou a mão pelos cabelos de Brida e depois beijou-lhe o pescoço até o ombro. No entanto, o seu celular a tocar na sala obrigou-o a parar e voltou para dentro. Viu que se tratava de um número restrito e adivinhou quem seria. Perdeu o sorriso e ficou tenso.

— Boa-tarde, amigo! — começou uma voz conhecida, tratando-o do modo habitual para evitar nomes. Havia anos que estava habituado àquele sotaque português do Brasil falando castelhano. — Desculpe-me telefonar assim sem avisar, mas temos um problema. Aliás, o mesmo problema.

— O mesmo problema, como? — questionou Juan, estranhando. — Do que é que está falando?

— Acabei de receber a informação. O filho do professor português viajou!

Juan sentiu uma onda de calor invadindo-lhe o corpo e deixou de ouvir os gritos das russas e o som da *fiesta* lá embaixo na *calle*.

— Para onde?

— Lima!

— Peru?

— Exatamente!

Juan sentiu a mente dispersar-se num turbilhão de pensamentos e teve dificuldade em concatenar ideias. Lima, no Peru! Podia não ser nada. Tinha estudado a fundo a vida do filho do professor. Deveria ser alguns anos mais novo do que ele, trabalhara nos Estados Unidos, mas tinha sido despedido há uns meses. Imaginou que deveria estar fazendo turismo pelo Peru e que deveria ser daquelas pessoas com dinheiro que, de repente, se afundavam numa crise qualquer e decidiam viajar para esquecer. Talvez para esquecer a morte do pai. Mas, por outro lado, reconheceu que podia ser realmente outra coisa. Fez um trejeito com a boca e sentiu um sabor estranho. A história daquela nau maldita arrastava-se há muitos anos, sem se conseguir chegar a uma conclusão!

— Pode não ser nada, mas é melhor investigar! — avisou a mesma voz. — Sabe o está em jogo. Pode ser que finalmente consigamos ter a pista que nos falta. Pagamos um bom preço, sabe disso!

Juan concordou. Aquela missão já não tinha a ver com o dinheiro. Aliás, aquele assunto deixava-o muito maldisposto. Era o sabor a azedo de uma missão malsucedida, por ter a consciência que tinha fracassado e de que estava num beco sem saída em que pouco ou nada podia fazer.

— Vou no próximo voo para Lima. Não se preocupe.

— Amigo, mas desta vez vá com cuidado — avisou outra vez de um modo assertivo. — Não podemos ter mais acidentes.

— Eu sei. Estou consciente disso. Vou fazer o melhor possível.

— O melhor possível, mas sem acidentes, por favor! —

insistiu o outro homem em português. — Não podemos correr mais riscos!

Juan voltou a assentir, sentindo alguma irritação. Sabia que o brasileiro tinha razão. Cometera um erro em Lisboa. O professor morrera nas suas mãos, e o pior é que não conseguira obter qualquer informação relevante.

— O envelope estará no Terminal 4 em Barajas, no local do costume.

Juan desligou o telefone pouco depois. Sentiu a adrenalina percorrer o corpo a uma velocidade estonteante. Pensou no velho professor de cadeira de rodas. Lembrou-se como tudo tinha começado. Estava em Sant Antoni, em Ibiza, e o seu telefone tocara de madrugada, quando dormia com Ingrid, uma alemã divorciada que tinha conhecido na danceteria da vila. A chamada avisara-o de que o professor português que fizera parte da equipe anterior de investigação entrara mais que uma vez num blog da internet muito conhecido no meio subaquático. Poderia apenas ter sido um acaso, mas a verdade é que tinham sido várias as vezes em que o professor tinha adiantado alguns pontos críticos que levantaram suspeitas. A impressão que dava era que o professor conduzira a sua própria investigação e que teria encontrado algo importante que explicava por que a expedição fracassara.

Juan reconstituiu a sua recente estada em Lisboa e as investigações sobre a vida do professor, e depois recordou a sua ida à universidade naquela manhã. Depois de duas semanas de ansiedade, vasculhando a cidade atrás do professor, tinha vacilado. Precisava descobrir o que aquele homem sabia. Tinha consciência de como isso poderia ser importante e recordou que não era a primeira vez que vigiava aquele homem. Pensando bem, era realmente incrível pensar que já se passaram quase vinte anos.

Mas, daquela vez, sabia que tinha exagerado com o

professor e que, com isso, tinha posto em risco toda a operação. Ainda hoje imaginava que o professor o reconheceria passados todos aqueles anos, mas depois concluiu que não. Engordara muito, perdera quase todo o cabelo e o que restava era branco e estava rapado.

Depois pensou em Lima. Na escola, em Arrasate, tinha aprendido que Lima se designava por “Cidade dos Reis”, e que tinha sido fundada pelo próprio Francisco Pizarro, por achar que Cusco, a capital inca, ficava muito longe, a algumas semanas a cavalo. Naquele tempo, Lima tinha sido a maior capital de todo o Império Castelhana e ainda hoje era das cidades mais populosas do mundo. Mas não conseguia gostar daquela cidade imunda, degradada, que exalava a lixo e a poluição. Tinha nojo dos sul-americanos, especialmente dos indígenas, os sudacas, como eram chamados na Espanha, que invadiam todos os cantos do país. Ficava chocado por pensar como a população da Espanha tinha aumentado nos últimos anos – mais de 10% com aquela gente e com o consentimento de vários governos, tanto de esquerda como de direita.

Finalmente, pensou em Edson. Havia indígenas em quem se podia confiar e que respeitavam a autoridade. Edson estava em Cusco, mas por certo iria ajudá-lo. Nada que o dinheiro não resolvesse. Juan já não ia ao Peru há algum tempo. Nunca foi para lá por prazer, e daquela vez não seria exceção. Sabia o que estava em jogo e não podia perder tempo.

Voltou a olhar para as duas russas e sorriu. Tinha de se ver livre delas hoje. Esse pensamento deu-lhe uma vontade louca de as agarrar pela última vez. Antes disso, foi buscar o notebook e acessou a internet. Entrou no site da companhia aérea Ibéria e procurou os horários para Lima. Tinha sorte. Meio minuto depois, tinha reservado o lugar 4A no voo do meio-dia do dia seguinte. Depois, avançou para a varanda e

fixou cada uma das mãos nas costas das duas russas, deslizando-as lentamente para baixo. Passou a mão pelas nádegas e depois foi mais ao fundo. As duas mulheres olharam para trás e compreenderam o olhar de Juan. Natascha e Brida abraçaram-no pelo pescoço com ferocidade e os três deslizaram da varanda para a cama do quarto.

Capítulo 4

CUSCO, 8 DE JULHO, 19H30

“NOS ÚLTIMOS OITO ANOS,
UM GRANDE NÚMERO DE
PORTUGUESES ENTROU NO
REINO DO PERU, VINDOS DO
BRASIL, BUENOS AIRES E DA
NOVA ESPANHA. ESTA CIDADE
ESTÁ CHEIA DELES! MUITOS SÃO
CASADOS, MAS NA MAIOR PARTE
SÃO SOLTEIROS. TORNARAM-SE
OS SENHORES DO COMÉRCIO E
A CALLE DOS MERCADORES É
QUASE TODA DELES. TÊM TIDO
TAL SORTE QUE AGORA
DOMINAM TOTALMENTE O
COMÉRCIO DE MERCADORIAS,
DESDE TECIDOS, DIAMANTES
ATÉ AS SEMENTES DE
COMINHO.”

*Relatos de um comerciante de Lima do século
XVII*



noite tinha caído na cidade de Cusco e com ela um frio imenso instalara-se na Plaza de Armas. Rodeada por arcadas cheias de cor, mansões coloniais e igrejas acastanhadas, aquela praça era o centro da cidade desde os tempos dos incas. Cusco tinha sido conquistada pelos espanhóis no final de 1533, no meio de uma luta fratricida entre incas. A sua conquista tinha sido um golpe fatal para o Império Inca, mas, com o passar dos anos, a cidade acabou por ser relegada para segundo plano, com a ascensão de Lima.

Cusco mantinha uma atmosfera especial, que não deixava ninguém indiferente. O trânsito na calle Arequipa e na avenida El Sol estava cortado e a *plaza* encontrava-se repleta de gente. A multidão de pessoas proveniente das *calles* tornava impossível atravessá-la direito de um lado ao outro. Filipe estava espantado com o que via. Estava sentado, encostado à janela do balcão de uma das varandas da *plaza* e bebia calmamente uma cerveja Cusquenha, típica da cidade.

Continuava tonto e sabia que não era da cerveja. Não tinha bebido tanto assim – era da altitude. Estava a mais de 3.300 metros acima do nível do mar, muito mais do que a Serra da Estrela, o ponto mais elevado de Portugal

continental, e muito mais do que Miraflores, que ficava ao nível do mar. Parecia que tudo o que fazia exigia um esforço suplementar e até mesmo com aquela pequena caminhada do hotel até a *plaza* ficara ofegante. Tinham-lhe dito que aquilo era normal nas primeiras horas, especialmente para quem vinha de Lima de avião. Mas não deixava de ser estranho e não conseguia parar de pensar que teria de se sentir melhor no dia seguinte, porque precisaria de estar extremamente concentrado.

O ambiente na *plaza* continuava eletrizante. No meio da enchente de pessoas, centenas de crianças estavam agrupadas, lado a lado ou em fila indiana, a dançar alegremente. Todos os grupos de crianças estavam sendo instruídos por um adulto, muito provavelmente um professor, e distinguiam-se pela maneira como estavam vestidos ou pelos movimentos que faziam. Cada grupo tinha uma dança própria e tocava diferentes instrumentos, que marcavam o ritmo e davam vida a todo aquele espaço.

O palco principal estava montado ao lado da escadaria imensa da catedral e brilhava à luz do sol. Aquela era uma das catedrais mais bonitas que já tinha visto na vida. Pensando bem, todas as igrejas de Cusco eram diferentes das que conhecia. Tinham sido quase todas construídas por cima de templos incas e em quase todas elas ainda se conseguia observar pedras incas que tinham servido de base ao edifício católico. A construção da catedral da cidade começara poucos anos depois da conquista espanhola e era mais um exemplo disso. Fora construída ao longo de cem anos sobre o palácio inca de Viracocha.

Filipe não conseguia sair da Plaza de Armas. Algo o prendia àquele local e acabou experimentando alguns petiscos de batatas com queijo derretido, no bar, sem tirar os olhos do que se passava na *plaza*. Percebeu que as crianças preparavam um desfile e depois o garçom do bar explicou-

lhe que estavam treinando as danças do solstício. À medida que a noite avançava, a agitação aumentava, completamente indiferente ao frio. Não eram apenas crianças, mas gente de todas as idades, peruanos e estrangeiros.

Filipe continuava apreensivo com o dia seguinte. Sabia que iria dar um passo decisivo na pesquisa do pai. Ia encontrar-se com Alberto Blanco, o amigo do pai que o conhecia dos congressos mundiais de História. Filipe não se recordava do nome dele, mas a verdade é que o seu pai tinha centenas de amigos espalhados pelo mundo, o que tornava difícil ou impossível conhecê-los e lembrar-se de todos eles. Mas a sua mãe lembrava-se muito bem dele. Contara-lhe que conhecera Alberto quando ele tinha vindo a Portugal, alguns anos antes, para uma conferência ibero-americana que se realizara no Porto. Era uma pessoa muito simpática, e de certa forma parecida com o seu pai, porque se entusiasmava com as coisas mais estranhas. A mãe tinha-lhe dito que o seu pai e ele conversavam com muita frequência por e-mails e que Francisco lhe contara há pouco tempo que Alberto era das pessoas em quem mais confiava.

Quando Filipe ia se levantar da mesa, a música vinda da *plaza* aumentou de volume e rapidamente reconheceu a voz do tenor italiano Andrea Bocelli. Por instantes, pensou que o artista estaria em Cusco, mas depois percebeu que se tratava apenas de uma gravação com o som a ecoar em vários pontos. Estavam ali milhares de pessoas, como se estivessem à espera de um acontecimento importante. De repente, ouviu um foguete, logo seguido de fogo de artifício. Uma luz esverdeada ofuscante iluminou os céus negros da Plaza de Armas e depois ouviu-se um suspiro abafado das milhares de pessoas ali presentes. Todos os que estavam no bar ficaram também absorvidos por aquele espetáculo. Pararam de jogar *snooker*, de ver televisão, de falar e até os garçons ficaram pregados à janela. As luzes dos fogos de artifício

sucediam-se, misturadas com a voz de Andrea Bocelli, iluminando a *plaza* de cores e brilhos diferentes.

Filipe deixou-se ficar ali por mais algum tempo, olhando para o céu, e só conseguiu ir para o hotel meia hora depois. O caminho pela calle Hatun Rumiyoq e depois pela San Agustín até o hotel foi penoso. Estava extenuando e sentia-se muito tonto. As *calles* estavam repletas de homens e mulheres cambaleantes devido ao álcool, pessoas em festa que falavam, riam e cantavam alto, encostadas às paredes e, depois, o odor de urina era forte e nauseabundo. Assim que entrou no quarto do hotel, Filipe despiu-se rapidamente e dois minutos depois adormeceu.

Na manhã seguinte, acordou cedo e foi ao encontro do amigo do pai. Alberto Blanco vivia nos arredores de Cusco. Seguiu as indicações que tinha. Apanhou um táxi e saiu da cidade em direção à aldeia de Pisac, que ficava a uns trinta quilômetros de distância, em pleno Vale dos Reis. Pisac não era mais do que um pequeno conjunto de casas baixas com telhados de barro coloniais, entalado entre a estrada, à margem do rio Urubamba e uma pequena igreja que se erguia no sopé dos montes. Quando passou por lá, a confusão era imensa. Pisac estava em convulsão. Uma enorme feira estendia-se ao redor da igreja quase até a estrada e vendia-se de tudo. O táxi de Filipe ultrapassou a confusão da aldeia, chegou à ponte e seguiu em frente, subindo os montes aos zigue-zagues. O taxista conduzia em alta velocidade, como se conhecesse muito bem a estrada, indiferente ao fato de a encosta não ter qualquer proteção. Por fim, quando chegou lá cima, mesmo no topo da montanha, virou à esquerda e entrou numa estrada de terra batida.

Filipe avistou um muro branco muito grande ao fundo e pensou que estavam chegando ao destino. A propriedade parecia imensa, gigantesca, isolada no meio do planalto

árido. A estrada de terra batida continuava bem perto da encosta íngreme, numa paisagem que tanto tinha de bela como de assustadora. Filipe conseguia avistar o curso do rio Urubamba e o recorte do vale, com algumas pequenas aldeias espalhadas. Tentou perceber o caminho que tinha feito de Cusco e depois conseguiu distinguir a igreja de Pisac e as tendas da feira à sua volta. Visto dali de cima, tudo parecia muito pequeno e longínquo.

Foi o próprio Alberto que o recebeu à porta de casa. A primeira coisa em que reparou foi que Alberto parecia um inca. Pele escura, baixa estatura e ombros muito largos, tinha os cabelos lisos muito negros. Vestido com trajes tradicionais, como muitas das crianças que dançavam na Plaza de Armas, poderia ser confundido com um daqueles pequenos guerreiros incas que defrontaram os espanhóis, quinhentos anos antes. Mas o historiador não tinha armas e mostrou-se muito afável. Cumprimentou-o simpaticamente em castelhano, mostrando os seus dentes brancos e pontiagudos, enquanto ajeitava os óculos grandes e sujos.

— Seja bem-vindo à minha humilde casa.

— Muchas gracias, Alberto.

— É um prazer receber o filho de Francisco na minha casa! — avançou Alberto com respeito, fazendo uma pequena vênia. — Aí está uma coisa que eu não estava esperando. Mas venha, entre, por favor. Está muito melhor aqui dentro.

A casa de Alberto Blanco parecia ser uma mansão senhorial. Tratava-se de um edifício térreo muito amplo, paredes brancas e azuis, janelas largas com ferros forjados e com telhado de barro. O centro da casa era composto por um pátio interior com uma fonte de pedra no meio rodeada de flores, muito semelhante às mansões de estilo mudéjar, tão frequentes no antigo Andaluz, no sul da Espanha. No entanto, a decoração da casa era muito diferente. No entanto,

avistavam-se artefatos dourados incas, quadros de arte Mestiça e em todos os cantos se notava a presença de plantas com arbustos e pequenas árvores em grandes potes de barro.

— Alexandra, venha aqui! — pediu Alberto, caminhando em direção ao pátio e tentando descobrir onde andava a moça. — Venha conhecer o senhor Filipe.

Alexandra não parava de correr pela casa e os passos curtos e rápidos ecoavam pelos corredores. Com cabelos negros com duas tranças e pele branca, ela surgiu na esquina ao fundo do corredor para depois desaparecer, escondendo-se do avô. Estava vestida de inca, com uma manta de alpaca em tons de rosa e amarelo e sapatinhos pretos. Um minuto depois, apareceu por detrás deles, ofegante, sorridente e com um olhar maroto, como se tivesse sido apanhada em algo que não devia. Deveria ter cinco anos e tinha o sorriso mais bonito do mundo.

— Alexandra, minha querida, quando é que para com essas brincadeiras? — perguntou Alberto, fazendo uma expressão de contentamento. — Apresento-lhe o señor Filipe. Percorreu muitos quilômetros só para falar com o seu avô.

— Hola, señor Filipe — começou a pequena Alexandra com uma voz fina. — O senhor é brasileiro?

— Não. Sou português — corrigiu sorridente. — É quase a mesma coisa.

Alexandra fez uma expressão desconcertante e olhou para o avô.

— Mas eu ouvi o señor falar há pouco. O señor é brasileiro, não é?

— Não, minha neta! É de Portugal. Lá falam a mesma língua que no Brasil. Eu lhe explico depois, meu amor — disse Alberto, sorrindo. — Vá agora para o seu quarto, que eu e o senhor Filipe temos de falar. Se precisar de alguma coisa, estamos no pátio.

Um odor intenso pairava por toda a casa. Filipe já o

conhecia do hotel. Era chá de coca. Alberto encaminhou-o para o pátio, bem perto da fonte, onde estava disposta uma pequena mesa de jardim, ladeado por duas cadeiras. No topo da mesa, vislumbrou um bule, duas xícaras e um pratinho de biscoitos, como se estivessem à sua espera.

— Sabe do que se trata? — perguntou Alberto, olhando para o bule e apontando para a cadeira para que Filipe se sentasse.

— Sim, claro. É impossível estar em Cusco algumas horas e não saber.

— Está servido?

Filipe assentiu com agrado, sorrindo e olhando para o líquido amarelo forte. Bebeu um pouco e sentiu o sabor intenso e adocicado.

— A sua neta é muito bonita — disse. — E é muito simpática e bem-disposta.

— Sim, muito! Faz lembrar a mãe quando tinha a mesma idade e corria por estes mesmos corredores. Os pais estão agora trabalhando em Lima e a minha neta está passando umas semanas comigo — explicou orgulhoso. — Sempre fica longe daquela poluição e respira os ares destas montanhas sagradas. Você tem filhos?

— Não, não tenho.

— Ah, mas ainda é novo — adiantou Alberto, puxando a cadeira um pouco mais para o pé da mesa. — É muito parecido com o seu pai. Tem o mesmo olhar.

— Obrigado por me receber.

— Eu é que tenho que agradecer — desculpou-se, fazendo de novo uma pequena saudação. — É uma honra receber o filho de Francisco Silva.

— Conhecia bem o meu pai?

— Sim, conhecia-o muito bem. Desde os tempos de Sacramento! — contou com um olhar perdido, olhando o topo do telhado. — Já lá vão uns bons anos.

Filipe ficou pensando no que seriam os tempos de Sacramento e que possivelmente Alberto se referia à antiga cidade portuguesa no Uruguai. Lera em algum lugar nos apontamentos do pai diversas referências às fortalezas e aos fortes construídos pelos portugueses no mundo inteiro. O seu pai tinha visivelmente dedicado muito tempo a Sacramento e foi com surpresa que soubera que a cidade tinha sido cedida aos espanhóis em 1777, na definição das fronteiras ao sul do Brasil, e que tinha sido palco de várias batalhas nos anos seguintes.

— Tempos diferentes! — continuou Alberto com uma expressão nostálgica, ajeitando os óculos. — Ora, deixe-me ver. Isso foi no final dos anos 1960, por volta de 1968 ou 1969. O seu pai fez a maior investigação sobre Sacramento que eu alguma vez vi. Ficamos amigos desde então e, claro, companheiros de trabalho — recordou. — As nossas áreas de investigação sempre foram diferentes, mas de vez em quando tocavam-se, como foi o caso de Sacramento.

— Sim, deveria ter sido, então, pouco antes de o meu pai ter voltado a Moçambique.

— Bem, o seu pai andava sempre de um lado para o outro! — comentou Alberto, sorrindo. — Mas julgo que o seu pai ainda esteve na Índia ou em Timor, não me lembro bem. Estive com Francisco e com a sua mãe alguns anos mais tarde. Acho que deve ter sido em 1971 ou 1972, pouco antes de o Francisco ter ido para a guerra.

— Onde foi isso?

— Foi em Ouro Preto, no Brasil! — lembrou Alberto, tirando um biscoito do prato e levando-o à boca. — Uma verdadeira relíquia escondida no meio dos montes de Minas Gerais. Fazíamos parte de uma equipe liderada por especialistas brasileiros que procurava escrever a história do escultor do século XVII, conhecido como Aleijadinho. Acho que é assim que dizem! Mas foi por pouco tempo – pouco

mais de uma semana. O seu pai deixou a equipe para apanhar um avião que o levasse até Lourenço Marques.

— E o que sabe das últimas investigações do meu pai? — perguntou curioso, aproveitando a ocasião. Estava impressionado com o conhecimento que Alberto tinha do pai e ficou surpreso por não saber que o seu pai tinha um amigo de longa data no Peru. Nunca na vida tinha ouvido falar de Alberto Blanco até o dia em que a sua mãe lhe falou nele. — Imagino que o meu pai estivesse recentemente em contato com você.

— Si, claro! Eu e o Francisco estávamos em contato permanente — respondeu Alberto, ajustando de novo os óculos. — Eu diria que semanalmente. Escrevíamos longos e-mails descrevendo as nossas investigações, trocávamos informações e pedíamos conselhos. Enfim, de tudo um pouco...

— E o que me pode dizer do que ele estava recentemente investigando?

— Bem, o seu pai passou a vida investigando segredos... — troçou Alberto, com uma forte gargalhada. — Tenho certeza de que muitas investigações ficaram por terminar. Nisso, eu e ele sempre fomos muito diferentes. Eu sempre fiz uma investigação de cada vez, mas o Francisco fazia questão de seguir três ou quatro assuntos ao mesmo tempo. Nunca entendi como era capaz...

— E ajudou o meu pai em alguma em particular? — insistiu. Filipe imaginou que não teria sido à toa que o seu pai tivesse escolhido Alberto como uma das três pessoas de confiança.

— Sim, acho que sei a que se refere! — assentiu o peruano, bebendo mais um gole de chá de coca e parecendo ganhar fôlego para contar o que sabia. — Nos últimos tempos, Francisco esteve investigando a vida de um fidalgo que viveu nesta zona nos finais do século XVI. Sinceramente,

nunca tinha ouvido falar dele, mas o seu pai parecia saber bem quem ele era. Chamava-se D. Miguel Alvarez de Toledo.

Filipe ficou absorto nas suas memórias e um sentimento de ansiedade percorreu-lhe o corpo. Lembrou-se que já tinha visto aquele nome em diversos papéis do pai e sentiu que estava no caminho certo.

— E quem era D. Miguel Alvarez de Toledo? — questionou com curiosidade.

Alberto voltou a encher a xícara de chá de coca e pareceu ganhar ânimo.

— D. Miguel foi um fidalgo castelhano que viveu em Cusco nos finais do século XVI, pelo menos a partir de 1585. Pensa-se que era proveniente da região atual do País Basco, mas outras fontes afirmam que ele era mesmo castelhano, de Toledo, como o apelido indica.

— E o meu pai estava investigando a vida desse nobre?

— Sim! Não tenho dúvidas de que o seu pai esteve investigando a vida de D. Miguel Alvarez de Toledo nos últimos anos, mas com maior intensidade nos meses anteriores ao seu falecimento — observou, fazendo uma expressão triste, de pesar. — Desconheço como o seu pai chegou até ele, mas D. Miguel esteve na região de Cusco durante pelo menos vinte anos e chegou a ser um dos homens mais importantes na hierarquia da cidade, e mesmo em todo o Vice-Reino do Peru. Era um castelhano nascido no Reino e por isso tinha um estatuto natural. Além disso, D. Miguel foi um nobre que se distinguiu como combatente contra os incas que ainda não estavam pacificados.

Filipe continuava um pouco perdido e confuso. Tentou encontrar alguma relação entre as palavras que acabara de ouvir, o que lera nas anotações do pai e com a investigação no Oriente português. Mas era difícil.

— A pedido do seu pai, passei várias horas no Arquivo Colonial de Cusco. Cheguei também a ir a Lima com o

objetivo de encontrar mais informações sobre D. Miguel — adiantou, acabando o chá. — E a verdade é que encontrei várias referências importantes, numa quantidade que nunca imaginei. Fiquei surpreso. Afinal, D. Miguel Alvarez de Toledo não é uma referência histórica conhecida do Vice-Reino do Peru...

— E o que descobriu?

— Pois essa é a pior parte — confessou Alberto, abrindo os braços. — Alguns documentos e, possivelmente, os mais importantes, não consegui compreendê-los.

— Como assim? Estavam em mau estado?

— Não se trata disso. Parte dos documentos estavam escritos em português — confessou, encolhendo os ombros. — E eu, meu caro amigo, tentei, mas não consegui entender o que estava escrito.

— Como assim?

— É como lhe digo! — sorrindo, tentando desculpar-se com um sorriso muito aberto. — Eu sei que parece básico, e o português e o castelhano são línguas semelhantes, vêm ambas do latim, mas confesso que não consegui mesmo. Consegui ler algumas partes, mas não foi o suficiente para compreender o que estava escrito. Ainda pensei em tirar fotocópias e enviar ao Francisco, mas não é permitido. Nem mesmo pagando uma taxa adicional.

— E o meu pai chegou a saber disso? — perguntou com uma ansiedade crescente.

— Sim, soube, claro. Eu ia passando toda a informação que conseguia traduzir. A última delas enviei-lhe há alguns meses — informou. — Mas também lhe disse que o melhor seria vir a Cusco. O seu pai ficou de me dar uma resposta, mas não chegou a fazê-lo. E eu só percebi o porquê mais tarde.

— Tem alguma suspeita sobre a razão pela qual esses documentos estão escritos em português? — continuou

Filipe, insistentemente. — D. Miguel Alvarez de Toledo seria galego? Afinal, o português e o galego são muito semelhantes, e imagino que há quinhentos anos fossem mais mais.

— Pois é possível — admitiu Alberto, acenando com a cabeça. — É uma teoria aceitável. Mas existe outra. E eu acho que era isso que o seu pai procurava.

— Sim?

— É que D. Miguel tinha um amigo de armas português!

— Amigo português? — interrogou Filipe, com entusiasmo. Agora sim, via uma luz no fim do túnel. — Então foi ele quem escreveu os documentos?

— Sim, acho que sim. As cartas parecem ser assinadas por um português.

— E o que sabe dele? — questionou diretamente. Sentiu uma ansiedade imensa a percorrer-lhe o corpo. Tinha agora certeza de estar no caminho certo. Sabia que o seu pai tinha investigado a vida de um português que vivera naquela época. Possivelmente teria estado no Peru. — Quem era ele?

— Um padre! — respondeu com um sorriso algo malicioso. — Um dos muitos padres que passaram pelos Andes evangelizando os incas. Mas um padre especial...

— Especial como?

— Bem, por dois motivos! — adiantou o peruano, baixando a voz, como se fosse dizer algo de muito secreto. — Primeiro, porque era português, o que não era ainda muito comum naqueles anos, especialmente em Cusco. Segundo, porque era um guerreiro.

— Guerreiro?

— Sim! Uma das coisas que descobri foi que o português foi um espadachim de renome na cidade, um combatente que seguia o caminho de Deus de todas as maneiras — contou com entusiasmo. — Inseparável de D. Miguel Alvarez de Toledo! Porventura, uma pessoa que também acabou por

marcar todo o Vale dos Reis. Essas, claro, são suposições e teorias que precisam ser comprovadas.

Filipe tentou acalmar-se e vislumbrar o sentido de tudo aquilo. Era o primeiro a saber que o seu pai investigava várias pistas ao mesmo tempo. Alberto tinha lhe dito isso mesmo. Mas o que tinha ouvido tinha alguma ligação com Portugal. Primeiro, o fato de Portugal estar unido à Espanha naquela época. Segundo, o fato de existir um português naquelas paragens. E terceiro, e mais importante, esse português poderia bem ser a mesma pessoa que o seu pai investigara e que vivera na Ásia uns anos mais tarde.

— De acordo com as minhas pesquisas, D. Miguel Alvarez de Toledo e o seu companheiro de armas participaram de vários combates em toda esta zona. Principalmente contra os incas, mas durante algum tempo também em guerras entre espanhóis.

— Entre espanhóis...?

— Sim, era muito comum naquela época — adiantou Alberto, dando um sorriso e bebericando um pouco mais de chá de coca. — Marcas dos tempos de Francisco Pizarro e Diego de Almagro. O Novo Mundo deu volta à cabeça de muitos homens...

— E como se chamava esse português?

— Chamava-se Mascarenhas!

— Mascarenhas? — repetiu, questionando. Não era um sobrenome comum em Portugal, mas conhecia alguns. Nunca tinha visto aquele nome nas notas do pai. Sabia que o português que procurava tinha desaparecido na Ásia em 1606, mas não sabia o seu nome.

— Exato! D. Rodrigo de Mascarenhas!

Alberto contou sucintamente o que sabia dos dois homens. D. Miguel e D. Rodrigo tinham chegado juntos ao porto de El Callao a bordo de um galeão da Coroa, vindo da cidade do Panamá. Deveria ser o ano de 1584, mas poderia

ser 1585 ou 1586. Naquela época, Lima era uma cidade emergente, moderna, com apenas cinquenta anos e que enriquecia com o ouro e a prata dos Andes. Chegando a Lima, os dois homens cavalgaram até a antiga capital inca, no topo do planalto. Não quiseram ficar em Lima muito tempo. Alberto tinha descoberto isso. Mais tarde, descobriu que ambos eram fugitivos à justiça no Reino. Não sabia qual tinha sido o crime, mas o que Alberto pensava e contara a Francisco era de que eles tinham vindo para o Novo Mundo para iniciarem uma nova vida.

— E sabe o que aconteceu a Miguel e Rodrigo?

— Em parte, sim! — contou Alberto com uma expressão enigmática. — Não foi a tempo de contar ao seu pai. Mas descobri, em parte, o que aconteceu. Os dois homens acabaram por se fixar em Cusco e rapidamente se instalaram na sociedade da cidade. Alguns anos mais tarde, D. Miguel desposou uma jovem baronesa que tinha vindo do Reino e passaram a habitar uma das maiores casas da cidade, bem perto da Plaza de Armas.

— E D. Rodrigo?

— Mais recentemente consegui encontrar registros de D. Miguel Alvarez de Toledo, que dava como certa a partida de D. Rodrigo.

— Partida para onde?

— Saiu de Cusco. Fez o caminho para o mar e embarcou num navio em Lima.

— Embarcou? Embarcou para onde?

— Manila! — respondeu Alberto, prontamente. — Nas Filipinas!

— E o meu pai não soube disso?

— Não! Infelizmente não. Mas tenho certeza de que D. Rodrigo de Mascarenhas rumou para Manila — contou com uma voz segura. — Como sabe, Manila era uma cidade recente na Ásia. Os espanhóis tinham se estabelecido nas

Filipinas poucas décadas antes e tentavam também ter um papel no comércio de especiarias. O domínio português nas ilhas Molucas não estava consolidado e as ilhas estavam muito longe de Goa. Os espanhóis, pelo contrário, queriam expandir os seus territórios naquela região e estavam conseguindo. A partir de 1565, instituíram aquilo que passou a ser conhecido como os galeões de Manila. Partiam todos os anos de Lima ou Acapulco em direção às Filipinas, cheios de prata, numa viagem que durava pelo menos quatro meses. E de lá regressavam com porcelana, sedas e especiarias.

— Não fazia ideia...

— E sabe o mais curioso disso tudo? É que nessa época os portugueses controlavam Lima!

— Como assim? — questionou Filipe, muito espantado. — Mas acabou de dizer que não existiam portugueses na época... D. Rodrigo era dos poucos portugueses no Peru.

— Foi de repente, quase de um ano para o outro. Lima encheu-se de portugueses. Principalmente comerciantes vindos do Brasil. Chamavam-nos de peruleiros. Todos, ou quase todos, eram cristãos-novos. Acho que se diz assim, não é?

— Sim, cristãos-novos! — respondeu Filipe, atônito. Não conhecia muito bem a história deles, mas conhecia bem o termo. Era o nome para os judeus obrigados pela Inquisição a renunciarem à sua religião e a serem batizados.

— De repente, os portugueses dominaram o comércio de Lima, tornaram-se banqueiros e, além disso, controlavam a maior parte das carreiras para a Ásia — avançou Alberto no mesmo tom. — Manila, mas não só. Muitas rotas seguiam mesmo para a Ásia portuguesa. Os cristãos-novos portugueses tinham fortes ligações com a Índia e, a essa altura, antes de a Inquisição chegar a esta região, tinham acesso a produtos que mais ninguém possuía. Principalmente por meio de Macau, mas também de Malaca

e de Goa.

Filipe esboçou um sorriso e encostou-se à cadeira. Estava seguro de que o seu pai já sabia disso. Com toda a certeza, teria descoberto a ligação do Peru ao Estado da Índia e a Malaca. Sabia que Manila era a principal cidade espanhola no Oriente, com rotas constantes para a América, e muito próxima das possessões portuguesas, como Nagasaki, ilha Formosa e Macau.

— E tem ideia em que ano é que ele embarcou?

— Pelas minhas, contas deve ter sido por volta de 1595.

— Portanto, ainda estive no Peru alguns anos... — soltou Filipe, contando os anos. — E D. Miguel?

— D. Miguel continuou a combater por todo o Vale dos Reis. Existem registros de combates com os incas até 1604! — informou Alberto com um ar sério. — Descrevem confrontos perto do rio Cusichaca, nesse ano, levados a cabo por um contingente militar comandado por D. Miguel Alvarez de Toledo.

— E além disso?

— Além disso, sabe-se muito pouco! Não se sabe quantos filhos teve, quando morreu, nada! — respondeu Alberto, tirando os óculos, ao mesmo tempo que franzia os olhos. — Mas no meio disso tudo, existe um fato muito estranho que cheguei a comentar com o seu pai.

— Do que se trata? — perguntou Filipe, franzindo a sobrancelha.

— É que os documentos em português de que falei são datados de dois períodos diferentes. Parte deles são contemporâneos aos dois homens. Mas o curioso é que encontrei outros documentos de datas posteriores com claras referências a D. Miguel e D. Rodrigo. Não consegui entender o que estava escrito nas cartas, mas os nomes dos dois homens estão claramente visíveis.

— E a que datas está se referindo?

— Entre 1645 e 1650!

Filipe recebeu aquela notícia com surpresa. Até aquele momento, estava entendendo a investigação do pai, mas aquela última pista parecia fora do contexto. Ficou confuso com tanta informação num curto espaço de tempo. Achou que deveria tomar notas, mas estava tão perturbado que não se lembrou de pedir uma caneta e um papel.

— Sim, eu disse bem, 1645! — repetiu Alberto, tirando o último biscoito do prato. — É realmente uma história invulgar. Não tenho dúvidas de que o Francisco teria uma razão forte para investigar esse assunto.

— Mas disse-me que esses documentos estavam em português, não é verdade?

— Sim, claramente!

— E nessa época Lima continuava a ter muitos portugueses?

Alberto partiu o biscoito com as mãos e levou um pedaço à boca. Perguntou a si próprio como é que o filho de um historiador português não tinha consciência do papel dos portugueses em Lima naquele tempo. Nunca tinha ouvido falar de Manuel Baptista Peres. Nunca tinha ouvido falar nas *haciendas*, nas minas de prata, dos escravos que os portugueses detinham no Vice-Reino do Peru e, claramente, não estava a par do modo como tudo acabara.

— Sim, ainda existiam muitos portugueses, mas em 1645 a situação era muito diferente.

— Diferente? — estranhou, mudando o tom de voz. — Como assim?

— Muita coisa mudou naqueles anos com a Inquisição. Chegou ao Vice-Reino do Peru e a Lima com muita força. As perseguições aos cristãos-novos foram implacáveis, e a ligação ao Estado da Índia diminuiu consideravelmente em pouco tempo — prosseguiu Alberto com uma voz grave. — Muitos portugueses foram simplesmente queimados na

fogueira, nesses anos...

— E onde é que estão esses documentos portugueses? — questionou, imaginando homens e mulheres a serem queimados nas praças das cidades.

— Estão no Arquivo Colonial de Cusco! — informou Alberto, com os olhos muito abertos por detrás dos óculos sujos. — Tenho a referência de todos os documentos que encontrei. Posso dizer-lhe, se quiser.

— E onde é que fica o Arquivo Central?

— Em San Blas, no centro de Cusco!

San Blas era um pequeno bairro, situado a umas centenas de metros a norte da Plaza de Armas, construído pelos espanhóis pouco depois da conquista da cidade em 1533. Era constituído por pequenas casas alinhadas em sequência, formando ruas estreitas e perpendiculares a uma grande igreja, à semelhança de muitas cidades espanholas. O Arquivo Colonial ficava mesmo no fim da calle Tandapata, na encosta de um pequeno monte, e parecia estar escondido por detrás das casas. Mas isso apenas disfarçava a imponência do edifício, um antigo convento construído com pedra acastanhada, tão típica da cidade.

Desde que saíra da casa de Alberto, em Pisac, que Filipe não conseguia deixar de pensar no que o historiador tinha lhe dito. Um padre português, guerreiro e espadachim, que estivera na cidade muito possivelmente entre 1585 e 1595, embarcara num dos galeões de Manila e depois desaparecera. Até ali o trajeto daquele homem parecia mais ou menos claro, incluindo o percurso desde Sevilha até Cusco. O problema é que não sabia bem o que se tinha passado antes de Sevilha e, especialmente, depois de Cusco. Pelo visto, era isso que o seu pai investigava! Estaria a seguir a vida de D. Rodrigo de Mascarenhas — afinal, ele estivera na Ásia poucos anos depois!

O interior do Arquivo Colonial de Cusco era um lugar

especial e percebia-se que em tempos tinha sido um convento. Construído em várias fases ao longo dos anos, cada uma delas revelava um estilo diferente. Tinha sucessivas salas com poucas janelas e paredes muito altas, decoradas com diversos artefatos católicos e com grandes quadros antigos sobre temas religiosos, pintados por habitantes de Cusco. Filipe deu as referências que trazia ao funcionário de balcão do Arquivo, tendo sido encaminhado para uma das salas mais longínquas e escuras. Era um senhor de certa idade, pouco simpático e ainda menos comunicativo. Falava sempre entre dentes e não era fácil entender o que dizia. Mas à medida que caminhava pelo Arquivo, Filipe achou a atmosfera surpreendente e com uma luminosidade estranha. Notava-se que se tratava de um local de culto, quase sagrado, como se guardasse preciosidades perdidas na História.

As referências que Alberto tinha lhe dado pareciam ser precisas, porque o empregado percebeu e indicou que se sentasse enquanto ele ia buscar a documentação. Não demorou muito. Filipe avistou-o pouco depois. Caminhava devagar, mas vinha carregado com três grandes livros, com uma capa dura, escura e adornada de dourado.

— Aqui temos o que procura! — avançou o funcionário, quando chegou perto dele. — O senhor tinha referências muito claras. Se fosse sempre assim, o meu trabalho seria muito mais fácil.

— Muchas gracias.

— Pode ficar sentado à vontade, mas peço que tenha cuidado ao manusear os livros — pediu, fazendo uma expressão pesada e solene. — Não são originais, mas todo o cuidado é pouco. Se não for intromissão, posso perguntar qual a razão do seu interesse?

— Sou argumentista de televisão! — mentiu Filipe, lembrando-se de repente. — Estou fazendo umas

investigações sobre o tema.

— Ah, muito bem! — comentou o empregado com satisfação. — Fico muito contente pelo fato de os nossos vizinhos brasileiros estarem interessados na nossa História.

Filipe sorriu e o senhor afastou-se logo a seguir. Ia dizer que não era brasileiro, mas sim português, porém desistiu. Não valia a pena. Sentou-se e olhou para os três livros. Escolheu o primeiro ao acaso. Tratava-se de um conjunto de fotocópias de manuscritos do século XVI, cobertos por capas de plástico. Estavam ordenados por datas, tal como Alberto dissera, e pelas referências do peruano, foi fácil encontrar o que procurava. O primeiro documento estava realmente escrito em português antigo e não era fácil de compreender. Não estava assinado, mas leu que tinha sido escrito em 1592 e que descrevia um grande combate a 15 léguas de Cusco. Depois de uma ofensiva em larga escala no Vale dos Reis, os incas, comandados pelo Inca Capac, tinham-se refugiado nas montanhas de cumes gelados e tinham passado a realizar ataques esporádicos, mas sempre com violência. A zona não estava segura e algumas caravanas de colonos tinham sido atacadas. Pelo que leu, os espanhóis julgavam tratar-se de pelos menos três centenas de guerreiros.

As páginas seguintes estavam quase ilegíveis, mas encontrou algumas referências a D. Miguel Alvarez de Toledo. D. Miguel fora gravemente ferido em combate nas montanhas e descansava em Cusco. O documento estava assinado por D. Rodrigo de Mascarenhas, e Filipe percebeu que fora ele quem comandara as tropas da Coroa em direção às montanhas. Mais de 150 homens tinham cavalgado atrás de si durante vários dias e noites até que, por fim, encontraram os revoltosos no planalto. Tinham conseguido chegar até ali sem serem detectados e derrotaram os revoltosos numa batalha sangrenta que durou quase um dia.

À medida que ia lendo, o português arcaico tornava-se

mais fácil. Filipe sentiu a pulsação aumentando. Achou que estava avançando nas pesquisas do pai e conseguindo ligar as várias peças soltas. Virou a folha e mergulhou de novo no texto. O documento seguinte relatava a construção de uma grande igreja na Plaza de Armas. Já estava em construção há alguns anos sob orientação dos jesuítas, mas teve de ser reconstruída mais tarde, depois de um grande terremoto. Tentou imaginar qual seria a igreja – talvez fosse mesmo a catedral da cidade. A folha estava assinada em 1591 e o nome de D. Rodrigo de Mascarenhas surgia com grande clareza.

As páginas seguintes não tinham qualquer referência aos dois homens. Estavam escritas em castelhano e descreviam instruções militares vindas de Lima e de Madri, inventários de mantimentos e de armas, e planos para a construção de habitações para os colonos e o restante da população. Uma das páginas, porém, chamou-lhe a atenção. Estava assinada por D. Miguel Alvarez de Toledo e datava de abril de 1604. Relatava os feitos de um cavaleiro português que, por um acaso do destino, tinha ficado à sua guarda. Falava como se a sua vida tivesse mudado desde que tinham se conhecido, descrevia as aventuras do dito cavaleiro no Reino, no Panamá e no Peru, e terminava de um modo estranho: D. Miguel agradecia a sua amizade e tudo o que lhe ensinara ao longo dos anos.

Filipe percorria as páginas rapidamente, nervoso por pensar que podia perder alguma informação relevante e tomando notas acerca de tudo o que lhe parecia minimamente importante. Escrevia tão rapidamente que teve medo de não entender a sua própria letra depois. Passou mais de uma hora percorrendo os livros. Em todos eles, encontrou referências aos dois homens. Confirmou que ambos deveriam ter sido importantes na época. Descobriu várias referências a outros nobres. Leu uma carta de um nobre castelhano, dirigida a um primo que estava no Reino,

relatando que um padre de batina negra era o maior guerreiro que já tinha visto. O padre, de cabelos louros, parecia invencível, a pé e a cavalo, e teria seguramente a proteção de Deus, exclamava o nobre na carta.

Filipe lia num ritmo frenético. Olhou de relance para o relógio e viu que o tempo estava passando muito depressa. Agarrou no último livro e rapidamente descobriu que as referências eram relativas a muitos anos mais tarde. Foi passando as páginas, uma após outra, e todas eram dos anos 40 e 50 do século XVII. A certa altura, encontrou uma carta em português. Ficou perplexo com o que leu. Estava assinada por D. Pedro de Mascarenhas e era datada de novembro de 1647. Tratava-se do relato de uma grande viagem pelo Pacífico. Aparentemente, um grupo de portugueses tinha atravessado o Oceano Pacífico, vindo da Ásia portuguesa em direção a Lima. A viagem tinha demorado anos e relatava a passagem por vários locais que lhe diziam alguma coisa: Makassar, Macau, Manila, Acapulco, Lima e Cusco...

O documento tinha várias páginas e podia ser lido facilmente. Folheou devagar cada uma das páginas e descobriu uma descrição pormenorizada de todos aqueles lugares. O grupo de portugueses tinha ficado durante muito tempo em alguns desses locais. Constatou que D. Pedro de Mascarenhas seria muito rico e que era tratado como um verdadeiro rei em muitos locais, mesmo onde a presença dos portugueses era quase inexistente, como Acapulco. Descobriu que Makassar protegia os portugueses e que o sultão tudo fazia para manter os holandeses fora da região. Descobriu também que Macau enfrentara vários cercos inimigos e que sobrevivera à loucura dos ventos, das chuvas e das perseguições que as forças do Xogun Tokugawa faziam aos comerciantes portugueses que arriscavam navegar nas águas japonesas.

Transcrevia o que podia para o bloco de notas. As

páginas seguintes não adiantaram muito, mas depois voltou a ler o nome de D. Miguel Alvarez de Toledo. À sua frente, tinha algo semelhante a um diário do nobre castelhano. D. Miguel tinha sido um nobre importante na Espanha, em Valladolid. Ficou surpreendido por saber que D. Miguel fora um distinto cavaleiro e um dos adjuntos do Duque de Alba, um dos grandes generais do rei D. Filipe II. Numa página mais à frente, vislumbrou a fotocópia de uma carta. O tom era muito formal e percebeu que se tratava de uma recomendação a alguém importante. Tentou encontrar alguma relação com o que procurava, mas não conseguiu ter a certeza. A assinatura era ilegível.

Compreendeu que D. Miguel tinha cometido uma falta grave ao apaixonar-se pela mulher de um nobre da corte, em Madri. Não sabia era exatamente o mesmo D. Miguel, que aquele homem tinha sido expulso do Exército espanhol, por desordem, em 1583. Tinha sido emitido um mandato de captura e D. Miguel desaparecera de Valladolid e Madrid. Compreendeu o que tinha acontecido. Leu um relato da fuga de D. Miguel da corte, com a ajuda de um padre, que fora perseguido mas nunca fora encontrado até ser visto em Sevilha. A carta estava assinada por D. Pedro Ybarra, um nobre de Sevilha que relatava que um fugitivo de Valladolid e um padre que o acompanhava tinham embarcado num navio com destino ao Panamá.

— Desculpe incomodar! Mas estamos fechando... — interrompeu um jovem mestiço, com um leve sorriso nos lábios, tentando ser simpático. — Já passou da hora e temos mesmo que fechar...

— Fechar? Já...? — soltou Filipe, olhando para a documentação que estava disposta na mesa. Queria saber mais, tinha de saber mais, não podia esperar mais. — Mas vai ter de fechar já?

— Sim. Fechamos às 19h! — informou o jovem com uma

expressão triste. — Mas amanhã abrimos às 10h da manhã. Pode continuar a pesquisa com mais tempo...

Filipe foi o último a sair do Arquivo Colonial. Já era noite e estava muito frio na cidade. Um tremor percorreu-lhe o corpo e só então sentiu uma fraqueza enorme. Lembrou-se que não tinha comido desde manhã. Percorreu a calle Tucaman e chegou ao coração da cidade. O ambiente na Plaza de Armas estava ligeiramente mais calmo, mas os ensaios para o Festival do Solstício continuavam. Atravessou a *plaza* e dirigiu-se para as arcadas. Mas o seu pensamento estava muito longe de Cusco. Não conseguia deixar de pensar em Rodrigo de Mascarenhas e Pedro de Mascarenhas! Tinha certeza que o seu pai estivera investigando a vida daqueles homens e que de algum modo eles estavam ligados à *Flor do Mar*...

Capítulo 5

GOLFO DO SIÃO, 20 DE ABRIL DE 1594

“A FAMOSA CIDADE DE
MALACA ESTÁ A DOIS GRAUS E
MEIO DA LINHA DA BANDA DO
NORTE, NA COSTA DA TERRA
FIRME DO GRANDE REINO DO
SIÃO, NO MEIO DO ESTREITO
QUE SE FAZ ENTRE ELA E A
NOTÁVEL ILHA DE SAMATRA,
SITUADA NA BOCA DE UM
PEQUENO RIO, POR ONDE
ENTRAM AS ÁGUAS DO MAR, À
MANEIRA DE UM ESTEIRO, QUE
FICAM FAZENDO UM FAMOSO
PORTO CAPAZ DE UM
GRANDÍSSIMO NÚMERO DE
NAVIOS DE TODA A SORTE.”

*Escritor anônimo, Cidades e Fortalezas,
Capítulo 13*



amião de Brito fez uma pausa para ganhar fôlego e baixou ligeiramente a espada. Estava cansado, mas sabia que estava vencendo. Fitou o seu adversário de alto a baixo, também ele ofegante. Era um canarim⁷ muito alto, de pele dourada e corpulento, com uma barba farta muito preta. Espadachim de respeito, combatia sem parar, mas tinha sido surpreendido por mais de uma vez. Força era o que não lhe faltava. Suava abundantemente e mantinha o sabre em punho, muito firme, apesar de estar ferido e de ter a camisa visivelmente ensanguentada.

Os dois homens trocaram olhares fulminantes e avançaram um contra o outro quase ao mesmo tempo. Mas Damião foi de novo mais rápido. Com a mão esquerda, tirou o punhal escondido na cintura e, num só golpe, atingiu o adversário. Perfurou as costelas do canarim com força, até o fundo, e depois torceu o punhal. O homem não aguentou o golpe e berrou de dor. Susteve-se, o sabre soltou-se-lhe das mãos e depois caiu de joelhos no convés, ainda com vida. Damião de Brito fixou os olhos nele, limpou o punhal sujo de sangue e guardou-o de novo na cintura. O canarim contorcia-se de dor e lutava pela vida, mas Damião sabia que o fim

estava próximo. Já tinha executado aquele golpe demasiadas vezes para não o saber. Num movimento rápido, voltou a perfurar o corpo do adversário, mesmo ao encontro do coração, e pôs fim ao sofrimento.

Damião de Brito olhou em volta e concluiu que estava na hora. A nau era consumida pelas chamas, perto da popa, e, pela inclinação, suspeitava que deveria já ter água em seu interior. O ataque à “Vera Cruz” durava há muito tempo. Berrou para os seus homens, ordenando-lhes que se retirassem sem atropelos. Tinha razão para estar satisfeito. A carga da “Vera Cruz” era tão valiosa como imaginara – vários baús repletos de moedas de ouro, porcelana da China e lingotes de prata do Japão.

Sabia que os seus homens ainda não tinham conseguido retirar toda a carga do porão, mas não podia esperar muito mais. O sol já tinha nascido e o número de baixas era muito elevado. Damião conseguira vencer o possante canarim, mas sabia que isso não era suficiente. Olhou para a proa e voltou a ver o português em movimento. O ataque não decorrera como esperado por causa daquele homem alto, de cabelos ruivos, que manejava a espada como se ela fizesse parte do seu próprio corpo e que já tinha tirado a vida de pelo menos dez burmaneses⁸, continuando a investida sem que nada o conseguisse suster. O próprio Damião de Brito tentara derrotar aquele homem, mas tinha sido ferido num braço num golpe de espada. Percebeu que o risco era elevado e afastou-se. Assim que lhe foi possível, Damião escapou para o outro lado do navio e disse aos homens para se apressarem. Sentiu que se não se retirasse rapidamente o sucesso da investida poderia estar em perigo. Nada parecia deter aquele português.

— Homens, depressa! — berrou, esbracejando com fervor. Sentiu uma dor aguda. O embate com o português, seguido do combate com o canarim, não o deixara ileso.

Tinha um fio de sangue a escorrer do braço, que cada minuto que passava se tornava mais grosso.

Distinguii vários corpos de chinchéus⁹ e jaus¹⁰ ao longo do convés e apercebeu-se que poucos portugueses continuavam combatendo. Ele próprio tinha tirado a vida ao comandante do navio, um casado de Goa, quando este se recusara a render-se. Ao fundo, o homem ruivo continuava a lutar sem parar com um dos homens de Damião de Brito. O burmanês lutava com esforço, baixando a espada constantemente e tentando escapar ao combate. Estava visivelmente cansado. Damião pensou que deveria chamá-lo, ordenando-lhe a retirada, mas não foi a tempo. O homem ruivo susteve o avanço do burmanês com facilidade e, no golpe seguinte, decapitou-o. Damião viu a cabeça caindo no convés e engoliu em seco. A raiva e a força daquele europeu eram assustadoras. Parecia que não se cansava. Damião nunca tinha visto um espadachim assim, nem mesmo nos seus tempos de Goa.

Olhou para o sol, que já ia alto, e pensou que não podia esperar mais. Ordenou que incendiassem as velas brancas com a Cruz de Cristo e, depois, deu o último grito. Saltou para o seu navio e percebeu que os homens tinham conseguido retirar várias dezenas de baús cheios de riquezas. Pouco depois, a *Vera Cruz* tinha as velas a arder e os últimos homens retiravam-se da nau portuguesa rapidamente. O fogo propagava-se com intensidade e Damião ordenou que cortassem as amarras, dando ordem ao contramestre para rumar a nordeste. Olhou uma última vez para o convés da *Vera Cruz* e procurou o homem ruivo com o olhar. Não o conseguiu vislumbrar e pensou que, afinal, um dos burmaneses tinha conseguido derrotá-lo. À medida que o navio se afastava em direção a Arakan, Damião de Brito começou a relaxar. Sentou-se perto do piloto, afagou o bigode e observou o que se passava em seu redor com um

pouco mais de calma. Estava satisfeito. Tinham conseguido trazer grande parte da carga da *Vera Cruz* e, por isso, o ataque fora de algum modo compensador. Os seus homens ficariam, também eles, satisfeitos! Assim como Arakan...

— Acordai, homem! Tendes de comer!

O homem ruivo não se mexeu e parecia que não respirava. Quase todos os presentes na sala julgavam-no à beira da morte e mal tinham uma expressão pesada. D. Diogo de Resende, primeiro oficial da Fortaleza de Malaca, sabia que ele estava vivo e que respirava profundamente. Desde que vira aquele homem, inanimado, desembarcando no porto da cidade, que um pensamento não lhe saía da cabeça. Conhecia aquele rosto, mesmo que estivesse tão diferente após tantos anos e que as suas feições estivessem parcialmente escondidas por detrás de uma densa barba ruiva.

O homem ruivo estava semi-inconsciente há mais de três dias, sem emitir qualquer palavra. Os religiosos de D. João Ribeiro Gaio¹¹ tinham cuidado dele com apreço e alimentavam-no com canja de galinha. O homem sorvia o caldo quase inanimado, mas tinha apetite e parecia que lutava pela vida. Os ferimentos do braço e da barriga estavam visivelmente melhores e a inflamação parecia retroceder. Mas o ar era pesado e um odor a suor misturado com excrementos humanos incomodava todos os presentes.

Os feridos da *Vera Cruz*, proveniente da cidade de Macau, estavam sendo tratados no Hospital Real, no Hospital dos Pobres, bem como nos aposentos adjacentes à Igreja da Misericórdia, na rua Direita. D. João Ribeiro Gaio tinha conseguido manter a situação controlada, apesar da idade bastante avançada. Das duzentas pessoas a bordo,

mais de metade tinha morrido nas mãos dos piratas. Uma autêntica selvageria! Todos suspeitavam que Damião de Brito estava por detrás daquele ataque ao navio da Coroa. Tinham chegado mais de cinquenta feridos a Malaca. A maior parte deles já se encontrava fora de perigo de vida e muitos tinham dado a sua versão dos acontecimentos às autoridades portuguesas. A maioria das testemunhas descrevera o líder dos piratas como um europeu de bigode fino e nariz pontiagudo, que trajava vestes burmanesas. A descrição condizia com Damião de Brito e na Cidadela comentava-se que o Capitão-Mor sairia finalmente em sua perseguição, especialmente tendo em conta os elevados prejuízos do último golpe. Havia rumores que Damião de Brito estava protegido pelo sultão de Arakan, com o qual os portugueses tinham relações instáveis. Mas não havia provas e tanto Goa como Malaca hesitavam em intervir.

D. Diogo de Resende mantinha uma expressão pesada, mas não pensava em Damião de Brito. Há muito que sabia que aquele mercenário renegado estava por detrás dos ataques *feringgis*¹² a navios indefesos em alto-mar. O seu pensamento recaía sobretudo sobre aquele homem ruivo que ali estava deitado, indefeso e inconsciente. D. Diogo descobriu cedo que poucos homens a bordo o conheciam. Alguns sobreviventes afirmaram que ele tinha embarcado em Nagasaki, outros que tinha sido contratado no porto de Macau pelo próprio comandante da nau, por ter experiência de mar. Mas D. Leonardo Pinto, o comandante da *Vera Cruz*, havia perecido em combate e nada podia contar. Aparentemente, tratava-se de mais um aventureiro português que vagueava pelas Índias ao sabor do destino e do dinheiro, como tantos outros que tinham deixado o Reino para trás. Mas o que todos os sobreviventes da *Vera Cruz* tinham afirmado, sem exceção, foi que aquele homem conseguira derrotar os piratas burmaneses quase sozinho.

Uns contaram que ele tirara a vida de mais de vinte piratas e que lutara com o próprio Damião de Brito. Outros revelaram que Damião de Brito, ao concluir que era incapaz de o vencer, resolveu retirar-se e levar apenas parte do saque.

— Tendes de comer, homem! — avançou de novo D. Diogo, aproximando-se um pouco mais, tocando-lhe levemente no rosto e incentivando o frade que mantinha a colher de canja em punho, na esperança de alimentar o ferido aos seus cuidados.

O homem ruivo abriu os olhos com dificuldade, mas o olhar pareceu não se focar em coisa nenhuma. Lentamente, tentou mover a cabeça em redor e fixar as pessoas que o cercavam, mas, pela sua expressão, todos compreenderam que ele estaria sofrendo, com dores.

— Tendes de resistir! — insistiu de novo, elevando um pouco a voz. Os frades tinham dito que aquele homem não tinha aberto os olhos uma única vez, mas que tinha conseguido sorver canja de galinha e que isso era um bom sinal!

— No tengo hambre — respondeu o homem ruivo, com uma voz cavernosa.

Os homens dignos presentes no quarto entreolharam-se, não conseguindo disfarçar o espanto. Estavam na presença de um castelhano que estivera a bordo de uma nau de Carreira. As Cortes de Tomar de 1581, durante a aclamação de D. Filipe I como rei de Portugal, tinham declarado que o comércio da Índia e da Guiné apenas poderia ser feito por portugueses. Pelo olhar, D. Diogo percebeu que todos se questionavam sobre o que aquele homem estaria fazendo ali, mas nenhum dos presentes teve coragem de fazer tal pergunta em público. O próprio D. Diogo tinha ficado atordoado e, por momentos, pensou que estaria equivocado.

— Mas necessitais comer! — avançou D. Diogo com menos insistência, tentando mostrar alguma coragem face

aos presentes. — Já não comeis há vários dias...

— Precisais de vos alimentar — reforçou D. Nuno de Heredia, um dos homens mais próximos do Capitão-Mor e um dos adeptos mais fervorosos de uma expedição para capturar Damião de Brito. Estava ansioso com aqueles acontecimentos e queria interrogar aquele homem para compreender o que tinha acontecido com o flagelo dos mares. — Tendes de combater a doença!

O homem ruivo abriu de novo os olhos com grande esforço e conseguiu mantê-los abertos. Fitou cada um dos presentes com alguma atenção. O corpo estava tenso, o olhar tremia-lhe, mas o cansaço e a dor fizeram com que deixasse cair a cabeça nos lençóis empapados da cama. Pensou que estava tendo mais um pesadelo, mas pouco depois teve a consciência de que estava acordado.

— Estamos em Ollaytambo? — questionou, com os olhos cerrados, como se recusasse estar acordado.

— Não. Estamos em Malaca! Na feitoria de Malaca, terra de El-Rei D. Filipe I!

— Malaca?

— Sim, Malaca! — respondeu D. Diogo, tentando descortinar um olhar conhecido, uma voz que ouvira em outros tempos, alguma coisa. Mas nada. Nem um só sinal. — A *Vera Cruz*, proveniente de Macau, ancorou no porto da cidade há quatro dias. Foram atacados por piratas burmaneses perto da ilha de Cingapura, mas pelo que ouvimos, Vossa Senhoria, sozinho, ceifou a vida a uma quantidade imensa deles.

O homem ruivo tentou balbuciar algo, mas não foi capaz de dizer nada. Voltou a cerrar os olhos e depois, em esforço, conseguiu questionar:

— E a nau?

— A *Vera Cruz* foi parcialmente reparada e zarpou para Goa com a carga de El-Rei que restava, e com alguns

sobreviventes e pessoas de Malaca. Nesta altura, já deve estar do Achém — informou D. Nuno, aproximando-se do doente, esquecendo por momentos o desconforto do odor da sala. — Estamos tentando compreender como é que a nau conseguiu chegar até aqui. De acordo com os testemunhos que nos chegaram, a maior parte das velas foi consumida pelas chamas e quase todos os portugueses a bordo perderam a vida durante o ataque dos piratas...

O homem ruivo assentiu. Suspirou e tentou mover-se. Interiormente pensou que queria ir para Goa, mas depois sentiu-se fraco e desistiu de falar. Relaxou os músculos e quase esboçou um sorriso.

— Qual é a vossa graça? — insistiu D. Nuno.

O homem ruivo não respondeu. Estava muito fraco e adormeceu quase imediatamente. D. Diogo voltou a olhar para as feições do homem e tocou-lhe de leve na barba, tentando descortinar algo de conhecido, muito embora indefinível. Sabia o que o instinto lhe dizia e sabia que normalmente o instinto não enganava.

— D. Diogo, conheceis este homem? — inquiriu D. Nuno, notando algo de estranho no olhar do nobre.

— Não, D. Nuno! — refutou D. Diogo, tentando disfarçar, coçando a barba branca. — Como todos vós, estava tentando compreender quem é este homem. Todos sabemos que ele salvou o navio, e que acabou por expulsar os piratas burmaneses, mas alguma coisa nele é difícil de entender.

— Disso ninguém tem dúvidas, D. Diogo — avançou D. Nuno, fazendo um pouco de troça e afastando-se da cama. Sentia uma ansiedade difícil de controlar e não conseguia disfarçar um sentimento de frustração por perceber que não tinha nada de novo para apresentar a D. Francisco da Silva de Meneses¹³. — Já todos concluímos que ele é castelhano.

Os homens dignos riram-se e foram abandonando os aposentos, um a um, deixando o doente descansar. D. Diogo

de Resende foi o último a deixar o quarto. Tinha o pensamento cheio de recordações e, por momentos, lembrou-se dos combates que travara anos atrás no Norte de África, principalmente em Mazagão. Tão longe isso estava de Malaca. Aquelas lembranças pareciam ser muito longínquas e distantes, mas sabia que tinha vivido aqueles tempos. Outros tempos! Fechou a porta do quarto e afastou-se para o corredor, seguindo os restantes nobres da cidade até o pátio da igreja.

O homem ruivo só acordou na manhã seguinte – sobressaltado, com falta de ar e com a garganta seca. Tivera de novo um pesadelo muito real. Sonhara com o homem que matara, há uns anos, no rio Urumbamba. Soubera que ele era um seguidor do líder inca Tupac Amaru I, que tinha sido capturado e decapitado cerca de vinte anos antes, em Vilcabamba. Lembrava-se disso perfeitamente. Tinha cavalgado pelo Vale dos Reis durante dias e conseguira encontrá-lo perto da margem do rio. Esperou que ele ficasse sozinho para então avançar. Atacou-o de surpresa e conseguiu imobilizá-lo com as mãos já dentro d'água. Agarrou-o pelo pescoço e tentou desgastá-lo, mantendo-lhe a cabeça debaixo da água para o afogar, mas o inca resistiu com força. Não obstante, tinha sido mais forte. Em menos de dois minutos, o inca morreria afogado pelas suas próprias mãos.

Abriu os olhos e tentou lembrar-se onde estava. Compreendeu que estava deitado na cama de uma divisão escura, de paredes altas de pedra. Sentiu calor e afastou os lençóis. Estava sozinho e o único movimento que vislumbrou foi o de uma pequena chama que consumia a vela num candelabro, no canto do quarto. De repente, susteve todos os movimentos. Ouviu a porta do quarto rangendo e depois viu que ela se movia lentamente. Fingiu estar ainda dormindo, mas viu que um frade tinha entrado no quarto com passos

silenciosos. O frade não olhou para ele e foi direito às velas do candelabro. Mudou-as em silêncio, sempre em passo leve e com um olhar concentrado. Mas depois, quando se preparava para sair, o frade notou pelos movimentos do homem ruivo que ele estava finalmente consciente.

— Como vos sentis? — perguntou o frade, aproximando-se. Tratava-se de um frade malaio, de pele escura, olhos rasgados e dentes muito brancos.

— Bien, gracias!

— Folgo em saber — assentiu o frade, com a mesma voz calma e um sorriso muito aberto. — Vou chamar D. Diogo de Resende. Ele pediu para vos falar assim que fosse possível.

D. Diogo de Resende bateu à porta do aposento pouco tempo depois. Quando entrou, percebeu que o homem ruivo já estava sentado na cama e com melhor aspecto. Tinha o porte direito, a cabeça ereta e um olhar fixo e atento a tudo o que o rodeava. Estava claramente mais senhor de si.

— Fico muito feliz por ver que estais vos recuperando. Não vos sentis melhor? — começou o nobre português, aproximando-se lentamente.

— Si, mucho mejor. Gracias. — agradeceu o homem, tentando esboçar um sorriso. Tinha voz grossa, e uma pronúncia estranha, que tanto poderia ser de Aragão como das Astúrias.

— Ainda bem. Estávamos preocupados com a vossa saúde. Aliás, penso que toda a cidade estava preocupada e contaram-me que várias preces foram rezadas por vós — comentou D. Diogo, já perto da cabeceira da cama, bem perto do rosto dele. Tinha várias perguntas para fazer, mas deveria fazê-las com cuidado. — Vós tivestes muita sorte...

— Estoy muy confuso... — confessou, esboçando um ligeiro sorriso. — O que aconteceu?

D. Diogo de Resende contou o que sabia pelos relatos dos sobreviventes. A *Vera Cruz* tinha sido atacada perto da

ilha de Cingapura por um navio pirata antes do nascer do sol. Nenhum sinal de alarme tinha sido dado, possivelmente porque os vigias teriam adormecido. Só quando os assaltantes estavam muito perto é que alguns tripulantes da *Vera Cruz* se aperceberam de que a nau estava prestes a ser abalroada. Depois do embate inicial, dezenas de piratas desembarcaram na nau portuguesa e dominaram rapidamente os pontos estratégicos, depois de um ataque sem dó e sem piedade. Todos os europeus a bordo tinham sido mortos no primeiro embate, exceto um. E que, graças à resistência desse europeu, os piratas tinham decidido abandonar a nau em meio ao saque.

— Não vos recordais disso?

— Vagamente! Lembro-me dos combates, de estar lutando com um europeu. Parecia que era ele quem comandava o ataque...

— Ainda vos lembrais desse homem?

— Sim, estive muito perto dele. Era bem mais baixo do que eu. Lembro-me que tinha nariz muito pontiagudo, olhos azuis e um pequeno bigode. Estava com vestes estranhas, mas era europeu e chegou a trocar algumas palavras comigo em português.

— Sim! — assentiu Diogo, como se tivesse ouvido o que queria. Há muito que sabia que Damião de Brito estava por trás daqueles ataques. Apenas D. Francisco da Silva de Meneses e Goa pareciam ter dúvidas. Mas não deixava de sentir alguma amargura. D. Diogo conhecera muito bem o pai de Damião de Brito. Tinham ambos combatido sob as ordens de Ruy de Sousa e Carvalho em Mazagão, no norte da África. Manuel de Brito salvara-lhe a vida por mais de uma vez, durante o cerco de 1562, quando um exército de 150 mil muçulmanos tentara expulsar os portugueses da cidade. — Ele chama-se Damião de Brito! É português, nascido em Lisboa, mas embarcado na Índia há muitos anos. É o

comandante renegado de uma armada de Feringgis e burmaneses a mando do sultão de Arakan.

— Arakan? — questionou o homem ruivo, abismado. Nunca na vida tinha ouvido aquele nome.

— Normalmente opera no golfo de Bengala, mas já foi visto muitas vezes depois de Cingapura, no golfo do Sião — contou D. Diogo. — Infelizmente, é dos melhores combatentes jamais vistos em toda a Insulíndia.

— Maneja a espada com destreza, por certo. Mas mostrou ser covarde, porque fugiu ao combate — observou o homem ruivo, com um tom de voz um pouco mais carregado. — É um pirata?

— Sim, pode se dizer que sim! É um mercenário português, condenado à revelia nos tribunais de Goa, mas que continua em liberdade, como pode ver... — explicou D. Diogo. Apesar das suspeitas que recaíam sobre Damião de Brito, a verdade é que a armada do Vice-Rei nada fazia para pôr fim às suas ações. Por momentos, Diogo pensou que o ataque à *Vera Cruz* iria mudar a posição de Goa. — Os relatos das façanhas de Damião de Brito percorreram os mares da Índia e da Insulíndia. Ele já saqueou vários navios portugueses, especialmente os que proveem de Macau...

A China e o Japão viviam em forte hostilidade desde o início dos anos 1540 e tinham cortado relações diplomáticas uns anos mais tarde. Por isso, os portugueses faziam a ponte entre as duas nações, num regime de quase monopólio comercial, usando Macau e Nagasaki como entrepostos. Duas pequenas aldeias de pescadores tinham se transformado em locais cosmopolitas, cheios de vida e de riqueza. Macau emergia como um porto de abrigo que atraía comerciantes e aventureiros e, em poucos anos, transformara-se numa das maiores cidades portuguesas do Oriente, com mais de cinco mil habitantes, entre os quais, quase mil portugueses.

Muitos navios portugueses dirigiam-se a Malaca, que servia de entreposto comercial, ao mesmo tempo que algumas velas seguiam depois para Goa e dali para Lisboa, especialmente com prata japonesa, porcelana chinesa e sedas compradas nas feiras bianuais do Cantão. Aquela era a rota mais lucrativa de todo o Estado da Índia, e os navios que vinham do Japão eram chamados de Navios de Prata. A riqueza a bordo das naus que navegavam naquelas águas era imensa e mais do que compensava a queda da fortaleza de Ternate anos atrás para o sultão Baas, depois de cinco anos de cerco. Malaca estava mais rica do que nunca...

— Damião de Brito está a par disso. Ele sabe que as Carreiras de Macau e Nagasaki estão muito bem-armadas, mas que também transportam uma carga preciosa. É uma tentação muito forte... Desta vez, Damião de Brito foi longe demais...

O homem ruivo ouviu a explicação com interesse, com o olhar atento, mas sem conseguir disfarçar alguma perplexidade. Tinha estado apenas três dias em Macau e ficara fascinado com aquela terra. Pensara que poderia ser feliz ali, que os chinchéus consideravam os portugueses como amigos, mas algo lhe dizia que deveria continuar viagem.

Parecia mais calmo e D. Diogo olhou bem para ele. Era muito parecido com alguém que conhecera há muitos anos, mas estava muito diferente. Naquele momento parecia um homem, um homem maduro, que compreendia o que estava à sua volta e que parecia ser calculista.

— Peço desculpas, ainda não me apresentei. Chamo-me Diogo de Resende. Nasci no Reino, mas vivo em Malaca há cerca de vinte anos — contou num tom simpático e afável. — Qual é o vosso nome?

— Rodrigo! — respondeu o homem ruivo, tentando endireitar-se um pouco. Sentia o pensamento um pouco mais

claro e as nuvens do olhar dissipavam-se aos poucos. — Rodrigo de Mascarenhas.

— Mascarenhas é um nome muito português — comentou, franzindo a sobrancelha. — Conheço muitos Mascarenhas em Goa e Cochim, mas, pelo modo como falais, pensei que fôsseis castelhano.

Por momentos, o homem ruivo ficou nervoso e tenso, mas depois controlou-se e tentou relaxar.

— Sou português! Nasci em Tomar, nas margens do rio Nabão, afluente do rio Tejo.

D. Diogo assentiu com a cabeça, sorrindo, e tentou dominar o entusiasmo. O homem que ele conhecera no passado distante também era português, andara por Tomar, tinha algumas daquelas expressões e parecia igualmente tão seguro de si.

— Por favor, contai um pouco de vós... — continuou D. Diogo, no mesmo tom simpático e jovial. — Onde é que embarcastes na *Vera Cruz*? Em Macau, ou mesmo em Nagasaki?

— Embarquei em Macau... — confessou. — A nau estava atracada na cidade há vários dias e precisava de homens. Pagavam bem...

— Não conheço Macau nem as terras da China... — soltou D. Diogo, como se fosse por acaso. — Estivestes por lá muito tempo?

— Não. Tinha vindo de Manila e estive em Macau poucos dias — reconheceu, baixando o olhar, como que recordando aqueles dias. — Conheci o porto, a baía e pouco mais...

— Pelo que sabemos, ninguém a bordo vos conhecia até o momento em que defrontastes os piratas, quase sozinho, com tamanha valentia...

O homem ruivo esboçou um sorriso, mas depois soltou um esgar de dor, levando a mão às costelas. Agora lembrava-

se de tudo – do alarme inicial que o acordara de repente, do abalroamento e de vislumbrar os piratas voando na sua direção.

Bebeu um pouco de água, relaxou e contou um pouco de si. D. Diogo sentou-se à beira da cama e ouviu com atenção. Rodrigo de Mascarenhas vivera muitos anos em Castilla la Mancha, radicado num convento perto da cidade de Burgos, no norte de Espanha. Fora lá que encontrara o caminho de Deus e que tinha encontrado a sua vocação. Alguns anos mais tarde, mudara-se com alguns colegas religiosos para Valladolid, onde a corte passava algum tempo. Estivera lá muitos anos e fora lá que aprendera a vida prática e os prazeres da vida, incluindo a esgrima. Um golpe do destino tinha-o levado a embarcar numa nau em Sevilha, num contingente de padres missionários que havia assumido a missão de evangelizar os povos do Novo Mundo e do Vice-Reino do Peru.

— Sois religioso, portanto? — questionou, tentando disfarçar um sentimento de satisfação. A pessoa que conhecera no passado também fora muito religiosa, e tinha sempre colocado a vontade de Deus acima de tudo.

Rodrigo de Mascarenhas assentiu hesitante com a cabeça e depois recostou-se um pouco na cabeceira da cama. Sabia que era um religioso. Sentia-se como um padre, mas sabia que não tinha sido ordenado e que um padre não podia mentir. Depois pensou que omitir não era mentir. Era apenas ser reservado. Não contou por que tinha se mudado para Valladolid, não falou do seu grande amigo D. Miguel Alvarez de Toledo, nem das circunstâncias que o tinham levado a embarcar em Sevilha no primeiro navio que encontrou com destino ao Novo Mundo. Não contou que no convento lhe tinham dito que era português, nem que pouco ou nada sabia dele além da vida do convento de Burgos, nem que era fustigado por pesadelos constantes.

— Um padre que maneja a espada com a força de Deus...
— soltou D. Diogo, com o mesmo sorriso enigmático, passando a mão pela barba branca. — Um padre que viveu grande parte da sua vida em Castela e que, no entanto, se intitula português. Um português de Tomar.

Rodrigo compreendeu o que o nobre português queria dizer e sabia que ele tinha razão. Sabia que a sua vida não tinha sido fácil. Sentiu a voz a falhar, mas apenas por leves instantes. Depois, contou que tinha vivido vários anos no Vice-Reino do Peru, e em especial na cidade de Cusco. Tinha feito um pouco de tudo, fruto das circunstâncias. Tinha sido padre, professor, construtor de igrejas mas também um combatente e um líder militar em várias campanhas contra os revoltosos incas, que se escondiam nas grutas geladas das montanhas e na selva que se estendia depois da cordilheira.

— Daí saberdes manejar tão bem a espada...

Rodrigo assentiu com a cabeça de novo, mas sabia que não era verdade. Manejar a espada era uma das poucas recordações que sempre tivera. Mesmo antes de se recordar do seu nome. Tinha recordações muito nítidas quando era criança, quando a espada lhe pesava, quando lutava com os mais velhos, nos pátios e corredores. Já nessa altura, se sentia inseparável da espada.

— E por que decidistes embarcar para Manila? — arriscou D. Diogo, absorto com a descrição da vida daquele homem.

Rodrigo explicou que uma noite teve uma visão de Deus lhe ordenando que fosse evangelizar o Oriente, seguindo os passos de D. Francisco Xavier. Decidiu embarcar num galeão castelhano em El Callao com destino a Manila e, dali, tinha conseguido chegar a Macau, com a ajuda de alguns cristãos-novos portugueses. A viagem durara mais de um ano, mas ele vira e aprendera tantas coisas sobre povos que não conhecia!

Os lábios do homem ruivo tremeram, mas depois continuou a falar:

— Sinto-me um missionário sem destino. Quero espalhar a luz e o conhecimento de Deus. Saí do Vice-Reino do Peru porque queria estar mais próximo do meu país. E o meu país vai desde Tomar até Nagasaki, no Japão, e Salvador, no Brasil.

D. Diogo de Resende manteve um sorriso largo, parcialmente escondido pela barba. No entanto, estava confuso. Aquelas palavras tinham-no surpreendido e perguntou a si mesmo se estaria enganado.

Rodrigo continuou a falar de si e voltou a Macau. Na cidade tomaram-no com um dos muitos aventureiros europeus que por ali passavam. Soubera que havia falta de homens nos navios portugueses, especialmente de europeus. Durante os poucos dias que estivera em Macau, tinha visto que muitos navios eram inteiramente tripulados por escravos asiáticos e africanos, e que a maior parte dos pilotos e contramestres eram guzarates¹⁴ e quelins¹⁵. Adiantou que os poucos europeus que vira no porto da cidade tinham embarcado na *Vera Cruz*, a nau da Carreira que vinha de Nagasaki. Mesmo assim, a maior parte da tripulação do navio era constituída por gujarates, chinchéus, japoneses, jaus e, também, alguns casados ¹⁶ de Goa, incluindo o próprio capitão. Tinha sido aceito na *Vera Cruz* com destino à cidade dourada de Goa, com escala em Malaca. Tinham-lhe dito que seria uma viagem de muitos meses, dependendo das monções. Mas estava preparado e aceitou de bom grado. Deixava a aridez de Cusco cada vez mais para trás e os conventos de Castela pareciam já muito distantes para fazer parte da sua vida. Lembrava-se que se sentia um homem liberto de tudo e longe dos seus pecados. Tanto era assim que tinha cada vez menos pesadelos.

— E para onde ides? — perguntou D. Diogo de Resende,

fascinado com o que ouvia e sem rodeios. Simpatizara com aquele homem tão enigmático e que, por um acaso do destino, estava ali à sua frente. — Para Goa?

— Talvez. Não sei mesmo — respondeu Rodrigo de Mascarenhas, soltando pela primeira vez uma pequena gargalhada com esforço. — Sou um missionário de Deus sem destino. Irei para onde Deus, Nosso Senhor, me mandar...

Passaram-se cinco dias e Rodrigo de Mascarenhas conseguiu levantar-se. As febres e as dores de corpo já tinham suavizado e os ferimentos da batalha com os piratas burmaneses já não lhe doíam. Estava visivelmente de boa saúde, com força, e sentia uma curiosidade imensa em conhecer Malaca com os seus próprios olhos.

Quando Rodrigo e D. Diogo saíram para a rua Direita, foram rapidamente engolidos por uma multidão que passava, quer num sentido, quer no outro, para o exterior da Cidadela. D. Diogo tentou apagar Rodrigo, mas depois viu que ele estava restabelecido e que não precisava de ajuda para caminhar. D. Diogo estava contente por vê-lo com força e por perceber que ele absorvia a intensidade da cidade. Constatou que ele era mais alto do que parecia à primeira vista e que tinha uma figura que impunha bastante respeito.

Foram caminhando lentamente, desviando-se das pessoas como podiam. O nobre português explicou a Rodrigo que estivera alojado na Misericórdia da Cidadela, bem perto do Senado. Os feridos da *Vera Cruz* já se encontravam, na sua maioria, restabelecidos, depois de ter passado os últimos dias no Hospital dos Pobres, do outro lado da rua, e no Hospital Real, um pouco mais ao fundo. A rua Direita era paralela ao mar e era a artéria mais importante da cidade, onde se encontravam os edifícios e as

instituições públicas mais importantes. Ia desembocar na porta principal da Cidadela – Porta da Alfândega –, virada para o rio e para a ponte do rio que dava acesso a Tranqueira, o principal povoado nos arredores de Malaca. D. Diogo contou que ele próprio morava muito perto da rua Direita, do outro lado da esquina, numa casa doada pelo antigo Capitão-Mor da cidade, D. Aires de Saldanha¹⁷, em agradecimento pelos seus serviços ao Reino.

— Estais a sentir-vos bem? — questionou D. Diogo ao ver que Rodrigo parara por alguns instantes e que parecia quer agarrar-se a algo para se equilibrar melhor.

— Sim, D. Diogo! — respondeu Rodrigo, apesar de sentir leves tonturas. — Estou apenas abismado com tudo isso.

Malaca tinha uma vida que Rodrigo nunca vira, nem mesmo em Sevilha ou Valladolid. Vislumbrou homens e mulheres de todas as raças, num movimento incessante de cores e odores pairando no ar. O vento subiu pela rua e bateu-lhe no rosto. Mas aquela sensação era agradável. O vento não era frio, não era seco e não tinha poeira. Pelo contrário, era suave, quente e ligeiramente úmido.

A Cidadela era muito íngreme, desenhada na encosta de um monte, onde, no topo, assim D. Diogo o dissera, existia a igreja mais bonita da cidade. A igreja de São Paulo fora construída há várias décadas e era semelhante às igrejas que existiam no Reino. Ouviram os sinos tocarem do alto do monte, mas Rodrigo sentiu que ainda não tinha forças para chegar lá. Alguém se aproximou de ambos; depressa compreenderam que se tratava de um sobrevivente da *Vera Cruz*. Era um quemim que o tinha reconhecido e veio ao seu encontro para lhe agradecer. Falava um português estranho, mas que se entendia. Disse-lhe que ele era um verdadeiro herói, um verdadeiro descendente de D. Afonso de Albuquerque, e que a sua presença no navio tinha sido obra de Deus. Rodrigo agradeceu, atrapalhado, e depois sentiu-se

estranho. Por momentos, lembrou-se de quando voltara de uma emboscada nos Andes e tinha sido recebido em glória na Plaza de Armas de Cusco pelos nobres da cidade. Percebeu que tanto de uma vez como de outra ele tinha tirado a vida de dezenas de homens e que estavam lhe agradecendo por isso.

O quem afastou-se e desapareceu rapidamente na imensidão da multidão. Os dois homens voltaram para trás, caminhando lentamente ao passo de Rodrigo. D. Diogo falou então um pouco de si e contou que tinha chegado a Malaca no ano de 1575. Comandava um destacamento militar proveniente de Goa, que tinha vindo reforçar as defesas da cidade depois de três cercos sucessivos perpetrados pela Aliança dos Sultanatos do Achém, Johor e dos seus aliados.

— Ouvi falar dessa aliança a bordo da *Vera Cruz*! — atalhou Rodrigo, recordando-se das conversas dos guzarates. — Acho que se tratava de uma aliança islâmica, não é verdade?

— Sim, era exatamente isso. Foi criada nos anos 1560, e os dois sultanatos cercaram a cidade por três vezes, entre 1573 e 1575. O que os unia era a religião, mas o desfecho desses cercos acabou por ser o mesmo. Os dois sultanatos foram sempre derrotados e ainda hoje estão de costas voltadas.

D. Diogo lembrava-se muito bem dos seus primeiros tempos na cidade. Naquela época, Malaca respirava de alívio por ter sobrevivido a mais um cerco violento, mas estava esgotada, sem navios, sem soldados e com um grau de destruição muito grande. Todas as famílias tinham perdido um ente próximo nos cercos e o moral, mesmo entre os comerciantes, estava em baixo.

Contou que viveu tempos difíceis, perigosos, mas que assistiu ao renascimento de Malaca e que acabou por ganhar paixão por aquela terra. Em Malaca sentiu-se em paz, como

nunca se sentira. Mesmo quando a peste vitimou a sua mulher e suas duas filhas, não fugiu. E, por isso, quando a sua comissão terminou, resolveu ficar em Malaca, apesar de Deus o ter privado da família. Em poucos anos, passou a ser um herói nas tropas militares da cidade e, mesmo quando foi ficando velho, a imagem de herói militar não desapareceu. Os próprios capitães gostavam de o ter a seu lado e passou a fazer parte do círculo íntimo do poder da cidade, apesar da nomeação de um novo Capitão-Mor de três em três anos.

Os seus conselhos tinham sido cruciais para a vitória portuguesa no último cerco à cidade, em 1586, levado a cabo por um Exército colossal do sultão de Johor. As baixas tinham sido elevadas e até o próprio Capitão-Mor, D. João da Silva Pereira, enlouquecera. Contou-se nessa época que a população cometeu atos de canibalismo e o bispo da cidade, D. João Ribeiro Gaio, que assumiu o comando e salvou a cidade, com a ajuda decisiva de D. Diogo e dos casados. Depois de uma luta feroz, os portugueses conseguiram levantar o cerco e a contraofensiva foi violenta. Os portugueses dizimaram o Exército invasor e, depois, desceram o estreito e destruíram por completo Johor Lama, a capital do sultanato, nas margens do rio Johor. Desde esses idos dias que Malaca vivia em paz.

D. Diogo considerava Malaca a sua terra, apesar de ter nascido em Sines, como Vasco da Gama, e de ter saudades de Portugal de vez em quando. Mas isso acontecia apenas ocasionalmente. Para ele, o Reino estava muito distante. Tinha embarcado para as Índias no ido ano de 1572, pouco depois de ter saído de Mazagão, na época da transferência de Ruy de Sousa e Carvalho para Tânger. Já lá iam mais de vinte anos e nunca mais tinha regressado ao Reino.

Mas não gostava muito de falar dos seus tempos no Reino e por mais do que uma vez escapou às perguntas que Rodrigo lhe fazia. Preferia falar da sua cidade e fazia-o com

paixão, como se de um verdadeiro malaquense se tratasse.

— Depois do último grande cerco das forças aliadas de Johor, decidiu-se construir uma Cidadela fortificada, tal e qual as cidades europeias. Foi um grande projeto de um arquiteto que ficou famoso por estas bandas e que se chamava “Milanês”. Foi ele quem fez esta obra magnífica há cerca de dez anos — explicou D. Diogo, com entusiasmo, fitando um bando de corvos marinhos sobrevoando a cidade e que circulou por entre as muralhas para depois aterrar no topo da Igreja de São Paulo. — A cidade está protegida por muralhas com mais de um quilômetro de perímetro e lá dentro impera o progresso. Existem dois hospitais, cinco igrejas, colégios, palácios, prisões, a câmara municipal, todos os edifícios administrativos e, claro, a “Famosa” e a residência do Capitão-Mor. Malaca é a terra mais avançada de todo o mundo!

O aglomerado de casas de pedra e de madeira plantado ao longo da colina avistava-se bem longe, no horizonte. Mas o que mais sobressaía era a “Famosa”, a torre que tinha sido construída pelo próprio Terribel¹⁸ em 1511. Rodrigo teve uma sensação estranha ao deparar-se com aquela construção imensa de pedra. Nunca tinha visto uma torre tão alta, em que o topo parecia ser da altura do monte da cidade. Tinha quatro andares com várias janelas, um relógio bem por cima da janela mais alta, e estava protegida por uma cadeia de ameias no topo e várias bocas de canhão.

Os dois homens continuaram caminhando em direção à Porta da Alfândega e D. Diogo explicou que a Cidadela tinha quatro portas e seis baluartes. A Porta de Santiago dava para leste, para Banda Kaba, a Porta de Santo Antônio dava para o povoado de Hilir, a Porta da Alfândega saía para o rio e para Tranqueira e, finalmente, a Porta de Santo Domingos, que estava virada para o interior. Apenas as Portas da Alfândega e de Santo Antônio estavam abertas à circulação de pessoas.

A segurança era extremamente rígida em todas as portas, explicou D. Diogo. Às 18h, quem não tivesse passe já não poderia entrar na Cidadela e às 20h os canhões da fortaleza disparavam para o ar. Era o sinal de que as portas da Cidadela seriam fechadas e só voltariam a ser abertas depois do nascer do sol.

Malaca estava protegida por quarenta bocas de fogo e era uma cidade única no mundo. A milhares de quilômetros da Europa, Malaca era o centro do cristianismo na Ásia, à semelhança de Goa. Proliferavam as ordens dos agostinhos, dominicanos, franciscanos, bem como os jesuítas. Estava rodeada por infiéis e, talvez por isso, tinha-se transformado num lugar beatificado. Tinha sido elevada a cidade em 1552, diocese em 1558 e era famosa por ter sobrevivido a um tamanho número de cercos.

A cidade era grande e estendia-se depois das muralhas. Ao todo, três povoações surgiam ao longo das colinas.

A primeira, e a maior de todas, era o povoado de Tranqueira, chamada de Upeh nos tempos antigos. Tinha um formato retangular e era o principal bairro residencial de malaios, chinchés e jaus. Era o coração econômico da cidade e onde se situava o bazar dos jaus e o bazar dos peixes, perto da Igreja de Santo Estêvão. Era uma das zonas mais agitadas da cidade, especialmente nas alturas do mercado. Cada comunidade vivia no seu próprio campon¹⁹, mas o povoado estava ligado à fortaleza por uma ponta de pedra e era evacuada para dentro das muralhas sempre que Malaca era atacada.

O segundo era o povoado de Sabac. Tinha sido construído num terreno pantanoso ao norte do rio, fazia a transição para a savana malaia e era considerado as “traseiras da cidade” – poucos casados habitavam aquela região.

Finalmente, o povoado de Hilir, uma pequena aldeia à

beira-mar, povoada de coqueiros e jardins, onde moravam sobretudo jaus e indianos. Na sua maior parte, eram pescadores ou navegadores, mas a verdade é que cada vez mais casados viviam em Hilir. Muitos deles eram casados com mulheres indianas ou jaus de segunda ou terceira geração e já tinham algumas posses, devido à cultura do arroz, que fazia tanta falta à cidade.

Mesmo para o interior, as várias aldeias mais próximas da cidade, como Naning, não escapavam à influência dos casados portugueses. Também elas enriqueciam, ano após ano, com o crescimento da cidade e das necessidades de bens alimentares, especialmente arroz e vegetais. Os comerciantes e os agricultores faziam da cidade o seu ponto de escoamento, especialmente nos mercados de Tranqueira, e estavam sempre atentos à chegada de um novo galeão à cidade.

Malaca era tudo isso! Rodrigo de Mascarenhas compreendeu o quão diferente Malaca era de Cusco e de Manila. A vida era intensa e próspera. A cidade estava mergulhada na fronteira entre a civilização malaia e indiana e dizia-se que ali se falavam quase todas as línguas do mundo. Viam-se milhares de pessoas a acotovellarem-se na rua, negociando-se de tudo. A quantidade de mestiços, indianos, orientais e europeus era enorme e todos estavam bem-vestidos. Parecia não existir pobreza e a riqueza era visível por todo o lado.

Os dois homens transpuseram a Porta da Alfândega e Rodrigo avistou a ponte de pedra, deparando-se com o rio e a vastidão do mar. Teve uma visão arrebatadora. Dezenas de velas estavam ancoradas à volta da cidade, pequenas, grandes e de vários formatos. Reconheceu navios jaus, chinchéus e portugueses. D. Diogo contou que a maior parte da frota portuguesa que estava ancorada perto do ilhéu das Naus tinha acabado de chegar das ilhas Molucas, as ilhas das

especiarias, com um carregamento de cravinho. Outros navios tinham chegado de Goa, Nagasaki, bem como de Makassar, nas ilhas Celebes, e de Banda.

— Uma verdadeira fortuna, Rodrigo! — desabafou D. Diogo, num misto de orgulho e sarcasmo. — Muitos daqueles navios transportam produtos que são vendidos quase a peso de ouro em Lisboa ou em Flandres. Apenas acessível a reis e aos nobres mais abastados da Europa.

A Capitania de Malaca era a terceira maior fonte de rendimentos do Estado da Índia, logo depois de Sofala, em Moçambique, e da ilha de Ormuz, à entrada do golfo Pérsico. D. Diogo contou que Malaca vivia sobretudo da Carreira da China e do Japão, mas também do comércio com todo o Extremo Oriente, incluindo com o Reino do Sião. Malaca era o centro nevrálgico de todo o comércio da Insulíndia, especialmente do comércio de especiarias.

— Malaca, hoje, tem três rotas principais! — adiantou D. Diogo, parando à entrada da ponte de pedra. Os canhões já tinham disparado e a agitação era considerável, com muitas pessoas caminhando para a Cidadela. Não podiam demorar muito mais. — A Carreira de Macau é a mais importante, com porcelanas e sedas da China e prata do Japão. A segunda rota mais importante é a do Coromandel.

— Coromandel?

— Costa Oriental da Índia, especialmente São Tomé de Meliapor! — explicou D. Diogo, apontando para uma galeota bem próxima do Ilhéu das Naus. — De lá vêm os tecidos que normalmente são usados como troca pelos produtos da China e do Japão. E depois, claro, temos as drogas da Insulíndia, uma quantidade imensa de produtos exóticos, a maior parte desconhecidos dos europeus.

D. Diogo de Resende explicou que a pimenta era a maior fonte de rendimento da Coroa portuguesa. Só depois vinha a noz-moscada, a canela, o gengibre e o cravo-da-índia. Muitas

especiarias eram demasiadamente caras, mas mesmo assim o lucro era pequeno. As fontes das especiarias ficavam muito longe, a maior parte nas Molucas, e tinham elevados custos de manutenção, especialmente por causa dos fortes nas ilhas. Por isso, grande parte das especiarias era vendida em Malaca a comerciantes asiáticos e apenas uma pequena porção seguia para a Europa.

— Por essa razão, a Coroa acabou por concessionar grande parte das rotas intra-asiáticas. Foi pouco antes de eu ter chegado a Malaca. — continuou num tom reprovatório, não disfarçando o seu desacordo. — E para algumas pessoas isso é muito mais lucrativo do que o comércio entre a Europa e a Ásia, principalmente para o Capitão-Mor de Malaca...

— Para o Capitão-Mor? — questionou Rodrigo, estranhando.

— Sim, o Capitão-Mor tem direito a várias “viagens”. Quase vinte, se formos fazer as contas ao longo dos três anos de comissão. Com Sunda, Bornéu, Macau e, claro, com o Coromandel — adiantou D. Diogo num tom baixo, fazendo uma expressão séria. Fez sinal a Rodrigo para regressarem à Cidadela e depois continuou caminhando. — Em muitos casos, parece que essa é a principal razão para a sua vinda de Goa ou de Lisboa. Não tendes noção dos cruzados que isso significa...

Aquelas palavras não deixaram de surpreender Rodrigo. Pareceu-lhe uma acusação grave, especialmente tendo em conta o tom sarcástico que D. Diogo usara. Em Cusco ou em Lima, isso não o surpreenderia. Mas sem saber bem por quê, tinha a ingenuidade de pensar que o Império Português seria diferente. Que os homens tinham um código de ética e que acima de tudo estava Deus e a honra. Depois compreendeu melhor as palavras de D. Diogo.

A comissão do Capitão-Mor durava três anos e nesse período muitos deles obtinham rendimentos muito altos. D.

Diogo explicou que isso apenas dependia muito da ética de cada um. Vários capitães de Malaca tinham enriquecido com as “viagens a lugares”. D. Diogo de Resende tinha assistido a isso com os seus próprios olhos. Exploravam direta e indiretamente várias rotas que zarpavam ou chegavam a Malaca. Mas a realidade ultrapassava em muito as viagens. O Capitão-Mor, apoiado pelo feitor e funcionários do porto, instituíra regras na cidade, estipulava impostos e taxas alfandegárias, estabelecia limites de comércio e acesso às mercadorias. A tensão na cidade era muitas vezes incontornável. Havia fortes críticas aos capitães pela intromissão no comércio privado, quer dos casados, quer dos mercadores estrangeiros, sobretudo dos jaus. No fundo, o Capitão-Mor da cidade era quase como se fosse um senhor feudal, o verdadeiro rei daquelas terras.

— Lisboa é do outro lado do mundo, Goa está muito longe e nós estamos rodeados de infiéis. Temos que compreender! A situação não é perfeita, mas temos que admitir que a vida continua sorrindo para nós — defendeu D. Diogo, no mesmo tom sarcástico. — Perdemos o monopólio de algumas rotas mais lucrativas, como a de Banda e das Molucas para os jaus e a pimenta de Sunda para os chinchéus. Achém domina a rota da pimenta de Samatra e Johor ganhou influência comercial nos últimos anos, especialmente desde que desistiu de atacar Malaca. Mas o que resta é suficiente para todos: mais riquezas do que o Reino alguma vez já viu. Por isso é que Malaca continua a ser o destacamento ultramarino mais cobiçado. Alcançar este posto significa auferir muitos rendimentos e quase sempre acaba por ser, afinal, o último degrau antes de chegar ao Vice-Reino da Índia.

Já estava anoitecendo e os dois homens tinham chegado às portas da Igreja da Misericórdia. A conversa tinha sido longa e estavam ambos cansados.

— Agradeço-vos muito a vossa companhia, D. Diogo! — avançou Rodrigo, notando pela primeira vez a diferença de altura entre os dois. — Aprendi muito nesta tarde!

Os dois homens despediram-se cordialmente à porta da Misericórdia e combinaram encontrar-se no dia seguinte. Ambos tiveram a sensação que já se conheciam há longos anos, mas nenhum deles confessou tal coisa. D. Diogo sentiu isso com muito mais acutilância, pois já tinha tivera a mesma impressão em momentos anteriores. Voltou-se para trás para dizer isso mesmo, mas, quando o fez, Rodrigo já tinha entrado na Igreja.

No dia seguinte, Rodrigo saiu da Igreja da Misericórdia sozinho pela primeira vez. Assim que passou a Porta da Alfândega, susteve o passo. Olhou em volta e deparou-se com uma agitação inebriante. A ponte de pedra estava cheia de pessoas que pareciam vir de todos os cantos do mundo. Portugueses e outros europeus, casados mestiços, jaus, chichéus, indianos e malaaios. Ultrapassou a ponte e avistou uma construção que conhecia e que lhe trouxe recordações vagas. Um pelourinho. Distinguia-se de todo o resto, pela sua dimensão e construção de pedra, com a cruz de Cristo e a esfera armilar no topo.

Ao longe, perto da foz do rio, avistou uma paliçada de pedra ao longo da praia. D. Diogo tinha lhe dito que aquele muro fora construído pelos portugueses no próprio ano de 1511. Primeiro tinha sido construído em madeira, mas depois, com os cercos, fora reconstruído em pedra. A paliçada servia para proteger o bairro principal da cidade. E aquela também era a razão pela qual Upeh passou a chamar-se de Tranqueira.

Rodrigo aventurou-se pela Travessa do Bendara e perdeu-se nas ruas do povoado. O bairro estava repleto de palmeiras e orquídeas e ali vendia-se de tudo um pouco, mas o que se via mais era arroz. A azáfama era grande e, ali bem

perto, um grupo de malaiois descarregava várias sacas de arroz.

Deixou-se ficar ali por instantes, simplesmente observando o mar. Contou mais de vinte juncos flutuando, a uma distância muito próxima. Olhando para o horizonte, avistou várias velas portuguesas, mas depois concluiu que muitas tinham levantado ferro nas últimas horas, porque tinha contado muito mais embarcações no dia anterior. Uma das velas perto do Ilhéu das Naus era a galeota de um dos portos do Coromandel e os escravos ainda desembarcavam peças de tecido sob o olhar atento dos feitores portugueses. Quando os botes chegaram à terra, a confusão instalou-se na margem, perto da ponte da Alfândega. De repente, sentiu-se apertado. Sentiu que o povoado era pequeno demais para acolher tanta gente e viu que muitos tecidos eram comprados logo na praia. Nunca tinha visto tecidos daquelas cores. Amarelos, azuis, vermelhos, cores berrantes, cores que ficavam gravadas na memória. Um odor intenso atravessou a rua e Rodrigo imaginou que provinha das especiarias e drogas que se vendiam no povoado. A vida naquele recanto, encravado entre o rio e a praia, inebriava-o. Homens, mulheres, velhos, novos, europeus, asiáticos, todos procuravam um lugar naquela cidade de mil cores e mil línguas.

Regressou à Cidadela, mas a ponte da Alfândega parecia intransponível, e desistiu. Subiu um pouco a margem do rio em direção ao pelourinho e foi ficando ligeiramente mais fácil caminhar pela rua. De repente, sentiu o olhar preso. Procurou o que lhe teria chamado a atenção no meio das pessoas, à sua volta. Como se estivesse dominado por magia, o seu olhar pousou numa mulher de cabelos negros compridos, vestida com tecidos de Coromandel, numa mistura de azul com vermelho forte. A mulher comprava frutas numa das bancas do mercado e estava acompanhada

por outras duas mulheres, todas esplendorosamente vestidas. Ficou ali parado, fitando os seus movimentos. Viu as mãos pequenas pegando nas frutas, os braços finos, reluzentes, que sobressaíam do vestido, e os movimentos afastando parcialmente os cabelos compridos. Várias pessoas passaram por ele, tapando-lhe por momentos a visão, e outras que deram-lhe encontrões em passo apressado. Rodrigo nada sentiu. Parecia enfeitiçado. Tentou descobrir a face daquela mulher, mas os cabelos negros e o movimento nas bancas de frutas não o permitiam.

Finalmente, percebeu que a mulher se afastava para o interior do povoado. Tentou caminhar mais apressadamente, mas as pernas fraquejaram, e voltou a se sentir tonto. Tentou ignorar o que sentia e continuou com esforço pelas ruas estreitas de Tranqueira, em busca da mancha azulada ondulante. Aventurou-se ainda mais para os arrabaldes da cidade, em direção ao campon Jaio. Ultrapassou a Igreja de Santo Domingo e depois virou para o campon Bandara, até chegar perto da Igreja de S. Tomé, construída em pedra e madeira. Pouco depois, conseguiu finalmente vislumbrar a face da mulher que perseguia. Estava mesmo à sua frente, a poucos metros, como se fosse um milagre. As suas feições eram um misto de malaia e indiana. Tinha pele acastanhada, nariz fino e olhos negros amendoados que o trespassavam com um olhar penetrante, que conjugava tristeza e curiosidade. Por momentos, Rodrigo sentiu que não respirava.

O sonho foi bruscamente interrompido pelo disparo de canhões vindo da Cidadela, e Rodrigo compreendeu de imediato o sinal. Hesitou. Olhou em volta e viu muitos europeus caminhando na direção das muralhas. A ponte ao fundo estava desimpedida. Tinha de voltar à Cidadela. Hesitou de novo e, quando se virou de frente, já não a encontrou. O vendedor quelim estava já atendendo outros

clientes e as três mulheres tinham desaparecido no meio da multidão com a mesma magia com que tinham surgido à sua frente.

Rodrigo baixou o olhar e pensou que tudo não tinha passado de um sonho. Contemplou de novo as muralhas e comprovou que estava acordado. Decidiu voltar à Cidadela. Ultrapassou a ponte e os sentinelas deixaram-no entrar na cidade sem hesitações, acima de tudo pela cor da sua pele. Depois, percorreu a rua Direita em passo apressado e subiu o monte em direção à Igreja de São Paulo. Chegou lá em cima cansado do esforço, mas mesmo assim passou pelo Convento dos Jesuítas e entrou. Assim que penetrou na igreja, sentiu-se mais calmo. Avançou pelo corredor central e sentou-se num dos bancos, defronte ao altar principal. Foi inundado por uma sensação de paz e conforto e, sem saber por quê, sentiu-se em casa. Contudo, o seu pensamento parecia prisioneiro e não conseguia esquecer as feições finas da mulher malaia de vestes azuladas. Fechou os olhos de novo e voltou a rezar.

Lá fora, D. Diogo de Resende procurava Rodrigo, acompanhado por dois soldados portugueses enviados por D. Francisco da Silva de Meneses. D. Diogo estava ciente do desconforto que grassava em algumas partes do palácio do Capitão-Mor e, por essa razão, resolvera interceder antes que fosse muito tarde. Todos na cidade estavam conscientes do papel de Rodrigo na defesa ao ataque pirata à *Vera Cruz*, mas existiam vozes, algumas delas com influência junto de D. Francisco, que viam D. Rodrigo como um castelhano. Os mais desconfiados, especialmente os funcionários da alfândega, viam em D. Rodrigo um enviado secreto de Manila à mais rica cidade da Insulíndia, e adiantavam que isso era contra os princípios do Tratado de Tordesilhas e das Cortes de Tomar. D. Diogo sentia que não existiam razões para tais preocupações. Conhecia Rodrigo há pouco tempo, mas tinha confiança no seu instinto e este dizia-lhe que podia

confiar no homem ruivo.

Um dos soldados informou-o que o castelhano tinha sido visto subindo o Monte de São Paulo, em direção à igreja, pouco depois do fechamento das portas da Cidadela. Os três homens subiram o morro até o topo e pararam à entrada da igreja. D. Diogo fitou a figura imponente ao fundo, perto do altar, e assentiu. Não se via mais ninguém na igreja. Mais uma vez sentiu que o seu instinto estava certo e que conhecia aquele homem de outros tempos. Talvez fosse o modo como Rodrigo rezava – não sabia. Estava também consciente de que, por enquanto, não podia pensar nisso. Estava decidido a não dar um passo em falso. Tinha de dar tempo ao tempo e deveria acalmar o Capitão-Mor.

— Fiquem aqui à minha espera — ordenou o velho nobre português, num tom de voz decidido.

Os dois soldados assentiram e D. Diogo avançou pela igreja. Benzeu-se perto do altar e depois aproximou-se de Rodrigo, que continuava sentado.

— D. Diogo? — questionou Rodrigo, meio assustado com a surpresa, quando se apercebeu da presença do nobre português.

— Rodrigo — avançou o velho nobre, sorrindo e pousando a mão no ombro do outro. — Estais melhor?

— Sim, muito melhor, obrigado.

— Estáveis a rezar?

— Sim. Gosto de estar perto da presença de Deus...

— Eu percebo! — assentiu, abanando levemente a cabeça, em sinal de compreensão. — Andava à vossa procura!

— Não sabia...

— Não havia modo de saber! — comentou D. Diogo, tentando ser divertido. — D. Francisco da Silva de Meneses mandou chamar-vos.

— Perdão?

— O Capitão-Mor da “Famosa” deseja ver-vos, Rodrigo — declarou, tentando disfarçar a gravidade da situação. — É importante que venhais comigo agora. Existem algumas vozes descontentes com a vossa presença. Pensam que sois um espião de Castela em terras de Portugal.

— Mas isso não é verdade!

— Eu sei, Rodrigo. Bem sei que não é verdade! — comentou, desenhando um trejeito com os lábios. — Por isso é muito importante que venhais comigo.

Os dois homens levantaram-se e benzeram-se antes de sair da igreja. Os soldados continuavam na entrada da igreja como se guardassem algo de precioso, mas depressa deixaram a sua posição e os quatro homens começaram a descer as escadas em direção à “Famosa”.

Entretanto, no outro lado do mundo, nas docas do porto de Amsterdã, três naus preparavam-se para zarpar em direção ao Sul, comandadas pelo almirante Pieter Keyser. Tentariam fazer algo que nunca ninguém tinha feito, além dos portugueses. Dobrar o Cabo da Boa Esperança e rumar ao Oriente, de que tanto se falava. Navegaram com a ajuda das estrelas, mas apenas 87 dos 240 tripulantes sobreviveriam e regressariam para casa, dois anos mais tarde. Mas o Mundo e a Insulíndia, em todo o caso, nunca mais seriam os mesmos...

Capítulo 6

CINGAPURA, 12 DE JULHO, 18H10

“NAQUELA NOITE, A NAU
BATEU NUM RECIFE E O CONVÊS
PARTIU-SE EM DOIS. NA FÚRIA
DAS ONDAS, A PROA FOI PARA
UM LADO E A POPA PARA O
OUTRO, E A NAU AFUNDOU.
ASSIM SE PERDEU UM GRANDE
TESOURO EM OURO E PEDRAS
PRECIOSAS, MAIOR DO QUE
ALGUMA VEZ TINHA SIDO VISTO
NA ÍNDIA.”

*João de Barros, Feitor da Casa da Índia
durante 35 anos, em Décadas da Ásia*



luz de fim de tarde era impressionante, numa intensa mistura de tons rosados, brancos e azuis. A umidade era profunda e Filipe sentiu que ainda não estava habituado. A viagem tinha sido longa, mas o banho de piscina refrescara-o e sentia-se repousado observando, dali do alto a agitação da cidade.

Do Fullerton Hotel, em pleno *financial district* da Cidade-Estado, Filipe tinha uma vista privilegiada. Sentado à beira da piscina, via o serpentear do rio de Cingapura, que formava ali uma pequena baía, antes de passar pela enorme estátua do Merlion, o leão-marinho, e entrar no mar. A baía estava circunscrita por duas pontes, uma delas ladeada por uma estreita terceira ponte pedonal metálica, mesmo defronte do hotel. Toda a margem estava coberta por pequenas casas de dois ou três andares, na sua maioria restaurantes e bares que davam vida àquela zona. Ao fundo, erguiam-se imponentes arranha-céus revestidos de vidro, numa conjugação de clássico e moderno, e num estilo que acabava por ser harmonioso. Do outro lado da margem, esse contraste era menos gritante, mas estendia-se mais no espaço. O estilo clássico da torre do relógio do Victoria

Theatre, da cúpula esverdeada do Supreme Court, e dos telhados vermelhos da Parliament House, contrastavam com os prédios altos, modernos, e envidraçados de bancos, hotéis e empresas. Não era a primeira vez que estava em Cingapura. Tinha estado ali cinco anos antes, quando trabalhava na Imperium, visitando vários clientes e com o objetivo de angariar mais capital para o fundo. A viagem tinha sido um sucesso, mas a verdade é que não tivera tempo para conhecer a cidade.

Combinara jantar com John McNamara em Chinatown. Fora John quem o contratara para a Imperium e como Diretor de Investimentos era o mentor de muitas pessoas do mercado em Boston. John era inteligente, agressivo e gostava de correr riscos. Mas saíra da Imperium pouco meses depois de Filipe ter entrado. Alegou motivos pessoais para sair de lá, mas Filipe percebeu que ele estava bastante desgastado pelo trabalho e que entrara em conflito com os acionistas principais do fundo. John contou-lhe que se tinha apaixonado por Theresa Eredia, natural de Cingapura, que havia sido despedida, e juntos tinham decidido voltar ao seu país. John nascera em Nova Zelândia, mas tinha vivido em Cingapura durante a sua infância e considerava aquela pequena ilha como a sua segunda pátria.

A Chinatown de Cingapura era um local intenso e diferente de tudo o que tinha visto. Não conseguia compreender bem por quê, mas a verdade é que era distinta das Chinatown que conhecia, especialmente nos Estados Unidos. Possivelmente, pelo fato de Cingapura ser majoritariamente uma cidade chinesa, muito embora com estilos bem diferentes. Boat Quay parecia uma China europeia, onde se respirava uma cultura financeira. Mas ali, naquele local, em contrapartida, sentia que estava imerso numa China tradicional, mas ao mesmo tempo pulverizada por malaio, indianos e europeus.

Um odor a fruta adocicada inundava o ar. O aglomerado de pessoas era imenso, rua após rua, esquina após esquina, e Filipe não conseguia andar direito. As crianças brincavam no chão, bicicletas circulavam em ambas as direções e inúmeros vendedores abordavam os transeuntes. No meio da multidão, vislumbrou John. Estava sentado à uma mesa ao ar livre, na esquina entre China Street e Pekin Street, num dos muitos restaurantes do Far East Square.

— John, my friend — começou Filipe, fazendo um largo sorriso.

— Fili, mate! — exclamou John, levantando-se e dando-lhe um abraço com força. John era uma pessoa exuberante, especialmente com as pessoas de quem gostava. — Bem-vindo a Cingapura!

— Obrigado, John.

— Sente-se. Mas diga-me, como está? Está bem mais magro — opinou num tom jocoso, mostrando um largo sorriso. — O que aconteceu? Começou a fazer exercício e a deixar de beber?

Filipe contou em poucas palavras o que tinha passado nos últimos tempos. Os últimos meses na Imperium, a morte do pai e as férias que estava a fazer pelo mundo, sem um rumo bem-definido.

— Eu sei como é, Fili — compreendeu John, fazendo uma ligeira careta. — Trabalhamos no ritmo dos mercados financeiros, das cotações das ações, das notícias, dos clientes, nunca paramos. Vivemos sempre à procura de mais trabalho, de mais ideias, de novos investimentos, e as notícias nunca param.

A conversa foi interrompida pela garçonete, uma jovem chinesa de pele branca, traços muito finos e com o cabelo negro preso. Tinha um sorriso de orelha a orelha e vinha equipada com um aparelho eletrônico para fazer os pedidos.

— Muito boa-noite! Já viram o cardápio?

— Não se preocupe com o cardápio, Filipe! — atalhou John, bebendo o último gole de cerveja. — Temos comida portuguesa em Cingapura, mas acho que você não iria gostar. Aqui, o mais típico é o satay, Fili. Feito com porco ou frango. Fili, vai por mim...

Filipe riu-se das palavras de John e aceitou as sugestões. Satay para começar, logo seguido de um pratinho de peixe otak-otak e de outro de frango buah keluak.

— Típica cozinha peranakan²⁰, não é verdade? — brincou John com a garçonete, ao que ela sorriu de um modo ainda mais aberto.

— Sim, é uma boa escolha. E para beber, meus senhores?

— Duas Tiger Beers, das grandes! — avançou John de novo para a garçonete, piscando o olho. — Vai por mim, rapaz!

A garçonete sorriu de novo, afastou-se, mas voltou quase no minuto seguinte com duas grandes garrafas de cerveja.

— É ótimo que você esteja aqui em Cingapura, Fili — continuou John, bebendo mais um enorme gole de cerveja, como se não bebesse há vários dias. — Nem acreditei quando me telefonou. Vai ficar muito tempo?

— Dois dias apenas!

— Dois dias não são suficientes para conhecer Cingapura — avançou, elevando a voz. — A ilha é pequena, mas tem muita coisa para ver. E merece ser vista a pé, especialmente toda esta zona central. Na próxima, tem que vir com mais tempo e assim aproveita e conhece a Theresa.

Os amigos brindaram a uma próxima vez. Um desfile de crianças com máscaras chinesas passou perto da praça e foi seguido pelo olhar de centenas de curiosos. As crianças saltavam, dançavam e pulavam numa alegria estonteante, dando uma vida ainda mais agitada a todo o Far East Square. O satay chegou pouco depois. Tratava-se apenas de espetinhos de carne que, segundo John, deveriam se misturar

com um molho grosso de amendoim.

— Ainda bem que nos encontramos. Ia telefonar, e foi obra do acaso ter aparecido aqui em Cingapura. Queria falar com você sobre um assunto sério.

— O que se passa? — questionou Filipe, antevendo o que John ia dizer.

— Estou montando um hedge fund, com um amigo americano que também está aqui em Cingapura — avançou John, mergulhando mais um pedaço de satay no molho espesso amarelado. — Precisamos de uma pessoa como você, Fili. Conseguimos angariar quase “dois bi” de capital.

— “Dois bi” de quê? Dólares de Cingapura?

— Não, Fili. Euros!

Filipe encostou-se para trás e levou mais uma vez a garrafa de cerveja à boca. Dois bilhões de euros era muito dinheiro.

— De onde é que veio esse dinheiro todo?

— Dali! — apontou John para trás, sorrindo.

— Pode ser mais claro, John?

— Fili, estou falando das riquezas dos mercados emergentes — esclareceu, tentando fazer um ar mais sério. — O Sudeste Asiático está nadando em dinheiro. O mundo ainda não se apercebeu disso. Basta ver os preços das matérias-primas, conhecer o mercado e bater às portas certas.

— Impressionante, John. Isso é muito dinheiro! — soltou Filipe, ainda sem acreditar no valor. — O que planeja fazer com ele?

— O de costume! Equity, long short! — respondeu. — Também tenho os meus contatos na Europa. Claro que estou falando do Norte da Europa, principalmente. Por isso é que precisamos de uma pessoa como você. Uma pessoa que conheça o mercado e que tenha todo o networking no Sul da Europa.

— Sabe que não gosto de investir dinheiro tão longe.

— Mas não significa que precise ficar em Cingapura, Fili — advertiu, voltando a elevar a voz. — Pode ficar em Portugal! Teria autonomia total!

— Autonomia total, como?

— Somos todos profissionais seniores, com experiência de mercado e especialistas nas suas regiões. Eu vou ficar responsável pelo Norte da Europa, especialmente Inglaterra, Alemanha e Escandinávia. Você ficaria com o Sul da Europa e o meu sócio ficaria com a América do Norte. Os nossos clientes não querem investir em mercados emergentes, percebe? Nem mesmo na América Latina...

— Sim, eu entendo, querem diversificar — fingindo compreender, mas bastante cético com o montante de dinheiro que John tinha conseguido reunir. — Mas afinal, quem é o seu sócio?

— Possivelmente lembra dele! — continuou entusiasmado. Sabia que Filipe estava ficando interessado e sabia que quem já tinha trabalhado nesse mercado nunca deixava de se sentir atraído pela ideia de regressar. — É o Alan Burke. Trabalhava em Nova Iorque quando estávamos em Boston. Visitou-me várias vezes na Imperium.

— Não me lembro!

— Careca, óculos, um pouco mais velho do que nós, com um andar ligeiramente balouçante — descreveu John, sorrindo.

— Não me lembro mesmo! — rematou. Voltou a sentir-se na pele de um gestor de fundos. Era um convite tentador. Regressar ao mercado, ter um ordenado ao nível de Cingapura e viver em Portugal. Afinal, parecia tudo o que ele queria.

— É um projeto vencedor, diferente, único no mercado! — insistiu John no mesmo tom. — Pode fazer parte dele! Prometa que vai pensar no assunto, Fili!

— Prometo, claro!

— Eu sabia que não iria recusar — celebrou John com um sorriso vencedor, dando um tapinha no ombro do português. — Isso merece mais uma rodada, Fili!

Os dois amigos fizeram mais um brinde e esvaziaram as garrafas. A comida peranakan tinha sido um sucesso e os dois homens deixaram os pratos vazios. John pediu uma nova rodada de cerveja e continuou a falar de Cingapura. Além de ser um dos portos mais movimentados de todo o mundo, era um importante centro financeiro de toda aquela região e que atraía um grande número de expatriados.

— Agora lembrei-me de uma coisa — interrompeu Filipe, com uma cara séria, sentindo-se ligeiramente tonto. — A sua mulher é de ascendência portuguesa, não é?

John sorriu.

— A Theresa diz que sim. Eu não sei muito de História, Fili. Sabe que o meu ofício é outro. Mas a Theresa diz que Eredia é um nome muito comum em Portugal e os portugueses estiveram muito tempo nesta região.

— Eredia ou Heredia? — questionou, interessado.

— Não tem H. Mas você faz cada pergunta, Fili! — resmungou, em tom de brincadeira. — Já lhe disse! Da próxima vez que vier a Cingapura, o convidarei para ir jantar lá em casa e aí vocês põem o português em dia.

As duas garrafas de Tiger Beer chegaram e John nem deixou que elas tocassem na mesa. Não era todos os dias que tinha um amigo de Boston em Cingapura.

No dia seguinte, Filipe levantou-se cedo. Tinha a cabeça pesada e sentiu que bebera muito no jantar. Riu-se de si mesmo ao pensar que era uma daquelas manhãs em que juraria que nunca mais voltaria a beber. Dirigiu-se à piscina e sentiu-se muito melhor depois de mergulhar na água fresca e

dar umas braçadas. Tinha um encontro marcado no Norte da ilha, perto das Woodlands, e não podia chegar atrasado. Sentia uma grande ansiedade e sabia que aquele encontro com um historiador amigo do seu pai poderia ser decisivo para a sua investigação, tal como tinha sido a conversa com Alberto Blanco no Peru.

A viagem de táxi até as Woodlands deixou-o ainda mais ansioso. A estrada saiu da zona urbana e atravessou a floresta equatorial, subindo e descendo, quase como se estivesse numa montanha russa. Vislumbrou vários lagos que surgiam tão rapidamente como desapareciam por detrás da floresta. O taxista explicou-lhe que eram os reservatórios estratégicos do país, que Cingapura não dispunha de reservas naturais de água e que dependia em grande medida da Malásia, o que era considerado uma fragilidade nacional muito grande. Depois de seguirem por estradas sinuosas por entre a floresta luxuriante, o táxi abrandou e, finalmente, parou defronte de um portão metálico que parecia ser a entrada de uma grande propriedade.

— Tem certeza de que é aqui? — quis certificar-se, olhando em volta e procurando algo que identificasse o local.

— Sim, é aqui. Não tenho dúvida. Mendai Road, número 459 — respondeu o taxista em singlish²¹, apontando para o GPS, que indicava o endereço que Filipe tinha dado. — Tem certeza de que quer descer?

— Sim, se é este o endereço, então quero!

— Ok! Deixo-lhe um cartão meu, se me quiser chamar para voltar à cidade.

Assim que o táxi desapareceu na curva, de volta à cidade, Filipe foi cercado por um silêncio imenso, apenas interrompido pelo som das aves ao longe. Olhou em volta e teve a nítida sensação de que estava pisando numa estrada asfaltada que cortava uma selva imensa em que não se via vivalma. Perguntou a si mesmo se estaria na mesma ilha de

Cingapura, onde viviam milhões de pessoas em grandes condomínios compactos e onde tudo parecia correr a um ritmo frenético. Avançou até o portão e tocou a campainha. Para sua surpresa, a resposta foi imediata. O portão abriu-se automaticamente e Filipe entrou na propriedade, percebendo que era muito ampla. Caminhou por uma estrada de terra batida até a casa principal, localizada no topo da pequena elevação. À entrada da casa, vislumbrou uma senhora muito pequena e que olhava para ele fixamente, sorrindo.

— Bem-vindo, senhor! — cumprimentou a senhora. Era de idade avançada, baixa estatura e com uma mescla de feições chinesas e malaias.

— Boa-tarde. O meu nome é Filipe Silva e venho ver o professor Trindadi.

— Sim, eu sei. O professor Trindadi está à sua espera — informou a senhora, com um longo sorriso esboçado por entre a face enrugada. — Queira entrar, por favor.

— Obrigado.

— O senhor vem mesmo de Portugal Portugal?

— Portugal Portugal? — questionou Filipe, estranhando a repetição.

— Ou vem de Portugal Goa, de Portugal Macau, ou de Portugal Timor?

— Não, venho de Lisboa, Portugal! — respondeu, compreendendo a pergunta e assentindo com a cabeça. — Portugal Portugal!

— Oh, Lisboa! — suspirou a senhora, sem aliviar o passo. Entraram num grande hall de piso de madeira e depois numa ampla sala retangular, com portas envidraçadas, abertas para um imenso jardim de orquídeas. — Já ouvi falar muito de Lisboa. Tem um grande rio, não é verdade?

— Sim, é verdade. Chamava-se Tejo.

— Sim. Já ouvi falar muito do rio Tejo. O senhor professor fala muito dele. Por favor, queira sentar-se! —

convidou a senhora, apontando para um dos cadeirões da sala. — Eu vou chamar o senhor professor. Ele não deve demorar, pois está à sua espera. Entretanto, posso trazer-lhe algo para beber? Um chá do Ceilão com gengibre, talvez?

— Sim, muito obrigado — agradeceu Filipe, pensando no gengibre. Não sabia que se podia beber chá com gengibre, mas achou engraçado terem-lhe oferecido um chá tal como tinha feito Alberto Blanco em Pisac. — Um chá está muito bem, obrigado.

A casa do historiador era espaçosa, especialmente a sala retangular, mas como vários recantos. Tinha janelas corridas muito grandes que davam para o jardim, de onde emanava uma luz verde forte, contrastando com as paredes pintadas de um branco azulado. Ao fundo, na parede oposta às janelas, Filipe descobriu uma grande cruz de madeira e pensou que o professor deveria ser católico.

Aproximou-se das janelas e observou o jardim relvado e repleto de orquídeas – povoavam o jardim até o muro da propriedade e cada grupo parecia ter uma cor diferente. Olhando um pouco mais além, viu a floresta do local onde tinha passado de táxi e, por cima, um pouco mais ao longe, vislumbrou vários arranha-céus que surgiam do meio do nada. Imaginou que aqueles edifícios já estivessem em território malaio e pensou que deveria tratar-se de Johor Bahru, a segunda maior cidade do país, que vivia um pouco à sombra de Cingapura.

A senhora chinesa voltou pouco depois, trazendo uma bandeja com um bule de chá e duas xícaras. Colocou-as delicadamente em cima da mesa e voltou a acenar a cabeça e sorrir.

— O professor Trindadi já vem — informou no mesmo tom calmo. — Está fazendo uma ligação lá dentro, no escritório.

Fernand de Trindadi chegou pouco depois. Devia ser

ligeiramente mais velho do que o seu pai, mas parecia respirar saúde e simpatia, apesar das suas feições duras. Com pele escurecida, cabelo todo branco, olhos negros, rosto magro e amendoado, era sobretudo o nariz fino e o queixo que lhe davam uma feição europeia.

— Boa-tarde, senhor Filipe Silva — começou Fernand em português, estendendo-lhe a mão para o cumprimentar.

— Boa-tarde, professor Trindadi?

— Sim, muito prazer. Por favor, sente-se — continuou em português. — A sua mãe telefonou-me há poucos dias avisando que vinha. Sinto muito pela morte do seu pai.

— Muito obrigado.

— Fiquei muito triste com as notícias. Francisco sempre foi um bom amigo. Daqueles amigos que estão do outro lado do mundo, mas estão sempre presentes.

— Foi realmente uma surpresa para todos nós.

— Fez boa viagem até Cingapura?

— Sim, uma viagem longa, mas agradável.

Fernand verteu o chá para a xícara de Filipe e depois se serviu.

— Obrigado! — agradeceu Filipe, pegando na xícara de chá. — Tem uma casa muito bonita.

— Obrigado. Gosto muito da minha casa, é o meu refúgio. Afinal, precisamos de ter o nosso conforto, não é verdade?

Filipe bebericou o chá e de imediato sentiu o sabor forte. Não estava habituado. Devia ser do gengibre. A segunda tentativa correu melhor, mas ainda assim achou o sabor muito estranho e teve de fazer algum esforço para ser simpático e não desistir. Olhou em volta. Estava maravilhado com aquela casa. Transmitia-lhe um sentimento de paz, difícil de explicar. Era um misto de tons asiáticos com algo de familiar, talvez fosse a cruz do Cristo crucificado.

— E o senhor tem um português excelente!

— Ah, muito obrigado. O seu pai dizia o mesmo! — recordou sorrindo, o que não deixava de causar alguma estranheza, dado a expressão dura que tinha. — A minha família é de Malaca. Saímos de lá depois da Segunda Guerra Mundial e viemos para Cingapura. Ainda somos alguns portugueses vivendo aqui, mais de três mil. Muitos falam kristang²² em casa como os portugueses de Malaca, mas, ano após ano, sabe como é, os jovens mergulham cada vez mais nesta mistura tão poderosa que é Cingapura e o singlish vai tomando conta de tudo.

Filipe esboçou um leve sorriso ao perceber que o professor Trindadi se referia a ele próprio como português. Por momentos, lembrou-se do que John lhe dissera sobre a comida portuguesa, que pouco tinha a ver com ele. Naquela região, os portugueses eram uma amálgama de europeus, malaaios e chineses, que tinha sobrevivido aos séculos da História.

— Não sabia que ainda se falava português, depois de tantos anos...

— É admirável, não é? Mas sabe, ainda hoje existem muitos enclaves portugueses nesta região do mundo, desde Goa até Timor — continuou Fernand, com um ar suspeito. — Com a queda de Malaca, os portugueses começaram a desaparecer do Extremo Oriente. O seu pai era um dos maiores especialistas na História dessas pessoas. Ele dizia que eles eram os portugueses deixados para trás...

— Deixados para trás?

— Sim, ou, dito de outro modo, os portugueses que se deixaram ficar para trás na derrocada do império. Em Malaca, hoje são vistos como uma atração turística. São chamados “os filhos de Albuquerque”, mas existem outros menos conhecidos, que estão mergulhados na escuridão da História, como os larantuqueiros...

— Quem são?

— Uma comunidade de católicos que vive em Larantuka, uma cidade costeira da ilha das Flores, não muito longe de Timor — contou Fernand, franzindo a sobrancelha. — Os larantuqueiros são descendentes dos portugueses, especialmente de refugiados de Malaca e Makassar, que chegaram à ilha depois de os holandeses terem conquistado as duas cidades. Referiam-se a eles como Zwarte Portugeesen e ainda hoje eles rezam em português.

— Nunca tinha ouvido falar... — soltou Filipe.

— Não me surpreende! Poucas pessoas os conhecem e nem mesmo Portugal sabe que eles existem. O mesmo se pode dizer dos Burghers portugueses do Sri Lanka... O seu pai bem tentou torná-los mais conhecidos, mas nem mesmo Francisco conseguiu...

— Mas, professor, diga-me. Conhecia bem o meu pai? — perguntou Filipe, sabendo a resposta. Estava fascinado ao ouvir aquelas palavras, e sem entender saber por quê, sentia a presença do pai bem próxima.

— Sim, conhecia o Francisco muito bem! — ripostou. — Tínhamos uma paixão comum, a História, especialmente a História do Estado da Índia. Estivemos juntos em vários locais e conheci a sua mãe também. A sua mãe acompanhava sempre o seu pai nessas viagens e às vezes parecia ser ela a verdadeira líder do grupo.

— A minha mãe contou-me que estiveram juntos em Solor e nas Molucas pesquisando o que restava das fortalezas portuguesas.

— Sim, na ilha de Ternate, investigando as ruínas do forte português! — adiantou, fazendo uma expressão triste, pousando a xícara. — Isso foi há quase quarenta anos. Por certo, o meu amigo ainda não tinha nascido. O seu pai fez um magnífico trabalho sobre todos esses fortes. Deu-lhes vida, garantiu-lhes algum futuro. Graças a ele, sabe-se hoje muito mais sobre a maior parte desses fortes que estavam

perdidos, mergulhados no esquecimento e rodeados por selva e poeira. Se as relações entre Portugal e a Indonésia não fossem tão más durante a ocupação de Timor-Leste, seguramente que essas investigações teriam avançado muito mais.

Filipe ficou reconfortado ao ouvir aquela referência elogiosa ao seu pai e sentiu uma satisfação imensa por conhecer mais um dos seus amigos, que tanto parecia saber sobre ele.

— Mas, meu caro jovem português, sei bem ao que vem! — avançou Fernand, pegando novamente a xícara de chá. — Vem continuar o trabalho do seu pai, correto?

— Sim! — gaguejou, sem saber bem o que responder, tentando adivinhar o que saberia aquele homem sobre as últimas pesquisas do seu pai. — Venho continuar o seu trabalho.

— Então diga-me, o que sabe de Malaca? — questionou interessado. Fernand parecia entusiasmado e o seu olhar brilhava intensamente. — O que sabe da conquista de Malaca?

— Bem, acima de tudo, o que aprendi na escola, em Portugal: Goa, Malaca e Ormuz! — respondeu. — E, naturalmente, o que li nos apontamentos do meu pai. A cidade foi conquistada pelo Governador da Índia, D. Afonso de Albuquerque, em 1511, o que foi vital para a implantação portuguesa no Extremo Oriente.

— Sim, em parte foi isso. Mas tendo em conta o pai que teve, esperaria uma descrição um pouco mais profunda. A conquista de Malaca foi muito mais complexa do que isso — adiantou Fernand, fazendo aquela expressão de um professor que tinha ouvido uma resposta incompleta. — Malaca era o porto mais rico de toda a Ásia e o principal entreposto de produtos asiáticos. Produtos de luxo, que ocasionalmente chegavam à Europa por meio dos

venezianos. Malaca controlava todo o comércio de especiarias com o Extremo Oriente e as ilhas das especiarias, conhecidas como as ilhas Molucas. Já conhece a cidade?

— Não, ainda não!

— Não tem nada a ver com o que era naquele tempo! — opinou Fernand. — Acho que a melhor maneira de descrever Malaca no século XV é dizer que era a Cingapura daquela época. Uma cidade cosmopolita, muito rica, com a presença de várias raças, cada uma em um bairro. Tinha rotas marítimas para quase todos os locais da Ásia, desde China, Golfo Pérsico, até o Mar Vermelho.

— Era grande, a cidade? — inquiriu surpreendido com o que Fernand contava.

— Muito grande, talvez mesmo uma das maiores cidades do mundo nessa época. Tinha mais de cem mil habitantes. Não tenho certeza, mas deveria ser maior que a Lisboa manuelina...

— Não fazia ideia...

— Quando os ingleses ocuparam Malaca em 1795, a cidade era já uma sombra do passado, deixada para trás no tempo... Hoje em dia é uma pequena cidade esquecida no tempo, que tenta lembrar o seu passado para se afirmar como destino turístico — contou Fernand, sorvendo um pouco mais de chá.

Filipe estava absorto com o que o professor contava. Não fazia ideia de que Malaca tinha sido assim tão importante. Lembrava-se do pai falar de Malaca, mas falava dessa cidade como falava de tantas outras, perdidas no tempo.

— A primeira expedição portuguesa a Malaca teve lugar em finais de 1509 e, aparentemente, sem qualquer objetivo militar. Uma esquadra de quatro navios, liderada por D. Diogo Lopes de Sequeira, foi até lá com o objetivo de estabelecer uma feitoria — informou Fernand com uma voz grave. — Foram recebidos na praia por centenas de pessoas

que nunca na vida tinham visto homens brancos. Está imaginando o que deve ter sido, não está?

Filipe assentiu com a cabeça, mas ficou à espera de que o professor continuasse.

— Os portugueses tentaram negociar uma base para o comércio de especiarias, mas acabaram por não ser bem-sucedidos. Não vou incomodá-lo com as intrigas e os desencontros entre as duas civilizações, mas aquilo não correu bem. No meio da confusão que se seguiu, várias dezenas de portugueses foram mortos e feridos, e outros tantos feitos prisioneiros. D. Diogo foi avisado e conseguiu fugir, rumando para Goa. Uns anos mais tarde, foi nomeado Governador da Índia. Veja como o destino corre...

Filipe estava absorvido pelas palavras de Fernand Trindadi. Ouvia aquele homem contar com pormenor um dos episódios mais importantes da História de Portugal – alguém que se via como português do outro lado do mundo. Pelo modo rigoroso e preciso como o fazia, até parecia que aqueles acontecimentos tinham acontecido há apenas umas semanas.

— A segunda expedição a Malaca foi liderada pelo próprio Governador em 1511 e tinha objetivos bem diferentes. Tratava-se da maior armada alguma vez vista naquelas águas, uma frota de 16 navios vindos de Cochim, com 1.100 homens a bordo, a grande maioria deles portuguesa. Pode imaginar o que foi? Afonso de Albuquerque foi um autêntico furacão nesta região. Mudou o curso da História do Índico...

— Sim, sim! — concordou Filipe. Recordou que D. Afonso de Albuquerque tinha uma estátua enorme em Lisboa, perto do Palácio de Belém, residência oficial do Presidente da República, bem defronte do rio Tejo.

— A frota de D. Afonso de Albuquerque chegou a Malaca em 1º de julho. Os portugueses vinham libertar os

seus compatriotas... supostamente! Mandaram várias mensagens de paz ao sultão Mahmud Shah, pedindo a libertação dos reféns e compensações pelo sucedido.

— Não terminou bem, imagino... — arriscou Filipe.

— Exato! O sultão recusou qualquer pedido dos portugueses! — contou com um tom de voz cortante. — Mas os portugueses tinham uma vantagem a favor deles: artilharia. Conta-se que a primeira vez que os navios portugueses bombardearam Malaca, no dia 25 de julho, queimaram todos os navios do sultão e espalharam o terror pela cidade.

Segundo Fernand Trindadi, o ataque foi muito violento. O sultão voltou rapidamente atrás na sua decisão e aceitou libertar os prisioneiros, dando as compensações pedidas e permitindo a construção de um forte português. Mas Albuquerque recusou todas as ofertas! Os portugueses queriam tomar posse da cidade e a armada voltou a atacar. Bombardearam Malaca durante dez dias, ininterruptamente, com violência e um poder de fogo nunca visto na região.

A cidade foi completamente cercada e os malaios ficaram encurralados. A devastação foi terrível. Mas o mais difícil para os portugueses veio depois, com os combates em terra. O sultão estava protegido por mais de vinte mil malaios e vinte elefantes de guerra. Cada português teve de enfrentar 15 malaios. Os combates confinaram-se à zona do rio e à ponte principal. Os portugueses incendiaram muitas casas e conseguiram dividir as tropas do sultão. Conquistaram a ponte, mas não conseguiram aguentar por muito tempo, e tiveram de recuar. Filipe ficou sabendo que um dos combatentes portugueses era Fernão de Magalhães, que já tinha estado em Malaca em 1509 e que ficou famoso, mais tarde, por liderar a primeira viagem à volta do mundo.

O segundo ataque à cidade ocorreu poucas semanas depois. Os combates foram ainda mais intensos e os

portugueses conseguiram avançar até a mesquita. Filipe imaginou dezenas de elefantes enfurecidos no meio de milhares de portugueses e malaio que lutavam até a morte, encurralados naquele pequeno campo dividido pelo estreito rio.

— Os portugueses conseguiram controlar a ponte, voltaram a separar o inimigo em dois e os navios bombardeavam ambas as margens — continuou Fernand, num tom entusiasmado e com os olhos muito abertos. — Os portugueses entraram finalmente na cidade no dia 24 de agosto e mataram todos os inimigos. Foi uma verdadeira chacina! A cidade foi então inteiramente saqueada. O sultão Mahmud Shah teve de fugir para o sertão. Primeiro para Muar e depois mais para sul, para aqui bem perto, para as margens do rio Johor — contou, apontando na direção dos arranha-céus que surgiam da floresta. — Aliás, alguns anos mais tarde, Alauddin Riayat Syah II, o segundo filho do sultão de Malaca, fundou o sultanato de Johor com o que restava da estrutura e da organização da cidade.

— Johor é mesmo do outro lado da fronteira?

— Exatamente! Johor é o Estado mais a sul da Malásia Peninsular. Aquela cidade ali ao fundo é Johor Baru, não muito longe da antiga capital do sultanato. Bem, foram várias as capitais do sultanato, porque, de vez em quando, os portugueses destruíam a cidade, o que obrigava o sultanato a construir uma nova. Os malaio dão-lhe hoje o nome de JB, Johor Baru. Enfim! — resmungou Fernand, com uma expressão carregada. — Esta nova geração adora siglas. KL para Kuala Lumpur, KK para Kota Kinabalu... sem comentários.

— Kota?

— Sim, Kota Kinabalu, a capital do Estado de Sabah, no Bornéu. Mas, continuando, saiba que D. Afonso de Albuquerque era um homem que pensava a longo prazo. Ele

ficou estacionado com as tropas na cidade durante meses para garantir a segurança da conquista e para se proteger dos inimigos que a rodeavam. Não houve qualquer resistência ou ataque aos portugueses durante aquele tempo — avançou. — Mas para garantir que assim continuava, Albuquerque mandou construir uma grande fortaleza no sopé do monte principal da cidade, exatamente no local onde estivera o palácio do sultão que fora destruído na batalha. A fortaleza demorou cinco meses para ser construída, com a ajuda de trezentos hamba rajás.

— Como?

— Hamba Rajás! — declarou Fernand, com um olhar ainda mais assustador. — Eram os escravos do sultão. Muitos deles, senão a maior parte, ficaram prisioneiros na cidade.

— Ah, compreendo!

— A torre foi construída em pedra, à boa maneira europeia, usando as pedras das mesquitas e dos cemitérios da cidade. Dizia-se que a torre da fortaleza era tão alta que era da altura do monte de São Paulo. Tinha quatro janelas colocadas ao alto, com artilharia, e uma arquitetura bem portuguesa. Apesar dos atrasos, do calor e da malária, a torre ficou pronta em janeiro de 1512. Mas, pouco antes, o Governador deixou Malaca, ficando a cidade protegida por uma guarnição de mais de quinhentos homens. Mais tarde, os portugueses construíram uma muralha em volta da Cidadela, e essa fortaleza viria a chamar-se “Famosa”.

— A “Famosa”? Sim, o meu pai já tinha me falado da “Famosa” — soltou Filipe, abrindo os olhos, meio atordoado, meio surpreso. Recordou as palavras do pai. Quando ainda era criança, o pai contava-lhe uma história sobre uma fortaleza portuguesa distante que nunca caíra nas mãos dos inimigos. Amargurou-se por não se ter lembrado disso antes e tomou consciência do que tinha acabado de descobrir. O pelourinho da “Famosa” escondia dois segredos. — Mas não

me lembrava que a “Famosa” era em Malaca.

— Sim, “Famosa” por ter sobrevivido a tantos cercos! — adiantou Fernand. — “Famosa” por ter ganhado a fama de ser invencível. E a verdade é que resistiu 130 anos...

— Resistiu a quem? — questionou com curiosidade. — Aos holandeses?

— Também, mas não só. Os holandeses começaram a navegar por estas águas com regularidade apenas no início do século XVII. Antes disso, Malaca tinha dois inimigos principais. O sultanato de Johor, que nunca desistiu de reaver Malaca, e o sultanato do Achém, uma potência islâmica do Norte da ilha de Samatra, que cresceu muito rapidamente nessa época e que sempre ambicionou controlar toda a região da Insulíndia.

— E manter Malaca era muito importante, não é verdade? — questionou. — Ou seja, era vital para o comércio de especiarias?

— Sim, Malaca era o centro de tudo, era o destino de muitas rotas comerciais. Os portugueses diziam na época que os senhores de Malaca tinham a mão na garganta de Veneza. E o que aconteceu foi que os portugueses mudaram a face desta região do mundo em poucos anos. Repare! Goa em novembro de 1510, Malaca em agosto de 1511, Ormuz em 1515 e, simultaneamente, bases nas ilhas Molucas. O circuito fechou-se em pouco mais de cinco anos. Os árabes, otomanos e gujarates foram despojados de quase tudo o que tinham. Em poucos anos, nasceu o império das especiarias.

— Impressionante, de fato!

— Sim, impressionante! Mas no meio de tudo isso, o rei de Portugal ficou frustrado com a conquista de Malaca — lembrou Fernand, com a sua expressão dura muito vincada e visível. — E sabe por quê?

— Não!

— Por causa da *Flor do Mar*!

Filipe estremeceu de novo ao ouvir aquele nome.

— Imagino que já tenha ouvido falar?

— Sim, o meu pai falava ocasionalmente disso — mentiu.

O seu pai nunca lhe tinha falado da *Flor do Mar*. De Malaca sim, mas da *Flor do Mar* nunca. O que sabia da *Flor do Mar* era o que a mãe lhe contara, o que tinha visto nas anotações do pai e nas pesquisas no Google, nas últimas semanas. — Era o navio-almirante da frota de D. Afonso de Albuquerque.

— Exatamente! Um dos dez navios da frota portuguesa. A maior nau de todas, com quatrocentas toneladas e três mastros gloriosos. Naufragou em novembro de 1511, quando o Governador e as tropas portuguesas regressavam a Goa. Dizia-se que o navio estava muito carregado. Pesadíssimo com grande parte do saque de Malaca. Imagine o que não deveria ser! Afinal, Malaca era o sultanato mais rico de toda a Ásia...

— Deveria ser uma riqueza inimaginável...

Fernand contou alguns pormenores da *Flor do Mar*. Tratava-se de um navio já com alguma idade, com quase dez anos, muitas léguas de mar e muitas batalhas. Apesar de ter sido determinante na conquista de Malaca, a *Flor do Mar* não estava em bom estado. A carga do saque tinha sido colocada em duzentos cofres, distribuídos pelos quatro navios, mas principalmente na *Flor do Mar*, por ser o maior de todos e por ser o navio-almirante. Mas o destino tinha sido fatal e a *Flor do Mar* tinha afundado com toda a carga, no meio de uma tremenda tempestade, à saída do Estreito de Malaca.

— Grande parte do saque foi realizado no próprio palácio do sultão. Conta-se que a nau levava sessenta toneladas de ouro, rubis, diamantes e outras pedras preciosas e, acima de tudo, estátuas de elefantes, leões e outros animais decorados a ouro. Mais de duas mil figuras de ouro, magnificamente trabalhadas e com olhos, língua, unhas e dentes feitos de pedras preciosas — contou com alguma

solenidade. — As peças mais importantes e valiosas eram talvez as quatro estátuas dos leões sentados...

— Por serem as de maior dimensão? — perguntou Filipe, abismado com o que estava ouvindo.

— Não, as estátuas não eram muito grandes, bem pelo contrário! As estátuas eram muito pequenas, mas tinham um grande valor histórico. Eram feitas de ouro maciço e tinham sido uma oferta do imperador da China ao sultão de Malaca e que o Governador queria oferecer aos reis de Portugal.

— Por que acha que o meu pai estava assim tão interessado na *Flor do Mar*? — questionou Filipe diretamente. — O meu pai sempre foi um especialista em fortes, não em navios.

O professor Trindadi levantou-se e relaxou os músculos. A sua expressão dura e vincada assustou-o um pouco. Filipe ficou a pensar que tinha tocado num ponto sensível, mas logo depois o professor esboçou um leve sorriso, bocejou e deu um tapinha no joelho dele.

— E se fôssemos dar um passeio? — desafiou Fernand, com um ar complacente. — Um passeio pelo meu jardim de orquídeas. Sabe que existem mais de setecentas espécies de orquídeas em Cingapura?

— Não, não sabia, mas já vi que tem muitas espécies no jardim...

— Sim, a orquídea é a flor nacional de Cingapura! — declarou com orgulho. — Temos até museus de orquídeas, e sinto-me tentado a dizer que se encontra uma orquídea em todas as partes de Cingapura, desde o aeroporto, aos separadores das vias de trânsito, hotéis, restaurantes, varandas, ou simplesmente jardins como o meu.

Fernand Trindadi abriu a porta envidraçada de correr e sentiram o ar quente e úmido da cidade. Foram envolvidos pelo perfume das flores e voltaram a ouvir o som de aves ao longe.

— Sabe, nos anos 1980 surgiram muitas expedições de caçadores de tesouros subaquáticos no estreito de Malaca! — continuou Fernand, caminhando lentamente sobre o tapete relvado. — Toda esta zona é um autêntico cemitério de navios, das guerras entre os holandeses e portugueses, guerras entre sultanatos, Segunda Guerra Mundial... enfim, de tudo um pouco. Já ouvi dizer que o Estreito de Malaca é o local mais rico em naufrágios de todo o mundo.

— Mas a *Flor do Mar* nunca chegou a ser encontrada, não é? — questionou Filipe, sustendo um pouco o passo. Aquela conversa estava revelando-se uma surpresa e custava-lhe entender a relação de tudo aquilo com Cusco. Entre os acontecimentos, havia um hiato de pelo menos setenta anos e, depois, recordou que tinha encontrado documentos portugueses datados de 1645 em Cusco. — Pesquisei na internet e li algumas notícias já com alguns anos a darem como certo a descoberta do navio, mas não eram muito precisas. Pelo que percebi, perto desse local, encontraram apenas um navio da Segunda Guerra Mundial e a descoberta da *Flor do Mar* acabou por não ser confirmada.

— Existem muitas teorias sobre a *Flor do Mar*! — continuou Trindadi, libertando um sorriso enigmático sem parar de caminhar. — A versão mais aceita, e sustentada pelos documentos portugueses da época, afirma que o navio naufragou num recife a norte da ilha de Samatra, dois dias depois de ter saído de Malaca. Partiu-se em dois e afundou rapidamente. D. Afonso de Albuquerque não teve tempo para salvar a carga, porque preferiu salvar as pessoas e embarcar para outra nau, no meio da tempestade.

— Como assim?

— Conta-se que a *Flor do Mar* levava seiscentas pessoas a bordo e que Albuquerque preferiu salvá-las. Custa-me crer que tenha sido exatamente assim, mas é o que reza a História. Pessoalmente, penso que os malaio,

principalmente mulheres que tinham sido feitas escravas, morreram na sua grande maioria... — adiantou com uma voz firme. — Mas o que estou tentando dizer é que a teoria mais aceita aponta que a carga teria simplesmente afundado com o navio. Os portugueses não tiveram tempo para a salvar e o próprio Governador esteve perto de perder a vida. Aliás, houve mesmo rumores na época de que Albuquerque tinha perecido, que só cessaram quando ele foi visto desembarcando em Goa!

— E daí os caçadores de tesouros?

— Sim, daí os caçadores de tesouros! — confirmou, assentindo com a cabeça e olhando para ele. — No entanto, existem outras teorias que defendem que o navio não afundou e que a carga teria sido transferida para outra nau, logo após o naufrágio, e ainda outras que defendem que a carga teria sido embarcada num navio do sultão de Aru, um pequeno Estado na costa nordeste da ilha de Samatra. Essas fontes adiantam que os homens do sultão de Aru conseguiram tirar grande parte dos baús da nau porque estes estavam a poucos metros de profundidade. De fato, existem registros portugueses relatando que vários mergulhadores malaio estiveram no local do naufrágio, conseguindo trazer vários baús do fundo do mar.

— Isso até poderia ser verdade...

— Sem dúvida! Aliás, existem muitos registros portugueses da época afirmando que a *Flor do Mar* não chegou a afundar. Até existe a teoria segundo a qual tudo não passou de uma manobra de D. Afonso de Albuquerque para se apoderar do saque de Malaca. Segundo essa teoria, no dia seguinte ao naufrágio, uma outra nau portuguesa, a Trindade, esteve no local e recolheu grande parte do saque...

— Mas isso é verosímil?

— Custa-me realmente a acreditar! — proferiu Fernand, fazendo um trejeito na boca. — Albuquerque morreu quatro

anos depois, vítima de ferimentos da batalha de Ormuz, a bordo da sua nau, quando regressava a Goa. Morreu de dor e desgosto, sabendo que tinha sido substituído pelo seu grande inimigo pessoal, D. Lopo Soares de Albergaria. Não se sabe que tenha tido uma vida faustosa...

— Portanto, diria que se trata de uma teoria pouco provável...

— Sim, penso que é muito pouco provável. Possivelmente, foram informações postas a circular com o objetivo de prejudicar a imagem do Governador. Muito se falava da *Flor do Mar* naqueles tempos! E, como sabe, D. Afonso de Albuquerque tinha muitos inimigos na corte, em Lisboa. Desde o início. O rei de Portugal teve que o nomear como Governador da Índia e não como Vice-Rei, e a relação entre os dois foi uma sucessão de mal-entendidos...

— Sim, até existe uma frase famosa dele sobre os conflitos com o rei. Não me lembro bem dela, mas é muito conhecida...

— Sim, sei ao que se refere. “Mal com os homens por amor a El-Rei, e mal com El-Rei por amor aos homens.” E muitos desses homens, os seus inimigos na Corte e em Goa, aproveitaram o naufrágio da *Flor do Mar* para denegrir a sua imagem. Por isso, é preciso ter cuidado com os registros da época. Cada um deles representa uma facção, que poderá não ter contado exatamente a verdade dos fatos. E quanto a tudo isso, possivelmente nunca chegaremos a saber onde para a verdade...

Filipe sentiu a pulsação acelerada! Não estava preparado para tanta informação e sentiu uma admiração muito grande por aquele professor que tanta coisa sabia sobre Portugal. Pensou no seu pai e, mais uma vez, foi invadido por um sentimento de saudade. Tinha certeza de que o pai gostaria de estar ali e principalmente gostaria de o ver sentir a História da mesma maneira que ele vivera durante quase

toda a sua vida.

— Em 1989, uma equipe de investigadores americanos e australianos, patrocinados por um negociante de diamantes italiano, afirmou ter encontrado a *Flor do Mar*! — lembrou Fernand, olhando para a floresta que emergia por detrás do muro da sua propriedade. — Mas essa equipe viu recusada a licença necessária para explorar o local e não conseguiu chegar a um acordo com as autoridades da Indonésia e da Malásia.

— Política?

— Política, dinheiro, de tudo um pouco! — corrigiu. — Mas as investigações sobre a *Flor do Mar* não pararam. Mais tarde, veio a público que uma empresa da Indonésia tinha investido muitos milhões de dólares na descoberta da nau portuguesa. Ainda me lembro como se fosse hoje...

— Suponho que essa empresa já tivesse as autorizações necessárias?

— Sim, correto! Essas investigações continuaram perto de um recife, mesmo na ponta da ilha. Karang Timau! — confirmou o professor, caminhando, ao mesmo tempo que apontava para mais um vaso de orquídeas. — E depois, no início de 1990, um perito norte-americano muito conhecido anunciou a descoberta da *Flor do Mar* após estar alguns meses no local.

— Acho que foi isso que eu vi na internet...

— O norte-americano disse que tinha feito uma extensa pesquisa nos arquivos de Lisboa. Afirmou ter descoberto registros de vários cronistas portugueses da época, que descreviam a carga do navio com muita exatidão, bem como o que tinha acontecido à *Flor do Mar*. Afirmou que os portugueses tinham assinalado o local no mapa com um X.

— E o que marcava o X?

— “Aqui se perdeu D. Afonso de Albuquerque”! Pelo que o seu pai me contou, esse mapa indicava um recife bem

na ponta Nordeste da ilha da Samatra. Tengah Reef, assim se chama atualmente — contou, assentindo de novo com a cabeça. — Perto desse local, o americano encontrou várias vigas de madeira e de metal, algumas garrafas, e afirmou que se tratava da *Flor do Mar*.

Os dois homens pararam num terraço de madeira, mesmo defronte de um tapete imenso de orquídeas. Tratava-se de um espaço amplo com um pequeno telhado que cobria uma mesa de jardim. Fernand avançou e fez indicação para que Filipe se sentasse. O jardim de orquídeas parecia perder-se de vista. Ao fundo, avistava-se um manto cinzento de nuvens avançando, prenúncio de chuvas equatoriais.

— Foi o meu pai que lhe disse isso? — arriscou Filipe, ainda com o pensamento perdido em tantos fatos, crônicas e teorias.

— Sim. O investigador norte-americano chegou a encontrar-se com o seu pai, em Lisboa. Ele conhecia muito bem Portugal e Espanha e a sua História. Naquele tempo, era considerado a maior autoridade no meio — confessou. — Não consigo mesmo me lembrar do nome dele, mas é muito conhecido...

— Também não me lembro disso! — soltou Filipe. Tentou voltar até 1990. Nessa época estava entrando na universidade e namorava a Susana. Não se lembrava de nada e amargurou-se mais uma vez. Pensou como poderia ter tido uma relação mais próxima com o pai. Acompanhara parte das suas pesquisas, mas a partir de um certo momento, tinha se afastado. Talvez tivesse sido a universidade, talvez a paixão pela Susana, talvez o mercado de ações, ou, então, talvez tivesse sido mesmo a vida! A verdade é que mais uma vez sentiu que estavam falando de uma pessoa que não era o seu pai.

— Foi uma época de grande tensão entre a Malásia e a Indonésia. A primeira afirmava que os tesouros eram seus e a

segunda dizia que eles estavam nas suas águas territoriais. Havia ainda Portugal, teoricamente o proprietário do navio e que também reclamou parte do resgate em 1990. Já não me recordo bem, mas tenho a impressão de que Portugal ameaçou mesmo recorrer aos tribunais internacionais...

— Nessa época, eu vivia com os meus pais, mas não me recordo mesmo do meu pai dizer alguma coisa sobre esse assunto.

— Tenho certeza de que não o fez por uma questão profissional. Uma vez, anos mais tarde, comentou que estava proibido de falar sobre o assunto — esclareceu, assentindo gravemente com a cabeça. — De qualquer maneira, as investigações não tiveram qualquer sucesso. O americano teve que desdizer a descoberta e as investigações cessaram ainda antes do fim do ano. Desde essa época a *Flor do Mar* caiu no esquecimento...

— Mas está dizendo que o meu pai fez parte dessas investigações?

— Sim, claro! O seu pai foi uma pessoa-chave. À distância, mas determinante em várias ocasiões — informou Trindadi, deixando antever um leve sorriso. — Como disse, as relações entre Portugal e Indonésia eram muito tensas naquela época, por causa de Timor-Leste. Os dois países tinham as relações diplomáticas cortadas, mas, mesmo assim, Francisco teve um papel crucial...

— Mas, concretamente, a que papel está se referindo?

Capítulo 7

CUSCO, 13 DE JULHO, 17H50

“O PERU NÃO TROUXE SORTE
À FAMÍLIA PIZARRO. JUAN FOI
MORTO NA BATALHA DE
SACSAYHUAMAN, EM CUSCO, EM
1536, FRANCISCO FOI
ASSASSINADO EM LIMA, EM
1541, E GONZALO REVOLTOU-SE
CONTRA O REI E FOI
EXECUTADO EM 1548. O ÚNICO
SOBREVIVENTE DOS QUATRO
IRMÃOS FOI HERNANDO, MAS
NEM ELE SE LIVROU DA
MALDIÇÃO PERUANA.”

*Maldição peruana: Placa na casa-museu de
Francisco Pizarro em Trujillo*



avião da LAN proveniente de Lima vinha repleto e o ambiente quase beirava o desconforto. O espaço era pequeno, as bagagens de mão eram demasiadas, o ar era pesado e o barulho era ensurdecedor, com dezenas de pessoas falando alto. Juan Alvarez identificou facilmente norte-americanos, ingleses, italianos, espanhóis, franceses e, claro, muitos sudacas que falavam quechua²³ entre si, mesmo depois de muitos anos na Espanha.

Juan voltou a sentar-se no seu lugar e esperou que os restantes passageiros avançassem pelo corredor do avião. Não dormia há quase 24 horas e sentia-se exausto. A viagem tinha sido muito mais prolongada do que havia previsto. Tinha apanhado o primeiro avião para Lima. Mal aterrissara no aeroporto de Lima, viu que recebera uma mensagem importante no celular. Normalmente, o seu contato não deixava mensagens, mas daquela vez tinha sido diferente. A mensagem era clara e direta. Tinha de apanhar o voo da tarde para Cusco. Não conseguiu evitar um sentimento de ansiedade. Sabia que perseguia alguém que se deslocava com velocidade e, por isso, não podia deixar de ser rápido. Fizera um esforço imenso para chegar até ali e desejou que ainda

fosse a tempo.

O pequeno aeroporto de Cusco estava em festa, ao som de música andina. Juan não gostava daqueles espetáculos turísticos e, mais uma vez, pensou como detestava os sudacas. Tudo lhe soava falso e, sinceramente, não tinha tempo para aquilo. Felizmente, tinha apenas bagagem de mão, pelo que avançou rapidamente para o *lobby*. Quando passou a barreira policial e saiu para área do desembarque, viu que Edson estava à sua espera. Estava igual à última vez que o vira. Com um semblante jovem, alto, pele dourada e sempre com um ar solícito. Um sudaca civilizado, pensou.

— Buenas tardes, Don Juan — começou o peruano, com um sorriso aberto. — Bem-vindo a Cusco. Como tem passado?

— Olá, Edson, a viagem não foi fácil — respondeu, cumprimentando-o com um aperto de mão. — E você, como está?

— Vamos indo, Don Juan — respondeu Edson, tentando ser simpático. — Há muito tempo que não o via. Imagino que seja um assunto de máxima importância...

— Sim, o assunto é muito importante — respondeu com um tom evasivo.

— E para onde vamos, Don Juan? — perguntou Edson, pegando na mala do espanhol e dirigindo-se para a porta de saída.

— Para o Libertador!

O carro de Edson estava estacionado em frente a uma das portas de desembarque. Era um carro esportivo, de alta cilindrada – um Alfa Romeo prateado de modelo antigo, decorado com pequenos objetos, que Edson simplesmente adorava. Ao ouvir as palavras do espanhol, Edson assentiu com a cabeça, colocou a mala de Juan nos porta-malas e abriu a porta da parte de trás.

— Procuro uma pessoa, Edson — avançou Juan, fitando

a vista através da janela. Detestava aquele país, barrento, árido e pobre. Sentia-se maldisposto: voar milhares de quilômetros, atravessar um oceano inteiro, para estar ali.

— Espanhol?

— Não. Português!

— Oh, Don Juan! Temos alguns portugueses que por aí passam — sorriu Edson no seu tom habitual, assentindo com a cabeça. — Turistas, sabe como é. Temos muito mais brasileiros, mas...

— Preciso saber onde está — insistiu num tom de voz cortante. — Preciso da sua ajuda!

— Sin, señor! — respondeu Edson, parando o carro à saída do parque do aeroporto e entregando o certificado ao policial. Sabia que a presença daquele espanhol significaria dinheiro, mais cedo ou mais tarde. — Como se chama o português que procura?

— Filipe Silva! — respondeu, entregando-lhe uma pequena fotografia em preto e branco com a cara de um homem, bem nítida e em primeiro plano.

— Se ele estiver em Cusco, tenho certeza de que vamos encontrá-lo — respondeu Edson, com um sorriso aberto, arrancando para a estrada principal que os levaria para o centro da cidade. — Cusco é uma cidade pequena!

As últimas 48 horas tinham sido alucinantes. Juan Alvarez sentou-se numa bar da Plaza de Armas, perto da Iglesia de La Compania, construída séculos atrás pelos jesuítas. Pediu um *pisco sour* e relaxou na cadeira, tentando aproveitar os últimos raios de sol. Não estava contente, sabia que tinha chegado atrasado a Cusco e tinha cada vez mais dúvidas de que aquela pista valesse a pena. Achava que tudo aquilo não passava de mais uma histeria sobre a *Flor do Mar*.

Juan fizera várias vezes a reconstituição da presença de Filipe Silva em Cusco. Vasculhara a cidade de um lado a outro. Edson dera uma ajuda preciosa, com os seus contatos na polícia, mas os resultados tinham sido desanimadores. O português visitara quase todos os museus e locais arqueológicos da cidade, desde o Coricancha até a Iglesia de San Blas. Tinha estado hospedado no mesmo hotel em que ele próprio pernoitara e o seu nome figurava nos registros de um cibercafé da calle Tucamán, da Biblioteca e do Arquivo Colonial de Cusco. Aparentemente, a estada do português tinha sido a de um turista normal, igual à dos milhares que voavam todos os anos até Cusco. Talvez um pouco mais estudioso do que o normal, é certo, mas nada que o levasse a pensar que estaria relacionado com a *Flor do Mar*.

Os registros do hotel indicavam que o português saíra no mesmo dia em que Juan chegara a Cusco. Perdera-lhe o rastro! Tinha quase certeza de que Filipe Silva já não estava em Cusco. Continuava à espera que Edson trouxesse a lista de passageiros que voaram de Cusco nos últimos dias. Infelizmente, não estava sendo fácil. Acreditava que Filipe seguira para Puno ou Arequipa, os dois locais turísticos mais próximos de Cusco. Podia também ter ido para Puerto Maldonado, na selva amazônica, na fronteira com a Bolívia e com o Brasil, e daí para o interior de um desses países. Mas, pensando melhor, essa probabilidade era muito baixa. Não tinham existido voos para Puerto Maldonado no dia em que Filipe tinha deixado o hotel.

Juan abanou a cabeça com uma expressão descontente. Estava confuso e o pior era que continuava sem ter qualquer pista sobre a *Flor do Mar*. Esforçou-se por descortinar algum detalhe, alguma peça que se pudesse encaixar na investigação. Mas não conseguiu. Quanto mais pensava mais no assunto, mais chegava à conclusão de que nada daquilo fazia sentido.

Vinte e quatro horas depois de Juan ter chegado à cidade, Edson descobriu uma pista. Filipe Silva tinha visitado um historiador que vivia perto de Pisac. Edson não tinha qualquer dúvida. O taxista que levara o português reconheceu-o logo que mostrara a fotografia. Àquela altura, Juan sentia o fracasso a envolvê-lo e por isso tinha decidido fazer uma última tentativa naquela tarde. Fora visitar Alberto Blanco em Pisac, mas a visita não tinha corrido bem. Juan apresentara-se como repórter de um jornal espanhol, interessado nas riquezas e na História de Cusco e do Vale dos Reis. O peruano recebeu-o amistosamente e convidou-o para entrar em casa, uma mansão luxuosa. No início, a conversa tinha corrido bem e o historiador tinha respondido a todas as perguntas. Juan ambientara-se à casa, fizera várias perguntas triviais sobre as guerras civis incas, a conquista de Cusco, a fundação de Lima e o quotidiano de Cusco durante a ocupação espanhola. Esperou pelo melhor momento e, depois, passou ao ataque.

— O senhor recebeu há dias a visita de um português — afirmou Juan, tentando manter uma expressão simpática.

— Sim, é verdade.

— Conhecia-o?

— De alguma maneira, sim. É filho de um grande amigo meu — respondeu o historiador, com o mesmo tom de voz, mas mudando subitamente de expressão. — Mas como é que o senhor sabia disso?

— E o que ele queria? — insistiu Juan, levantando o tom de voz e fixando o olhar. — O que é que ele procurava?

— Mas por que me faz essas perguntas? — questionou Alberto, abrindo muito os olhos. — Quem é o senhor, afinal?

Juan decidiu não perder mais tempo. Levantou-se e dominou Alberto, sem precisar empreender uma excessiva força física. O peruano ofereceu alguma resistência, mas Juan imobilizou-o facilmente no sofá e prendeu-lhe as mãos com

as algemas que trouxera. Tudo se passou num silêncio ensurdecedor, sem que as outras pessoas da casa tivessem percebido o que estava se passando na sala.

— Não volto a repetir! — avisou Juan, mantendo o mesmo tom de voz calmo. — O que queria aquele português?

— Mas o que se passa? — questionou o peruano, fazendo um esgar, visivelmente de dor. — Quem é o senhor?

Alberto não teve tempo de acabar a frase. Juan disparou um soco valente na barriga do peruano, ao mesmo tempo que lhe tapou a boca. Tudo aconteceu muito rapidamente. Juan pensou que tinha de conseguir tirar a informação que lhe fazia falta. Puxou da pistola com silenciador e apontou-o à testa de Alberto.

— Última chance! — ameaçou Juan com ferocidade, pressionando a pistola com força.

— O português queria conhecer mais detalhes da vida de D. Rodrigo de Mascarenhas! — confessou Alberto, em desespero, sentindo o corpo tremendo.

— Quem é esse Don?

— Foi um padre missionário que esteve aqui na região.

— Fazendo o quê?

— Fez parte de um grupo de missionários que tentou evangelizar os incas.

— Incas? Evangelizar os incas? — estranhou Juan, aliviando um pouco a pressão da pistola sobre a testa de Alberto.

— Sim, mas esse padre foi um padre especial — balbuciou Alberto, tentando ganhar algum tempo. Pensou desesperado como poderia mudar a situação em que tinha caído. Pensou onde estaria Alexandra e Cármem, a governanta da casa. — Foi também um padre guerreiro e considerado o melhor espadachim de Cusco naquela época.

— Mas do que está falando? — questionou Juan, confuso

e perdendo a paciência. Sabia que não tinha muito mais tempo. — De que época está falando?

— Por volta de 1590! — respondeu Alberto, ganhando alguma confiança e tentando libertar o braço direito. Sentia que aquele espanhol estava confuso e que tinha baixado a arma. — Não sabemos quanto tempo é que ele aqui esteve, mas, pelo menos, sete, dez anos deve ter estado.

Juan ficou estupefato! Não estava à espera daquilo. Pensou nas datas e rapidamente concluiu que aquilo não fazia sentido – a empresa estava enganada desde o início. Custou-lhe ouvir aquelas palavras.

Alberto confessara que Filipe Silva estava seguindo uma investigação do pai. O historiador português investigava a vida daquele padre português há vários anos. Descobrira que ele tinha vivido na Espanha e que mais tarde tinha viajado para o Panamá e dali seguira para o Vice-Reino do Peru.

— E sobre a *Flor do Mar*? — inquiriu com violência.

— Não conheço nenhuma flor do mar! Não sei do que está falando! — respondeu Alberto num tom de desespero, tentando perceber se a neta e a empregada estariam ali por perto. — O padre português comandou várias incursões militares espanholas nesta região. Era amigo de D. Miguel Alvarez de Toledo, um nobre muito importante da cidade.

— Maldito sudaca! — gritou com violência, descontrolado. — Não minta para mim. Que pergunta o português fez sobre a *Flor do Mar*?

— Não me fez pergunta nenhuma! Já lhe disse que não sei que flor do mar é essa... — adiantou, compreendendo que a vida estava lhe escapando. — Não sei do que está falando.

Depois, Juan não tivera qualquer chance. Alberto tinha ficado fora de controle e tentara libertar-se. Com a mão livre, atingiu Juan com força na barriga. Libertou a outra mão e conseguiu sentar-se. Tentou tirar a pistola das mãos de Juan, mas este conseguiu proteger-se e contra-atacou. Disparou

sem hesitar e atingiu Alberto entre os olhos. O peruano perdeu a vida instantaneamente. Não precisou disparar uma segunda vez.

Infelizmente, a casa não estava deserta. Aqueles segundos finais tinham chamado a atenção e as outras pessoas da casa tinham percebido que algo estava acontecendo. Juan percebeu isso e não hesitou. Teve de disparar mais duas vezes. Primeiro, tinha sido a velha sudaca que surgiu alarmada à entrada da sala. Pelo modo como caiu, a morte tinha sido instantânea. E depois, a menina de tranças. Tudo tinha sido muito rápido e ela nem se deu conta do ocorrido.

Os sinos da Catedral da Plaza de Armas tocaram e Juan voltou de novo ao presente. Estava tremendo e, por momentos, pensou que estava muito velho para aquelas andanças. Pensava sistematicamente nas vidas que tinha tirado e que, no fundo, aquilo não estava certo. Era a segunda vez que tremia. Se continuasse pensando muito naquilo, teria pesadelos. Bebeu o *pisco sour* em um só trago e acalmou-se um pouco. Inspirou fundo e depois ouviu os sinos da igreja. Não estavam anunciando a hora certa, e sim chamando os fiéis para a missa. Pediu mais um *pisco sour* e voltou a bebê-lo num só trago. Fechou de novo os olhos e, de repente, recordou-se dos tempos em que estivera mergulhando perto da ilha de Samatra.

Pensar na *Flor do Mar* causava-lhe sempre uma ansiedade terrível, mas naquele instante estava calmo e relaxado. Tinha vivido aquela saga durante tempo demais. Tinha feito parte da equipe de 15 mergulhadores no regaste do navio e a missão foi muito exigente. Esteve naquela zona mais de seis meses seguidos, entre Tamiang e Pasai, uma extensão que tinha mais de sessenta milhas. Em poucos meses, a equipe tinha conseguido limitar o local das pesquisas a Karang Timau, na zona nordeste da ilha. Não conseguia esquecer

aquele nome. A equipe procurava aquilo que se dizia serem os despojos mais valiosos do mundo, e no meio subaquático a *Flor do Mar* era conhecida como o “the billion dollar baby”. Mesmo sem nunca ter sido visto o que restava do navio, vários especialistas avaliavam a carga do navio em largas dezenas de bilhões de dólares – uma verdadeira loucura! Dizia-se que o navio transportou mais de duzentos cofres repletos de pedras preciosas e diamantes. Pensando bem e, olhando para trás, tudo aquilo parecia inacreditável. Nunca ninguém tinha confirmado o que o navio transportava. As expectativas baseavam-se nos registros históricos dos portugueses da época e até eles eram contraditórios entre si.

Foram diversas vezes que Juan mergulhou a mais de quarenta metros de profundidade. Ainda se lembrava de todos aqueles nomes. Tegah, sim, era isso. Ficava a cerca de cinco milhas de Tanjong Jambuaair, um pouco mais ao norte do local que os documentos portugueses indicavam como sendo o do naufrágio.

Aquelas águas eram lamacentas e não tinham a mínima visibilidade. Dizia-se que o navio deveria estar abaixo daquela lama e areia, mas a verdade é que não estava. O radar e a sonda nunca indicaram qualquer vestígio de ouro, prata ou qualquer metal de alta densidade. Mesmo assim, a equipe fez um buraco imenso naquela zona. Um dia, o radar indicou um corpo estranho, e depois concluíram que se tratava de uma viga de madeira com mais de dez metros de comprimento. Um sentimento de alegria trespassou a equipe. Todos pensaram que tinham encontrado parte da *Flor do Mar*. Mas os dias passaram e apenas descobriram madeira. Acabaram por concluir que tinham encontrado restos de um junco chinês e, não muito longe, destroços de um navio da Segunda Guerra Mundial. A peça mais importante encontrada no fundo do mar foi uma máscara de gás que usaram nesse conflito.

Durante a investigação, a Poseidon tinha tido um papel determinante. Participou no consórcio de exploração da *Flor do Mar* desde a primeira hora e, durante as semanas e os meses de negociações, um tanto quanto obscuras, passou a deter uma posição de controle. Supostamente, o consórcio era liderado por uma empresa da Indonésia, mas a verdade é que essa empresa tinha capital de Cingapura e era totalmente controlada pela Poseidon. A empresa da Indonésia não passava de uma subsidiária da Poseidon!

As investigações tinham prosseguido por várias semanas sem parar, mas o resultado foi sempre o mesmo. Nada conseguiram encontrar. A equipe mergulhou todos os dias sem exceção, de março até agosto, sem qualquer resultado visível. A *Flor do Mar* passou a ser conhecida como um tesouro fantasma.

No meio do fracasso, aconteceu algo inesperado. Alguém no topo do consórcio tinha contratado um arqueólogo norte-americano muito conhecido que afirmou ter descoberto a verdadeira localização da *Flor do Mar*. Juan soube que aquilo era o fim. Quase de um dia para o outro, a Poseidon ficou envolvida no meio de uma batalha legal entre os dois países. A Indonésia afirmava que tudo o que fosse encontrado nas suas águas territoriais seria sua propriedade, enquanto a Malásia defendia que a carga era sua, há mais de quinhentos anos. A confusão tinha sido geral e, pouco depois, o diretor-geral da Poseidon dera ordens para abandonar o local. Juan percebera que tinham deixado de ter controle sobre as autoridades locais da Indonésia. Por isso, ele e os outros mergulhadores tinham saído de Tengah, pouco antes de a Marinha Indonésia passar a patrulhar o local.

O que supostamente seria uma pausa de semanas tinha sido, afinal, uma espera de muitos anos. A Poseidon nunca mais voltou aos mares de Samatra e a *Flor do Mar* acabou por ficar esquecida por cerca de vinte anos. Tinha sido assim até

um dia em que um historiador português entrou no website de mergulhadores mais conhecidos na internet, comentando as pesquisas da *Flor do Mar*. Não tinha sido o primeiro comentário acerca da *Flor do Mar* que surgiu em websites, mas foi a primeira vez que alguém comentou sobre as verdadeiras razões da falha na expedição de 1991. A suspeita tinha sido levantada e a Poseidon decidiu investigar. Tinham descoberto que se tratava do historiador português que esteve diretamente envolvido nas investigações dessa época.

A empresa nunca esqueceu o caso *Flor do Mar*, mas embarcou em outras pesquisas. Apesar daquele fracasso, a Poseidon teve bastante sucesso. Talvez o maior deles tenha sido o galeão espanhol Santa Isabel, encontrado perto de Trinidad e Tobago com o porão cheio de barras e moedas de ouro. Em seguida, tinha sido a Coromandel, uma nau holandesa de mil toneladas encontrada no Golfo de Bengala, repleta de barras de prata do Japão.

Juan nunca esteve ligado aos quadros da Poseidon, mas era um prestador de serviços habitual. Trabalhava para a empresa há muitos anos e o seu contato era sempre o mesmo. Não o conhecia pessoalmente, mas também não sentia necessidade. As coisas funcionavam bem e ele era sempre devidamente recompensado. A empresa era cotada na bolsa de Zurique, tudo era oficial, mas ele representava uma parte oculta da empresa, que acabava por facilitar as descobertas e evitar a concorrência.

Os últimos despojos que investigou tinham sido os da Santa Isabel, em Trinidad e Tobago, e da Santa Engrácia, nas Bahamas. No entanto, a sua maior vitória tinha sido o Santa Maria. Tratava-se de um galeão português do século XVIII que foi encontrado perto de Paraty, no Brasil, carregado de ouro de Minas Gerais. A sua descoberta também não tinha sido nada fácil. A visibilidade na água era diminuta, mas os radares tinham funcionado bem e, daquela vez, a tecnologia

estivera do seu lado. Recordava-se bem da sensação de receber aquele primeiro bônus. Com aquele dinheiro, comprou uma grande casa em Arrasate para os seus pais e uma de veraneio para ele em Ibiza.

Os sinos da catedral de Cusco tocaram novamente e um som distintivo atravessou a Plaza de Armas. Um grupo de jovens tinha acabado de terminar mais uma dança e várias pessoas batiam palmas, incentivando-os e dando-lhes os parabéns. Juan olhou para as crianças, mas não teve tempo. O celular tocou e viu que era um número confidencial. Adivinhou do que se tratava e levantou-se rapidamente da mesa.

— Si? Hola! — começou Juan, tentando disfarçar a ansiedade.

— Como estão as coisas, amigo?

— Não muito bem. Tenho investigado o percurso do português e até agora não consegui descobrir nada de especial — adiantou Juan, visivelmente irritado. Detestava viajar de avião, especialmente se a viagem não servia para nada. — Parece-me que ele esteve aqui fazendo turismo.

Relatou os acontecimentos dos últimos dias. Investigou todos os passos daquele homem e adiantou que não encontrou nada relacionado com a *Flor do Mar*. Pensou em Alberto e, depois, esforçou-se para esquecer o episódio. Não contou o que se tinha passado em Pisac. Era sempre assim. Fazia parte do jogo poupá-lo dos pormenores.

— Não vê qualquer relação com a *Flor do Mar*?

— Nada!

— Muito bem! — disse a voz, com um tom calmo. — Felizmente, descobrimos para onde foi. Acabei de ser informado de que ele chegou a Cingapura.

— Cingapura?

— Sim — confirmou a mesma voz sem alterar o tom. — Imagino que tenha voado de Lima para Tóquio e dali tenha

feito uma escala para Cingapura. Sabemos que chegou há pelo menos dois dias.

Juan desligou o telefone pouco depois e voltou à mesa. O sol já estava além das montanhas e a luz já não iluminava a Plaza de Armas. Começava a ficar frio. Acabou o *pisco sour* e chamou o garçom. Apercebeu-se então que duas mulheres muito altas se sentavam à mesa ao seu lado. Fitou-as de frente. Percebeu que eram norte-americanas e que pareciam gêmeas. Deveriam ter pouco mais de quarenta anos e um ar seguro, decidido e de quem está habituado a aventuras e sensações fortes. Ambas tinham cabelos ruivos compridos, encaracolados, e a pele excessivamente queimada pelo sol. Vestiam um top de cores claras, deixando antever parte do peito, especialmente uma delas. Mas ao mesmo tempo, ambas tinham um casaco grosso que as protegia do frio e que tapava parte dos seus contornos.

— Recomendo um pisco sour! — avançou Juan em inglês, com um largo sorriso desenhado na face. — É típico da cidade e sempre aquece um pouco.

As duas mulheres sorriram e aceitaram a sua sugestão. O próprio Juan pediu mais uma bebida.

— Gracias! Eu sou a Linda e ela é a Sue — avançou a mais bonita das duas, estendendo a mão. — Somos de Denver, Colorado.

— Juan Alvarez! — apresentou-se com um sorriso, estendendo a mão. — Venho de Madri, Espanha.

As duas mulheres soltaram um pequeno grito de entusiasmo e fixaram o olhar nele. Juan sentiu uma sensação conhecida e sorriu, pousando o olhar nas botas pretas que iam até o joelho de Linda. Estava muito frio, mas Cingapura podia esperar mais algumas horas.

Azlan comentou que passar o Causeway²⁴ nunca era tarefa fácil, especialmente em um domingo à tarde. Filipe assentiu e olhou para trás. A saída de Cingapura tinha sido complicada. Demorou mais de uma hora para chegar ao outro lado, mas entrar lá parecia ser ainda mais difícil. A entrada para a Cidade-Estado, com todos os habitantes regressando do fim de semana, parecia um suplício de muitas horas. O taxista tinha-o deixado à entrada do Hotel Hyatt Regency, perto do centro de Johor Baru, onde poderia apanhar mais facilmente um táxi para Malaca.

Azlan fora o primeiro taxista malaio que tinha se prontificado a levá-lo a Malaca. Era natural de Johor Baru e tinha o seu próprio táxi há cinco anos, o que foi visto como um grande avanço na carreira, no meio profissional de JB. Azlan tinha pouco mais de 30 anos, um ar simpático e uma expressão sorridente. Dentes muito brancos, cabelos negros puxados para trás, Azlan tinha um pequeno Alcorão preso ao espelho retrovisor e, de vez em quando, rezava na sua direção. Falava muito pouco inglês, apenas algumas palavras, mas era o suficiente para ambos se entenderem.

A autoestrada rumava a Kuala Lumpur e perfurava a selva do país. Filipe olhou à sua volta e vislumbrou um manto verde, denso e espesso. Floresta virgem, que possivelmente ainda tinha tigres à solta. Tentou distrair-se, mas tinha a cabeça fervendo. Não conseguia deixar de pensar nas palavras do professor Fernand Trindadi. Estava confuso, mas finalmente tinha percebido um dos dilemas que o atormentavam e que o seu pai tantas vezes escreveu. “O pelourinho da Famosa esconde dois segredos.” Pegou a fotocópia de um dos documentos do pai e voltou a ler.

— O pelourinho da “Famosa” esconde dois segredos! — repetiu para si mesmo.

Filipe sabia que o pai encontrou aqueles documentos na Torre do Tombo, em Lisboa. Possivelmente, aquele tinha sido

o início que o levou a empreender aquela investigação. A mãe disse-lhe que o pai estava investigando a vida de um fidalgo português no Oriente. Agora, sabia que ele viveu em Cusco cerca de dez anos, embarcou em um galeão de Manila e chegou a Malaca. Conhecia, sem margem para dúvidas, o seu nome: Rodrigo de Mascarenhas!

Continuou pensando na história da *Flor do Mar* que Fernand Trindadi lhe contou. Não sabia que o seu pai esteve diretamente envolvido nisso. A sua mãe não lhe revelou. Pelo que compreendeu, o seu pai teve um papel importante na pesquisa da nau portuguesa, porque foi o consultor histórico do arqueólogo norte-americano. As buscas no mar de Samatra eram registradas em pesquisas realizadas em Lisboa, mas nem tudo correu bem porque as crônicas portuguesas não tinham revelado a localização exata da nau.

Filipe sentiu que deveria reler todos as anotações do pai e descobrir a ligação entre todas as pistas. O seu pai tinha papéis dos mais variados assuntos, soltos, sem qualquer organização, e ele sentia que havia vários indícios dispersos que poderiam, afinal, estar relacionados. Era exatamente isso o que não conseguia compreender. A *Flor do Mar* tinha naufragado quase cem anos antes de D. Rodrigo de Mascarenhas chegar a Malaca. Não conseguia desvendar a relação entre aqueles dois acontecimentos. O sobressalto causado por um buraco na estrada fez Filipe despertar. Olhou para o relógio e achou que seria uma boa hora para ligar para Portugal. Eram 10h da manhã em Lisboa e a sua mãe já deveria estar acordada. Era importante falar com ela para saber exatamente o papel do pai na investigação da *Flor do Mar* no início dos anos 1990. Possivelmente, o seu pai não lhe contou tudo naquele café da manhã em Chiado.

— Olá, mãe! — começou Filipe.

— Olá, meu filhinho. Então, como está? — quis saber Rosa, com uma voz carinhosa. — Não tenho notícias há tanto

tempo. Onde está?

— Passei agora mesmo a fronteira com a Malásia. Estou a caminho de Malaca. Está tudo correndo bem. E você, como está?

— Vou indo, meu filho querido — respondeu com uma voz intermitente. A ligação não estava nas melhores condições e ouvia-se um eco distante. — Acabei de saber que a filha da minha amiga Belmira vai casar-se e viver em Londres.

— Mãe, preciso fazer uma pergunta — inquiriu sem esperar muito mais. Não queria falar sobre a amiga Belmira. — Estive ontem com o professor Fernand Trindadi.

— Ah, sim? Que ótimo! Ele era muito amigo do seu pai. E como foi? — quis saber Rosa. — Conseguiu descobrir alguma coisa nova?

— Foi tudo bem! Ele conhecia o pai e muitas das suas investigações.

— Sim, ele conhecia muito bem o seu pai. Já disse que tanto Alberto como Fernand eram grandes amigos do seu pai e que ele se comunicava muito com eles por e-mail. Lembro-me que fizemos juntos uma viagem maravilhosa, há muitos anos, a Timor, Solor, Flores e outras ilhas da Indonésia. Foi muito antes do 25 de Abril²⁵ e ainda antes de o seu pai ter sido destacado para a guerra do Ultramar — recordou Rosa, com a mesma voz entrecortada. — Mais tarde, o professor Trindadi esteve na nossa casa, aqui em Lisboa. Possivelmente não se lembra dele...

— Quando foi isso?

— Hum, há quase vinte anos! — soltou a mãe. — Não, pensando melhor, deve ter sido há mais tempo. Eu diria que entre 1990 ou 1991. Lembro-me que o Cavaco Silva ainda era primeiro-ministro.

— Mas mãe, estou pensando... O professor não parou de falar da *Flor do Mar*! Contou que o pai fez parte da equipe

que esteve pesquisando o navio.

— Tenho uma vaga ideia disso. Creio que o seu pai mencionou qualquer coisa a respeito disso.

— Você se lembra se o pai encontrou com um norteamericano?

— Eu sei lá, meu filho. O seu pai encontrava-se com tanta gente. Gente de todo o mundo. Não faço ideia.

— Mas mãe, pense um pouco — pediu Filipe com ansiedade. — Lembra se o pai falou sobre isso nos últimos tempos? Não falaram disso quando foram a Chiado?

— Não! Isso tenho certeza de que não — refutou Rosa, em um tom decidido, quase irritado. — O seu pai não falava da *Flor do Mar* há muitos anos. Já lhe disse!

— Sim, mãe, eu sei! — assentiu Filipe. Depois reparou que Azlan não tirava os olhos dele, por instantes, imaginou que ele compreendia português. A probabilidade era baixa, mas, de qualquer maneira, arrependeu-se de ter ligado para a mãe do táxi. — Se por acaso se lembrar de alguma coisa sobre isso, ligue-me, por favor!

— Está bem, meu filho! — respondeu em um tom carinhoso. — Eu ligo. Mas prometa que vai ter cuidado.

— Prometo!

— Tchau, meu filho. Beijinhos.

Azlan e Filipe chegaram a Malaca poucas horas depois, quando já estava anoitecendo. Azlan mantinha um sorriso aberto e parecia satisfeito por ter chegado. Filipe nem percebeu bem os contornos da cidade. Tudo lhe parecia confuso, com dezenas de motos ultrapassando o táxi. Avançaram por ruas estreitas e tortuosas, mas depois chegaram a um campo mais aberto.

O Hotel Melaka estava situado perto do mar, em um local onde tinham sido feitas, recentemente, obras de aterro. Ficava relativamente longe do centro da cidade, em uma zona moderna, cheia de bares e restaurantes – nada que

pudesse lembrar a Malaca antiga, como tinha dito o professor de Cingapura. O *lobby* do hotel era aberto, exuberante e cheio de janelas para o exterior, mas não se comparava ao luxo asiático a que esteve habituado em Cingapura. Um pianista tocava com elegância no bar, criando um ambiente agradável, mas o hotel não deixava de ter um ar relativamente decadente, como se tivesse visto os anos passarem sem se dar conta disso.

— Bem-vindo a Malaca! — desejou a jovem recepcionista de cabelos negros muito compridos e traços chineses, vestida com um uniforme roxo esverdeado muito florido. — O meu nome é Lim Hong Tai! Fez boa viagem?

— Sim, muito boa, obrigado! — respondeu Filipe, estendendo-lhe o passaporte.

— O seu quarto já está pago, Mr. Silva — respondeu Lim, depois de ver a identificação e confirmar a reserva no sistema. — Precisamos apenas do seu cartão de crédito para despesas extras.

— Sim, claro — respondeu Filipe, tirando a carteira do bolso e pondo o cartão de crédito em cima do balcão. Olhou em volta e depois fixou os olhos no pianista. Tocava uma melodia relativamente conhecida, mas, por mais que se esforçasse, não reconheceu o compositor. Também não interessava. Estava em Malaca!

— Obrigado, Mr. Silva — agradeceu Lim, devolvendo o cartão de crédito e olhando o português fixamente nos olhos. — O seu quarto é o 111! Eu vou acompanhá-lo...

Capítulo 8

MALACA, 3 DE MAIO DE 1594

“NÃO SE CONHECE NENHUM
OUTRO PORTO COMERCIAL TÃO
GRANDE COMO O DE MALACA,
NEM NENHUM OUTRO LOCAL
ONDE SE ENCONTRAM
MERCADORIAS DE TÃO BOA
QUALIDADE E TÃO VALIOSAS.”

Frei Tomé Pires em Suma Oriente de 1515



Diogo de Resende ultrapassou o colégio da Companhia de Jesus em passos largos e continuou ao longo da rua Direita. Rodrigo seguia logo atrás, com esforço. Já se sentia melhor, mas ainda tinha dificuldade em mover-se com velocidade e doíam-lhe as pernas depois de ter caminhado por Tranqueira e de ter descido o Monte de São Paulo. O destino não era muito longe, mas Rodrigo notou que D. Diogo estava visivelmente ansioso. Balbuciava sons imperceptíveis e resmungava baixinho, algo que só ele mesmo deveria entender.

Rodrigo não estava nervoso, mas sabia que os próximos momentos iriam ser cruciais. Compreendia o que tinha pela frente e sabia que várias pessoas se sentiam desconfortáveis por seu sotaque castelhano. Portugal encontrava-se unido a Espanha pelo mesmo rei, D. Filipe I, neto de D. Manuel, o Venturoso, desde 1580, dois anos depois de o rei português D. Sebastião ter morrido na batalha de Alcácer-Quibir sem deixar descendentes. D. Sebastião era conhecido como o “Desejado”, porque tinha sido desejado antes de nascer e desejado depois de morrer. Parte da nobreza portuguesa estava arrependida de ter aceitado a Monarquia Dual e

muitas vozes levantavam-se contra a intromissão castelhana nos domínios ultramarinos de Portugal.

Os quatro homens chegaram às imediações da Famosa, próximo da Porta da Alfândega, no sopé da colina. As duas sentinelas da porta do baluarte ficaram em sentido quando avistaram D. Diogo de Resende seguido de dois soldados e pelo homem que era conhecido como o “castellano”. Tinham ordens expressas do Capitão-Mor e por isso deixaram os homens passarem para a antecâmara que dava acesso à Plaza de Armas.

A praça estava deserta, apenas com o poço no meio, mas D. Diogo conhecia bem o caminho. Passou pelo armazém e alojamentos principais da guarnição e foi diretamente para a torre de menagem. Quando os quatro homens chegaram ao piso principal, foram recebidos por um europeu alto, com um bigode e barba preta farta, que esperava por eles.

— Podem ir! — ordenou o militar com voz firme em direção aos dois soldados. — A partir daqui, eu trato do assunto.

Os soldados afastaram-se e voltaram a descer as escadas. O europeu olhou fixamente para os dois homens. D. Sancho de Lousada era muito alto, como Rodrigo, e tinha ombros largos, nariz grosso e tez morena.

— D. Diogo, é sempre um prazer revê-lo! — começou D. Sancho, mostrando os dentes acastanhados e fazendo uma reverência em seguida.

D. Diogo manteve uma expressão pesada, visivelmente incomodado. Considerava D. Sancho uma pessoa perigosa, muito influente em relação ao Capitão-Mor, e tinha sempre muitas reservas em relação a ele. Mas sabia que não estava em posição favorável e esforçou-se por ser afável, inclinándose ligeiramente, em sinal de respeito.

— É o “castellano”, presumo?

— D. Rodrigo de Mascarenhas. — apresentou o velho

nobre, com uma voz firme. — O salvador da *Vera Cruz*!

Os cumprimentos foram breves e o fidalgo avançou pelo corredor, encaminhando os dois homens para os aposentos de trabalho do Capitão-Mor. Era uma grande sala com vista para a rua Direita e para a baía da cidade. Ali, o Capitão-Mor recebia os seus convidados, mesmo ao lado da sala do Conselho. O cavaleiro bateu de leve na porta e avançou, sem esperar pela resposta.

Quatro homens estavam sentados defronte de uma grande mesa de madeira, observando um manto de papéis e conversando entre si. D. Diogo percebeu que tinha interrompido uma audiência importante, porque reconheceu o Bendahara²⁶, o Tomungão²⁷ e D. Sebastião, um dos casados mais importantes da cidade. D. Diogo manteve a sua postura e deixou que D. Sancho de Lousada tomasse a iniciativa, o que não se mostrou necessário, pois D. Francisco tinha sido claro. Queria conhecer o “castellano” o mais depressa possível. O Capitão-Mor não se mostrou incomodado pela presença dos dois homens que tinham chegado e D. Sancho deu por terminada a reunião. Os homens assentiram e dirigiram-se à saída, fazendo uma reverência especial aos três homens que tinham acabado de entrar na sala.

Foi o próprio D. Diogo que acabou por apresentar Rodrigo de Mascarenhas. A conversa prévia com o Capitão-Mor não tinha corrido da melhor maneira, com D. Francisco falando sobre os receios de pessoas importantes na cidade que questionaram a lealdade do homem que acabou de chegar. O responsável da cidade tinha tomado posse há pouco tempo, mas D. Diogo conhecia bem pessoas como ele. Não ficou surpreso quando compreendeu que D. Francisco o estava responsabilizando pela conduta de Rodrigo. Essa era a razão pela qual tinha forçado aquele encontro, ao qual D. Francisco tinha respondido com a maior urgência.

D. Francisco da Silva de Meneses era um homem baixo,

gordo, mas com um sorriso de orelha a orelha, como se estivesse de bem com a vida. Chegado há três meses à cidade, já tinha feito de Malaca a sua terra, acompanhado dos seus homens de confiança, oriundos de Baçaim e de Lisboa, e estava conseguindo garantir apoio em todas as comunidades.

— D. Diogo, meu caro amigo! — começou D. Francisco com um sorriso aberto. — Finalmente tenho o prazer de conhecer o vosso protegido, o valente espadachim que salvou a *Vera Cruz*!

D. Francisco não convidou nenhum dos presentes a sentarem-se, pelo que D. Diogo e Rodrigo ficaram de pé, defronte do Capitão-Mor, enquanto D. Sancho se mantinha perto da porta observando o encontro à distância.

— O senhor chegou à nossa cidade em estado miserável! — afirmou o Capitão-Mor, mostrando algum humor.

— Vossa Excelência tem razão! — respondeu Rodrigo, tentando falar sem qualquer sotaque castelhano. Tentava, mas era difícil. Tinham sido muitos anos na Espanha e no Vice-Reino do Peru. — O combate contra Damião de Brito foi feroz!

— Todos os fidalgos desta cidade ficaram intrigados com a sua presença! — contou o Capitão-Mor, aproximando-se e olhando-o nos olhos. — Na Cidadela contam-se histórias sobre vós e como fostes capaz de desarmar o pirata renegado. Mas muitas vozes exprimem receios. É castelhano?

— Não! — refutou Rodrigo com veemência. — Nasci no Reino de Portugal!

— Mas fala castelhano... — afirmou com uma voz grave. D. Francisco não tinha nada contra os castelhanos e de algum modo respeitava El-Rei, mas se parte da cidade estava receosa, especialmente os funcionários da alfândega, sentia que deveria ter controle sobre a situação. — Não é dos piores sotaques, entende-se, mas...

— Vossa Excelência, desculpe-me! — avançou Rodrigo, tentando defender-se e não perder a voz. — Estive radicado muitos anos em Castela, especialmente em Valladolid e Burgos. Mas posso jurar, por amor a Deus, que nasci em Portugal e que tenho sangue lusitano.

— De onde, então?

— De Tomar!

— É um Templário, portanto? — desafiou o Capitão-Mor de imediato, tentando fazer uma expressão séria e depois olhando para D. Diogo. A Ordem dos Templários tinha sido extinta havia quase dois séculos e todos os seus bens transferidos para a Ordem de Cristo. A mesma Ordem que esteve por detrás dos Descobrimentos e dos navegadores do século passado.

— Não, Excelência! Sou apenas de Tomar, nascido bem perto do local das Cortes de 1581! — respondeu Rodrigo, fixando o olhar no chão, tentando não olhar para D. Diogo e controlar as emoções. — Mas tive uma doença de infância que me fez perder a memória. Pouco me lembro da minha infância e nunca conheci ninguém da minha família. Sou filho de Deus.

— Sendo assim, como sabe que nasceu em Portugal? — questionou D. Francisco, com a sobancelha carregada, ignorando a referência a Deus.

— Sinto-me português e tenho muitas memórias da minha terra.

— Da vossa terra?

— Sim, de Tomar, do rio Tejo e dos cavalos lusitanos...

— Que idade tem?

— Cerca de 40 anos, senhor! — respondeu Rodrigo, sem hesitar. Estava preparado para aquela questão, mas não sabia em qual dia, tampouco quantos anos tinha.

D. Francisco assentiu, parecendo contente com o que ouviu, e afastou-se para a janela. O silêncio era incômodo e

todos sentiam o som grave dos passos do Capitão-Mor.

— Estive muitos anos nos Andes, principalmente em Cusco e Lima — continuou Rodrigo, com uma voz calma. — Conheci alguns portugueses, não muitos, que tentavam alcançar fortuna. Muitos deles acabaram por vir também para a Índia.

— E que fez nos Andes todos esses anos? — inquiriu D. Francisco curioso, sem desviar o olhar da janela.

Rodrigo hesitou. Sabia que não podia contar que tinha se passado por padre e que esteve evangelizando os índios na selva que estava além da grande cordilheira. Rodrigo optou por contar as investidas que empreendeu nas montanhas e nos vales, acabando com as revoltas incas. — Sempre com a guarda de Deus, Nosso Senhor!

— Esteve quantos anos nos Andes?

— Cerca de dez anos, senhor! — respondeu prontamente. — A maior parte deles estive em Cusco, a antiga capital inca, mas viajei por todo o território.

Rodrigo continuou contando alguns episódios importantes que sabia contribuir para a boa vontade do Capitão-Mor. Contou que tinha tomado parte na construção de várias igrejas, que ajudou na conversão de centenas de índios e que sempre sentiu conforto dentro das igrejas.

— Um misto de missionário e de soldado — comentou D. Francisco, acompanhando os movimentos dos navios, perto da baía. — E Vossa Senhoria deixou Cusco por quê?

— Saudades do meu país e dos portugueses!

D. Francisco voltou a acercar-se da janela e não conseguiu disfarçar um sorriso. Por entre a bruma de final de tarde, vislumbrou um galeão com mais de mil toneladas que se preparava para zarpar. Sabia que iria navegar em direção a Macau. Carregava centenas de baús de tecidos coloridos de São Tomé de Meliapor que depois seriam exportados para Nagasaki. Era comandada por um fidalgo da sua confiança e

sentia que os rendimentos daquela viagem iriam assegurar-lhe um futuro próspero no Reino. O galeão deveria regressar a Malaca com prata do Japão e porcelana da China, que depois seguiria para Goa e mais tarde para Lisboa. Seria a primeira das suas concessões. A primeira de muitas...

— Precisamos de homens valentes como você! Homens de Deus! — atalhou o Capitão-Mor, voltando-se de frente, mostrando-se aparentemente convencido. — Seja bem-vindo à fortaleza de Malaca, D. Rodrigo de Mascarenhas!

Lá fora, o galeão Nossa Senhora do Rosário levantava a âncora, depois de ter obtido as últimas autorizações. Tudo tinha corrido conforme o combinado. O feitor e os oficiais da alfândega tinham fechado os olhos e a carga a bordo excedia os regulamentos em larga escala. O que ninguém adivinhou foi o que aconteceu em poucos meses. O bispo da cidade, D. João Ribeiro Gaio, excomungou o Capitão-Mor por causa dos graves abusos perpetuados sobre os comerciantes, bem como pela apropriação do comércio das especiarias. Alguns anos mais tarde, D. Francisco da Silva de Meneses iria ter o mesmo destino que o antigo Capitão-Mor, D. João da Gama²⁸. O próprio Vice-Rei da Índia, D. Martim Afonso de Castro, assinaria o seu mandato de prisão.

Passaram cinco meses desde aquele dia, mas Rodrigo ainda se lembrava bem daquele momento. Pensava nisso quando fitava os movimentos de D. Francisco da Silva de Meneses nas areias da Tranqueira. Estava rodeado pelos fidalgos mais importantes da cidade, incluindo D. Diogo de Resende, e tinha o olhar preso nas águas do mar.

A cidade de Malaca estava em festa! Depois de semanas de trabalho, a cidade estava enfeitada, limpa e repleta de bandeiras e flores para receber o rajá Omar, o sultão de Johor.

O monarca estava prestes a desembarcar na praia, a bordo de uma galeota, rodeado por um contingente de guerreiros. Todos de Johor vinham em paz. Os mais importantes dignitários da cidade, bem como centenas de pessoas de todas as comunidades, enchiam a praia de Tranqueira e toda a área circundante até a ponte para verem o rajá.

Rodrigo sabia que se tratava de um acontecimento muito importante. O sultanato de Johor tinha sido um dos maiores inimigos de Malaca desde os tempos do Terribel, D. Afonso de Albuquerque, e tinha sido construído com o que restava do sultanato de Malaca. De tempos em tempos, reclamava a cidade que tinha sido sua, mas os anos passaram, muitas batalhas foram travadas e o sultanato de Achém tornou-se uma ameaça comum para Johor e Malaca. Por isso, era imperativo cimentar a amizade entre as duas cidades e ambas as partes estavam conscientes disso. Daí a visita do rajá Omar, em uma clara tentativa de fortalecer ainda mais as relações de amizade entre as duas cidades, que já duravam há quase uma década.

Rodrigo estava no topo das muralhas da fortaleza e tinha uma vista privilegiada. As águas da baía estavam dominadas por uma variedade imensa de velas portuguesas, jaus e malaias, que flutuavam ao redor do pequeno ilhéu defronte da cidade. Todos os olhares se fixavam no rajá Omar e na sua comitiva, como se estivessem enfeitiçados. Os trajes dourados da família real eram exuberantes, mesmo vistos de longe, assim como o batalhão de guerreiros que avançava pela praia!

O pensamento de Rodrigo fervilhava enquanto observava atentamente o galeão que se mantinha ancorado depois do ilhéu das Naus. Flutuava com as velas recolhidas e as bandeiras lusitanas estavam bem visíveis. Sabia que se tratava da Carreira de Banda, que a cidade esperava havia várias semanas. Chegou na noite anterior e ainda tinha toda

a sua carga a bordo. Todos os desembarques tinham sido suspensos na véspera devido às cerimônias. Rodrigo sabia que isso duraria pouco tempo, pois mal as cerimônias terminassem, a alfândega autorizaria o desembarque dos baús de cravinho e uma nova agitação tomaria conta da cidade.

Rodrigo ainda precisava se ambientar a Malaca, mas estava consciente do que significava ser o entreposto comercial de uma vasta região como a Insulíndia e o Extremo Oriente. De vez em quando, acostavam galeões enormes e fortemente armados, vindos de lugares distantes, após meses de viagem. Chegavam com os porões carregados de drogas exóticas, cheios de riqueza e de marinheiros desejosos de viver uns dias em terra firme.

Ainda era conhecido na Cidadela como o “castellano”. Muitas pessoas vinham ao seu encontro e pediam-lhe para esgrimir alguns golpes para verem como Damião de Brito tinha sido derrotado na *Vera Cruz*, mas Rodrigo recusava-se a pegar em uma espada e afastava-se, na maior parte das vezes para fora das muralhas. Nas últimas semanas, tinha vagueado por todas as povoações e tinha acabado por cruzar com muitos casados. Simpatizou com muitos deles. A maior parte era mestiça, mas ali, naquela cidade, eram considerados como portugueses, tão portugueses como os do Reino. Eram o resultado da política de aculturação do Terribel e, na sua maioria, davam continuidade ao costume da miscigenação, principalmente com mulheres malaias, de Java e de Makassar. Os nobres casavam-se com princesas de pequenos sultanatos, incluindo o de Achém, mas muitos deles seguiam vidas simples nos kampungs²⁹ ao redor.

Quase todos os casados estavam ligados ao comércio. Rodrigo cedo concluiu que um punhado deles dominava o comércio de mantimentos na cidade, principalmente por meio dos kampungs. Muitos estavam ligados às “viagens aos

lugares”, pelas concessões diretas ou indiretas. Retiravam proveitos importantes, mas também sofriam pressões dos funcionários da alfândega, bem como dos fidalgos próximos do Capitão-Mor.

Mas Malaca era muito mais do que isso. D. Diogo de Resende dera-lhe essas informações, mas só semanas mais tarde é que alcançara o sentido daquelas palavras e compreendera o papel de cada comunidade, bem como os vários povos da cidade que se interligavam entre si.

Os malaios, isto é, os naturais de Malaca, eram os que estavam em maior número. Mas depois de tantos anos misturavam-se com os portugueses e outros povos. Alguns deles eram cristãos, vestiam-se com tecidos e sedas do Coromandel e nem sempre era fácil distingui-los de outros casados, mas a maior parte continuava muçulmana e vivia principalmente nos kampungs ao redor da Cidadela. Eram representados pelo Tomungão, ou Tummenggung, como os malaios lhe chamavam, e tinham um acesso fácil ao Capitão-Mor.

Os chinchéus eram sobretudo originários da província chinesa de Fukien e assumiam-se como aliados tradicionais dos portugueses. Eram representados pelo capitão Notchim³⁰ e gozavam de um grande respeito na cidade. O mesmo podia se dizer dos quelins, que pouco tinham a ver com os indianos do Guzarate, os quais tinham retirado-se da cidade em 1511. Os quelins eram hindus e provinham da Costa do Coromandel, onde os portugueses tinham vários portos de abrigo. Eram representados no Conselho da cidade pelo Bendahara e Rodrigo apercebeu-se que se tratava de um cargo importante. Em poucos dias, ouviu várias histórias sobre Henrique Bandara, o representante da comunidade quelim de alguns anos atrás, e D. Diogo adiantou-lhe que o Capitão-Mor tinha que dar bastante importância ao cargo.

Por outro lado, milhares de jaus viviam na cidade.

Provinham da ilha de Java e eram pelo menos quatro mil na cidade. Eram majoritariamente pescadores ou navegadores entre Malaca e Java que transportavam arroz. Viviam sobretudo no *campon jaio*, perto de Tranqueira, além da curva do rio, mas começavam também a viver no povoado de Hilir.

Hilir estava ligada à Cidadela por uma rua direita que desembocava na Porta de Santiago. A aldeia era menos populosa e agitada que Tranqueira, mas estava ainda mais desprotegida de qualquer ataque inimigo. Rodrigo sentiu uma atração muito forte por aquele local desde a primeira vez. Talvez fossem os coqueiros, os jardins de orquídeas, a sombra do Monte de São João, o cheio de mar ou simplesmente o som das ondas na areia.

D. Diogo tinha explicado-lhe que o povoado estava crescendo rapidamente nos últimos anos. Já não eram apenas pescadores jaus ou malaios que ali viviam em casas de madeira. Mais de cem casados, a maior parte deles de ascendência indiana, viviam em Hilir, especialmente desde o último cerco de Achém. Talvez por isso Hilir já tinha várias casas de pedra, jardins e ruas bem-arranjadas.

Rodrigo despertou com os sons ensurdecedores que provinham da agitação da Cidadela. A comitiva do sultão passou a ponte, ultrapassou a Porta da Alfândega e, aos poucos, a multidão ficou para trás, dispersando-se pelas ruas. A normalidade voltou a Tranqueira. Os jaus continuaram a descarregar arroz na margem do rio e o bazar voltou a funcionar. Os soldados do topo da torre relaxaram um pouco e depois fitaram a agitação dentro das muralhas. O rajá Omar caminhava ao lado do Capitão-Mor e os dois eram seguidos por uma larga comitiva de portugueses e malaios. Ao longe, parecia que os dois homens se entendiam, falando com entusiasmo. O ambiente parecia bastante pacífico e a iniciativa diplomática era um sucesso. Pouco depois, a comitiva ultrapassou as sentinelas e entrou na

fortaleza.

Quando voltou a fitar o pelourinho e a agitação do bazar dos jaus, Rodrigo descobriu aquela mulher inebriante. Acompanhou o seu passo durante algum tempo. Avistou-a de novo comprando frutas, ladeada pelas mesmas duas mulheres. Ao longe, as três eram deslumbrantes, vestidas com tecidos intensos de Coromandel. Daquela vez não eram azuis! A mulher estava envolta em um bonito tecido amarelo com laivos avermelhados e seus cabelos compridos negros esvoaçavam com uma rajada mais forte.

As três mulheres ultrapassaram a igreja de Santo Estêvão e depois caminharam em direção ao *campon* chinchéu. Chegaram perto da margem do rio, onde um grupo de escravos descarregava sacas de arroz, e um dos comerciantes do bazar dos jaus veio ao seu encontro. Por certo que se conheciam, e logo o homem avançou rapidamente para o bazar, seguido pelas três mulheres. Depois, teve a sensação de que estava sonhando. A mulher vestida de amarelo e vermelho olhava para ele. Estava a algumas centenas de metros, mas Rodrigo sentiu a força do olhar. Era um olhar doce, apaixonante, que lhe trespassou o peito e o deixou sem respiração, mesmo àquela distância. Rodrigo sentiu o coração batendo apressadamente e depois agiu por impulso. Afastou-se das ameias, desceu as escadas da torre em passo apressado, correu à Plaza de Armas e saiu da fortaleza. Atravessou a porta da Alfandega correndo e mergulhou na imensidão de Tranqueira.

Tentou ser rápido, mas não conseguiu. Passou o pelourinho, o bazar dos jaus, e correu até o *campon* Chelin. Quando chegou perto da margem do rio, não viu a barcaça de arroz, nem as três mulheres. Olhou em volta, à procura de um sinal, de uma cor conhecida, mas não vislumbrou nada. Não reconheceu ninguém. Foi então que teve uma ideia. Regressou ao bazar dos jaus e foi ao encontro da malaia que

vendia frutas na banca, onde, pouco antes, avistou as três mulheres. A vendedora não falava português. Rodrigo tentou falar malaio, mas não conseguiu fazer-se entender. Por fim, uma menina pequena veio ao seu encontro. Era a filha da vendedora de frutas. Chamava-se Rosário e falava um português fluente.

— Perdoe a minha mãe, senhor! — pediu a pequena Rosário. Tinha cerca de dez anos, mas estava muito bem-vestida com tecidos indianos e tinha um sorriso muito bonito. — Ela entende português, mas não sabe falar corretamente e tem vergonha. Posso ajudá-lo?

— Sim! Procuro três mulheres. Costumam comprar frutas com a sua mãe. Estiveram aqui há um instante e gostaria de saber os seus nomes e quem são.

A mulher, mãe de Rosário, compreendeu o que ele tinha dito. Assentiu com um pequeno sorriso desenhado na face. Conhecia bem aquele *feringgi* — já o tinha visto muitas vezes por ali. A princípio, com um andar muito estranho, mas depois com mais segurança. Sabia bem o que procurava e disse à filha o suficiente.

— A minha mãe conhece bem as três mulheres de que fala.

— São de Malaca?

— Não! — respondeu a menina, com um olhar maroto e depois tapando a boca com os dedos. — São de Kedah!

— Kedah? — estranhou o nome, abrindo muito os olhos e fitando Rosário e depois a mãe.

As duas malaias perceberam que o *feringgi* não sabia onde era Kedah e entreolharam-se. A mãe disse algo para a filha em malaio, que depois Rosário traduziu.

— Trata-se da princesa Noor, a sobrinha do sultão de Kedah! — adiantou Rosário, mostrando os seus dentes muito brancos que contrastavam com a sua pele escura. — Vem vender arroz à cidade e aproveita para comprar frutas! Todos

os meses!

— Todos os meses?

— Sim, normalmente no primeiro domingo de cada mês!

— Aqui?

— Sim, no bazar dos jaus! — respondeu a mãe em português, esboçando um sorriso tímido. Todos sabiam que aquele era o melhor local de toda a península malaia para vender arroz.

Rodrigo agradeceu, satisfeito, às duas malaias e sentiu que estava próximo. Finalmente, sabia de onde ela era. Kedah! Imaginou que fosse uma aldeia próxima de Malaca e pensou que ela regressaria mais cedo ou mais tarde. E isso significava que voltaria a vê-la! Noor...

Depressa aprendeu que Kedah não era uma aldeia perto de Malaca, mas sim um pequeno sultanato a várias léguas a Norte da cidade, com laços familiares muito fortes com Johor. D. Diogo de Resende estranhou a pergunta, mas pensou que fosse mais uma das dúvidas de Rodrigo, que ele tentava esclarecer para melhor compreender a cidade, e logo continuou falando do estado das colheitas por todos os *kampungs*.

Rodrigo passou a percorrer as ruas de Tranqueira todos os dias e aos domingos esforçava-se para chegar mais cedo do que o habitual. Primeiro observava o bazar dos jaus e o tráfego no rio. Depois, percorria as ruas movimentadas de Tranqueira e passava horas sentado perto do pelourinho. Ficava ali simplesmente observando as pessoas caminhando para cima e para baixo. Mas o desfecho era sempre igual e nunca era o desejado.

Em um domingo cinzento e triste, Rodrigo voltou a vê-la. Foi quando a chuva parou que percebeu que ela estava do outro lado da travessa do Bandara, mais uma vez acompanhada pelas duas mulheres. Daquela vez, porém, tinha uma aura diferente e estava a poucos metros dele.

Afastou-se do pelourinho, avançou pelo bazar e foi direito ao seu encontro. Quando ficou ao seu lado, sentiu um odor doce, que lhe fez recordar algo muito antigo, escondido na sua memória. Aproximou-se ainda mais, encostado à banca de fruta, e fitou-a nos olhos. Ela reconheceu-o, esboçou um sorriso tímido e depois baixou o olhar. Os seus lábios tremeram. Tinha os olhos finos, amendoados e ficavam menores quando sorria. Os cílios eram compridos e um risco negro, pintado em volta dos olhos, acentuava os contornos do olhar. Era difícil adivinhar a sua idade, mas Rodrigo imaginou que deveria ter 20 anos, ou um pouco mais. Os cabelos negros e compridos brilhavam aos primeiros raios de sol, a cor da pele era dourada e conseguia-se distinguir um odor a sândalo no ar. Rodrigo tentou dizer algo – que esteve ali à espera durante semanas –, mas os lábios dele também tremeram. Os seus olhos fixaram os dela e foi como se a agitação do mercado cessasse repentinamente e tudo em volta deixasse de existir por completo. Apenas o pelourinho da cidade, com a esfera armilar no topo, parecia testemunhar o que se passava entre os dois.

— O meu nome é Rodrigo — começou ele em um tom leve, tentando controlar o que sentia.

Ela levou a mão aos seus cabelos negros e tentou esboçar um ligeiro sorriso, para depois responder em português: — Já me haviam dito, Rodrigo de Malaca...

A voz dela e aquela resposta simples deixaram Rodrigo atordoado, como se tivesse sido atingido por um raio. Mas ele não se atrapalhou e respondeu:

— E você chama-se Nur!

— Noor! — corrigiu ela quase a sussurrar, não deixando de mostrar o seu espanto. A pronúncia era difícil, mas entendia-se bem.

— Nuur?

— Noor!

— Noor! — disse Rodrigo por fim, visivelmente nervoso. O odor a sândalo era intenso e onipresente.

Os dois sorriram timidamente e depois baixaram o olhar. As duas damas de companhia perderam-se na imensidão do bazar e ficaram para trás, presas junto ao rio onde os escravos continuavam a descarregar arroz.

— Você é a mulher mais bonita que vi na minha vida — soltou ele, sem perceber o que dizia. — Olhar para você naquele dia deixou-me petrificado. Desde então, tenho vindo ao mercado todos os dias para procurá-la.

Rodrigo parou de falar e limitou-se a fitá-la nos olhos. O odor a sândalo que emanava dos cabelos dela era intenso e enfeitiçava-o cada vez mais. Noor encaminhou-o para fora do bazar e os dois caminharam lado a lado, muito próximos, em direção à areia da praia. Ultrapassaram as ruas estreitas do *campon* Quelim e a Tranqueira, e depois chegaram à praia. As ondas do mar batiam com força na areia e, mais ao fundo, um grupo de jovens malaios banhava-se ao sabor das ondas. Cheirava intensamente a mar e os sons e odores das especiarias dos bazares tinham ficado para trás.

— De onde você é, Rodrigo de Malaca? — perguntou ela finalmente, quebrando o silêncio.

Mais uma vez, Rodrigo sentiu-se inebriado pelo tom da voz dela e ficou sem saber bem o que dizer.

— Sou mesmo de Malaca! — proferiu ele por fim, simplificando. — Vivo do outro lado do rio....

— Dentro das muralhas? — perguntou em um tom muito baixo e com o olhar preso na areia da praia.

— Sim, dentro das muralhas, perto da igreja.

Uma onda mais forte avançou pela areia e contornou as pernas de ambos. Os dois soltaram um riso cúmplice quando sentiram a frescura da água e as suas mãos tocaram-se. Ele olhou para o braço dela e viu como brilhava à luz do dia e, depois, ela sentiu-se tentada a sentir os pelos louros dos

braços dele. De novo Rodrigo sentiu o odor a sândalo dos cabelos negros e inspirou profundamente. Sentiu-se enfeitiçado pela vida. Ao fundo, os jovens malaiois mergulhavam divertidos, sem se aperceberem do casal que fitava o mar e os navios ancorados na baía. As ondas formavam-se com velocidade, mas os jovens estavam decididos a passar por debaixo delas antes que se elevassem no ar para depois chocarem-se com a areia.

O cavalo branco cavalgava ao longo da margem do rio, avançando com velocidade pelos campos de trigo. A corrida durava mais de uma hora, mas o ritmo não abrandava e o cavalo mostrava que tinha raça. Um conjunto de 15 homens, fidalgos e religiosos, observava a corrida solitária, apontando e comentando entre si as qualidades daquele espécime. No meio do grupo, um rapaz encorpado de 14 anos esboçou um largo sorriso, evidenciando grande contentamento. Era, de fato, um cavalo de muita qualidade.

— Como se chama aquele castelo ali ao fundo? — perguntou subitamente o rapaz, distinguindo uma construção de pedra erigida por cima de uma ilha rochosa no meio do rio Tejo.

— Almourol, Majestade — respondeu D. Luís de Ataíde.

— Construído por D. Afonso Henriques?

Os homens trocaram um murmúrio e soltaram um pequeno riso, que cessou de imediato com o olhar gélido de D. Luís. Todos os presentes tinham um imenso respeito por aquele homem, que em muitos casos chegava a ser temido. Dizia-se que o nobre português tinha um caráter muito rígido, quicá resultante das muitas batalhas que travou no Mediterrâneo Oriental contra os turcos. Dizia-se que ele próprio tinha matado centenas de mouros e tirado a vida de

muitos dos seus inimigos pessoais com as suas próprias mãos. D. Luís era temido aquém e além-mar. Talvez por isso tinha sido recentemente nomeado como Vice-Rei da Índia e deveria embarcar para Goa nas próximas semanas.

— Melhor do que isso, Majestade — corrigiu o nobre em um tom de voz paternal. — D. Afonso Henriques conquistou a fortificação muitos anos antes da sua entrada gloriosa em Lisboa. Depois, doou a ilha a D. Gualdim Pais, que construiu o castelo com a forma atual.

O cavalo não parava. Saltou um monte de pedras, entrou no leito do rio e só abrandou o passo quando percebeu o sinal de D. Luís de Ataíde. O animal respondeu lentamente à chamada e atravessou o rio em direção ao grupo que o admirava, intensificou o passo e parou a dois metros de D. Luís. O nobre aproximou-se do cavalo branco e passou-lhe a mão pelo pelo, para o acalmar e ganhar a sua confiança.

— Está pronto, Majestade! — proferiu D. Luís, agarrando com força nos freios com as mãos.

O cavalo branco relinchou, mas acabou por baixar a cabeça, obedecendo. O rapaz aproximou-se confiante e esboçou um sorriso rasgado. O desafio não parecia ser difícil, mas mesmo assim aceitou-o. Subitamente o cavalo soltou uma fúria imensa e libertou-se, atingindo vários homens com as patas. No meio da confusão, o rapaz teve sorte. D. Luís atirou-o para o chão assim que o cavalo se enfureceu e ele ficou fora do alcance das patas. O animal afastou-se ligeiramente e com um coice súbito atirou um dos religiosos ao chão, que gritou de dor, sentindo que tinha a perna esmagada.

Rodrigo abriu os olhos de repente, acordando sobressaltado na escuridão. Olhou em volta, tentando perceber onde estava. Ouviu as ondas do mar batendo na areia e percebeu que não estava em Almourol. Estava em casa, em Hilir, na cama, no seu quarto. Tinha o corpo suado,

estava cheio de calor e sentia o coração na boca. A imagem do cavalo bravo em fúria tinha-o assustado, mas por fim compreendeu que fora apenas um pesadelo. Mais um, como tantos outros nos últimos anos! As dores de cabeça eram imensas e apressou-se a massagear a testa. Almouro! Um nome de que não conseguia libertar-se! Ainda não sabia o que significava exatamente, mas quase que podia visualizar um castelo no topo de uma ilha, no meio de um rio. Depois olhou para o lado e distinguiu o corpo de Noor. A luz da lua cheia entrava parcialmente pela janela e conseguiu vislumbrar o contorno dos braços e dos ombros da mulher que amava. Suspirou e começou a acalmar-se.

Conhecer Noor tinha sido a melhor coisa que lhe aconteceu nos últimos anos. Deixou a culpa para trás, o seu passado religioso, e deixou de pensar muito sobre as coisas. Malaca transformou a sua vida e Noor mudou a sua maneira de pensar. Sentia-se bem e em paz. Não deixava de achar estranho partilhar os seus dias com uma mulher, mas aqueles tempos eram uma verdadeira dádiva de Deus. O seu casamento tinha sido abençoado por todos e tinha acabado por cimentar a amizade entre Malaca e Kedah. A cerimônia na praia de Tranqueira tinha durado quase um dia e juntou todas as comunidades da cidade e os vários povos da península malaia. Tinha sido um misto de cor e alegria, algo que por vezes faltava em Malaca. D. Diogo de Resende apadrinhou a festa, bem como o sultão de Kedah e toda a corte do sultanato, e até o Capitão-Mor se juntou à cerimônia, vendo que poderia tirar algum proveito.

Rodrigo voltou a fitar o corpo de Noor na escuridão e abraçou-a. O abraço foi vigoroso, como se tivesse necessidade de comprovar que ela estava ali, ao seu lado. Noor dormia profundamente, mas despertou. Virou-se lentamente e fitou-o. Os dois trocaram olhares fugazes com a pouca luz no quarto, sorriram levemente e beijaram-se. As

mãos deslizaram pelo corpo um do outro e soltaram as sensações com cada novo toque. Foi como se subitamente um trovão irrompesse pela noite calma e mergulharam um no outro. Sentiram-se um ao outro e amaram-se loucamente, como se fosse a primeira vez – como naquela tarde mágica, poucos meses atrás. Mas a agitação não demorou muito. Após breves instantes, Noor caiu por cima de Rodrigo, exausta, em um cansaço que lhe dava uma felicidade que ela não sabia que existia.

— Bom-dia, meu amor! — acabou por dizer em um português perfeito, com os lábios muito perto dele. Sentia o coração em chamas como se fosse uma menina descontrolada, mas acabou adormecendo profundamente pouco depois.

Rodrigo tinha adormecido instantes antes e deixou para trás as dores de cabeça e os pesadelos que o atormentavam nos últimos anos. Dormiram abraçados durante longas horas e não viram o sol nascer.

Malaca era uma cidade que acordava cedo, da mesma maneira que se deitava tarde. Era uma cidade que vivia do comércio com os mais longínquos portos do Oriente, mas também era um centro de mercenários, que vagueavam pelas tabernas e pelos bazares da cidade em busca de oportunidades e de fortuna. Na sua maioria eram soldados desertores de algum posto da Insulíndia, que tinham desistido de receber um soldo miserável e procuravam dias melhores. De Malaca, os mercenários seguiam para todo o lado, desde Bengala até as Molucas e às ilhas de Banda. Muitos acabavam por liderar bandos de piratas, especialmente os renegados – alguém que tinha sido acusado de algum crime em uma praça-forte portuguesa e que tinha fugido à justiça. Muitas vezes convertiam-se ao Islão e colocavam-se a serviço de um sultão muçulmano. Eram conhecidos muitos casos no Achém, em Java, bem como nas

ilhas mais para Oriente. Indiscutivelmente, eram um perigo para a navegação, incluindo navios portugueses, tanto no Golfo do Sião como no Estreito de Malaca ou no Golfo de Bengala.

Quando o sol já estava alto, a Famosa sobressaltou-se com as informações que chegavam. Foi o Bendahara quem deu a notícia ao Capitão-Mor, D. Francisco da Silva de Meneses, que logo reuniu os seus homens de confiança, aproveitando o fato de D. João Ribeiro Gaio estar a serviço em Goa. A situação parecia grave! Um navio de jaus com salvo-conduto português tinha sido atacado a poucas léguas de Muar, supostamente por piratas burmaneses liderados por *feringgis*.

— Tendes a certeza que se trata de Damião de Brito? — questionou D. Diogo de Resende com uma voz firme e dura, quando todo o Conselho estava reunido em caráter de urgência.

— Sim, meu senhor! — garantiu o hindu com uma expressão séria. Também ele queria ver aqueles piratas mortos e tinha plena confiança nas informações que lhe tinham dado. Não restavam dúvidas acerca do que se passou. — Os jaus garantiram que o navio era comandado por um *feringgi*.

— Só pode ser ele, Capitão! — avançou D. Nuno de Heredia, com os olhos fixos em D. Francisco.

— Mas se tal fosse verdade, estariam muito longe de casa! — lembrou o Capitão-Mor, cético quanto às informações que recebia. — Não podemos ignorar a possibilidade de que pode ser apenas alguns renegados jaus, ou, quem sabe, chinchéus.

O bendahara insistiu na informação que tinha recebido e o fez com veemência. Os piratas eram burmaneses e eram comandados por um homem branco. A maior parte do Conselho manteve a sua opinião inalterada, mas o bendahara

insistiu mais uma vez. Todas as descrições apontavam para Damião de Brito e aquela parecia ser uma oportunidade única para pôr fim aquele flagelo dos mares.

— Meu Capitão! Já tivemos mais do que uma prova que Damião de Brito foi visto muito depois de Cingapura — lembrou, por sua vez, D. Diogo de Resende em um tom assertivo e grave. A hesitação das autoridades era confrangedora e incompreensível tendo em conta os acontecimentos dos últimos anos, especialmente dos últimos meses. — Estão longe de Arakan, é verdade, mas sentem-se atraídos pelo tráfico circundante a Malaca e atacam navios desprotegidos. Tivemos vários casos nos últimos meses e julgo que todos vocês ainda lembram-se do que aconteceu à *Vera Cruz*. O nosso nobre amigo D. Rodrigo de Mascarenhas é testemunha. Todos sabemos que uns meses nestas águas podem render muito mais do que vários anos no Golfo de Bengala.

— Concordo com D. Diogo de Resende. Acredito que não podemos perder mais tempo, meu capitão! — avançou D. Nuno de Herédia, tentando fazer uma voz ainda mais firme. Algo lhe dizia que podia confiar naquelas informações. O flagelo dos mares estava ali bem próximo, à mercê da frota de Malaca. Muar não estava distante mais do que um punhado de léguas da Famosa e qualquer navio poderia alcançá-lo com uma boa navegação e ventos favoráveis.

— Temos de reunir os homens e ir atrás deles!

O debate continuou por muito tempo e D. Francisco concluiu que tinha de tomar uma decisão. A opinião do Conselho começava a mudar e todas as vozes apontavam na mesma direção. Tinha que agir! Pouco depois, o Capitão-Mor levantou a voz e pediu a palavra, dando a ideia de que esteve estudando profundamente aquele caso. Depois de breves palavras e de apontar várias razões, D. Francisco da Silva de

Meneses ordenou que se reunisse uma força de ataque. A decisão foi bem acolhida pelo Conselho e D. Diogo de Resende fez um ar de aprovação. D. Francisco sentiu um alívio e pensou que aquele episódio poderia ser-lhe favorável, especialmente se a expedição conseguisse por fim apanhar o renegado. Goa ainda haveria de o idolatrar e El-Rei decerto que o recompensaria pelos serviços prestados na Índia.

Em poucas horas, os portugueses conseguiram reunir cerca de cem soldados, mais de cinquenta casados e um importante contingente de malaios e quelins. Quando D. Diogo de Resende encontrou-se com Rodrigo em Hilir, contou-lhe o sucedido. Rodrigo, sem hesitar, insistiu em fazer parte da investida contra os piratas. Passou mais de um ano do ataque à *Vera Cruz*, mas ele não tinha esquecido o sucedido. Os dois homens acabaram embarcando juntos em uma das galeotas, à vista de milhares de pessoas que se tinham amontoado na praia de Tranqueira. Aqueles renegados tinham de ser castigados e os seus ataques tinham de ser sustidos!

Ao todo, os portugueses de Malaca tinham conseguido formar uma pequena esquadra de três galeotas, embarcações de pequeno porte, mas com bom poder de fogo de canhão, e mais quatro galés a remos dirigidas por malaios, duas delas de Kedah, que já tinha sofrido por diversas vezes as investidas dos burmaneses.

A pequena esquadra rumou rapidamente para o sul, em direção a Muar. Conseguiram atingir boa velocidade. Navegaram sempre ao longo da costa e na tarde seguinte, a expedição de Malaca avistou um galeão ancorado na boca do rio de Muar. Era um navio de grande porte com três mastros de velas quadradas e várias bocas de fogo. Afinal, as informações dos jaus e quelins pareciam estar corretas.

— Nada parece português! — afirmou D. Nuno de

Heredia, bem ao seu lado, com os olhos postos na embarcação. Procurava um sinal, uma bandeira ou um cartaz de navegação que indicasse a proveniência do navio.

— Não, não tem a Cruz de Cristo nas velas. Não são portugueses! — confirmou Rodrigo com voz grave, sentindo uma leve tontura de entusiasmo. — Conheço aquele navio! É Damião de Brito!

Rodrigo estava certo e a esquadra avançou em linha reta, bem perto da costa, em direção à foz do rio. Sorrateiramente, as galeotas começaram a se afastar uma das outras para cercar melhor o navio inimigo. As galés dos malaioes ganharam mais velocidade e passaram a ficar na dianteira do ataque.

Os piratas burmaneses liderados pelo *feringgi* Damião de Brito foram muito lentos para perceberem o avanço do inimigo e levantaram âncora apenas quando já estavam sob o alcance do fogo das galeotas portuguesas.

Damião de Brito foi acordado pelo seu imediato muito tarde. Assim que chegou ao convés e se apercebeu da situação, mandou formar os homens e deu indicações ao piloto para fugir para mar alto, mas os portugueses tinham sido mais rápidos e conseguiram fechar o cerco quando os piratas ainda estavam perto da costa. Os primeiros disparos dos portugueses tiveram lugar quando as galés malaioes já estavam perto do navio pirata, mas este furou facilmente o cerco das galés e as flechas dos malaioes poucos danos infligiram. Os piratas *feringgis* dispararam uma bateria de tiros de mosquete, acertando principalmente nos guerreiros da galé que estava mais próxima. Um a um, os malaioes foram perdendo a vida, em um combate desigual. No entanto, aquele confronto permitiu que se ganhasse algum tempo para que as duas galeotas portuguesas se aproximassem. As bocas de fogo portuguesas dispararam de novo e os piratas foram atingidos na proa e em uma das velas. Foram então

obrigados a suster o ataque às galés malaias e inverteram ligeiramente o rumo, de modo a posicionar melhor as suas bocas de fogo.

Do alto da popa do navio, Damião de Brito compreendeu que a situação era grave, mas conhecia bem as manobras portuguesas e sabia como furar o cerco. Em um movimento rápido, afastou-se das galés dos malaios e escolheu o alvo. A escolha não tinha sido ao acaso. Tratava-se da galeota mais afastada da esquadra e, em um ápice, as bocas de fogo piratas atacaram-na com uma força impiedosa.

Os piratas estavam habituados a combater em inferioridade numérica. Por essa razão, o piloto conseguiu esquivar-se aos disparos inimigos, ao mesmo tempo que os canhões mantinham o ataque ao alvo escolhido. Desse modo, Damião de Brito contava eliminar os adversários, um a um, como tantas vezes conseguira fazer com êxito. A galeota portuguesa tentou sair do alcance do fogo inimigo, mas não conseguiu, e foi atingida várias vezes. A vela foi derrubada e um fogo violento deflagrou junto à popa, enquanto a água começava a entrar no porão.

Damião de Brito inverteu o rumo mais uma vez e deixou para trás as galés malaias que, entretanto, tinham perdido velocidade. Os portugueses a bordo das outras duas galeotas adivinharam o que o inimigo se preparava para fazer. Os piratas conseguiram sair da linha de fogo e rumar direito para uma das galeotas.

— Cuidado, eles vêm aí! — gritou um dos quelins que estava ao lado do piloto.

O capitão da galeota, D. Paulo de Azambuja, tentou posicionar o navio de modo a conseguir atingir os piratas, mas a corrente e o vento não ajudaram e a galeota movia-se com dificuldade.

— Vamos ser abalroados! — avançou D. Nuno de Herédia, erguendo a espada e preparando-se para o pior. Os

seus ajudantes olharam para o mestre e fizeram o mesmo, com os olhos postos nos atacantes. Seria a primeira vez que iriam combater, mas sentiam que estavam preparados.

D. Diogo de Resende estava ao lado de D. Nuno e concordou. Damião de Brito revelava uma audácia pouco habitual. Pelo modo como manobrava o navio e tentava furar o cerco, pensou que não seria fácil derrotá-lo. Parecia que estava atacando e não defendendo-se. D. Diogo mais uma vez pensou no pai do pirata. Tinham sido bons amigos em Mazagão, mas não podia perder tempo com essas recordações.

— Vai ser um combate corpo a corpo! — gritou Rodrigo de Mascarenhas, desembainhando a espada com os olhos postos no navio inimigo. O modo como o navio pirata cruzava as águas era uma visão aterradora.

— Às armas, às armas! — ouviu-se no convés. — Agarrem-se, homens!

O piloto quelim Ali Fernandes tentou virar a galeota de modo a cumprir as ordens de D. Paulo de Azambuja, mas não conseguiu. O navio de Damião de Brito abalroou a galeota poucos instantes depois. O embate foi violento! A galeota rangeu da popa à proa e, por momentos, os tripulantes julgaram que o navio não iria resistir. Mas resistiu! Os piratas aferraram a galeota e invadiram o convés português com uma violência desmedida, ao som de gritos de guerra ensurdecedores.

Rodrigo lançou-se de imediato contra os invasores. Cedo percebeu que muitos piratas se lembravam dele, porque se notou uma ânsia de vingança. O português foi rapidamente cercado por um grupo de cinco burmaneses, mas Rodrigo mostrou ser muito rápido para eles. Com um só golpe, atingiu dois piratas e depois deu um pontapé em um terceiro. Virou-se e viu que tinha apenas dois homens a fazer-lhe frente. Os burmaneses mostraram alguma insegurança e

aproximaram-se um do outro como se isso os pudesse proteger. Esperaram pelo golpe do português, que tardou. Rodrigo contornou vagarosamente os dois adversários e esperou pelo ângulo certo. Depois, deu um golpe violento e terminou com aquele combate.

D. Diogo de Resende não estava muito longe e engoliu em seco ao ver as duas cabeças soltas no convés. Sentiu uma vontade imensa de vomitar, mas depois conseguiu controlar-se. Quando voltou a olhar na direção de Rodrigo, viu que ele tinha sido novamente cercado por outros cinco burmaneses. Pensou que tinha que ajudá-lo, mas susteve-se, abismado pela força e perícia daquele português. Sentiu um aperto no coração e acreditou que era uma miragem, semelhantes àquelas que tinha visto no Norte de África.

Do outro lado da galeota, a situação parecia ser mais complicada. Os piratas tinham cercado D. Paulo de Azambuja e tiraram-lhe a vida nos instantes seguintes. Piratas *feringgis* e burmaneses lutavam lado a lado contra os portugueses e seus aliados e estavam vencendo o combate.

Damião de Brito observava os combates perto do leme e tentou entender a situação. Sabia que estavam vencendo, mas depois olhou para o lado e viu que a terceira galeota portuguesa se aproximava a boa velocidade. Pensou que os malaios aliados dos portugueses não tardariam a chegar. Sabia que eram alvos fáceis à distância, mas que eram guerreiros destemidos em um combate corpo a corpo. Olhou para o fundo do convés e voltou a ver aquele homem ruivo combatendo. Sentiu o sangue subindo à cabeça e soube que estava em perigo. Quando viu a cabeça do burmanês saltando do corpo com um golpe de espada, tomou uma decisão. Sabia que tinha arriscado muito ao aproximar-se de Malaca. Os dias de mar tinham sido desgastantes e os porões estavam vazios de água e mantimentos. Ancorou em Muar, depois de mais um ataque para abastecer-se de mantimentos

e regressar a Arakan. E, agora, sabia que tinha que ser rápido...

Quando se preparava para dar ordem de retirada, deparou-se com um nobre português defronte dele. D. Nuno de Herédia vinha decidido, de espada em punho. Desafiou o pirata, mas o duelo começou da pior maneira. Damião de Brito foi fulminante e tirou o punhal que trazia escondido na cintura. Em um golpe certo, espetou-o no abdômen do fidalgo português. A lâmina não chegou a perfurar em profundidade, já que D. Nuno conseguiu desviar-se no último instante. Mas não evitou o embate. Sentiu uma dor aguda e começou a sangrar. Avançou em força contra o pirata, lutando com ele, obrigando-o a recuar. Damião tentou cansar o português e viu que a ferida continuava sangrando. Esperou por um golpe em falso do português e, quando o apanhou em desequilíbrio, agarrou de novo no punhal com a mão esquerda, ajoelhou-se e apunhalou-o na coxa esquerda. O nobre português grunhiu de dor e perdeu o equilíbrio. Deixou cair a espada, a perna cedeu ao seu peso e caiu desamparado no convés.

Damião de Brito sorriu ao ver o adversário à sua mercê. Avançou contra ele e deu-lhe um pontapé na barriga. Vociferou algo imperceptível e preparou-se para o golpe final. D. Nuno de Herédia tentou levantar-se, afastar-se, mas não teve forças. Fitou a espada ao longe – estava muito distante. Foi então que olhou para cima, para o pirata, e soube que estava perdido. Pensou em rezar uma Ave-Maria, mas sabia que não tinha tempo.

Quando Damião de Brito se preparava para cravar a espada no coração do português, algo o deteve. Sentiu um golpe violento que quase o fez largar a espada. Olhou em frente e foi então que viu. Era de novo aquele homem ruivo! O homem ruivo da *Vera Cruz* estava ali mesmo à sua frente, tantos meses depois. Damião não teve tempo para reagir. O

homem ruivo avançou com violência, obrigando-o a recuar sem direção. Cada golpe era mais difícil de defender e tentou fugir como da última vez, mas o português barrou o caminho e impediu que ele se afastasse. Aquela era uma luta de morte! O homem ruivo voltou a aproximar-se do pirata, arriscando-se mais ainda. Confiava nos seus instintos e sabia que o pirata faria o golpe habitual que tantas vezes presenciou: puxar do punhal que tinha na cintura para apanhar o inimigo em falso.

O pirata assim o fez, pressentindo que o homem ruivo estava com menos equilíbrio. Mas essa falta de equilíbrio tinha sido encenada. Rodrigo de Mascarenhas voltou a colocar os dois pés no convés, afastou-se da direção do punhal e, em um golpe súbito, decepou a mão do pirata com a espada. Por momentos, Damião de Brito não percebeu o que aconteceu. Olhou para o punhal caído no chão do convés e depois fitou a sua mão solta, ao lado. Quando finalmente tomou consciência do sucedido, sentiu que estava perdendo os sentidos. Olhou em frente, para o homem ruivo, e viu como ele era alto e forte. No instante seguinte, viu que ele avançava e, depois, sentiu a lâmina lhe perfurando o estômago. O ar faltava-lhe e a terra girava. Quando Rodrigo retirou a espada, Damião de Brito já tinha perdido a vida. O seu corpo caiu no chão como pedra e à sua volta formou-se uma extensa mancha de sangue.

Os burmaneses cedo perceberam que o *feringgi* de Brito tinha perdido a vida e foram baixando as espadas. Aos poucos, os burmaneses e os *feringgis* restantes levaram os braços ao ar e desistiram do combate. Minutos depois, tornou-se evidente que os portugueses de Malaca tinham ganhado a batalha! Um grito de vitória percorreu o convés e todos os olhos se fixaram em Rodrigo. Muitos tinham acompanhado o desenrolar do duelo à distância e viram o modo como o pirata tinha sido derrotado. D. Diogo subiu os

degraus para a popa de comando e aproximou-se de Rodrigo. Fitou o corpo inerte de Damião de Brito e depois olhou-o de frente.

— Onde aprendeu a manejar a espada desse modo? — indagou D. Diogo de Resende de imediato, pondo a mão em cima do ombro do homem ruivo.

— Não sei, D. Diogo — confessou Rodrigo, dizendo a verdade, ainda com a respiração ofegante. Lembrava-se dos treinos que tivera no convento, em Burgos e, mais tarde, com D. Miguel, mas não tinha sido ali que aprendeu. D. Miguel Alvarez de Toledo brincava, dizendo que Rodrigo tinha nascido com aquele dom. — Sempre me lembro de combater desta maneira.

— Lembro-me de alguém que conheci há muitos anos! — arriscou D. Diogo, com um tom de voz mais baixo.

— Quem, D. Diogo?

— Um companheiro de armas que combateu ao meu lado na África — confessou no mesmo tom, baixando o olhar. — Também ele manejava a espada desse modo.

— E o que aconteceu a esse seu companheiro?

— Teve um fim trágico! — confessou, olhando-o diretamente nos olhos e tentando adivinhar o que ele sabia ou pensava. — O fim de muitos guerreiros. Caiu no meio da batalha, mas....

D. Diogo de Resende não conseguiu acabar a frase. Esbugalhou os olhos por longos momentos e fitou o vazio. Soltou um grito abafado, como se fosse dizer algo, e depois caiu inerte no convés. Rodrigo e os homens ao redor, incluindo o copiloto Ali Fernandes, não conseguiram reagir a tempo de amparar a queda. Rodrigo debruçou-se sobre o corpo de D. Diogo e percebeu o que tinha acontecido. O velho nobre português tinha sido atingido por um punhal nas costas que lhe atravessara as costelas, perfurando o corpo. Rodrigo gritou por D. Diogo, mas o velho nobre já não

respirava. De repente, ouviu um tiro de mosquete. Um dos casados tinha abatido o *feringgi* que tinha se libertado do seu adversário e lançou o punhal em uma tentativa desesperada de tirar a vida do homem que acabou com o sonho de Arakan. Tinha falhado o alvo e perdeu a vida, caindo para o mar.

D. Diogo de Resende jazia no convés, abraçado por Rodrigo. Mais ao fundo, D. Nuno de Herédia respirava lentamente, mas estava vivo, embora inconsciente. Os ferimentos tinham parado de sangrar e estava agora sendo transportado para um dos navios portugueses. Sobreviveria e, em grande medida, isso devia-se a Rodrigo, que chorava pela primeira vez desde que abandonou Cusco. A partir daquele dia nunca mais ninguém voltou a chamá-lo “o castellano”. Todos na cidade de Malaca passaram a tratá-lo por D. Rodrigo de Mascarenhas, ou simplesmente o “espadachim”.

Quinze léguas a Norte, Noor sentiu a frescura da água do mar a massagear-lhe os pés e levantou ligeiramente a saia. A onda recuou e levou umas pequenas pedras. Noor afastou-se um pouco da linha de água e procurou a sombra do coqueiro para se abrigar do calor do sol. O perfume de orquídeas e jasmim era intenso, mas o vento começava a soprar do Sul e batia nos ramos das árvores com força. Noor pensou que isso poderia trazer Rodrigo de volta. Sentiu um aperto no coração e depois olhou para o horizonte em busca de uma figura conhecida, mas nada avistou. Desejou que o seu *feringgi* voltasse são e salvo. Amava-o intensamente, e agora que lhe conhecia o corpo e a alma, não conseguia imaginar a sua vida sem ele. Levou a mão à barriga e depois esboçou um sorriso nervoso. Sabia o que tinha ali dentro! Quase que podia sentir o pequenino coração a bater. O seu *feringgi* tinha que voltar a Malaca...

Capítulo 9

MALACA, 15 DE JULHO, 15H30

“KENG TENG FORTUNA
FICAH NA MALAKA,
NANG KERAH PARTIH PAI OTRU
TERA!
PRA KI TUDU JENTI TENG
AMIZADI,
KONTU PARTIH LOGO FICAH
SAUDADI.
Ó MALAKA, TERA DI SAN
FRANCISKU,
NTEN OTRU TERA KIGO KEREH,
Ó MALAKA UNDI TENG SEMPRI
FRESKU
YO KEREH FICAH AHH MORRE.”
PROVÉRPIO KRISTANG DO
MEDAN PORTUGIS EM MALACA



ilipe tinha caminhado desde o hotel e ficou espantado quando chegou à Jalan Kota em Bandar Hilir. Nesta rua, a confusão era imensa. Centenas de pessoas aglomeravam-se no sopé do monte de São Paulo, e dirigiam-se para a porta. Os carros sucediam-se uns aos outros, indiferente ao calor da tarde. Um grande contingente de turistas de Cingapura tinha acabado de chegar e o largo ficou povoado de pessoas que tentavam fotografar todos os monumentos da cidade, especialmente aquele que era considerado o ícone de Malaca.

Esperou alguns minutos na esperança de que os turistas perdessem o entusiasmo e comesçassem a subir as escadas em direção à igreja Jesuíta no topo do monte de São Paulo. Demorou algum tempo até o largo ficar mais vazio e, finalmente, conseguiu vislumbrar a porta que todos falavam. Tratava-se de uma parte pequena de uma muralha antiga de pedra acastanhada que no meio tinha uma entrada com mais de cinco metros de largura, limitada por dois pilares de pedra esculpidos ao alto. Era nitidamente uma construção europeia, quase medieval, com uma guarita no topo e um grande escudo desenhado ao centro, no topo da porta. Filipe imaginou que se tratava do escudo português, mas a verdade

é que não conseguiu reconhecer a esfera armilar ou as quinas lusitanas.

Pensou na conversa com Fernand Trindadi e no que ele contou sobre a Famosa. Aquela era a Porta de Santiago, uma das quatro entradas da antiga Cidadela e também o último vestígio das muralhas da cidade portuguesa. Tinha resistido durante 130 anos a todos os ataques inimigos, mas caíra nas mãos dos holandeses depois de um cerco doloroso de muitos meses. Curiosamente, os holandeses, tinham aproveitado aquelas muralhas portuguesas e melhorado as defesas da cidade, mesmo quando a votaram ao abandono mais tarde, em detrimento de Batávia, na ilha de Java. Foram os ingleses que destruíram propositadamente as muralhas da Famosa, depois de conquistarem a cidade em 1796, com o receio de que fosse usada contra eles mais tarde, tendo deixado apenas aquela porta de pé.

Filipe estava contente. Finalmente conhecia o que restava da Famosa. Sabia que originalmente tinha sido a torre construída por D. Afonso de Albuquerque em 1511. Fernand Trindadi descreveu muito bem. Mas a Cidadela e toda a fortaleza tinham também ganhado aquele nome com o desenrolar dos anos, depois de muitas lutas e cercos. Aquela era a mesma Famosa que o seu pai citara diversas vezes nas suas anotações e aquela era a cidade que supostamente tinha um pelourinho que guardava dois segredos!

Três ônibus pararam perto dele, um atrás do outro, com um novo grupo de turistas. Vinham de Cingapura e desciam as escadas munidos de câmaras de vídeo e máquinas fotográficas. Estavam entusiasmados e todos se dirigiam para a Porta de Santiago. Filipe sorriu e se afastou.

O centro histórico de Malaca era pequeno. Não ficava muito longe da Porta de Santiago. Filipe contornou o monte de São Paulo e avistou o rio e a praça central. Aquela zona era conhecida como Town Square e estava delimitada por

edifícios pintados de vermelho suave e repleta de canteiros de flores, com uma fonte de água bem ao meio. Segundo o que percebeu, aquele tinha sido o centro nevrálgico da cidade durante vários séculos e grande parte da batalha do verão de 1511 desenrolou-se ali mesmo. O palácio do sultão de Malaca dominara toda aquela área até ser destruído pela armada de D. Afonso de Albuquerque e tinha sido naquele local que o almirante português tinha construído a grande torre de pedra a que recebeu o nome de Famosa.

Atualmente, o local tinha uma marca profundamente holandesa e o maior dos edifícios era conhecido como Stadthuys. Foi a residência oficial do governador holandês e a sua construção iniciou-se logo em 1641. Dizia-se que era o edifício holandês mais antigo de todo o Oriente. Não muito longe, Filipe avistou uma torre bastante alta com um grande relógio e do outro lado uma pequena igreja vermelha com uma cruz branca desenhada no topo da torre do sino. Bem por debaixo da cruz, leu “Christ Church Melaka, 1753” em letras brancas muito grandes. Tratava-se de uma igreja holandesa, mais tarde modificada pelos ingleses, quando tomaram a cidade.

Aquelas cores avermelhadas, tão atípicas naquela região, fizeram-no lembrar-se de Sonya, que tinha conhecido em Boston. Talvez fosse porque os edifícios fossem holandeses, não sabia! Não pensou nela desde a madrugada em que a deixou na cama, dormindo, e se perguntou como ela estaria. Nunca mais tinha sabido dela e, por certo, nunca mais iria saber! Tinha deixado o seu número de celular no bilhete que escreveu antes de sair, mas não tinha ficado com o número dela! Imaginou que Sonya estivesse na Holanda, e recordou como tinha se sentido bem nos seus braços, apesar de estar em um estado de ansiedade por causa da manhã seguinte. Pensar naquilo o fez sentir-se estranho! Tinha saudade dela! No entanto, parecia que estava falando de uma outra vida,

distante, que não era a sua. Aquela noite em Boston tinha sido o início de uma mudança drástica na sua vida. Tinha sido despedido no dia seguinte e poucas semanas depois o seu pai falecera em Lisboa.

A agitação e o ruído no centro histórico de Malaca eram enormes. A Town Square era um lugar de passagem para carros, motos e *trishaw*, os triciclos com pedais. Na ausência de sombras, o sol queimava, mas nem mesmo isso parecia diminuir a agitação na praça. Filipe suave abundantemente e sentiu-se afetado pelo calor, pela umidade e por todas as viagens que tinha feito nas últimas semanas. Acabou sentando-se num pequeno café à beira do rio e pediu uma água fresca. O local estava vazio, mas era agradável. O bar era parcialmente ao ar livre, coberto por um teto de palha e sem qualquer parede. Ouvia-se uma música ao fundo e os dois garçons malaio tiravam lentamente as bebidas dos caixotes e punham-nas nas prateleiras, nos preparativos de mais uma noite animada.

Filipe inspirou fundo e cerrou os olhos por um breve momento. Sentiu bem por estar ali sentado à sombra, sentindo a brisa que vinha do mar. Deixou-se ficar ali algum tempo, apenas vendo as pessoas e os *trishaws* passando. Malaca tinha vida! Olhando para o rio, avistou vários pequenos barcos a motor que subiam e desciam o rio, alguns deles com turistas. Um pouco mais ao longe, perto da foz do rio, descortinou uma grande embarcação de madeira acostada na margem. Ficou curioso e perguntou a um dos garçons se sabia do que se tratava. O malaio respondeu de imediato que era uma réplica da *Flor do Mar*, uma nau portuguesa que tinha participado na conquista da cidade e que funcionava atualmente como Museu Marítimo da cidade.

— O museu está fechado hoje! — adiantou o rapaz, em um tom simpático. — Mas não se preocupe! Amanhã de

manhã estará aberto e vai ver que é muito interessante...

Filipe assentiu, esboçando um pequeno sorriso e tentando disfarçar o espanto. O navio era uma cópia do mesmo *Flor do Mar* que o seu pai investigou durante tantos anos. Sentiu um misto de entusiasmo e ansiedade. Tinha de decifrar todos aqueles enigmas que o pai deixou e estava esperançoso que iria dar um avanço decisivo nas próximas horas. Pagou a conta e apanhou um táxi na Town Square.

O Medan Portugis não ficava muito longe do centro de Malaca. Era uma aldeia a poucos quilómetros, à beira-mar, composta por um vasto número de moradias dispostas em ruas perpendiculares. Percorrendo as ruas de táxi, Filipe sentiu que estava em um local diferente. De repente, pensou que não estava mais em Malaca, na Ásia, mas sim na Costa da Caparica, uma pequena vila de praia ao sul de Lisboa. Talvez fosse a luz, as ruas ou as casas, mas algo lhe parecia estranhamente familiar. O taxista deixou-o no largo principal da aldeia, bem perto da costa arenosa. Ficou perto de um edifício pintado de amarelo clarinho, com alguns cartazes turísticos dispostos nas paredes. O maior anunciava o Restauran de Lisbon, no meio de cores verdes e vermelhas muito fortes, lembrando a bandeira portuguesa.

O calor não abrandava e a luz do sol estava muito forte, mas cheirava a mar e, ao fundo, Filipe avistou um pequeno pontão de madeira. Vários botes a remo e pequenos barcos estavam acostados, e um grupo de pessoas aglomerava-se no final do pontão. Viu que estavam descarregando caixotes de peixe fresco. Um pouco mais ao fundo, avistou dois pequenos barcos que se aproximavam lentamente. Tentou compreender o que lhe era tão familiar. Olhou com mais atenção para as moradias perto do largo e percebeu que os moradores deviam ser católicos. Teve certeza disso quando passou defronte de uma das vivendas e conseguiu avistar o interior, onde distinguiu uma enorme cruz de Cristo.

Filipe sabia que estava perto. Procurava a casa do Regente do Medan Portugis e Fernand Trindadi tinha lhe dito que não ficava longe do largo principal da aldeia. Seguiu os números dos muros das casas e, pouco depois, chegou onde queria. Era uma moradia de um andar, pintada de castanho-claro e com telha de barro. Tinha um alpendre muito grande, coberto por um telhado, e as portas de vidro da sala estavam abertas, deixando antever parte do interior.

A casa tinha um grande jardim relvado e coberto por canteiros de flores. Um homem de meia-idade regava a relva com uma mangueira, percorrendo os canteiros de flores e depois espalhando um pouco de água pelo tapete denso de relva. Do outro lado do jardim, Filipe avistou uma menina em cima de uma bicicleta, andando às voltas pela calçada e tentando evitar cair na relva. A menina estava muito concentrada, brincando, ao mesmo tempo que cantava alegremente.

— Bom-dia! — começou Filipe em inglês, aproximando-se do muro da casa. — Estou à procura do senhor Lázaro Rodrigues. Ele está?

O homem aproximou-se com cuidado para não se molhar, sem deixar de regar a relva. Devia ter cerca de 40 anos, barba de alguns dias e vestia uma camiseta larga do clube italiano Juventus que lhe tapava parte dos calções. Olhando de frente, o homem tinha pele escura, mas feições europeias bem-vincadas, especialmente o nariz e os olhos, tal e qual Fernand Trindadi.

— Quem é o senhor? — perguntou o homem, com uma expressão de curiosidade, franzindo os olhos. Tinha uma expressão carregada, pouco simpática, e um olhar fixo.

— O meu nome é Filipe Silva — respondeu, tentando ser simpático. — Venho da parte do professor Fernand Trindadi, de Cingapura. Estive com o professor há uns dias em sua casa.

— Ah, se é amigo do professor Trindadi, é boa gente! — avançou, com uma expressão nitidamente mais aliviada. Fechou a torneira de água e esboçou um sorriso aberto, em uma mudança súbita. — O senhor é de onde?

— De Portugal!

— Portugal? — questionou o homem, espantado, com os olhos muito abertos. — Portugal, Portugal?

— Sim, Portugal, Portugal — respondeu Filipe, não deixando de recordar que não era a primeira vez que lhe faziam aquela pergunta.

— Muito prazer. O meu nome é Paulo Rodrigues. Muito gosto em conhecê-lo. Não é todos os dias que temos um português de Portugal no Chang di Padri — avançou em um português quase perfeito. — Entre!

— Muito obrigado. — agradeceu em português.

— O senhor é de Lisboa, do Porto... de Coimbra?

— Sou de Lisboa!

Paulo esboçou um enorme sorriso, mostrando os dentes brancos e assentindo com a cabeça. Para ele, Lisboa era um local mítico, distante, do outro lado do mundo, mas era tão familiar que quase podia dizer que já tinha estado lá.

— Entre, por favor. O meu pai está lá dentro! — informou, indicando-lhe as cadeiras do alpendre. — Eu vou chamá-lo.

Lázaro Rodrigues chegou pouco depois com um ar visivelmente sonado. Era um homem de idade avançada, já tinha visto muito na vida e nem mesmo as palavras do filho que estava um português de Lisboa à sua espera no alpendre o fizeram acordar mais rápido da sesta. Pele clara, feições europeias, olhos verdes, Lázaro Rodrigues parecia um português de Portugal.

Lázaro foi despertando lentamente e ganhou uma expressão sorridente, alegre, quase contente com a presença do português de Lisboa que tinha estado com o seu amigo

Fernand Trindadi. Contou que Fernand era um amigo de infância e que tinham aprendido juntos a jogar futebol, nas ruas de Tranqueira, com uma bola de pano. As suas famílias eram muito amigas. Viviam lado a lado no bairro de Tranqueira antes da invasão japonesa. Depois da guerra, a família Trindadi tinha emigrado para Cingapura, mas nem por isso os dois homens tinham perdido o contato, e continuaram a ver-se de vez em quando.

Sentaram-se no alpendre. O ar continuava abafado, mas ali, debaixo do telhado, estava agradável. A criança não parava de andar de bicicleta, contornando a casa com uma força de vontade inquestionável. Cantava sem parar, sorrindo para o pai e para o avô.

— Obrigado por me receberem! — começou Filipe, olhando para os dois homens. — Não fazia ideia de que existia um local assim em Malaca.

Os dois homens trocaram um olhar cúmplice, assentindo, como se compreendessem bem o espanto de Filipe.

— Estou certo de que a maior parte dos seus compatriotas também não faz ideia — adiantou Lázaro com um leve sorriso e com os olhos fixos no tampo da mesa.

Lázaro Rodrigues explicou em poucas palavras onde estavam e a conversa acabou por ser uma mistura de português e inglês. Naquela pequena aldeia viviam mais de duas mil pessoas. Lázaro explicou que os portugueses de Malaca eram o resultado da política que Afonso de Albuquerque tinha empreendido séculos atrás, em muitos locais do Estado da Índia. Aculturação! Pais portugueses, mães malaias. Tinha sido assim durante décadas, durante séculos e assim tinham chegado até os dias de hoje. Antigamente, os portugueses estavam espalhados por vários bairros de Malaca, especialmente na zona de Tranqueira e Hilir, mas com a construção do Medan nos anos 1940, a

maior parte das famílias portuguesas tinham passado a viver ali. Tudo naquela aldeia era português, incluindo os nomes das ruas. Rua D'Albuquerque, rua de Sequeira, rua de Teixeira, rua de Araújo, rua de Erédia.

— Nomes importantes relacionados com a Malaca portuguesa! — atalhou o Regente, com um ar quase solene. Tinha perdido o ar sonado e tinha uma voz cativante e um olhar firme.

Filipe assentiu com a cabeça em concordância. Conhecia alguns dos nomes, mas outros não lhe diziam muito. Tinha certeza de que o seu pai saberia os detalhes da vida de todos eles. Pensou como era incrível existir um local assim tão longe de Portugal, onde as pessoas se intitulavam portuguesas.

— Somos mais de dez mil em toda a Malásia! A maior parte dos portugueses ainda está aqui em Malaca, e, além disso, também existe um núcleo importante em Cingapura, onde está o meu amigo Fernand. Somos católicos, sobretudo pescadores, e falamos kristang, um dialeto português. E eu sou o Regente, o representante desta comunidade.

Filipe não conseguia tirar os olhos de Lázaro. O termo Regente soava-lhe muito antigo, fazendo-lhe lembrar os tempos da monarquia, e parecia de alguma maneira semelhante a Regente do Reino.

— Somos portugueses, conhecidos como os portugueses de Malaca! — concluiu Lázaro no mesmo tom. — Temos a nossa religião, a nossa língua, a nossa comida, o nosso clube de futebol e as nossas festas portuguesas, especialmente o São Pedro em junho. É uma alegria nesta terra e muita gente se junta aqui para ver a festa.

— O São Pedro também se celebra em Cintra, uma vila perto de Lisboa. Eu sou mesmo de Lisboa! Lá celebramos o Santo Antônio no dia 13 de junho — lembrou, ao mesmo tempo que pensou que há muitos anos que não estava em

Lisboa no período da festa de Santo Antônio. Era uma festa muito típica no bairro da Graça e naqueles dias a colina ficava envolta de uma nuvem de fumo e um forte odor de sardinha assada que trespassava os pátios e as ruelas do bairro. — É o início da época da sardinha assada...

Os dois portugueses de Malaca riram-se com aquela referência e acompanharam, por momentos, mais uma das peripécias de Isabel, que tentava andar de bicicleta sem mãos, desafiando o equilíbrio quase até o limite.

— Isabel, tenha cuidado — avisou o pai em kristang. — Não quero que caia. Pode ferir-se.

— Não, papai — gritou a menina com um ar decidido. — Isto é muito divertido e eu vou conseguir...

— Mas diga lá, amigo português de Portugal. O que podemos fazer por você?

Filipe explicou o que procurava. Contou que o pai falecera há pouco tempo sem terminar uma pesquisa que considerava muito importante. Arriscou e tentou ser exato. Contou que procurava um fidalgo português que tinha ganhado fama em Malaca. Nunca se referiu ao nome *Flor do Mar*, até porque não tinha razões para o fazer, mas adiantou o nome que descobriu em Cusco.

— Esse português era do Reino ou um casado?

— Acredito que se tratava de um português de Portugal — explicou Filipe, pensando na sua viagem a Cusco. — Mas para ser sincero, eu não tenho certeza...

— Como ele se chamava?

— Rodrigo Mascarenhas! — avançou com voz firme. Já tinha pensando muito sobre o assunto.

— Oh! O apelido Mascarenhas foi muito comum na Ásia portuguesa e chegou a ser uma das famílias mais nobres de Goa — lembrou Lázaro, assentindo de leve com a cabeça. — Tem ideia do período em que ele viveu na cidade?

— Sim, diria que entre 1590 e 1606! — adiantou,

lembrando-se da conversa com o historiador peruano e de algumas notas que tinha encontrado no escritório da casa da Graça. Tinha certeza de que o homem que o pai procurava era D. Rodrigo de Mascarenhas e que ele esteve durante vários anos na Ásia, pelo menos até aquela data.

— 1606? — questionou Paulo com espanto, olhando de lado para o pai. — Parece saber as datas com exatidão. Tem certeza disso?

— Certeza de quê? Da data? — inquiriu em um tom assertivo. — Sim, tenho!

— Não estou perguntando por acaso. É que 1606 foi um ano crucial para Malaca! Diria mesmo que foi o princípio do fim... — confessou o Regente, passando a mão pelo queixo e compreendendo o espanto do filho. — Foi o ano do primeiro ataque dos holandeses à cidade. Um cerco que durou vários meses e que foi seguido de uma das maiores batalhas navais de sempre no Estreito. Não foi muito longe daqui. Ficou conhecida como a Batalha do Cabo Rachado. Já ouviu falar?

— Sim, já ouvi falar! — soltou Filipe, deixando transparecer um tom entusiasmado. Era exatamente essa batalha. Tinha visto várias vezes esse nome nos papéis do pai.

— O Cabo Rachado fica a alguns quilômetros ao norte de Malaca! — explicou o Regente no mesmo tom. — O nome atual é Tanjung Tuan, fica perto de Port Dickson. Há uns anos, até foi descoberta uma das naus holandesas afundadas pelos portugueses. Foi encontrada a umas oito milhas da costa e grande parte dos artefatos encontrados estão hoje dispostos em um museu em Port Dickson...

— Nau? Que nau? — perguntou Filipe de imediato, tentando controlar a ansiedade.

— Chamava-se Nassau! — respondeu Lázaro prontamente. — Foi uma das naus holandesas que combateu a armada portuguesa que veio de Goa socorrer a cidade de

Malaca. As investigações foram dirigidas pela Universidade de Oxford e ainda hoje essa nau é considerada a principal descoberta naval na Malásia...

— Nassau? — estranhou Filipe, levantando as sobrancelhas. Só se lembrava da capital das Bahamas, que era um destino idílico para todas as pessoas que trabalhavam no mercado de ações em Boston e Nova Iorque. Ficava a poucas horas de voo e era fácil chegar lá em qualquer época do ano.

— Sim. Nassau! Mas não foi a única. A mesma equipe encontrou as outras naus afundadas durante a batalha. Estavam a pouco menos de uma milha da Nassau — informou, em um tom mais carregado e ao mesmo tempo curioso. — Mas posso perguntar o que tem esse fidalgo de especial para o seu pai estar interessado nele?

Filipe sentiu a garganta seca e ficou sem saber o que responder àquela pergunta direta.

— O meu pai era historiador e um especialista no Estado da Índia Portuguesa. Quando era jovem, viajou por todos estes locais e estudou todos os fortes portugueses espalhados pelo Oriente. Pelo que percebi, D. Rodrigo Mascarenhas desempenhou um papel importante em Malaca e em outras partes do Oriente....

— O sobrenome é conhecido, como disse. Existiram vários Mascarenhas que chegaram a ser governadores da Índia. Mas o nome Rodrigo não me diz muito — confessou o Regente, tirando por momentos os óculos e esfregando os olhos. Estava cansado, mas sentia-se excitado. — Temos muitos heróis portugueses, vários capitães, fidalgos, bispos e casados que, de uma maneira ou de outra, tornaram-se conhecidos...

— D. Rodrigo de Mascarenhas não é muito conhecido — insistiu Filipe, sem perder o tom de entusiasmo. — O meu pai gostava muito de investigar o desconhecido. Gostava de

saber mais sobre pessoas que tinham tido uma vida fora do comum, mas que foram esquecidas pela História.

Lázaro olhou para o filho e sorriu. Sentiu um entusiasmo crescente, pois também gostava de investigar o desconhecido. No intervalo das pescarias diárias, dedicava-se a ler os escritos antigos e descobrir pequenas histórias que tinham se passado na Malaca portuguesa e na Malaca que perdurava.

— Como se chamava o seu pai?

— Francisco Silva! — respondeu, sem conseguir disfarçar o nervosismo. Sabia que a sua pesquisa estava muito dependente daquela resposta. — Era amigo do professor Fernand Trindadi.

— Agora que volta a falar nisso, tenho uma vaga lembrança de o Fernand dizendo que tinha um amigo português de Portugal de quem gostava muito — disse Lázaro, dirigindo depois o olhar para o filho. — Sim, era um estudioso dos fortes, era isso...

— O mundo, afinal, não é assim tão grande. Sim, o meu pai estudou a fundo muitos dos fortes e fortalezas construídos além-mar pelos portugueses — reforçou com firmeza.

— Não vai ser fácil, mas vamos tentar ajudá-lo, amigo português! — avançou o Regente, com um ar sério e decidido. — Infelizmente, os nossos registros sobre a cidade não são tão completos como gostaríamos e temos muitas falhas. Tem alguma informação adicional que possa nos ajudar?

— O que sei é que ele era alto, tinha cabelos ruivos e que deveria ter cerca de 40 anos quando chegou a Malaca. Possivelmente tinha alguma cultura espanhola, considerando que passou muitos anos no Peru.

— Uma descrição bastante detalhada para alguém que já morreu há quatrocentos anos... — troçou Paulo, trocando

olhares com o pai. — Também estou ficando curioso. Afinal, quem era esse homem de que fala?

— Nunca se sabe que surpresas a História nos reserva... — adiantou Lázaro, sobrepondo-se à voz do filho. — Vamos procurar nas nossas fontes e podemos verificar os antigos registros da Igreja de São Pedro.

Filipe assentiu. Já conhecia o significado da Igreja de São Pedro. Não sabia bem a sua localização, mas, segundo as anotações do pai, tratava-se da igreja católica mais importante da cidade. Tinha sido construída pelos descendentes portugueses em 1710, assim que os holandeses aceitaram a liberdade religiosa na cidade. A sua arquitetura inspirava-se nas igrejas de Goa e era a igreja católica mais antiga de toda a Malásia, guardando toda a documentação sobre os portugueses de Malaca, incluindo os editais de casamentos, nascimentos, batizados e falecimentos.

— Suspeito que D. Rodrigo tenha constituído família na cidade — continuou Filipe. — O meu pai tinha referências muito explícitas a um outro Mascarenhas que possivelmente se tratava de um descendente seu, talvez até mesmo filho...

— Como se chamava?

— Pedro de Mascarenhas!

— E o que sabe de Pedro de Mascarenhas?

Filipe não sabia quase nada. Recordou o que tinha visto em Cusco e a descrição que tinha lido sobre a viagem de Malaca até Lima. D. Pedro era um homem rico e aparentemente o líder de um grupo de portugueses que tinha viajado por vários locais asiáticos, muitos deles na posse de Portugal e de Espanha. Relembrou-se da data que viu. 1647! Seis anos depois da queda de Malaca e sete anos após a restauração da independência portuguesa, que tinha terminado com a união dinástica entre Portugal e Espanha. Tinha quase certeza de que se tratava do filho de D. Rodrigo, mas ainda não tinha confirmação.

— Suspeito de que se tratava do filho de D. Rodrigo, que terá permanecido em Malaca quase até o fim.

— Até o fim?

— Até a queda da cidade para os holandeses — insistiu Filipe. — 1641, não foi?

— Sim. Janeiro de 1641! Realmente, também já estou curioso para saber mais sobre as pessoas que procura. Como disse, não podemos prometer nada, mas vamos fazer o nosso melhor. Vamos procurar D. Rodrigo e D. Pedro de Mascarenhas!

— Muito obrigado — respondeu Filipe, percebendo que Lázaro já tinha olhado várias vezes para o relógio.

— Onde é que está hospedado?

— No Hotel Melaka — respondeu Filipe, tentando ganhar coragem para fazer a última pergunta. — Vou ficar na cidade pelo menos mais três dias.

— Sim, acho que é suficiente para vermos o que conseguimos arranjar.

— Obrigado — agradeceu. — Só tinha uma última pergunta...

— Sim, com certeza.

— Pelo que sei, todas as cidades portuguesas tinham um pelourinho. Era o símbolo de lealdade para com a Coroa — avançou, em um tom ambíguo de certeza e dúvida. — Imagino que Malaca também tivesse tido um?

— Sim, é verdade. Malaca tinha um pelourinho — respondeu Lázaro, assentindo com a cabeça. — Foi colocado pelo próprio Afonso de Albuquerque em 1511.

— Imagino que já não exista...

— Infelizmente, já não existe! O pelourinho da cidade foi destruído no cerco de 1640, como quase toda a cidade.

— Em que local estava o pelourinho?

— Estava situado na margem direita do rio, bem perto do bazar dos jaus.

— E onde fica o bazar dos jaus?

— O bazar dos jaus existia na Malaca portuguesa — informou o Regente, com alguma solenidade, mas ao mesmo tempo com um sorriso. — Era um dos maiores mercados de arroz da cidade e, como o nome indica, encontrava-se lá, sobretudo, comerciantes jaus. Javaneses! Ficava perto de onde é hoje a Lorong Hang Jebat, perto de um dos melhores restaurantes da cidade, o Ronggeng.

Filipe assentiu e sorriu. Pelo menos tinha conseguido ter uma ideia mais clara sobre onde o pelourinho português tinha sido erigido. Preparou-se para se levantar e, uma vez mais, agradeceu aos dois portugueses de Malaca. Só então os três homens perceberam que Isabel tinha adormecido na relva, ao lado da bicicleta. Sorriram e ouviram Paulo contar as últimas aventuras da filha. Adorava tudo o que era esporte, desde bicicleta, natação, correr e até mesmo futebol!

— Temos que ir à missa daqui a pouco. Mas depois, não quer vir jantar conosco? — avançou Lázaro em um tom simpático. — Não temos nem bacalhau, nem vinho verde, mas temos comida portuguesa.

— Não, obrigado. Já incomodei o suficiente, e além disso tenho um jantar marcado. Mas não posso deixar de agradecer toda a sua disponibilidade e amabilidade...

— Oh, por favor! Nós é que temos que agradecer. Foi um prazer falar com você e confesso que estou entusiasmado com a história do seu pai.

— Sabem onde estou, quando puderem digam qualquer coisa.

— Pode contar conosco! — informou Lázaro, assentindo com a cabeça. — Tem táxi para regressar à cidade?

— Não. Onde é que posso apanhar um?

— Não se incomode, nós tratamos disso. É um rapaz amigo, um português aqui da aldeia, que tem um táxi.

Maurício era um português que mal falava português.

Alto, careca e muito tímido, Maurício tinha o olhar fixo no chão e sentia-se intimidado por conhecer um português de Portugal. Passou a viagem até a cidade em silêncio, ouvindo uma música semelhante ao fado português, e apenas quando passou uma rua muito iluminada adiantou que estava quase na hora da missa e que muitos católicos dirigiam-se para a igreja. A noite chegava a Malaca e, com ela, as luzes acendiam-se por todas as ruas.

— Hoje é a festa chinesa! — contou Maurício em voz baixa, apontando para as luzes que estavam amarradas às árvores. — Malaca hoje é dos chineses!

— Sim, há muitos chineses na rua! — disse Filipe, olhando pela janela. Estavam chegando ao centro da cidade, e à medida que avançavam, ficava mais difícil circular por causa da multidão que inundava as ruas.

— Estamos no centro de Malaca. Quer ficar em algum lugar em especial?

— Aqui está bom, obrigado!

Maurício despediu-se com um sorriso e saiu pouco depois, deixando Filipe de novo em plena Town Square. O lugar onde tinha estado horas antes estava cheio de turistas. A música estava mais alta e os dois garçons, que antes se moviam lentamente, não tinham um minuto para descansar.

A rua principal de Malaca chamava-se Jalan Hang Jebat, mas todos os habitantes da cidade chamavam-na Jonker Street, rua dos Senhores, em holandês. Situava-se na outra margem do rio e era normalmente a rua mais movimentada da cidade, mas naquela noite Jonker Street ultrapassava todas as expectativas. Centenas de pessoas, especialmente chineses, formavam uma torrente assustadora e mal se conseguia ver o chão.

Malaca estava em festa e o ambiente era fantástico. Filipe ficou pensando que Malaca não era assim tão diferente de Cingapura. Claramente, pareciam ser chinesas, apesar de

Malaca ser mais simples e menos exuberante. Caminhou lentamente pela rua e passou por bancas de vendedores, dispostas de um lado e do outro, que vendiam de tudo um pouco: roupa, relógios, brinquedos, DVDs. Um odor a algodão doce e a frituras agrídoces pairava no ar, dando uma atmosfera de festa.

Acabou jantando em um restaurante ao ar livre nas margens do rio. O ambiente estava descontraído e cheio de alegria. Pensou que estava jantando exatamente no local onde tinham decorrido os combates de 1511, quando os portugueses conseguiram conquistar a ponte da cidade e dividir o Exército do sultão. Imaginou D. Afonso de Albuquerque de barbas brancas e armadura, em um bote de madeira, avançando pelo rio com a espada em punho. Imaginou que naquele mesmo local os portugueses tinham defrontado elefantes armados e milhares de malaios. Foi um momento decisivo na História de Portugal e de toda aquela região.

No cardápio do restaurante havia uma seção dedicada à comida portuguesa. O prato mais típico chamava-se Devil's Curry e imaginou que se tratava de um *curry* muito picante, possivelmente semelhante ao da comida goesa. Desde pequeno que estava habituado aos restaurantes indianos de Lisboa por causa dos pais, que tinham vivido uma forte influência indiana em Moçambique. Como suspeitava, o *curry* era muito forte e compreendeu a razão de ter aquele nome. Era muito forte, exatamente um Devil's Curry. Cada garfada ia ficando mais picante e, pouco depois, começou a transpirar. Definitivamente, não estava habituado e pensou que aquilo pouco ou nada tinha a ver com o Portugal que conhecia.

O jantar deixou-o em chamas por dentro. Decidiu por isso caminhar um pouco para desanuviar. Sentia a boca ardendo, mas o ar fresco da noite fazia-o sentir-se bem.

Jonker Street continuava em festa. Caminhou durante quase uma hora e não se lembrou mais de procurar o pelourinho. Acabou fazendo algumas compras, a maior parte delas impulsivas. Calendários chineses, postais, livros de segunda mão e moedas que diziam ser portuguesas e holandesas. Tudo se vendia e comprava naquele local!

Acabou sentando-se em um dos bares de Jonker Street, para descansar da caminhada. O bar estava muito animado, com música ao vivo que ecoava pela rua inteira. Era dos anos 1980. Van Halen, A-Ha, Modern Talking, Queen, Elton John, Toto, Duran-Duran e alguns resquícios dos anos 1970, como Abba e Bee-Gees. A cada música que passava, mais animadas ficavam as pessoas. Homens e mulheres de todas as idades dançavam e cantavam, em uma mistura emocionante de chineses, malaios e estrangeiros, em um ambiente absolutamente fantástico. Filipe bebia uma cerveja atrás da outra e deixou-se levar pelo ambiente. De uma hora para o outra, quatro mulheres de meia-idade ganharam destaque naquela danceteria ao ar livre. Cantavam e dançavam alegremente, em conjunto, com um ritmo especial, de um lado para o outro, como se fizessem parte de uma banda. A maior parte dos que dançavam parou e toda a gente acompanhou com o olhar as quatro mulheres, que iam cantando partes das músicas.

Filipe pediu mais uma Tiger Beer e deixou-se ficar ali, vendo aquelas quatro mulheres eletrizantes cantando e a dançando. Mesmo assim, não conseguia deixar de se envolver por recordações e imagens e, de súbito, surgiu-lhe uma ideia. Pensou que não deveria estar muito longe do bazar dos jaus e que o local do pelourinho de Malaca poderia ser ali próximo. Pagou a conta no bar. Assim que se afastou de Jonker Street, a agitação diminuiu. Não se lembrava do nome da rua e amargurou-se por não ter trazido o mapa da cidade. Andou perdido, vagueando pelas ruas de

Chinatown. Sentiu-se desesperado até que, finalmente, encontrou uma referência que lhe dizia algo. Viu o sinal do restaurante Ronggeng de que o Regente tinha lhe falado. A rua estava mal-iluminada, mas sabia que estava perto do rio. Ouvia a música de Jonker Street e quase conseguia ouvir os seus próprios passos. Sabia que não tinha meios de encontrar o pelourinho, mas continuou a caminhar como se algo o guiasse. De repente, teve uma sensação estranha e sentiu um frio gelado no corpo. Apressou o passo e olhou em volta. Estava sendo seguido! Voltou a olhar para trás e não viu qualquer movimento. Encostou-se a uma garagem e ficou atento às sombras que passavam.

Esperou um pouco e depois decidiu sair do escuro. Correu com velocidade em direção a Jonker Street e, assim que chegou lá, misturou-se com a multidão que continuava dançando e cantando. Sentiu que algo não estava bem e que tinha de ser rápido. Avançou, tentando seguir em direção ao final da rua e assim que chegou a Town Square entrou em um táxi e afastou-se.

Chegou ao hotel dez minutos depois. Foi com algum alívio que trancou a porta do quarto. Tinha o coração acelerado e estava nervoso. Nunca tinha sentido aquilo. Jogou água fria no rosto e depois sentou-se na cama, fitando a parede por alguns instantes. Tentou entender o que estava acontecendo. Não conseguiu encontrar o local exato do pelourinho e tinha ficado nervoso no escuro. Tentou racionalizar, pensando que tinha sido apenas uma confusão, que tinha entrado em pânico, mas a verdade é que continuava sentindo-se estranho. Olhou para o relógio e pensou que seria uma boa hora para ligar para a mãe. Pegou no celular e teve uma surpresa. A mãe estava com uma voz chorosa e demorou a dar uma resposta clara.

— O que se passa, mãe?

A casa da Graça tinha sido assaltada durante o fim de

semana. Ninguém no prédio tinha percebido a entrada de estranhos e a polícia achava que tinha se tratado de trabalho de profissionais. Notava-se pelo modo como tinham conseguido entrar pela porta principal e pelo modo como tinham deixado a fechadura. Estava quase intacta. Os ladrões tinham roubado vários eletrodomésticos, joias, e tinham revirado a casa quase por completo – o escritório, a sala e o quarto tinham sido inteiramente vasculhados.

— Parece que foi de propósito. Parece que estavam esperando que eu fosse uns dias às termas de Monfortinho para arrombarem a casa — contou a mãe com uma voz muito emocionada. — Quando cheguei, encontrei a casa em um estado lastimável, meu filho. Não acredita no que passei. Um horror!

— E o que a polícia está fazendo?

— Não sei bem. Disseram-me que estão investigando o caso e que dão notícias quando souberem de alguma coisa. Mas avisaram--me para não ter muita esperança — continuou Rosa, com uma voz meio irritada meio assustada. — Mas o pior nem é isso!

— O que é então, mãe? — questionou, assustado com a resposta que poderia ter.

— Acabei de ter uma notícia que me deixou ainda mais maldisposta — adiantou Rosa em um tom revoltado. — Acabei de saber que um amigo do seu pai morreu.

— Quem?

— Alberto Blanco!

— O que aconteceu? — balbuciou Filipe, em choque. Não podia acreditar, tinha estado com ele há pouco dias e Alberto pareceu com perfeita saúde.

— Não sei bem! Soube disso por acaso, quando estava limpando os e-mails do seu pai. Pelo que entendi, Alberto Blanco foi baleado na cabeça na sua própria casa — contou com uma voz esforçada. — Ele e as duas pessoas que

estavam em casa na ocasião. Tudo indica que foi um assalto...

Capítulo 20

ACHÉM, 7 DE JULHO DE 1601

“PODEROSO REI DO ACHÉM:
EU, D. FILIPE, POR GRAÇA DE
DEUS, REI DE PORTUGAL, VOS
FAÇO SABER QUE ENVIO AIRES
DE SALDANHA PARA VISO-REI
DO MEU ESTADO DA ÍNDIA
PARA QUE CASTIGUE OS
HOLANDESES, PELO
ATREVIMENTO QUE TIVERAM DE
IREM COMERCIALIZAR A ESSAS
PARTES DO SUL, NA SUNDA E
JAVA E ASSIM AOS QUE OS
RECOLHERAM EM SEUS PORTOS,
PELO QUE VOS ENCOMENDO
MUI ENCARECIDAMENTE QUE
FAVOREÇAIS AO DITO MEU VISO-
REI NO QUE OFERECEREIS PARA
MELHOR PODER CONSEGUIR O
EFEITO DISTO. PODEROSO REI
DO ACHÉM, NOSSO SENHOR
VOS ALUMIE COM SUA GRAÇA E
COM ELA HAJA VOSSA PESSOA E
ESTADO EM SUA SANTA
GUARDA.”

*Carta de El-Rei D. Filipe II de Portugal ao
sultão do Achém, Alauddin Riayat Syah*



ó nos resta esperar! — profetizou Cristóvão de Menezes, debruçado sobre a amurada do navio, coçando a barba loura.

D. Rodrigo mantinha uma expressão pesada. O tempo de espera passava com uma lentidão dolorosa.

— Já esperamos muito tempo!

— Tenha mais paciência, D. Rodrigo — aconselhou Cristóvão, não disfarçando a sua pronúncia algarvia cerrada. Estava há muito tempo embarcado nas Índias para perceber que as negociações com os malaios eram sempre demoradas e tortuosas. — Chegarmos até aqui já foi um grande passo. Em outros tempos, seria impossível os soldados portugueses desembarcarem neste local sem resistência.

Estavam embarcados na armada do Grão-Capitão, D. André Furtado de Mendonça. O Grão-Capitão era uma lenda viva em todo o Estado da Índia. Dizia-se que tinha vindo de Lisboa aos 18 anos com os seus irmãos e aos 25 já era capitão. Tinha uma áurea de invencibilidade em todo o Oriente, principalmente pelas suas grandes vitórias na Índia, na terra e no mar, contra os inimigos de Sua Majestade. As suas abordagens contra os inimigos eram lendárias e a sua última missão tinha sido mais uma vez coroada de sucesso. Tinha

comandado uma armada de 37 navios com mais de dois mil homens, com a missão de capturar Moahmed Kunhali Marakkar, o corsário muçulmano conhecido como Cunhale Marcá, que tantas vezes desafiou Goa com os assaltos a navios carregados de pimenta. Os portugueses tinham atacado a própria base de Cunhale, uma fortaleza quadrada em Puttre-Pattanam na foz do rio Kotta e tinham sido rápidos, desobedecendo as ordens do Vice-Rei. O sucesso da expedição tinha sido total e Cunhale rendeu-se, saindo das muralhas e entregando a sua espada. D. André Furtado de Mendonça tinha atingido mais uma vez a glória e Cunhale tinha sido degolado em um cadafalso armado no Terreiro do Paço, em Goa, poucos meses depois.

Daquela vez, a armada tinha saído de Goa em 10 de maio e dizia-se que era a maior que alguma vez navegou nos Mares do Sul. Era inicialmente composta por seis galeões e 14 navios ligeiros com mais de seiscentos soldados portugueses e dois mil malabares a bordo. Mas a viagem não tinha sido fácil. A armada apanhou várias tempestades e sofreu baixas importantes. Ao mesmo tempo, parte dos navios foram desviados para o conflito que propagava-se no Ceilão. Dois galeões de Malaca tinham se juntado à saída do estreito, já bem perto do Achém, para compensar as perdas, mas o panorama não era o melhor.

Os primeiros galeões de Goa tinham chegado à baía semanas antes, e tinham mantido-se à distância, à espera do resto da força, tentando evitar contatos com os achéus. Os dois galeões de Malaca tinham encontrado-se com as naus restantes de Goa perto do Achém e navegado lado a lado as últimas léguas. Quando se juntaram à força portuguesa restante, depararam-se com uma enorme armada vinda de Johor. O Grão-Capitão deu ordem para nenhum navio português tomar qualquer iniciativa e a armada do sultanato de Johor desembarcou em pleno Achém.

Os combates entre os dois sultanatos rivais desenrolaram-se com violência na terra e no mar durante mais de dois dias. Durante todo aquele tempo, a armada portuguesa manteve-se à distância, observando de longe, cumprindo as ordens do Grão-Capitão. As forças de Johor foram derrotadas depois de uma luta feroz e rumaram de novo para o Estreito. Os portugueses esperaram mais alguns dias, como se quisessem dar algum tempo para o sultão do Achém se preparar decentemente para os receber. Só depois a armada portuguesa avançou em direção às praias do Achém e fundeou a cerca de meia légua da costa de Kutaraja, em uma baía de águas calmas. A umidade era imensa e os homens emanavam um fedor ao qual era difícil habituarem-se.

D. Rodrigo sentia a nau balançando levemente. A tripulação estava em suspenso e ninguém falava. Apenas se ouvia o som da madeira rangendo e do vento batendo nas velas com a Cruz de Cristo. Viviam-se uma ansiedade enorme.

— É a primeira vez que está no Achém, D. Rodrigo? — perguntou o algarvio, com curiosidade.

— Sim, D. Cristóvão — respondeu Rodrigo, com os olhos postos na linha de terra verdejante. — Estou mais habituado às águas do Sul.

— Muitos combates por lá?

— Não muitos, D. Cristóvão. Malaca é uma cidade pacífica há várias décadas, uma cidade de mercadores e não de guerreiros! — contou, mudando o tom de voz. — E eu sou apenas um casado de Malaca que veio prestar um serviço ao El-Rei.

— Não é o que os homens comentam pelo convés, D. Rodrigo... — troçou D. Cristóvão, em um tom de voz de desafio. — Contam que você é o melhor espadachim de toda a Insulíndia. O único homem que foi capaz de liquidar Damião de Brito.

— Exageros, D. Cristóvão! — respondeu, pousando os olhos no convés. Recordou-se do último combate com Damião de Brito e mais uma vez sentiu uma imensa saudade de D. Diogo de Resende. Recordou as conversas que teve com o velho nobre quando chegou a Malaca e nos meses seguintes. D. Diogo tinha lhe contado a história da cidade e de toda a região, e fez uma descrição pormenorizada do sultanato do Achém. Já tinham se passado muitos anos.

— E D. Cristóvão?

— Eu já não vinha aos mares do Sul há muitos anos — confessou o algarvio, coçando novamente a barba. — Estive em vários lugares do Malabar nos últimos anos e tive o privilégio de servir o Grão-Capitão em Jafanapatão.

Cristóvão de Menezes parecia ter pouco mais de 20 anos, mas já tinha passado essa idade há muito tempo. Alto, louro e com feições de criança, tinha, contudo, a pele encardida do sol e do sal e uma enorme cicatriz que lhe cortava a orelha ao alto e chegava quase até o queixo. Estava embarcado na Índia havia quase dez anos e o seu olhar não deixava margem para dúvidas — tratava-se de um combatente experiente.

— Nestas paragens, os nossos inimigos podem transformar-se rapidamente nos nossos amigos e os nossos amigos podem tornar-se facilmente nossos inimigos — comentou, olhando com curiosidade para o casado. Parecia mais velho que o seu pai, mas sabia que essa imagem era errada. Conhecia muitas histórias daquele homem de Malaca que era conhecido como o “espadachim”. — Eu já vi de tudo, sobretudo nestas terras da Insulíndia.

Tinham se conhecido poucos dias antes e logo simpatizaram um com o outro. A tensão a bordo era imensa e os dois homens tentavam disfarçar o que sentiam. Na nau, todos aguardavam com ansiedade o resultado das conversações entre o Capitão-Mor e o sultão do Achém, Alauddin Riayat Syah al-Mukammil.

As relações entre Malaca e Achém tinham sido sempre complicadas. A comunidade de guzarates tinha sido expulsa de Malaca em 1511 e encontrou refúgio no Achém. Desde esses tempos que Malaca era vista como rival e inimiga. O sultanato era o baluarte do islão na Insulíndia e há muitos anos que se tinha tornado uma potência naquela zona. Conseguiu expandir o seu território na ilha da Samatra, ao mesmo tempo que reavivou a rota comercial do Levante, ligada ao Mar Vermelho e à Veneza, apoiado pelos guzarates e pelos otomanos. Por isso, fazia concorrência aos portugueses em vários produtos, especialmente com a pimenta de Samatra.

Os portugueses de Malaca sempre tinham sentido a ameaça de Achém e várias vezes sonharam com a conquista do sultanato, que dominava o norte de Samatra. Chegaram a ser delineados vários planos ao longo dos anos, especialmente sob a égide do bispo D. João Ribeiro Gaio, que chegou a capitanear a cidade de Malaca. Mas os planos nunca tinham saído do papel. No entanto, tinham sido várias as investidas do Achém a navios portugueses no estreito e, mais grave do que isso, as tentativas de se apoderar de Malaca. As forças de Achém tinham cercado a cidade, isoladas ou em aliança com Johor ou Japara, cinco vezes: 1537, 1547, 1568, 1573 e 1574. D. Diogo de Resende contara várias histórias sobre estes ataques. Todos os cercos foram muito duros para ambos os lados, especialmente os dois últimos. Mas todos eles tinham tido o mesmo fim: todos tinham fracassado!

Desde esses tempos, a situação alterara-se drasticamente. A aliança islâmica antiportuguesa dos sultanatos malaio desintegrara-se e a Jihad contra Malaca esmoreceu. O sultão Ali Riayat Syan morrera pouco tempo depois e o sultanato entrara numa profunda guerra civil que durara quase dez anos. Sucederam-se sultões que reinavam poucos meses, até

serem derrubados ou simplesmente assassinados. Johor entrara igualmente na guerra civil, apoiando uma das facções, e a tensão entre os dois sultanatos fora irreversível.

O conflito entre os dois sultanatos durava desde aí e o Achém, governado pelo sultão Alauddin, acabou por se aproximar dos portugueses, tendo ambas as partes assinado um tratado de paz. Os contatos diplomáticos seguintes tinham reforçado as relações e, por isso, Malaca vivia uma época de paz e prosperidade.

Mas os portugueses preparavam-se para redesenhar o equilíbrio de forças naquela região. Estavam negociando a construção de um forte, na parte norte da ilha de Samatra. O desejo era antigo, mas agora parecia haver condições para se concretizar. Há muito que queriam ter uma base para controlar a entrada no estreito, bem como o tráfego que descia a Samatra pelo lado de fora. Os rumores de navios holandeses e ingleses na região só aumentavam essa necessidade. O Grão-Capitão tinha vindo diretamente de Goa e estava ao comando de uma frota imponente para mostrar a força dos portugueses e conseguir o acordo do sultão do Achém.

De repente, alguns sussurros percorreram o convés e uma voz mais forte gritou que havia movimento na praia. Pouco depois, avistaram os botes portugueses, o que era sinal de que o Grão-Capitão estava de regresso. Pela primeira vez, Rodrigo avistou o Grão-Capitão de perto. Passou a bordo de um dos barcos a remo bem defronte de si, em direção à nau-almirante. No meio das bandeiras com a cruz de Cristo a esvoaçar ao vento, D. André seguia sentado com um ar sereno, mantendo o olhar fixo na linha de água. Ao longe, não parecia um soldado, mas um fidalgo do Reino. Tinha a barba e o bigode bem-aparados e não envergara a sua armadura, vestindo um traje de cerimônia em tons acastanhados e chapéu preto.

— Não chegaram a um acordo! — avançou D. Cristóvão, com um tom de voz carregado, quando chegou perto dele. — O sultão Alauddin não autorizou a construção do forte.

— E agora, D. Cristóvão? — questionou Rodrigo, com uma expressão nítida de preocupação. — Vamos atacar o Achém?

— Julgo que não, D. Rodrigo — continuou Cristóvão, fitando de soslaio a ponte de comando da nau-almirante à sua frente, onde D. André conferenciava com os seus adjuntos. — Os oficiais não parecem ter qualquer indicação de combate.

A frota portuguesa manteve-se fundeada como se nada tivesse acontecido, mas a ansiedade a bordo agudizou-se. Rodrigo olhou para terra e percebeu que os achéus se aglomeravam na praia, numa formação cada vez mais grossa. Imaginou que, dentro de momentos, centenas de pequenos barcos a remos viessem na sua direção. Os minutos foram passando, mas nada aconteceu.

Algum tempo depois, veio a ordem para levantar ferro e uma agitação varreu o convés. Todas as velas foram estendidas ao vento e a nau-almirante começou a mover-se lentamente para estibordo. D. Rodrigo percebeu que o Grão-Capitão não iria atacar os achéus, apesar da recusa do pedido do forte. Pelo que D. Cristóvão lhe contou mais tarde, a relação entre os portugueses e os achéus tinha sido cimentada. Além disso, o Grão-Capitão tinha deixado o aviso para que o sultanato não desse qualquer assistência às naus holandesas que ali pudessem surgir. Deixara claro que se aceitassem fazer comércio com os holandeses, os portugueses seriam obrigados a retaliar com força.

— E agora, D. Cristóvão?

— Pelo que percebi, a armada tem instruções para fazer escala em Malaca.

— Malaca? — soltou Rodrigo, não acreditando no que

ouvira.

— Sim, D. Rodrigo. Malaca. Vamos para a vossa cidade... — repetiu D. Cristóvão com um sorriso. — Não julgo que vamos demorar muito na escala, mas sei como é bom voltar a casa...

Aquelas notícias deixaram Rodrigo bem-disposto. Iria voltar a ver Noor e Pedro. Sentia uma saudade imensa dos dois. Cerrou os olhos por momentos e quase que sentiu o cheiro a sândalo dos cabelos e da pele de Noor. Viu-a a sorrir nas praias de Hilir, e percebeu como se sentia feliz em Malaca. A cidade, Noor e o seu pequeno filho Pedro eram, para ele, o paraíso na terra. Tinha finalmente ganhado raízes e transformara-se num verdadeiro casado, à semelhança de tantos outros portugueses em Malaca, Goa, nos portos indianos e bengali, bem como um pouco por todas as ilhas de Sunda.

Pensou nas provações por que passara durante anos, embarcado no Atlântico, no Pacífico, e no que tinha sofrido em Cusco, nas batalhas que travara um pouco por todo o Peru, e na falta de memória que tivera desde o Monasterio de la Merced. Sentia-se velho, mas estranhamente cheio de vigor e vontade. Isso devia-o a Noor, que o tinha rejuvenescido com a sua força interior, com o seu sorriso encantador e com o seu corpo dourado, esculpido por Deus nosso Senhor. Tinha-lhe dado um filho, Pedro, algo com que ele nunca tinha sonhado.

— Suspeito que vamos reabastecer em Malaca uns dias, para depois seguirmos para a nossa verdadeira missão — adiantou D. Cristóvão, fazendo um ar entendido. Desde os últimos dias que se tinha tentado aproximar do “espadachim” e saber mais das suas aventuras passadas. Mas isso não estava sendo fácil. — Mais para sul...

Aquelas palavras fizeram Rodrigo despertar do seu sonho e recordou-se da razão pela qual ali estava. Também

ele sabia de que a missão não terminava no Norte de Samatra. A vinda ao Achém tinha sido apenas a primeira etapa. A verdadeira missão da armada era expulsar as naus rebeldes dos Mares do Sul. Por isso é que ele tinha se oferecido com tanta vontade. A armada precisava de homens, especialmente com experiência de combate. Tinha-lhe custado muito abandonar Noor e Pedro na cidade, mas, contudo, sentia que a sua terra precisava dele e que podia assegurar um futuro mais seguro para o seu filho.

O que tinha começado com alguns rumores vindos do Achém e de Sunda, cedo se percebeu que era realidade. Dizia-se que os holandeses começavam a navegar naquelas águas com uma frequência assustadora. As notícias de incidentes nas possessões portuguesas, nas ilhas de São Tomé e Príncipe, no Golfo da Guiné ou no Coromandel, causaram bastante apreensão. Dizia-se que os mercadores holandeses tinham reunido forças com os judeus expulsos da Península Ibérica e que estavam construindo a maior armada do mundo.

As altas instâncias do Estado da Índia não tinham ficado indiferentes às informações que circulavam pela Insulíndia e organizaram uma armada para combater os rebeldes holandeses nos Mares do Sul. Fizeram uma primeira tentativa em finais de 1597, sob o comando de D. Lourenço de Brito. Dois galeões, duas galés e nove fustas saíram de Goa e chegaram ao estreito de Sunda um mês depois. A esquadra esperara por uma armada holandesa, mas não chegara a avistar nenhum navio rebelde. Os marinheiros, questionando-se acerca do sucedido, falavam em navios fantasmas, ou sugeriam que o Índico seria muito grande para os rebeldes serem avistados. No entanto, a frota portuguesa acabou por se envolver em algumas escaramuças com os jaus, em Bantem, e perdeu algumas galés, deixando de ter força para derrotar os rebeldes, caso surgissem no horizonte.

Os rumores de naus holandesas continuaram a chegar a Goa e a Malaca com uma velocidade estonteante. Naus que, assim se dizia, surgiam com uma regularidade preocupante nas costas da Índia, bem como nos pontos mais distantes do império, como Amboino nas Molucas, Solor na Sunda Inferior, Macau, e até mesmo a Nagasaki. Pareciam fantasmas que nunca ninguém vira.

A armada do Grão-Capitão acostou em Malaca uma semana depois. Do convés, Rodrigo conseguiu avistar a sua casa no povoado de Hilir por debaixo dos coqueiros. Distinguia-se no meio das outras por ser de pedra branca e por ter um teto de telhas de barro e não apenas de palha ou ramos de coqueiro. Sorriu de contentamento e pensou que Noor ainda deveria estar dormindo.

Mas não estava! Noor sabia que Rodrigo vinha a bordo de uma das naus que chegava a Malaca e estava à sua espera nas areias de Hilir. Quando Rodrigo chegou ao povoado, quem primeiro o avistou foi Noor. Estava diferente. Estava mais bonita que nos seus sonhos. Os cabelos negros brilhavam ao sol e vestia um sári de cores alaranjadas do Coromandel, com o qual tentava encobrir o seu estado. Mas já não era possível disfarçar. Rodrigo depressa percebeu a curva saliente da barriga da mulher e sentiu-se dominado por um sentimento que não conseguiu descrever. Um sentimento igual àquele que tinha vivido quatro anos antes. Sentiu os olhos lacrimejantes e as pernas tremerem.

Por instantes, recordou que antes de embarcar para o Achém, notara que Noor estava diferente, estranha, mas que não tinha dado muita importância a isso. Agora percebia! Abraçou a mulher e beijou-a longamente nos lábios. Voltaram a se beijar, acalmando as saudades que sentiam um pelo outro e celebrando a boa nova. Uma onda mais forte avançou subitamente pela areia e molhou os tornozelos de ambos. Riram e se afastaram um pouco da beira-mar.

— Ficais em casa quanto tempo?

— Não muito, meu amor!

— Tendes de ir embora de novo, não é verdade?

— Infelizmente sim, meu amor! — confessou Rodrigo, olhando-a nos olhos. Pensou como Noor era bela e como tinha transformado a sua vida. Os seus pesadelos tinham diminuído e recordou como adormecia profundamente depois de Noor lhe massagear intensamente todas as partes do corpo. — Tem que ser... Temos que pôr fim aos rebeldes antes que o perigo se alastre!

Noor abraçou-o com força e beijou-o sofregamente. A maré estava subindo rapidamente e uma nova onda provou ser ainda mais forte que a anterior. A água do mar voltou a cobrir os tornozelos de ambos e eles soltaram um riso cúmplice. Estavam felizes! Rodrigo acariciou-lhe os longos cabelos e percorreu as suas costas lisas com ambas as mãos. Sentiu desejo! A sua mão foi ao encontro da mão de Noor e deixou-se invadir pelo seu calor. As saudades eram imensas e percebeu que ela também sentia a sua falta. Voltaram a sorrir um para o outro e, depois, caminharam para casa. Quando a onda seguinte bateu na areia, já não os encontrou.

A armada preparou-se para zarpar de Malaca ao raiar do dia 23 de setembro do ano de 1601 de Nosso Senhor. A Cidadela e as povoações ao redor ainda dormiam quando os últimos botes com os soldados a bordo se afastaram da praia da Franqueira em direção aos navios ancorados perto do ilhéu das Naus. A frota portuguesa era composta por seis galeões, três naus e 12 barcos de remos. A maré estava cheia e parecia agitada, e os navios balançavam um pouco mais do que o normal. Ninguém parecia notar. A frota era imponente, com centenas de bandeiras esvoaçando ao vento, e já se

ouviam as primeiras rezas a bordo.

D. Rodrigo de Mascarenhas foi dos últimos a embarcar na nau-almirante. Tinha deixado Noor deitada depois de uma noite intensa de amor. Quando saíra de casa, Pedro também dormia profundamente e nem sequer acordara quando lhe tinha beijado a face. Rodrigo sorriu ao pensar nisso. Sentia-se bem, sentia que tinha 20 anos, mas, apesar disso, estava consciente da missão que o esperava. Era a segunda vez que a armada portuguesa tentava defrontar os holandeses no Índico e com a ajuda de Deus, Nosso Senhor Todo-Poderoso, os portugueses seriam capazes de expulsar os navios rebeldes de uma vez por todas do Oriente. As velas estavam hasteadas em todos os mastros e um sentimento de invencibilidade reinava na esquadra, quando o Grão-Capitão deu ordem para levantar ferro.

Os primeiros dias de mar elevaram o moral. A esquadra apanhou vento favorável ao longo do estreito de Malaca e o mar mostrou-se calmo. A ondulação fez-se sentir de vez em quando, mas as naus rasgaram os mares com velocidade. À medida que se deslocava para sul, a armada interceptava todas as embarcações que passavam no horizonte. Os portugueses procuravam informações e tentavam perceber se teriam sido avistadas naus europeias que não tivessem velas da Cruz de Cristo, ou que transitassem sem cartazes de navegação. Mas as informações revelaram-se infrutíferas. Nenhum navio de Johor, de Java ou chinchéu tinha avistado qualquer embarcação suspeita.

A armada portuguesa continuou a rumar para sul nas semanas seguintes sem avistar qualquer sinal inimigo. D. Cristóvão de Mendonça e D. Rodrigo sabiam para onde o Grão-Capitão se dirigia. Navegavam na direção de Bantam, na costa norte de Java. Tinham informações de que as naus holandesas usavam aquele local como ponto de chegada e partida nas viagens da e para a Europa, de modo a evitar os

navios portugueses e o tráfego de Malaca. Menos de duas semanas depois, a armada portuguesa fundeou junto da ilha de Pandjang, a poucas léguas de Bantam. As primeiras informações foram decepcionantes. Nenhum navio holandês fora avistado naquelas paragens nos últimos meses. Eram fantasmas, muitas vozes disseram a bordo! Mas as ordens do Grão-Capitão foram claras. Era ali que os portugueses tinham que esperar!

A armada esperou! Esperou como um predador espera pacientemente pela sua presa. Esperou sob um sol forte, com os olhos postos no horizonte, à espera que os navios rebeldes surgissem à saída do estreito de Sunda. A espera durou dez dias e não correu exatamente como se esperava. O aviso chegou à armada portuguesa na madrugada do dia de Natal. O sol estava raiando, quando os portugueses foram acordados com gritos de homens vindos de todos os lados do convés. D. Rodrigo dormia profundamente no porão e acordou sobressaltado como quase todos os oficiais. O alarme tinha sido dado.

— Tiros de canhão! — avisou Duarte Figueira, um casado de Baçaim de ombros largos e de pequena estatura, com um ar sonolento, que acabou por entrar nos aposentos dos oficiais. — Estão chamando todos os homens! “Às Armas”!

D. Rodrigo subiu rapidamente ao convés. A agitação era imensa. Do alto da torre de comando, D. André Furtado de Mendonça acompanhava a situação em silêncio, ladeado por dois fidalgos. Os três homens observavam as manobras dos navios tentando compreender o que passava a algumas léguas de distância, enquanto alguns oficiais tentavam organizar os seus homens para o combate que se avizinhava. Os fantasmas tinham finalmente aparecido e todos a bordo sentiam uma ansiedade transbordante. Ao fundo, no meio do estreito de Sunda, dois galeões portugueses abriam fogo e

disparavam sem parar. Àquela distância, ninguém a bordo compreendia se os portugueses defendiam ou atacavam, mas a ferocidade dos combates era considerável.

D. Rodrigo engoliu em seco ao ouvir os tiros de artilharia pesada ecoarem ao longe. Avistaram-se pequenas nuvens de fumaça que se elevavam nos céus. A princípio, pensou que as naus portuguesas estavam sendo atacadas por uma tribo hostil e que, afinal, os fantasmas rebeldes ainda não tinham surgido no horizonte. Mas depois, olhando com atenção, percebeu que não. A visão de navios europeus naquelas águas acelerou-lhe a respiração e sentiu um arrepio a percorrer-lhe as costas. Vários homens ao seu lado soltaram um grito grave com a visão da bandeira tricolor dos rebeldes esvoaçando ao vento e o convés transformou-se num frenesi de atividade.

A armada holandesa era composta por três naus e dois juncos. Navegavam em formação, velozes e num perfeito losango. Pareciam que estavam à espera daquele combate. Os portugueses não sabiam, mas os holandeses já estavam cientes da presença inimiga naquelas águas. A frota comandada por Wolphert Harmens Zoon tinha sido avisada por um junco chinês e estava preparada. Forçava os portugueses a recuarem contra o vento e tinha a iniciativa de combate. No entanto, os ventos mudaram e os holandeses tiveram de rumar em direção a Pandjang, precisamente onde a armada portuguesa se encontrava fundeada.

D. Cristóvão de Mendonça vislumbrou Rodrigo no meio da tripulação e foi ao seu encontro. Empunhava a espada com apuro e mostrava vontade de combater.

— D. Rodrigo — começou o fidalgo do Algarve, batendo de leve no ombro do casado. — Estais ciente do que se passa, não é verdade?

— Sim, os rebeldes! — respondeu, sem conseguir desviar o olhar do combate. Era a primeira vez que via navios

holandeses e estava impressionado. — Finalmente conseguimos pôr-lhes a vista em cima. Afinal, eles existem, não são fantasmas.

— Agora é que esses rebeldes vão ter a sua lição — ouviram alguém gritar ao lado. — Vamos a eles!

Os homens gritaram com vivacidade da proa à popa, prontos para combater. Ao longe, a situação parecia difícil. Os cinco navios holandeses cercavam os dois galeões portugueses, ante a passividade da armada portuguesa que continuava fundeada a umas léguas de distância. De repente, um dos galeões portugueses largou o tecido das velas e voltou-se de frente para uma das naus holandesas. O navio português disparou vários tiros de canhão e conseguiu furar o cerco. Numa série de manobras, ganhou a iniciativa, o que se revelou decisivo. As velas de uma das naus holandesas caíram e várias balas de canhão acertaram bem no meio do convés do navio. À distância, era perceptível um incêndio que tinha deflagrado a bordo do navio. O galeão português não desistiu e continuou a lançar fogo sobre o inimigo, que ficou isolado do restante da formação rebelde, que continuava a rumar ao norte.

— Estão sendo trucidados! — soltou Rodrigo para si mesmo, ao ver as chamas consumindo as velas holandesas.

— É o começo da matança, D. Rodrigo. Esperamos por este momento durante muito tempo. E agora temos que escrever a História!

A voz grossa do contra-mestre José Alves percorreu o convés, pondo em sentido todos os oficiais, soldados e civis armados.

— Levantar âncora, homens. O Grão-Capitão deu ordem para rumar a norte e fechar o cerco aos rebeldes.

A frota portuguesa avançou em velocidade. Mas o vento não foi favorável e o cerco não resultou na perfeição. A frota holandesa, parcialmente ferida, contornou a ilha de Pandjang

e conseguiu escapar à linha de tiro dos navios portugueses. Pouco depois, o vento caiu e as duas frotas ficaram imobilizadas no mar, como por magia. Estavam à vista uma da outra, mas depois da linha de fogo. Não tiveram outra possibilidade que não fosse a de lançar ferro ao mar e esperar que o vento regressasse, para grande desespero das tropas portuguesas, sequiosas de pôr um ponto final àquela ousadia.

Os holandeses fundearam a oeste da ilha. Tinham sofrido pesadas perdas com a investida portuguesa e parecia que reanalisavam a situação. Aproveitaram para reparar os estragos. Sabiam que tinham tempo enquanto não se levantasse o vento, desde que se protegessem dos ataques dos barcos a remo.

Os portugueses viviam a mesma situação de impasse. Tinham finalmente avistado os fantasmas que durante tanto tempo haviam perseguido, mas por uma ironia do destino estavam agora fora do alcance dos seus canhões.

— D. Rodrigo de Mascarenhas! — chamou uma voz grossa muito próxima. Era José Alves, o contra-mestre, um minhoto com a pele queimada pelos muitos anos no Estado da Índia. — O Grão-Capitão deseja falar-vos!

Rodrigo não teve tempo para pensar nem para comentar a solicitação com D. Cristóvão. Seguiu o contra-mestre, ultrapassando os homens no convés, sem fazer qualquer pergunta. Era a primeira vez que iria se encontrar frente a frente com D. André. Assim que entrou no camarote do Grão-Capitão, viu que ele não era tão velho como pensava – deveria ter mais ou menos da sua idade. Cara amendoada, testa larga, D. André tinha um bigode fino, pontiagudo e uma barba que lhe cobria o queixo. Vendo-o de perto, Rodrigo descobriu que era muito mais baixo do que parecia ao longe. Mas cedo percebeu que D. André não estava de bom humor. Suava abundantemente por debaixo de um traje

que parecia não ser o mais adequado para suportar o calor e a umidade que grassavam no estreito de Sunda.

D. André fixou o olhar em D. Rodrigo assim que ele entrou no camarote acompanhado pelo contra-mestre. Susteve o diálogo com os seus adjuntos e interrogou-se se seria o homem que procurava. D. Rodrigo ficou nervoso. Tentou balbuciar algo, mas depois ficou à espera que o Grão-Capitão tomasse a dianteira. O contra-mestre apresentou D. Rodrigo de Mascarenhas e abandonou o camarote, fechando a porta.

— D. Rodrigo de Mascarenhas? — questionou o Grão-Capitão, com voz grossa.

— Às vossas ordens, Grão-Capitão! — respondeu D. Rodrigo, fixando-o nos olhos.

D. André contornou a mesa coberta de mapas e cartilhas, deixando os seus ajudantes para trás. Chegou perto dele e estendeu-lhe a mão com veemência.

— Não é a primeira vez que nos cruzamos, D. Rodrigo de Mascarenhas, não é? — atalhou o Grão-Capitão, procurando algo no olhar daquele homem. — Reconheço as vossas feições, mas não recorro de onde.

— Possivelmente do Achém, meu Capitão! Estou embarcado há alguns meses... — respondeu Rodrigo. Tinha visto o Capitão no topo do navio mais de uma dezena de vezes.

— Não! — refutou D. André de um modo decidido, com um olhar aberto e passando os dedos pelo bigode fino. — D. Rodrigo, combateses na África? Em Magazão ou Arzila, talvez? Ou acompanhastes El-Rei D. Sebastião na primeira expedição a Ceuta e Tânger?

D. Rodrigo esbugalhou os olhos, sem perceber. Aquelas questões surpreenderam-no e, por leves instantes, tremeu, recordando-se dos seus sonhos de antigamente. Já tinha sonhado várias vezes com as areias do deserto, com os

mouros, com os sabres dourados. Algo lhe dizia que já tinha estado na África, mas não conseguia se lembrar bem onde e quando.

— Sim, meu Capitão, combati na África — tentou dizer num modo decidido, balbuciando. — Mas já se passaram muitos anos...

— É bem verdade, D. Rodrigo, muitos anos, a quem o diz — gracejou o Capitão, sorrindo de leve, mostrando os dentes amarelados por debaixo do bigode negro. — Estais embarcado no Oriente há muito tempo?

— Sim, meu Grão-Capitão! — respondeu D. Rodrigo, tentando disfarçar o desconforto. — Vivo em Malaca há quase dez anos. Foi lá que tive a honra de conhecer D. Diogo de Resende.

— Sim, estou a par disso, D. Rodrigo! — respondeu o Grão-Capitão esboçando um pequeno sorriso com os lábios, mas não deixando de fixar o olhar no casado malaquês. — O meu velho amigo D. Diogo de Resende já me tinha falado de vós em tempos idos. E do grande apreço que tinha pelo “espadachim”...

— Obrigado pelas vossas palavras, Grão-Capitão! — respondeu, fazendo uma pequena reverência com a cabeça.

— Recordo-me que da última vez que recebi uma carta de D. Diogo de Resende, ele falou particularmente bem de vós! — contou D. André, mudando um pouco o tom de voz e olhando em volta para os seus homens que acompanhavam a conversa a distância. Não tinham sido apresentados e não sabiam por que aquele homem estava ali. — Disse-me que D. Rodrigo era o melhor espadachim que jamais tinha visto.

— D. Diogo exagerava sempre nas descrições, meu Capitão...

— Não tanto assim. D. Diogo podia ter muitos defeitos, mas sempre foi um homem justo. Justo nas suas descrições, justo nas suas decisões! — proferiu o Grão-Capitão. Conhecia

D. Diogo desde os tempos de Mazagão, quando chegara à cidade ainda em tenra idade. Tinha sido lá que travara os primeiros combates, às ordens do velho combatente. Nunca deixara de ter tamanha admiração por ele, nem mesmo quando caíra em desgraça e fora obrigado a embarcar para as Índias. — E, pelo que me contaram, em Malaca todos vos chamam de “espadachim”. Vem dos tempos de Damião de Brito, não é assim?

— Sim, meu Grão-Capitão! — assentiu com um sorriso tímido. — Um osso duro de roer!

— Uma raposa, D. Rodrigo. Mas pelo que sei, Vossa Senhoria suplantou-o com facilidade. Infelizmente, D. Diogo de Resende foi louco o suficiente para se juntar à expedição de ataque mesmo com aquela idade.

Os dois homens baixaram o olhar e ambos partilharam um sentimento de tristeza. Um silêncio desconfortável apoderou-se do camarote. D. André parecia recordar o velho mestre, e os seus homens, encostados à mesa dos mapas, nada diziam, espantados com aquele diálogo. Lá fora ouviram-se gritos de guerra, mas nenhum dos presentes fez muito caso disso. Sentia-se tensão no ar. O único dos três homens que não estranhara aquela atitude fora D. Afonso Silva. Também ele era dos tempos da África, também ele conhecera bem D. Diogo de Resende e também ele achava que a cara daquele homem, a quem chamavam o “espadachim”, não lhe era nada estranha.

— Penso que, em questões de piratas, o Grão-Capitão tem um histórico difícil de igualar... — soltou D. Rodrigo, tentando sair daquele impasse.

O Grão-Capitão abandonou os pensamentos em que mergulhara e soltou um sorriso em concordância, olhando depois para os seus três oficiais. A expedição contra Cunhale tinha sido um feito glorioso, que pacificara toda a costa do Malabar. D. André aproximou-se da mesa e fez finalmente as

apresentações com alguma deferência. Os três homens eram muito próximos do Grão-Capitão e formavam um núcleo duro importante: o seu ajudante de campo, D. Afonso Silva, seguido de D. André Rodrigues, mais conhecido pelos seus homens como o “Palhota”, e D. Francisco de Sousa.

— Pedi para vos chamar quando me apercebi da vossa presença. Vamos precisar da perícia de Vossa Excelência! — começou o Capitão, depois de convidar os presentes a sentarem-se ao redor da mesa. — Mas confesso que esperava alguém mais novo.

— Vossa Senhoria pensava que fosse mais novo? — questionou Rodrigo pela primeira vez, esboçando um ligeiro sorriso. Sentia-se mais calmo, apesar de continuarem a falar dele.

— Sim e não! — respondeu o Grão-Capitão em negação, percebendo a contradição e soltando um pequeno sorriso. — As histórias que D. Diogo me contou e o que se ouve do “espadachim” levaram-me a pensar que se tratava de um homem novo, mas a verdade é que os combatentes da África têm já alguns anos...

— É verdade, Grão-Capitão! — assentiu D. Rodrigo. — O tempo passa e passa rapidamente para todos!

Os cinco homens trocaram sorrisos e o ambiente ficou mais desanuviado. A mesa estava repleta de cartas marítimas, não apenas do estreito de Sunda, mas de toda a Insulíndia, até as ilhas de Banda. Uma região muito vasta, pulverizada por milhares de ilhas, em que cada uma delas tinha a sua magia e riquezas. De todas elas, as Molucas eram as mais proeminentes. Era essa a riqueza que os rebeldes perseguiam e que os portugueses estavam dispostos a defender a todo o custo, mesmo naqueles mares longínquos.

— Temos um plano e gostaria de ouvir a vossa opinião. — avançou D. André, aproximando-se da mesa.

— Às vossas ordens, Grão-Capitão!

— Vamos precisar da vossa ajuda, “espadachim”! — proferiu o Grão-Capitão com entusiasmo, olhando diretamente para cada um dos presentes e fixando o olhar em D. Rodrigo. — Amanhã, ao raiar do dia, vamos atacar os rebeldes!

A situação parecia estar fora de controle! O barco a remos balouçava violentamente e a ondulação atirava-o contra o casco da nau holandesa. Rodrigo sentiu as balas da mosquetaria holandesa passando ao lado do ombro e atingindo o casco do bote. Tentou mexer-se, mas a ondulação forte acabou por desequilibrá-lo, obrigando-o a agarrar-se na ponta do bote. As rajadas do alto do navio sucediam-se sem cessar e pareciam dizimar todos aqueles que estavam a bordo. Uma nova rajada de mosquetes atingiu o bote e D. Cristóvão de Mendonça foi ferido no braço. Gritou de dor e, pouco depois, foi novamente atingido, na anca. D. Cristóvão contorceu-se e deixou cair a espada. Dois jorros de sangue soltavam-se do corpo e só não caiu porque Rodrigo o conseguiu amparar, puxando-o para junto de si.

A aproximação dos portugueses da armada holandesa fora brilhante. Tinham lançado um ataque às duas naus holandesas com dois grupos de barcos a remos. Contornaram uma das naus, a *Gerderland*, e dirigiram-se para a popa, onde estavam mais protegidos. O barco de Rodrigo era comandado por D. André Rodrigues que tentava pôr alguma ordem na situação, mas os acontecimentos sucediam-se muito rapidamente. Uma nova rajada de mosquetaria varreu o bote e mais dois homens caíram. Os holandeses disparavam para baixo à queima-roupa, tentando evitar que os portugueses conseguissem subir a bordo. Eram alvos fáceis!

— Protejam-se! — gritou o “Palhota”, também ele encostando-se ao casco da *Gerderland*, protegendo-se do fogo inimigo como podia.

Rodrigo estava ensopado. D. Cristóvão esvaia-se em sangue e estava meio inconsciente, completamente alheado da matança à sua volta. Uma nova rajada atingiu o algarvio sem que Rodrigo conseguisse protegê-lo. D. Cristóvão emitiu um grunhido grave e o seu corpo tremeu violentamente pela última vez.

— Deixai-o, D. Rodrigo! — ordenou o “Palhota” aos gritos, com a espada em punho. — Ele está morto. Vinde comigo, vamos subir. Temos de sair daqui rapidamente.

Cinco homens conseguiram lançar cordas para bordo da nau e começaram a subir a amurada, seguindo o líder. D. Rodrigo largou o corpo de D. Cristóvão e começou igualmente a escalar a nau. Os holandeses continuavam a disparar do topo do navio, defendendo-se dos disparos portugueses como podiam, com tiros de mosquetes em direção ao barco a remos e a tudo o que se movia à sua volta.

D. Rodrigo seguiu atrás do “Palhota”, que comandava o grupo com uma destreza impressionante, mas quando o grupo invasor conseguiu subir o convés foi rapidamente cercado por vinte holandeses. O “Palhota” disparou o seu mosquete e logo depois a sua espada perfurou o peito de um dos inimigos. D. Rodrigo agachou-se, desviando de um ataque quase certo de um holandês. Depois, desferiu um ataque com a espada, mas o holandês desviou-se e logo depois outro se acercou. Lutava contra dois homens ao mesmo tempo, mas ainda foi capaz de ver um português a ser atingido ao seu lado por um tiro certo de mosquete. Num golpe lateral, feriu um dos holandeses e aproveitou a distração do outro para espetar a espada no seu coração. O holandês teve morte imediata. O outro, ferido, veio ao seu encontro, sendo dotado de uma esgrima difícil. Tentou

acertar-lhe nas pernas, mas o holandês saltou e conseguiu escapar, tendo então desferido um ataque. Rodrigo, porém, desviou-se facilmente e conseguiu apanhar o oponente em falso. Não hesitou e tirou-lhe a vida no instante seguinte, sem dó nem piedade. Voltou-se e preparou-se para continuar o ataque, quando algo o fez parar.

— Parados! — ouviu um grito em castelhano do topo do convés. — Rendam-se imediatamente.

Susteve-se e olhou em volta. Viu o corpo de “Palhota” sem vida no convés, envolto num mar de sangue e com a cara desfigurada. À sua volta estavam apenas cinco portugueses que continuavam de pé, rodeados por mais de cinquenta holandeses. O oficial holandês que gritara em castelhano avançou pelo convés em passo ligeiro e com o mosquete em punho. Avançou por entre os homens imóveis na direção dos portugueses e continuou a falar em castelhano.

— Vuestros compañeros estan muertos — informou no mesmo tom e com um olhar penetrante. — Estão em grande desvantagem numérica. O vosso ataque falhou. Rendam-se imediatamente!

Os seis portugueses baixaram as armas e D. Rodrigo de Mascarenhas entregou a espada e o punhal ao oficial holandês. Não houve mais trocas de palavras nem qualquer interrogatório. Os holandeses estavam visivelmente apreensivos. Sabiam que um novo ataque português poderia acontecer a qualquer momento e tinham receio de que estivesse eminente uma segunda ofensiva.

Os portugueses foram aprisionados no porão da nau. Assim permaneceram durante dois dias, na escuridão, até o momento em que o oficial holandês abriu as grades e lhes ordenou em castelhano para que subissem para o convés. Os holandeses estavam nervosos e havia muita agitação a bordo. D. Rodrigo olhou para os mastros e notou que as velas

estavam içadas. Preparavam-se para levantar ferro. Havia vento, os estragos da batalha estavam reparados e parecia que se preparavam para navegar em direção ao mar alto.

D. Rodrigo pensou que iriam ser todos mortos — executados, ou simplesmente atirados ao mar. Trocou breves olhares com os outros portugueses e notou que pensamento era o mesmo. Um dele rezava baixinho e outros dois começaram a fazer o mesmo. Prepararam-se para morrer! Todavia, pouco depois, souberam que não iriam ser executados. O oficial que falava castelhano deu uma ordem e quatro soldados holandeses dividiram os prisioneiros portugueses em dois grupos.

— Quero que levem uma mensagem para o vosso almirante! — adiantou o oficial em castelhano, num tom de voz alto e firme. — Quero que saibam que estamos que aqui para ficar e que, em seguida a nós, outras naus viram... O Oriente deixou de ser português!

Os holandeses ordenaram então que cada grupo embarcasse num batel e foram postos à deriva, sem remos, não muito longe da linha da costa. Ao ouvirem aquelas palavras do oficial holandês, os portugueses perceberam que estavam sendo libertados. Estavam todos conscientes da importância daquela mensagem, mas não deixaram de se mostrar perplexos com aquela atitude.

A armada holandesa levantou ferro pouco depois. Lentamente, os navios afastaram-se, e D. Rodrigo conseguiu encontrar a figura do oficial holandês que falara em castelhano. Estava estupefato com o que tinha acontecido. Em circunstâncias normais, teriam sido executados pelos holandeses. Ao invés disso, tinham sido libertados. A sensação entre os portugueses era, naturalmente, de alívio. Viam a armada holandesa afastando-se para leste e sabiam que, naquelas águas, seriam encontrados, mais cedo ou mais tarde, pela armada do Grão-Capitão.

Não demorou muito para que tal acontecesse. Os dois batéis foram avistados ao final da tarde pela armada portuguesa, quando ainda se viam os navios holandeses no horizonte. Recolheram os prisioneiros e não desistiram de apanhar os rebeldes. Dias depois, os portugueses tentaram um novo ataque, irritados com a mensagem que os holandeses tinham transmitido aos prisioneiros. Aproximaram-se, aproveitando o vento a favor, e horas depois conseguiram chegar perto do inimigo. Incendiaram dois brulotes à deriva com o objetivo de atingirem a esquadra holandesa fundeada. O ataque pareceu ser promissor por causa do vento e das correntes, mas acabou por não ter sucesso. Os navios holandeses aperceberam-se da situação, levantaram a âncora e rapidamente afastaram-se da zona de perigo. Pouco depois, foram para o mar alto, rumando a Nordeste, bolinando e afastando-se ao sabor do vento.

D. Rodrigo de Mascarenhas observou a situação da torre de comando na popa da nau-almirante. Ainda estava se recuperando do confronto com os holandeses e estava ali, desde que tinha regressado ao navio, convidado pelo Grão-Capitão. Contara o que tinha sucedido a bordo da *Gerderland* a todo o Estado-Maior do Grão-Capitão. A morte do “Palhota” tinha deixado muitas marcas. O moral entre os oficiais era baixo e todos olhavam uns para os outros sem soluções. Perante os fatos, o próprio Grão-Capitão não conseguia estar otimista. Observava os inimigos ao longe e tentava equacionar o que poderia fazer para apanhar os rebeldes. Parecia que os holandeses se lhe escapavam por entre os dedos.

— E agora, meu Capitão? — perguntou D. Afonso Silva, vendo as velas holandesas desaparecerem no horizonte. — As vossas ordens?

D. André Furtado de Mendonça coçou a barba e fez uma

expressão pesada. Um sentimento de frustração apoderou-se dele e por momentos não se conseguiu concentrar. Pensou que não era homem de deixar uma missão no meio, e mais uma vez amargurou-se por Goa ter desviado parte da armada para o Ceilão e, principalmente, pelo Capitão-Mor de Malaca, D. Fernão de Albuquerque, ter-lhe recusado os reforços necessários. Pediam-lhe tudo e não lhe davam os meios necessários.

— Rumam a oeste... — avançou D. Francisco de Sousa.
— Na direção do Cabo da Boa Esperança. Pelos vistos, conseguimos que os rebeldes desistissem e voltassem para casa.

— Não poderemos ir atrás deles, Grão-Capitão? — insistiu D. Afonso Silva, sem disfarçar um sentimento de frustração. — Mais cedo ou mais tarde, o vento soprará na nossa direção.

— Navegam a grande velocidade! — soltou D. Rodrigo, não tirando os olhos das velas holandesas que iam ficando mais pequenas. Pensou que nunca seriam capazes de chegar perto deles. Nunca na vida tinha visto navios que cruzassem os mares àquela velocidade.

— Quais as vossas ordens, Excelência? — insistiu D. Afonso.

— Prosseguiremos a nossa viagem! — respondeu D. André, passando o olhar pelo convés e franzindo a sobrancelha. A tripulação parecia derrotada e desmoralizada. — Como bem disse D. Francisco, os rebeldes fugiram e voltam para casa!

Os nobres entreolharam-se com as palavras de D. André. Não sabiam o que dizer, sentiram-se perdidos e esperaram que o Grão-Capitão explicasse que rumo iriam tomar.

— Quero que duas fustas e um galeão regressem a Malaca com todos os feridos — berrou com mau humor, sentindo a solidão do comando. Infelizmente não podia

contar mais com as unidades que D. Fernão de Albuquerque tinha lhe cedido, pensando que não teria mais do que cem homens preparados para o próximo combate. — O resto da frota segue comigo para as Molucas. Vamos para Amboino!

D. André Furtado de Mendonça virou as costas a todo o Estado-Maior e afastou-se para os seus aposentos pessoais. Estava visivelmente desapontado com o rumo dos acontecimentos. Aquela viagem parecia estar destinada ao fracasso. Tinha falhado no Achém e também no estreito de Sunda. D. Rodrigo de Mascarenhas não voltou a vê-lo! Embarcou no dia seguinte numa das fustas que seguia para Malaca, com os feridos dos combates. Aqueles dias passaram num instante — mais tarde, ficaria com a sensação de ter estado sempre dormindo profundamente. Não se lembraria de nada do que sucedeu até que a fusta portuguesa ancorou em Malaca, algumas semanas depois.

O sol ainda não tinha nascido e a cidade ainda estava parcialmente mergulhada na escuridão. Malaca dormia. Da fusta, avistaram pequenos focos de luz na Cidadela, ao longo do monte de São Paulo, que pareciam fugir com o vento. Ao desembarcar perto da Tranqueira, D. Rodrigo conseguiu ouvir os primeiros galos cantando ao longe. Pensou que a cidade poderia ser atacada àquela altura sem que alguém se apercebesse. Mas sabia que isso não seria bem verdade. Rodrigo sabia que a Fortaleza estava bem vigilante. Várias bandeiras esvoaçavam no alto da “Famosa”, com os brasões lusitanos bem visíveis no alto da torre e em cada um dos torreões das muralhas. Olhando com mais atenção, distinguiu vários soldados nas muralhas da “Famosa” que observavam todos os que se aproximavam da cidade. Malaca estava adormecida, mas vigilante!

Na praia, foram recebidos por dois oficiais da alfândega de Malaca e representantes do Capitão-Mor. Atrás dos oficiais, estavam dezenas de escravos jaus, dirigidos por

religiosos, que se preparavam para levar os feridos para os hospitais da Cidadela. Rodrigo ignorou as cerimônias e avançou pela areia. Chegou ao povoado de Hilir em pouco tempo. Estava esgotado e mal conseguia manter os olhos abertos. O povoado estava ainda dormindo e pensou que Noor ainda deveria estar descansando. Queria abraçá-la, senti-la, cheirá-la! As saudades eram imensas! Ganhou um pouco de força e caminhou rapidamente, pensando como era um homem de sorte.

Quando se aproximou de casa, ouviu um som agudo e intermitente e compreendeu que algo não estava bem. Era uma mistura de gritos e choros que o assustou. Contornou a casa e o jardim e percebeu que estava tudo em alvoroço. Pedro chorava sozinho no alpendre, com um olhar assustado, e ouviu vários empregados gritando dentro de casa.

— D. Rodrigo! Uma desgraça abateu-se sobre todos nós... — lamentou-se a governanta no seu português, vindo ao seu encontro, ao mesmo tempo que soltava palavras sem nexos em malaio. — Foi uma desgraça!

— Calma, mulher! Acalma-te e diz-me o que se passa — ordenou Rodrigo, assustado. Ouviu um choro de uma criança proveniente do quarto e fitou a empregada, que não parava de soltar palavras malaias, incompreensíveis para ele.

— A vossa senhora... — gaguejou a governanta, num pranto, com as mãos na cabeça. — A criança chegou antes de tempo e aconteceu uma desgraça...

Capítulo 11

ANGRA DOS REIS, 16 DE JULHO,
9H30

“TANTAS VEZES ME EXTASIEI
COM OS ODORES DAS ÁRVORES
E DAS FLORES E COM OS
SABORES DESSAS FRUTAS, QUE
PENSAVA COMIGO ESTAR PERTO
DO PARAÍSO TERRESTRE. E O
QUE DIREI DA QUANTIDADE DE
PÁSSAROS, DAS CORES DAS SUAS
PLUMAGENS E CANTOS,
QUANTOS SÃO E DE QUANTA
BELEZA? NÃO QUERO
ESTENDER-ME NISTO, POIS
DUVIDO QUE ME DEEM
CRÉDITO.”

*Américo Vespúcio, navegador da primeira
esquadra portuguesa a aportar em Angra dos Reis,
comandada por Gonçalo Coelho, em janeiro de
1502*



m helicóptero surgiu no ar. Sobrevoou a ilha do Pitanguy por momentos e continuou em frente. Podia ser um vizinho seu, mas pelo modo decidido que o aparelho voava, concluiu que se dirigia para a sua ilha. Ficou boiando ao sabor da ondulação, depois da zona de rebentação, e depois teve a certeza. Passados alguns instantes, o aparelho aterrou na ilha do Pereira, interrompendo por completo o silêncio até a hélice finalmente parar.

Salad Rani sorriu. Os seus convidados vinham de São Paulo e tinham chegado antes da hora. Nadou até a praia e pôs fim ao banho matinal, caminhando pela areia até a toalha. Inspirou fundo, sentiu o ar da ilha e pensou que se sentia bem. Era inverno em Angra dos Reis, mas nem por isso a paisagem era menos bela. Dali conseguia avistar outras ilhas que surgiam por toda a baía. Tinha chegado há poucos dias de Abu-Dhabi e só pensava como a baía tinha uma vegetação exuberante, de um verde forte e profundo, tão diferente da aridez do deserto.

A reunião iria começar dentro de trinta minutos! Salad tinha chamado cinco pessoas à ilha – os gestores de topo da Saladin. Cada um deles era o responsável por cada uma das

quatro áreas de negócio. Além deles, estaria o seu administrador financeiro, Diogo Ferreira, um angolano com quem tinha uma relação de amor e ódio, mas que era possivelmente o melhor profissional que conhecia e quem limitava todos os excessos da *holding*.

Saladin era a abreviatura de Salad International. Ao mesmo tempo, era o nome de um dos guerreiros árabes mais famosos de toda a História, que tinha conseguido unificar todas as forças islâmicas e derrotar os Cruzados na Terra Santa, conquistando Jerusalém em 1187. Salad organizava os encontros com os seus gestores principais uma vez por ano. Tratava-se de uma reunião informal, longe dos locais de trabalho, que servia para fazer um balanço dos últimos tempos e traçar objetivos. Num mundo global ligado pelas mais avançadas tecnologias, Salad fazia questão que cada um viajasse milhares de quilômetros para terem aquela reunião.

Tomou uma ducha rápida e trocou de roupa. Vestiu uma polo azul-escura e uma bermuda creme. Tinha certeza de que o traje informal dos seus gestores não chegaria a tanto e que eles iriam tentar disfarçar o espanto. Com efeito, quando chegou ao local da reunião, prenderam o olhar, por alguns segundos, mas depois tentaram disfarçar.

O local da reunião ficava numa das pontas da ilha, com uma vista ampla para a Ilha Grande. Aquele era um dos seus locais favoritos, envolto pela praia e pelo jardim florido. Tratava-se de um grande apêndice ao ar livre, limitado por pilares de madeira e tecidos brancos que esvoaçavam ao sabor da brisa do mar. O piso do apêndice era em madeira e no centro estavam dispostos um conjunto de sofás brancos e pequenas mesas onde se vislumbravam pedaços de incenso em chamas que emanavam um odor agradável. Salad inspirou fundo e sorriu.

— Bom-dia a todos! Bem-vindos à ilha do Pereira! — começou Salad, tentando evitar um tom muito formal. —

Espero que tenham feito uma boa viagem até aqui...

As cinco pessoas assentiram. Salad percebeu que estavam todos descontraídos, especialmente Diogo, o que indicava uma reunião produtiva. Observou-os um a um e depois voltou a pousar o olhar em Diogo. O africano já estava envolto em papéis dispostos em cima de uma das mesas, com um aspecto pouco arranjado. Diogo estava cada vez mais forte e com um ar muito mais velho desde a última vez que o tinha visto nos escritórios centrais da Saladin em Zurique. Mostrou um grande entusiasmo por ver Salad, mas não conseguiu disfarçar uma expressão carregada.

— Depois gostaria de ver com você alguns pontos — adiantou com um ar preocupado.

— Está certo, Diogo! — respondeu com um sorriso e uma expressão compreensiva. — Vemos isso mais tarde. Estou ansioso por saber as suas sugestões.

Diogo assentiu um pouco mais satisfeito e Salad cumprimentou Walter De Zeeuw. Walter era de origem holandesa e era o mais sênior dos gestores. Já tinha passado a idade da reforma, mas dirigia a área de imobiliário com um punho de ferro e era uma autoridade no meio. A Saladin State estava vocacionada para o desenvolvimento de condomínios privados de luxo na Europa e estava expandindo o mesmo conceito para mercados emergentes. Além de estar presente nos Emirados, a Saladin State já operava no Egito, Angola, Uganda, Botswana e África do Sul.

— Como está a África, Walter?

— Crescendo muito rapidamente! — ripostou, com um sorriso aberto. — Vejo que está de boa saúde! Tem que me dizer o seu segredo...

— Não tenho segredo, Walter! — respondeu, rindo-se. — Apenas viver cada dia da melhor maneira possível.

A unidade de petróleo era a mais importante da Saladin

e estava presente tanto na exploração como no refinamento. A Saladin Oil tinha participações em blocos de exploração em vários países do mundo, incluindo na Arábia Saudita, Venezuela, Rússia e Angola, e explorava novos desafios em Timor e no Brasil. Edward Swift, texano rijo, à boa maneira americana, era o CEO há cinco anos. Os preços do petróleo atingiam máximas sucessivas, depois da queda abrupta do ano anterior, e a procura crescia a um ritmo acelerado. Salad sempre tivera uma relação distante com Edward, mas tinha consciência do valor do seu trabalho.

Salad cumprimentou depois Saiffuddin Karim, o gestor malaio que dirigia a Salapet. Era um homem inteligente que crescera no mundo das garrafas de plástico no Extremo Oriente e que fora contratado pela Saladin para dirigir o negócio de PET³¹. A aposta estava correndo bem e a Salapet já dava lucro e estava ganhando quota de mercado.

Por fim, Salad beijou Ismara, abraçando-a com carinho e olhando para ela com atenção. Pensou com a sua filha estava uma mulher adulta e com um olhar seguro.

— Olá, minha filha. Como tem passado?

— Bem, Papi! — respondeu Ismara, com um sorriso e passando suavemente a mão pelo rosto dele. — E como vai o senhor?

— Muito bem, minha filha. Tenho-me sentido ótimo. E você está cada vez mais bonita — disse com sinceridade. Ismara tinha-se transformado numa mulher muito atraente. Alta e postura ereta, Ismara tinha cabelos escuros que contrastavam com a sua pele branca tal e qual a mãe. — Cada vez mais parecida com a sua mãe.

Ismara sorriu e abraçou o pai. Para ela, Salad era uma figura mítica, o seu herói de infância que tinha uma força de espírito inigualável e que sobrevivia a tudo, incluindo a um cancro que estava predestinado a matá-lo em poucos meses. Ismara tinha sido nomeada CEO da Poseidon desde que

Salad tinha sido operado, mas nem tudo tinha corrido bem.

A Poseidon era especializada na exploração de naufrágios e era a única empresa do grupo Saladin que estava cotada. A Saladin detinha uma posição de controle sobre a Poseidon e o resto do capital estava cotado na bolsa suíça. Era possivelmente a maior empresa do mundo do setor e tinha projetos em carteira de um valor quase incalculável. Tinha equipes a operar em todo o mundo, mas nos últimos anos tinha-se especializado no Atlântico Sul, em Caraíbas e na África Oriental.

— Mais uma vez queria agradecer a todos por terem vindo! — começou Salad num tom simpático. — Sentem-se, por favor.

Salad explicou a agenda do dia. Os trabalhos durariam até as 17h30, apenas com uma pequena interrupção para o almoço, que seria servido perto da praia. Teriam algum tempo de descanso até o jantar. Depois, poderiam continuar a debater os pontos que tivessem sido deixados em aberto. A sessão continuaria no dia seguinte, depois de cada um dos presentes ter pensado sobre o que tinha ouvido na véspera.

— Agora, peço ao Diogo para fazer uma apresentação geral da Saladin!

Diogo levantou-se e tirou várias apresentações da pasta, colocando-as em cima da mesa. Suava abundantemente e a sua camisa azul tinha várias manchas. Mas fez uma apresentação rápida e concisa. Mostrou a demonstração de resultados e as contas do balanço da *holding* e, depois, de cada uma das empresas. Concluiu que todas as empresas estavam tendo uma performance acima do orçamento, com exceção da Poseidon.

Para Salad não era uma surpresa. Tinha sido a empresa que mais tinha sofrido com a sua doença. Ismara tinha feito um bom trabalho, mas ainda era muito jovem para liderar a empresa sozinha. A Poseidon tinha-se atrasado em vários

projetos e muitos outros consumiam fundos a uma velocidade estonteante.

Saif avançou com a apresentação seguinte. Fez um enquadramento histórico da empresa, desde que tinha tomado posse, defendendo a seguir uma ofensiva compra de pequenos concorrentes.

— De outro modo, não temos hipótese de garantir retornos a longo prazo — adiantou com um ar sério. — Estou consciente dos investimentos elevados que temos realizado e, por isso, proponho que a Saladin faça a dispersão de parte do capital em bolsa e use esse dinheiro para consolidar-se no mercado.

Salad percebeu que Saif tinha sido inteligente e adivinhou que aquela manobra era resultado de conversas com Diogo. Era uma proposta inovadora, precisamente uma daquelas ideias que gostava que surgissem naqueles encontros.

— Obrigado, Saif — agradeceu Salad, não disfarçando o seu contentamento. — Sem dúvida uma proposta interessante e sobre a qual teremos que refletir.

Edward Swift fez a apresentação seguinte e foi menos polêmico. O setor do petróleo voltava a viver uma fase muito positiva e a Saladin Oil tinha participações em blocos muito promissores. Edward não pediu nada, nem apresentou nenhuma proposta bombástica. Simplesmente apresentou um *slide* com a sua estimativa de geração de *cash-flow* para os próximos anos, e os níveis eram impressionantes.

As horas foram passando e fizeram uma pausa. Salad convidou os presentes a passarem para a praia e os empregados serviram o almoço, com ingredientes brasileiros em que não faltaram os pastéis de Catupiriy e casquinhas de siri, de que Salad tanto gostava. A tensão esvaneceu-se e o vinho de Napa Valley libertou os sentidos. Até Ismara estava apreciando o momento. Crescera e, por momentos, Salad

pensou que estava na presença de Sally, que Allah a tivesse em paz.

O almoço foi rápido. Pouco depois voltaram ao trabalho. Walter De Zeeuw começou a sessão e fez uma apresentação semelhante à de Edward Swift. A Saladin State gerava um *cash-flow* elevado que permitia o financiamento do seu crescimento e o pagamento de altos dividendos à empresa-mãe. Diogo Ferreira não levantou qualquer questão durante a apresentação e Salad percebeu que ele concordava e apoiava a estratégia de gestão da Saladin State.

Finalmente, Ismara apresentou a Poseidon. Fez um retrato direto e sem rodeios das dificuldades pelas quais a empresa tinha passado nos últimos tempos. Os problemas de financiamento tinham obrigado a Poseidon a fazer um aumento de capital. A operação não tinha sido subscrita pelo mercado e a Saladin tinha sido obrigada a despendar milhões de dólares, por meio de empréstimos subordinados.

Salad achava que Ismara estava aprendendo rápido e que as decisões que tomara faziam sentido. Ismara debatera com Salad algumas delas, mas a verdade é que achava que ela estava tomando as rédeas da empresa. A Poseidon tinha abandonado a pesquisa de um galeão espanhol no Golfo do México por ser muito dispendioso e tinha concentrado os seus esforços num U-boat alemão que tinha sido afundado no Mediterrâneo Ocidental, perto das ilhas Baleares, no final da Segunda Guerra Mundial, com várias toneladas de ouro. A empresa já tinha a licença de exploração do Governo espanhol e localizara o submarino. Aquela descoberta podia ser determinante para possibilitar que a Poseidon equilibrasse rapidamente as suas contas. Ismara adiantou que as investigações sobre o U-523 poderiam atingir a sua fase determinante no máximo dentro de quatro semanas.

— Para terminar, gostaria de vos deixar uma proposta inovadora — finalizou Ismara com um sorriso enigmático.

Tirou uma pequena apresentação da pasta e colocou as cópias cuidadosamente em cima da mesa. A capa da apresentação dizia “Take over offer for Alpha Dive”. Oferta de compra sobre a Alpha Dive!

Salad franziu a sobrancelha e puxou a apresentação para perto de si. Ismara não lhe tinha falado daquele assunto e, por momentos, pensou que a filha lhe tinha omitido algo. Salad conhecia bem a Alpha Dive. Era o seu maior concorrente global. Estava cotada na bolsa de valores de Lisboa, mas era controlada pelos seus principais gestores. Já tinha ouvido falar dos gestores da Alpha Dive. Eram portugueses, espanhóis, ou algo assim. Tinham feito duas grandes descobertas nas ilhas dos Açores nos últimos anos. A primeira tinha sido um pacote inglês que se afundara na Primeira Guerra Mundial e que estava carregado de porcelana chinesa e de joias. A segunda tinha sido um galeão inglês do século XVIII com o porão carregado de moedas de prata, vindo das Colônias espanholas da América do Sul. Recordava-se que aquelas descobertas tinham tido uma visibilidade enorme e que tinham enchido os cofres da Alpha Dive.

— Mas a Alpha Dive é controlada por um bloco forte de acionistas. Pelo que sei, a empresa é controlada pelos seus próprios gestores, que têm mais de 50% do capital — adiantou Diogo, parecendo adivinhar o pensamento de Salad. — Além disso, está fazendo transações a múltiplos muito elevados, claramente a prêmio da Poseidon. Seria uma operação muito dispendiosa...

— Infelizmente ou não, existe uma razão para esse prêmio. Mas nem por isso uma aquisição a estes níveis causaria prejuízo. Muito pelo contrário! — adiantou Ismara, orgulhosa pelo impacto que estava causando. Tirou da pasta o último relatório e contas da Alpha Dive e colocou-o em cima da mesa. — Eu explico.

Ismara estava na posse de uma informação altamente confidencial e queria fazer uso dela o mais rapidamente possível. Salad compreendeu que tudo aquilo era muito recente, que Ismara tinha preparado a apresentação na véspera, mas a cada minuto que passava concluía que mais sentido fazia. A Alpha Dive tinha os seus pontos fracos e Ismara conseguira descobri-los.

A reunião terminou uma hora depois. Salad pensou que a discussão fora acesa e que tinham surgido várias ideias excelentes. Diogo Ferreira estava com uma expressão que denotava alguma ansiedade e isso era mais um sinal de que a reunião tinha sido proveitosa. Sentia dinamismo e ambição no ar, e era isso que Salad gostava. Era exatamente isso que iria fazer a Saladin continuar a crescer e a ganhar dinheiro.

— Declaro então a reunião da tarde encerrada! — concluiu Salad num tom ligeiramente cansado. — Obrigado pelas apresentações. Gostei bastante de todas elas e penso que temos muito o que falar hoje à noite e amanhã. O jantar está marcado para daqui a duas horas. Traje informal, naturalmente. Até lá, estejam à vontade e divirtam-se. Sigam, por favor, a Jéssica, que ela vos encaminhará.

O grupo dissipou-se aos poucos em direção ao edifício principal, guiados pela governanta. Diogo estava sempre perto de Ismara e Salad percebeu que ainda falavam da Alpha Dive. Sorriu de novo. Se o plano de Ismara estivesse correto, aquele passo poderia traduzir-se num retorno muito elevado e mais importante que todo o ouro do U-523. Tinha gostado da ideia e estava esperançoso que os dois se dessem bem. Sabia que eles poderiam ser o futuro da Saladin e que seria bom para todos que conseguissem se entender.

Ibrahim surgiu pouco depois. Alto, magro e sempre vestido a rigor, o fiel empregado era de uma eficiência extrema e facilitava-lhe a vida nas coisas mais pequenas. Ibrahim acompanhava-o para todo o lado e parecia que não

tinha vida pessoal. Um verdadeiro Mudjahideen.

— Temos novidades?

— Sim, Sayyid — respondeu Ibrahim, mantendo o olhar preso no chão. — Ele telefonou duas vezes durante a tarde.

— Quando foi isso?

— Durante a reunião! — informou Ibrahim no mesmo tom de voz. — O Sayyid disse que não queria ser interrompido, por isso estou a informá-lo só agora.

— Sim, fizeste bem — assentiu Salad, contrafeito, quase arrependido pela instrução que dera. — Ele disse alguma coisa?

— Apenas que queria falar com o Sayyid!

— Mas agora já é muito tarde para ligar, não?

— Ele disse que era urgente. Pedeu para o Sayyid telefonar assim que pudesse!

— Muito bem — assentiu. — Faz-me a ligação?

Ibrahim voltou pouco depois com o celular e assentiu com a cabeça. A ligação estava feita. Salad sabia que era madrugada em Cingapura. Se ele queria falar, deveria ter novidades.

— Buenas noches, amigo! — começou Salad, tentando não parecer minimamente ansioso. — Como está?

— Boa-noite! Desculpe a insistência, mas tenho novidades importantes.

— O que se passa?

— Estou neste momento em Malaca — adiantou a voz do outro lado, sabendo o impacto que as suas palavras iriam ter.

Salad suspirou e esboçou um sorriso, acompanhando o andar de Ibrahim que se afastava para perto da praia. Finalmente pareciam estar no bom caminho. Sentia que os seus instintos não o enganavam e que estavam mais perto da *Flor do Mar*, após tantos anos.

— Pensei que ainda estivesse em Cingapura...

— Não. Descobri que ele tinha ido para Malaca e fui no

seu encaço.

— Finalmente em Malaca! — soltou Salad, num tom radiante. — Isso é bom sinal!

— Sim, tudo indica que sim — continuou o homem do outro lado da linha. — Começo a me convencer de que realmente alguma coisa está se passando.

— Percebeu o que ele esteve fazendo em Cingapura? — questionou Salad, interessado. Sabia que poderia existir uma pista em qualquer lado. — Fez apenas escala, ou algo mais?

— Penso que foi mais do que apenas uma escala — informou com uma voz firme. — Ele fez pelo menos duas visitas. Uma delas foi a um ex-colega de Boston. O outro encontro foi com Fernand Trindadi.

— Trindadi? — perguntou Salad, para si mesmo. — Parece português, mas não me diz nada. Deveria dizer?

— Fernand Trindadi é um euro-asiático! — adiantou a voz do outro lado. — Descobri que foi um dos colegas mais próximos do professor português.

Salad sentiu uma onda de entusiasmo a percorrer-lhe o corpo. O filho do professor estava visitando historiadores e este último parecia relevante. Estava invariavelmente ligado a Malaca.

— Não procurei falar com Trindadi para evitar mais problemas.

— Fez bem!

— Mas o filho do professor esteve falando com algumas pessoas de Malaca que podem ter acesso a informação histórica de extrema importância.

— Que pessoas?

— Os portugueses de Malaca! — respondeu no mesmo tom. — Parece que o nosso homem procura o mesmo que nós.

— Deve ter falado com o Regente do Medan Portugis — concluiu Salad. Conhecia bem aquela comunidade desde os

tempos em que estivera em Malaca em 1990 e 1991. Tinha ido lá várias vezes na tentativa de encontrar informação relevante para a pesquisa, mas nunca descobrira nada que o ajudasse. — Mas detectou alguma ligação concreta à *Flor do Mar*?

— Neste momento, estou o vigiando a distância, deixando-o à vontade e ver até onde ele vai. Mas estou cada vez mais convencido de que o professor português encontrou a localização da *Flor do Mar*.

— Como assim? — questionou Salad. As ondas do mar chegavam à praia com força, mas ele nem ouvia o arrastar da areia. — Se bem me recordo, até há poucos dias, estava bastante cético!

— Sim, é verdade, mas mudei de opinião. Nós sempre achamos que a *Flor do Mar* estava algures no fundo do mar da Samatra, à saída do Estreito...

— Sim, é o que dizem todos os registos históricos. Todos, sem exceção! Em Lisboa, em Kuala Lumpur, em Malaca, em todo o lado — lembrou Salad, interrompendo-o, sem perceber onde é que o homem queria chegar. — Dois dias depois de ter saído de Malaca, a nau naufragou! No meio de uma tempestade, contra um recife. Tengah Reef!

— E eu nunca mais serei capaz de esquecer esse nome! — soltou. — Sei que nós procuramos todas as pistas, investigamos os arquivos de Lisboa, de KL, de Cingapura. Sempre estivemos muito bem documentados e sei como ninguém como vasculhamos o mar de Samatra, como os documentos oficiais portugueses da época indicavam. Mas agora acho que nos enganamos...

— Enganamo-nos como? — questionou Salad, abrindo muito os olhos. Não estava à espera daquilo. Será que o espanhol tinha endoidecido com tantas viagens e suposições?

— Acho que o professor português descobriu a *Flor do Mar*! Os despojos do navio não estão no fundo do mar.

— Não estão no fundo do mar de Samatra?

— Os despojos não estão no fundo do mar! — corrigiu assertivamente. — Penso que o professor encontrou provas de que os baús da *Flor do Mar* foram recuperados, pelo menos uma grande parte deles! Sei que parece estranho, mas agora consigo encontrar algum sentido para o que presenciei nos últimos dias e para o que o filho do professor tem feito.

— Não percebo o que está dizendo, amigo! — avisou Salad, um pouco irritado. — Pode ser mais explícito?

— Sabe que eu estava muito cético com esta investigação, não sabe?

— Sim, sei. E o que mudou exatamente?

— O que mudou é que nós encontramos material muito interessante em Lisboa — informou Juan numa voz entrecortada. — Os meus homens acabaram de fazer uma descoberta surpreendente! Enviaram-me várias fotografias digitalizadas há pouco e eu tenho estado a investigá-las com cuidado.

Juan Alvarez explicou o que tinham encontrado. Mapas antigos do Estreito de Malaca, manuscritos portugueses e apontamentos do professor ao longo de vários blocos Moleskines. Tinha citações de Alberto Blanco em Cusco, Fernand Trindadi em Cingapura e outras anotações importantes. Encontrou várias referências a Rodrigo de Mascarenhas e Pedro de Mascarenhas, tal e qual como Alberto tinha referido antes de morrer. Percebeu que ambos os homens eram de Malaca e que estavam de algum modo relacionados com a *Flor do Mar*.

— As indicações são claras. A carga da *Flor do Mar* foi retirada do fundo do mar, poucos dias depois do naufrágio...

— Poucos dias depois? — soltou Salad, com dificuldade em perceber o que tinha acabado de ouvir. — Mas quem?

— Pelos habitantes de Aru! Uns dias depois da tempestade...

— Aru?

— Sim, Aru! Taruk Aru! Não fica muito longe de Tengah Reef! — adiantou Juan. — Pelo que descobri, os habitantes de Aru assistiram ao naufrágio e assim que a tempestade se dissipou, retiraram grande parte da carga do mar durante a maré baixa. Nessa altura, já as restantes naus portuguesas estavam longe...

— Mas nós também exploramos essa via na altura. Efetuamos alguns mergulhos na zona. Lembro-me bem — recordou, mantendo o tom cético. — Mas, afinal, onde é que arranjou todas essas informações?

— Em Lisboa! — repetiu num tom assertivo. — Como lhe disse, os meus homens fizeram um bom trabalho na casa do professor. Ele descobriu tudo isso...

Salad estava nervoso, mas esboçou um largo sorriso de orelha a orelha. Nunca tinha pensado naquela hipótese. Era uma tese bastante controversa, mas sem dúvida fazia sentido, especialmente porque até agora não havia qualquer explicação para o fracasso das investigações de 1991. Agora sim, podia estar no bom caminho. Pelo menos num caminho crível. Finalmente tinha encontrado um fio condutor que podia explicar o que se passara há quinhentos anos atrás.

— E onde é que acha que está a carga da *Flor do Mar*? — perguntou em voz alta, fazendo com que Ibrahim levantasse o olhar ao longe para se certificar de que estava tudo bem. — Em Taruk Aru?

— Não sei, não tenho certeza. Mas suspeito que possa estar escondida algures em Malaca.

— Escondida em Malaca? Mas como é que isso é possível? — questionou Salad, perplexo. Isso seria mais do que uma teoria controversa. — Está dizendo que as riquezas do sultanato de Malaca estão na cidade?

— Sim! Por isso é que o filho do historiador tem estado na cidade. Tenho certeza de que ele sabe onde estão os

despojos. E mais...

Juan explicou o que tinha descoberto nas últimas horas. Tudo fazia sentido e foi isso mesmo que tentou explicar. O telefonema demorou mais dez minutos. Juan contou tudo o que sabia e o que concluía. Salad ouvira com atenção, em silêncio e sem levantar qualquer questão adicional. Mas teve dificuldade em acreditar em tudo o que Juan lhe dissera. Por momentos pensou que estava sonhando. Em todo o caso, tinha ficado muito bem-disposto. A *Flor do Mar* fora um dos seus maiores fracassos, especialmente o modo como a missão tinha terminado. A empresa de Cingapura falira e a Poseidon perdera vários milhões de dólares.

Salad notou um movimento perto dele e os seus pensamentos foram dissipados. Jéssica estava à sua frente, caminhando calmamente, como se desfilasse. Alta, de pele muito branca, cabelos louros apanhados num comprido rabo de cavalo, era uma governanta diferente. Aquela mulher emanava uma sensualidade que o afetava profundamente. Jéssica Brunen tinha 37 anos, ombros largos, resultantes de anos de natação, cabelos louros compridos e um corpo de modelo. Era natural de Londrina, do estado do Paraná, e não disfarçava a sua ascendência alemã. Tinha sido admitida nos quadros da ilha no ano anterior e fora promovida a governanta pelo falecimento de dona Graça. A partir dessa época, Salad passara a conviver mais com ela e se viu prolongando as estadias na ilha apenas para se deliciar com a sua beleza.

— Os convidados já estão instalados, senhor Salad. Estão descansando nos seus aposentos — disse Jéssica, com uma expressão de subserviência misturada com sensualidade. — Posso fazer mais alguma coisa pelo senhor?

Jéssica era, sem dúvida, uma mulher imensamente atraente e exaltava todos os sentidos. Os sapatos pretos contrastavam com a pele branca das pernas e a roupa justa

salientava as suas formas. Salad fitou o corpo da brasileira e Jéssica percebeu o olhar do patrão. Aproximou-se de Salad e lançou um sorriso muito bonito, deixando que ele sentisse a sua respiração. Sabia que era muito atraente e que causava um impacto grande nos homens.

— O senhor precisa de mim?

— Sim, preciso — avançou Salad, sem rodeios com o olhar fixo nos olhos dela, passando a mão de leve pela perna dela. — Mas primeiro tenho que fazer um telefonema importante. Pode esperar um pouco?

— Claro, senhor Salad — respondeu com um olhar profundo que pareceu trespassar-lhe o espírito. — Eu vou buscar uma xícara de chá. Eu sei que o senhor gosta.

Salad agradeceu e observou Jéssica afastando-se. O corpo dela ondulava a cada passo e Salad não conseguiu desviar o olhar por um só segundo. Estava louco de desejo e sentiu uma ansiedade enorme em possuir aquela mulher. Puxou rapidamente o seu celular e ligou para Akim. Olhou para o relógio e pensou que deveria passar da 1h da manhã em Zurique. Sabia que era muito tarde, mas se não fizesse aquele telefonema naquele momento, sabia que iria perder a oportunidade.

— Asslama, Sayyid — cumprimentou uma voz conhecida. — Em que posso ser útil?

Salad libertou um sorriso. Pensou como os *brokers* nunca dormiam. Parece que vivem para olhar para os números mudando sistematicamente nos ecrãs, umas vezes para cima e outras vezes para baixo.

— Boa-noite, Akim. Desculpe telefonar a esta hora...

— Não tem importância, Sayyid.

— Sei que é muito cedo para dar uma ordem, mas gostaria que amanhã me comprasse ações da Alpha Dive. Vá comprando tudo o que aparecer, mas cuide para que o preço não suba muito.

— Claro, pode ficar descansado. Não vou fazer qualquer pressão — informou Akim, com segurança. — Tem algum limite de quantidade?

— Não, pode comprar tudo o que aparecer, mas com calma.

— Pode ficar descansado, Sayyid! — adiantou Akim. — Compro para que sociedade?

— Para o Hotel Baía Azul! — respondeu Salad, enquanto fitava Jéssica aproximar-se com o tabuleiro de chá. O Hotel Baía Azul, situado numa ilha dos Açores, era propriedade de uma *holding* do Qatar que Salad usava ocasionalmente.

— Com certeza, Sayyid!

Salad desligou o telefone e sorriu para a governanta, que avançava pelo passadiço marítimo. Estava contente. O plano de Ismara tinha tudo para dar certo e ele já se adiantara. As notícias de Juan Alvarez não podiam ter sido melhores. Sentiu uma ansiedade imensa percorrendo-lhe o corpo ao saber que estava cada vez mais perto da *Flor do Mar*. Faltavam apenas duas horas para o jantar e o sol ainda estava acima da água. Jéssica chegou perto dele e pousou o tabuleiro de chá em cima da mesa.

— Chegou mesmo no momento ideal — avançou Salad, com um sorriso desenhado no rosto. — Preciso mesmo de você!

— Sim, senhor Salad? — questionou Jéssica com os olhos fixos nos olhos dele, aproximando-se. — O que posso fazer pelo senhor?

Salad sorriu e sentiu a umidade dos lábios carnudos da governanta. Teve tempo de ouvir o som das ondas e pensar como Angra dos Reis era o paraíso na terra, antes de enlouquecer de prazer nos braços de Jéssica.

Capítulo 12

FOZ DO JOHOR, 24 DE FEVEREIRO DE 1603

“OS PORTUGUESES NÃO
FAVORECEM O ALARGAMENTO
DA FÉ EM MUITOS LUGARES OU,
NA VERDADE, NÃO LHE PRESTAM
QUALQUER ATENÇÃO, UMA VEZ
QUE ESTÃO APENAS
INTERESSADOS NA AQUISIÇÃO
DE RIQUEZA.”

*Hugo Grócio, jurista holandês em Mare
Libertum, publicado no início do século XVII,
depois do incidente do Santa Catarina*



chuva intensa parara. Ao longe, já se avistava uma nítida linha verde, o que indicava terra à vista. O galeão navegava lentamente, cruzando as águas com dificuldade. A tripulação estava cansada e tudo se movia com lentidão. Estava sendo uma viagem difícil e pesada para toda aquela gente. Aquele era o maior navio do mundo. Tinha 1.400 toneladas, com 750 pessoas a bordo e uma carga de uma riqueza inimaginável, em que se incluíam mais de cem mil peças chinesas que iriam encantar várias cortes europeias. Antes disso, porém, a mercadoria iria ser descarregada na Casa da Índia, em Lisboa, e os seus cofres iriam ficar ainda mais cheios.

— Tendes a certeza de onde estamos, senhor Mendes? — questionou Sebastião Serrão, um casado de Goa, experiente naqueles mares. Com ombros largos, pele dourada e corpo possante, Sebastião era o capitão do *Santa Catarina*. Sorria longamente, pois sabia que aquela viagem iria encher os seus bolsos de cruzados.

— Sim, meu capitão. Estamos muito perto da foz do rio Johor — respondeu o piloto canarim com uma voz assertiva, passando a mão pela barba branca. — Muito perto do sultanato de Johor. As ilhas Riau estão também no nosso

horizonte e, por isso, é aconselhável mantermos uma certa distância.

— E se pararmos esta noite e esperarmos que a monção abrande um pouco? — inquiriu o capitão, olhando em volta e inspirando o odor salgado do mar. — Os homens também estão cansados, já para não falar das mulheres e das crianças.

— Acho uma excelente ideia, senhor. — respondeu Amílcar Mendes. Fazia a Carreira de Macau há muitos anos e conhecia aquelas águas como ninguém. Sabia que estavam perto de uma baía de águas calmas, a poucas léguas dali. O sultanato de Johor transferira a sua capital mais para o interior do rio, de modo a dificultar o acesso aos inimigos que vinham do mar e, nos últimos tempos, evitava mesmo sair ao mar. — Amanhã teremos melhores condições para navegar.

— Muito bem! — assentiu Sebastião Serrão. Tinham saído de Macau há três meses e não estavam atrasados. Mesmo com o mau tempo que tinham apanhado no Golfo do Sião, tinham navegado a boa velocidade. Se mantivessem aquele ritmo, iriam chegar a Malaca em pouco menos de duas semanas. O suficiente para fazer uma parada um pouco mais demorada nas águas calmas de Cingapura, antes de entrarem no Estreito de Malaca. — Lançai ferro quando entenderdes, senhor Mendes.

— Sim, senhor capitão!

O galeão afastou-se das ilhas de Riaú e pouco tempo depois os tripulantes avistaram o delta do rio de Johor. Não eram águas plenamente seguras, mas afinal de contas aquele era um galeão da Coroa portuguesa e só esse fato seria suficiente para impor respeito naquelas paragens. Além disso, o *Santa Catarina* tinha mais de cem bocas de fogo que podiam incendiar qualquer inimigo. A tripulação e os passageiros nobres organizaram uma festa no convés superior, na popa do navio, celebrando aquela pequena

pausa na viagem. Houve música, dança e bebida, e todos se divertiam. A festa e a alegria espalharam-se pelo resto do navio e por todo o lado se dançou e cantou numa mistura de sons portugueses, indianos e chinchéus.

Matilde preferiu afastar-se daquele reboliço. Estava bem ali sozinha consigo mesma, na proa do galeão, vendo as estrelas no céu. Inspirava a brisa do mar e aquele cheiro que vinha de terra. Tentava ficar longe de tudo e de todos, se isso fosse possível naquele navio. Momentos antes, Matilde tinha pensado em atirar-se ao mar. Levava uma vida sem sentido. O seu marido morrera numa briga no porto de Macau, estava viúva, sem filhos, e a sua mãe enlouquecera e acabara por falecer havia quase um ano, que Deus a tivesse em paz.

Matilde de Oliveira tinha nascido em Macau em 1580, um ano que, dizia o seu pai, fora trágico para Portugal, já que perdera a independência. O país, afirmava o pai, ficava sujeito aos ditames de uma monarquia dual, que não era mais que o caminho para a subjugação total, especialmente após a morte de D. Filipe I. O pai de Matilde regressava ao Reino, depois de mais de trinta anos de serviço em Macau, cheio de honra e fortuna. E ela regressava com o pai a um Reino que não conhecia, que nada lhe dizia e que, segundo constava, tinha um clima muito mais frio. A noite estava abafada e Matilde acabou por adormecer na proa do galeão, sozinha, ao som da festa do convés e do grasnar das aves noturnas da ilha de Cingapura.

Do outro lado do galeão, Sebastião Serrão mal conseguia andar. Tinha comido e bebido em excesso. Estava satisfeito e desejoso de chegar à fortaleza de Malaca. Levava a bordo uma porção extra de “drogas” e sabia que iriam render muitos cruzados nos mercados da cidade. Recordou as suas últimas viagens, concluindo que já não se podia queixar dos rendimentos. Mas daquela vez a porção de “drogas” era muito maior do que a das Carreiras anteriores. Era a viagem

de uma vida, pensou!

— Johor dorme descansada, senhor Mendes — adiantou Sebastião, muito sorridente, quando chegou perto do piloto canarim que se mantinha em sentido, bem perto do leme. Sentia a cabeça quase caindo por causa do álcool que ingerira.

— O rajá Mansur não quer a guerra, capitão. Johor tem sofrido demasiadas derrotas em todos estes anos e ele está farto de reconstruir cidades — lembrou Amílcar Mendes, mostrando os dentes muito brancos. De fato, desde o último grande cerco a Malaca que os portugueses viviam imunes a tudo e a todos, navegando com facilidade por todo o Estreito.

— Concluo então que não vamos ter sobressaltos?

— Johor está dormindo, meu capitão. Podeis descansar sem preocupações.

— Sim, estou precisando de umas horas de sono.

A música e a dança continuaram pela noite adentro. Um grupo de chinchéus tocava com afinco e espalhava alegria por todo o convés. Mas a festa a bordo cessou menos de uma hora depois e a maioria dos passageiros adormeceu, cansados da viagem, da festa e do álcool. Amílcar Mendes observava tudo, em silêncio, do topo da torre de comando do galeão. O canarim foi vendo os passageiros abandonarem o convés e a recolherem-se aos seus aposentos, e outros simplesmente adormecendo. Até os próprios chinchéus foram vencidos pelo cansado e, de repente, Amílcar Mendes tornou-se rei e senhor do *Santa Catarina*. As únicas pessoas acordadas eram os vigias no topo dos mastros que controlavam os movimentos à volta. Mas Amílcar sabia que não haveria qualquer movimento. Olhou em direção à foz do rio Johor e não avistou qualquer luz. O sultanato do rajá Mansur estava ferido de morte havia muito tempo, depois de todas as lutas com Malaca e com Achém, e nos últimos anos buscava paz com os portugueses de modo a conseguir vencer

o grande rival malaio do norte da ilha da Samatra. Amílcar esfregou os olhos e pensou que também ele estava cansado. Estava sendo uma viagem muito longa!

As horas passaram, mas ainda a luz era tênue quando três navios surgiram no horizonte, vindo de Nordeste. Os vigias do *Santa Catarina* tinham adormecido ao som das aves de Johor e de Cingapura e ninguém a bordo do galeão os viu aproximando-se. Matilde dormia profundamente na proa, Sebastião Serrão emitia roncossonoros nos seus aposentos e mesmo Amílcar Mendes sonhava com a mulher da sua vida, que tinha deixado na cidade de Diu.

Ao fundo, os três navios avançavam velozmente. Jacob sentiu o navio-almirante cortando a ondulação e percebeu a velocidade pelo vento ameno batendo na testa. Estava muito tenso, mas ao mesmo tempo estava convicto de que tudo iria correr bem. Estava prestes a fazer 36 anos e já tinha vivido muito. Por momentos, lembrou-se das viagens ao Ártico, do sonho de descobrir uma rota de acesso ao Oriente pelo Norte da Europa e de como tudo tinha sido em vão, acabando por ruir. Era a segunda vez que navegava nas águas do Índico, mas agora sabia que seria diferente. Olhou em volta e confirmou que a tripulação estava preparada. Passou os dedos pelo bigode pontiagudo e depois os olhos focaram o ponto negro que saltava à vista no horizonte e que se tornava cada vez maior a cada minuto que se passava.

Os três navios não tinham autorização para atacar, mas continuaram cortando as ondas com uma velocidade estonteante, numa posição ofensiva. Não seria a primeira vez que os navios portugueses seriam atacados. Aquelas águas eram férteis em piratas e Jacob sabia que um navio inglês tinha saqueado uma nau portuguesa vinda do Oriente, em pleno Estreito de Malaca. Mas Jacob Van Heemskerck também sabia que aquela seria a primeira vez que um navio da VOC realizaria uma ação daquela natureza diretamente

contra um navio da Coroa portuguesa, sem ser em legítima defesa. Contudo, depois dos acontecimentos recentes de Macau, tudo era mais do que justificado.

De acordo com as informações que Jacob obtivera no Reino do Sião, aquela presa tinha um prêmio muito além do imaginável. A VOC não iria recusar! Jacob Van Heemskerck tinha certeza disso. A VOC tinha sido criada em março do ano passado e era uma empresa diferente. Não era propriedade do Estado, mas sim de muitas pessoas diferentes que tinham o nome de acionistas. Tinha sede na Holanda, mas os acionistas iam muito além dos habitantes dos Países Baixos. Havia acionistas de muitos e variados países. Jacob pensava nisso e no impasse em que a empresa tinha caído. A VOC tinha feito muitos estudos, muitos planos, com a ajuda de sábios de todo o mundo e, todavia, ainda não sabia o que fazer nem como fazê-lo.

Uma ondulação mais forte obrigou Jacob a agarrar-se à amurada do convés. O silêncio era total e os portugueses não tinham dado pela aproximação. Jacob recordou de novo que a VOC tinha dado claras instruções para que nenhum navio usasse a força, a não ser em autodefesa, enquanto uma decisão estratégica não fosse tomada. Em Amsterdã, tinham-lhe dito que aquela seria uma missão comercial na Ásia. Mas o almirante Jacob Van Heemskerck pensava de outro modo. Pensava que o impasse durava há muito tempo; pensava que a situação tinha que mudar; e pensava que podia fazer História. E estava certo disso. Ele iria fazer História!

D. Fernão de Albuquerque³² considerava-se um homem vivido, ajudado pela sabedoria da vida e pela experiência, de quem tinha nascido nas Índias há mais de sessenta anos atrás. Fidalgo da melhor estirpe, D. Fernão tinha algumas

semelhanças físicas com o Terribel, fato que gostava de salientar de vez em quando. Mas aquela situação tinha-o deixado em sobressalto. Capitão-Mor da fortaleza de Malaca desde 1600, nunca tinha visto um acontecimento semelhante na cidade. Do topo da torre da “Famosa”, passeava por entre as muralhas. Fitava as embarcações a remos lá embaixo a aproximarem-se da praia de Tranqueira. Custava-lhe acreditar no que estava vendo, mesmo depois de esfregar os olhos. Afinal, os rumores vindos de Johor, que circulavam há dias na cidade, correspondiam à verdade.

Aquele tinha sido o ataque rebelde mais grave já ocorrido naquelas águas. Sabia que a batalha tinha começado ao nascer do sol e que durara quase um dia inteiro. Três naus holandesas tinham cercado o galeão português, desferindo um ataque desmedido. Os rebeldes não tinham descansado até os portugueses se renderem, ao pôr do sol, com a condição de que os passageiros pudessem seguir em segurança. Ao todo, tinham morrido mais de setenta pessoas a bordo do *Santa Catarina* e os holandeses tinham ganhado o seu prêmio. Por certo, o maior prêmio de toda a sua vida.

Há alguns anos as naus holandesas navegavam naquelas águas e já tinham acontecido alguns incidentes. D. Fernão recordou-se da armada liderada por D. André Furtado de Mendonça no início do seu mandato. Tentara punir os rebeldes, mas fracassara, e apenas conseguira expulsar uma esquadra holandesa do estreito de Sunda. Como seria de esperar, os rebeldes tinham voltado pouco tempo depois. Mesmo assim, não esperava testemunhar um ataque premeditado daquela dimensão. Abanou a cabeça e não teve dúvidas. Aquele era o mais grave incidente no Estado da Índia desde que tinha memória e isso traria consequências.

O sol estava forte e feria-lhe a cabeça, mas não arredou pé das muralhas da torre. Acompanhou o movimento dos barcos a remos e depois viu-os acostando na praia, com um

sentimento de ansiedade. Convocara o Conselho de Guerra assim que os primeiros rumores chegaram à cidade. Várias vozes tinham afirmado também que o sultanato de Johor fora cúmplice no ataque ao *Santa Catarina*, e isso exigia medidas rápidas e concretas.

D. Fernão de Albuquerque esqueceu-se dos planos de ataque ao sultanato do Achém e as suas atenções viraram-se para sul. Havia muito tempo que D. Fernão sentia que Johor e o rajá Mansur faziam jogo duplo. Alguns informantes tinham-no avisado acerca das ideias do irmão do sultão e da sua enorme influência no sultanato. Contava-se mesmo que o irmão do sultão tinha assinado um acordo com os rebeldes e os acontecimentos dos últimos dias vinham dar razão a essas informações.

Engoliu em seco e pensou que mais uma vez o sultanato de Johor sentiria a fúria lusitana. Dezesseis anos antes, um contingente português tinha destruído a capital do sultanato, Johor Lama, vingando o cerco que o sultão anterior ordenara a Malaca e que tantas vidas tinha ceifado. O sultanato fora mais uma vez vencido e fora obrigado a edificar uma nova capital, um pouco mais a norte e longe da foz do rio de Johor. D. Fernão sabia que a cidade ficava muito mais para o interior, de acesso mais difícil e, segundo as informações de que dispunha, mais protegida. Mas tinha consciência de que era essencial uma punição exemplar a Johor que servisse de exemplo a todos os povos malaio. Por isso, iria propor que o primeiro ponto do Conselho de Guerra fosse precisamente o ataque punitivo a Batu Sawar, a nova capital do sultanato de Johor.

— D. Fernão, peço desculpa de vos interromper! — começou Bernardo, o empregado malaio que tinha sido batizado há muitos anos pelo padre Bernardo de Goa e que falava fluentemente português. — Mas D. Duarte pediu para vos transmitir uma mensagem urgente.

— Do que se trata?

— D. Rodrigo de Mascarenhas não se encontra em Malaca.

— Onde é que ele está? — questionou o Capitão-Mor numa voz grossa e maldisposta.

— D. Rodrigo está em Muar, Capitão! — respondeu Bernardo com uma voz fina, referindo-se à pequena povoação costeira cerca de 12 léguas a sul de Malaca. — Segundo D. Duarte, D. Rodrigo foi acompanhar D. Manuel de Eredia nas obras do forte e só é esperado em Malaca amanhã ao final do dia.

— Quero D. Rodrigo de Mascarenhas no meu Conselho de hoje à tarde — gritou D. Fernão, descontrolado, com os olhos em sangue, como se fosse dar uma bofetada no empregado a qualquer momento. — Vão buscá-lo em Muar, já disse!

— Vou pedir a D. Duarte que parta imediatamente, senhor — avançou Bernardo com uma voz trêmula. — Precisaís de mais alguma coisa?

— Não, ide rapidamente!

— Sim, meu senhor!

— E, Bernardo, trouxe-me depois uma taça de vinho — gritou o Capitão-Mor com rispidez, limpando o suor da face com as mãos. — Isto deixou-me uma sede de morrer.

— Sim, senhor!

Bernardo afastou-se apressadamente, mais aliviado. Detestava ser o portador de más notícias ao Capitão-Mor. Sabia que nessas alturas tudo podia acontecer. Mas daquela vez tudo corraera bem e sabia que o vinho acalmaria o Capitão-Mor.

— Maldita a hora em que aquele famoso Grão-Capitão deixou fugir os calvinistas em Bantam — soltou D. Fernão num tom mudo, para si mesmo. A culpa daquele incidente era no fundo de D. André Furtado de Mendonça. Por sua

incompetência, os holandeses não tinham sido expulsos dos Mares do Sul e esperava que Goa não se esquecesse desse fracasso.

Quando os sobreviventes do *Santa Catarina* desembarcaram na praia de Tranqueira, toda a cidade pareceu ficar em histeria. Aquelas pessoas não estavam habituadas ao combate há muitos anos. O último cerco datava de 1586 e a maior parte dos habitantes da cidade não se lembrava disso. Não estavam preparadas para aquela situação e sobretudo não estavam preparadas para um combate com europeus, que tinham tido a audácia de se apoderarem de um navio da carreira de Macau, um navio de sua Alteza Real, El-Rei D. Filipe II.

Centenas de pessoas aglomeravam-se nas margens do rio. Europeus, jaus, malaio e chinchéus ajudaram os passageiros do *Santa Catarina* como podiam. Havia muitos feridos e doentes, dezenas de mulheres e crianças entre os passageiros, religiosos e pessoas de todas as raças. Mas foram os religiosos de Malaca, guiados por D. Martim de Almeida, Bispo interino da cidade, que tomaram a iniciativa. Encaminharam os feridos e doentes para o Hospital Real e para o Hospital dos Pobres, e as crianças para as Misericórdias da cidade, ao mesmo tempo que prestavam os primeiros socorros, ali mesmo, aos restantes passageiros do *Santa Catarina*. Logo depois, as instalações públicas da cidade ficaram esgotadas e gerou-se alguma confusão. D. Fernão não tinha dado qualquer instrução e os soldados e funcionários públicos não sabiam o que fazer no meio das centenas de pessoas que se aglomeravam na zona de Tranqueira, perto do mercado dos jaus.

Pedro Yamamoto estava longe da confusão que se levantara perto do rio. Estava fascinado com a colina cheia de casas e igrejas, especialmente com a igreja no cume do monte. Nunca tinha visto igrejas tão grandiosas e ali, mais do

que em algum lugar, sentiu-se perto de Deus. Pedro tinha nascido em 1575 em Nagasaki, pouco depois da fundação da cidade pelos portugueses. Os seus pais tinham-se convertido ao cristianismo e desde muito novo que tinham convivido com os Jesuítas e com os mercadores portugueses da cidade que traziam os produtos do Sul da China.

Tinha uma figura que impunha respeito. Com quase dois metros de altura, era muito pesado, com uma barriga saliente, e estava vestido de negro de alto a baixo. Perseguiu um sonho. Fazia parte de um grupo de samurais cristãos que ia a caminho de Goa, a Roma do Oriente. O ataque holandês tinha mudado o seu destino. Todos os companheiros de viagem tinham sido mortos. O samurai superior, Fernando Yoshiaki, fora a primeira vítima dos disparos holandeses e, depois, cada um dos samurais tinha sido abatido na defesa do galeão. Pedro era o único sobrevivente do grupo, mas não se sentia bem. Estava tonto e sabia que isso se devia aos ferimentos. Levou a mão à cintura e sentiu a Wakizashi³³, percebendo que o seu Daishô³⁴ estava no lugar certo. Respirou fundo, mas depois sentiu que o chão se movia e apenas a muito custo se manteve equilibrado. Ajoelhou-se, tentou sentar-se e, por momentos, pensou que iria perder os sentidos. A ferida do antebraço doía-lhe profundamente e pelo canto do olho viu que o tecido em volta da ferida estava empapado.

— Temos que mudar o curativo! — avisou Matilde Ramos com uma voz aguda, tentando amparar o samurai.

Matilde sentia um enorme desespero por ver aquele japonês possante caindo no chão. Não tinha forças para o segurar e não tinha mais tecidos para estancar o sangue. A ferida estava infectando e o antebraço estava muito inchado. Pedro Yamamoto tinha-lhe salvado a vida, mas fora atingido por um golpe inimigo. Matilde tinha compreendido que ainda não chegara a sua hora e que Deus, Nosso Senhor, lhe

tinha dado um sinal de que deveria viver. Sentia-se dominada por uma força superior, mas sabia que estava sozinha no mundo. O seu pai tinha sido gravemente ferido nas primeiras horas de combate e tinha tido uma morte dolorosa. Ferido num braço e depois numa perna, não morreria de imediato. Sucumbiu aos ferimentos, por entre dores e suores frios, dias antes de desembarcarem em Malaca.

D. Rodrigo De Mascarenhas observava a situação do topo do cavalo, do outro lado do rio em Tranqueira. Chegara de Muar a galope com as notícias do *Santa Catarina* e assim que se acercou da cidade encontrou um dos adjuntos do Capitão-Mor que o avisou de que deveria estar presente no Conselho de Guerra que teria lugar dentro de algumas horas. Quando viu o samurai possante caindo no chão, pensou que a terra iria tremer. Mas não tremeu! Depois observou a mulher que estava ao seu lado. Os seus cabelos negros compridos voavam ao sabor do vento e o seu corpo frágil pareceu de repente forte ao sustentar a queda do samurai. Por momentos, aquela mulher fez-lhe lembrar Noor. Tinha os mesmos movimentos rápidos, a mesma agilidade e, de costas, quase que parecia a mesma. Quando ela se virou, percebeu que não era tanto assim. Tinha a pele muito branca, feições finas e parecia ser portuguesa, apesar das suas vestes chinesas. Sentiu que a deveria ajudar, mas depois susteve-se e controlou-se. Tinha que se preparar para o Conselho de Guerra e sabia que o Capitão-Mor, D. Fernão de Albuquerque, estaria de mau humor. Mas não conseguiu tirar os olhos daquela mulher que tratava do samurai na outra margem do rio e perguntou a si mesmo qual seria a relação entre os dois. D. Duarte tinha-lhe dito que os hospitais e Misericórdias já estavam cheios e que o bispo D. Martim tinha decidido encaminhar os sobreviventes para os conventos e igrejas da Cidadela.

Deixou o cavalo em Tranqueira, perto do bazar dos peixes, e seguiu a pé para a ponte. Compreendeu o que se passava à sua volta, e sentiu que o desespero era grande e que a situação era grave. A cidade parecia que tinha sido sitiada e estava em alvoroço. Os rebeldes já há muito que tinham deixado de ser fantasmas. A verdade é que nunca o tinham sido e, depois, lembrou-se daqueles dias em Bantam. Estivera prisioneiro no porão de um navio holandês durante dois dias e apenas o fato de o terem libertado sem pedirem nada em troca fazia acalmar a sua raiva contra os rebeldes. Sentiu que pouco se fazia para punir os rebeldes e os rumores de navios holandeses navegando naquelas águas proliferavam um pouco por toda a Insulíndia. O ataque àquela nau da Carreira era de uma gravidade extrema e sentiu que isso marcava um ponto de mudança em todo o Estado da Índia, tal como aquele oficial lhe tinha dito anos antes, em Bantam, antes de o libertar. A partir daquele momento, Portugal e a Holanda estavam decididamente em guerra nos Mares do Sul!

Ultrapassou a porta da Alfândega e quando se preparava para avançar para a rua Direita, interrompeu o passo. Um pensamento trespassou-lhe o espírito. Possuía uma casa vazia em plena Cidadela. Nunca a tinha usado. Tinha sido herança de D. Diogo de Resende, que a deixara em testamento no notário da cidade, e sobrevivera ao grande incêndio de 1597 que tinha destruído mais de mil casas na cidade. Dominado por um impulso, voltou atrás e caminhou para a margem do rio num passo apressado. D. Fernão de Albuquerque podia esperar um pouco. O samurai inconsciente talvez não.

Furou a multidão de pessoas num passo decidido até a margem do rio. Assim que lá chegou, viu que o samurai estava estendido no chão, inconsciente. Parecia que dormia em paz e que apenas descansava depois de várias semanas

de navegação e do ataque rebelde. A mulher portuguesa estava sentada ao seu lado e não deu pela sua presença próxima. Aproximou-se mais um pouco e ouviu que ela cantava baixinho, enquanto fitava na direção do ilhéu das Naus, à saída da baía de Malaca.

— Minha Senhora? — começou D. Rodrigo, timidamente e baixando-se um pouco.

Matilde saiu do torpor em que estava mergulhada e olhou para cima, sem se assustar. Viu um homem de barba grisalha, bem aparada, e bem-vestido. Pensou que se tratava de um fidalgo português. Esboçou uma expressão vazia e triste e voltou a fitar o mar. Rodrigo baixou-se e depois sentou-se no chão ao seu lado.

— O meu nome é Rodrigo de Mascarenhas — apresentou-se pouco depois, olhando para a mulher que estava sentada, vestida tal e qual como se fosse uma chinesa. — Vivo há muitos anos em Malaca!

A mulher não respondeu e continuou a cantar num tom muito baixo, com o olhar pousado no ilhéu das Naus. O vento era quente, vinha do interior da savana e atravessava o leito do rio até o mar. A agitação nas imediações de Tranqueira começava a cessar ligeiramente e os bazares do povoado voltavam aos poucos à sua vida normal.

— Como se chama o japonês? — tentou D. Rodrigo de novo.

— Pedro! — respondeu Matilde com uma voz fina mas virando-se para ele diretamente com um olhar fixo. Tinha os olhos verdes, brilhantes e, acima de tudo, penetrantes.

— Ele está bastante ferido — disse D. Rodrigo emocionado com a expressão dela. Olhou de soslaio para a enorme figura do samurai, que continuava entendido no chão. Sabia que ele não estava morto, mas que deveria receber cuidados médicos. — Tem que ser tratado. Foi durante os combates?

— Sim — soltou na mesma voz fina.

Matilde voltou a olhar para o homem que estava ao seu lado e sentiu os olhos muito pesados. Olhou para os seus cabelos grisalhos e depois para a sua face. Tinha a pele branca como a sua e pensou que o homem deveria ser do Reino. Ia dizer o seu nome e explicar o que tinha acontecido a bordo, mas não conseguiu. Sentiu-se muito cansada e que as pálpebras fechando. D. Rodrigo percebeu o estado de Matilde e amparou-a com os braços, evitando que caísse.

D. Rodrigo de Mascarenhas acabou por chegar atrasado ao Conselho de Guerra que o Capitão-Mor tinha agendado nas muralhas da “Famosa”. Acabou por falhar a chamada às armas e não tomou parte da expedição que rumou à foz do rio de Johor. Semanas depois, o contingente português atacou Batu Sawar, a capital do sultanato de Johor. O ataque à cidade fora planejado às pressas e os portugueses de Malaca não contaram com uma resistência organizada. Talvez por isso o ataque redundou num fracasso absoluto e os portugueses foram obrigados a se retirar. Naquele mesmo dia, Matilde Ramos abriu os olhos, ainda deitada na cama, num dos quartos da mansão de D. Diogo de Resende, na Cidadela. A primeira coisa que Matilde viu foi o olhar doce do homem de pele branca...

Capítulo 23

MALACA, 18 DE JULHO, 18H30

“EM MEADOS DO SÉCULO
XIX, KUALA LUMPUR ERA UM
PEQUENO CENTRO MINEIRO DE
LATÃO NO MEIO DA SELVA
MALAIA, SITUADO NA
CONFLUÊNCIA DO RIO KLANG
COM O RIO GOMBAK.
ATUALMENTE É UMA DAS
CIDADES MAIS MODERNAS DE
TODA A ÁSIA.”

Malaysia — A Pictorial History



ambiente no *lobby* do Hotel Melaka estava animado. O pianista tocava um andamento de Beethoven com tanto entusiasmo que a assistência do bar, principalmente constituída por alemães, estava extasiada e seguia o ritmo. Era um *happy hour* com um som diferente, mas nem por isso menos concorrida. O bar não tinha qualquer cadeira vaga e as pessoas aglomeravam-se no balcão.

Filipe sorriu e pensou que tinha chegado na hora ideal. Preparava-se para ir ao balcão pedir uma bebida quando algo o atraiu. Viu que uma das recepcionistas estava fazendo sinais. Tratava-se de Lim Hong Tai, a chinesa de feições leves que tinha um risco preto pintado em volta dos olhos, e que se engraçara com ele. Filipe trocara algumas palavras com ela ao longo dos últimos dias e já a conhecia um pouco. Lim vivia numa rua estreita de Chinatown, não muito longe de Jonker Street e era recepcionista do hotel em *part-time*, aproveitando o fato de falar bem inglês. Desse modo, conseguia ganhar mais dinheiro para a família, que explorava uma loja de bebidas na Jalan Munshi Abdullah, perto do rio. Lim Hong Tai já conhecia bem as rotinas do português, mas evitava tecer comentários quando as colegas

falavam dos seus grandes banhos de piscina, ou tentavam descobrir por que estava hospedado sozinho no hotel.

— Hi, Lim. Então, tudo bem?

— Olá, como está? — cumprimentou Lim, com um sorriso simpático, corando de leve. — Há dois senhores à sua espera.

— Dois senhores? Quem são?

— São dois portugueses que pediram para falar com você — informou Lim, dobrando-se de leve sobre o balcão, o suficiente para deixar antever grande parte do decote. — Pediram para falar com você assim que chegasse.

— Onde é que eles estão?

— Estavam no piso superior do bar, mas depois mudaram-se para perto da piscina, quando o bar começou a encher — disse Lim, com o mesmo sorriso. Queria dizer-lhe que sairia dentro de uma hora, mas não teve coragem e continuou. — São portugueses! Como são seus compatriotas, pensei que estivesse tudo bem e deixei-os estar ali à vontade. Parecem ter urgência em falar com você.

O Regente e o filho estavam sentados numa das mesas do terraço, perto da piscina iluminada, afastados da confusão do *happy hour*. Estavam ambos vestidos de terno e gravata e bebiam calmamente um chá de gengibre. Não podiam estar mais diferentes da altura em que os tinha conhecido no Medan Portugis, poucos dias antes. Filipe sentiu uma forte ansiedade por ver aqueles dois homens. A sua presença ali só poderia significar que tinham novidades para ele. Deveriam ser notícias importantes. Caso contrário, ter-se-iam limitado a fazer um telefonema.

— Boas-tardes, meus senhores! — começou Filipe em português, num tom satisfeito. — É uma honra recebê-los aqui. Suponho que se trata de alguma coisa importante!

— Boa-tarde, senhor Silva! — começou Paulo Rodrigues em kristang, com visível satisfação. — Desculpe incomodar e

aparecer assim se avisar.

— Não incomodam nada. Sou eu que tenho que pedir desculpas por terem estado à minha espera.

— Chegamos há pouco tempo... — adiantou o Regente numa voz simpática. Tinha uma expressão cansada e os olhos por detrás dos óculos estavam lacrimejantes. — Podíamos ter telefonado, mas resolvemos falar pessoalmente com você.

— Fizeram bem! — concordou Filipe, fitando o terno de ambos, que contrastava com a camiseta e os calções que ele vestia quando o conheceram. — E então, o que descobriram?

— Não vai acreditar, senhor Silva — contou o Regente, com emoção. — Estivemos todos estes dias nos arquivos da Igreja de S. Pedro. O que encontramos foi verdadeiramente surpreendente!

Filipe abriu os olhos e fitou os dois portugueses com ansiedade.

— Então?

— Conseguimos encontrar informações sobre D. Rodrigo de Mascarenhas — começou o Regente, tirando alguns papéis de uma pequena pasta que tinha trazido. — Sinceramente, foi muito mais fácil do que eu julgava ao início. Encontramos sem dúvida mais referências à pessoa que procura do que pensávamos...

— Como assim?

— Eu explico! — continuou o Regente, ajeitando os óculos com a mão e folheando as folhas de papel que tinha à frente. — D. Rodrigo de Mascarenhas foi uma pessoa muito importante na cidade no princípio do século XVII. Não sabemos exatamente como chegou e quando chegou à cidade, mas já era uma pessoa importante durante a batalha de Bantam. O seu nome é referido várias vezes com um dos combatentes proeminentes...

— Quando é que foi essa batalha?

— Dezembro de 1601!

Filipe esboçou um sorriso. O seu pai tinha razão. D. Rodrigo estivera em Cusco e depois chegara a Malaca.

— Conseguimos descobrir que era um dos casados mais importantes da sociedade da época — continuou o Regente com um ar visivelmente satisfeito. — Um casado do Reino, por assim dizer, claro está. Mas um casado que vivia em Banda Hilir, não muito longe daqui. Uma aldeia de jaus pescadores, mas também de europeus e casados muito ricos.

Filipe sorriu. Já sabia disso. O seu pai sabia disso. Banda Hilir não ficava muito longe do seu hotel e da Porta de Santiago. Sabia que se tratava de uma das três aldeias em redor da Cidadela e que tinha sido habitada por muitos portugueses, mesmo por altura dos cercos de Johor e do Achém da segunda metade do século XVI. O que precisava de saber era o que tinha acontecido depois disso...

— E o que descobriram mais?

— Encontramos vários documentos que tratam D. Rodrigo de Mascarenhas como um castelhano. Imagino que tenha sido quando aqui chegou, digamos que em 1595 ou 1596, perto das datas que nos falou...

— Interessante.

— Como bem sabia, D. Rodrigo esteve em Malaca pelo menos até 1606. Encontramos vários registros em que ele esteve envolvido na defesa da cidade contra os holandeses. Mas a verdade é que a partir de 1606 não encontramos mais registros sobre D. Rodrigo. Procuramos por todo o lado, mas não conseguimos encontrar mais nada. Talvez queira dizer que ele morreu, ou que deixou a cidade. Não sabemos! O que sabemos é que a cidade ficou quase totalmente destruída com o cerco holandês. Malaca não estava preparada para uma guerra europeia e por isso muita coisa se perdeu naquela época...

Filipe pareceu levar um soco no estômago. Aquelas palavras indicavam que tinha falhado, que chegara a um

beco sem saída. Já sabia que D. Rodrigo tinha estado em Malaca até 1606. Precisava era de saber o que ele tinha feito depois disso. Ele e toda a sua família.

— Mas conseguimos encontrar alguns dados que, segundo creio, vai considerar interessantes...

— Como assim? — questionou Filipe, franzindo o olhar e ganhando alguma esperança.

— Conseguimos descobrir algo de importante sobre o outro Mascarenhas! — lembrou o Regente, agitando as mãos no ar e, depois, tirando um papel do molho de folhas que tinha trazido. — D. Pedro de Mascarenhas!

— Ah sim? — soltou, ainda mal refeito do que tinha ouvido anteriormente, tentando entender os rascunhos dos portugueses. — O que é que conseguiram descobrir?

— Pelo que descobrimos tratava-se do patriarca de uma grande família de casados — informou com alguma solenidade, olhando para os seus apontamentos. Não precisava os ler, sabia-os de memória. — Pelo que lemos, a família Mascarenhas era na época a mais abastada de toda a cidade.

— De que época é que está falando?

— Estou falando da queda de Malaca! Dezembro de 1640, ou melhor, janeiro de 1641, para ser mais exato.

— Mas abastada como? Vivia de quê? — questionou Filipe, curioso. — Comércio?

— Sim, comércio de arroz e não só! D. Pedro era proprietário de uma frota de juncos. Deduzimos que D. Pedro tenha conseguido manter a ligação da cidade a Makassar e a vários portos amigos no Coromandel, e há registros que apontam para a eventualidade de ter mesmo recebido produtos de Macau — respondeu o Regente com uma voz emocionada. — O meu amigo pode não estar a compreender, mas a verdade é que se tratava de uma empresa impressionante.

— Como assim?

— Nessa época, Malaca estava em profunda decadência devido à presença holandesa no Oriente. Os holandeses tinham fundado a cidade de Batávia na ilha de Java, uns anos antes, e tinham bloqueado o Estreito de Malaca — recordou em voz grave, ignorando o barulho que provinha do *lobby* do hotel. — Depois do cerco de 1606, os holandeses nunca mais tentaram atacar diretamente a cidade, mas estavam a asfixiá-la...

— E conseguiram! — acrescentou Paulo, assentindo a cabeça com veemência.

— Sim, conseguiram e com bastante sucesso. As naus e galés portuguesas começaram a ser aprisionadas no mar, andavam em fuga sistematicamente e poucos navios portugueses conseguiam chegar a Malaca ou sair do Estreito. Malaca estava morrendo! A cidade, que tinha sido um posto cobiçado, ao alcance de muito poucos era, naquela época, um posto em que poucos portugueses do Reino aceitavam. E o mesmo se passava com o comércio. Estava desvanecendo... Por isso é que o feito de D. Pedro foi impressionante...

— Por conseguir furar o cerco?

— Sim. Pelos registos que temos, os juncos de D. Pedro conseguiram furar o cerco durante anos, até mesmo aos últimos momentos antes da queda da cidade. É muito difícil confirmar isto atualmente, mas tenho certeza de que D. Pedro desempenhou um papel determinante para a sobrevivência da cidade ao longo daqueles anos...

— E como é que os juncos conseguiam passar o bloqueio?

— Ainda estamos investigando isso, mas o meu filho tem uma teoria que faz sentido!

Filipe fitou Paulo, que se mantivera calado até então com um sorriso meio enigmático.

— Samurais! — adiantou Paulo, num tom bastante

assertivo. Passara longas horas investigando aquele assunto e não tinha qualquer dúvida acerca do que descobrira.

— Samurais?

— Sim, D. Pedro de Mascarenhas tinha um pequeno exército privado.

— De samurais?

— Exatamente!

Filipe passou a mão pelo queixo e abanou a cabeça. Aquilo não parecia fazer muito sentido e interrogou-se se o seu pai alguma vez teria sabido disso. Achava que não. Os conhecimentos do pai sobre D. Pedro de Mascarenhas eram limitados. Sabia disso, mas aquela revelação confundia-o.

— Malaca tinha uma pequena comunidade de samurais japoneses — explicou Paulo. — Aliás, não era daquele tempo. Já no tempo de D. Rodrigo era assim. Eram japoneses de Nagasaki, na sua maioria religiosos, e foram determinantes em várias ocasiões difíceis para a cidade.

— Bom, mas daí a serem o exército privado de D. Pedro...!

— Sim! — insistiu Paulo com uma voz autoritária. — De acordo com os documentos que lemos, muitos deles navegavam nos juncos de D. Pedro. Eles e os pilotos jaus e portugueses foram razões determinantes para que as rotas se mantivessem abertas. Os samurais eram invencíveis no combate corpo a corpo. Os pilotos jaus e portugueses conheciam estes mares como ninguém. Faz todo o sentido...

— Sim, faz algum sentido — atalhou o pai, assentindo com a cabeça. — Mas não é uma coisa que consigamos provar. O meu filho apenas juntou os fatos. O que sabemos com segurança é que D. Pedro era o homem mais rico da cidade e que vivia do comércio de arroz com as zonas rurais dos arredores de Malaca, bem como do comércio marítimo com outros portos portugueses.

— Mas tem certeza de que Pedro era filho de Rodrigo?

— Certeza não conseguimos ter... — adiantou Lázaro no mesmo tom. — Mas temos várias referências que indicam que sim. Não encontramos uma prova concreta. Com mais algum tempo, estou certo de conseguir encontrar algo mais.

— Mas estão baseando-se em que para afirmar isso?

— Primeiro, o nome Mascarenhas e as datas em questão. Enquadram-se perfeitamente. Depois, a casa. D. Pedro também vivia em Banda Hilir. Pelo menos ao início, até a segurança da cidade se deteriorar com o último cerco de Achém. Pensamos que D. Pedro passou a viver na Cidadela, na mesma casa que D. Rodrigo chegou a habitar.

— Quando foi isso?

— 1637! — adiantou Lázaro com uma expressão séria. — Exatamente três anos antes do cerco dos holandeses. Curiosamente, a cidade foi salva pelo sultão de Johor, o mesmo que seria aliado dos holandeses três anos mais tarde. Pelo que apuramos, D. Pedro tinha uma relação muito próxima com o sultão, que acabou por se degradar em 1638 ou 1639...

— Um conjunto de vários fatos coincidentes, portanto... — comentou Filipe, pensando que ele próprio já tinha somado uma série de coincidências na busca de uma teoria que fizesse sentido.

— Sim, mas não só! — insistiu o Regente com um tom de voz firme. — Não é tudo. Como lhe disse, D. Pedro ficou conhecido como comerciante de arroz e foi considerado o melhor espadachim em Malaca, no seu tempo. Melhor do que qualquer samurai. Tal como D. Rodrigo.

— Mas há outros fatos interessantes sobre D. Rodrigo! — adiantou Paulo Rodrigues, mantendo o seu sorriso enigmático. Tinha certeza de que a sua teoria estava certa. — Descobrimos algo ainda mais surpreendente!

— Então?

— D. Pedro de Mascarenhas não era a única ligação a D.

Rodrigo. Encontramos mais.

— Como assim?

— Encontramos várias referências a outras pessoas — adiantou Paulo num tom grave. — O D. Rodrigo que procura deixou um legado importante na cidade...

— Um legado importante? — perguntou Filipe ansioso. — Mas está referindo-se a quê?

— Siti, Beatriz, Noor, Maria do Carmo e Matilde!

— Quem são?

— Nomes de pessoas, nomes de mulheres... — explicou o Regente, antecipando-se ao filho e mantendo o tom de voz, indiferente à animação que povoava o bar. O pianista ao fundo passara de Beethoven para Mahler, mas nem por isso o barulho cessara. — Todas elas se chamavam Mascarenhas!

— Família de D. Rodrigo?

— Sim, quase certeza. Muito próximos, quase certeza de primeiro grau, ou pelo menos de grande proximidade. Foi isso que transpareceu nas crônicas que conseguimos encontrar — defendeu com firmeza. — No entanto, uma dessas pessoas sobressai sobre todas as outras e o seu nome aparece por diversas vezes. Pensamos que se tratava da esposa de D. Rodrigo.

— Quem?

— Matilde Ramos, que julgamos ser Matilde Mascarenhas de outros documentos.

— E ela era a esposa de D. Rodrigo?

— O seu nome aparece referido várias vezes e sempre ligado a D. Rodrigo — respondeu o Regente, mantendo uma expressão séria. — Pouco conseguimos saber dela, a não ser uma coisa. Aliás, duas coisas — corrigiu. — Matilde Ramos era filha de Álvaro Ramos, um oficial de carreira que esteve estacionado durante muitos anos em Macau.

— E a outra coisa? — perguntou Filipe, ansioso. Estava fascinado com as informações que o Regente e o filho tinham

conseguido obter. Sentia que conhecia Rodrigo e Pedro cada vez melhor.

— Sabemos que Álvaro Ramos foi uma das baixas do *Santa Catarina*! — explicou o Regente, adiantando depois um pouco da história do galeão português aprisionado pelos holandeses. — Isso indicia que Matilde estava a bordo do *Santa Catarina*, ou seja, isso diz-nos que chegou a Malaca em 1603.

Filipe esboçou um sorriso. A história parecia estar sendo montada e a vida de Rodrigo de Mascarenhas começava a ser descortinada. Agora sim, era mais que uma teoria.

— E sobre as outras mulheres..?

— Noor é o nome que mais nos confunde! — confessou, mexendo nos aros dos óculos. — Encontramos referências claras a ela na época da batalha de Bantam, em 1601, mas depois também encontramos o seu nome referido em ofícios e cartas datadas depois de 1630.

— E o que quer dizer com isso?

— Ou Noor Mascarenhas viveu muitos anos, ou estamos a falar de duas pessoas com o mesmo nome... — avançou Paulo, mexendo a xícara de chá com a colher. — Ficamos confusos porque temos referências a Noor anteriores a 1603 e Matilde só chegou nessa época a Malaca. Ou Rodrigo teve uma filha de outra mulher, ou então Noor poderá ter sido sua mulher por volta de 1601. E, se assim foi, o que lhe aconteceu quando Matilde chegou a Malaca?

— Como é que poderemos saber disso? — perguntou Filipe, tentando raciocinar. Não achava verdadeiramente importante saber se Noor tinha sido mulher ou filha.

— É tudo o que sabemos, por enquanto! Temos que investigar com maior profundidade, aliás, eu próprio tenho vontade de saber mais sobre esta história.

— Nem sei bem como poderei agradecer-vos — disse Filipe. — Tudo isso é surpreendente!

— Tudo isto também é uma surpresa para nós! Mais uma prova de como a história da Malaca portuguesa ainda está por escrever — confessou o Regente, olhando de frente para ele com uma expressão grave. — Vamos combinar o seguinte. Nós vamos continuar a investigação em Malaca, mas o amigo português de Portugal poderá saber mais em outros dois locais.

— Onde?

— Os dois locais têm bastante informação sobre Malaca e que, estou certo, guardam dados relevantes para o seu caso...

— Basta dizer-me onde!

— O primeiro é muito perto daqui. O Arquivo Histórico de Kuala Lumpur. Já estive lá várias vezes. É muito completo e tem bastante informação sobre Malaca — continuou o Regente, ajeitando os óculos com um pequeno sorriso desenhado no rosto. — Vou-lhe dar um contato de um português. Pode ser uma grande ajuda na sua pesquisa.

— Sim, isso seria uma grande ajuda! — adiantou Filipe — Agradeço imensamente.

— O nome dele é John Silva — informou o Regente, mantendo o seu ar solene. — É uma pessoa de confiança que viveu muitos anos em Malaca. Um português como nós. Vou telefonar-lhe pra dizer que vai aparecer.

— Obrigado — agradeceu Filipe de novo. — E qual é o outro local a que se referiu?

— O outro local é mais fácil para você! — respondeu o Regente, quase brincando. — O outro local é a cidade de Lisboa!

Estava um calor imenso e todo o seu corpo suava. Mergulhar na piscina do terraço tinha sido uma sensação fabulosa. Filipe ficou boiando nas águas cálidas durante

algum tempo, abriu os olhos e viu as torres metálicas brilhando. O brilho era muito intenso e feria-lhe os olhos. As duas torres Petronas estavam mesmo ao lado do Mandarin Oriental Hotel. Tinham mais de 450 metros de altura, 88 andares e faziam do hotel majestoso um edifício pequeno. Filipe lembrava-se que as torres tinham sido palco de um filme de Hollywood há alguns anos atrás, com Sean Connery e Catherine Zeta-Jones como protagonistas. Eram um dos maiores símbolos da cidade e do país, e chegaram a ser os edifícios mais altos do mundo quando a sua construção ficou concluída em 1998.

Meia hora depois, desceu para o *lobby*. Sentia-se revigorado, cheio de força de vontade. Foi num instante que chegou à porta do hotel e entrou um táxi. Kuala Lumpur, ou KL, estava situada na confluência de dois rios. Tinha crescido rapidamente, principalmente na zona circundante de Ambang. Era uma cidade recente, fundada na segunda metade no final do século XVIII por um grupo de aventureiros e mineiros chineses em busca de latão. Muitos deles tinham morrido de malária, mas as fundições da cidade tinham aguentado e KL expandiu-se por entre a selva.

KL era a capital dos Estados Federados Malaio desde 1896 e era muito diferente de Cingapura. A confusão era grande, o trânsito era infernal, mas Filipe também sentia uma vivacidade embriagante que o deixava bem-disposto. A arquitetura dos edifícios era deslumbrante e cada um dos prédios, altíssimos, conjugava linhas islâmicas com linhas direitas ocidentais. Nas ruas da cidade, a presença chinesa era menos notória que em Malaca, e ali os malaios pareciam estar em maioria. Além disso, Filipe notou vários árabes, muitos deles vestidos com trajes tradicionais brancos. O taxista adiantou que KL estava sempre repleta de sauditas naquela época do ano e que dentro de algumas semanas esse fenómeno atingiria o seu expoente máximo. Era tradição de

muitas famílias sauditas virem passar uns meses a KL, para escapar ao calor do seu país e apanharem o ar fresco da Malásia.

A viagem não demorou muito! O Arquivo Histórico de Kuala Lumpur estava situado bem no centro histórico, não muito longe da Merdeka Square, um grande campo relvado onde se jogava *cricket* na época colonial e que mais tarde tinha sido palco da cerimônia de independência da Malásia. Filipe não conseguiu deixar de sorrir ao pensar no significado do nome da praça em português, mas depressa perdeu o sorriso. Assim que fixou o olhar no edifício empedrado ao fundo da rua, encontrou o que procurava. Tinha sido construído no início do século XX e misturava traços retos com pequenos arcos islâmicos no topo. O arquivo ocupava uma larga área ao longo da Jalan Benteng, que depois seguia para o Medan Pasar, o mercado central com traços *art déco*. Poucas pessoas paravam para olhar para o Arquivo Histórico, porque estava ofuscado pela Masjid Jamek, uma das principais mesquitas da cidade, erigida em tons cremes e rosados feita à semelhança de muitas mesquitas da Índia. Mas, para Filipe, o Arquivo parecia o edifício mais belo da cidade.

O contato do Regente de Malaca no Arquivo Histórico de Kuala Lumpur era um português. Filipe percebeu de imediato que era ele que estava fumando perto da porta de entrada do Arquivo. Era um homem alto, que já passava dos 60 anos. Parecia um algarvio, de pele dourada, queimado pelo sol. Tinha uns óculos muito grandes com aros de tartaruga que ocupavam grande parte da face, mas percebia-se facilmente que se tratava de um euro-asiático.

O ruído do tráfego era ensurdecedor e parecia ser apenas subjogado pelo estrondo de um comboio, rolando em direção à Merdeka Square e à Grande Estação Central. Os dois homens reconheceram-se mutuamente à entrada do Arquivo

como se já se tivessem visto anteriormente. Cumprimentaram-se com simpatia e brincaram com o fato de terem o mesmo apelido. Assim que passaram a porta giratória do Arquivo, o ruído cessou por completo e conseguiram falar com mais facilidade.

— Conhece o Regente já há muito anos?

— Sim, muitos anos. Já perdi a conta. Vivíamos os dois em Tranqueira, brincávamos juntos, frequentávamos a mesma igreja, pescávamos no mesmo barco... E nos tempos que correm, Malaca não é muito longe de KL.

— Sim, menos de duas horas pela autoestrada!

O interior do edifício do Arquivo Histórico era amplo, moderno, conjugando pedra, aço inoxidável e vidro. Não se via qualquer pessoa na entrada e parecia que o Arquivo era apenas deles. Os raios solares entravam pelas paredes de vidro com facilidade e enchiam de vida os arbustos que brilhavam nos vários cantos.

— O Regente teve a amabilidade de me adiantar o assunto que está investigando — contou John em kristang, com uma voz rouca que denunciava um tabagismo acentuado. — Confesso que para mim foi uma surpresa.

— Surpresa?

— Sim, o Regente contou-me que tinha ficado surpreendido com o teor das informações que o senhor procura — confessou num tom grave. Tinham chegado a um pequeno *hall* interior com um elevador ao fundo. — Procura saber a vida dos Mascarenhas.

— Sim, exatamente. Está a par dessa história?

— Sim, vagamente! Trata-se de uma das famílias tradicionais da Malaca portuguesa!

— E encontrou alguma coisa particular relativa a essa família?

— Sim. A verdade, é que se pode dizer que sim. Penso que foi a primeira vez que questionei se realmente conhecia

estes Arquivos de trás para a frente, como sempre pensei. Sabe, esta é a minha casa há muito tempo...

— Trabalha aqui há muito tempo?

— Há cerca de trinta anos — contou com um olhar difuso, fitando as paredes do edifício, passando o olhar por Filipe com os olhos muito abertos por detrás das lentes grossas. — Tinha a ilusão de que já tinha lido tudo o que existia para ler.

— E enganou-se?

— Sim, enganei-me! — confessou John num tom de voz monocórdico, com a mesma voz grave e pressionando o botão do elevador. — Passei horas a fio procurando as referências que o Regente me deu.

— Que referências?

— As referências aos Mascarenhas de Malaca! Uma família muito peculiar, devo dizer, mas penso que encontrei o que procura. Ainda por cima em português...

A porta do elevador abriu-se, mas nenhum dos dois homens entrou. John quis ser simpático e deixar o português de Portugal entrar primeiro, mas Filipe estava estupefato. Afinal, o Regente tinha razão! Kuala Lumpur tinha informação relevante!

— E o que encontrou?

— Encontrei o diário de Noor Mascarenhas!

Capítulo 24

MAURÍCIAS, 20 DE JANEIRO DE 1606

“OS HOLANDESES SÃO BONS
ARTILHEIROS. ALÉM DISSO, SÓ
SÃO BONS PARA SEREM
QUEIMADOS COMO HERÉTICOS
INVETERADOS.”

Cronista português do século XVII



ornelis fumava placidamente cachimbo no interior dos seus aposentos na popa, fitando o recorte acentuado da ilha. Coberta por uma densa vegetação até onde a vista podia alcançar, dizia-se que aquela ilha era desabitada. Tinha sido tomada pela VOC sem qualquer resistência há um par de anos atrás em nome do príncipe Maurício de Nassau-Orange. Tinham-lhe dito que se planejava plantar cana-de-açúcar no território, mas até o momento nada tinha sido feito.

As janelas do camarote estavam abertas e Cornelis apreciava aquele momento, na penumbra, a ouvir o balouçar da ondulação e o cheiro intenso de maresia. Perguntava a si mesmo se o cume da montanha que via seria vulcânico ou não e depois concluiu que sim. A cabeça ainda estava latejando por causa da noite anterior, mas já se sentia melhor. Tinha jantado com Steven Van der Hagen e Dirk Mol a bordo do *Orange*, e o jantar fora bem regado. As duas esquadras tinham-se encontrado, conforme planejado, naquelas ilhas perdidas no Oceano Índico. Van der Hagen regressava à Holanda com os seus dois navios e estava exultante. A sua missão tinha sido um sucesso total. Tinha bloqueado a ilha de Goa durante muitas semanas. Pelo que conhecia dos

portugueses, Cornelis pensou que Van der Hagen deveria ter infligido uma profunda humilhação àquela gente. Além disso, conseguira expulsar os portugueses das famosas ilhas Molucas, depois de conquistar as praças-fortes de Amboino e Tidore. A primeira caíra sem um único tiro e a segunda sucumbira ao cerco, apesar da forte resistência oferecida. Aquela tinha sido a primeira conquista holandesa no Oriente e revelava-se de extrema importância. A principal fonte de cravo-da-índia estava agora nas mãos da VOC.

Pensar nisso fê-lo engolir em seco mais uma vez. Sentia que isso aumentava ainda mais a sua responsabilidade. Os encontros e as escaramuças com os portugueses sucediam-se, ano após ano, um pouco por todo o mundo, e mesmo ali, naquelas águas tão distantes da Europa, tinham acontecido vários casos. O mais famoso de todos fora o aprisionamento do galeão *Santa Catarina*, perto da ilha de Cingapura, três anos antes. Depois de um longo processo judicial, a VOC tinha vendido a carga do *Santa Catarina* em leilão, em Amsterdã. O montante tinha representado metade de todo o capital da Companhia. Talvez por isso a Companhia decidira que era o momento de mudar definitivamente o curso da História. A onipresença dos portugueses naquela parte do mundo teria um fim, e um fim rápido. Cornelis tinha a missão de devastar o Império Português do Oriente com um único golpe certeiro. Uma missão que seria histórica, muito mais importante que a conquista de Amboino e Tidore. Com um único golpe, o acesso dos portugueses ao Oriente, especialmente com a China e Japão, seria cortado para sempre. E, com isso, os acionistas da VOC ficariam ricos.

O almirante Cornelis Matelieff de Jonge tinha 37 anos e comandava uma esquadra de 11 naus com cerca de 1.400 homens a bordo. Era a maior esquadra holandesa de todos os tempos. Tinha saído de Amsterdã em maio com uma missão altamente secreta. Tão secreta que quase ninguém a bordo

conhecia verdadeiramente o que estava fazendo ali. A tripulação pensava que aquela seria mais uma missão comercial. Mas o objetivo estava longe de ser comercial. O plano tinha sido muito bem delineado. Dentro de alguns dias, a esquadra iria seguir a rota habitual das naus holandesas, em direção ao Achém. A partir daquele momento, a verdadeira missão seria desvendada e a esquadra entraria em estado de pré-guerra.

O verdadeiro objetivo era a conquista do entreposto comercial mais rico de todo o Sudeste Asiático. Uma cidade fortaleza situada na parte mais pequena do estreito e que era o centro do comércio de várias rotas comerciais – Japão, China, ilhas de Banda, ilhas de Sunda e Molucas, para enumerar apenas as mais importantes. Cornelis afagou o bigode farto e esboçou um sorriso. Van der Hagen tinha lhe dito que a fortaleza era comandada por um militar português de primeira linha, mas Cornelis sabia que o fator surpresa estava do seu lado. A missão comercial estava prestes a terminar e com isso todos os tripulantes iriam saber os verdadeiros objetivos da viagem. Contava com algumas reações negativas, mas sabia que a promessa de um saque valioso iria mais que compensar os protestos e evitar qualquer motim.

Cornelis já tinha contado aqueles 11 nomes várias vezes. Orange, Nassau, Middelburg, Witte Leeuw, Zwarte Leeuw, Maurícias, Grote Zon, Amsterdã, Kleine Zon, Eramus e Geuniveerde Provinciën. Aqueles 11 navios da VOC fariam História, disso tinha certeza absoluta. Esticou-se na cadeira e voltou a fitar o cume da montanha. Lá fora, os homens divertiam-se. O Índico era maravilhoso e levantava o moral dos homens, depois de meses a fio navegando pelo Atlântico frio e inóspito, sempre com receio de encontrar uma nau portuguesa ou castelhana. Cornelis inspirou o fumo perfumado do cachimbo e depois cerrou os olhos. Estava

feliz...

Cerca de três meses depois, o alarme chegou à “Famosa” com violência. Primeiro tinha sido um juncos dos jaus e depois fora uma galé portuguesa que vigiava a entrada do estreito. Uma esquadra holandesa de 11 navios tinha sido avisada descendo o estreito. Avanchavam em formação e a grande velocidade, aproveitando o vento norte. Parecia ser uma frota muito grande para ser apenas comercial e as intenções, aparentemente, seriam hostis.

Nos últimos tempos, tinham ocorrido vários incidentes com os rebeldes holandeses em todo o Estado da Índia. Além do saque do galeão *Santa Catarina*, outra nau da Carreira da China tinha sido pilhada e incendiada pelos holandeses perto de Macau. Uma outra esquadra holandesa tinha atacado o forte da ilha de Moçambique e outra tinha tentado bloquear a própria capital do Estado da Índia. Além disso, pela primeira vez, duas praças-fortes portuguesas tinham sido conquistadas pelos holandeses, Amboino e Tidore, nas ilhas Molucas, no ano anterior.

O tempo urgia e o Conselho de Malaca tinha se reunido em caráter de urgência. D. Rodrigo de Mascarenhas estava no bazar dos jaus, conferindo a carga de arroz que chegara de Kedah, quando foi chamado ao gabinete do Capitão-Mor na Cidadela. D. André Furtado de Mendonça era o Capitão-Mor da Fortaleza de Malaca desde julho de 1603 e estava nos últimos meses do seu mandato. Tinha trazido disciplina à Cidadela e acabado com muitos abusos do passado, especialmente por parte dos funcionários alfandegários. A corrupção não tinha sido eliminada, mas até os próprios casados admitiam que a situação melhorara consideravelmente. Os mais otimistas diziam que a cidade

vivia anos áureos e respirava riqueza, poder e bem-estar... até a chegada daquelas notícias.

D. Rodrigo tinha sentido os últimos anos passarem. O seu cabelo tinha-se tornado branco e a face estava mais enrugada, possivelmente por morar perto do mar. Sentia-se cada vez mais velho. Tentava disfarçar como podia, mas sentia que não era o mesmo a manejar a espada, a cavalgar, ou a fazer os seus exercícios diários. Cansava-se depressa e muitas vezes pensava que nunca mais iria conseguir fazer o que fizera em Bantam. Afinal, tinham passado quase cinco anos!

No entanto, sentia-se muito bem com a vida. Deus, Nosso Senhor, tinha-o agraciado com muitas dádivas. Depois da morte prematura de Noor, Rodrigo tinha conseguido encontrar a felicidade de novo. Perdera-se de amores por Matilde Ramos desde o primeiro momento em que vira os seus olhos amendoados. Amava Matilde profundamente e juntos tinham tido uma filha, Beatriz, que nascera saudável e era tão bonita como a mãe. Sentia que Malaca era a terra que nunca tivera e estava disposto a defendê-la a todo custo. Era respeitado em toda a cidade e o seu nome era sinônimo de honra, nobreza e dignidade. Até o próprio Capitão-Mor tinha muito apreço por si. Tinham desenvolvido uma relação especial desde Bantam e ao longo daqueles anos em Malaca, e eram cada vez mais próximos. D. André via-o como um dos seus principais conselheiros e não se cansava de se surpreender com as suas reflexões, que quase sempre acabavam por se mostrar corretas.

O Conselho de Guerra reuniu-se na sala principal da fortaleza, perto da torre da menagem. O ambiente era pesado e as expressões dos presentes não deixavam margem para dúvidas. A ameaça sobre a cidade era grande, possivelmente a maior de todas. Muitas vozes diziam que a cidade já não sabia combater, depois de tantos anos de paz. Nenhum dos

atuais militares de Malaca tinha vivido os últimos grandes cercos da cidade nem os confrontos violentos com os malaaios. Só mesmo o fato do Capitão-Mor ser o maior guerreiro português de todo o Estado da Índia é que acalmava algumas vozes.

D. André estava sentado no topo da mesa e parecia calmo. Magnificamente vestido, em tons castanhos e amarelados, bigode fino e barba bem-aparada, D. André parecia um nobre da mais fina flor da Corte. Além de D. André, estavam mais nove homens na sala do Conselho. O bispo da cidade, D. Francisco Bastos, D. Afonso Silva, o seu mestre de armas de longos anos, os seis capitães dos bastiões da fortaleza e D. Rodrigo de Mascarenhas, o casado mais proeminente da cidade, que caminhava pela sala em silêncio.

D. André contava chamar mais tarde o Bendahara, o Tomungão e o capitão Notchim, representantes da comunidade mais importantes da cidade, para lhes comunicar as linhas gerais de defesa e como deveriam garantir o abastecimento de bens alimentares aos habitantes. O Capitão-Mor tomou a dianteira e fez um breve resumo da situação. Os rebeldes vinham na direção de Malaca com uma grande armada, preparados para conquistar um dos mais importantes postos do Estado da Índia. Informações recentes indicavam que o sultão de Johor apoiaria os rebeldes, o que se fosse verdade iria traduzir-se em apoio logístico, mantimentos e um reforço de homens e navios. Não havia dúvida de que se tratava de um ataque de grande envergadura, muito diferente das incursões holandesas que ocasionalmente atacavam navios isolados no alto-mar.

Perante o dramatismo do Capitão-Mor, o Conselho ficou em silêncio. Todos sabiam da gravidade da situação, mas, ao ouvir aquelas palavras, os homens ficaram ainda mais cabisbaixos, imersos nos seus próprios pensamentos, procurando ideias e estratégias que pudessem salvar Malaca

dos rebeldes.

— Quantos homens conseguimos reunir ao todo? — questionou D. André pouco depois, quebrando o silêncio.

— Neste momento, temos pouco mais de uma centena de soldados, Grão-Capitão — respondeu prontamente D. Pedro Murteira, o comandante do bastião de Santo Antônio e o mais respeitados de todos. Era natural de Trás-os-Montes, em Portugal, e tinha estado estacionado em Galle e Baçaim durante longos anos. — Podemos contar com mais umas centenas de casados e malaios, mas não temos armas para todos eles.

— E os nossos irmãos japoneses? — inquiriu D. Francisco Bastos, o bispo da cidade, que tinha vindo do Reino para substituir D. João Ribeiro Gaio.

— Sim, poderemos também contar com eles! — adiantou D. Afonso da Silva. — Raimão Yokoshi acabou de me comunicar que os samurais combaterão ao nosso lado. São guerreiros bravos como todos sabeis, mas são apenas vinte homens.

— Folgo em saber que estão do nosso lado — soltou D. André, entre dentes. O apreço que tinha pelos combatentes japoneses era muito grande e sabia que eles poderiam fazer a diferença. Mesmo tratando-se de apenas vinte homens. — E D. Fernão da Costa? Onde é que ele está?

— A frota de D. Fernão da Costa está neste momento bloqueando o estreito de Johor e os outros galeões estão escoltando a Carreira de Macau.

— A sorte presenteou os nossos inimigos! — resmungou o Capitão-Mor com uma voz grave, dando um murro na mesa com violência, visivelmente desagradado. Por momentos, recordou a queda de Amboino e Tidore. Tinha sido a primeira vitória dos holandeses porque os seus homens de confiança não tinham estado à altura dos acontecimentos. D. Gaspar de Melo tinha sido muito fraco e

entregara a fortaleza de Amboino logo no primeiro momento, enquanto D. Álvares de Abreu combatera com destreza, mas também ele fora impotente para vencer os rebeldes em Tidore. Centenas de refugiados das Molucas viviam em Malaca e sentia-se responsável por eles. A História não se podia repetir. — Já sabemos quantos homens têm os rebeldes?

— Pelas informações que dispomos, eu diria mais de 1.200, senhor! — adiantou de novo D. Afonso Silva, com a voz trêmula. Sentia a gravidade dos acontecimentos e via que o Capitão-Mor fervilhava de raiva. — Mas é possível que esse número possa chegar aos 1.500.

— Um para 12 ou um para 15! — concluiu D. André num tom pessimista. Tinha os olhos pequenos e uma expressão que irradiava desânimo. Sabia que a situação era muito difícil e que ninguém o estava ajudando. — Na melhor das hipóteses, seremos um para dez. Cada um de nós tem que matar dez hereges. É um balanço difícil de ultrapassar. Muito difícil!

— E Goa, meu senhor? — voltou a questionar D. Francisco, abrindo os braços, como se estivesse a pedir uma explicação a Nosso Senhor. — Sempre poderemos pedir ajuda a Goa?

— Goa está muito longe, D. Francisco! Os rebeldes estão entre nós e Goa, descendo o Estreito — respondeu D. André num tom irritado, com o bigode mais pontiagudo do que nunca. Amaldiçoou Lisboa por não ter seguido o modelo que El-Rei D. Sebastião havia equacionado para o Estado da Índia. Não tinha separado Malaca de Goa, nem assumira que a sua cidade seria a segunda capital do Estado da Índia. Se tal tivesse acontecido, as defesas da cidade seriam muito mais fortes e Malaca poderia dispor de uma armada que pudesse defrontar os rebeldes em alto-mar. — Além disso, o novo Vice-Rei ainda nem sequer chegou de Lisboa!

— Concorde com o nosso Capitão-Mor, meus senhores! — defendeu D. Rodrigo com uma voz grave. Era o único dos homens que não estava sentado, fitando o movimento na rua Direita, cheia de conventos e casas apalaçadas, onde viviam os mercadores mais ricos da cidade. Da janela da residência do Capitão-Mor se conseguia ver o Senado e a Misericórdia e ouvir os sinos da igreja de S. Domingos, de Santo Estêvão e de São Tomé. Tudo aquilo poderia deixar de existir dentro de poucos dias.

— Alguma sugestão, D. Rodrigo? — questionou o Grão-Capitão, abrindo subitamente os olhos.

D. Rodrigo não respondeu imediatamente. Estava pensando como conseguia distinguir o som dos sinos de cada igreja. Sorriu e pensou que as recordações de Castela e de Cusco cada vez se perdiam mais na memória. Para ele, Malaca era a sua terra e entristecia-o pensar que isso poderia mudar dentro de pouco tempo. Sentiu um desespero crescendo por dentro, mas não podia desistir. E sabia que haveria com certeza uma maneira de o conseguir. — Penso que devemos estabelecer um plano, independente de Goa.

— D. Rodrigo, estamos todos conscientes de que não podemos contar com Goa! — insistiu o Capitão, dando nítidos sinais de que perdia a paciência com aquele homem de cabelos brancos compridos. — Tendes alguma sugestão para dar ao Conselho?

— D. André, desculpai, mas estava pensando no que poderíamos fazer...

— E o que poderemos fazer?

— Sugiro que avisais D. Fernão o quanto antes. Penso que ainda temos tempo para o avisar e as suas forças podem representar um bom reforço — adiantou D. Rodrigo, olhando fixamente para D. André e depois para D. Afonso Silva. — Podemos avisá-lo por terra e por mar, num junco, de modo a que D. Fernão navegue até o rio de Muar.

— E como poderemos realizar tal tarefa?

— Eu ocupo-me disso, D. André! Posso zarpar da cidade com um grupo de 15 homens do meu batalhão, a bordo de um junco dos jaus. Estaremos perto de Cingapura em poucos dias! — ripostou D. Frederico Cabral, o mais jovem dos comandantes dos bastiões. Era filho de um militar de Carreira de Goa que morrera na expedição contra o Corsário Cunhale. Era um dos protegidos de D. André e normalmente o Capitão ouvia-o com mais atenção.

— Muito bem, D. Frederico. Estais autorizado a partir quanto antes — concordou D. André, coçando a ponta do bigode e virando-se para todos os homens do Conselho, um após outro. — Isso significa que poderemos contar com mais quantos homens?

— Cerca de oitenta, noventa soldados, meu Capitão — informou D. Pedro Murteira com um olhar fixo e com uma expressão séria e pesada.

— Mas D. André, se me permite, eu tenho uma ideia...

Os nove homens voltaram a fitar D. Rodrigo com ansiedade. D. Rodrigo aproximou-se da mesa e sentou-se na única cadeira vazia.

— Todas as ideias são bem-vindas neste momento de aflição! — assentiu o Capitão-Mor, fazendo menção com o braço para o nobre português falar. — Continuai, por favor, D. Rodrigo!

— Temos que dificultar ao máximo o desembarque dos holandeses — avançou num tom firme. Sabia que a sua proposta exigiria uma decisão muito difícil de tomar, especialmente para si e para Matilde, mas era a atitude mais sensata a tomar. Por momentos, recordou uma conversa que tivera com D. Diogo de Resende quando este descrevera um dos últimos ataques dos malaaios. Já não se lembrava se tinha sido Johor ou Achém. Mas lembrava-se bem do que tinha acontecido e da razão pela qual as tropas inimigas

desembarcaram e cercaram a cidade com tanta facilidade. — Os rebeldes vão desembarcar no povoado de Hilir!

— Porque estais tão certo disso, D. Rodrigo? — desabafou D. Afonso num primeiro impulso, perguntando o que todos pensavam.

— Porque é uma zona plana, com fácil acesso às muralhas e que permite atacar vários pontos da fortaleza. Foi isso que fizeram as tropas de Johor e do Achém no passado e com algum sucesso — respondeu de um modo assertivo. — Tranqueira também é uma hipótese, mas a elevada densidade das casas e o fato de ser do outro lado do rio dificulta a progressão das tropas em direção à fortaleza. Os malaios pensaram assim e eu diria que os rebeldes devem pensar o mesmo...

— Sim, compreendo o que estais a dizer, D. Rodrigo... Em que pensais exatamente?

— Temos que dificultar o desembarque em Hilir, custe o que custar! — adiantou Rodrigo, com um ar pesado. Sabia bem o que essa decisão significaria para si. — Temos que manter os holandeses longe das muralhas e fazer que o seu desembarque seja um pesadelo...

— Concordo — assentiu D. André com um olhar cintilante, compreendendo o que o nobre estava a pensar. — Penso que isso pode ser uma surpresa desagradável para os rebeldes, mas tem um custo muito elevado.

— Sei que é uma decisão difícil de tomar, D. André — levantando-se, apoiando as mãos no tampo da mesa. — Mas proponho que façamos uma demolição rápida e estudada de todas as casas de Hilir e que coloquemos várias armadilhas desde a praia até as muralhas.

— Como assim, D. Rodrigo? — questionou D. Afonso, elevando um pouco a voz. — Vossa Excelência propõe que nos antecipamos aos holandeses e destruamos as nossas próprias habitações? Como sabeis, vários casados vivem no

povoado, além dos jaus...

— Estou bem consciente desse fato, D. Afonso! Eu próprio moro no povoado de Hilir com a minha família há muitos anos — recordou num tom um pouco mais ríspido. — Sei que é uma decisão difícil e que possivelmente irá deixar os casados e os jaus descontentes. Mas D. André e meus senhores, trata-se de uma questão de tempo e de sobrevivência. Tenho certeza de que os rebeldes vão desembarcar naquele local e se tal acontecer, nada restará do povoado, de qualquer forma.

A ideia de D. Rodrigo foi debatida durante muito tempo. D. Rodrigo explicou a sua opinião sobre o que se deveria fazer, recorrendo ao que D. Diogo de Resende lhe contara sobre os cercos anteriores. Surpreendeu-se por nenhum dos militares presentes estar ciente do que tinha acontecido nas investidas anteriores. Não havia qualquer plano de defesa previamente estabelecido e a cidade tinha deixado de ser uma fortaleza militar. Mas mostrava-se cada vez mais otimista à medida que falava. Tinha certeza de que poderiam colocar armadilhas em pontos estratégicos e causar pesadas baixas ao inimigo. Além disso, sabia que naquele momento os holandeses seriam alvos mais fáceis perto das muralhas. Não seria uma missão fácil, mas sabia que podia fazer a diferença. Teriam apenas alguns dias ou, na melhor das hipóteses, poucas semanas para o fazer.

— D. Rodrigo de Mascarenhas tem o dom de nos surpreender! É sem dúvida uma posição corajosa e a verdade é que estamos numa situação de vida ou morte! — interrompeu D. André, coçando o bigode com a ponta dos dedos e dando a entender que iria pensar na ideia. Tinha gostado do que ouvira.

D. Francisco Bastos benzeu-se muitas vezes, como se aquela ideia fosse obra do Diabo. Os comandantes dos bastiões mantiveram-se em silêncio e apenas D. Frederico

Cabral defendeu que aquela estratégia poderia dar uma vantagem importante aos portugueses e alterar a relação de forças com os rebeldes.

— Algum dos meus comandantes tem uma ideia diferente?

Os seis comandantes trocaram olhares entre si e depois todos se concentraram em D. Pedro Murteira. O velho comandante transmontano esboçou um ligeiro sorriso, mostrando os seus dentes amarelados, e depois trocou um olhar cúmplice com D. Rodrigo de Mascarenhas.

— O nosso mui nobre amigo D. Rodrigo teve um pensamento audaz — adiantou D. Pedro com os olhos bem abertos e fitando cada um dos homens e depois virando-se para D. Rodrigo. — Tenho pensado na ideia de Vossa Senhoria, e concordo que pode ser muito útil na defesa das muralhas. Penso que temos grandes possibilidades de derrotar os rebeldes. Passo a explicar o meu plano...

Assim que o Conselho de Guerra terminou, o Capitão-Mor chamou os representantes das comunidades da cidade. Deixou-os ciente da situação, do plano de defesa da cidade e do que se iria passar nos próximos dias. Quando D. Rodrigo de Mascarenhas chegou a casa tinha os olhos em lágrimas, mas Matilde já estava ciente das últimas novas. A notícia tinha se espalhado rapidamente por todas as comunidades e pelos casados. Reinava uma expressão de desânimo. Mas Matilde aceitou bem a ideia e abraçou o marido com muita força. Concordava que o povoado iria ser o primeiro alvo do ataque rebelde. Era uma praia plana, larga e ideal para um desembarque sem grande resistência.

Os dias seguintes foram muito agitados. Matilde Mascarenhas organizou a retirada da família, decidindo o que levar e não levar para a Cidadela. Os empregados trabalharam bem sob as suas ordens e em três dias a casa dos Mascarenhas estava desprovida do mais importante. A

família mudou-se para dentro das muralhas, para a encosta do morro de São Paulo, não muito longe da Igreja de São Domingos. Tratava-se da casa senhorial que D. Rodrigo de Mascarenhas herdara do seu amigo D. Diogo de Resende. Os seus filhos Pedro, Noor e mesmo a pequena Beatriz, de dois anos acharam divertida aquela mudança. Pensavam que se tratava de uma brincadeira e que, por alguma razão, os pais tinham decidido abandonar a praia e o jardim e ir para dentro das muralhas.

Pedro Yamamoto foi incansável na mudança e ele próprio levou vários bens dos Mascarenhas para a Cidadela. Além disso, ajudou D. Rodrigo na defesa de Hilir. O povoado foi parcialmente demolido e toda a zona se transformou num campo de guerra e armadilhas – até os coqueiros estavam preparados para o desembarque inimigo. Toda a população foi realojada na Cidadela, sem exceções, incluindo os jaus e os casados. Hilir transformou-se numa zona militar e esperou pelo inimigo.

A esquadra holandesa avistou os montes de Malaca no último dia de abril, um ano depois de ter zarpado da Europa. O ar estava quente, abafado, como quase todos os dias naquelas paragens. O almirante Cornelis Matelieff de Jonge fundeou os navios ainda longe da costa, com receio de baixios, e deu ordens para alguns homens desembarcarem no ilhéu das Naus, pequena ilha arenosa a poucas léguas da cidade. O confronto entre os rebeldes e os portugueses foi quase imediato. Os invasores atacaram com rapidez e queimaram quatro embarcações portuguesas que se encontravam perto do ilhéu, sem proteção, celebrando assim a primeira conquista. Matelieff pensou que ganhara uma base importante e ordenou que se montasse uma bateria. A noite caiu e a situação mudou nas horas seguintes. Os holandeses começaram a sofrer pesadas perdas em pequenas escaramuças no mar. Os portugueses faziam incursões

sistemáticas em pequenos botes a remos, parecendo surgir do nada em volta do ilhéu, e acabavam por fazer muitos estragos. Matelieff resolveu então recuar e abandonar a pequena ilha. Esperou pacientemente em alto-mar e aguardou por reforços. Esperou uma semana, duas, e os reforços chegaram cerca de 15 dias depois. Uma frota de mais de trezentos navios a remos com vinte mil homens a bordo, vinda de Johor e de outros sultanatos, cercaram Malaca.

O cerco a Malaca tomou então uma dimensão nunca vista. Os holandeses sentiram confiança e iniciaram o ataque terrestre em 18 de maio. Como D. Rodrigo de Mascarenhas previra, os malaio e os holandeses desembarcaram no povoado de Hilir e foram surpreendidos. Sofreram ataques de todos os lados sem avistarem qualquer inimigo. Malaio e holandeses sofreram pesadas baixas, a maior parte deles quando ainda estava com os pés na areia. Foi uma matança e, por momentos, a água do mar parecia um lamaçal de sangue! Mas, aos poucos, os atacantes foram desbravando terreno, avançando pelas ruínas das casas e, depois cercaram as muralhas. Nessa altura, iniciaram um bombardeamento desmedido, tirando partido das bocas de fogo da esquadra holandesa. Aquela era uma batalha diferente de todas as outras que Malaca tinha travado. Era uma guerra europeia!

Liderada pelo Capitão-Mor, que envergava a sua armadura, a “Famosa” ripostou com ferocidade. Portugueses, casados, jaus, chinchéus, quelins e samurais pegaram em armas e atacaram o inimigo. Os primeiros embates juntos das muralhas tiveram lugar entre os Bastiões da Madre Deus e de Santiago e foram interrompidos com facilidade. D. Pedro Murteira usou uma velha tática que no passado tinha dado bons resultados contra os castelhanos. Centenas de litros de óleo fervente, fornecido pelos malaio, foram vertidos contra os invasores. Dezenas de homens do sultão de Johor foram queimados vivos, enquanto os canhões

da fortaleza não paravam de disparar em direção a Hilir.

Mas os invasores não desistiram facilmente. Decidiram atacar com mais intensidade e a distância, usando o povoado de Hilir como base e bombardeando a cidade hora após hora, de modo a desgastar a população. Os dias foram passando, as semanas foram passando, e o impasse continuou. Os combates corpo a corpo sucederam-se pelas muralhas da Cidadela e, por vezes, também fora das muralhas quando algumas formações portuguesas faziam surtidas rápidas aos acampamentos inimigos. Os samurais japoneses eram os mais eficazes nos combates e dizimavam, sozinhos, um batalhão inteiro de malaaios. A violência dos combates levou a que os homens do sultão de Johor comessem a temer o pior. O mesmo se tornou visível para os holandeses. Tinham perdido cerca de quatrocentos homens naquelas semanas e tomaram a consciência que tinham que terminar com os combates o mais rapidamente possível.

Três meses depois, a cidade continuava impune. Contudo, dentro da Cidadela a situação agravara-se perigosamente nos últimos dias. As últimas informações reportadas a D. André Furtado de Mendonça davam conta de três mil mortos e a fome entre a população começava a ser insustentável. Nenhuma das comunidades da cidade conseguia garantir o mínimo de abastecimentos e dizia-se que se comia de tudo pelas ruas da cidade, incluindo todos os animais que por ali viviam.

De um momento para o outro, a situação modificou-se. Um grupo de portugueses vindos de norte conseguiu furar o cerco, descendo o rio silenciosamente até as imediações da Porta de Santo Domingos. Entraram na “Famosa” com a ajuda das sentinelas do baluarte de Santo Domingos e deram a boa nova. Uma gigantesca armada portuguesa, com navios de grande porte, estava descendo o Estreito. Os mais céticos tomaram aquela notícia como falsa – seria uma desesperada

artimanha dos militares para que os homens continuassem combatendo –, mas dias depois provou-se que as informações estavam corretas. A Norte de Malaca, dois navios de vigia holandeses comprovaram-no. A notícia espalhou-se pelos acampamentos que cercavam a cidade e os holandeses levantaram o cerco no dia seguinte, no meio do fogo português, que parecia ter ganhado alguma vida. As tropas de Johor assustaram-se com a retirada apressada holandesa e decidiram abandonar também o local rapidamente. Quase de um dia para o outro, a “Famosa” libertou-se do cerco.

A maior armada portuguesa de todos os tempos descia o estreito de Malaca com o objetivo de expulsar os holandeses, de uma vez por todas, da Insulíndia. Goa tinha sido informada de que a fortaleza de Malaca estava cercada há alguns meses por tropas mistas holandesas e do sultão de Johor e reunira então uma grande armada que zarpara em direção aos Mares do Sul.

Os holandeses contabilizaram centenas de baixas, por combate e por doença, mas pareciam decididos a pôr fim ao domínio português no Oriente. O almirante Matelieff de Jonge ordenou que a armada rumasse a Norte em formação cerrada, em direção aos portugueses, e as duas forças encontraram-se quatro léguas a Norte de Malaca, perto do Cabo Rachado, no dia 16 de agosto. Os portugueses tinham superioridade numérica. A sua armada portuguesa era constituída por vinte navios contra 11 navios da VOC.

As duas esquadras aproximaram-se e dispararam os primeiros tiros na tarde do dia 17, mas os combates foram tímidos, como se ambos os lados estivessem testando a outra parte. Pouco tempo depois, ancoraram à vista da outra, fora do alcance de tiro, e ali ficaram ao sabor das vagas.

Na madrugada seguinte, um contingente de cinquenta homens de Malaca desembarcou na nau “São Salvador”,

comandada pelo capitão Álvaro de Carvalho. Os homens eram na sua maioria soldados e casados e tinham uma experiência de combate na Índia e no Ceilão que podia fazer a diferença na batalha. Tinham navegado num pequeno junco chinchéu, perto da esquadra holandesa, sem serem vistos e sem provocar qualquer incidente. Estavam sequiosos de terminar o combate e erradicar o perigo rebelde, para sempre, daquelas águas. D. Rodrigo de Mascarenhas, Pedro Yamamoto e D. Afonso Silva faziam parte do grupo. Tinham combatido meses a fio pela cidade, mas sentiam-se com força para o golpe final. Sabiam que o futuro dependeria daquela batalha naval e cada um deles tinha razões muito particulares para querer que Malaca continuasse portuguesa.

D. Rodrigo cedo percebeu que o ambiente na nau era bastante agitado. Não havia vento e a frota estava ancorada num ponto visível para os rebeldes. As tropas estavam nervosas e vislumbrou muitas falhas de comando. Apercebeu-se que os homens protestavam por se ter içado a bandeira espanhola em algumas das naus e gritavam estarem combatendo por Portugal e não por Castela. Ninguém a bordo dormia há muito tempo e isso fazia com que os sentimentos estivessem à flor da pele. Estavam em alerta máximo e esperava-se um ataque rebelde com barcos a remos, que podia chegar a qualquer momento. Todos sabiam que o inimigo, apesar de herege, era um exímio combatente.

Quando o céu começou a clarear, o vento levantou-se ligeiramente, vindo de noroeste. A situação alterou-se de um momento para o outro. Um movimento de alerta surgiu no convés e a ordem espalhou-se por entre os homens.

— O Vice-Rei deu ordem para atacar — avisou D. Afonso Silva, assim que chegou perto de D. Rodrigo e do samurai.

— O vento está a nosso favor! — percebeu D. Rodrigo, olhando em volta e depois para o céu. Elevou a palma da mão e sentiu a brisa. — Temos que tomar a iniciativa...

D. Rodrigo susteve as palavras. Pedro Yamamoto tinha começado a rezar baixinho, dando graças a Nosso Senhor Jesus Cristo. O samurai estava concentrado e, por isso, alheado do movimento à sua volta. D. Rodrigo e D. Afonso ajoelharam-se e também eles rezaram a Deus para que os protegesse nas horas que se iriam seguir. À sua volta, o convés estava agitado. Centenas de homens preparavam-se para o combate sob os gritos dos oficiais, à medida que uma luz avermelhada se espalhava nos céus.

Depois, o navio-almirante *Nossa Senhora da Conceição*, capitaneado por D. Manuel de Vasconcelos, deu o último sinal e a frota portuguesa levantou âncora. Os navios avançaram em coluna, aproveitando o vento e a corrente a favor. Mas os holandeses estavam alertas e aperceberam-se do avanço dos portugueses. Tentaram afastar as naus e dispersar-se no mar, mas o vento não lhes era favorável e tiveram sérias dificuldades. Algumas naus holandesas ficaram para trás e, pouco tempo depois, ao alcance do tiro da armada portuguesa. A primeira nau a ser atingida foi a *Nassau*, de Wouter Jacobz. Os portugueses atacaram-na com fogo de artilharia e, quase de imediato, a *Santa Cruz* rumou a toda velocidade na sua direção, projetando várias bolas de fogo que atingiram os mastros inimigos. Por último, a nau holandesa foi abalroada com violência e dezenas de soldados portugueses invadiram o convés aos gritos. As chamas consumiam as velas holandesas e avançavam pelos mastros enquanto a confusão a bordo era total.

Simultaneamente, a *Orange* e a *Middleburg* inverteram o rumo e navegaram em direção à *Nassau*, com o intuito de salvar os tripulantes. Mas a manobra não correu bem e, já muito próximos da *Nassau*, depararam-se com outra nau portuguesa, a de maior tonelagem, a *Nossa Senhora da Conceição*. Nenhum dos pilotos inverteu rumo e instantes depois as quatro naus ficaram aferradas, num emaranhado

de cordas e homens saltando de um navio para o outro. Os navios rangeram e a violência dos primeiros combates foi desmedida, enquanto o fogo continuava consumindo a *Nassau*.

D. Rodrigo assistia ao combate a distância, ladeado por Pedro Yamamoto e D. Afonso. Nunca tinha visto uma batalha naval daquelas, com um poder de fogo de artilharia tão grande de ambas as partes. Não conseguiu deixar de pensar que Bantam, afinal, não tinha passado de uma escaramuça. Vendo a *Nassau* em chamas, os homens da *São Salvador* urravam gritos de guerra patrióticos. Tudo apontava para uma vitória fácil, mas D. Rodrigo cedo percebeu que não iria ser assim. As duas naus portuguesas que tinham abalroado a *Nassau* afastaram-se e deixaram a nau holandesa em chamas. Mas a *Middleburg* tinha sido mais rápida e, aproveitando o vento de feição aproximou-se perigosamente da *São Salvador*. O piloto português hesitou no rumo a tomar e ficou em pânico ao avistar a proa holandesa na sua direção. O vento soprou muito forte e os momentos seguintes escoaram-se.

— Às armas, homens! — gritou um oficial português do topo do convés com uma voz rouca, mas que chegou a todo o navio. — Às armas! Os rebeldes vêm na nossa direção!

O convés transfigurou-se e todos a bordo se prepararam para o pior. A nau portuguesa conseguiu mudar de rumo e as bocas de fogo começaram a disparar contra a *Middleburg*, numa tentativa de sustar o ataque. Os holandeses foram atingidos, mas nada parecia parar o seu ímpeto. A *São Salvador* voltou a mudar de rumo para Oeste, tentando sair do trajeto dos holandeses, mas não conseguiu. Várias outras naus foram na sua direção e, pouco depois, seis naus estavam quase lado a lado disparando umas contra as outras. Estavam tão próximas que por vezes o fogo passava de uma nau para a outra. Na confusão, a *São Salvador* aferrou a

Middleburg, e as duas naus ficaram presas. Os holandeses perceberam isso, adiantaram-se e foram eles que desembarcaram no convés português, fortemente armados.

O primeiro tiro de mosquete atingiu em cheio D. Afonso Silva, que teve morte instantânea. D. Rodrigo agarrou no corpo do português, numa tentativa de o salvar, mas foi subitamente atacado por dois holandeses. O primeiro agarrou-o pela cintura, enquanto o outro tentou atingi-lo com a espada. Rodrigo conseguiu libertar-se, apanhou a espada do chão e tirou a vida aos dois adversários em poucos segundos. Olhou em volta e procurou um inimigo, mas o olhar pousou em Yamamoto. O samurai gritava furiosamente, combatendo ao mesmo tempo com a Katana e a Wakizashi, numa sucessão de movimentos que nenhum holandês tinha visto, mesmo durante largos meses de cerco. Os golpes do samurai com as duas mãos eram assustadores e os inimigos caíam um a um. Numa manobra inteligente, cinco marinheiros holandeses rodearam-no e avançaram sobre ele, fechando o círculo. Mas os marinheiros não contavam ser atacados por trás. D. Rodrigo eliminou-os um a um com um golpe de espada, no meio de uma confusão de corpos.

Os holandeses venciam o combate e a *São Salvador* estava em chamas. Ninguém a bordo se assustou com a explosão violenta da *Nassau*, que se afundava a estibordo, e todos continuaram a combater pela vida. Um dos mastros da *São Salvador* caiu em chamas no convés, matando dezenas de homens. As velas em chamas espalhavam pequenas labaredas que queimavam a pele de portugueses e holandeses indiscriminadamente. Ninguém tentou apagar o fogo, que continuava alastrando, consumindo a madeira da nau, e os combates prosseguiram com violência.

Duas naus portuguesas conseguiram cercar a *Middleburg*, mas nada parecia salvar a *São Salvador*. A nau portuguesa

estava desgovernada, ao sabor da corrente, e ardia de uma ponta à outra. Foi então que o pânico propagou-se pelo convés e o comandante da *Middleburg* deu ordem de retirada. Os holandeses abandonaram o convés português em poucos minutos e a nau holandesa cortou as amarras que a ligavam à nau portuguesa assim que o último holandês saltou.

Os portugueses da *São Salvador* lançaram os botes disponíveis ao mar com o intuito de se salvar. Muitos foram atingidos pelos disparos holandeses ou cercados pelas chamas que invadiam o navio. A madeira da nau rangeu com violência e o navio começou a desequilibrar-se. D. Rodrigo compreendeu que a nau se afundava e pensou que não aguentaria muito mais tempo. Olhou em volta e engoliu em seco. Por todo o lado se ouviam gritos de homens feridos, queimados, ou simplesmente gritos de desespero de quem tinha se atirado ao mar e que não sabia nadar.

— D. Rodrigo! — rugiu Pedro Yamamoto, de repente, do outro lado do convés. Tinha a batina rasgada, mas empunhava o seu Daishô com rigidez e olhava para ele fixamente. — Cuidado!

Pedro Yamamoto viu o mastro em chamas caindo vagarosamente para estibordo em direção ao português. D. Rodrigo virou-se com o grito do samurai e olhou para cima em desespero. O samurai corria na sua direção e pensou inconscientemente que o mastro caía muito rapidamente. Por um instinto divino, correu até a amurada e atirou-se ao mar. O mastro em chamas atingiu o convés com violência no local onde D. Rodrigo estivera. A nau balançou violentamente e, por momentos, o samurai perdeu o equilíbrio. Alguns homens foram atingidos pelo fogo e um cheiro a carne queimada tornou o ar irrespirável.

Por todo o lado sentia-se o cheiro de morte. O desespero era profundo e Pedro Yamamoto correu até a popa do navio, a única parte que ainda não ardia. Dezenas de homens

nadavam perto do casco da nau, no meio das chamas e destroços à deriva. Pedro procurou D. Rodrigo no mar, tentando distinguir uma cara conhecida, um movimento familiar, os cabelos brancos compridos, mas não conseguiu avistar nada. Os segundos foram se transformando em minutos e um sentimento de desespero acercou-se do samurai. O fogo chegava à popa e pensou que não aguentaria muito mais. A nau já perdera o equilíbrio há muito tempo. Pedro pousou a Katana no convés e depois colocou a Wakizashi na cintura. Fitou o céu e distinguiu as nuvens brancas por entre o fumo negro que pairava por todo o navio. Olhou de novo para os homens que se afogavam no mar e respirou fundo. Rezou uma Ave-Maria apressadamente, benzeu-se e depois atirou-se ao mar.

Capítulo 25

MALACA, 22 DE AGOSTO DE 1606

“CONVINHA MUITO AO
SERVIÇO DE DEUS E DE SUA
MAJESTADE ACABAR DE TODO
COM O INIMIGO; E QUE POIS IA
FUGINDO E DESBARATADO POR
SUA SENHORIA, ERA ACERTADO
SEGUI-LO COM AQUELA ARMADA
VITORIOSA.”

*D. André Furtado de Mendonça, Capitão-
Mor de Malaca no primeiro Conselho de Guerra
após a libertação da cidade, presidido pelo Vice-Rei
da Índia, D. Martim Afonso de Castro*



cidade estava mergulhada num ambiente de histeria. Escravos abraçavam homens livres. Quelins abraçavam jaus, estes felicitavam os chinchéus e malaaios e no meio de tudo aquilo estavam um pequeno grupo de samurais japoneses. A “Famosa” tinha resistido uma vez mais e com o esforço de todos. Durante aqueles longos meses, todas as comunidades da cidade tinham esquecido os desentendimentos, dissabores e rancores do passado e tinham-se unido contra o mal maior.

Quase metade da população de Malaca perdera a vida, primeiro nos combates com os rebeldes e depois em consequência da peste que tinha varrido a cidade. Mais de mil portugueses tinham perecido e muitos edifícios da Cidadela foram destruídos. Mas Malaca estava salva! Os rebeldes tinham sido derrotados! Depois da *Middleburg* ter afundado, os navios holandeses afastaram-se, cessando os combates. Os dois lados ficaram observando-se a distância, rezando pelos mortos, cuidando dos feridos e à espera da iniciativa do inimigo.

Dias depois, a frota holandesa retirou-se para Sul, dando-se por vencida. Os rebeldes tinham falta de munições e um número muito elevado de doentes e feridos. As fontes de

informações dos portugueses diziam que a frota holandesa rumara em direção à foz do rio Johor. O sultanato de Johor tinha se aliado mais uma vez contra os portugueses, mas a violência dos combates tinha causado um terror entre os malaaios. Nunca tinham visto tamanho poder de fogo saindo daqueles navios enormes, sem que flechas fossem lançadas ou tivessem tempo sequer para mostrar a bravura no combate corpo a corpo.

O ambiente de festa que se vivia na cidade esbarrava nas muralhas da fortaleza da Cidadela. O Conselho de Guerra tinha iniciado os trabalhos com uma decisão fácil. A execução de Coja Ibrahim, um mercador importante da cidade que chegara a ser embaixador em Johor, por motivos de espionagem, tinha sido decidida por unanimidade. Mas os conflitos vieram logo a seguir. Os fidalgos não chegavam a um acordo sobre as medidas a tomar contra os rebeldes. Uma parte vangloriava o Vice-Rei pela grande vitória alcançada, dava por terminados os combates e pensava já nos esforços de reconstrução da cidade e das rotas comerciais. Outros nobres, entre os quais o Grão-Capitão, defendiam que era necessário acabar de vez com a armada holandesa e punir o sultanato de Johor.

— Temos que atacar o inimigo enquanto ele está enfraquecido! — avançou D. André Furtado de Mendonça, compreendendo o rumo dos acontecimentos. Não podia ter sido mais claro! Os rebeldes não tinham sido verdadeiramente derrotados. Tinham abandonado o campo de batalha e possivelmente estavam preparando um novo ataque! — Temos que atacar enquanto eles estão reparando os navios e tratando dos feridos. Temos que consolidar a vitória que, com a Graça de Deus, Vossa Excelência conseguiu alcançar!

D. André defendeu a todo o custo a organização de uma força para atacar Johor e terminar com as forças de Matelieff

de Jonge. Já por uma vez os holandeses tinham escapado por entre os seus dedos, em Bantam. Aquela seria a segunda vez. Tinha visto os holandeses a tomarem iniciativas cada vez mais audazes e já se contavam vários ataques a navios portugueses por todo o Oriente. O ataque a Amboino, o saque à *Santa Catarina* e o cerco a Malaca tinham sido manobras ambiciosas e reveladoras das intenções dos rebeldes. Era urgente colocar um ponto final aquela situação enquanto o inimigo estava enfraquecido, doente e com os navios danificados.

Mas o Vice-Rei da Índia, D. Martim Afonso de Castro, não tomou o partido do Grão-Capitão e deixou muitas dúvidas no ar. Os argumentos dos fidalgos atropelaram-se, mas caíram quase todos. Tudo se resumia a D. Martim e a D. André! As relações entre os dois homens tinham se degradado ao longo dos últimos dias e nem a vitória no Cabo Rachado aliviara a situação. O Capitão-Mor sentia que D. Martim ouvia quem não tinha um conhecimento pleno do que se estava ocorrendo na Insulíndia. Mais uma vez, D. André comprovou isso mesmo. Depois de algumas horas de sessão, o Vice-Rei acabou por recusar o seu conselho de que a armada rumasse a Johor. Quando o Vice-Rei aceitou fazer regressar metade da frota para Goa, D. André percebeu que tinha sido derrotado e humilhado. O Grão-Capitão acabou por levantar o seu elmo e abandonar a sala do Conselho da Fortaleza, ladeado por D. Pedro Murteira. Com aquele ato, D. André demitira-se de todos os cargos e decidiu embarcar para Goa. D. Martim aceitou prontamente o pedido de demissão e não disfarçou algum alívio por finalmente se livrar daquele capitão insolente, que todos insistiam ser glorioso e invencível.

Quando D. André e D. Pedro ultrapassaram o baluarte da fortaleza perceberam que a exaltação nas ruas continuava. A maioria dos cadáveres fora removida e enterrada e o povo

da cidade estava unido na reconstrução das ruas, casas e igrejas. No meio das ruínas da rua Direita, o Capitão-Mor foi reconhecido por vários populares e de imediato se gerou uma onda de agitação. Ouviram-se vivas a Portugal, a El-Rei, ao Vice-Rei e ao Capitão-Mor. Naturalmente, ninguém sabia que D. André se demitira de todos os cargos, nem mesmo os guardas da porta de Santo Antônio que rapidamente se colocaram em sentido.

D. André passou a porta, seguido por D. Pedro Murteira, e caminhou em passo largo para Hilir. Sentia o coração em fúria, mas sabia que não podia esperar mais e assumira a responsabilidade de ser o portador das más notícias. Tinham esperado mais de cinco dias e D. Rodrigo de Mascarenhas continuava desaparecido. Segundo os sobreviventes da *São Salvador*, o “espadachim” fora visto de espada em punho a lutar contra os holandeses no momento em que o mastro principal da nau tinha caído no convés. O samurai japonês, que se dizia ser a sombra do “espadachim”, tinha sido visto mergulhando, momentos antes de a nau portuguesa se afundar. Também ele se encontrava desaparecido.

D. André aproximou-se do que restava do povoado de Hilir e contornou as ruínas da casa de D. Rodrigo. A casa do “espadachim” estava quase completamente destruída, quer pela estratégia defensiva prosseguida antes do desembarque dos rebeldes, quer pelos combates que se seguiram. Assim que ultrapassou o monte de escombros e se aproximou da linha de água, ficou virado de frente para a casa. No meio dos destroços, deparou-se com Matilde. A mulher do “espadachim” estava sentada numa cadeira balouçante, de olhos fechados, cantando baixinho, como se estivesse muito longe da destruição do povoado.

D. Pedro Murteira susteve o passo e deixou D. André aproximar-se sozinho, em silêncio. O Capitão-Mor olhou em volta. Os trabalhos de reconstrução do povoado já tinham

começado, especialmente junto à praia. Dezenas de jaus limpavam as ruas de destroços e certificavam-se que não haviam mais cadáveres. O odor ainda estava pesado, mas a brisa do mar e o som das ondas batendo na areia davam alguma calma ao povoado, bastante diferente da agitação da Cidadela.

Matilde não sentiu a presença próxima de D. André e continuou com os olhos cerrados, cantando baixinho. O Capitão-Mor hesitou por um momento e depois avançou lentamente na sua direção. O vento soprou mais forte e as ondas rebentaram com mais violência na areia e, de repente, Matilde abriu os olhos e fixou a armadura do Grão-Capitão. Tinha os olhos raiados de sangue e estava em lágrimas. Sentiu o corpo desfalecendo e o pensamento esvaziando-se, tal e qual como três anos antes quando os rebeldes tinham matado o seu pai. Olhou para a figura do Capitão-Mor e depois compreendeu o que a sua mente se recusava a aceitar.

Dezenas de léguas a norte, um pequeno bote a remos balouçava suavemente ao sabor da corrente. O sol queimava a pele dos quatro homens a bordo, mas eles mantinham-se num silêncio sepulcral. Dois deles dormiam como podiam, quase inconscientes, e os outros dois estavam de vigia, sentados, procurando no horizonte algo que os conseguisse tirar daquele marasmo.

Seguiam a bordo da nau *São Salvador* no momento em que a *Middleburg* desferira o ataque final e a confusão irrompera pelo convés. Nos instantes seguintes, tinham conseguido dominar o pânico que os envolvia e fugir ao incêndio que deflagrou a bordo, mergulhando no mar. De um modo ou de outro, cada um deles tinha conseguido nadar em direção ao bote a remos que flutuava nas águas

tempestuosas em redor da nau que se afundava.

Pouco a pouco, a batalha foi se distanciando com a força da corrente e do vento que grassava no Estreito de Malaca. Exhaustos de remar horas a fio e sem velas, os quatro homens estavam à deriva há mais de três dias e três noites. Sofreram bastante. Apesar de tudo, graças à chuva que naquela manhã caiu conseguiram beber água doce suficiente para saciar a sede. Pedro Yamamoto levantou-se lentamente, franziu os olhos e tentou fixar a linha do horizonte. Sentia as roupas negras ensopadas pelo suor. Estava um calor imenso que parecia queimar a pele do rosto, mas Yamamoto manteve-se indiferente. O samurai esfregou os olhos e tentou de novo focar o olhar, mas não foi fácil. O sol estava na direção para onde olhava e irradiava uma luz muito branca.

— Temos companhia! — afirmou o samurai por fim, aproveitando o sol ter sido parcialmente coberto por uma nuvem passageira.

— Rebeldes? — inquiriu o canarim Sinha com uma voz cavernosa. Fora ferido no braço esquerdo por um golpe de espada e a infecção alastrava, provocando-lhe dores profundas.

— Ainda estão muito longe! — adiantou com um ar sério, arranjando o traje e passando os dedos pela Wakizashi, como se inconscientemente estivesse preparando-se para os receber. — Não consigo distinguir bem as velas.

Os dois homens que cochilavam acabaram por despertar com a agitação e a troca de palavras mais acesa.

— Não podem ser os rebeldes! As velas não são portuguesas, nem holandesas — afirmou Sinha com um ar entendido. O canarim tinha anos de experiência naqueles mares e sentia que aquelas não eram embarcações europeias. — Parece uma galé a remos.

— Sim, sois capaz de ter razão! — concordou Manuel, um filho de um casado português de Goa que tinha sido

recrutado à força pela frota do Vice-Rei como alternativa a uma estadia nas masmorras. Era procurado por pequenos delitos e tinha sido apanhado em flagrante nas ruas de Goa, dias antes da largada da armada do Vice-Rei em direção aos Mares do Sul.

O ponto preto foi ficando cada vez maior no meio do azul do mar. Os minutos passaram com ansiedade e uma tensão crescente tomou conta deles. Tentaram perceber o que vinha na sua direção e, algum tempo depois, concluíram que o canarim tinha razão e que se aproximava uma galé malaia.

— Achém ou Johor?

D. Rodrigo de Mascarenhas acabou por despertar com as palavras dos dois homens, abrindo os olhos aos poucos. Continuava a sentir dores profundas no corpo e a luz do sol feria-lhe os olhos, mas tinha conseguido descansar um pouco. Sentou-se e depois olhou em volta. O azul do mar estendia-se à sua frente, a perder de vista. Olhou para o sol e tentou perceber onde estariam. A batalha contra os rebeldes holandeses tinha sido travada muito perto da costa da península e, pela corrente, percebeu que tinham sido arrastados para noroeste, em direção à ilha de Samatra. Seria menos provável encontrar navios de Johor naquelas paragens e por isso adivinhou que a galé seria de Achém. Por momentos, recordou os dias em que estivera ancorado na baía de Kutaraja. Tinham passado quase cinco anos desde essa época e parecia ter sido numa outra vida.

O ponto negro aumentava de tamanho com velocidade. D. Rodrigo imaginou que centenas de achéus estariam a bordo. Não teriam qualquer hipótese. Por isso mesmo, os quatro homens concordaram que não iriam oferecer resistência e iriam tentar convencer os achéus a ajudá-los. Afinal, eram portugueses. Depois de anos, décadas em guerra, Malaca não era mais inimiga do sultanato de Achém. O velho sultão Alauddin Riayat Syag tinha falecido pouco

meses antes, mas pouco parecia ter mudado na atitude para com os portugueses. As duas partes tinham o mesmo inimigo e continuavam respeitando o tratado de paz que durava há muitos anos. Johor lutava contra Malaca e Johor continuava a ser o maior inimigo de Achém.

A galé tinha mais de trinta metros de comprimento, uma vela quadrada a meio do convés e um monstro marinho, com uns olhos gigantescos, desenhado na proa. A bordo seguiam dezenas de guerreiros de tronco nu, com os olhos fixos neles, armados com sabres, espadas e punhais. A galé estancou a poucos metros do bote e um estranho silêncio pairou no ar, interrompido pelo som da ondulação agitada a bater no casco das embarcações. Os portugueses não sabiam o que fazer, até que por fim ouviram uma voz vinda do meio do convés.

— Feringgis?

— Sim — respondeu D. Rodrigo sem hesitações, procurando o interlocutor no meio do convés.

— Malaca, Goa ou São Tomé de Meliapor?

— Malaca! — voltou a dizer, tentando descortinar se os guerreiros seriam hostis ou não.

O homem que os questionava a bordo surgiu finalmente no meio dos guerreiros e aproximou-se da amurada. Tinha vinte e poucos anos, cabelos pretos compridos, ombros largos, com um sabre em punho e um colar de rubis que brilhava intensamente no peito nu.

— O meu nome é Muda. Qual de vós é o líder? — questionou num português quase perfeito, apontando para os dois europeus.

— Sou eu! — avançou Rodrigo, tomando a iniciativa uma voz altiva. — O meu nome é D. Rodrigo de Mascarenhas e sou um casado da Fortaleza de Malaca.

— D. Rodrigo, casado de Malaca, tenho a informar-vos que sois meus prisioneiros a partir deste momento!

— Qual a razão para sermos prisioneiros? — contrapôs D. Rodrigo, fazendo uma expressão de desagrado exagerada. — Malaca e Achém são povos amigos há muitos anos.

O malaio soltou uma gargalhada e gritou alto para os companheiros, traduzindo o que o velho português acabara de dizer. Uma risadinha geral percorreu a galé e todos a bordo fitaram os quatro homens que se mantinham no pequeno bote.

— Velho feringgi! — zombou o malaio com um largo sorriso e uma expressão jovial. — Nós não somos de Achém, nem nunca seremos!

Os quatro portugueses ficaram nervosos e sem saber o que fazer. Já sabiam que os malaios não eram de Johor. Se não eram de Achém, só podiam ser de alguma pequena tribo que prestava vassalagem ao sultanato do Norte da Samatra, ou então de Arakan.

Muda deu ordens para trazerem os quatro homens a bordo, o que aconteceu sem qualquer resistência. Os quatro homens foram amarrados com as mãos atrás das costas e levados à sua presença.

— Um dia, a fortaleza de Malaca será nossa, sabeis disso, não sabeis? — desafiou Muda num português claro e com um olhar penetrante.

— Não. Malaca é uma cidade portuguesa há quase cem anos e assim continuará nos próximos cem!

— Conheço Malaca muito bem. É uma cidade muito especial e o centro de toda esta região, mas conheço bem as suas fraquezas — adiantou Muda, com um sorriso desenhado no rosto. — Já estive lá várias vezes!

— Há muito tempo? — perguntou D. Rodrigo, tentando alongar a conversa para compreender melhor o que estava acontecendo. O malaio falava fluentemente português e o fato de dizer que não era de Achém deixou-o confuso e perturbado. — Presumo que vendeis pimenta ou outra

especiaria...

— Pimenta e cravo-da-índia! — respondeu Muda prontamente, rindo. Tinha os dentes muito brancos e um sorriso cativante. — Vejo que conheceis bem Malaca...

— E sois de onde?

O malaio compreendeu o que o português queria saber. Voltou a soltar um largo riso e não respondeu. Mais uma vez bradou qualquer coisa na sua língua nativa para a tripulação, tendo esta respondido com uma valente gargalhada. Três guerreiros trouxeram caldo de água doce para os prisioneiros, que beberam com sofreguidão. D. Rodrigo agradeceu a oferta, mas não teve tempo para muito mais. Foram imediatamente colocados no porão, presos num pequeno compartimento. Sentiram um odor pesado, um misto de umidade e bolor, e todos demoraram a habituar-se à pouca luz ao redor. Pouco depois, sentiram a galé em movimento.

Os malaios não voltaram a entrar no portão durante horas. Os quatro prisioneiros estavam esgotados dos últimos dias em alto-mar e acabaram por adormecer. Só voltaram a acordar horas mais tarde com o barulho de três malaios descendo a escada estreita. Estes limitaram-se a trazer água e comida e um deles entrou mesmo no compartimento onde estavam os prisioneiros para tratar da infecção que o canarim tinha no braço. Nenhum dos malaios emitiu qualquer palavra, nem mesmo o homem que fez o curativo a Sinha, e a escuridão voltou ao porão quase logo de seguida.

Os dias passaram com lentidão no meio do calor e da umidade. Foram bem tratados e, de vez em quando, Muda aparecia no porão para se certificar de que estavam bem. Trocavam algumas palavras em português, mas Muda acabava sempre por se esquivar em responder às questões colocadas. Terminava sempre com um sorriso enigmático e os portugueses não deixaram de ficar curiosos com aquele

homem, que tinha um colar de rubis no peito que brilhavam mesmo na escuridão do porão.

Nos dias seguintes, os prisioneiros comeram e beberam bem e conseguiram dormir ainda melhor. Até Sinha melhorou significativamente e deixou de sentir dores. Mais tarde, o canarim adiantou que já tinham passado dez dias desde que tinham sido feitos prisioneiros. Acrescentou que deveriam estar próximos de terra firme, porque já sentia o seu cheiro. Por isso, não foi com estranheza que os portugueses sentiram a galé acostar a terra naquela mesma tarde. Quando os quatro homens foram levados ao convés, não conseguiram aguentar a luz do sol. Era muito forte e, por momentos, sentiram-se mal.

— D. Rodrigo de Mascarenhas, espero que estes dias tenham sido suportáveis — avançou Muda em português.

— Sim, fomos bem tratados. Penso que deverei agradecer-vos — confessou Rodrigo com os olhos semicerrados. Não tinham razões de queixa, muito pelo contrário. Tinha sido salvos e quase que juraria que tinham até ganhado peso, depois daqueles dias à deriva em alto-mar. — Mas podereis dizer-me onde estamos?

— Claro que sim! — sorriu Muda, mostrando mais uma vez os dentes muito brancos e abrindo os braços entusiasticamente. — Bem-vindo ao sultanato de Aru!

Rodrigo não disfarçou alguma perplexidade. Fitou o malaio e depois voltou a olhar para o colar vermelho exuberante. Ouvira falar do sultanato de Aru nas conversas que mantivera com D. Diogo de Resende. Estavam no norte da costa leste da ilha de Samatra, mas muito mais perto de Malaca do que pensara.

Aru era um pequeno sultanato que ficava numa terra de ninguém, entre as influências de Malaca, Achém e Johor. Normalmente visto com um protetorado de Johor, Aru tinha sido conquistado pelo sultanato de Achém em 1539, com o

objetivo de controlar todas as zonas de produção de pimenta. Mas o domínio tinha sido efêmero. Johor e os seus aliados de Perak e Siak tinham conseguido libertar Aru numa batalha sangrenta, e desde então o sultanato conservava a sua independência. Era um dos poucos territórios da Insulíndia com o qual os portugueses não tinham contatos há muitas décadas.

— Encantado de vos conhecer, Muda — soltou Rodrigo, mais uma vez tentando evitar olhar para o colar de rubis do malaio. Mas parecia enfeitiçado. Nunca tinha visto uma coisa daquelas. — O meu nome é Rodrigo.

— Sim, eu sei! Vós já me havieis dito, feringgi! — continuou Muda, num tom jocosos, como se estivesse divertindo-se com aquela situação. — E a vós eu repito que sois prisioneiros do sultão de Aru.

— Isso significa que temos que continuar com as mãos amarradas?

— Temo que sim, D. Rodrigo. É para vossa própria segurança.

A carga a bordo da galé já estava em terra firme e a maior parte dela estava sendo colocada em carroças, em direção ao *kampung* que se estendia pelas encostas da enseada, por debaixo do manto espesso dos coqueiros. No porto, nenhuma das embarcações possuía os cartazes de navegação emitidos pelos portugueses. E pelo que vislumbrava em terra, D. Rodrigo percebeu que a galé em que tinha vindo trazia tecidos e sedas do Coromandel, o que representava uma ofensa grave às autoridades do Estado da Índia. Muda leu os pensamentos do casado português e desenhou um longo sorriso no rosto. Sabia quanto ele estava surpreendido, o que comprovava que os portugueses de Malaca e de Goa continuavam sem saber o que se passava naquela parte da ilha, mesmo depois de tantos anos passados desde a batalha de Sungai Paneh em 1539. Muda sabia que

ele próprio era um dos principais a garantir de que isso iria continuar acontecendo, tal como o seu pai e o seu avô tinham feito em tempos idos. Contra os inimigos de Achém e de Malaca! Por isso era tão importante a captura daqueles portugueses. Daquele modo conseguiriam conhecer melhor um inimigo de respeito, as suas qualidades e vicissitudes e, depois, no momento devido, ele próprio se certificaria de que não saíam dali com vida!

Muda fez uma reverência ao casado português e depois afastou-se na direção das carroças carregadas de tecidos indianos. Os portugueses ficaram ao cuidado de Sasu, um guerreiro alto, com uma expressão ríspida, que tinha uma cicatriz vincada na face esquerda. Sasu falava um português rudimentar e se comunicava com gestos bruscos. Foi com rispidez que deu indicação para que entrassem numa pequena barça e se sentassem na popa. Os portugueses trocaram olhares e embarcaram em silêncio. Ninguém percebeu o que se passava e quando Rodrigo perguntou para onde iam, o guerreiro fez uma expressão carrancuda e respondeu algo na sua língua nativa. A bordo da barça seguiam mais cinco guerreiros malaaios, e pouco depois, contornaram os navios e avançaram pelo porto.

O porto de Aru era uma pequena baía formada pela foz do rio e ladeada por dois grandes rochedos, onde bandos de aves marinhas normalmente apanhavam sol. As águas eram muito calmas e percebia-se que a profundidade era maior do que aparentava à primeira vista, dando por isso alguma dimensão à enseada e permitindo que alguns navios acostassem nos pontões. Ao longe, Rodrigo distinguiu Muda. As carroças seguiam na direção do *kampung*, mas Muda continuava supervisionando o movimento dos outros navios. Voltou a surpreender-se com a dimensão do porto e com o fato de Aru ter passado despercebido de Malaca, de Goa e dos sultanatos mais poderosos. Perguntou a si mesmo de que

é que viveria aquela tribo. Dizia-se que a produção de pimenta de Aru era diminuta, mas a verdade é que se respirava riqueza e o tráfego de navios indicava que as trocas comerciais eram muito mais volumosas do que os portugueses pensavam. Aru tinha sido menosprezada e com isso conseguira sobreviver aos acontecimentos na região.

O sol baixou rapidamente e já estava depois dos rochedos. A barça começou a subir o rio Pacém e foi ladeada por cinco pequenas lanchas que avançaram em conjunto, como uma escolta. Os guerreiros entoavam cânticos à medida que remavam e demonstravam uma força enorme, atingindo uma velocidade estonteante mesmo contra a corrente das águas.

À medida que a escuridão tomou conta da selva, o ambiente ficou mais carregado. A luz limitou-se às pequenas tochas das lanchas e reinou um silêncio absoluto, apenas interrompido pelo som dos remos na água ou de aves noturnas esvoaçando pelas margens. Os guerreiros recusaram todos os pedidos dos portugueses e apenas Sasu se virou uma vez na direção deles, para depois os ignorar. Não sabiam por que tinham sido feitos prisioneiros, não sabiam para onde iam, não tinham água e começavam a enfraquecer por falta de comida. Ao mesmo tempo, Sinha pediu para ser desamarrado, gritando de dor. Os ferimentos que tinha no braço tinham piorado e o canarim parecia desesperado.

— D. Rodrigo, temos que fazer alguma coisa — defendeu Pedro Yamamoto, num tom muito baixo para os guerreiros malaios o ouvirem. — Pressinto que estamos em grande perigo. Temos que agir...

— Ainda não, Pedro! Ainda é cedo. Não temos a surpresa do nosso lado e eles têm demasiada vantagem...

— Por favor, D. Rodrigo — insistiu o samurai, cerrando os dentes. — Tem que ser agora, antes de chegarmos ao

nosso destino... Sinha não está bem!

Pedro Yamamoto não concluiu o que estava dizendo. Um raio de luz iluminou a escuridão da selva de Aru e pouco depois um estrondo trespassou o rio. As aves noturnas agitaram-se, vários macacos saltaram das árvores das margens para as barcaças, mas os guerreiros continuaram a remar, depois de breves momentos de hesitação.

A tempestade desabou sobre eles e a chuva começou a cair torrencialmente, apagando as tochas das barcaças. Na escuridão, os prisioneiros notaram que os guerreiros estavam nervosos. Começaram a discutir, com vozes sobrepostas e percebeu-se que não estavam de acordo acerca do que fazer a seguir. A chuva caía cada vez mais violentamente, sem dar tréguas, e o nível de água dentro da barcaça subia rapidamente. Mas a voz forte de Sasu pôs um fim repentino à discussão e os guerreiros continuaram remando rio acima.

Um novo raio branco irrompeu pelos céus bem perto deles e uma luz intensa iluminou de novo as redondezas. As águas agitaram-se e a barcaça balançou perigosamente. Quando os prisioneiros olharam para o lado, perceberam que Sinha tinha desaparecido.

— Caiu no rio! — gritou Manuel, desesperado, atrás de D. Rodrigo. — Eu vi! Sinha não aguentou o balanço e caiu no rio...

Rodrigo hesitou, sem compreender o que estava acontecendo. Tudo tinha sido muito rápido e não tivera tempo para perceber se Sinha tinha caído ou se tinha se atirado ao rio. Virou-se na direção do samurai, mas viu que Sasu, o guerreiro da cicatriz, caminhava na sua direção. O estrondo de um novo relâmpago assustou todos a bordo e a barcaça voltou a balançar violentamente. Sasu agarrou-se para não cair, mas rapidamente recuperou o equilíbrio e avançou na direção dos prisioneiros.

Capítulo 26

ARU, 7 DE SETEMBRO DE 1606

“A BATALHA DE SUNGAI
PANEH EM 1539 FOI O MAIOR
SUCESSO MILITAR DE JOHOR,
APÓS A QUEDA DE MALACA EM
1511. JOHOR E OS SEUS ALIADOS
CONSEGUIRAM LIBERTAR O
SULTANATO DE ARU E APENAS 14
DOS 160 NAVIOS DO SULTÃO DO
ACHÊM, ALI MUGHAYAT SYAH,
SOBREVIVERAM À BATALHA.
HOVE MILHARES DE
MORTOS...”

Seharah Indonesia



s cinco barcaças chegaram ao destino na manhã seguinte. A tempestade tinha passado e as últimas horas de viagem tinham sido mais calmas. Os guerreiros estavam extenuados, mas contentes por chegarem a casa depois de tantas semanas no mar. As barcaças passaram por debaixo de vários ramos de árvores e avançaram por um pequeno braço de rio até chegar a uma enseada, onde se avistaram as primeiras casas de madeira na selva. Os guerreiros baixaram o ritmo e aproximaram-se vagarosamente da margem.

Os prisioneiros dormiam esgotados na popa quando a barcaça acostou no pequeno cais de madeira, mas acordaram repentinamente com o movimento a bordo e vozes ao longe que provinham do ancoradouro. Perceberam que estavam no meio da selva e que mal conseguiam descortinar o azul do céu por entre as copas das árvores. Quando D. Rodrigo ficou mais desperto, lembrou-se do sucedido. Sinha tinha sido morto! Assim que caiu da barcaça, os malaios deixaram de remar e saíram no seu encalço. Apesar da escuridão, Sinha foi rapidamente encontrado. Tinha as mãos amarradas, mas tinha conseguido nadar e afastar-se das barcaças. Sasu tinha sido implacável! O guerreiro esperou por um relâmpago e

atingiu o canarim com a sua lança, tirando-lhe a vida instantaneamente.

O mesmo Sasu vinha agora na sua direção e fez um movimento brusco, indicando que tinha de se levantar e desembarcar. Mantinha uma expressão pesada, distante e ameaçadora. O malaio insistiu e os três prisioneiros subiram para o ancoradouro, deparando-se com dezenas de pessoas. Ficaram boquiabertos! Parecia que era a primeira vez que aquelas pessoas viam europeus, mas depois compreenderam que os malaio olhavam principalmente para o gigante japonês. O samurai continuava nervoso e sentia o perigo à sua volta. Amargurou-se por não ter tomado qualquer iniciativa contra os guerreiros durante a tempestade e antes que Sinha tivesse sido morto. Sabia que teria sido bem-sucedido, especialmente quando eles estavam desorientado com a chuva intensa, a forte corrente e a água entrando nas barcas.

No pontão de madeira, os portugueses reconheceram Muda no meio da multidão. D. Rodrigo apressou o passo, mas cedo compreendeu que Muda tinha agora uma expressão dura e pesada.

— Muda! — começou D. Rodrigo com uma voz amistosa, olhando para o peito do malaio. Ele tirara o colar de rubis e tinha agora um colar com pequenas esmeraldas que brilhavam intensamente. — Por que nos tratais desta maneira?

— Que quereis dizer? — ripostou Muda bruscamente, tratando-o com menos deferência. — Tratamos melhor os nossos inimigos do que Malaca ou Goa. Vós sabeis que isso é verdade...

— Mas nós não somos o inimigo, Muda! — tentou Rodrigo, numa voz conciliadora. Sabia que Muda tinha alguma razão e mais uma vez se espantou com os conhecimentos do malaio. Tinha estado em Malaca,

possivelmente estivera já em Goa. A verdade é que Muda conhecia muito bem os portugueses e ele conhecia muito pouco de Aru. Sabia que não controlava os acontecimentos.

— Malaca nunca fez mal a Aru...

— Sasu, o meu imediato, é de poucas falas e por vezes um pouco brusco. Mas é um bom homem! Se ele tirou a vida de um companheiro vosso, é porque assim foi obrigado!

— Sinha caiu da barça com a agitação das águas...

— Sabeis que isso não é verdade. O indiano estava tentando fugir! — ripostou com um tom duro, mostrando o seu desagrado. — Agora, vinde! Temos que nos apressar. Temo que as notícias não sejam boas...

— Como assim?

— O sultão ficou irritado com o sucedido e pediu a vossa presença imediata no palácio...

Os guerreiros malaaios obedeceram às ordens de Muda e avançaram pelo cais, por entre a multidão. Os prisioneiros estavam estarecidos, sem compreender o que se passava e o que poderia acontecer. Avançaram, arrastados pelas ruas da cidade. O sol estava alto, mas os raios não chegavam a entrar devido à densidade das copas das árvores. Todas as casas pareciam camufladas pela natureza e era difícil, para quem atravessava o rio Pacém, ter uma noção da dimensão da cidade. Era muito grande, moderna, com dezenas de ruas e centenas de casas de madeira construídas ao longo dos montes na margem do rio, por entre as árvores, e algumas delas mesmo na copa das árvores. A sua mera existência era surpreendente...

— D. Rodrigo, sabeis o que está se passando? — perguntou Pedro Yamamoto ao casado, afastando-se do grupo de malaaios que continuavam a segui-lo com curiosidade. — O que é que eles querem de nós? Por que nos tratam desta maneira?

— Não sei, Pedro! — respondeu Rodrigo com uma

expressão desconcertada. — O sultão quer conhecer-nos! Pressinto que vamos ter mais problemas...

O palácio do sultão era um edifício gigantesco de madeira construído no meio das árvores, relativamente afastado da cidade e do rio. Estava camuflado pela vegetação luxuriante e só muito perto se percebia a sua verdadeira dimensão. Susa e os guerreiros pararam por detrás de quatro árvores gigantes, bem defronte de uma larga escadaria de madeira. Os prisioneiros começaram a subir os degraus ladeados pela escolta malaia. D. Rodrigo levava a dianteira, tentando compreender o local onde se encontrava. Sabia que a escadaria dava acesso à porta principal e depressa concluiu que o palácio era muito mais alto do que parecia à primeira vista. Tinha vários andares de altura e o teto chegava a tocar na copa das árvores mais altas. Toda a estrutura misturava o castanho e o verde e os cantos eram decorados por estátuas de pedra, de deuses, que pareciam estar protegendo o palácio.

Quando chegaram ao final da escadaria, os cânticos cessaram e um silêncio instalou-se nas redondezas. Os portugueses suavam abundantemente e estavam ofegantes. Ouviam-se os sons da selva ao longe e o crepitar das folhas das árvores. Os malaios formaram um corredor no final da escadaria e Muda deu indicação para os três portugueses avançarem. Quando os três homens chegaram à porta principal do palácio, viram que estavam por cima da copa das árvores mais baixas. A porta de entrada do palácio era abobadada e ladeada por duas pequenas colunas de pedra, com caras de deuses sorridentes e de olhos fechados, como se estivessem rezando. Ao lado de cada uma delas, estava uma grande boca de fogo de bronze, como se estivesse ameaçando a entrada de estranhos. Pela primeira vez, os portugueses sentiram a luz do sol, mas estavam desconcertados com o que viam.

— D. Rodrigo, estais a ver o mesmo que eu? — sussurrou Manuel, com um ar assustado, assim que ultrapassaram a entrada.

— Sim, Manuel. São canhões portugueses! — respondeu D. Rodrigo abismado, perguntando a si mesmo como é que aqueles canhões tinham chegado ali. — Têm as nossas quinas fundidas no metal!

A comitiva avançou pelos meandros do palácio e pouco depois, quando chegaram a uma antecâmara, Muda parou. Os guerreiros malaios ficaram para trás e Muda encaminhou os prisioneiros para um grande corredor em direção a uma porta dourada. Dois guardas muito altos guardavam a entrada, mas abriram a porta assim que Muda se aproximou.

Os prisioneiros entraram num salão enorme, cheio de luz, com várias janelas abertas. Dezenas de pessoas magnificamente vestidas estavam sentadas e em pé ao longo do salão, fitando em silêncio a entrada dos prisioneiros, como se eles fossem seres desconhecidos. Os três homens avançaram lentamente e, por fim, avistaram o sultão de Aru sentado numa cadeira de marfim. Muda segurou o passo a alguns metros do sultão e dirigiu-se-lhe com uma voz firme e com grande solenidade. Era um rapaz muito novo, que não deveria ter mais do que 15 anos. Era o único na sala que estava de tronco nu e exibia no peito um colar de várias pedras preciosas que brilhavam intensamente. Ao seu lado, o sultão tinha quatro pequenas estátuas de leões dourados, sentados, lado a lado, como se estivessem protegendo o monarca de algum perigo incerto.

Muda continuou falando na sua língua materna e, de vez em quando, apontava para os três prisioneiros. Os malaios emitiram um grito grave e depois fitaram os portugueses, que se mantinham em silêncio. O sultão nada disse. Fixou o olhar nos três homens por longos momentos, em especial em Pedro Yamamoto. Depois levantou o braço esquerdo e disse

algo numa voz muito delicada.

O sultão não tinha gostado do que tinha visto e tomou uma decisão. Muda explicou por que os tinha mantido vivos e que era um erro tirar a vida daqueles homens antes que eles contassem tudo o que sabiam. O sultão anuiu e concordou em mantê-los vivos, sob a responsabilidade de Muda, com o objetivo de recolher informações sobre a grande batalha que tinha ocorrido perto do Cabo Rachado! No entanto, alertou para o perigo que era manter aqueles estrangeiros vivos e, por isso, deu um prazo de dez dias a Muda para interrogar os prisioneiros. Passado esse prazo, teriam que ser mortos para não revelar o segredo de Aru!

Muda assentiu e deu as suas ordens. Os guerreiros cercaram os portugueses e levaram-nos rapidamente para fora do palácio. Desceram a escadaria em direção ao interior da selva, sob o olhar de centenas de malaios, e os três homens acabaram por ser aprisionados numa pequena cabana no meio da selva, debaixo da copa de uma árvore muito grande, a centenas de passos do palácio.

Os prisioneiros sentiam-se desesperados. Continuavam sem saber por que tinham sido presos e não tinham compreendido o que se passara na corte do sultão. Ficaram num impasse durante longas horas, debatendo o que poderiam fazer e que soluções teriam para fugir dali. Entretanto, os malaios deram-lhes de comer e beber, mas em nenhuma ocasião falaram com eles. Os portugueses perguntaram várias vezes por Muda, mas os malaios foram inflexíveis. Tinham ordens claras para não se comunicarem com os portugueses.

O ambiente na cabana rapidamente se tornou fétido. Um misto de suor, dejetos humanos, restos de comida, misturado com os odores da selva. À noite, os prisioneiros ouviam os sons da festa dos malaios e os barulhos provenientes do interior da selva, assustadores, graves e intermitentes. Muda

estava desaparecido e eles continuavam sem que lhes dessem explicações. A ansiedade tornou-se difícil de suportar e os três homens começaram a desenhar um plano de fuga. Mas nada parecia fazer sentido. Estavam presos, longe de tudo e perdidos no meio da selva. A única coisa que sabiam era que o rio os levaria ao mar, mas também sabiam que estavam longe de qualquer forte português.

Passaram-se quatro dias e o estado de saúde dos prisioneiros começou a deteriorar-se, especialmente a de D. Rodrigo. Começou a sentir-se febril e passava cada vez mais tempo a dormir, como se estivesse inconsciente e perdido no mundo. À noite, os sons vindos da selva eram ensurdecedores e, muitas vezes, os três homens recearam ser atacados por um animal feroz que conseguisse entrar na cabana. D. Rodrigo pouco se apercebia do que se passava à sua volta. A febre agravava-se e poucos foram os momentos em que esteve consciente. Apenas a insistência do samurai mantinha o casado vivo. Pedro Yamamoto sentava-o em esforço e obrigava-o a comer e a beber de modo a que o português conseguisse resistir à febre.

Finalmente, uma noite em que chovia abundantemente, Muda surgiu à entrada da cabana. Tinha sido avisado que um dos prisioneiros parecia estar às portas da morte. Em silêncio, Muda entrou na cabana e observou o casado português durante alguns instantes, afastando-se logo a seguir. Voltou à cabana pouco depois e debruçou-se perto do corpo estendido de D. Rodrigo. Abriu a palma da mão. Tinha uma porção de pequenas bagas vermelhas. Colocou três na boca do casado português e depois entregou as restantes ao samurai.

— Amanhã de manhã tem que comer mais três bagas assim que acordar.

— O que é isto?

— Um pequeno segredo de Aru! — respondeu Muda.

Propositadamente deixara os prisioneiros num estado de ansiedade crescente, de modo a quebrá-los antes de começar a fazer as suas perguntas. Tinha de saber mais sobre aqueles homens, sobre a cidade onde eles viviam e sobre aquela batalha no mar de que todos falavam. — Tendes que fazer o que vos digo! Dentro de dois dias estará melhor. Nessa altura, o sultão deseja ver-vos novamente.

Pedro Yamamoto fez um sinal de concordância e viu Muda sair da cabana, em silêncio. Trocou olhares com Manuel e fitou as bagas que tinha na mão. Por momentos, pensou que o malaio poderia estar envenenando D. Rodrigo, mas depois afastou essa ideia. Afinal, por alguma razão, tinham sido mantidos ali durante todas aqueles dias!

D. Rodrigo de Mascarenhas não melhorou logo. O seu corpo tremia, dormia grande parte do tempo e quando abria os olhos parecia que fitava o vazio. Não reconhecia nenhum dos outros dois homens nem perguntava o que estava fazendo ali, aprisionado naquela cabana na selva. De vez em quando emitia frases soltas e sem sentido para Pedro Yamamoto ou Manuel, e falava de África, das areias e dos mouros.

— D. Rodrigo endoideceu! — renunciou Manuel, comendo com ferocidade a papa de frutos que os malaio lhe tinham trazido. Não sabia o que era, mas gostava do sabor e comia com apetite. — E nós seremos os seguintes... Nunca iremos sobreviver a esta selva!

— Tendes de ter fé, Manuel. Deus, Nosso Senhor, está velando por nós e por D. Rodrigo!

— Deus, Nosso Senhor, desistiu de nós! — desabafou Manuel, num tom irritado. — Se não fosse assim, não estaríamos aqui.

— Por alguma razão ainda estamos vivos... Tendes de ter fé!

Pedro Yamamoto não desistiu e manteve D. Rodrigo

vivo. Horas depois, as bagas vermelhas pareceram fazer efeito e a febre baixou. Voltou a deitar D. Rodrigo no chão e cobriu-o com a pequena manta que os guardas lhe tinham deixado.

O casado continuou num estado semi-inconsciente e lutando contra a febre, soltando frases perdidas. Instantes depois, adormeceu profundamente e voltou a sonhar. Tentou afastar os grãos de areia dos olhos e sentiu um vento quente batendo na face. Tinha o corpo muito quente e avistou D. Diogo de Resende. Estava muito mais novo, tinha cabelos compridos pretos, e caminhava de armadura com o porte muito direito. Ao seu lado, estava um jovem cavaleiro bem-vestido que se apresentou como adjunto de D. Diogo. Era muito mais baixo do que ele, mas o seu rosto também não era estranho. Percebeu que se tratava do Grão-Capitão André Furtado de Mendonça. Muito novo, com a cara pouco queimada do sol, sorria nervosamente, com o mesmo bigode espetado e o nariz pontiagudo. Do topo do cavalo, avistava milhares de soldados e estandartes lusitanos esvoaçando, formando um exército invencível e que se preparava para se cobrir de honra e glória. Sentiu a brisa do mar refrescando-lhe a face e vislumbrou a frota de caravelas com a cruz de Cristo estacionada na baía.

Pouco depois, deu um grito agudo, violento e acordou sobressaltado. Pedro Yamamoto e Manuel de Goa assustaram-se e pararam de falar. D. Rodrigo respirava de um modo ofegante e tinha os olhos muito abertos. Vivera um sonho muito real. Sentiu-se velho e cansado, com imagens do passado atormentando-lhe o espírito. Recordou majestosos palácios, grandes conventos e os cavalos que montara pelas planícies verdes junto ao rio. Depois viu novamente o castelo no topo da ilha do rio. Almourol – sim era isso! Era muito real.

— Tendes de ter calma, D. Rodrigo! — pediu Yamamoto,

afagando-lhe a testa. — Já passou!

— Onde estamos? — inquiriu, num tom nervoso, ainda com a respiração ofegante e agarrando os braços do samurai com muita força.

— Em Aru! — respondeu Pedro Yamamoto num tom calmo. — Estamos aqui há alguns dias! Somos prisioneiros do sultão e de Muda. Recordais-vos?

D. Rodrigo assentiu a cabeça. Ia dizer que sim, mas tinha a garganta muito seca para falar. Teve dificuldades em engolir e deitou-se de novo, com a ajuda do samurai. Sentiu a respiração mais lenta e, pouco depois, voltou a um estado semi-inconsciente.

— Adormeceu de novo — disse Pedro Yamamoto. Estava muito preocupado com a saúde do casado português e sentia que tudo dependeria de Muda. Apenas lhe restava rezar. — É melhor assim, talvez desta forma consiga vencer a doença.

— Sim — confirmou Manuel de Goa, visivelmente afetado pela loucura e pelo estado febril do casado. — Melhor assim...

Os dois homens voltaram a sentar-se no chão. Sentia-se a umidade no ar e, lá fora, já se ouviam relâmpagos, sinal de que iria chover em breve. Os dois guardas à entrada da cabana falavam alegremente, sem que os prisioneiros entendessem o que diziam. Manuel continuava com a cabeça fervendo. Aproximou-se do samurai e continuou a falar baixinho.

— Reparastes no que o sultão trazia no pescoço? — continuou Manuel, num tom insistente

— Sim, reparei! — assentiu o samurai. — Como é que seria possível não reparar?

— Nunca tinha visto um conjunto de rubis com tamanho brilho... — adiantou Manuel, entusiasmado. — E os pequenos leões dourados?

— Sim, também os vi! Ao lado do sultão! — respondeu

Yamamoto com alguma impaciência, olhando de soslaio para o casado. D. Rodrigo suspirava profundamente e de vez em quando soltava uma palavra indecifrável. — O que é que tem?

— O que é que tem? — questionou Manuel, levantando-se e mantendo o mesmo tom irritado. Não conseguia que o samurai percebesse o que estava se passando. Dois guardas malaios tinham-no levado ao outro lado da cidade, com esperança que ele ajudasse na construção de uma ponte. Tinha estado várias horas fora da cabana. Depois disso, saíra mais uma vez da cabana e comprovava o que tinha visto. — O que é que tem?

— Sim, o que é que tem?

— São os leões dourados sentados! — respondeu Manuel, exasperado, quase gritando. — Como dizem as inscrições!

— Quais inscrições, Manuel? — inquiriu o samurai, quase num tom trocista, olhando de soslaio para D. Rodrigo. — Do que é que estais a falar?

— Estou falando das oferendas do imperador da China ao sultão de Malaca! — explicou Manuel, tentando falar num tom baixo, mas levantando as mãos para o ar, com um pequeno sorriso desenhado nos lábios. Conhecia bem as lendas daqueles mares e por mais do que uma vez tinha ouvido a mais importante de todas. — Estou falando da *Flor do Mar*! Certamente que conheceis?

— Não, Manuel! Não conheço essa flor de que falais...

— Mas o que é que vós aprendeis com os jesuítas? — ripostou Manuel, um pouco mais alto. Lá fora, chovia violentamente e os guardas não ouviam nada mais do que a tempestade.

Naquele momento, D. Rodrigo despertou e abriu os olhos. Perguntou a si mesmo se tinha ouvido bem ou se ainda estava sonhando. Ouvira Manuel falando da *Flor do*

Mar. Tentou mexer os braços, mas não conseguiu. Sentia-se ensofado no seu próprio suor e notou o seu próprio cheiro. Sentiu um vômito e um espasmo violento, mas conseguiu acalmar-se e deixou-se ficar deitado, de olhos abertos, fitando o teto da palhota.

A *Flor do Mar* era uma das mais conhecidas lendas da Índia. Tratava-se do navio-almirante de D. Afonso de Albuquerque, que regressava a Goa, depois da conquista da cidade de Malaca. Levava a bordo o maior tesouro alguma vez visto na Índia, com todas as riquezas do sultanato de Malaca. Mas o navio tinha naufragado dias depois de ter saído de Malaca, no meio de uma violenta tempestade, e o tesouro tinha se perdido para sempre. D. Rodrigo voltou a fechar os olhos e recordou o que tinha visto. Agora que tinha ouvido Manuel, compreendeu os rubis, os diamantes, as esmeraldas, os canhões e, sobretudo, os quatro pequenos leões dourados. Eram quatro, exatamente como dizia a lenda! Por momentos pensou que continuava a sonhar...

— Por certo vistes a mesa que estava defronte do sultão? Uma mesa de quatro pés coberta de pedras preciosas, exatamente como reza a História! — continuou Manuel no mesmo tom. — As pessoas de Goa conhecem bem essa história. Era a mesa onde os sultões de Malaca tomavam as refeições! Só aquela mesa deve valer centenas de ducados...

— Conta-se que a *Flor do Mar* naufragou perto da ilha de Samatra, muito perto daqui! — soltou D. Rodrigo, deitado, ainda com a voz a falhar. Tinha a garganta seca e os músculos doridos, mas sentia-se um pouco melhor e, acima de tudo, pasmado com o que ouvira.

Manuel conteve as palavras e os dois homens fitaram o casado que tentava sentar-se vagarosamente. Tinha a cabeça pesada e o espírito cheio de recordações. Ainda pensava em D. Diogo de Resende e no Grão-Capitão, mas depois lembrou-se da *Flor do Mar*. D. Diogo contara-lhe essa história

pouco antes do ataque a Damião de Brito. Recordava-se muito bem daquele dia. Estavam os dois numa taberna em Tranqueira, perto do pelourinho, quando D. Diogo lhe falara do saque a Malaca e das riquezas que se tinham perdido por obra do destino.

— A lenda conta que a *Flor do Mar* naufragou à saída do estreito, perto de Samatra. Pode ter sido perto do sultanato de Aru...

— Foi o que eu disse, D. Rodrigo! — continuou Manuel de Goa, entusiasmado. — É onde nós estamos e numa cidade incógnita para o mundo. Deus me perdoe, mas o verdadeiro coração de Aru é onde nós estamos e não o kampung que vimos no porto!

— D. Rodrigo!? — soltou o samurai com uma voz intermitente, fitando a figura do casado português. — Estais melhor?

— Sim, sinto-me melhor, obrigado! — respondeu, encostando-se à parede da cabana e tentando manter os olhos abertos. — Mas agora, Manuel, tendes que me explicar o que vistes!

Manuel adiantou que começara a desconfiar dos canhões de bronze à entrada do palácio, dos quatro leões dourados e de todas as pedras preciosas que os guerreiros nobres usavam ao peito. A mesa com pedras preciosas tinha lhe chamado a atenção porque lhe fazia lembrar as histórias que ouvira nas ruas de Goa.

As suspeitas adensaram-se e Manuel tivera certeza absoluta quando voltara a sair da palhota para ajudar os malaio na construção de uma ponte móvel. Nessa altura, descobrira onde é que os malaio guardavam o seu maior segredo: numa gruta, não muito longe do palácio do sultão. Uma enorme porta de madeira tapava a entrada dessa gruta, sempre guardada por três guerreiros. Manuel tinha visto a porta entreaberta quando seguia, em grupo, na direção da

ponte e apercebera-se que quatro guerreiros tinham saído da gruta com um baú.

— Isso não significa que o baú estivesse cheio de joias! — atalhou o samurai, bastante cético com o que Manuel contava. Aquilo parecia uma loucura, um mero conjunto de suspeitas sem sentido, de alguém que estava na selva há muito tempo.

— É verdade! — assentiu Manuel. — Podia haver o que quer que fosse lá dentro...

— É exatamente isso que eu estou tentando dizer. Vejo que por fim me dais razão...

— Mas o que eu vi não deixa me deixa dúvidas... — adiantou Manuel, olhando fixamente para os outros dois prisioneiros. — Um dos guerreiros levava nas mãos uma pequena estátua de um elefante dourado. Brilhava à luz do sol e parecia ser feita de pedras preciosas...

— Podeis ter alguma razão, Manuel! — respondeu D. Rodrigo, assentindo com a cabeça e tentando encontrar uma posição sentada em que se sentisse confortável. — Afinal, estamos em Aru! Como dissestes, estamos no coração de Aru, onde, aparentemente, nenhum outro português esteve antes...

— E agora, o que fazemos?

— Agora fazemos aquilo que estávamos pensando. Temos que fugir! — respondeu, sem hesitar. Sabia que não podia ser de outra maneira. Apesar de enfraquecido, tinha consciência de que a sua vida e a dos seus companheiros estava por um fio. Aru tinha revelado o seu segredo por alguma razão, ao permitir que ficassem a conhecer a cidade no meio da selva. Não descortinava a razão pela qual Muda e o sultão os mantinham prisioneiros, mas suspeitava que a situação podia se agravar muito rapidamente.

Os prisioneiros começaram a preparar a fuga no dia seguinte. D. Rodrigo fingiu que continuava doente sempre

que os guardas entravam na cabana, de modo a evitar que Muda os chamasse para irem ao encontro do sultão e, assim, ganhar algum tempo. Estudaram o plano de fuga nos dois dias seguintes e concluíram que podia funcionar, até mesmo Pedro Yamamoto. Sairiam dali com vida e com parte do saque do Terribel.

Os três homens avançaram no meio da noite, quando a cidade estava mergulhada num silêncio absoluto. Chovia intensamente e a vigilância diminuía, como eles tinham previsto. Apenas um guarda vigiava a entrada da cabana. O samurai forçou silenciosamente a taipa da cabana e foi mais fácil do que parecia à primeira vista. A taipa não ofereceu muita resistência e o samurai fez uma abertura suficientemente grande para sair. Caminhou lentamente ao longo da parede da cabana e depois atacou de surpresa o guarda que estava sentado perto da porta. Colocou uma das mãos na boca do malaio e com os cotovelos torceu-lhe o pescoço num golpe seco e mortal.

Pedro olhou em volta e não viu qualquer malaio nas redondezas. Manuel de Goa tinha razão! Os malaios estavam muito confiantes e a segurança diminuía com o passar dos dias, especialmente nas noites de chuva. Os três prisioneiros afastaram-se da cabana em pequenos passos e seguiram para a gruta que Manuel descobrira dias antes a norte do palácio.

Como suspeitavam, a aldeia dormia, mas os três guardas da gruta mantinham-se em posição, apesar da chuva intensa. Segundo Manuel, era ali que os malaios guardavam o tesouro que mudara as suas vidas, cerca de cem anos antes. Sendo assim, percebia-se como o Sultanato de Aru continuava tendo uma frota que mantinha laços comerciais com Coromandel, Arakan e Kedah, mesmo sem os passes de navegação emitidos pelas autoridades portuguesas.

Rodrigo sabia que o sultanato de Aru caíra nas mãos do Achém muitas décadas atrás, até serem derrotados na célebre

batalha de Sungai Paneh. O Exército de Achém era composto por 12 mil soldados, mas agora percebia que nunca tinha chegado até ali. Por certo, os achéus tinham assumido que o *kampung* na foz do rio Pacém seria a capital do sultanato de Aru. O mais certo era os seus aliados de Johor terem caído no mesmo erro e, assim, a cidade escondida no meio da selva, na margem do rio, mantivera-se incógnita.

Os três prisioneiros estavam escondidos no meio da vegetação e observavam os movimentos dos guardas. D. Rodrigo fez sinal e o samurai avançou. Pedro Yamamoto estava desprovido do seu Daishô, mas nem por isso era um guerreiro menos perigoso. Os seus passos foram silenciosos e nenhum dos guardas se apercebeu do que estava a acontecer. Pedro atacou o guarda que estava mais afastado da porta da gruta, pondo a mão na boca e com os braços torceu-lhe o pescoço. O malaio teve morte imediata e caiu em silêncio. O samurai avançou e reparou que os outros dois guardas estavam lado a lado, à entrada da gruta. Hesitou e, depois, apercebeu-se que D. Rodrigo estava saindo do monte de ramos e folhas que o protegia. Compreendeu o que o casado se preparava para fazer. D. Rodrigo avançou pelo outro lado e os dois homens agiram como se percebessem os movimentos um do outro. Cada um deles atacou um dos guardas. A violência foi imensa, mas rápida, e os dois guardas caíram ao mesmo tempo no chão, já sem vida.

D. Rodrigo retirou os punhais que os guardas traziam à cintura e fez sinal para Manuel avançar. O goês correu até a porta da gruta e confirmou que estava fechada. Forçou-a, mas não conseguiu deslocá-la. D. Rodrigo fez o mesmo, pressionando-a, mas ela não se moveu.

— Deixem-me tentar! — soltou baixinho o samurai. Estava encharcado e o suor escorria-lhe pela testa, mas tinha um olhar decidido.

O silêncio na cidade era total, apenas interrompido pelo

ruído surdo da chuva caindo. Estavam em segurança por enquanto! Pedro Yamamoto encostou o corpo à porta e fez força. A porta não se moveu, mas depois insistiu e forçou um pouco mais, juntando as duas mãos. Segundos depois, a porta começou a ceder e D. Rodrigo e Manuel conseguiram entrar na gruta.

Uma pequena tocha ardia no interior da gruta e iluminava ligeiramente a entrada. Rodrigo pegou na tocha e avançou. Sabia que não tinham muito tempo! A gruta não era muito grande. Tinha um pequeno corredor que dava acesso a uma antecâmara e logo ali confirmaram o que goês afirmara!

— Eu sabia que tinha razão!

Uma riqueza imensa exibiu-se para espanto dos dois homens. Milhares de pedras preciosas estavam arrumadas em pequenos e grandes baús de cobre e pele. Rodrigo avançou pela antecâmara e descobriu moedas de ouro e prata, pequenas estátuas de animais, bem como várias outras peças de joalheria e pedras preciosas. Por momentos, parou deslumbrado, mas depressa recuperou a consciência do que via. Agora já não tinham dúvidas! À sua frente estava o que restava do saque de Afonso de Albuquerque, depois de ter conquistado a cidade de Malaca. O coração de ambos batia em ritmo acelerado, mas sabiam que tinham que ser rápidos.

— Levamos apenas um baú. — ordenou D. Rodrigo num tom assertivo. Ouvia-se um som de água correndo ao longe e pensou que deveria tratar-se de um pequeno afluente subterrâneo que deveria correr para o rio Pácem. — Nunca conseguiremos levar mais do que isso!

— E deixamos o resto aqui?

— Não temos outra hipótese, Manuel — avançou Rodrigo, numa voz ríspida. Sabia que aquilo podia ser a sua perdição. Não podiam ser gananciosos e tinham que mostrar humildade. — Temos muito pouco tempo, sabeis disso!

D. Rodrigo ajoelhou-se e benzeu-se. Depois foi muito rápido. Olhou para os vários baús e escolheu um, o maior, repleto de pedra preciosas. Sabia que o conseguiria transportar até o rio. Ele e Manuel tentaram levá-lo, mas foi difícil. Arrastaram então o grande baú até a entrada da gruta, onde o samurai continuava em guarda. Pedro Yamamoto trouxe-o para fora da gruta – era imensamente pesado, mas conseguiu com grande esforço.

— Tendes que seguir para o porto e escolher uma barça! — ordenou D. Rodrigo, depois de fechar a porta da gruta. Continuava aberta, mas pelo menos conseguia disfarçar ligeiramente a situação. — Mas, depois, vou precisar de vós!

— Onde vamos, D. Rodrigo? — perguntou o samurai, pressentindo algum perigo.

— Tendes que levar o baú para o porto com a ajuda de Manuel! Depois quero que espereis por mim no sopé do palácio do sultão! — respondeu num tom de voz altivo, olhando em redor. Continuava chovendo, numa escuridão absoluta, e não se avistava ninguém — Temos que fazer História!

D. Rodrigo afastou-se rapidamente da entrada da gruta, deixando os dois homens para trás. Pedro Yamamoto e Manuel de Goa pegaram no baú e avançaram para o desembarcadouro. Tiveram que parar alguns metros à frente por causa do grande peso. Demoraram mais de dez minutos para chegar ao pontão de madeira e, nessa altura, pararam e olharam ao redor. Não encontraram nenhum malaio por perto, como se Deus lhes tivesse oferecido um milagre. Manuel correu até o final do pontão e descobriu o que precisava. Saltou para uma das barças e começou a desamarrá-la, enquanto o samurai avançava sozinho pelo cais, arrastando o baú com esforço. Manuel puxou a corda que prendia a barça ao cais e acostou-a ao pontão. Por

momentos pensou que a barcaça não teria força para aguentar o baú, mas enganou-se. O samurai colocou lentamente o baú na ponta do cais, saltou para o bote e, sozinho, colocou o baú a bordo.

O samurai sentiu o coração batendo e concluiu que podiam sair dali com vida. Saiu do porto e avançou pela selva até o palácio do sultão. Assim que lá chegou, encostou-se a uma das grandes árvores e esperou pelo nobre português.

Afinal, D. Rodrigo fora ambicioso. Decidira que levariam apenas um baú, mas ao mesmo tempo pensara que não poderiam deixar para trás a oferta que o imperador da China fizera ao sultão de Malaca no século XV. Sabia que era arriscado, mas tinha decidido assim, guiado pela intuição. Poderia ser bem-sucedido e que Deus estava do seu lado! Pensava nisso enquanto trepava na árvore. Quando chegou perto da janela, confirmou que a sala da Corte se encontrava vazia. O sultão deveria estar descansando nos seus aposentos e os guardas deveriam estar do outro lado da porta.

Saltou para dentro do salão e tentou ser muito rápido. Pegou nos pequenos quatro leões dourados e atirou-os pela janela, um a um! Sabia que eram feitos de ouro maciço e, que por isso, resistiriam à queda. Não havia outra maneira de encurtar o tempo! Tudo aconteceu num piscar de olhos e, instantes depois, avistou o samurai encostado à árvore, surpreendido com o que estava vendo. Com dificuldade, os dois homens pegaram os quatro leões e começaram a correr. D. Rodrigo deixou-os cair várias vezes, mas nunca desistiu. Cada vez que uma estátua caía, parava e tentava encontrar novamente o equilíbrio, sempre com a ajuda de Pedro Yamamoto. Tinham que conseguir levar os quatro leões!

Assim que chegaram ao porto, avistaram a barcaça e Manuel de Goa. Passaram os quatro pequenos leões para bordo e depois saltaram. Já tinha parado de chover, mas

ainda não tinham avistado ninguém. Começaram a descer o rio. Nenhum deles pegou nos remos. Deitaram-se na barça ao lado do baú e dos quatros leões e deixaram-se deslizar com a corrente, saindo progressivamente do braço do rio.

Deixaram a cidade para trás. Sabiam que a viagem seria longa, mais de seis horas, mas que já tinham feito o mais difícil. Sabiam que poderiam encontrar, a todo o momento, uma embarcação inimiga subindo o rio, mas estavam preparados. Quando já estavam longe da cidade, Pedro Yamamoto levantou-se e pegou nos remos. Tinha força e, pouco depois, a barça começou a avançar a um ritmo muito mais rápido. Uma hora depois, Pedro baixou os braços. Estava esgotado! Manuel substitui-o e a barça continuou avançando a bom ritmo. Os três homens imaginaram que os malaio já deveriam ter dado pela sua falta, bem como pelos guardas mortos. Muito provavelmente, teriam já iniciado a perseguição, mas a barça mantinha uma velocidade surpreendente, aproveitando a forte corrente.

Chegaram às imediações do porto menos de seis horas depois, quando ainda a noite reinava no rio Pacém. No entanto, todos tinham a consciência de que o perigo estava próximo. Lentamente e com cuidado, avançaram pelo porto, tentando passar despercebidos. Ao fundo, avistaram três navios ancorados, dois deles acostados nos pontões. Eram duas galés e um junco, e deram-se conta da presença de pelo menos seis malaio nas redondezas.

— Temos que atacá-los! — avançou D. Rodrigo, com os olhos fixos nos navios. Sabia que tinham de passar por aquilo e que iriam conseguir. Tinham que ser rápidos! Pensou que Muda, por certo, viria atrás deles, escoltado por centenas de guerreiros armados e prontos a vingar o sucedido. — É a nossa única chance!

A manhã clareava e começaram a sentir-se mais

desprotegidos. Acostaram o bote na margem e caminharam em silêncio. Primeiro D. Rodrigo e depois Pedro Yamamoto. Um a um, os malaio foram caindo no chão sem vida e sem emitir qualquer ruído. Estavam protegendo o porto dos inimigos que vinham do mar e não contavam que o perigo viesse da selva.

Mas nem tudo correu bem! Dois malaio pressentiram o ataque. Não sabiam o que estava se passando, mas sentiram o perigo e afastaram-se, dando o alarme. No meio da fuga, um dos malaio conseguiu contra-atacar e atingiu Manuel com uma flecha, que lhe acertou no peito. O português tombou de imediato. O disparo fora certo e Manuel deixou de respirar. Pedro Yamamoto tentou alcançar o malaio, mas este escapou para o meio da selva e desapareceu. D. Rodrigo correu ao encontro de Manuel, mas já nada havia a fazer. Manuel agarrava na flecha com as mãos, já sem vida. Uma enorme mancha de sangue envolvia-o.

— D. Rodrigo, temos que partir! — gritou o samurai, agarrando no baú. Estava pesado, muito pesado, mas ele sabia que tinha forças para aquilo e para muito mais. Retirou o baú da barça e dirigiu-se para o pequeno juncos com uma vela. — Depressa!

D. Rodrigo não ouviu o samurai. Com o sangue de Manuel cobrindo-lhe as mãos, teve uma ideia e começou a correr. Estava claro no seu espírito que tinha que inutilizar a frota dos homens de Aru. Se não fizesse isso, seriam perseguidos pelo mar alto e sabia que seria apenas uma questão de tempo até serem apanhados. Parou num dos postos de iluminação do cais que ainda tinha uma pequena tocha e a pegou. A chama não era muito forte, mas poderia ser suficiente. Correu pelo cais e foi retirando as tochas por onde passava, atirando-os para bordo. Poderia ser um esforço inglório, mas tinha esperança que dentro momentos as duas galés estivessem em chamas.

— Temos que fugir, D. Rodrigo...! — gritou o samurai do outro lado do porto, sentindo que o perigo estava à espreita. O baú e os quatros leões já estavam a bordo do junco e tinham que sair do porto rapidamente. — O fogo vai chamar atenção!

D. Rodrigo assentiu na direção do samurai e depois atirou a última tocha para uma das galés. Quase que diria que fora a galé onde tinham viajado, mas não teve tempo para se certificar. Depois, correu velozmente como se estivesse à beira do rio Tejo. Correu como se estivesse em Cintra e correu com se estivesse nas praias do norte de África, muitos anos atrás. Chegou perto do junco onde Yamamoto o aguardava, já com a vela desfraldada, e saltou para bordo.

Ao longe, já se ouviam gritos guerreiros provenientes da selva e os dois homens compreenderam que tinham sido descobertos. O junco saiu do porto lentamente ao sabor da brisa. D. Rodrigo e Pedro Yamamoto remaram com força para tentar ganhar mais velocidade, mas nada parecia resultar. Viram os malaios chegarem da foz do rio em pequenos barcos a remos. Desciam em velocidade e, apercebendo-se que os seus navios ancorados ardiam e que os prisioneiros escapavam, aumentaram ainda mais o ritmo.

— A vela, Yamamoto! — gritou Rodrigo, apontando para o mastro. — Precisamos de apanhar mais vento

O pequeno junco saiu do porto e entrou no mar alto. Sentiram a ondulação mais forte e D. Rodrigo tentou manobrar a vela de modo a apanhar a força do vento. Os barcos malaios avançavam pela força dos braços dos guerreiros e, pouco depois, duas lanchas conseguiram cercar o junco. Três malaios saltaram rapidamente para bordo do junco e rodearam Pedro Yamamoto, que reconheceu de imediato um deles. Era Susa, o imediato de Muda. Pedro olhou para o malaio e reconheceu, nas mãos dele, a sua

Wakizashi. Susa retirara-lhe logo depois de terem subido a bordo da galé, ainda em alto-mar. Num ápice, Yamamoto atirou dois malaaios para o mar num golpe de pernas e, depois, apanhou Susa pelo pescoço, que torceu num instante, sem qualquer hesitação. Susa emitiu um grito grave, mas logo a seguir deixou de respirar. Em poucos segundos, o samurai tinha posto três homens fora de combate.

A outra lancha abalroou o junco, mas a ondulação era considerável. D. Rodrigo afugentou os malaaios com o remo, acertando em cheio num deles, que gritou de dor e caiu na água. O outro agarrou D. Rodrigo pela cintura, mas ficou à mercê do samurai que fez uso da sua Wakizashi.

O vento soprava com força e o junco ganhava alguma velocidade, deixando as barças malaias para trás. Mas os guerreiros remavam com força, ao som de cânticos, e não desistiam facilmente. D. Rodrigo reconheceu Muda. O guerreiro comandava a esquadra atacante com a sua liderança já conhecida. Ele sabia que os *feringgis* estavam escapando e que não podia deixar que isso acontecesse. Deu instruções para remarem ainda com mais força e tentou posicionar as lanchas de um lado e do outro do junco. Mas não conseguiram. O vento soprava com muita força e o pequeno junco ganhava velocidade. Os malaaios ficavam para trás. Pouco depois, começaram a desistir. Rodrigo e Pedro, esgotados, olharam para o baú a bordo e depois abraçaram-se.

— Conseguimos, senhor! — disse Pedro Yamamoto, com a sua voz grave.

De repente, ouviram um zumbido e uma salva de flechas atingiu o junco. D. Rodrigo distinguiu Muda em pé, a bordo de uma das barças, com uma expressão carregada, e depois viu o samurai caindo de joelhos perto dele, fazendo um enorme estrondo no convés. Yamamoto fora atingido por duas flechas – uma no ombro e outra na parte lateral da

barriga. Fez um esgar de dor e susteve a respiração, com os olhos muito abertos, como se estivesse concentrado em algo difuso. Sangrava da barriga. Tentou tapar a ferida com a mão, mas o jorro de sangue não estancou. Olhou para a mão e viu que estava coberta de sangue. Foi então a vez de D. Rodrigo tentar parar a hemorragia, mas sem sucesso. Apenas sentiu as golfadas do sangue quente do samurai. Uma nova salva de flechas atingiu o junco. Os dois homens tentaram desviar-se, mas não conseguiram. D. Rodrigo foi ferido no braço esquerdo e o samurai foi atingido de novo, desta vez na anca, gritando de dor

— D. Rodrigo! — pediu Yamamoto, fazendo um esgar, visivelmente com muitas dores. Sabia que era muito tarde e que suas forças estavam desaparecendo muito rapidamente. — Não adianta. Posso pedir-vos um favor?

— Sim, claro, Yamamoto — sussurrou. — Dizei-me!

— Rezai comigo, por favor!

O junco seguia ao sabor do vento e da corrente, enquanto as lanchas malaías ficavam para trás e sem raio de alcance para as flechas. Ao longe, Rodrigo ainda conseguiu distinguir Muda, que se mantinha imóvel, em pé, observando o junco. Pedro agarrou na mão de Rodrigo e fitou-o nos olhos. Rodrigo retribuiu e começou a rezar.

— “Pai nosso que estais no céu, Santificado seja o Vosso nome” — começou o samurai. Notava-se que estava em sofrimento e que cada uma das suas palavras poderia ser a última. — “Santificado seja o Vosso nome!”.

O samurai ficou repentinamente em silêncio e o seu corpo foi percorrido por um espasmo violento. Ainda teve força para agarrar na mão de Rodrigo, olhando-o fixamente. D. Rodrigo teve a sensação de que o samurai sorria. Sorria como se estivesse contente. Depois, verteu uma lágrima pelo canto dos olhos e eles fecharam-se para sempre.

— Yamamoto! — gritou Rodrigo, abraçando o corpo do

samurai. — Não! Por favor. Não!

Cheirava a maresia! A ondulação era mais fraca, mas o vento norte continuava soprando muito forte. O junco era arrastado para o sul. D. Rodrigo voltou a olhar para Pedro Yamamoto e rezou de novo. Mas o samurai não respondeu. Tinha suspirado pela última vez! D. Rodrigo deitou-se no convés. Estava exausto, ferido e sentia que estava quase desmaiando. O sol já estava alto, mas ainda conseguia avistar a lua. Pensou em Noor e nos seus cabelos negros que esvoaçavam ao sabor do vento. Tinha saudades dela! Depois pensou em Matilde. Tinha certeza de que ela iria gostar de Noor. Sentiu uma falta imensa de Matilde. Sentiu falta do seu calor, do seu corpo, do seu olhar e dos seus carinhos. Perguntou a si mesmo como Matilde estaria e o que pensaria. Não sabia quanto tempo tinha passado desde a batalha do Cabo Rachado, mas pressentia que os rebeldes tinham sido derrotados. Tentou adivinhar onde estaria e como poderia chegar a Malaca, mas sentia-se completamente exausto. Olhou para o contorno da lua e cerrou os olhos. Assim que o fez, adormeceu profundamente.

Capítulo 27

MALACA, 21 DE JULHO, 16H45

“A MAIOR PARTE DOS
FRUTOS E VEGETAIS QUE
ENCHEM OS MERCADOS DE
MALACA DESDE O SÉCULO XVI
FORAM TRAZIDOS PELOS
PORTUGUESES. OS MAIS
IMPORTANTES SÃO AQUELES
QUE VIERAM DO NOVO
MUNDO, COMO O ANANÁS,
MILHO, CAJU, BATATAS,
MALAGUETAS, TOMATES E
CACAU. HOJE EM DIA, TODOS
ELES SÃO UMA PARTE TÃO
IMPORTANTE DE MALACA, QUE É
QUASE IMPOSSÍVEL IMAGINAR
QUE NÃO EXISTIAM NA CIDADE
ANTES DOS PORTUGUESES.”

Malacca, Voices from the Street



s palavras de John Silva feriam-lhe o pensamento com intensidade e ainda sentia a cabeça latejando. Filipe não conseguia pensar noutra coisa e o diário de Noor Mascarenhas não lhe saía da cabeça desde aquele dia, em Kuala Lumpur, que fora decisivo. Era a peça que faltara ao seu pai e que finalmente ele tinha encontrado. O diário de Noor estava datado de 1616 e relatava, em bom português, as sensações e as situações vividas pela filha de D. Rodrigo de Mascarenhas quando o seu pai regressara do mar dez anos antes.

Finalmente, Filipe sabia o que tinha acontecido a D. Rodrigo após os combates com os holandeses, em 1606. Como o seu pai suspeitara, D. Rodrigo desempenhara um papel fundamental durante o cerco holandês e conseguira sobreviver aos combates. Quando a frota do Vice-Rei da Índia ancorara perto da cidade, D. Rodrigo tinha embarcado numa das naus portuguesas para defrontar os holandeses. Combatera com valentia, mas a nau em que seguia acabara por se afundar. D. Rodrigo sobrevivera e Filipe provara que aquele não tinha sido o ano da sua morte. Tudo se clarificara! O seu pai estivera certo.

Ao chegar a Aru, D. Rodrigo descobrira que os homens do sultão tinham conseguido retirar grande parte dos baús da *Flor do Mar* do fundo do mar, salvando muitas peças valiosas do tesouro do sultão de Malaca. Essa era a razão fundamental por detrás do fracasso de todas as investigações que tinham decorrido no mar de Samatra nos anos 1980 e 90. Tudo se encaixava, à luz das descobertas do seu pai! D. Rodrigo conseguira encontrar os despojos da *Flor do Mar*, devolvendo uma pequena porção à cidade onde tinha vivido.

O diário de Noor era extenso e descrevia com pormenor o quotidiano da Malaca portuguesa e da sua família naquele tempo. Relatava acontecimentos e dados novos, desconhecidos do seu pai. Filipe finalmente compreendeu que tinham existido duas Noors. Uma delas fora a primeira mulher de D. Rodrigo, uma princesa malaia de Kedah que se perdera de amores por D. Rodrigo nos meandros da cidade de Malaca. A segunda tinha sido fruto desse mesmo amor, que terminara de um modo tão abrupto, no ano de 1601, por vontade de Deus ou simplesmente por vontade do destino. Mas Filipe achava que o diário era bastante vago ao descrever a última fase da vida do pai, depois do seu regresso a Malaca. Igualmente, o diário nada dizia de como D. Rodrigo conseguira chegar a Malaca e que parte do saque de D. Afonso de Albuquerque trouxera de Aru.

Filipe acabou por não dar importância a essa parte. Estava obcecado com três linhas de uma das páginas. Aquelas linhas tinham um valor incalculável para a investigação. Por isso decidira regressar a Malaca no dia seguinte e ficar hospedado no mesmo hotel, não muito longe da Porta de Santiago. Lim Hong Tai, a funcionária chinesa do Hotel Melaka, estava de serviço ao balcão e recebeu-o com um grande sorriso estampando no rosto.

— Hi, Mr. Silva. Que prazer voltar a vê-lo — cumprimentou Lim, passando a mão de leve pelo cabelo liso,

tentando disfarçar o pequeno nervosismo. — Confesso que não estava à espera...

— Olá, Lim. Tive que voltar à cidade — confessou baixinho, tentando fazer um sorriso cúmplice e piscando o olho. — Deixei ainda umas coisas por tratar. Tem quartos disponíveis?

— Sim, julgo que sim, deixe-me só confirmar — pediu Lim, olhando para a tela do computador, vendo as reservas para as próximas noites. — Quantas noites está pensando em ficar?

— Duas!

— Com certeza isso não será problema! — respondeu Lim, mantendo um sorriso aberto. Sentia uma profunda atração física por aquele homem e tinha dificuldade em disfarçá-la. Tinha vontade de o beijar e de lhe passar a mão pelo cabelo. Por momentos, pensou que devia dar-lhe um sinal do que sentia. Sabia que ele estava sozinho e quase podia jurar que o português não tinha qualquer mulher na sua vida. — Temos vagas. Pode ficar no mesmo quarto da outra vez, se desejar.

— Obrigado!

— Só vou precisar do seu cartão de crédito, de novo, se não se importa — informou, olhando-o bem nos olhos, mas sem forças para lhe dizer o que estava pensando. — Sabe como é. Para os eventuais extras...

Assim que entrou no quarto, Filipe deitou-se sobre a cama. Sentiu que estava próximo do fim da investigação e que tinha o quebra-cabeça quase montado. O diário de Noor era vago em muitas coisas e descrevia vários episódios que pouco ou nada estavam relacionados com o que procurava. Mas a verdade é que também contava que os seus pais tinham se conhecido perto do pelourinho da cidade e que o seu pai sempre tivera uma adoração especial por aquele local. Filipe voltou a olhar para a fotocópia do pai e depois

para os apontamentos que tinha tirado, em Kuala Lumpur, do diário de Noor. As duas peças juntas faziam sentido e pressentia que o seu instinto não o enganava.

O diário de Noor descrevia um conjunto de pedras enormes dispostas umas em cima das outras, no topo de um pequeno monte a pouca distância do pelourinho e do mercado dos jaus. Quando lera aquela passagem no Arquivo de KL, Filipe sentira o sangue parando. Podia ser coincidência, mas tinha reconhecido o conjunto de pedras que Noor descrevia. Ficava perto de Jonker Street, do outro lado da estrada que passava defronte do restaurante que o Regente e o filho lhe tinham indicado. Os guias turísticos da cidade chamavam àquele local Bukit Rajá – monte dos reis. Era de uma pequena colina coberta por árvores de pequeno porte e arbustos e por um monte de pedregulhos espalhados ao longo das encostas, semelhantes aos menires que conhecia dos livros do Asterix. Quase no topo de Bukit Raja, existia um pequeno jardim de flores e pequenos arbustos, mesmo defronte a quatro pedregulhos enormes que estavam dispostos uns em cima dos outros. Filipe sabia que tinham passado muitos séculos desde então, mas sentia que o diário descrevia um local semelhante àquele.

Pediu qualquer coisa leve para comer no quarto e, depois, tentou dormir. Estava muito ansioso. Ao mesmo tempo, sentia-se esgotado e o seu corpo pedia descanso. Pôs o despertador para dali a quatro horas. O sono foi agitado, como se não chegasse mesmo adormecido e estivesse num estado de semidormência. Abriu os olhos quando faltavam poucos segundos para o despertador tocar, como se adivinhasse o que estava em vias de acontecer. O despertador ainda tocou, mas Filipe desligou-o quase de imediato.

O *lobby* do Hotel Melaka estava deserto e apenas o porteiro permanecia na recepção, vendo uma comédia

indiana na televisão que o fazia rir compulsivamente. Apesar disso, assim que percebeu que alguém estava passando no *lobby*, levantou-se da cadeira, meio assustado, e olhou em frente.

— Olá, boa-noite. Estou com insônia — disse Filipe, acenando e fazendo um sorriso forçado. — Vou dar uma volta pelas redondezas para ver se consigo ter sono.

O porteiro respondeu com um sorriso, debaixo do bigode fininho, meio feito do susto. Assim que viu o hóspede passar pela porta do hotel, voltou à sua comédia. Não tinha perdido quase nada.

Filipe delinear a um plano. Entrou no carro que alugara em KL e dirigiu-se para o centro da cidade. Chegou a Chinatown menos de dez minutos depois. As ruas estavam desertas, felizmente. Atravessou o rio e caminhou até o antigo bazar dos jaus. Estivera naquele local poucos dias antes e sabia onde procurar. Lembrou-se de quando ali estivera e que tinha tido a sensação de estar sendo seguido. Esse pensamento levou-o a olhar para trás, mas daquela vez não avistou ninguém, e continuou.

Chegou a Bukit Raja pouco depois. Todo o local estava pouco iluminado e apenas se via uma luz tênue que provinha dos candeeiros da outra margem do rio. Sorriu. Agora que estava ali, teve certeza que se tratava do local que o diário de Noor descrevia, perto do pelourinho. Voltou a pensar no manuscrito que o seu pai tinha encontrado na Torre do Tombo, em Lisboa: “O pelourinho da Famosa esconde dois segredos”. Subiu o monte e entrou no jardim, aproximando-se dos pedregulhos dispostos uns em cima dos outros. Era um conjunto gigantesco, com mais de cinco metros de altura, que se elevava muito depois das copas das árvores que circundavam o jardim.

Engoliu em seco! Por um momento ficou desmotivado. Pensou que seria impossível encontrar ali o que quer que

fosse e ainda por cima não tinha qualquer detector de metais que o ajudasse. Amaldiçoou-se por ter sido ingênuo e nem sequer ter se lembrado disso! Caminhou pelos limites do jardim e voltou a olhar para os pedregulhos. Foi aí que reparou: estavam assentados uns nos outros, sem dúvida, mas no meio formavam um pequeno abrigo. Parecia um pequeno mausoléu, uma pequena gruta com cerca de meio metro de altura e um pouco mais de largura. Sentiu o sangue subindo-lhe à cabeça, correu até perto das rochas e inspirou o cheiro a terra úmida. Teve um sentimento estranho!

Voltou ao carro e trouxe uma pequena pá que comprara em Chinatown naquela mesma tarde. Ouviu vozes ao longe e percebeu que vinham do bar, do outro lado do rio. Susteve a respiração, esperou que o barulho cessasse e depois concluiu que Malaca continuava adormecida, apesar do jazz ao longe. Subiu o monte e entrou novamente no jardim. Começou por tirar as ervas daninhas da entrada da pequena guarida. Depois, começou a cavar. Cavou durante mais de uma hora. De vez em quando parava, para se certificar de que não havia ninguém nas proximidades. Sentia o coração na boca, batendo fortemente. Estava suando, cansado, mas não desistiu. Continuou cavando até que, de repente, sentiu que a pá bateu em algo rígido. Respirou fundo e continuou cavando, com mais força. Podia ser uma pedra ou apenas raízes das árvores, mas depressa percebeu que não. Dez minutos depois, teve certeza! Era uma pequena caixa. Com as mãos, e depois com a pá, conseguiu desenterrar um pequeno baú, de couro gasto e madeira, com um comprimento um pouco maior que o seu antebraço.

Apalpou o baú e esboçou um sorriso. Tentou abri-lo, mas estava bem fechado. Levantou-se rapidamente e olhou em volta. Tudo parecia calmo. Sabia que podia correr perigo, apesar de não se ter apercebido de que alguém o seguisse. Tapou o buraco com terra e disfarçou o que acabara de fazer.

Foi cuidadoso. Afastou-se então rapidamente e caminhou com passo largo, com o baú e a pá nas mãos, até o carro.

Arrancou com rapidez, e deixou o Bukit Raja para trás. O sol ainda não tinha nascido quando chegou ao hotel. O porteiro tinha adormecido vendo televisão e a porta de entrada do hotel continuava semiaberta. Conseguiu caminhar em silêncio até o elevador e assim que chegou ao quarto colocou o pequeno baú no chão, perto da cama. Respirou fundo e voltou a tentar abrir o baú com as mãos. A fechadura estava enferrujada e procurou algo que a conseguisse rebentar. Pegou na única coisa afiada que tinha: a chave do carro. Foi a muito custo que conseguiu destruir a fechadura e abrir o pequeno baú. Quando o fez ficou petrificado. No interior, vislumbrou um conjunto imenso de pedras preciosas. Eram de cores variadas e brilhavam intensamente. Escondido pelas pedras estava um pequeno leão dourado sentado, como se estivesse adormecido numa cama de pedras preciosas. Afastou as pedras e pegou-lhe com ambas as mãos. Sentiu que era denso e percebeu a razão pela qual o baú estava tão pesado.

Colocou a estátua em cima da secretária e ficou olhando para ela. Era absolutamente incrível! Estava olhando para uma peça pertencente ao sultanato de Malaca e que estivera nas mãos de D. Afonso de Albuquerque, o criador do Império Português do Oriente, que tinha uma estátua em sua homenagem defronte do Palácio de Belém, em Lisboa. Pensou no que aquela estátua presenciara e se não seria obra do destino estar ali à sua frente. Deixou o pequeno leão dourado em cima da escrivaninha e voltou a olhar para o interior do pequeno baú. Revolveu as pedras preciosas e descobriu um bracelete dourado de madrepérola, mas subitamente a sua atenção foi desviada para um pequeno rolo de pergaminho depositado no meio das pedras preciosas. Pegou nele com cuidado. As mãos tremiam-lhe,

mas abriu a primeira página lentamente e leu a primeira frase escrita: “Manuscrito escrito por D. Pedro de Mascarenhas, em memória do meu pai. Malaca, dezembro de 1640”.

Aterrissar em Lisboa era sempre uma experiência emocionante. Não conhecia outra cidade assim. A presença do azul do mar e do rio era intensa e via-se de todas as janelas. O Airbus-321 da TAP voou em direção ao Cabo Espichel, passando por cima da ilha do Bugio. Filipe viu cada um dos pontões que separava o areal da Costa da Caparica até que o avião virou para leste, sobrevoou as casas da Trafaria e passou ao lado do Cristo-Rei e da ponte 25 de Abril. Pouco depois, passou por cima das colinas de Lisboa, cobertas de telhados vermelhos, igrejas brancas e de copas de árvores. Sempre que aterrissava em Lisboa, tentava descobrir a casa dos seus pais. Não era difícil! Bastava encontrar o Castelo de São Jorge, para depois focar o miradouro da Graça, com os pinheiros mansos, mesmo ao lado da igreja. Um pouco mais adiante, estava a casa onde vivera com os seus pais.

O voo TP0571 sobrevoou a Segunda Circular em baixa altitude e aterrissou pouco depois no aeroporto da Portela. Sentia-se uma pressa inerente em todos os passageiros. Os que conheciam o aeroporto ansiavam por uma saída porque sabiam que assim tudo se tornaria mais rápido, ao passo que outros davam prioridade máxima para ligar o celular ou o iPod. Filipe estava alheio a tudo aquilo. Estava nervoso há muitas horas e ainda não conseguia compreender o que verdadeiramente acontecera. Tinha conseguido chegar rapidamente a Kuala Lumpur e dali apanhara o primeiro voo para a Europa – um voo da Lufthansa para Frankfurt. Tinha

sido um voo direto de 11 horas seguidas, e depois fora fácil chegar a Lisboa.

Fugira apressadamente de Malaca depois de pressentir um perigo iminente. Pensara muito nas últimas horas sobre o que acontecera quando tinha ido tomar o café da manhã no Hotel Melaka. Fechou os olhos por momentos e reviveu as últimas horas em Malaca. Saíra para nadar na piscina, de manhã cedo, e tomara o café da manhã no terraço. Ao todo, deveria ter demorado cerca de quarenta minutos. Quando voltou a subir ao quarto e abriu a porta, viu que alguma coisa estava errada. O quarto fora completamente revirado e tudo estava numa confusão imensa. Os lençóis tinham sido tirados da cama, a sua mala tinha sido vasculhada e parte da roupa estava no chão.

Pensou em ligar para a recepção para reclamar, mas depois compreendeu a gravidade da situação. Sabia que não podia fazer isso. Não poderia descrever o que tinha sido roubado e se o dissesse, por certo seria preso por tentativa de roubo de patrimônio nacional. Quando abriu a porta do guarda-roupa confirmou o que já suspeitava. Todas as moedas de ouro e pedras preciosas que estavam no baú tinham desaparecido. O mesmo acontecera com o bracelete de madrepérola e o pequeno leão dourado sentado. Não podia acreditar! Tentou imaginar quem poderia ter feito uma coisa daquelas, concluindo que estava sendo seguido há muito tempo. Logo a seguir, confirmou que apenas os manuscritos não tinham sido roubados! Respirou fundo e fechou os olhos. Sabia que tinha que ser rápido. Fez a mala rapidamente, fez o *check-out* no hotel e fugiu para KL.

Ao percorrer Lisboa de táxi, procurou acalmar-se. Sentiu Lisboa de um modo diferente e apercebeu-se pela primeira vez que a cidade ainda tinha muitas ligações com o Oriente. Pensou que estava ficando parecido com o seu pai. A avenida Almirante Reis e todo o bairro das Olaias estavam

bloqueados para o trânsito e o taxista teve de descer até a Baixa. Avançaram pela avenida da República, desceram a avenida Fontes Pereira de Melo e depois chegaram ao Marquês de Pombal, deparando-se com a estátua mais imponente de toda a cidade. Não deixou de achar graça à enorme bandeira portuguesa esvoaçando no topo do Parque Eduardo VII. Desceram a avenida da Liberdade num ápice e depois entraram na praça do Rossio. No centro da grande praça figurava a estátua de D. Pedro IV, o rei de Portugal que tinha fundado o Brasil e que depois de ser imperador regressara ao país natal para lutar contra o próprio irmão.

Chegou à casa da Graça pouco tempo depois e sentiu finalmente alguma paz. A mãe não estava em casa e um silêncio dominava o apartamento. Respirou fundo e inspirou o cheiro característico daquela casa. Colocou a mala no quarto e de imediato se dirigiu ao escritório do pai. Aparentemente, permanecia exatamente como o deixara na última vez que ali estivera, e como tantas vezes o vira quando o seu pai ainda estava vivo. Olhou em volta e pensou que ninguém poderia imaginar que aquele escritório fora violentado dias antes. A sua mãe fazia questão em manter o escritório como o pai o deixara. Já não cheirava a cachimbo, mas continuava a ter a sensação de que o pai iria aparecer a qualquer momento. Sentou-se na escrivaninha do pai, olhou rapidamente em volta e tentou acalmar-se. Tinha de analisar os documentos do pai e sabia que não podia ter pressa.

Abriu a primeira gaveta, depois a seguinte e, por fim, a última. Sabia que estavam repletas de documentos, mais ou menos organizados, que poderiam guardar uma pista determinante. Procurou os cadernos de anotações do pai, especialmente aquele que parecia dedicado a D. Rodrigo de Mascarenhas. Não estava na gaveta onde o tinha deixado! Relembrou-se que o escritório tinha sido revirado e concluiu

que não fora obra do acaso – o assalto estaria com toda certeza relacionado com a *Flor do Mar*. Primeiro tinha sido o assalto à casa da Graça e depois o assalto ao quarto em Malaca. Os dois acontecimentos estavam relacionados e sabia que a mãe deveria estar sob vigilância.

De repente, ouviu a chave rodar na fechadura da porta. Pressentiu que seria a sua mãe. Decidiu descer a escada e encontrou a mãe no corredor, perto da cozinha. Rosa estava igual: cabelos negros esticados, nariz levantado e roupas largas. Largou os sacos das compras e correu até o filho.

— Olá, mãe! — começou Filipe num tom tímido. — Desculpe aparecer assim, mas consegui apanhar um voo mais cedo do que o esperava.

— Meu filho... — soltou Rosa num tom grave. — Fui ao mercado. Não sabia que chegaria tão cedo. Só te esperava amanhã à noite.

— Sim, mas aconteceram algumas coisas... — contou Filipe, olhando a mãe fixamente nos olhos. — Precisamos falar!

O despertador tocou e penetrou no sonho de Filipe. Sentiu o corpo moído, agarrou-se ao colchão, e ressentiu-se do voo de longa distância que fizera na véspera. Quis ficar na cama mais algum tempo. Voltou a fechar os olhos, mas algo o fez levantar-se e ir ao banheiro. Tinha uma reunião marcada em Alcântara, mas estava cansado. Tinha ficado até muito tarde estudando os apontamentos do pai, depois da conversa com a mãe. O escritório do pai era um mundo à parte, com uma vasta documentação do Estado da Índia. Agora que conhecia Cusco e Malaca, parecia que lia tudo com outros olhos. Com olhos de historiador! Não deixou de achar curioso como a investigação do seu pai passava em grande

medida por Lisboa e essencialmente pelo escritório da Graça.

Chegou ao centro de documentação da Fundação Oriente por volta das 10h da manhã. O centro situava-se em Alcântara, à beira-rio, a poucos quilômetros da Torre de Belém, o mesmo local onde Vasco da Gama tinha zarpado para a Índia em julho de 1497. A Fundação Oriente agrupara recentemente os seus serviços num só edifício. Tratava-se de um antigo armazém de bacalhau do porto de Lisboa, construído no estilo português suave do Estado Novo dos anos 1930. Fora modernizado e abria ao público como Museu do Oriente. Lá dentro estava um dos maiores arquivos do mundo sobre o Oriente e a Índia Portuguesa. Filipe tinha esperança de conseguir encontrar alguma referência sobre Rodrigo, Pedro, Matilde, Siti, Maria do Carmo ou Noor Mascarenhas.

Luís Peixoto tinha 34 anos, mas aparentava mais. Bastante forte e com o corpo ligeiramente curvado, Luís vestia-se de escuro para disfarçar o peso excessivo. Óculos finos e cabelos pretos penteados à escovinha faziam dele uma pessoa simpática e com um sorriso difícil de igualar. Luís esperava Filipe no *lobby* de entrada do museu, bem perto do balcão de recepção.

— Doutor Filipe Silva?

— Sim! Doutor Luís Peixoto?

— O próprio! Recebi a sua mensagem — respondeu o jovem professor, estendendo-lhe a mão. Pertencia aos quadros da Fundação Oriente havia mais de oito anos e atualmente era responsável pela seção do Extremo Oriente. — Conheci bastante bem o seu pai dos tempos de Universidade. O professor Silva era uma instituição para todos nós. Tenho muita pena que tenha partido....

— Foi de repente, sem qualquer aviso...

Um grupo de turistas alemães entrou no museu e de súbito um barulho imenso inundou o *lobby*. Os guias da

excursão tentaram impor alguma calma ao grupo, mas foi impossível. Todos apontaram para a Wakizashi japonesa do século XVII, disposta na parede lateral, e de imediato vários turistas começaram a tirar fotografias com a espada do samurai ao fundo.

— Pelo que percebi, procura informações sobre Malaca.

— Sim, sobre a Malaca portuguesa!

— Sim, o museu está bastante mais voltado para Macau, Goa e Timor, como é compreensível. Aliás, a fundação tem mesmo delegações nos três locais — adiantou Luís Peixoto, fazendo menção para avançarem pelo corredor central em direção aos elevadores. — Somos, possivelmente, a maior fonte de informação na Europa, ou quiçá do mundo, relativamente a todos esses locais. Mas Malaca é um caso diferente. Deixou de ser portuguesa em 1641. Já lá vão alguns anos...! Depois disso, a cidade passou para os holandeses e depois para as mãos dos ingleses...

— Bem sei! — atalhou Filipe, assentindo. — Mas julguei que a Fundação abrigasse bastante informação sobre o Estado da Índia, desde a sua fundação...

— E julgou muito bem, Dr. Silva — sorriu Luís Peixoto, franzindo os olhos. — Temos uma compilação que faz inveja à Torre do Tombo em vários aspectos. Mesmo assim, temos ainda muito para fazer sobre Malaca. Muito mesmo! Mas não me interprete mal, dr. Filipe Silva. Temos bastante informação sobre a cidade. Dados detalhados sobre o serviço de todos os capitães da cidade. Desde Ruy de Brito Patalim³⁵ até Manuel de Sousa Coutinho³⁶. Tem alguma data em particular?

— Sim. Entre 1587 e 1610!

O elevador chegou ao andar zero e a porta abriu-se. Luís Peixoto deixou Filipe entrar. Passou com o cartão de segurança no leitor e depois apertou o número seis.

— Interessante. 1587! O ano do cerco do sultanato de

Johor que foi derrotado por D. João da Silva Pereira e pelo Bispo D. João Ribeiro Gaio — notou Luís, cerrando lentamente os olhos. — Procura alguma coisa ou alguém em particular? Tem que ter um motivo...

— Sim, tem toda a razão! — soltou Filipe, hesitando. — O meu pai estava acabando um trabalho de investigação que infelizmente deixou incompleto. Gostaria de terminá-lo.

A porta do elevador abriu-se e Luís tomou a dianteira. Estavam no último andar do museu, numa área proibida aos visitantes, por cima do Salão Macau e do restaurante. Era um *open space* com uma decoração mais leve do que a dos pisos inferiores, com várias escrivaninhas dispostas ao longo da sala. Por momentos, Filipe pensou que regressara a Malaca. Vislumbrou europeus, malaaios, chineses e indianos trabalhando ao computador, alheios à sua presença. Engoliu em seco! Não fazia ideia de que um local daqueles pudesse existir em Lisboa. Olhando por entre os vidros das janelas, confirmou que estava mesmo em Lisboa. Dali via perfeitamente o azul do Tejo, vários cargueiros entrando e saindo pela foz, a ponte avermelhada cruzando as margens e o Cristo-Rei, no outro lado do rio, de braços abertos.

— Compreendo! — assentiu Luís com um sorriso aberto, percebendo o constrangimento do filho do professor. — Consegue-me dizer um nome ou uma data mais específica? Só para me orientar...

— Mascarenhas! — respondeu Filipe sem hesitar, olhando para o avião que cruzava os céus perto do Cristo-Rei. Algo lhe dizia que estava perto de algo importante. — Rodrigo e Pedro de Mascarenhas!

Capítulo 18

MALACA, 31 DE DEZEMBRO DE 1640

“SEJA ONDE FOR QUE
CHEGUEM, OS PORTUGUESES
PENSAM EM ESTABELECEM-SE AÍ
PARA O RESTO DA VIDA E
NUNCA MAIS TENCIONAM
VOLTAR A PORTUGAL. MAS UM
HOLANDÊS QUANDO CHEGA À
ÁSIA SÓ PENSA EM VOLTAR PARA
A EUROPA DEPOIS DE CUMPRIR
OS SEUS SEIS ANOS DE SERVIÇO.”

*Cabo Saar da Marinha holandesa, anos depois
de serviço na Ásia*



Pedro de Mascarenhas estava sentado no alpendre da sua mansão no monte de São Paulo. Os destroços amontoavam-se à vista, na encosta, mas a sua casa continuava miraculosamente imune. Talvez fosse o espírito de D. Diogo de Resende ainda a vaguear pela Cidadela, ou o dos seus pais, que a protegiam. O silêncio era total, mas a tensão era profunda. Os confrontos tinham cessado fazia quase um dia, para que todos pudessem passar a última noite do ano em paz e cuidar dos feridos. Pairava um odor fétido no ar, uma mistura de morte, doença, destruição e pólvora. D. Pedro sentia uma vontade imensa de chorar, mas, depois, um sentimento de raiva e revolta encheu-lhe a alma e fez com que despertasse. Iria com o plano para a frente! Não podia esperar mais. Todos sabiam o que fazer e o que tinham pela frente. O plano fora delineado durante meses e os últimos detalhes tinham sido decididos nas últimas semanas. Levantou-se e apoiou-se no beiral do alpendre. Olhou em volta e suspirou de novo.

Os holandeses estavam vencendo os portugueses em todas as frentes. As Molucas, Java e os Mares do Sul há muito que eram dominados pelos holandeses, apesar dos esforços

de Manila e de Goa. Além disso, dizia-se que o Brasil estava minado de cidades holandesas por toda a parte, ao mesmo tempo que os rebeldes tentavam estabelecer bases em Angola e em São Jorge da Mina.

Malaca estava cercada e não havia qualquer notícia de uma frota de socorro vinda de Goa. D. Pedro sabia que essa frota não viria, depois dos esforços de D. Luís Costa que zarpara de Goa a bordo de uma galeota, em agosto passado. Mais uma vez, Malaca tinha sido deixada por sua conta. Manila também estava muito longe e sabia que as coisas eram muito diferentes de 1606, quando uma grande esquadra de Goa libertara a cidade de Malaca. O seu pai combatera nessa batalha mítica. Ainda era uma criança, mas lembrava-se bem do que o pai lhe contara sobre aqueles dias e sobre aqueles meses que se seguiram, e como mudaram a sua vida.

O cerco à cidade começara em junho passado e atingira proporções devastadoras. Toda a Cidadela fora cercada por terra e por mar, por uma frota mista holandesa comandada pelo Major Adrian Antonisson, com o apoio do sultão de Johor. Eram mais de três mil holandeses, sensivelmente o dobro da força invasora do cerco de 1606. Doze navios holandeses e mais de quarenta embarcações de Johor bombardeavam a cidade sem tréguas e patrulhavam as águas do Estreito de modo a impedir que a cidade fosse reabastecida. Contra a força invasora, apenas restavam 250 soldados portugueses, trezentos casados e cerca de 2.500 locais, que se defendiam como podiam dentro da Cidadela.

As povoações de Hilir e Tranqueira haviam sido conquistadas pelos holandeses e as defesas da fortaleza tinham depois bombardeado ambos os locais de modo a enfraquecer os invasores. Tinham infligido pesadas perdas aos holandeses e aos malaio de Johor, mas nada lhes quebrava a força. Apenas a Cidadela sobrevivia, mas o seu

interior estava em ruínas. A própria torre da “Famosa” estava danificada, a igreja de São Paulo destruída e muitas outras igrejas tinham sido fatalmente atingidas. Da população de vinte mil almas, pensava-se que estariam na cidade menos de três mil pessoas, depois da matança das epidemias e da artilharia holandesa e após a saída recente de um grande contingente de mulheres e crianças. A fome era imensa; gatos, ratos e outros animais há muito que tinham desaparecido. Já não havia comida na cidade e dizia-se que já ocorriam atos de canibalismo dentro das muralhas.

A epidemia espalhava-se também pelos navios invasores. Havia rumores de que mais de metade da força holandesa tinha perecido em combate contra os portugueses, ou contra a doença, e que o próprio comandante holandês havia sucumbido. Mas a queda da “Famosa” parecia iminente. Todos na Cidadela sabiam disso. Mesmo os mais otimistas, que diziam que Malaca era sempre salva no último momento, andavam cabisbaixos. A pólvora estava acabando na fortaleza. D. Manuel de Sousa Coutinho, o Capitão-Mor da “Famosa” desde 1638, estava enfermo de cama e tudo indicava que de lá já não sairia.

O problema não vinha de agora. D. Pedro sabia muito bem disso. Voltou a sentar-se na cadeira e bebericou um pouco mais de vinho de arroz. Malaca estava esvaziando-se há muito tempo, desde que os portugueses tinham perdido o monopólio do comércio asiático e os navios holandeses tinham passado a frequentar os mares da Insulíndia. Malaca pouco tinha a ver com a cidade que o seu pai conhecera. Deixara de ser uma grande cidade cosmopolita e empobrecera nos últimos anos. Os portugueses de Malaca contavam que 1615 fora o ano da mudança, o ano em que a cidade perdera a sua áurea. Fora naquele ano que se notara uma queda abrupta do tráfego marítimo no Índico. Pela última vez desembarcaram noz-moscada na cidade, porque

naquele ano os holandeses tomaram a cidade de Bantam. Curiosamente, fora também o ano que o sultanato do Achém, liderado pelo sultão Iskandar, tentara conquistar Malaca.

Mas 1615 tinha sido também o ano em que o maior império do mundo tentara pela última vez expulsar os holandeses dos mares da Ásia. Uma esquadra do Governador das Filipinas, D. Juan da Silva, zarpara de Manila para se juntar às forças portuguesas de Goa. O Estado da Índia vendera a concessão de Malaca a D. João Caiado de Gambôa e incumbira-o de preparar uma expedição contra os rebeldes calvinistas. Mas o dinheiro acabou por se perder nos meandros administrativos. Mais tarde, foi o próprio Capitão-Mor de Malaca, D. João de Gamboa, que desobedeceu às ordens de Goa. Os reforços portugueses nunca chegaram e as forças castelhanas foram deixadas à sua sorte, algures no Oceano Índico. Envolveram-se com os holandeses em alto-mar e foram destroçados sem honra e sem glória.

Desde a época que Malaca se afundara vertiginosamente. A carreira de Macau passara a viver grandes dificuldades a partir de 1618 devido à armada holandesa e a cidade passara a dar prejuízo à Coroa portuguesa. O tráfego com a China deixou de ser feito de galeão e passou a realizar-se em embarcações mais pequenas, especialmente galeotas que facilmente fugiam aos holandeses. Talvez por isso é que, em 1620, três armadas portuguesas tinham conseguido passar o bloqueio holandês e Malaca voltara a dar lucro à Coroa. Mas olhando para trás, D. Pedro concluiu que o ano de 1620 fora uma exceção. Os holandeses passaram a usar frotas mistas para conseguir bloquear os portugueses e Malaca ficou sufocada, mês após mês, ano após ano. Com o bloqueio holandês do Estreito, a partir de 1634, a cidade perdeu o controle da rota de Banda e das Molucas para os javaneses e a rota da pimenta de Sunda para os chineses. Os holandeses atacavam por toda a Insulíndia e sabiam que Goa, Malaca e

Manila não tinham capacidade de reagir. Era apenas uma questão de tempo! O tráfego de mercadorias na cidade tinha quase cessado. Malaca deixou de ser uma plataforma comercial. Quase nenhuma vela parava na cidade, ao mesmo tempo que Batávia, na ilha de Java, florescia e tornava-se a cidade mais importante de toda a região. O que outrora fora um dos locais mais cobiçado do Estado, apenas alcançável a pessoas bem relacionadas, transformara-se numa fortaleza militar, com muralhas cada vez mais altas e rodeada de inimigos. Malaca passou a ser um posto que poucos nobres aceitavam. Os habitantes da cidade viviam num equilíbrio insuportável, sob rumores constantes de ataques iminentes do sultanato de Johor, do Achém ou mesmo dos holandeses.

O sultanato do Achém voltara a empreender um forte ataque contra Malaca em junho de 1628, sitiando a cidade durante oito longos meses. Malaca estivera cercada por mais de 18 mil homens, armados e treinados pelos otomanos. Mas mais uma vez, a “Famosa” conseguira levar a melhor, com a ajuda da armada de Goa. No entanto, tinha sido a intervenção do sultão de Johor, Abdul Jalil, que se revelara crucial para a derrota do Achém. Desses tempos, surgira uma forte amizade entre o sultão e D. Pedro de Mascarenhas. Uma amizade que dera muitos frutos e que os enriquecera com o comércio com os vários cantos da Insulíndia. Uma amizade que durara dez anos, mas que acabara da pior maneira. E, por isso, o mesmo sultão que ajudara os portugueses na defesa da cidade, em 1628, dava agora um apoio determinante aos rebeldes calvinistas.

Pelo que D. Pedro percebera, nem o próprio Reino queria saber de Malaca, da Índia e do Oriente. Os portugueses do Reino queriam sobretudo livrar-se dos castelhanos e investir no Brasil, libertando-o dos holandeses. O Brasil ficava mais próximo do Reino, era bastante rico e tudo indicava que a sua importância para a Coroa aumentaria. Alguém lhe

contara que só o Brasil representava mais de um quinto de todas as rendas da Coroa, e que o açúcar dava mais lucro do que a soma da pimenta, da noz-moscada ou do cravo-da-índia.

Contudo, Macau também passava por tempos difíceis, tentando sobreviver aos ataques sistemáticos da armada holandesa. A cidade vivia um profundo declínio, especialmente desde que o Xogun do Japão lançara leis contra os missionários cristãos e aprovara os massacres de cristãos japoneses em Kyoto e Nagasaki. A rota com Macau praticamente cessara e Malaca também se ressentira disso. Mais recentemente, em 1639, o Xogun Tokugawa Iemitsu expulsara os portugueses de Nagasaki e interditara todo e qualquer comércio com a cidade de Macau. A decisão fora irreversível e os portugueses sentiram isso meses depois, quando os tripulantes de uma nau portuguesa foram massacrados, incluindo o embaixador de Macau que tentara reatar laços com o Japão.

D. Pedro abriu os olhos. Sentiu que o mundo mudava e estava decidido a prosseguir com a decisão que tomara em conjunto com as irmãs. Estava à beira de celebrar 44 anos. Desde que há cinco anos ficara viúvo de Fatimah, nunca mais tivera outra mulher. Mas tinha uma família muito grande e Maria do Carmo e Siti, as suas filhas, adoravam-no e viam-no como um herói. Pedro vivia para elas e para as suas irmãs. Noor, a sua irmã direta, continuava linda e muito ligada a ele. Tinha casado com Antônio, um casado da cidade, filho de uma princesa de Makassar e de um mercador português e estava grávida pela terceira vez. E depois Beatriz, ainda solteira, filha de Matilde, a mais nova das suas irmãs. Tinha a pele tão branca como algodão e os olhos em tom de azeitonas. Apesar de não ter sangue malaio, Beatriz estava muito ligada ao sertão e a vários kampungs em volta de Malaca.

A família Mascarenhas vivia na Cidadela há alguns anos, perto da Misericórdia e da Porta de Santiago, numa grande mansão senhorial. Outrora, a casa pertencera a D. Diogo de Resende, mas com o passar dos tempos, fora renovada e ampliada e seria a casa mais ilustre de toda a Cidadela. A família continuava a controlar grande parte do comércio de Malaca, mesmo depois do fim da amizade com o sultão de Johor. Mantinha boas relações com os quelins e com os chinchéus e, sobretudo, com os japoneses cristãos. Talvez fosse o tom da sua pele, a voz afável ou apenas os dotes de comerciante. D. Pedro era respeitado e dificilmente alguém lhe recusava o que quer que fosse. Fora D. Pedro que garantira o abastecimento da cidade nos últimos anos. Talvez por isso, também, mantinha uma excelente relação com o Capitão-Mor. Era um homem simpático e bem-intencionado, mas que perdera muito poder nos últimos anos, devido ao caráter militar de Malaca e ao fato de ser um subalterno do Capitão dos Mares do Sul.

D. Pedro, Noor, Beatriz e Antônio tinham tomado uma decisão em conjunto. Iriam abandonar a cidade de Malaca para sempre. Não tinha sido uma decisão fácil e talvez por isso todas as mulheres e crianças da sua família se recusaram a sair nos primeiros contingentes. Malaca era a sua terra, mas agora todos tinham a consciência de que a cidade estava morrendo. Muitas pessoas já tinham saído da cidade – a maior parte delas em direção a Goa, outras rumando a Macau, e uma pequena parte tinha partido para sul, para o que diziam ser a nova Malaca, a cidade de Makassar, nas Celebes do Sul. Dizia-se que o sultão era hostil aos holandeses e que protegia os mercadores portugueses. A cidade de Makassar enriquecia dia após dia e se beneficiava da pressão sobre os portugueses de Malaca.

D. Pedro de Mascarenhas baixou o olhar e pensou que tinha um sonho. Um sonho distante, um sonho bonito, um

sonho que talvez fosse impossível, como muitos sonhos. Queria conhecer a cidade de Lisboa! Sentia que era português e que devia alguma coisa a Portugal. Era um pensamento curioso, tendo em conta a cor da sua pele e o que estava à sua volta. As irmãs também tinham esse sonho, e mesmo Maria do Carmo e Siti tinham-no apoiado sem hesitações. Juntos levariam parte das riquezas de D. Afonso de Albuquerque para o seu destino inicial, definido 130 anos antes e seguindo o trajeto inverso que o seu pai fizera cinco décadas atrás.

A família Mascarenhas era rica, muito mais do que qualquer malaquense pudesse pensar. Não tinha sido apenas o arroz e as rotas marítimas. D. Pedro recordou o que o seu pai testemunhara naqueles dias em Aru, perto do rio Pacém. O canarim Sinha fora o primeiro a morrer e, depois, Manuel de Goa e o japonês Yamamoto acabaram também por perder a vida em combate. D. Rodrigo tinha sido o único sobrevivente. O seu pai navegara mais de dez dias sozinho, em alto-mar, até ser encontrado por um juncos dos jaus. Mesmo com cabelos e barba comprida, os jaus tinham-no reconhecido. Muitos deles eram de Malaca e conheciam o casado mais importante da Fortaleza. Os jaus inverteram o rumo e levaram D. Rodrigo de volta à cidade, sem fazer perguntas sobre o baú que o casado português levava consigo. O pai chegara à cidade no meio de uma convulsão. D. André Furtado de Mendonça rumara a Goa e o Vice-Rei D. Martim Afonso de Castro e a sua criadagem continuaram na cidade e faziam de Malaca a capital do Estado da Índia.

Nunca mais ninguém voltou a Aru! O seu pai quis manter aquele segredo para sempre! Nunca quis que se soubesse o que trouxera de Aru e afirmava que qualquer coisa que dissesse sobre aquele sultanato poderia gerar um banho de sangue.

D. Rodrigo de Mascarenhas falecera alguns anos depois,

em 1611, após meses de sofrimento. Adoecera e perdera alguns sentidos, mas estivera lúcido até o fim. Amado até o fim. Matilde também não resistira muito mais tempo e morreu na mesma cama, durante o sono, meses depois. Alguns anos mais tarde, o sultanato de Aru caiu finalmente nas mãos do Achém! Fora aquele o destino que o seu pai escolhera e a sua vontade havia sido respeitada, mesmo depois da sua morte.

Além dele, das suas irmãs e de Matilde, nunca ninguém na cidade soube o que se passara naqueles dias em Aru!

D. Pedro de Mascarenhas sabia bem o que acontecera naqueles dias, mas estava esgotado. Cerrou os olhos e o seu pensamento recuou duas semanas. O capitão da frota invasora sucumbira à epidemia e os holandeses tinham retirado do povoado de Tranqueira para planejar o passo seguinte. Durante aquele compasso de espera, ele e suas irmãs saíram da Cidadela e enterraram uma pequena parte da carga da *Flor do Mar*, num local que só eles podiam descobrir. Tinham-no feito com alguma emoção e criatividade. Guardaram parte dos despojos do saque num pequeno baú, incluindo um dos quatros leões dourados e enterraram-no por debaixo do monte dos pedregulhos gigantes, perto do pelourinho. Pouco ou nada restava do monumento, mas D. Pedro sabia que o baú nunca seria encontrado nem destruído. Quando a cova por debaixo dos rochedos estava suficientemente profunda, os três irmãos colocaram o baú naquele espaço, cobrindo-o de terra. Fora naquele local que o seu pai vira Noor pela primeira vez, muitos anos antes, e todos sabiam que ele ficaria contente com a escolha. Nos dias seguintes, os três irmãos, ajudados por Antônio, tinham repetido o processo mais quatro vezes, três delas dentro da Cidadela. Sabiam que aqueles locais eram os mais especiais para o seu pai.

De repente, D. Pedro abriu os olhos. O empregado

chinchéu aproximou-se da varanda em passos silenciosos e acabou por despertá-lo. Tay Kim Long estava muito magro e andava curvado como se o corpo lhe pesasse.

— D. Pedro, está tudo pronto! Os retratos de D. Afonso de Albuquerque e D. André Furtado de Mendonça já foram retirados da Sala das Sessões da Câmara, seguindo as instruções do Capitão-Mor, e já se encontram devidamente acondicionados — avisou o velho empregado chinchéu, num tom cerimonioso. — Precisais de mais alguma coisa?

— Não, Tay Kim Long, obrigado! Ide descansar! — disse D. Pedro, assentindo. Concordara com o pedido de D. Manuel de Sousa Coutinho, prometendo levar consigo os retratos dos dois nobres, de modo a evitar que caíssem em mãos holandesas. — Amanhã vai ser um longo dia. Tendes que avisar a vossa família que sairemos antes de o sol nascer.

— Sim, senhor. Estamos todos prontos.

— Estão todos dormindo?

— A menina Maria do Carmo já está dormindo, mas Siti continua acordada, senhor!

— Ah... — estranhou D. Pedro, franzindo a sobrancelha e levantando-se em seguida.

— Está cantando! — contou o empregado, quase esboçando um sorriso, com as mãos abertas no ar. — Sentada na cama. Disse que não tem sono.

— Eu vou lá então. Ide descansar.

— Sim, senhor! — agradeceu Tay, fazendo uma reverência. — Sei que os tempos são difíceis, mas desejo-vos um bom ano.

D. Pedro de Mascarenhas agradeceu e desejou o mesmo ao empregado chinchéu. Olhou por uma última vez da varanda para o que restava da rua Direita. Malaca estava morrendo e sentia que em breve tudo iria mudar. Não sabia por quê, mas tinha um pressentimento de que 1641 seria um bom ano.

Siti estava vestida de branco com as vestes que iam até os joelhos e sentara-se na cama cantando baixinho. D. Pedro deixou-se ficar à entrada do quarto, olhando para a filha durante alguns instantes. Tinha cabelos negros muito compridos, pele castanha e os olhos esverdeados de Fatimah. Tinha o mesmo nome que a avó, mãe da sua mãe. Como estava crescida! Já não era um bebê e gostava de fazer o que queria e ter opiniões próprias. Sabia que Portugal não lhe dizia nada e que Malaca era a sua terra. Mas ainda era muito nova e D. Pedro tinha esperança que Siti, Maria do Carmo e todos os seus primos conseguissem adaptar-se a uma nova terra.

— Estais acordada, minha filha! — começou Pedro, aproximando-se dela e depois sentando-se na cama, ao seu lado. Maria do Carmo dormia pesadamente no outro canto do quarto, indiferente às canções da irmã.

— Não tenho sono, meu pai! — desculpou-se a filha, brincando com ambas as mãos.

— Tendes de dormir, minha filha! — insistiu Pedro, abraçando-a com carinho. — Amanhã temos que acordar cedo e vai ser um longo dia para todos.

Beijou os cabelos negros e a testa da filha e abraçou-a com força. Sabia que tinha que garantir-lhe um futuro, mesmo que fosse longe dali. Siti enroscou-se no colo do pai e aninhou-se.

— Cantais-me uma canção, meu pai? — perguntou Siti, fechando os olhos, e agarrando o braço do pai com ambas as mãos.

D. Pedro embalou a filha nos braços e cantou uma canção baixinho. Era a mesma canção que se lembrava que a sua mãe lhe cantava quando tinha a mesma idade da filha. Esboçou um sorriso triste ao pensar nisso. Lembrava-se da letra toda e de ouvir aquela melodia ao som das ondas que batiam na praia de Hilir. Não compreendia tudo o que dizia,

mas o som das palavras acalmava-o e relaxava-o. D. Pedro continuou cantando a canção, passando levemente a mão pela cabeça da filha. Sentiu a respiração dela ficando mais pesada e, pouco depois, Siti adormeceu profundamente nos seus braços. Siti estava muito cansada e nem notou que o pai a deitara na cama e a cobrira para a proteger do ar fresco da noite.

Poucas horas depois, antes de o sol raiar, D. Pedro de Mascarenhas, o mais influente casado de Malaca, saiu da Cidadela numa comitiva de cem pessoas e dezenas de animais de carga. Além da família e empregados, faziam parte do grupo famílias de vários outros casados, bem como muitos quelins, chinchés e jaus. Saíram ordenadamente pela Porta de Santo Domingos, sob o olhar atento das sentinelas do baluarte. Os combates não tinham recomeçado desde a paragem do fim do ano, mas todos sabiam que aquela pausa não duraria muito tempo. Estavam todos conscientes que aquela seria possivelmente a última oportunidade de saírem da Cidadela antes da derrocada da cidade. D. Pedro e vários outros casados haviam recolhido muitas informações e a comitiva estava ao corrente das movimentações dos holandeses. Sabiam que o cerco a norte da Cidadela era quase inexistente e os rebeldes estavam quase todos a bordo dos navios ou circunscritos aos acampamentos de Hilir. A epidemia nos navios e acampamentos holandeses atingira um nível quase insustentável e os rebeldes calvinistas tentavam curar os seus doentes a todo o custo.

A caravana atravessou em silêncio os escombros do povoado de Sabac, ainda o sol não tinha nascido, e depois seguiu em direção ao sertão e a Muar. Aquele era um caminho que os casados e *feringgis* conheciam bem, mas o apoio dos malaios das aldeias próximas foi determinante para evitar as patrulhas de Johor que vigiavam a região. A caminhada pelo sertão durou três dias, mas todos

aguentaram bem, apesar do calor e da tensão. Ninguém ficou para trás e os mais rápidos esperaram pelos mais lentos e a proteção dos malaios funcionou tal como previsto. Por isso, a caravana chegou sã e salva ao povoado de Muar ao cair da noite. No pequeno porto do rio Muar, a comitiva avistou quatro juncos de jaus leais aos *feringgis*. Estavam ancorados perto da pequena fortaleza portuguesa havia mais de uma semana e esperavam pela comitiva que sabiam estar próxima. D. Pedro, sempre acompanhado pelas suas duas filhas, Maria do Carmo e Siti, sorriu ao ver que tudo corresse conforme planejado. Estavam longe dos holandeses e a partir dali só tinham que se preocupar com Johor. E isso seria mais fácil.

O povoado de Muar recolhera muitos refugiados de Malaca, incluindo vários casados, desde o início do cerco, e a maior parte deles iria também embarcar. A Malaca portuguesa ficava para trás, abandonada à sua sorte, mas o espírito malaquense iria sobreviver. Os quatro juncos estavam preparados para zarpar naquela noite. Aproveitariam a fase de lua nova para ficarem mais protegidos da armada de Johor, que continuava a patrulhar a saída do Estreito de modo a evitar que os portugueses recebessem reforços.

Assim que a comitiva chegou ao pontão de madeira, foi recebida por um grupo de 15 samurais japoneses. Estavam vestidos de negro e com uma expressão carregada. Estavam lado a lado, como se formassem uma muralha de proteção que impedia o acesso aos juncos. Perante aqueles homens, hesitaram. D. Pedro de Mascarenhas tomou a iniciativa e mandou parar a comitiva à entrada do pontão de madeira. Depois, avançou sozinho.

— D. Pedro de Mascarenhas! — avançou um dos samurais em português, fazendo uma reverência. Tinha uma estatura média, mas um corpo possante que deixava

entender que seria impossível deitá-lo abaixo. Reconhecera o casado português dos seus tempos de Malaca bem como o rosto de várias outras pessoas que se mantinham no início do pontão de madeira. — O meu nome é Xavier. D. Teodósio Takami manda os seus cumprimentos.

— Obrigado, Xavier — agradeceu o casado, fazendo igualmente uma pequena reverência. D. Teodósio tinha sido o capitão do último navio que aportara a Malaca vindo de Nagasaki. Foi um dos últimos navios portugueses a conseguir embarcar da cidade, com centenas de cristãos que fugiam à declaração de morte decretada pelo Xogun. Muitos deles tinham ficado por Macau, outros em Malaca e os mais corajosos tinham seguido para Goa. — Como está D. Teodósio? Continua em Macau?

— Sim, D. Pedro! Instalou-se definitivamente em Macau — respondeu Xavier, mantendo uma postura militar. — Está de boa saúde, na medida do possível. Os holandeses não dão descanso à cidade, mas continuamos resistindo com a ajuda de Nosso Senhor.

— Não é a primeira vez que vos vejo — disse o português num tom amistoso. Reconhecia aquele rosto de algum lado, mas não estava se lembrando de onde.

— Não, D. Pedro — respondeu o samurai. — Hospedaste toda a minha família em Hilir quando chegamos de Nagasaki. Estivemos lá várias semanas...

— Agora me recordo! — lembrou-se, esboçando um pequeno sorriso, com um sinal de contentamento. Agora lembrava-se perfeitamente! Aquele samurai era neto de um português de Nagasaki, cuja família cristã fora massacrada pelo Xogun. Tinham estado em Malaca por algum tempo, mas depois decidiram regressar a Macau para se juntar ao resto da família. — Folgo em ver que estais de boa saúde!

O samurai assentiu em sinal de respeito e depois informou:

— Está tudo pronto, D. Pedro. Poderemos partir assim que todos embarquem.

— Podemos avançar então! — respondeu o casado num tom seguro. Muar era um local de refúgio mas nem por isso totalmente seguro. Tropas leais ao sultão de Johor poderiam chegar a qualquer momento. — Quanto mais rápido, melhor.

O plano era simples! Dois juncos rumariam para as Celebes, em direção a Makassar, a trezentas léguas de Malaca, e os outros dois iriam navegar até Macau, ainda mais distante. Cada família decidira previamente para onde iria e todos sabiam em que junco embarcariam. Foi tudo muito rápido, ordeiro e imerso num silêncio quase profundo. Os samurais saíram de formação e ajudaram as pessoas a embarcar. Os marinheiros jáus faziam os últimos preparativos a bordo e cada uma das velas já estava solta ao vento. D. Pedro olhou para trás e engoliu em seco. Tudo estava em movimento. Viu toda a carga que a sua família levava. Tinham tentado ser comedidos, mas mesmo assim sentiu que a carga era muita. Depois olhou para os dois baús castanhos e sorriu. Ali, no meio de tantas outras coisas, passavam despercebidos. Antônio não saía de perto deles e foi ele próprio quem os colocou a bordo do junco, ajudado por dois samurais.

Uma hora depois, os quatros juncos levantaram âncora e saíram juntos do rio na escuridão da noite. Por razões de segurança, não existia qualquer foco de luz a bordo. A maré e os ventos estavam favoráveis e os juncos afastaram-se rapidamente da costa para tentarem fugir aos navios de Johor. A maior parte das pessoas manteve-se no convés durante as primeiras horas. A visibilidade era diminuta, mas estar ali dava-lhes a ilusão de que continuavam próximos de quem tinha feito parte da sua vida durante todos aqueles anos. Algumas pessoas diziam adeus com a mão, outras estavam simplesmente ali, olhando para o vazio, na

escuridão.

Maria do Carmo conseguira adormecer pouco depois de embarcarem, encostada a um canto do camarote da popa. Siti estava ao seu lado, como que enroscada no corpo da irmã, mas ainda estava acordada. Não conseguia dormir! Afastou-se vagarosamente de Maria e depois saiu do camarote na ponta dos pés, sem ninguém perceber. Abriu caminho por entre os adultos no convés e caminhou até encontrar o pai. D. Pedro estava sozinho, na popa, olhando para o vazio da noite.

— Meu pai! — chamou Siti com a sua voz aguda que encantava Pedro. — Estava à vossa procura...

— O que é, minha filha? — despertou D. Pedro, perguntando a si próprio como é que a sua filha mais nova tinha chegado até ali, no meio da escuridão. — Pensei que estivésseis com a vossa irmã ou com a Lim. Já é tarde...

— Eu sei, meu pai, mas eu gostaria que me cantásseis a canção da avó.

D. Pedro sorriu e pegou na filha ao colo. Lembrou-se da sua mãe. Sabia que tinha sido uma princesa de Kedah, que deixara tudo para trás pelo seu pai e que perdera a vida ao trazer Noor ao mundo. À sua mãe devia a sua pele dourada, os cabelos negros e, segundo o seu pai, a inteligência e o gosto pelos números. Não se lembrava das suas feições, nem mesmo das recordações que tinha de quando era criança. Mas lembrava-se daquela canção e do que o seu pai contava sobre ela.

O juncos continuava a cortar as ondas do Estreito de Malaca, aproveitando o vento que soprava de norte. D. Pedro tinha o coração despedaçado por dentro, mas sentiu a alma iluminada ao ver ali a sua filha mais nova, de camisa de noite e de pés descalços. Cantou a canção de Kedah e esperou que Siti adormecesse ao seu colo. Mas Siti mantinha o olhar vivo.

— Para onde vamos, meu pai? — perguntou pouco

depois a filha, soprando ao ouvido do pai.

— Para onde Deus, nosso Senhor, quiser, minha filha...

— E é longe?

— Sim, é muito longe, minha filha. É do outro lado do mundo...

Siti riu-se baixinho, não percebendo as palavras do pai, e fechou os olhos, assim que o seu pai começou de novo a cantar. Sentiu o calor do corpo do pai, aninhou-se melhor nos seus braços e adormeceu quase em seguida.

Dez dias depois, cerca de 650 soldados holandeses, comandados pelo capitão Williemsson Karteokoe, cercaram a Cidadela de Malaca. Ocuparam vários pontos estratégicos em frente às muralhas e atacaram com força. Os primeiros tiros de canhão atingiram as muralhas viradas para o rio, aproveitando os danos que os anteriores ataques tinham perpetuado. A estratégia fora bem montada e deu resultados horas depois. O dia estava nascendo, quando as tropas holandesas conseguiram transpor a Porta de Santo Domingos e entrar pela primeira vez no interior da Cidadela.

Às 10h horas da manhã, os soldados holandeses avistaram várias bandeiras brancas ao longo dos escombros das muralhas. Seguiram-se horas de conversações com o Capitão-Mor, D. Manuel de Sousa Coutinho, e os holandeses acabaram por aceitar termos de rendição bastante generosos. Não aguentariam por muito mais tempo aquela ofensiva e queriam pôr um ponto final em tudo aquilo. Os portugueses aceitaram os termos e todos os que tinham aguentado o cerco durante meses depuseram as armas e as bandeiras lusitanas. Voltaram para o que restava das suas casas e das suas igrejas, e rezaram. Dois dias depois, D. Manuel de Sousa Coutinho faleceu, deitado na sua cama, nos seus aposentos da fortaleza. O funeral foi uma cerimônia estranha, com portugueses, malaios e holandeses rezando no meio dos escombros. D. Manuel foi enterrado na igreja de Santo

Domingo.

A “Famosa” tinha sido finalmente derrotada!

Capítulo 29

LISBOA, 28 DE JULHO, 18H50

“O BAIRRO ESTRELLA
D’OURO É UMA DAS VILAS
OPERÁRIAS DA FREGUESIA DA
GRAÇA E FOI CONSTRUÍDO EM
1909 POR AGAPITO SERRA
FERNANDES, UM IMPORTANTE
INDUSTRIAL DE CONFEITARIA,
DE MODO A ACOMODAR OS
SEUS TRABALHADORES,
MEDIANTE O PAGAMENTO DE
UMA RENDA. A SUA FAMÍLIA
RESIDIA NA VIVENDA ROSALINA,
UMA CASA APALAÇADA BEM NO
CENTRO DA VILA, QUE TINHA
UMA CAPELA, UM LAGO E UM
GRANDE JARDIM. AS RUAS TÊM
O NOME DAS SUAS FILHAS,
JOSEFA, VIRGÍNIA E ROSALINA, E
A ESTRELA ESTÁ PRESENTE EM
TODAS AS ENTRADAS E
PAVIMENTOS DA VILA.”

Vilas Operárias de Lisboa



vento soprava vindo do mar e entrava na barra do Tejo com intensidade, mas chegava às margens da cidade com pouca força. As copas dos pinheiros mansos do miradouro da Graça balançavam placidamente ao sabor do vento. Filipe acompanhava aquele movimento há algum tempo e isso acalmava-o. Estava ali há mais de duas horas e tinha visto o sol a caminhar progressivamente para oeste. As mesas do bar do miradouro estavam cheias e os empregados não tinham tempo para uma pausa.

Filipe não tinha reparado que a bar ficara cheio e que ao fundo já estava uma fila de pessoas à espera. Ficou surpreendido! Aquele era um lugar que fazia parte da sua infância e adolescência. Não sabia que se tinha transformado num lugar de culto na cidade e que vinha mencionado em vários guias turísticos como o Lonely Planet ou o American Express. Acabou sorrindo. Os guias recomendariam com certeza a praça como o lugar perfeito para o fim de tarde de verão, o ideal para uma bebida, e com uma vista fantástica para o castelo de São Jorge, ali tão perto.

Mas não eram apenas turistas que estavam ali. Filipe viu muitos lisboetas, incluindo pessoas do bairro. Poucos

minutos antes tinha quase certeza de ter visto uma amiga da sua mãe entrando na Igreja da Graça e, pouco depois, distinguiu um antigo colega seu do Liceu Gil Vicente. Estava acompanhado por uma mulher de cabelos ruivos, da mesma idade, e com duas crianças pequenas que brincavam no jardim. Pensou para si mesmo que os anos iam passando e lembrou-se que poderia ter a sorte de encontrar a Susana. Já não a via desde que tinha ido para Nova Iorque. Já lá iam mais de cinco anos e, entretanto, tinham perdido completamente o contato. Possivelmente, Susana já não morava na rua da Senhora do Monte, à entrada da Vila Estrella d'Ouro. Teria já, talvez, casado. Teria filhos e até, quem sabe, já não seria a moça tímida que fora em outros tempos.

A cerveja fresca escorreu-lhe pela garganta e caiu-lhe bem. Esvaziou o copo e pediu ao empregado que lhe trouxesse uma outra. Seria a terceira, mas sentia-se bem. A mesa ao seu lado vagou de repente e foi ocupada por um enorme grupo, que esperava perto da igreja. Um dos homens veio ao seu encontro e pediu licença para levar a cadeira que Luís Peixoto, o técnico da Fundação Oriente, ocupara até minutos atrás. Filipe assentiu e reconheceu-o. Era um músico conhecido, já o tinha visto na televisão várias vezes, mas não se lembrou do nome dele. Estivera muito tempo fora de Portugal. Olhou para o resto do grupo e também reconheceu alguns rostos. Estavam muito alegres como se estivessem celebrando algo. Esforçou-se por se lembrar quem seria, mas sem qualquer sucesso.

Olhou para a pasta de papéis que tinha em cima da mesa e sorriu. Também tinha razões para celebrar. Luís Peixoto telefonara-lhe naquela manhã para lhe dar boas notícias. Tinha encontrado vários documentos que lhe interessavam. De alguma maneira, Luís Peixoto fazia-lhe lembrar o Regente da Malaca portuguesa. Estava fascinado com o que tinha

investigado e entusiasmado com o que tinha para mostrar. E, surpreendentemente, Luís Peixoto tinha muito para mostrar! Imprimira vários documentos que digitalizara e que ainda estavam nas antigas instalações da Fundação, no Palacete das Olaias. Quando Luís mostrou os documentos naquela mesma mesa, Filipe desfez as dúvidas e compreendeu o que tinha acontecido a D. Pedro.

D. Pedro de Mascarenhas fora um homem religioso, possivelmente não tanto como o seu pai, mas, ainda assim, acreditava muito em Deus, Jesus Cristo e na paz entre os homens. Havia provas concretas de que D. Pedro de Mascarenhas era crente em Deus, do mesmo modo que existiam vários documentos que provavam a sua chegada a Portugal. Luís tinha encontrado manuscritos assinados pelo próprio D. Pedro de Mascarenhas em Lisboa. Documentos comerciais da Casa da Índia, sobretudo sobre compra e venda de especiarias. Pelo que percebeu, D. Pedro montara uma rede comercial com o que ainda restava do comércio do Estado da Índia e tinha fortes ligações com a Corte. Um dos documentos que Luís Peixoto lhe mostrou tinha o selo real dos Bragança. Tratava-se de uma missiva especial de El-Rei D. João IV, o “Restaurador”, o fidalgo que tinha feito a ligação com a Dinastia de Avis e recuperado a honra nacional. A carta datava de 7 de abril de 1651 e agradecia os esforços de D. Pedro de Mascarenhas pela reforma da Casa da Índia.

D. Pedro era um pragmático. Era visivelmente um homem de posses, que construía um império comercial em Lisboa, aparentemente quase de um ano para o outro. Filipe concluiu que D. Pedro tinha conseguido refazer a sua vida no Reino, ciente de quem era e quem tinha sido o seu pai. Parecia, no entanto, ter sido fiel ao rei e tudo ter feito para fortalecer o país, especialmente contra os castelhanos, que não desistiam de recuperar o território perdido. D. Pedro

acabou falecendo em agosto de 1655 no seu palácio em Alfama, situado ao lado da casa da família Albuquerque, a Casa dos Bicos. Pelo que Luís Peixoto contara, D. Pedro fechara os olhos pela última vez tal como sonhara, rodeado por Maria do Carmo e Siti e de todos os seus netos.

O grupo de músicos que estava ao seu lado soltou uma onda de riso generalizado e depois começou a cantar em uníssono. Filipe reconheceu a música e finalmente lembrou-se quem eles eram. Agora sim, recordava-se. Mas sentia o rosto ardendo. Não conseguia deixar de pensar na pergunta que Luís Peixoto lhe fizera pouco antes de se ir embora.

— Sabe quem foi D. André Furtado de Mendonça?

— Sim, já ouvi falar! — soltou Filipe na hora, tremendo por dentro. Sabia muito bem quem tinha sido D. André. Era impossível estar no escritório do pai e não se deparar com apontamentos que faziam menções a esse nome. — Almirante dos Mares do Sul, Capitão-Mor de Malaca e Governador do Estado da Índia!

— Uma resposta digna de um conhecedor de História. Mas D. André foi muito mais do que isso. Foi o Grão-Capitão, o maior chefe militar da sua geração no Oriente português, que derrotou os inimigos de Goa e susteve a avalanche holandesa.

Filipe tinha investigado a vida de D. André Furtado de Mendonça nos últimos dias em Lisboa, principalmente nos apontamentos do pai. Concluiu que o pai estudara a sua vida em detalhe e percebeu que D. André tinha conhecido D. Rodrigo de Mascarenhas. Primeiro, no estreito de Sunda, e depois, em Malaca, durante os três anos em que tinha sido Capitão-Mor. Depois da vitória sobre os holandeses em 1606, D. André tinha sido vangloriado por toda a cidade, mas desentendimentos graves com o Vice-Rei levaram-no a demitir-se de todos os cargos poucas semanas depois e regressar a Goa.

D. André atingira um prestígio enorme e era visto como o capitão mais famoso de toda a Índia. Filipe sabia que essa opinião não era unânime entre os homens da sua época e pelos historiadores. Algures também lera que D. André não tivera a visão suficiente para derrotar os holandeses, numa época em que eles ainda tinham pouca força no Oriente. Em outros documentos, lera que D. André era um cavaleiro que combatia e liderava como ninguém em terra, mas que não passava de um comandante mediano nos mares.

No entanto, a História tinha sido favorável a D. André. A prova disso era que ele recebera honras fúnebres quando desembarcara nas praias do rio Tejo, em Lisboa, em meados de 1610, sendo sepultado ao lado de um dos maiores fundadores do Estado da Índia. D. André chegou a ser nomeado Governador do Estado da Índia em maio de 1609, no seio de uma crise de sucessão muito grave. O seu governo durou poucos meses, mas foi determinante na cidade, e D. André foi chamado a Valladolid porque El-Rei D. Filipe quis conhecê-lo pessoalmente. No entanto, um dos seus maiores inimigos, D. Martim Afonso de Castro, ficou em Malaca contabilizando os danos do cerco holandês e acabou falecendo na cidade em junho de 1607, sem conseguir erradicar o perigo holandês, ou pôr fim à ameaça de Johor. Suceder-lhe-ia, alguns anos mais tarde, outro dos seus grandes rivais, D. Fernão de Albuquerque, que governara Malaca durante três anos.

— Mas por que está me perguntando isso? — perguntou Filipe

— Por causa disto! — afirmou Luís sem mais rodeios, colocando uma fotocópia de um manuscrito em cima da mesa. — Uma das descobertas mais surpreendentemente desde que entrei na Fundação. Aliás, uma das descobertas mais inquietantes de toda a minha vida...

— De que se trata?

— Veja com os seus próprios olhos...

Os sinos da igreja de Nossa Senhora da Graça tocaram com força e sobrepuseram-se a todo o resto. Aquela era uma das igrejas principais de Lisboa e tinha centenas de anos. Começara por ser um pequeno mosteiro Agostiniano, construído em 1271, no local em que o primeiro rei de Portugal acampara durante o cerco de 17 semanas a Al-Usbuna, até a vitória final, com a ajuda de milhares de Cruzados ingleses, alemães e flamengos a caminho da Terra Santa. O mosteiro tinha sido ampliado e, depois, na segunda metade do século XVI, transformou-se em Igreja. Desde essa época, abrigara túmulos de muitos fidalgos portugueses do Estado da Índia, além de vários bispos. O próprio D. Afonso de Albuquerque estava sepultado ali, conforme manifestara no seu testamento, de modo a estar ao lado do seu pai e bisavô, D. Gonçalo Lourenço Gomide. O seu filho, Brás de Albuquerque, tornou isso possível assim que terminaram os trabalhos de ampliação da igreja. Transladou os restos mortos do pai de Goa para Lisboa e D. Afonso de Albuquerque fora ali sepultado na Capela-Mor no ido mês de março de 1566, numa cerimônia com grande pompa e circunstância.

Possivelmente por um capricho do destino, D. André Furtado de Mendonça tinha sido sepultado naquele mesmo local em outubro de 1610. Os seus restos mortais estavam na Casa do Capítulo e não distavam mais do que poucos metros do túmulo de D. Afonso de Albuquerque. Os dois homens tinham pertencido a gerações diferentes, mas as suas vidas encontravam-se de algum modo interligadas. Foram duas pessoas determinantes para a presença portuguesa na Índia.

Mas aquela igreja era também especial para ele. Era a igreja dos seus pais e do seu bairro. Quase que podia dizer que era a sua igreja, apesar de pouco ou quase nunca a ter frequentado. Tinha sido parcialmente destruída no grande

terremoto de 1755, quando grande parte da cidade não resistira ao abalo. A capela-mor fora devastada, mas os túmulos não tinham sido danificados e a igreja fora reconstruída no mais puro dos estilos barrocos.

Filipe chamou o garçom do bar e pediu a conta. Uma vez mais pousou o olhar na folha que Luís Peixoto lhe deixara na mesa. O que dizia era bastante claro. Tratava-se de um excerto do diário de bordo da nau *Nossa Senhora da Penha de França*. Uma nau da Carreira da Índia que zarpara de Goa no dia seguinte ao Natal de 1609, comandada por D. Leonis da Câmara. Transportava um passageiro ilustre, o maior comandante militar da época, um passageiro que ia ao encontro de El-Rei. Mas algo não correu bem naquela viagem. O ilustre passageiro já tinha embarcado doente, depois de tantos anos no Oriente, e o seu estado agravou-se a bordo, entrando em delírios constantes. A *Nossa Senhora da Penha de França* dobrou o Cabo da Boa Esperança e rumou a norte pelas águas frias do Oceano Atlântico. O passageiro não conseguiu mais sair da cama e as suas últimas resistências começaram a ceder. De acordo com o diário de bordo, acabou por falecer na manhã de 1º de Abril, quinta-feira, a cerca de 270 léguas a sul da ilha de Ascensão. Dez dias depois, a nau acostou na ilha, um lugar onde habitualmente as naus portuguesas paravam para se reabastecerem de alimentos frescos e água doce. Naquele dia, D. Leonis tinha escrito no diário de bordo:

“Os últimos dias de D. André foram muitos dolorosos. Febres altas, hemorragias constantes e delírios incessantes. O nosso médico de bordo, o francês Jean Mocquet, tudo fez para apaziguar o corpo, mas a doença e a febre não deram tréguas.” — contava, pelo meio de letras parcialmente ilegíveis — *“Sempre que D. André acordava, parecia estar mergulhado algures no passado. Um passado com revelações perturbadores para um homem do mar como eu. Confesso que fiquei perturbado quando D. André declarou que*

El-Rei era o melhor espadachim que alguma vez tinha conhecido, que El-Rei tinha combatido em Bantam, Johor Lama, Muar e Malaca. D. André jurou diversas vezes de que conhecia aquela esgrima desde os seus tempos de jovem no Norte de África. O Grão-Capitão lamentava a sua perda na grande batalha contra os rebeldes. Quando informei D. André que El-Rei estava vivo e de boa saúde em Valladolid, D. André respondeu furioso de que El-Rei tinha sucumbido perto do Cabo Rachado.”

Aquele era um documento histórico suficientemente perturbador. Sabia que poderia ter várias interpretações e uma delas seria a de que aquelas eram palavras de um doente que delirava por causa da febre. Mas, no entanto, aquela podia ser a prova que lhe faltava. O garçom trouxe-lhe a conta e interrompeu-lhe pensamento. Filipe agradeceu e continuou com os olhos postos no Castelo de São Jorge. As bandeiras portuguesas e de Lisboa esvoaçavam lado a lado e davam movimento ao castelo.

Engoliu em seco. Aquela era mais uma prova importante e só então percebeu que essa prova sempre estivera em Lisboa. Filipe sabia muito mais do que isso. Sabia muito mais que o seu pai alguma vez imaginara. Conhecia bem o filho de D. Rodrigo. D. Pedro de Mascarenhas soubera quem fora o seu pai, tinha estudado a sua vida e, acima de tudo, quis prestar-lhe uma homenagem. O baú em Malaca, perto do pelourinho, era uma prova disso. Tinha sido enterrado num local mítico para o pai – o local onde ele tinha conhecido Noor, a princesa de Kedah!

Filipe imaginou que deveriam existir pelo menos dez baús enterrados com os despojos da *Flor do Mar*. Sabia que alguns deveriam ainda estar em algum lugar em Malaca, outros, em Cusco, e outros em Lisboa. Sabia que todos os baús estariam em locais que diziam muito a D. Rodrigo e não foi com surpresa que percebeu que um dos baús estaria localizado na Igreja de La Compania na Plaza de Armas de

Cusco. Tinha lido muitos documentos, papéis e o que restava das crônicas daquele tempo. A partir de um certo momento, tudo parecia fácil, especialmente no que se referia a Lisboa. Por isso, foi com alguma facilidade que concluiu que deveriam existir três baús.

Um dos baús, Filipe sabia onde estava, mas seria impossível chegar lá. Deveria ter sido enterrado em Alfama, próximo da Casa dos Bicos, e Filipe sabia que o bairro tinha sido destruído quase por completo no terremoto de 1755. Mas os outros dois, achava que estavam acessíveis – um deles sabia exatamente onde estava escondido. Não era preciso pensar muito! A porta da igreja já estava fechada àquela hora, mas ele sabia que o túmulo de D. André Furtado de Mendonça distava a poucos metros. Perguntou-se se o próprio túmulo de D. Afonso de Albuquerque não guardaria, também ele, um segredo. Afinal, Albuquerque tinha sido o conquistador de Malaca, o almirante da *Flor do Mar* e a ele se devia, em parte, o Estado da Índia.

Agarrou na capa de plástico com o calhamaço de papéis, pagou a conta e levantou-se. Encostou-se ao parapeito de ferro da praça e fitou a vista em toda a sua dimensão. Não era muito diferente da vista que tinha de casa dos seus pais. Avistou o Castelo de São Jorge, a igreja de São Tiago e depois, lá em baixo, os telhados vermelhos dos bairros de Lisboa, plantados ao longo das colinas. Era uma cidade antiga, lindíssima, e num estilo totalmente diferente das cidades onde tinha vivido, como Boston ou Nova Iorque.

O celular tocou e Filipe ficou apreensivo ao olhar para o visor. Não conhecia aquele número, nem aquele indicativo. Ficou pensando quem estaria ligando de outro país, mas resolveu atender a chamada.

— Buenos dias. Daqui fala Hernando Mendez, detetive da polícia municipal de Cusco — identificou-se o homem do outro lado em castelhano. — Estou falando com o Senhor

Filipe Silva?

— Sim, é o próprio!

— Desculpe incomodá-lo, senõr Silva — continuou o policial na mesma língua. — O hotel em que estive hospedado em Cusco teve a amabilidade de nos facultar o seu contato.

— Sim?

— Estou telefonando-lhe porque estamos investigando um assassinato recente que teve lugar perto da cidade e precisava de algumas informações suas.

— Sim, já fui informado do sucedido — assentiu Filipe, afastando-se da praça, percebendo que estava falando alto sobre um tema sensível. — Trata-se de Alberto Blanco, não é verdade?

— Exatamente. Penso que o senõr o conhecia...

— Sim, conhecia-o! — respondeu logo, sem rodeios, demonstrando alguma ansiedade. — Estive com ele na sua casa em Pisac.

— Quando foi isso?

— Foi há semanas atrás, três, no máximo — respondeu, tentando ter um pensamento mais claro. Tinha-se passado tanta coisa, tinha estado em tantos locais, que estava perdido no tempo. — Sim, foi isso! Estive com ele umas horas na sua casa. Tomamos um chá e conversamos durante bastante tempo.

— Posso perguntar como conheceu a vítima?

— Era amigo pessoal do meu pai! — contou Filipe, afastando-se ainda mais da praça e caminhando na direção da fonte disposta no centro do jardim. — O meu pai também era historiador. Fui conversar com ele porque estava em Cusco, em turismo, e aproveitei para o conhecer. O meu pai faleceu há pouco tempo e estivemos falando dele. Aliás, eu fiz mesmo questão de o conhecer.

— Notou alguma coisa de estranho enquanto estive com

ele? — perguntou o policial peruano. — Percebeu se Alberto Blanco estava nervoso, preocupado com algo?

— Não, pelo contrário. Pareceu-me muito simpático, descontraído. Só o conheci naquela tarde, mas eu diria que estava normal — respondeu, lembrando-se bem do que se tinha passado naquela tarde. — Já descobriram alguma coisa?

— Sim, posso adiantar que estamos muito avançados na investigação. Estamos no encalço do assassino. Vamos apanhá-lo, com toda certeza — informou com uma voz cortante. — Já sabemos que se trata de um europeu! Penso que Alberto Blanco o conhecia, ou pelo menos, estaria à espera dele, porque não houve qualquer resistência ou indícios de arrombamento.

— E como sabem que era europeu?

— Temos uma testemunha ocular — adiantou o policial no mesmo tom de voz. — O caseiro da casa encontrava-se trabalhando no anexo da propriedade quando ouviu gritos. Quando chegou na casa, deparou-se com três cadáveres na sala e ainda conseguiu ver ao longe o assassino saindo da propriedade. O assassino não o deve ter visto, razão pela qual ele sobreviveu.

— Mas não acha que fui eu que o matei, não é? — perguntou Filipe alarmado, percebendo que alguns olhares da praça estavam postos em si. Não podia acreditar que aquilo pudesse ser verdade.

— Não, senhor Silva! Para ser sincero, isso foi pressuposto no início, mas já pusemos essa hipótese de lado há muito tempo. Esteja descansado! — adiantou o policial, com uma voz mais conciliadora. — Precisávamos apenas que visse alguns retratos que fizemos com base nos relatos do caseiro. Pensamos que porventura o senhor possa o reconhecer.

— Claro que sim, se isso puder ajudar — respondeu Filipe, bastante mais aliviado, com os olhos fixos na água

esverdeada da fonte do jardim. — Como podemos fazê-lo?

— Se me der o seu e-mail eu envio-lhe a foto digitalizada e depois diz-me alguma coisa.

Filipe deu-lhe o seu *gmail* e combinaram falar no dia seguinte na mesma hora. Quando desligou o celular, sentiu o rosto quente e a pulsação acelerada. Tinha uma sensação estranha e ficou perplexo ao recordar as palavras do policial de Cusco. Tratava-se de um europeu. Guardou o celular no bolso e afastou-se do jardim, tentando não pensar mais no assunto. Tinha um jantar combinado no Bairro Alto com uns antigos colegas da universidade e começava a ficar atrasado. Tinha sido marcado pelo Facebook com pouca antecedência, mas Carlos, o organizador, tinha ficado tão radiante por saber que Filipe estava em Portugal, que fizera um esforço adicional para tentar que mais pessoas fossem ao jantar.

Atravessou a estrada em direção à Vila Sousa e avançou para a Travessa das Mônicas. Estacionara o carro no final da rua, bem perto do cruzamento com a Travessa de S. Vicente. A agitação do miradouro e da igreja ficou rapidamente para trás. Olhou para o céu e vislumbrou uma estrela brilhante que sobressaía nos tons rosados. A luz do sol ainda se notava, mas o tom já era de fim de dia e os candeeiros da rua já estavam acesos. Pensou que àquela hora demoraria a chegar ao Bairro Alto e que seria um problema para estacionar. Concluiu que o melhor seria apanhar um táxi e deixar o carro ali, mas depois pensou que o trânsito estaria mais fluido, já que muitos lisboetas deveriam estar de férias no Algarve – toda aquela confusão da cidade tinha sido transferida para Vilamoura, Albufeira e Portimão.

Os carros estacionados amontoavam-se ao longo do passeio, encostados à parede das casas. A meio da rua, pouco depois do Convento das Mônicas, uma antiga prisão para mulheres, Filipe foi mesmo obrigado a caminhar pelo meio da estrada. Estava tão distraído que não se apercebeu que

um Audi A4 azul-escuro dobrou a esquina e começou a descer a rua. Só deu pela presença do carro quando já estava a poucos metros dele. Assustou-se e abriu muito os olhos, ao mesmo tempo que se afastou para a calçada. Mas não teve tempo! O carro parou a um metro dele e uma porta se abriu. De repente, duas grandes sombras saíram na sua direção. Um dos homens tinha o cabelo ruivo e barba rala e Filipe não teve tempo de esbracejar ou pensar. Os dois homens cercaram-no e sentiu uma dor intensa. As pernas bambearam e sentiu um novo choque no pescoço e depois outro na cabeça. Tudo se passou em poucos segundos. Ia dizer algo, gritar, mas não conseguiu. Uma escuridão imensa acercou-se e não conseguiu manter os olhos abertos.

Quando voltou a abrir os olhos, momentos depois, não conseguiu ver nada. Estava muito escuro. Assustou-se e sentiu falta de ar. Cheirava intensamente à umidade. Não se lembrava de como tinha chegado ali e não sabia onde estava. Sentiu imensas dores e tentou mover-se. Não conseguiu e compreendeu que estava preso. Sentado numa cadeira, tinha as mãos e as pernas amarradas. Sentiu medo!

— Já acordou? — perguntou uma voz grave. Falava português com um sotaque difícil de localizar, mas que se assemelhava ao Leste da Europa.

Uma pequena luz no teto acendeu-se, o suficiente para conseguir perceber que estava numa sala enorme e distinguir várias sombras ao redor. Doíam-lhe os olhos, mas contou três sombras próximas dele.

— Onde estou? — questionou Filipe, com uma voz intermitente. Tinha a garganta seca e falar provocou-lhe uma irritação difícil de suportar. Sentiu os pulsos bem-apertados e não tinha qualquer folga para se mexer.

— Precisamos ter uma conversa! — afirmou a mesma voz. — Uma conversa a dois!

— Quem é você?

— Quem eu sou não interessa — cortou a voz, com alguma violência, com um sotaque estrangeiro. — O que interessa é como você vai conseguir sair daqui.

— O que quer de mim? — perguntou pouco depois, com esforço, tentando dominar o pânico que sentia.

— Quero saber o que tem feito nos últimos tempos.

— Como assim?

— Sei que tem viajado muito! Peru, Cingapura, Malásia e depois voltou a Portugal — continuou o homem com a mesma voz. — Quero saber o que procura. Não quero mentiras!

— Não entendo a pergunta...

— Quero saber o que tem feito e do que tem estado à procura?

— Esteve em Malaca, não esteve? Foi você, não foi? — desafiou Filipe, arriscando. Recordou o momento, em Malaca, em que sentira que estava sendo seguido. E quando a sua mãe lhe dissera que a casa fora assaltada. E quando chegara ao quarto, em Malaca, e vira que tinham forçado a porta e roubado tudo o que encontrara no antigo local do pelourinho da cidade.

— Já disse que quem faz as perguntas aqui sou eu!

Filipe não teve tempo de responder. Sentiu a força de um punho fechado na barriga e cuspiu a saliva que tinha na boca. Gritou de dor, mas uma nova investida interrompeu-o. Sentiu um vômito violento e não aguentou. Estava perdendo os sentidos, mas algo o manteve consciente.

— Não volto a repetir! — avisou o mesmo homem, sempre com uma voz estranhamente calma. — Diz-me o que tem feito por todos os locais onde tem andado.

— Tenho estado a acabar um trabalho do meu pai.

— Que trabalho?

— Sobre a Ásia portuguesa.

— O que tem a Ásia portuguesa? — questionou sem

hesitações.

— O meu pai era um especialista na região! — adiantou, com a voz trêmula. — Passou grande parte da sua vida investigando a presença portuguesa na região, desde o século XVI até os dias de hoje. Faleceu há pouco tempo e eu fui despedido. Por isso resolvi ver com os meus próprios olhos o que meu pai esteve estudando ao longo da sua vida...

— Onde é que encontrou a *Flor do Mar*? — inquiriu a mesma voz. Era um tom anormalmente calmo, mas que o amedrontava.

Filipe susteve a respiração e sentiu um tremor. A pessoa que estava à sua frente conhecia a *Flor do Mar*. Tinha dissipado todas as dúvidas! Fora ele quem entrara no seu quarto em Malaca, a mesma pessoa que tinha roubado os despojos que encontrara e, quem sabe, a mesma pessoa que entrara na casa dos seus pais à procura de informações. Aquele homem sabia perfeitamente o que estava fazendo. Tinha identificado os despojos como sendo da *Flor do Mar* e sabia o que queria. Queria o resto da carga do navio. Filipe abriu a boca para falar, mas não teve voz. Tentou dizer algo, mas não teve tempo para responder. Dois dos homens voltaram a socar-lhe a barriga várias vezes sem parar.

— Quero saber tudo o que sabe da *Flor do Mar* — ordenou Juan Alvarez, sentindo que estava no caminho certo. Sabia que estava à beira de conseguir o que queria. — Vai me dizer tudo o que sabe, nem que para isso tenha que sofrer mais do que alguma vez sofreu na sua vida.

Filipe sentiu uma fraqueza imensa e quase desmaiou. No entanto, isso não chegou a acontecer, porque um dos homens atirou-lhe um balde de água gelada. Filipe gritou e começou a chorar. Juan deixou o português voltar a si e ficou em silêncio à espera de uma resposta.

— O que quer saber? — perguntou Filipe, por fim.

— Sei que procura os despojos que restam da *Flor do Mar*! — respondeu Juan, sem rodeios, falando quase castelhano. Estava ficando cansado e custava-lhe falar português. — Quero saber onde estão! Quero que me diga tudo o que sabe.

Filipe hesitou e, por isso, os dois homens avançaram sobre ele e socaram-lhe várias vezes a barriga. Gritou de dor. Estava esgotado, e pensou que não conseguiria aguentar muito mais. Estava no limite das forças e pensou que não iria sair vivo daquele local. Sentiu que ia morrer!

Capítulo 20

LISBOA, 30 DE JULHO, 2H00

“DE TODOS OS TESOUROS
SUBMERSOS, EXISTE PELO
MENOS UM QUE É
CONSIDERADO COMO O SANTO
GRAAL DOS NAUFRÁGIOS E O
MAIS LENDÁRIO DE TODOS OS
DESPOJOS: A FLOR DO MAR.
DESDE O SEU NAUFRÁGIO EM
1511 ATÉ OS DIAS DE HOJE, NÃO
TÊM SIDO POUPADOS ESFORÇOS
PARA LOCALIZAR OS SEUS
DESPOJOS E RECUPERAR AS
IMENSAS RIQUEZAS QUE
TRANSPORTAVA. A SUA
LOCALIZAÇÃO PERMANECE UM
MISTÉRIO QUINHENTOS ANOS
DEPOIS!”

Ocean Treasures



condutor estacionou o Audi A4 ao lado da igreja da Graça e desligou o motor. Fez sinal para os homens esperarem e ficarem em silêncio no interior do carro. Aparentemente, tinham chegado cedo. Eram 2h da manhã, mas o jardim da igreja da Graça ainda estava povoado por casais de namorados, em volta do lago, e pequenos grupos de jovens conversando, fumando, bebendo ou simplesmente vendo as luzes brancas de Lisboa, lá embaixo. O vento soprava forte e agitava a copa dos pinheiros mansos ao redor, espalhando um som agudo pelo bairro. Foi necessário esperar mais de duas horas para que os jovens se cansassem, os casais de namorados se dissipassem e os cães e os gatos adormecessem. Já passava das quatro da manhã quando Juan Alvarez e dois homens saíram do carro. Olharam em volta e perceberam que não havia ninguém nas redondezas.

Juan fez sinal para avançar em direção à entrada da Igreja. Respirou fundo e absorveu o ar quente da noite. Sentiu uma forte adrenalina pelo corpo inteiro e sentiu-se jovem. Estava satisfeito. O filho do professor tinha falado e contara tudo o que sabia. O português não resistira ao interrogatório e tentara salvar a sua vida e a vida da mãe.

Como suspeitara, o professor português fizera uma descoberta inimaginável. Todas as pesquisas para descobrir a *Flor do Mar* em 1990 no mar de Samatra tinham sido em vão. A carga fora resgatada por uma tribo local, logo depois do naufrágio em 1511. Parte dessa carga fora encontrada por um nobre português de Malaca, cem anos mais tarde. O filho do professor português estava na posse de várias informações importantes. O nome do nobre português era Rodrigo de Mascarenhas e fora o seu herdeiro que enterrara os despojos em pequenos baús. O filho de Rodrigo de Mascarenhas saíra de Malaca antes da queda da cidade para os holandeses e todos esses baús tinham sido colocados em locais especiais. Alguns em Malaca, outros em Cusco e outros em Lisboa.

Assim que os três homens chegaram à entrada da igreja confirmaram que a porta estava fechada. Juan fez sinal a um dos homens. Este avançou para a porta e retirou uma chave de fendas. Alfonso Martinez era capaz de abrir qualquer porta ou fechadura. Vinha dos seus tempos de infância em Almeria. Sem surpresas, a porta de madeira abriu-se pouco tempo depois e os três homens entraram numa pequena antecâmara. Passaram a segunda porta de madeira e depois entraram na nave principal da igreja.

Juan acendeu a lanterna. A igreja era muito maior do que pensara, com uma planta em formato de cruz latina, como tantas igrejas católicas espalhadas pelo mundo. Tinha paredes muito altas, os tetos abobadados e pintados, e formava uma grande nave circunscrita por várias pequenas capelas. Juan percebeu que era assim apenas pelo eco dos passos e quando contou as capelas à luz da lanterna. Eram oito!

Estava confiante. O filho do professor dera-lhe todos os pormenores para encontrar o baú. Tinha de dar certo! Sabia que a Igreja tinha sido muito destruída no terremoto de 1755, mas o principal corpo resistira, assim como os túmulos de

todos os notáveis. O corredor central da igreja estava repleto de túmulos de pedra. Aproximou-se de cada um deles e com a luz da lanterna notou que as lápides estavam bastante desgastadas. O desenho de brasões e o símbolo das quinas portuguesas, contudo, eram visíveis. Imaginou que deveriam ser fidalgos portugueses. O filho do professor descrevera vários túmulos. Tinha acontecido depois de Juan ter lhe arrancado a terceira unha dos pés. Naquela altura, o português tinha contado tudo o que sabia sobre a *Flor do Mar* e os segredos da igreja da Graça, sobretudo na Capela do Capítulo.

A Capela do Capítulo estava normalmente fechada ao público. Segundo o filho do professor, a Capela estava em restauro, mas era lá que se encontravam os túmulos mais importantes da igreja. Alberto Martinez aproximou-se da porta de madeira e arrombou-a pouco depois. Um som grave e violento ecoou pela Igreja, mas logo a seguir os focos de luz apontaram em frente. A porta estava aberta! Os três homens entraram na Capela do Capítulo. A divisão era maior do que qualquer um deles estava à espera e cedo perceberam que a maior parte dos túmulos eram de fidalgos portugueses que prestaram serviço na Índia Portuguesa. Um deles escondia um segredo!

Juan e Alberto avançaram pela Capela, apontando a luz para cada um dos túmulos. O terceiro homem tinha a pele queimada do sol, o cabelo ruivo, barba rala e era de poucas falas. Chamava-se Pieter de Kok, mas todos lhe chamavam simplesmente Kok. Nascera em Saldanha Bay, uma vila piscatória a norte da Cidade do Cabo, e tinha sido lá que se apaixonara pelo mar e se familiarizara com as armas. Trabalhava para a Poseidon há mais de vinte anos e era um companheiro de armas de Juan, desde os tempos em que tinham se conhecido em Moçambique, como instrutores da Renamo, o movimento armado que lutava contra a Frelimo.

Tinham mergulhado juntos centenas de horas, mas Kok era também um especialista no Império Colonial Holandês. Por isso, estivera envolvido em várias operações de salvamento de destroços de navios da VOC e da WOC, as companhias das Índias holandesas. E também por isso é que conhecia amplamente a história do Império Colonial Português.

— Juan. Parece ser este! — chamou Kok, na escuridão, no canto esquerdo. — Veja, brasões portugueses desenhados no meio, desgastados pelo tempo, e a Cruz de Cristo em cada uma das pontas. Tal como o português descreveu!

Juan e Alfonso aproximaram-se de Kok e concordaram que tinham encontrado o que procuravam. Podia ser o túmulo de qualquer nobre português, mas todos sentiam que tinham encontrado o túmulo de D. André Furtado de Mendonça. No entanto, o obstáculo parecia ser difícil e muito pesado para ser aberto. O detector de metais deu alguns sinais, mas bastante vagos e tênues, não sendo, portanto, conclusivos!

Os três homens debruçaram-se sobre o túmulo e fizeram uma força imensa. A pedra não se mexeu! Quinze minutos de esforço e a pedra continuou imóvel. Mas Alfonso teve uma ideia. Voltou ao carro num instante e regressou com um pé de cabra. Quando o usaram para mover o topo do túmulo, a pedra começou a ceder. Aos poucos sentiram alguma folga. A pedra começou a mover-se. Juan pressentiu que estavam no caminho certo. Conseguiram finalmente mover a pedra e afastaram-na o suficiente para se ver parte do interior. Juan apontou a luz mas não vislumbrou nada. Os três homens voltaram a fazer força com o pé de cabra e arrastaram um pouco mais a pedra. O foco de luz incidiu sobre o vazio e algumas ossadas, quase desfeitas. Juan amargurou-se – imaginava que o túmulo tivesse mais do que restos de ossadas. Pensou que tinha sido enganado; que o português mentira.

— Deixa-me tentar! — avançou Pieter de Kok, pegando no pé de cabra que Alfonso segurava e debruçando-se depois sobre o túmulo aberto.

Kok voltou a usar o detector de metais e conseguiu obter um sinal sonoro mais nítido. Bateu com o pé de cabra no interior do túmulo e um eco enorme voltou a percorrer a igreja. Repetiu o mesmo movimento três vezes e, de repente, todos sentiram a diferença. Kok tinha batido em algo menos denso que a pedra dura do túmulo. Pediu a Juan para que apontasse o foco de luz para o fundo do túmulo. O pé de cabra tinha feito um pequeno buraco. Kok tinha descoberto um fundo falso. Um fundo falso de madeira que imitava o resto do túmulo de pedra branca.

A esperança voltou a dominar os três homens. Kok sentiu que tinha batido em algo diferente. Tirou a lanterna mais forte das mãos de Juan e fitou o objeto comprido que estava lá ao fundo e que começava a tomar forma. Era um embrulho de tecido enegrecido, com um formato peculiar. Kok debruçou-se. Juan agarrou-lhe nas pernas e Kok conseguiu chegar com as mãos ao pequeno objeto. Pegou no tecido e retirou-o com cuidado, com a mesma sensibilidade que usava no fundo do mar. Concluiu de imediato que se tratava de uma espada. Kok não resistiu e desembalhou-a. Olhando à luz de lanterna, confirmou que se tratava de um punhal japonês. A lâmina era ligeiramente curva, o punho, de marfim, era branco e tinha várias marcas desenhadas no metal.

Juan sentiu um arrepio! Não compreendia a ligação daquela espada japonesa com a *Flor do Mar*, mas tinha a consciência de que valeria muito dinheiro. Voltou a olhar para o interior do túmulo e vislumbrou um segundo objeto embrulhado num pano. Não precisou pegar para perceber que se tratava de um punhal, muito mais pequeno do que a espada. Os três homens estavam extasiados pelas

descobertas. Alguma ligação aquilo teria de ter com a *Flor do Mar*, apesar de não conseguirem a descortinar naquele momento.

Juan não resistiu e pegou no pé de cabra. Deu uma série de novas pancadas no fundo do túmulo e o buraco abriu-se mais um pouco. Foi num êxtase quase incontrolável que vislumbrou um pequeno baú de madeira e de couro. Era muito maior do que estava pensando. Embora estreito, tinha quase meio metro de comprimento. Não conseguiu puxar o baú do buraco onde estava. Kok adiantou-se e colocou-se no lugar de Juan. Este agarrou-lhe nos pés com força com a ajuda de Alfonso e depois deixaram o sul-africano abraçar o baú. Com esforço, Kok conseguiu puxar o baú para cima e retirá-lo para fora do túmulo.

Juan começava a ficar nervoso e pensou que já estavam na igreja há muito tempo. Kok abriu o baú com facilidade, como por magia. Ali, no meio da penumbra, Juan, Kok e Alfonso perceberam que o baú estava repleto de pedras preciosas. Mesmo à luz da lanterna, distinguiram rubis, esmeraldas, safiras, diamantes, e imediatamente pensaram que estavam ricos. Trocaram olhares e sorriram. Não tinham dúvidas! A riqueza do último sultão de Malaca estava à sua frente.

No meio das pedras preciosas, estava depositado um pequeno embrulho. Juan agarrou-o com sofreguidão. Tratava-se de um pergaminho enrolado. Tirou o nó do pergaminho e apontou o foco de luz. Estava escrito em português antigo, mas conseguiu ler uma parte e reconheceu em várias linhas o nome de Arzila. O nome não lhe era estranho, mas não se lembrava onde ficava aquela terra. Teria que investigar mais tarde, porque tinha a sensação de que seria porventura a localização de mais um dos baús da *Flor do Mar*...

Um corvo-marinho sobrevoou a piscina do Hotel Baía Azul e rumou ao encontro da escarpa verdejante. Jéssica não reparou no voo rasantíssimo do corvo-marinho e continuou caminhando descalça, nas pontas dos pés, por entre as pedras quentes. Era muito alta e tinha um corpo esbelto, ombros largos, parcialmente cobertos pelos cabelos lisos compridos. Sabia que tinha um corpo belo e o seu biquíni vermelho fazia sobressair as suas formas e contrastava com a pele queimada. Os poucos hóspedes que estavam na zona da piscina não se aperceberam da sua passagem porque cochilavam ao sol, mas alguns empregados do hotel não conseguiram ser indiferentes. Jéssica aproximou-se da piscina e mergulhou. Fê-lo de um modo suave e delicado, que quase não emitiu qualquer som quando bateu na água. Parecia uma sereia!

Era exatamente isso que Salad pensava quando a viu mergulhar. Parecia uma autêntica sereia que estava ao seu lado para o fazer feliz. Tinham acabado de fazer amor no quarto e Salad vivera aquele momento com intensidade. Recostou-se na cadeira e fechou os olhos. O seu hotel na ilha de São Miguel, nos Açores, tinha um encanto especial. Não era de cinco estrelas, nem tinha o luxo desmedido dos seus empreendimentos do Médio Oriente, mas possuía algo de único, talvez por causa da envolvente muito bela – uma enseada perdida na costa sul da ilha, onde as águas entravam suavemente até baterem na rocha basáltica.

Salad mal continha a sua satisfação com as últimas notícias. Juan Alvarez ligara-lhe de Portugal para o informar dos desenvolvimentos na investigação. O baú de Malaca não era um caso único! Havia outros semelhantes, espalhados por vários locais estranhos. Juan contara que o filho do professor avançara com descrições muito detalhadas sobre a

possível localização dos outros baús. Salad sentiu um nervoso miudinho. Depois de tantos anos, de tantos esforços e fracassos, encontraria finalmente a carga da *Flor do Mar*.

De repente sentiu um abalo muito forte. Ouviu um rugir vindo do interior da terra, como se estivessem ocorrendo grandes obras nos fundos do hotel, e os copos que estavam em cima das mesas da piscina caíram ao chão. Tudo se movia à sua volta e até a água da piscina parecia ter ganhado vida. Salad sentiu-se imensamente tonto. Assustou-se, levantou-se e continuou a sentir a cabeça rodando. Notou que todos os hóspedes tinham acordado subitamente e apenas Jéssica continuava nadando na piscina. Pouco depois, o abalo terminou. Não tinha durado mais que vinte segundos, mas fora o suficiente para bagunçar por completo a região da piscina. O silêncio voltou como por magia e apenas se ouvia o som das ondas do mar batendo nas rochas e o grasnar das aves marinhas. Foi como se não tivesse se passado nada! Os empregados apressaram-se a colocar todos os chapéus de sol e começaram a limpar os estragos.

— Não se incomode, senhor Salad! — confortou Carlos Teixeira, o gerente do hotel, assim que se aproximou. Era um homem alto, com o cabelo ralo e com os olhos castanhos muito abertos. — Foi apenas um tremor de terra de baixa intensidade!

— Baixa intensidade?

— Sim, normal para nós, senhor Salad — explicou, esboçando um pequeno sorriso. Fora um tremor de terra pequeno, comparando com os que tinham acontecido na semana passada. — Poderemos ainda ter algumas réplicas nas próximas horas, mas garanto que não está previsto nada de muito grave.

O gerente passou por cada um dos hóspedes, explicando o sucedido, confortando-os e garantindo que não havia razões para se preocuparem. A ilha tinha um dos melhores

sistemas de vigilância do mundo e seriam avisados caso alguma coisa de grave estivesse prestes a acontecer. Salad voltou a sentar-se e viu Jéssica saindo da piscina. Estava com um ar tão satisfeito como se não tivesse sentido o que tinha acontecido nos últimos minutos.

— Que se passa, querido?

— Não sentiu? — estranhou Salad, olhando para Jéssica que agarrava a toalha e a estendia na cadeira, ao sol.

— Senti o que, meu amor?

— Acabamos de sentir um tremor de terra — informou Salad, com um tom sarcástico, passando a mão pela perna de Jéssica. Estava molhada e fria. — De baixa intensidade!

Jéssica soltou uma expressão assustada e passou a mão pela testa dele. Olhou em volta e viu que algo de grave tinha se passado. Sentiu que ele estava com uma expressão preocupada. Percebeu que não estava nada bem e abraçou-o com força, beijando-o depois na boca com os lábios grossos.

— Você não parece nada bem, meu amor. Está tudo bem?

— Sim, estou! Foi apenas um susto, nada mais — adiantou Salad, com um sorriso forçado. — Fico espantado como não senti nada na piscina...

— Você sabe que eu vivo num mundo muito à parte...

— Um mundo muito seu, minha querida!

Jéssica sentou-se perto dele e passou o braço comprido por cima do seu pescoço. Sentiu que ele estava muito tenso. Passou-lhe a mão pelas costas e com a ponta dos dedos foi massageando vários pontos, sabendo que isso o relaxaria.

— Hoje tenho um jantar importante aqui no hotel — disse ele por fim, ainda com a cabeça baixa e os olhos cerrados. — Daqueles jantares muito chatos a que não gosta nada de assistir.

— Do que se trata?

— Tenho que conversar com três pessoas que vieram à ilha de São Miguel só para estar comigo.

— Ah, desses jantares — caçou Jessica, levando-se. — A que horas?

— Dentro de duas horas! Tenho que ir. Tenho que tomar uma ducha e vestir-me de acordo.

— E o que me aconselha a fazer?

— Vai ser daqueles jantares que aborrecem você — adiantou Salad. — O melhor é ir a Ponta Delgada, comprar alguma interessante para vestir depois do jantar.

Salad tinha combinado jantar com os três gestores principais da Alpha Dive no Hotel Baía Azul. A reunião tinha sido marcada por Ismara e serviria para fechar a operação. Ismara tinha sido bem-sucedida na ofensiva sobre a Alpha Dive. Aos olhos do mercado financeiro, parecia que fora a Alpha Dive que viera ao encontro da Poseidon para evitar que deixasse de cumprir as suas obrigações bancárias. A Alpha Dive tinha apresentado uma proposta de fusão com a Poseidon. As duas empresas mais bem-cotadas de exploração de naufrágios passariam a ser uma só e muito mais fortes. Seria uma fusão por troca de ações, em que os acionistas da Poseidon seriam os principais, mas sem terem a maioria. Seria assim, se entretanto a Poseidon não tivesse comprado uma posição importante de ações da Alpha Dive no mercado e que ainda não era pública.

Os três homens da Alpha Dive já estavam sentados no bar do hotel bebendo coquetéis. Salad conhecia-os das notícias, especialmente aquando da descoberta da *San Vicente*, quando tinham aparecido em todas as televisões do mundo. Uma das maiores descobertas de sempre, tinha que reconhecer isso! Quando se preparava para descer o último degrau, sentiu uma forte tontura e uma forte dor de cabeça. Lembrou-se que tinha sentido o mesmo poucas horas antes quando a terra tremiera. Agarrou-se ao corrimão da escada e segurou o passo durante alguns segundos. Passado um instante, sentiu-se melhor. Olhou em frente e confirmou que

ninguém tinha percebido a situação. Ganhou confiança e caminhou até os três homens que estavam à sua espera.

— Boa-noite, meus Senhores — começou Salad em português, com um forte sotaque brasileiro. — Sejam bem-vindos ao Hotel Baía Azul!

Os três homens levantaram-se de imediato. Salad olhou para eles, um a um com um sorriso nos lábios. De perto, pareciam ainda mais jovens e com um olhar cheio de força e ambição. Estariam naturalmente conscientes da situação da sua empresa, mas mesmo assim todos eles mantinham um ar determinado.

— Buenas noches, senõr Salad! — avançou o primeiro dos três homens, estendendo a mão e quebrando o momento de tensão. Tratava-se do espanhol do grupo. — Joaquín Ramirez. Prazer em conhecê-lo pessoalmente, afinal.

— O prazer é todo meu, meus senhores. Desculpem o atraso, mas tivemos há pouco um pequeno tremor de terra e estivemos verificando a situação do hotel.

— Sim, nós também sentimos! — contou Fernando, o mais novo do grupo. A pele queimada do sol, o cabelo louro despenteado e colar de conchas ao pescoço davam-lhe um ar de surfista. — Já tinha sentido alguns tremores de terra nos Açores, mas este pareceu-me muito forte.

— Teve algum dano no hotel? — perguntou Aníbal. Era aquele o líder do grupo. Frio, fechado, distante, Aníbal tinha uma personalidade difícil e orgulhosa. Tinham sido aquelas as informações que recebera e era com ele que Salad tinha que se preocupar em estabelecer os últimos detalhes da fusão. Os outros seriam arrastados pela sua opinião.

— Felizmente, não! Apenas louça partida, nada de especial. O mais importante é que todos os hóspedes se encontram bem — respondeu, esboçando um sorriso. — Passamos à sala?

Os três homens assentiram e pegaram no copo. O jantar

foi magnífico e a conversa fluiu muito bem. Ismara tratara de tudo e Salad sabia o que dizer, o que oferecer e o que sugerir. Como previsto, Aníbal tomou a liderança nas negociações. A Alpha Dive estava descapitalizada e entrara em inadimplência bancária, mas tinha várias licenças de exploração de navios que mostravam ter um forte potencial. Bahamas, Costa Rica, Moçambique, Espanha e Senegal. Em todo o caso, perdera muito dinheiro com a investigação de um navio no Mediterrâneo, afundado perto de Leptis Magna, uma antiga cidade romana na atual Líbia. Obtivera todas as aprovações governamentais e descobrira várias moedas de ouro do tempo da Segunda Guerra Púnica, mas os custos da operação, a dada altura, ficaram descontrolados.

Salad deixou os três homens falarem e depois fez a sua proposta. Ofereceu uma fusão entre iguais, uma presidência rotativa de dois anos entre Ismara e Aníbal, mas a Saladin assegurava o conta financeira e o administrador financeiro da nova empresa seria o angolano Diogo Ferreira. Os três homens ficaram de pensar na proposta de Salad. O rácio de troca era atrativo e sabiam que não podiam ter melhor oferta do que aquela. Salad, por sua vez, sabia que o negócio estava fechado!

— Obrigado pelo jantar, senhor Rani — agradeceu Aníbal no mesmo tom distante, mas ligeiramente mais relaxado. — Foi magnífico. Vamos pensar no assunto e daremos uma resposta dentro de dois ou três dias.

Salad assentiu com um sorriso, tentando transmitir uma expressão de confiança, apreço e respeito. Acompanhou-os ao *lobby* do hotel e despediu-se cordialmente de todos. Sentia-se confiante ao ver os três homens entrando no carro. A Poseidon iria dar um golpe de mestre.

A vida no Hotel Baía Azul continuava animada. Um grupo norte-americano tinha ocupado grande parte do bar e ria-se alegremente. Foi com surpresa que distinguiu o

gerente Carlos Teixeira no meio do grupo, tendo notado que era ele o motivo de tanto riso, com uma história que contava. Salad pensou em subir à suite e ver Jéssica, mas tinha a cabeça fervilhando. Precisava pensar calmamente sobre o que acontecera no jantar, tentando antecipar o que iria acontecer dentro de alguns dias. Passou a confusão do bar do hotel e caminhou até o terraço. Sentou-se numa cadeira ao ar livre e respirou o ar úmido da noite. Lá embaixo, ouvia-se o som das ondas batendo com força na rocha.

Pediu um chá de camomila e ficou meditando. Algo o perturbava. Não tinha qualquer razão para se sentir mal, pelo contrário, mas não estava se sentindo bem. De repente, voltou a sentir uma tontura muito intensa e teve a sensação de que iria cair da cadeira. Deixou de ouvir as ondas do mar e de sentir o ar úmido da noite. Depois, sentiu uma dor que o apavorou. Salad reconheceu-a de imediato, mas não quis acreditar. Conhecia bem aquela dor de cabeça. Vinha de trás da orelha direita e parecia estar muito localizada. Uma nova dor intensa irrompeu e quase que o fez perder os sentidos. A respiração tornou-se ofegante e sentiu um suor frio. Pensou que poderia ter sido impressão, mas logo a seguir sentiu a dor de novo. Um tremor percorreu-lhe o corpo e tentou controlar a respiração. Conseguiu dominar os sentidos e finalmente acalmou-se. A dor afastou-se e conseguiu respirar fundo. Inspirou profundamente duas vezes seguidas e depois conseguiu absorver o odor que vinha do mar. Encostou-se à cadeira e ficou ouvindo o som das ondas. Olhou para o céu e depois começou a chorar...

O sol ainda estava forte, apesar do adiantado da hora. Da janela do consultório no Rio de Janeiro, Flávia tinha uma vista perfeita para o Pão de Açúcar, um verdadeiro farol

natural na entrada da baía de Guanabara, e com atenção, descortinou o bondinho, descendo vagarosamente, bem perto da Pedra da Urca. Todos os pacientes já tinham saído da clínica e apenas Dona Marizete guardava os últimos processos na escrivaninha.

Flávia Monteiro gostava daqueles momentos de silêncio do final do dia para trabalhar com calma e adiantar os processos em curso. Mas, naquele dia, Flávia não estava bem-disposta. Estar ali, analisando as radiografias, as vidas das outras pessoas, habitualmente fazia-a esquecer das coisas desagradáveis da sua vida. Mas daquela vez era diferente e não conseguia deixar de sentir uma tristeza profunda! Sentia um aperto no coração, como se alguém lhe tivesse arrancado uma parte. Na noite anterior, tinha chegado mais cedo ao seu apartamento, no Leblon, e encontrara o namorado na cama com outro homem. Sentira-se transtornada e derrotada. Depois de mais de três anos vivendo juntos, sentia-se enganada, enojada e infeliz com tudo aquilo. Nunca tinha pensado que Walter fosse capaz de traí-la com outra mulher, nem nunca imaginara que ele fosse gay. Não conseguia deixar de pensar naquela traição – quantas vezes teria sido enganada, até mesmo debaixo do seu teto, com outros homens?

Tentou disfarçar as lágrimas e voltou a desviar o olhar do Pão de Açúcar. Pegou de novo nos envelopes brancos, um pouco mais decidida, e olhou para o primeiro. Tinha instruções claras para começar por ali. Abriu o envelope e observou a ressonância magnética. Analisou-a com cuidado! Deveria ser uma pessoa importante para ter recebido aquelas instruções. Não precisou de muito tempo para ver que se tratava de uma lesão recorrente. Pelo formato nada uniforme, percebeu que tinha uma natureza maligna e depois de algum tempo concluiu que se tratava de algo altamente agressivo. Passou para a imagem seguinte e depois

para a outra e confirmou o que suspeitara desde o início. Conhecia muito bem aquela forma. Conhecia-o pelo nome. Glioblastoma multiforme! Sabia que o tumor estava confinado ao cérebro e que o paciente não iria ter metástase pelo corpo. Mas isso não era necessariamente uma boa notícia. Por definição, o Glioblastoma multiforme desenvolvia-se muito rapidamente e em múltiplas direções.

Não tinha muitas informações sobre o histórico do paciente, além do sexo e da idade. Era um homem de nacionalidade brasileira, com 62 anos. Olhando para o exame, não seria necessário muito mais histórico. Engoliu em seco e pensou que aquele homem deveria ter poucos meses de vida, ou quiçá mesmo algumas semanas. Voltou a engolir em seco. Naquele momento, o mais provável era aquele homem estar sentindo-se bem! O tumor era muito pequeno para causar efeitos e ele não sabia o que o esperava. Mas o destino seria apenas um! Talvez o homem pudesse ser operado de novo, mas isso iria apenas adiar o inevitável por alguns meses. A quimioterapia e a radioterapia podiam também aumentar um pouco mais a sobrevida, talvez uns três ou quatro meses. Pensou que a vida era dura e que afinal não deveria estar assim tão triste! De repente, o celular tocou de novo e Flávia assustou-se, largando os exames em cima da mesa. Era o Walter!

Capítulo 22

ANGRA DOS REIS, 15 DE SETEMBRO, 16H15

“GLIOBLASTOMA
MULTIFORME É O MAIS COMUM
E MAIS MALIGNO TUMOR
PRIMÁRIO CEREBRAL. APESAR DE
TODAS AS INVESTIGAÇÕES DAS
ÚLTIMAS DÉCADAS, A EXTRAÇÃO
CIRÚRGICA DO TUMOR,
QUIMIOTERAPIA OU
RADIOTERAPIA NÃO SÃO MAIS
QUE CUIDADOS PALIATIVOS. O
TEMPO MÉDIO DE SOBREVIVÊNCIA
É DE 12 MESES E A TAXA DE
SOBREVIVÊNCIA DEPOIS DOS 24
MESES É PRATICAMENTE ZERO.”

Emergency Medicine Neurology



hovia violentamente sobre o Atlântico Sul, em especial na baía de Angra dos Reis. Deitado na cama, Salad Rani fitava a chuva caindo lá fora e batendo contra a janela. Ainda tinha a visão um pouco turva, mas conseguiu perceber que os pingos eram grossos e cortantes e que faziam um barulho ensurdecedor no quarto.

Ao contrário do que por vezes pensara, Salad estava perfeitamente consciente do seu estado de saúde. A medicação estava fazendo efeito e ele sentia-se melhor, com alguma força de vontade. Sabia que aquele bem-estar não era real e que não iria durar muito tempo. Sabia que tinha de ser rápido! No máximo, teria uma hora ou duas antes de começar a sentir dores de cabeça e perder as forças. Levantou-se da cama e dirigiu-se para a outra ponta do quarto. Abriu lentamente a porta envidraçada do roupeiro e vislumbrou um recheio luxuoso e variado. Já nem se lembrava daquilo e, por momentos, pensou que aquelas roupas faziam parte de uma vida anterior que já não era a sua. Tirou umas bermudas e depois pegou na camisa larga de tons dourados e castanhos que tinha comprado perto de Da Nang, no Vietnã, uns anos antes. Sentiu a suavidade do

tecido e recordou o dia em que tinha a comprado. Fora um dia feliz, como muitos outros que vivera.

Despiu lentamente o roupão. Certificou-se de que conseguia manter o equilíbrio com facilidade e tirou o pijama um pouco mais à vontade. Estava ensopado em suor e quase que sentia as gotas escorrendo para o chão. Imaginou que deveria cheirar mal, mas ele próprio não conseguia perceber nada. Quando olhou para o espelho, viu que estava num estado de degradação avançada. Tinha as pernas muito magras, as costas curvadas, os músculos flácidos e um olhar assustado. A sua pele dourada parecia muito branca e notou que tinha o rosto inchado por causa cortisona. Tentou fixar o olhar e percebeu o quanto estava diferente face à imagem que tinha de si. Olhando com atenção, viu que tinha uma posição de equilíbrio estranha e que não conseguia manter-se direito, mas a verdade é que continuava em pé. Pensou que a última vez que se vira ao espelho fora no seu hotel dos Açores – na noite em que fizera a proposta final aos acionistas majoritários da Alpha Dive para a fusão das duas empresas. Tinham passado poucas semanas. Não sabia exatamente dizer quantas, mas não deviam ser mais do que quatro ou cinco. Tudo mudara desde aquele dia. Passara noites sem fim em hospitais, consultórios e gabinetes. Sabia que de nada valia! Agora a doença tinha um nome: Glioblastoma multiforme. Sabia como crescia, conhecia os sintomas e sabia o que estava para acontecer.

Quando Salad se viu de bermudas e de camisa vietnamita, sorriu. Vendo-se assim quase que parecia que estava tudo normal e que, afinal, tudo não passava de um equívoco. Olhou para os pés descalços no piso de madeira e não deixou de achar graça. Respirou fundo e finalmente sentiu o odor pesado do quarto. Era uma mistura de suor abundante com odor de alfazema com que Jéssica fazia questão de perfumar o seu quarto.

Salad fechou a porta do quarto e avançou pela sala, onde as portas envidraçadas estavam abertas para a baía. Saiu de casa e avançou pela calçada de pedra, desenhada na relva do jardim, dirigindo-se lentamente para o pontão. Sentia-se bem, com força e com um equilíbrio como nunca tivera nas últimas semanas. Sentiu a chuva caindo-lhe no rosto e escorrendo pelo pescoço e percebeu que a água estava quente, tropical, como tanto gostava.

A ilha parecia deserta, tal como pedira, e mantinha um encanto especial. Vivera muitos dias felizes naquela ilha. Olhou ao longe e percebeu que Ibrahim se mantinha perto da praia, como se tudo estivesse normal. Tinha o seu terno preto habitual, indiferente à chuva que caía. Conseguiu distinguir um ar triste, mas que Ibrahim tentava disfarçar a todo custo. Ibrahim tinha sido fiel até o fim e Salad estava consciente disso. Queria que Ibrahim ficasse bem e tinha tratado disso. Pensando bem, tinha tratado de tudo.

O seu filho Assad não tinha tido sorte na vida. Viciado no jogo e em coisas ainda piores, perdera-se nos meandros da vida e acabara por ser encontrado morto no banheiro de um hotel cinco estrelas no Principado do Mônaco. O alarme fora dado pela acompanhante de luxo contratada para passar a noite com ele e a autópsia provara que Assad morrera de overdose. Tinha sido duro para Salad viver a morte do seu filho predileto, especialmente pela decadência em que ele se encontrava nos últimos tempos. Pensou que deveria tê-lo ajudado mais, mas recordou que fizera o que pudera. Tentara que ele estudasse mais, que ingressasse na Saladin e se entusiasmasse como os seus irmãos. Não necessariamente pela Saladin, mas por um projeto qualquer. Os anos foram passando e foi com tristeza que compreendeu que Assad tinha outros planos. Planos megalômanos de grandes investimentos em cassinos e hotéis, que nunca avançaram o suficiente para serem implementados. Tudo perdido na

euforia do álcool, das drogas, do sexo, esvaziando-se nos poucos momentos sóbrios e conscientes.

Salad olhou para o mar à sua frente e abanou a cabeça, triste. Mas depois recordou Mohamed e Ismara. Os seus outros dois filhos estavam bem na vida, tinham tudo para serem felizes e ele esforçara-se para que isso continuasse. Sabia e sentia que eles iriam ficar bem. Tinham inteligência para isso.

Mohamed estava radicado no sul da Jordânia, num oásis perto de Aqaba, e tinha constituído uma grande família, com seis filhos, desde Fatimah, a mais velha, que estudava num colégio em Genève, a Ruben, que ainda engatinhava pelos corredores da casa. Tinha uma propriedade imensa e conduzia experiências agrícolas, recorrendo com sucesso aos métodos dos seus amigos sionistas, do outro lado da fronteira. Com isso, Mohamed produzia toneladas de kiwis, enriquecendo, mas também aumentando a capacidade agrícola do país em pleno deserto e travando o avanço das areias. Ao mesmo tempo, Mohamed explorava por sua conta e risco o principal hotel de Aqaba, e Salad sentia um grande orgulho nisso. Também o seu filho sabia gerir empreendimentos hoteleiros. Mas não era apenas por isso que tinha orgulho de Mohamed. Sabia que ele era feliz e que fazia feliz a sua família. A mulher Ivana era uma força da natureza. Tinha nascido no Recife, no Nordeste do Brasil, e mudara-se de bom grado para o Oriente Médio. Além de educar os seis filhos, Ivana era uma mulher de fibra, e geria uma das maiores empresas de mergulho de Aqaba.

Mas Ismara era o seu maior orgulho. A sua filha tinha sido designada como sua sucessora à frente da Saladin e com isso iria pôr fim às lutas que sabia estar decorrendo no âmago da gestão da maior parte das suas empresas, especialmente entre Diogo e Saif. Ismara tinha desempenhado um excelente papel na Poseidon e a compra

da Alpha Dive tinha sido uma jogada de mestre. Era inteligente, sagaz e com uma grande capacidade de trabalho. Sabia que, em Abu-Dhabi, a sua decisão causaria surpresa, mas a verdade é que sentia que as empresas da Saladin ficariam em boas mãos. O seu advogado estava já totalmente instruído sobre esse assunto e tinha certeza que a sua vontade iria ser respeitada. A notícia de que Ismara e o filho de um dos seus melhores amigos de Zurique estavam profundamente apaixonados deixara-o entusiasmado. Sentiu que a filha poderia ser feliz e, por momentos, imaginou o casamento dela e os filhos que poderiam nascer. Mas rapidamente procurou dominar os pensamentos. Não era o momento para se agarrar a sonhos inúteis e impossíveis.

Salad tinha conseguido esconder o verdadeiro estado da sua doença à família e aos gestores durante muito tempo, com a ajuda de Jéssica e de Ibrahim. Pensou que tinha sido melhor assim para todos e recusava peremptoriamente que o vissem fisicamente debilitado e sem qualquer dignidade. Preferia estar no seu mundo à parte e ser recordado com a imagem que tinham dele dos bons tempos. Sabia que Ismara descobrira que algo não estava bem e forçou Jéssica a contar-lhe o que se passava. Jéssica tentou resistir, mas não conseguiu deixar de adiantar alguns pormenores que levaram Ismara a confirmar aquilo que desconfiava. Salad sabia que a filha estava a caminho, possivelmente com Mohamed. Sabia que deveria chegar dentro de dias ou, quem sabe, dentro de horas. E por isso tinha escolhido aquele dia e a medicação tinha funcionado. Allah estava do seu lado!

Suspirou e sentiu-se vivo. Ultrapassou o jardim em pequenos passos e conseguiu sentir o cheiro das flores que cobriam a encosta até cair no mar. A sua ilha era bela. Não podia ter tido mais sorte. Ibrahim fez-lhe uma pequena reverência assim que pisou na areia. Estavam apenas os dois na ilha. Ibrahim respeitara a ordem do patrão e, de manhã

cedo, mandara embora todo o pessoal para fora da ilha, incluindo Jéssica. Quase todos estavam cientes da sua doença, mas poucos suspeitavam do que estava planejado. Ibrahim tentou ajudá-lo, mas Salad recusou. Os dois caminharam lado a lado, em silêncio, pelo pontão. Salad inspirou em volta e sorriu.

— Não para de chover, Ibrahim!

— É verdade, Sayyid. Eles preveem chuva forte até o final do dia — informou o empregado árabe, debruçando-se e pegando na corda que prendia o barco ao ancoradouro. — Sayyid, se me permite... — soltou Ibrahim, sem levantar os olhos do chão do paredão. A voz tremia-lhe e tentava ganhar forças para dizer o que queria. Sabia que o patrão estava decidido.

— Não! — refutou Salad, quase com a voz autoritária de outros tempos, adivinhando o que o outro iria dizer. — Por favor, Ibrahim. Preciso que esteja ao meu lado neste momento.

Ibrahim assentiu e perdeu a voz. Sentia que o mundo como o conhecia desabava e que Allah não estava sendo justo. Mas parou de pensar quando Salad chegou perto dele e abriu os braços.

— Dê-me um abraço, meu fiel Ibrahim — soltou Salad com um sorriso nos lábios. Sentia as pernas fraquejarem e sabia que o tempo urgia. — Que Allah proteja você na sua Graça e Misericórdia.

Ibrahim sentiu pela primeira vez os olhos lacrimejantes e esforçou-se por manter a postura, como se isso pudesse ser uma fonte de conforto para o homem que mais admirava na vida. Salad afastou-se pouco depois e embarcou no *Saladino*, o seu iate predileto. Salad ligou os motores do *Saladino* e Ibrahim largou a corda que amarrava a lancha ao paredão.

— Inchalá.

— Inchalá, Sayyid — respondeu Ibrahim do paredão,

fazendo um adeus, tentando manter uma postura digna. — Adeus, senhor!

O iate afastou-se lentamente da ilha. A chuva não parava e limitava a visibilidade na baía, mas mesmo assim Angra dos Reis mantinha a sua beleza. Salad estava sentado, as suas pernas descansavam e sentia-se bem. As dores tinham cessado e conseguia pensar com calma. Tinha a cabeça imersa em pensamentos e memórias e recordou como já não conseguia pensar com clareza e raciocínio há algum tempo. Pensou como era bom não ter dores de cabeça e engoliu em seco. Sentiu-se traído e um sentimento de amargura e tristeza trespassou-lhe o espírito. Sabia que ainda poderia ter dado muitas coisas ao mundo. O *Saladino* contornou a ilha da Xuxa e seguiu em frente, em direção à ilha Grande, onde depois poderia chegar a mar aberto. Salad pensou que tinha sido feliz. A vida tinha sido bem vivida, disso não tinha dúvida.

Lembrou-se de Jéssica e pensou que também ela ficaria bem. Tinha lhe comprado uma bela propriedade na sua terra natal, em Londrina, uma cidade no interior do Paraná, e deixara uma boa quantia na sua conta bancária. Poderia finalmente ser independente e aproveitar a frescura que ainda mantinha. Jéssica fizera-o feliz durante todos aqueles meses. Tinha sido maravilhoso! Quando a doença foi afetando os seus sentidos e lhe roubando qualidade de vida, Jéssica não o abandonou. Pelo contrário. Demonstrara um carinho imenso e fora a enfermeira perfeita que o ajudara nos momentos mais difíceis. Olhando para trás, pensou que sem ela não teria sido capaz de chegar até ali.

Salad dobrou a ponta leste da ilha Grande e pela primeira vez vislumbrou o mar aberto. Desligou os motores, lançou âncora e sentiu o iate flutuando ao sabor da ondulação. Virou-se e ainda conseguiu descortinar a ilha do Pereira ao longe e, vendo bem, ainda conseguiu distinguir Ibrahim parado no paredão. Olhou para a popa e encontrou

o que procurava. Ibrahim tinha sido eficiente, como sempre. Sentiu uma primeira guinada na cabeça e logo a seguir outra. Sentiu uma tontura repentina, mas recebeu-a com um sorriso mordaz. Ainda estava com forças.

Atou a corda em volta da cintura e pegou o peso de chumbo com ambas as mãos. Sentiu-se fraco e notou que o efeito da medicação estava cessando. Mas, ao mesmo tempo, sentiu uma força interior superior, como nunca tinha sentido na vida, e conseguiu levantar-se, com o peso de chumbo nas mãos. Sentiu que não iria aguentar o peso por muito mais tempo e decidiu-se. Olhou em volta, fitou a sua ilha e depois mergulhou na água. Estava quente, sedosa e com uma visibilidade que não imaginava ser possível. Manteve os olhos abertos, com esforço, mesmo sentido a força da pressão e o ar a esvaziar-se dos pulmões. A última coisa que viu foi o brilho esverdeado da água. Era um brilho muito intenso!

Do outro lado do Oceano Atlântico, Rui Meneses estacionou o carro no Jardim do Tabaco, em Lisboa, mesmo ao lado dos restaurantes, na margem do rio Tejo. A manhã avançava com velocidade e ficou imobilizado quando olhou diretamente para a bola vermelha que se elevava no céu. Estava um vento abafado e Rui pensou que o dia, mais uma vez, seria quente.

— Deve ser ali ao fundo, na doca — avançou a inspetora Raquel Mendonça, depois de fechar a porta do carro, ajeitando os óculos. Tinham passado a noite investigando os últimos desenvolvimentos do caso “Lua Cheia”, mas estavam ambos frustrados. Não tinham conseguido encontrar uma ligação forte entre últimos acontecimentos e começavam a se desesperar. Atenderam aquela chamada porque tinham já dado por terminado o trabalho e o local da

ocorrência ficava no caminho de casa, no Parque das Nações. — Estou vendo ali um grupo de cinco pessoas olhando para nós e dois deles parecem ser policiais.

A chamada fora feita às 5h40 da manhã, exatamente há uma hora. Um cadáver boiava na doca, entre o casco de uma traineira e o muro da doca. O alarme fora dado por um grupo de pescadores do *Santa Justa*, uma traineira ancorada há dois dias no Terreiro do Trigo, em frente a Alfama, vinda das águas marroquinas. Tinham ligado para a PSP, que rapidamente avisou a Polícia Judiciária. Raquel pensou que deveria ser um caso simples e que demoraria poucos minutos até que pudessem chamar os bombeiros. Bastaria identificar o corpo e pouco mais. Alguém tinha caído ao rio durante a madrugada, possivelmente alcoolizado. Não seria a primeira vez nem a última em Lisboa.

Quando Raquel e Rui chegaram ao local, o grupo de pescadores da traineira estava acompanhado por dois agentes da PSP. Estes já tinham retirado o corpo da água e tinham-no deitado no chão, de barriga para cima e com os braços estendidos ao longo do corpo. O homem ainda estava calçado e completamente vestido, de camisa, calças jeans e blusão com capuz.

Os investigadores cumprimentaram os presentes e apresentaram as suas credenciais. Dos três pescadores, apenas um era português, identificando-se como Gonçalo Martins. Os outros dois eram brasileiros e chamavam-se Roberto Silva e Leonardo Wagner. Partiriam de novo para Marrocos durante a manhã e tinham chegado um pouco antes do comandante, de modo a preparar todo o material para a pesca.

— Foram rápidos para chegar — começou um dos agentes. Norberto Ferraz. Tinha perto de 50 anos e cerca de trinta na força policial. Primeiro em Viseu e depois na capital. — Nós acabamos de chegar há minutos. Retiramos agora

mesmo o corpo da água.

Raquel passou o olhar pelos três pescadores e notou que estavam nervosos. Fora o português que ligara para a polícia e tentava explicar, pela segunda vez, o que vira. O cadáver não estava coberto e Raquel e Rui baixaram-se para observá-lo de perto. Tratava-se de um caucasiano com cerca de 40 anos, moreno e cara inchada, o que indicava que deveria estar na água há algumas horas. Mas o que mais chamou a atenção de ambos os investigadores foi o orifício que tinha entre os olhos. O homem tinha sido morto com um tiro entre os olhos. Pedro e Raquel trocaram um olhar preocupado. Afinal o homem não era um bêbado qualquer que se afogara durante a madrugada. Naquele momento, ambos souberam que aquele caso não iria ser apenas uma questão de minutos!

— Alguém profissional... — soltou Rui boquiaberto. — Parece uma execução pura e dura.

— Não há dúvida — concordou Raquel, observando o corpo com atenção, com os olhos fixos na testa do homem. Tinha sido um tiro perfeito, nem um centímetro ao lado. Não era a primeira vez que via uma situação daquelas e instintivamente pensou que aquele poderia ser mais um episódio do caso “Lua Cheia”. Facções rivais dos negócios da noite lisboeta tinham entrado em guerra aberta e, nas últimas semanas, já tinham sido assassinadas quatro pessoas. Todos empresários e donos de bares e discotecas. Uma das vítimas fora assassinada numa explosão de um carro e os outros três com tiros entre os olhos, exatamente como aquele homem, encontrados sempre perto do rio.

Os três pescadores continuaram conversando com os dois agentes da PSP, ao mesmo tempo que acompanhavam os movimentos dos recém-chegados. Raquel reparou que o homem tinha um colar com uma cruz no pescoço, uma aliança de prata no anelar da mão direita e usava relógio no braço esquerdo. Assim ficava de parte a hipótese de se tratar

de um assalto – quem tirara a vida àquele homem não tinha qualquer intenção de o roubar. Rui passou as mãos pelo corpo molhado e sentiu algo no interior do casaco. Tal como pensara, era uma carteira. Passou-a a Raquel e continuou à procura de mais vestígios nos outros bolsos.

A carteira estava cheia. Tinha resistido à água e, apesar de estar bastante molhada, parecia intacta. Raquel viu vários cartões, documentos, notas de Euro e papéis. O primeiro cartão que tirou era de crédito e percebeu que o homem não era português. Pouco depois encontrou o bilhete de identidade, leu o seu nome, data e local de nascimento, e engoliu em seco.

— De quem se trata?

— Alfonso Martinez. Nascido a 2 de março de 1961 na cidade de Almeria, região autónoma da Andaluzia. Residente em Granada.

— Espanhol? — questionou Rui, surpreendido, depois de retirar algumas moedas de um dos bolsos das calças. Ao todo, não eram mais de dois euros.

— Nacionalidade espanhola! — leu Raquel, em voz alta, espantada. Não esperava aquilo, mas, apesar de tudo, aquele caso poderia estar relacionado com a “Lua Cheia”. Havia muitos espanhóis residentes em Lisboa. O que viu depois, contudo, fê-la repensar. Cartão de sócio do Real Madrid, cartão de pontos das companhias Ibéria e Air France, cartão do posto de gasolina Repsol, cartão de cliente do Cortefiel. Foi passando os cartões e documentos, um a um, e depois olhou de novo para o corpo. — Quem será este homem?

Rui encontrou um papel branco bem dobrado num dos bolsos das calças e abriu-o. Estava dobrado em oito e viu que tinha algo escrito a caneta. A água tinha desbotado parcialmente a tinta, mas conseguiu ler algumas palavras. Estava tudo em espanhol, não havia dúvida.

— Não vivia mesmo aqui! — avançou Raquel com as

mãos num cartão magnético branco. — Quarto 112 do Hotel Mundial. Pelos vistos estava na cidade de passagem.

Raquel olhou para Rui e percebeu que ele não tinha ouvido o que tinha dito. Continuava olhando para a folha branca que tinha nas mãos sem prestar atenção a mais nada.

— Que se passa, homem? — inquiriu a investigadora, endireitando de novo os óculos sobre o nariz. — Alguma coisa interessante?

— Nem sei bem o que dizer — soltou Rui em voz baixa, tentando decifrar o que estava escrito. — Não estava à espera disto.

— O que diz?

— Está bastante desbotado, mas há palavras soltas perfeitamente legíveis. E nomes também...

— Que nomes? — perguntou a investigadora, aproximando-se de Pedro.

— Bem, um deles é Alfonso de Albuquerque!

— Afonso de Albuquerque? — questionou, com uma expressão de espanto e pousando o olhar no papel. — Não tem um número ou algo assim? Deve ser o nome de uma rua qualquer, ou então o nome de uma escola.

— Não sei. Não vejo aqui qualquer número — respondeu Rui, confuso, tentando construir uma frase com o que lia aos bocados. — Apenas mais dois nomes...

— Quais?

— André Furtado de Mendonça!

— Deve ser mais um nome de uma escola qualquer! E o outro?

— O outro é um nome espanhol! — respondeu Rui. Pelo apelido não tinha qualquer dúvida. — Miguel Alvarez de Toledo!

Um frio intenso instalara-se na cidade de Cusco ao cair da noite. Devia estar perto dos zero graus e as ruas adjacentes à Plaza de Armas estavam desertas. Apesar de ser sábado à noite e de se ouvir música e risos dos bares do outro lado da Plaza, não se avistava ninguém na calle Hatun Rumiyoq.

Juan Alvarez caminhava com passos largos e com esforço. Estava cansado, mas estava tão satisfeito que nem percebeu o odor nauseabundo da *calle*. Enquanto caminhava, recordou os momentos anteriores. Tinha sido muito mais fácil do que pensara e nem precisara da ajuda de Kok e de Alfonso. Pensou que estivera ali tão perto tantas vezes, e que nunca suspeitara que parte dos despojos da *Flor do Mar* estivessem ali. Voltara à Iglesia de La Compania e nem tinha sido preciso arrombar a porta, porque estava apenas semifechada.

Lá dentro, tinha seguido as instruções do português e revivido os passos da noite em que estivera na igreja da Graça em Lisboa. Encontrou o túmulo de D. Miguel Alvarez de Toledo bem perto do altar principal. Abriu-o com facilidade e encontrou o pequeno baú de madeira e couro, tal e qual como na igreja em Lisboa. Estava escondido num fundo falso do túmulo do fidalgo espanhol. Reconheceu-o de imediato. Tinha um junco chinês, de velas quadradas, desenhado em cada um dos lados.

Abrir o baú, em contrapartida, não foi nada fácil. Era tão pesado como o de Lisboa e de Malaca, mas não fora isso que o tornara difícil de abrir. A fechadura estava desfeita pela ferrugem e a madeira estava muito colada pelo tempo. Apenas na quarta tentativa, com o canivete suíço, conseguiu abrir uma pequena fenda. Forçou pouco a pouco, perfurou a madeira e começou a alargar o buraco. Quando conseguiu abrir o baú e apontou a luz para o interior, sentiu que tinha atingido o ápice de uma vida. Um pequeno leão de ouro

descansava por entre um monte de pedras preciosas. Conhecia bem o que estava vendo. Um presente do imperador da China ao sultão de Malaca. Uma peça dos finais do século XIV – uma preciosidade! Semelhante ao leão dourado que tinha descoberto em Malaca e em Lisboa. Pegou com as mãos no leão e percebeu como era pesado. Era tão pesado com os outros dois. Aquele era o terceiro leão dourado que encontrava e sentiu o peso da História. Soube naquele momento que era um homem riquíssimo, muito mais do que alguma vez imaginara ser possível. Colocou o leão dourado dentro da mochila e, por segundos, fixou o olhar nas pedras preciosas. O baú estava repleto de rubis, esmeraldas e safiras, e reparou que no meio tinha mais manuscritos enrolados. Abanou a cabeça e sorriu. Exatamente como em Lisboa! Confirmou que os manuscritos estavam escritos em português. Não tinha tempo de os ler e pensou em deixá-los no baú. Mas depois mudou de ideia. Colocou as pedras preciosas num saco de plástico e colocou os pergaminhos na mochila. Voltou a pôr o baú de madeira e couro no fundo falso do túmulo e fechou a tampa de pedra.

Sentiu uma adrenalina imensa percorrendo-lhe o corpo. Manteve o passo acelerado e o olhar sempre atento. Observou os bêbados deitados nas arcadas, passou por um grupo de jovens, com os seus risos e cantigas, indiferentes ao frio, aquecidos pelo álcool, e continuou ouvindo gargalhadas e música. Virou o passo para a Calle Loreto e pensou que o escândalo sobre a *Flor do Mar* deveria estar prestes a ser descoberto, pelo menos em Portugal.

Não tinha dúvidas que a notícia iria percorrer vários países. Estava por sua conta e risco, já sabia disso! Soubera que Salad estava gravemente doente. Segundo tinha percebido, Salad estaria em estado terminal, longe de tudo e todos, na sua ilha no Brasil. Toda a Saladin, incluindo a Poseidon, estava sem rumo, e vira que as ações da empresa

caíam a pique, apesar dos rumores sistemáticos de fusão com a Alpha Dive.

Mas Juan, no fundo, sabia que tinha falhado em Portugal. Por pouco, mas falhara porque não tinha conseguido eliminar o português. Pelo menos, pensou, o fracasso não foi total. Assim que soube que Salad Rani tinha poucas semanas de vida, tomara uma decisão. Não hesitara um segundo. Era a oportunidade de uma vida! Depois de ter levado o português até o limite, ordenou que o conduzissem a uma doca semiabandonada do Porto de Lisboa. Tinha que se livrar dele. Sabia demais. Quando chegaram ao final da doca, Alfonso e Kok certificaram-se de que não existia ninguém nas redondezas. Tiraram Filipe do carro, agarraram-no e deitaram-no no chão. O português estava de mãos atadas. Seria portanto o último a ser abatido. Juan disparou dois tiros com o silenciador e depois ouviu um corpo caindo na água. Tinha sido Alfonso. Kok tinha sido atingido, mas ainda se movia. O sul-africano percebeu o perigo e começou a correr. Juan não falhara. Disparou dois tiros seguidos e ouviu o grito seco de Kok, antes de cair na água. Quando se voltou, não encontrou o português. Já não estava no chão, já não estava por perto. Procurou com o olhar em todo o lado, tentando encontrar um sinal, uma pista que desmascarasse o português, mas não o encontrou. O português desaparecera.

Naquela altura, Juan sentira que estava em perigo! O instinto nunca o enganara e pensou que tinha que sair dali. Entrou no carro e arrancou. Só parou no Hotel Mundial, na praça Martim Moniz, e arrumou a mala o mais rápido que conseguiu. Dez minutos depois estava no carro com destino à ponte 25 de Abril. Só parou para pôr gasolina e chegou a Madrid, quando o sol nascia. Rumara a Madrid com o leão de ouro e todas as pedras preciosas, escondendo a riqueza num dos cacifos do Terminal 4 do aeroporto de Barajas. Dali

apanhou o primeiro voo para Lima. Edson, o seu contato em Cusco, não respondera à chamada e isso aumentou a sua preocupação. Mas apesar de tudo, conseguira encontrar o terceiro baú, com mais um leão do sultanato de Malaca e uma porção imensa de pedras preciosas.

Sabia que tinha que ser rápido. Sabia que o português não desistiria de o procurar e de encontrar o que restava da *Flor do Mar*. Sabia como ele era persistente e, sobretudo, como era inteligente. Tinha-o menosprezado em Lisboa e não podia repetir o mesmo erro. Imaginou que a Interpol o perseguiria mais cedo ou mais tarde e que muitos dos seus crimes iriam ser descobertos. Cusco não era uma cidade segura, especialmente desde aquela época em que estivera em Pisac. Edson tinha sido informado que corria uma investigação policial sobre o caso e estava pensando em sair de Cusco até a situação acalmar. Juan desconfiava que tinha sido por causa disso que não tinha respondido à chamada.

— Juan Alvarez? — questionou subitamente uma voz grave atrás dele, proveniente de uma porta escura.

Juan despertou dos seus pensamentos e ficou gelado. Conteve o passo e viu uma segunda sombra atrás dele. Levou de imediato a mão ao bolso e percebeu que não tinha o revólver nem o punhal. Tinha apenas o canivete suíço.

— Quem é você?

— Alguém que está à sua procura há algum tempo!

Juan voltou a olhar em volta. Estava cercado. O frio era imenso e sentiu uma tremura momentânea. Viu uma terceira sombra sair da mesma porta e percebeu que estava em desvantagem.

— E quem é que anda à minha procura? — soltou Juan entre dentes, tentando ganhar tempo e descobrir uma saída para aquela situação. — Edson?

Os três homens não responderam e avançaram silenciosamente sobre o espanhol. O homem que falava

estava agora mais visível. Juan nunca o tinha visto. Tratava-se de um peruano alto, magro, de cabelo comprido, que empunhava um punhal em riste.

— Edson teve um acidente há uns dias atrás. O carro em que seguia caiu numa encosta — informou a mesma voz. — Os freios não resistiram ao declive, mas antes contou tudo o que sabia.

Juan não deixou o homem acabar de falar e tentou fugir. Mas não conseguiu. Os três homens anteciparam-se e atacaram-no com violência. O mais alto prendeu-lhe os braços, enquanto o mais baixo tentou espetar-lhe a navalha na barriga. Juan deixou cair a mochila e conseguiu desviar-se no último momento, mas não evitou que o punhal o atingisse. Gritou de dor ao sentir a carne sendo perfurada. Foi atingido de lado, mas nem por isso a dor era menor.

O homem alto voltou a atacar e, num golpe certo, cravou o punhal no braço de Juan, rasgando-lhe parte do antebraço. Juan voltou a gritar de dor, mas conseguiu libertar-se do homem que o prendia. Virou-se e socou o homem mais alto com violência, levando-o a tombar. Continuou atacando-o, pontapeando-o sem parar. Agarrou numa pedra solta da rua e atirou-a, com toda a força. O peruano alto e corpulento não teve tempo de reagir. A pedra bateu na cabeça com violência, provocando um barulho assustador. Teve morte imediata.

Juan virou-se para trás quando o terceiro homem o pontapeou com força. O pontapé atingiu-o na cara e ele percebeu que sangrava da boca. Sentiu um dente partido. Levantou-se com rapidez e agarrou o homem pelo pescoço. O homem tentou livrar-se de Juan, enquanto o peruano mais baixo tentava ajudá-lo. Juan prendeu-lhe a cabeça e torceu-lhe o pescoço com violência. O segundo homem emitiu um som grave pela boca e o seu corpo ficou sem força e caiu no chão.

Juan enfrentou então o último homem, o mesmo que o tinha atingido no início. Sentia que estava ficando sem forças. O primeiro ataque do peruano fora certeiro e Juan voltou a sofrer um novo golpe no outro braço. Tinha o corpo ardendo. Atirou-se a ele em desespero e a confusão foi imensa. Os dois homens lutaram corpo a corpo. O peruano perdeu o punhal na confusão, mas apertou com força a ferida no abdômen do espanhol, que gritou de dor. A luta durou mais de cinco minutos. Foram cinco longos minutos. No meio de gritos e sons graves, ninguém apareceu na *calle*, como se toda a cidade estivesse dormindo pesadamente. Por fim, ouviu-se um grito de morte e, pouco depois, um dos homens levantou-se no meio daquela confusão. Ofegante, fitou os três cadáveres no chão e tentou pensar no que acontecera. Sentia uma dor profunda de lado, no abdômen. Levou a mão à ferida – sangrava abundantemente. Pensou que perderia os sentidos dentro de pouco tempo e pegou repentinamente a mochila. Sentiu que estava imensamente pesada, mais do que quando saíra da *iglesia*. Desceu a *calle* escura com esforço e virou à esquerda, tentando compreender onde estava. Tinha o pensamento confuso e estava ligeiramente tonto. Pensou que estava perdendo muito sangue e que tinha de fazer alguma coisa para parar a hemorragia.

O segurança alto e corpulento do Hotel Libertador baixou a cabeça com um sorriso e desejou-lhe boa-noite, não se apercebendo do seu verdadeiro estado.

— Buenas noches! — desejou igualmente o funcionário que estava ao balcão, com o seu habitual sorriso, mas mais atento. Manteve o sorriso profissional, mas percebeu que o hóspede sangrava abundantemente. — Posso fazer alguma coisa pelo senhor?

— Sim, claro! — respondeu. — Pode-me arranjar um chá de coca duplo e bem quente para o meu quarto?

— Com toda certeza, Don Juan! — respondeu

prontamente o funcionário com os olhos abertos, fazendo uma ligeira reverência. — Estará no seu quarto dentro de poucos minutos.

Juan chegou ao quarto com grande esforço. Colocou a mochila no chão e dirigiu-se ao banheiro. Agarrou todas as toalhas de banho e voltou a sentar-se na cama. Com as toalhas mais pequenas, tentou conter o sangue dos braços ao mesmo tempo que pressionou a maior toalha na ferida da barriga. Pensou que deveria ir para o hospital, mas iriam fazer-lhe demasiadas perguntas e achou que poderia ser de novo apanhado. Tentou sustar a hemorragia e ficou em silêncio por momentos, fazendo pressão com as toalhas nas feridas. Sentia dores no corpo inteiro, mas olhou para a mochila e sorriu. Tinha conseguido! Agora apenas teria de resistir e fugir da cidade o mais brevemente possível. Deixou-se cair na cama e cobriu-se com o cobertor. Segundos depois, fechou os olhos.

Pouco tempo depois, algo o fez despertar. Pensou que seria o funcionário do hotel com o chá de coca. Tentou endireitar-se, mas logo percebeu que algo não estava bem. Primeiro, foi um estalar, e depois ouviu um ranger na madeira da porta. Quando abriu melhor os olhos, sentiu dificuldades para respirar. A imagem que tinha à frente era assustadora. Um homem com a camisa ensanguentada, ligeiramente curvado, de cabelos negros. Percebeu que era um sudaca e que tinha uma arma na mão esquerda. Tentou levantar-se da cama, mas falhou o impulso. Viu o homem mexendo nos cabelos e eram muito compridos. Fechou e abriu os olhos de novo, confirmando que estava uma mulher à sua frente.

— Quem é você? — balbuciou Juan, com uma voz trêmula.

— Quem sou eu não interessa! — respondeu a mesma voz, mas ligeiramente mais aguda. Não tinha dúvidas,

tratava-se de uma mulher. — O que interessa é o que você fez.

— Mas o que foi que eu fiz? — questionou Juan, tentando sentar-se. Tinha a visão enevoada e sentia dores por todo o lado. Tentou compreender a situação e percebeu que a mulher tinha um revólver apontado para ele.

— Matou Alberto Blanco e todas as pessoas que estavam naquela casa.

— Foi um acidente. Eu não queria! — confessou Juan numa voz sentida. Sentia dores insuportáveis pelo corpo todo. — Eu não gosto de tirar a vida de pessoas inocentes.

— Não foi a primeira vez. Desta vez aconteceu em Pisac, exatamente onde não deveria ter acontecido — prenunciou calmamente a mulher, com um tom de voz assertivo. — Com isso deu cabo da sua vida.

Juan conseguiu olhar melhor para ela. Tratava-se de uma mulher peruana, com pele acastanhada e cabelos negros compridos, que contrastavam com a camisa branca ensanguentada. Tinha uns olhos grandes que o perfuravam e o deixaram desconfortável, intimidado. Não tinha controle sobre a situação.

— Mas quem é você?

— Eu sou a filha de quem você assassinou! — respondeu a peruana, olhando-o frontalmente, puxando o gatilho para trás. — Eu sou a mãe de quem você assassinou!

— Não percebo...

— Percebe e muito bem! — insistiu a mulher, na mesma voz firme. — Eu sou a mulher que irá fazer justiça.

— Maldita sudaca! — gritou Juan furiosamente, mudando subitamente de estratégia. Sabia que tinha a vida por um fio e que tinha que reagir. — Anda logo...

Juan tentou reunir forças que não sabia que tinha. Levantou-se com os braços erguidos, pronto para responder, mas não conseguiu acabar o que estava dizendo. A pistola

disparou e o silenciador evitou a propagação do som. Juan sentiu o embate e a pele rasgando-se. Sentiu um novo embate e percebeu que tinha sido atingido de novo. Tentou manter-se sentado, mas não conseguiu. Começou a sentir-se envolto de uma névoa muito densa e deixou de ver. No meio da névoa, sentiu que estava tendo alucinações. À sua frente estava o professor português. De barba branca e óculos grossos, o professor levantara da cadeira de rodas e cruzara os braços. Ao seu lado e da sudaca, distinguiu um outro rosto conhecido, muito conhecido. Era louro, com a pele queimada pela exposição excessiva ao sol, barba rala, e sorria com satisfação, mostrando os dentes todos.

Depois, Juan sentiu um novo embate. O seu último pensamento foi que uma bala afiada perfurava o corpo em direção ao coração. Não teve tempo para mais nada!

Capítulo 22

CARCAVELOS, 21 DE SETEMBRO, 18H40

“OS ANOS DE EXPEDIÇÕES E
CONQUISTAS FORAM DE
ESPLENDOR E RIQUEZA EM
LISBOA, SUPERANDO OS
MELHORES ANOS DE GÊNOVA,
VENEZA E SEVILHA. COM UM PÉ
EM TODOS OS CONTINENTES,
DO BRASIL A TIMOR, DE
MOÇAMBIQUE ÀS ILHAS
MOLUCAS, DA CHINA AO ZAIRE,
LISBOA VIVEU UMA ÉPOCA DE
OURO. OURO, PRATA, MARFIM,
ESPECIARIAS, PEDRAS E
MADEIRAS PRECIOSAS
ATRACAVAM EM LISBOA EM
NAUS E CARAVELAS NUM
MÍSTICO INTERCÂMBIO DE
POVOS, CULTURAS E RAÇAS.”

Lisboa, uma cidade inesquecível...



A maré estava bem baixa e o areal da praia de Carcavelos estava maior do que habitual. Era sexta-feira à tarde e centenas de pessoas estavam na areia, principalmente grupos de jovens praticando esportes, passeando ou simplesmente tomando sol. As ondas eram pequenas, mas pareciam ter força, porque vários surfistas deslizavam com velocidade. Olhando ao longo da praia, Filipe distinguiu imensos pontos negros na água e sentiu alguma nostalgia por nunca ter aprendido a surfar. O final de dia estava abafado, mas as nuvens cinzentas, ao fundo, pareciam indicar que uma tempestade se aproximava de sul.

Os últimos dias tinham sido esgotantes. Perdera todas as forças quando estava amarrado naquela sala escura e sentira que iria morrer. Aquele homem levava-o ao limite. Desesperou por uma réstia de esperança e contou tudo o que sabia. Todo o trabalho do pai, as conversas em Pisac, Cingapura, Malaca e Lisboa, o que descobrira nas últimas semanas e as suas suspeitas da localização dos despojos da *Flor do Mar*. No entanto, Filipe sentia que enganara a morte! Num rasgo de sorte, aproveitara os segundos que estivera livre para escapar de uma morte predestinada. Assim que

percebeu que o homem estava abatendo os seus cúmplices e que falhara um dos tiros, aproveitou a escuridão e escondeu-se. Depressa reconheceu onde estava. Viu as luzes de neon dos restaurantes do Jardim de Tabaco e percebeu que estava à beira do rio Tejo, não muito longe da colina da Graça. Estava em casa! Correu para os fundos dos armazéns da doca e achou que tinha uma chance. Não olhou uma única vez para trás. Tinha as mãos atadas, mas correu como nunca tinha feito na vida. Atravessou a avenida da Ribeira das Naus e entrou em Alfama. Em poucos segundos, desapareceu nos labirintos do bairro e voltou a se sentir vivo.

Com o pensamento mais frio, Filipe percebeu que tinha conseguido recolher informações cruciais enquanto estivera em cativeiro. Descobriria que o homem que o prendera se chamava Juan Alvarez e que era espanhol. Juan estivera em Malaca perseguindo-o, e também estivera em Cusco no seu encalço. Fora ele quem tinha assassinado Alberto Blanco e todas as pessoas que estavam presentes na casa. Um dos cúmplices de Juan Alvarez era espanhol e o outro falava castelhano, mas não era a sua língua materna. Não conseguira perceber como se chamavam, mas conseguira vislumbrar o rosto de todos eles quando tinham parado num semáforo e o interior do carro fora iluminado pelas luzes dos carros que passavam na faixa contrária. O mais importante de tudo é que compreendera que aquele homem fora o último a ver o seu pai em vida, naquela manhã na Universidade.

Desde aquela noite, Filipe não tinha parado. Primeiro assegurara-se de que a sua mãe não voltaria das termas de Monfortinho. Contara-lhe apenas parte da verdade, o suficiente para não a assustar, mas ao mesmo tempo evitar que ela voltasse para Lisboa. Depois, pensou nos passos que tinha que tomar para acabar com Juan Alvarez. Sabia por onde começar. Fora testemunha ocular de dois assassinatos

no Terreiro do Trigo, tinha provas que Juan era a pessoa que a polícia de Cusco procurava e conhecia o rosto do assassino.

No meio do frenesi de acontecimentos, acabou por ter mais uma surpresa! Recebera uma chamada no celular que não tinha atendido porque não ouvira. A segunda vez que ligaram do mesmo número, não atendera porque não reconhecia, mas à terceira acabou por atender. Do outro lado estava uma voz feminina que não reconheceu, mas assim que se identificou, sentiu o corpo quente e uma ansiedade diferente. Do outro lado da linha, estava Sonya, a holandesa que conhecera em Boston.

Sonya guardara o seu número de celular e ligava-lhe porque estava em Lisboa a trabalho e queria saber se ele poderia sugerir alguns locais para visitar e restaurantes onde ir. Sonya achou que ele ainda estava em Boston e quando Filipe lhe confessou que também estava em Portugal, um silêncio instalou-se entre os dois. Sonya tinha ficado surpreendida e Filipe notou que ela hesitava! Acabou por tomar a iniciativa, alguns segundos depois, e convidou-a para se encontrarem! Sonya aceitou e combinaram de se encontrar ao final daquela mesma tarde não muito longe do seu hotel.

O Bar do Forte em Carcavelos distava poucos metros do Forte de São Julião e tinha uma vista privilegiada para a praia. Estava quase cheio quando Filipe lá chegou, uma hora antes da hora marcada. Estava nervoso! A princípio, pensou que ainda não tinha conseguido acalmar-se com os últimos dias, mas depois concluiu que estava nervoso por causa de Sonya. Nas últimas horas, recordara muitas vezes a noite que passaram juntos em Boston e não conseguia deixar de pensar como se sentira bem. No entanto, a situação acabava por ser caricata e pensou que o seu pai tinha razão. A História pregava as suas peças! Sonya tinha nascido na Holanda, o mesmo país que defrontara Portugal na Batalha do Cabo

Rachado e em tantos pontos no globo durante quase setenta anos, naquilo que o seu pai chamara de Primeira Guerra Mundial.

O celular tocou e pensou de imediato que deveria ser Sonya avisando que estava atrasada ou Raquel Mendonça, a inspetora da PJ com quem tinha falado nos últimos dias. Não era nem uma nem outra. O indicativo +51 mostrava que alguém lhe ligava do Peru.

— Fala Hernando Mendez, Polícia Municipal de Cusco! — começou uma voz conhecida. — Como está, señor Silva?

— Bem, obrigado, detetive Mendez — respondeu Filipe automaticamente. Os últimos dias tinham sido frenéticos e a última coisa que podia dizer era que estava bem. Ligara para o policial de Cusco uns dias antes para o informar sobre o que tinha ficado sabendo e trocar informações. Finalmente conseguira ver os desenhos que o policial peruano lhe enviara e reconhecera as semelhanças. Estava escuro, mas mesmo assim, reconhecera as feições de Juan Alvarez. — Tem mais novidades?

— Tenho, sem dúvida — respondeu o policial. — Estive agora mesmo falando com a señorita Raquel, da polícia portuguesa, e já a coloquei a par dos últimos acontecimentos.

— Últimos acontecimentos?

— Sim, dos acontecimentos em Cusco! Juan Alvarez voltou à cidade, conforme nos tinha dito, e como a polícia portuguesa nos avisou — adiantou. — Mas alguém chegou primeiro do que nós!

— Como assim?

— Alguém matou Juan Alvarez! — contou o policial cusquenho num tom visivelmente incomodado. — Pelo que percebi, Juan Alvarez esteve envolvido numa rixa violenta na Calle Pampa del Castillo. Foi uma matança! Foram encontrados dois corpos sem vida por um casal de turistas italianos que regressava de um dos bares do centro da

cidade. Aparentemente, Juan Alvarez conseguiu chegar ao hotel, ainda com vida.

— Então Juan Alvarez não foi uma das vítimas?

— Já fizemos a reconstituição dos acontecimentos! Juan Alvarez chegou ao Hotel Libertador, bastante ferido, à 1h45 da madrugada. Pediu um chá de coca ao funcionário de balcão e recolheu-se ao seu quarto. Quando o funcionário foi entregar o pedido, ninguém atendeu. O funcionário pensou que o hóspede tinha adormecido e não voltou a insistir. O alarme foi dado apenas às 10h da manhã do dia seguinte pela funcionária que abriu a porta para arrumar o quarto, depois de ter insistido várias vezes e ninguém ter respondido.

— Encontrou Juan Alvarez sem vida? — perguntou Filipe, estupefato.

— Exatamente!

— Morreu de ferimentos? — antecipou-se Filipe, sentido o rosto muito quente.

— Não propriamente! — informou o policial. — Juan Alvarez foi abatido a tiro quando estava na cama. Três tiros, para ser exato!

— Alguém entrou no quarto ou já lá estava quando Juan entrou?

— Alguma coisa desse gênero aconteceu. O principal suspeito foi o funcionário que levava o chá ao quarto, mas temos várias fontes que o inocentam de qualquer ato. Além disso, temos uma diferença horária importante.

— Como assim?

— Juan Alvarez chegou ao hotel à 1h45, quando pediu um chá de coca. O funcionário bateu à porta cerca de 15 minutos depois, ou seja, às 2h da manhã. Segundo as investigações até agora, Juan Alvarez morreu entre as 4h30 e as 6h30 da manhã, ou seja, pelo menos duas horas depois de o empregado ter batido à porta.

— E encontraram alguma coisa de especial no quarto de

Juan Alvarez?

— Penso que sei ao que se refere! — avançou o policial com um tom de voz intermitente, com a ligação de celular falhando. — Um leão dourado guardado dentro de uma mochila. Diz-lhe alguma coisa?

— Sim. Tenho de confessar que sim, inspetor Mendez! — avançou Filipe, olhando as ondas do mar batendo com força nas rochas em frente do Bar do Forte. — Era isso que o meu pai procurava e que o levou a pedir ajuda ao seu amigo Alberto Blanco.

— Que Nosso Senhor Deus o tenha!

— E a mochila não tinha mais nada? — questionou, curioso, trincando o lábio sem querer. Tentou imaginar o que Juan encontrara em Cusco e tinha quase certeza que deveria ter descoberto pedras preciosas e pergaminhos.

— Afirmativo. Encontramos uma chave com uma inscrição gravada.

— O que diz? — questionou surpreendido. Estava à espera de outra resposta.

— Terminal 4! — respondeu o peruano, num tom cortante. — Imagino que seja a chave de um cofre no terminal do aeroporto de Madrid, de onde saem muitos voos europeus para a América do Sul.

— Foi tudo o que encontrou?

— Não. Encontramos algo ainda mais estranho — confessou Hernando. — Um rolo de pergaminho antigo, com muitas palavras. Não o cheguei a ver com atenção, mas não está escrito em castelhano...

— Apenas isso? — soltou Filipe, não disfarçando o seu espanto.

— Apenas isso e já não é pouco. Aliás, posso adiantar-lhe que o leão é bastante pesado.

— Sim, posso imaginar que sim! — respondeu, tentando disfarçar. Não tinha contado tudo o que sabia à PJ

portuguesa e à polícia peruana e, por isso, sabia que Juan não deveria ter encontrado apenas o leão dourado e um manuscrito. Conhecia muito bem D. Pedro de Mascarenhas para saber que Juan tinha encontrado também pedras preciosas, que por alguma razão, a polícia não tinha encontrado.

— A inspectora Raquel contou-me os últimos acontecimentos da investigação em Lisboa — continuou o policial num tom melódico. Hernando estava visivelmente aborrecido por ainda não ter conseguido desvendar totalmente o crime de Pisac e compreender o que se passara na Calle Pampa del Castillo naquela madrugada fatídica. — Já sei que o cadáver de um dos cúmplices de Juan Alvarez foi encontrado em Lisboa. Já o identificou, não é verdade?

— Sim. Alfonso Martinez! Foi encontrado sem vida boiando numa das docas do porto da cidade.

— Morto com um tiro entre os olhos, não é verdade?

— Sim!

— Tal e qual a maior parte das vítimas do crime de Pisac! — soltou o policial peruano. — Segue o padrão habitual. Mas já sei que ainda não encontraram o corpo do outro cúmplice.

— As buscas continuam na doca e no rio, mas os peritos sugeriram que o corpo pode ter sido arrastado para o alto-mar...

— Há muito que não via uma sucessão de crimes tão estranha — confessou Hernando no mesmo tom de voz. — Como adiantei à señorita Raquel, as investigações em Cusco prosseguem. Estamos tentando entender o sucedido na Calle Pampa del Castillo, os antecedentes das vítimas mortais e, principalmente, o que aconteceu no Hotel Libertador. Continuamos sem saber quem matou Juan Alvarez. A polícia está procurando um policial desaparecido há vários dias que sabemos que conhecia Juan Alvarez. Mas até agora, nada...

Hernando Mendez desligou o telefone instantes depois.

Filipe não conseguia acreditar no que tinha ouvido. Não estava à espera daquilo. Parte dele queria vingança, queria saber o que aquele homem fizera ao seu pai e o que verdadeiramente sabia da *Flor do Mar*. Mas, ao mesmo tempo, sentiu o corpo relaxando. Tudo isso tinha acabado naquele momento. Juan Alvarez estava morto!

Ainda segurava o celular quando viu Sonya descendo as escadas da entrada do bar. Estava lindíssima, apesar de muito diferente de quando a tinha visto pela primeira vez no bar em Boston! Vestia um top negro e uma calça jeans justa e estava de óculos escuros. Tinha um colar prateado em volta do pescoço e parecia uma mulher diferente, mas igualmente sensual e atraente. Quando chegou perto dele, tinha um grande sorriso desenhado no rosto e parecia imensamente alegre por vê-lo. Filipe colocou os braços em volta do pescoço dela e abraçou-a, lembrando-se como era agradável o cheiro do seu corpo!

Passaram-se três semanas! Foram três semanas alucinantes! O trânsito na cidade de Lisboa ainda estava parcialmente cortado. Era 5 de outubro, e a cidade estava ornamentada para a celebração da instauração da República e a queda da Monarquia em 1910. Durante quase todo o dia, a Câmara Municipal, a Assembleia da República e toda a rua de São Bento estiveram repletas de gente entusiástica. As mais altas instâncias do país e da cidade tinham marcado presença e as televisões nacionais tinham acompanhado como de costume, as cerimônias até o momento em que Sua Excelência, o Presidente da República portuguesa abandonara, a Câmara Municipal e mais tarde o semicírculo de São Bento.

As cerimônias tinham terminado há algumas horas e a

noite caíra sobre a cidade de Lisboa. O tempo mudara subitamente. Sentia-se bastante umidade e chovia levemente, mas a cidade vivia tempos agitados e a polícia não tinha contingente suficiente. Centenas de agentes da PSP tinham sido destacados para a zona de Belém com o objetivo de pôr ordem no trânsito e facilitar o deslocamento para aquela zona.

Filipe percorreu a avenida da Índia, passou pela Torre de Belém e sentiu um aperto no peito. Já passara por ali inúmeras vezes, mas agora achava que não dera a verdadeira importância àquele monumento e a tudo o que ele significava. A torre estava iluminada e parecia ser o centro mais importante de toda aquela zona. Tudo tinha começado ali, nas praias do Restelo. Aquele monumento fora erigido em 1520. Marcava a entrada da cidade de Lisboa e tinha sido o local de onde a esquadra de Vasco da Gama e todas aquelas que lhe seguiram zarparam em direção a Goa e a Cochim. Em tempos, tivera o nome de Carreira da Índia. Uma viagem difícil de muitos meses que durante muitas décadas ninguém tinha tido coragem de fazer além dos portugueses. Tinham-se passado mais de quinhentos anos desde essa época, mas a Torre ainda se mantinha atual, apesar de estar ligada à terra por um areal formado pelo assoreamento do rio.

A sua mãe seguia a seu lado, no banco de trás do Mercedes-Benz do Ministério do Negócios Estrangeiros. Mantinha um silêncio absoluto, mas Filipe sabia que ela estava tão emocionada quanto ele e que tinha vivido os acontecimentos dos últimos dias com grande intensidade. O Mercedes parou em frente ao Mosteiro dos Jerônimos, defronte do pórtico principal, limitado pelas estátuas do rei D. Manuel I e sua esposa, D. Maria de Castela. O trânsito estava cortado e, à sua volta, estavam estacionados dezenas de carrinhas enormes com antenas parabólicas. Filipe saiu do carro e viu que estavam decorrendo várias emissões de

cadeias internacionais. Olhou em frente e a fachada do Mosteiro estava iluminada ao longo de mais de trezentos metros. O monumento tinha sido construído em cima de uma igreja e a sua construção demorara cerca de noventa anos, mas era por certo um dos edifícios mais importantes de todo o país. As paredes de calcário de lioz irradiavam força, imponência e riqueza e albergavam os túmulos de pessoas ilustres, como Vasco da Gama, Luís de Camões e os próprios reis D. João III e D. Sebastião.

Filipe voltou-se para a fonte luminosa da praça do Império e viu que o seu chafariz estava funcionando, iluminando toda a área em redor num jogo de água e de cor. Engoliu em seco e pensou que quando decidira dar continuidade a investigação do seu pai nunca imaginara que aquilo pudesse acontecer. Ali estavam jornalistas de todo o mundo para acompanhar os acontecimentos que iriam se seguir, fazendo lembrar a cobertura mediática do Campeonato Europeu de futebol de 2004, da Cimeira Europa-África e do Tratado de Lisboa de há uns anos atrás.

Filipe e sua mãe foram encaminhados para o interior do Mosteiro dos Jerônimos. Lá dentro, a agitação era enorme. Atravessaram um corredor comprido e foram ao encontro de um senhor de gravata que já conheciam. Teria menos de 40 anos, mas tinha o cabelo grisalho e parecia cansado.

— Dr. Filipe Silva, como está? — cumprimentou o diplomata. Chamava-se Pedro Vasconcelos e parecia estar à vontade com toda aquela agitação, apesar do cansaço visível. — É um prazer voltar a vê-lo!

— Igualmente. Está tudo preparado?

— Sim, está tudo preparado! Conseguimos reunir os embaixadores de cada um dos países envolvidos, mas não foi fácil trazê-los até aqui. Como deve imaginar, os acontecimentos são muito recentes e cada país ainda está avaliando a sua posição. Mas a opinião pública mundial e as

cadeias internacionais de televisão estão fazendo muita pressão. Não podíamos adiar mais. A *Flor do Mar* é tema de abertura dos noticiários em quase todos os países do mundo, nos últimos cinco dias! Temos que dar uma explicação. Portugal tem que assumir uma posição!

— Sim, eu compreendo.

— Portugal está numa posição mais fácil. Pouco temos a ganhar e pouco temos a perder — adiantou o diplomata com um sorriso aberto. — Temos que transmitir que somos um país tolerante, moderno e orgulhoso da sua História e que não temos complexos em relação ao passado. Pelo contrário, temos muito orgulho!

— Muito bem! — concordou Filipe, esboçando um pequeno sorriso, sentindo o coração batendo muito rápido. Desde que fora raptado na Graça que a sua vida mudara e os acontecimentos não tinham parado de se suceder como uma avalanche descontrolada.

— E, agora, se quiser acompanhar-me. Podemos passar já para o Claustro do Mosteiro. Os jornalistas esperam-nos.

O Claustro dos Jerônimos era um lugar especial. Tinha sido construído no século XVI, em pleno estilo Manuelino com os dinheiros da Carreira da Índia, especialmente com o comércio da pimenta. Tinha uma forma octogonal, dois pisos abobadados e era decorado com motivos náuticos e dos Descobrimentos, onde a Cruz de Cristo e a esfera armilar eram uma presença constante. Ali, Portugal e Espanha tinham assinado a sua entrada na Comunidade Económica Europeia, décadas atrás, e mais recentemente fora assinado um tratado da União Europeia que ficou conhecido como Tratado de Lisboa.

Quando Filipe entrou nos Claustros, sentiu uma onda de calor. A plateia de jornalistas era mais numerosa do que esperava e a luz era muito intensa. Vislumbrou vários holofotes das cadeias de televisão e percebeu que estavam

ocorrendo várias transmissões ao vivo naquele preciso momento. Os jornalistas estavam dispersos por várias filas defronte de um palanque, onde já estavam sentados alguns dos oradores. Pedro Vasconcelos apresentou rapidamente Filipe às três pessoas que estavam sentadas no palanque e depois pediu para todos se sentarem. O diplomata pegou depois no microfone e a plateia calou-se por completo. Sabia que estavam ao vivo para uma vasta audiência em vários países do mundo, e tinha consciência que aquela era um dos momentos mais importantes da sua carreira profissional

— Boa-noite, senhoras e senhores. Bem-vindos a Lisboa! — começou o diplomata num inglês fluido, com um forte sotaque britânico. — O meu nome é Pedro Vasconcelos e faço parte do Ministério de Negócios Estrangeiros de Portugal. Obrigado por terem vindo. Depois das especulações dos últimos dias, penso que chegou o momento de clarificar os acontecimentos das últimas semanas e quais as suas consequências. Passo a apresentar as pessoas aqui presentes!

O diplomata fez as apresentações, com profundidade e muita dignidade. No meio estava Filipe Silva, apresentado como investigador da História de Portugal. Mais adiante estavam três homens. Eram os embaixadores da Indonésia, da Malásia e do Peru. Todos tinham negociado a sua presença naquela conferência de imprensa, bem como o teor das informações que seriam tornadas públicas.

— Pode fazer a primeira pergunta — adiantou Pedro Vasconcelos, apontando para um homem louro que estava sentado na primeira fila. Tinha sido premiado com a primeira pergunta na conferência de imprensa.

— Alan Fryde da CNN. O que nos pode dizer sobre a localização da *Flor do Mar*? — questionou o jornalista em inglês, denotando uma forte pronúncia australiana.

— A localização exata do navio ainda não é conhecida. De acordo com a informação que apuramos até o momento,

apenas foi encontrada parte da carga que o navio transportava na época. Julgamos saber que parte da carga do navio foi resgatada pelos habitantes locais, poucos dias depois do naufrágio — respondeu Pedro Vasconcelos num discurso decorado. — Esses despojos, entretanto, terão sido descobertos por um grupo de portugueses de Malaca cerca de cem anos mais tarde.

— Em que circunstâncias a carga do navio foi encontrada agora? — insistiu o jornalista, não satisfeito com a resposta do português.

— A maior parte dos despojos foi encontrada em Malaca — explicou o diplomata, olhando de lado para Filipe e depois para o embaixador da Malásia. — Mas outra parte foi encontrada aqui em Lisboa e em Cusco no Peru. O autor da descoberta foi o dr. Filipe Silva, aqui presente.

— Pode explicar-nos como a conseguiu descobrir? — continuou o jornalista Australiano da CNN, olhando diretamente para Filipe. — No passado, todas as investigações sobre o navio fracassaram. O que é que fez a diferença desta vez?

Filipe ligou o microfone e percebeu que não estava nervoso. Olhou a mãe, na primeira fila, e começou a falar. Estava habituado a falar em inglês e explicou com facilidade que o pai era um historiador especializado no Império Português do Oriente e que descobrira pistas importantes sobre a *Flor do Mar*, que de alguma forma entravam em contradição com os cronistas da época. Afirmou que, como resultado das suas pesquisas, encontrara pistas e indícios em vários locais, desde Cusco a Cingapura, e também em Malaca, que de alguma maneira se relacionavam com a *Flor do Mar*. Adiantou que inicialmente ficara confuso, dada a diferença temporal entre o naufrágio do navio e a data das pistas, mas que, pouco a pouco, a história começara a fazer sentido.

Aquela resposta longa, mas concisa, repleta de fatos surpreendentes, deixou a plateia atônita, sem reação durante longos instantes. Os jornalistas mantiveram-se em suspenso, à espera que Filipe continuasse, mas o português nada adiantou e encostou-se na cadeira, afastando-se do microfone.

— A senhora que está ali à direita — apontou o diplomata português, percebendo que deveria dar seguimento à conferência.

— Gabrielle Stone, da Fox News. Pode descrever-nos o conteúdo da carga que encontrou?

— Encontramos sobretudo pedras preciosas, rubis, diamantes e esmeraldas. Como já foi tornado público, parte da carga é constituída por pequenas estátuas de leões de ouro sentados. Segundo reza a história, esses leões, bem como um elefante de rubis, foram oferta do imperador da China ao sultão de Malaca.

— Segundo julgo saber, os despojos do navio estão avaliados em vários bilhões de dólares! — continuou a mesma jornalista que se mantinha de pé no meio da audiência com o microfone em punho. — Pode confirmar o valor?

— Não! — interpôs-se o diplomata português, não deixando Filipe responder. — Ainda é cedo para confirmar o valor do material encontrado. Estamos neste momento numa fase de estudo preliminar. A senhora ali, da direita.

— Danielle de Murat, da TF1 — apresentou-se uma jornalista francesa muito magra, de cerca de 40 anos, com uns óculos de aros azuis e cabelos louros encaracolados. — Tendo em conta que o navio naufragou no Estreito de Malaca, pode explicar-nos como as investigações o levaram a Cusco e a Lisboa?

— Sim! — avançou Filipe de novo, tomando a iniciativa e olhando de soslaio para Pedro Vasconcelos. — O centro da

questão está na família Mascarenhas, uma família portuguesa de Malaca. Tivemos informações de que a família Mascarenhas deixou Malaca em 1641, quando a cidade caiu nas mãos dos holandeses. Soubemos que rumaram a Macau, que naquela época era um porto mais seguro. No entanto, a família Mascarenhas decidiu sair de Macau pouco depois e rumou a Manila. Embarcou então com destino ao Vice-Reino do Peru, atravessando o Oceano Pacífico. Não sei se era esse o objetivo ou se queriam rumar ao Brasil, ou mesmo Portugal. Mas temos provas claras de que a família Mascarenhas viveu na cidade de Cusco durante alguns anos, até voltar a Lima e daí rumar à cidade do Panamá e, mais tarde, a Lisboa.

A plateia estava em silêncio, como que transportada na máquina do tempo para uma época distante, quinhentos anos antes. Quando Filipe acabou de falar, era nítida a estupefação dos presentes. Pedro Vasconcelos passou os dedos pelo cabelo grisalho e sorriu, ao perceber o impacto daquelas palavras. As televisões internacionais mantinham a transmissão ao vivo e ele sabia que iriam continuar no ar.

— Confirma que encontraram parte dos despojos da *Flor do Mar* em Lisboa? — questionou a jornalista francesa, depois de se recompor da primeira resposta.

— Sim, confirmo!

A jornalista francesa ia insistir para compreender melhor as palavras de Filipe, mas foi interrompida pelo diplomata português, que passou a palavra para outro jornalista.

— Mohamed Asrad, da Al-Jazeera — apresentou-se um homem forte, de meia-idade, vestido de terno creme e gravata vermelha. — Queria perguntar se os governos da Malásia e da Indonésia vão trabalhar juntos neste caso?

— Sim! — respondeu o embaixador da Malásia, tomando a dianteira. — Posso adiantar que temos encontrado uma enorme boa vontade de cooperação em todas as conversas

que até hoje mantivemos e estamos muito otimistas relativamente às negociações oficiais que vão ter lugar nos próximos dias.

— E como pensa que a situação vai evoluir?

— Com disse, estamos muito otimistas quanto à evolução das negociações! — declarou com um modo seguro e satisfeito. — Estamos muito contentes que o patrimônio do sultanato de Malaca tenha sido redescoberto. Penso que foi desvendada uma página importante da História da Humanidade, em particular de todo a região do Sudoeste Asiático.

O embaixador da Indonésia estava visivelmente mais desconfortável que o seu homólogo malaio. A expressão do diplomata não deixava margem para dúvidas. Era um homem de cerca de 50 anos, com lentes oculares muito grossas, e ligeiramente curvado. Além de o seu inglês ser menos fluido, estava consciente que o saque português era proveniente da Malásia e que parte da carga tinha sido descoberta em Malaca. À Indonésia restava o que pudesse ser descoberto no seu país, o que, até o momento, ainda não se tinham confirmado.

— Faça minhas as palavras do meu colega malaio! — começou num tom pausado. — Estamos também bastante satisfeitos. Um mistério com mais de quinhentos anos e uma história que se passou nas nossas águas estão prestes a desvendar-se. Estamos certos de que a situação vai evoluir da melhor maneira possível e, como disse o meu colega malaio, estamos muito otimistas.

— E como comenta as notícias que indicam que o Governo da Indonésia interditou todo o nordeste do Achém? — adiantou o jornalista da cadeia de televisão árabe. — As últimas informações dão conta que as tropas governamentais iniciaram uma incursão militar de alta envergadura na parte Norte da ilha de Samatra.

— São informações postas a circular pelo GAM, que não correspondem à realidade! — refutou o embaixador indonésio, com uma expressão ríspida. O GAM era o Gerakan Acheh Merdeka, o movimento que lutava há muitos anos pela independência do Achém de todas as formas e que tinha acordado um cessar-fogo poucos anos antes, depois do grave tsunami que atingira toda a zona, dizimando milhares de vidas. — O que posso garantir é que estamos trabalhando com os nossos amigos da Malásia para a resolução da situação e que estamos otimistas quando ao futuro das negociações.

— Algumas fontes sugerem que o Exército governamental está procurando o resto da carga da *Flor do Mar*! — declarou o mesmo jornalista, sem desistir. — Na zona entre Lhokseumawe e Teruk Aru, perto do local onde os portugueses de Malaca encontraram os despojos da *Flor do Mar*.

— Não lhe posso confirmar essa informação! — negou o embaixador com veemência. — A única coisa que lhe posso adiantar é que estamos trabalhando com os nossos amigos da Malásia para a resolução deste caso.

— Subramaniam Murugan, da RTM1! — apresentou-se o jornalista de uma das maiores televisões da Malásia. — Temos informações de que um dos leões dourados encontrados vai ser devolvido à Malásia. Pode confirmar?

Pedro Vasconcelos trocou olhares com Filipe e avançou.

— Sim, confirmo! — adiantou o diplomata português. — O dr. Filipe Silva fez questão que assim fosse e o Governo português respeita por inteiro a sua decisão.

— Him Kow Tuey, Channel News Asia — apresentou-se um jornalista de Cingapura, um homem de trinta e poucos anos, com o cabelo curto e óculos finos. — O leão de ouro foi encontrado em Malaca?

— Sim! — respondeu Filipe ao mesmo tempo que um

burburinho se instalou na assistência de jornalistas

— E pode adiantar-nos onde estão os outros três leões?
— insistiu o jornalista de Cingapura, num tom firme.

Filipe sabia que a conversa poderia chegar ali e estava preparado para aquela situação. Recordou Juan Alvarez e as últimas informações de Cusco. Juan Alvarez tinha sido encontrado morto na cama do hotel e tinha morrido com alguma violência.

— Não conseguimos encontrar os quatro leões, mas gostaria de não me adiantar mais sobre esse assunto — respondeu Filipe sucintamente, deixando o jornalista cabisbaixo. — Essa informação ainda não pode ser confirmada!

— O senhor da direita, pode fazer a sua pergunta.

— Richard Logde, da Sky News. As ações da empresa suíça Poseidon caíram 70% na última semana, com notícias da morte do seu presidente no Brasil e da entrada da Interpol na sede da empresa, em Zurique. Sabendo o seu passado no mercado de ações, como interpreta o comportamento da ação?

— Estou afastado do mercado de ações há muito tempo. Não consigo ter uma opinião clara sobre este assunto para poder comentá-lo.

— Mas consegue dizer-nos exatamente qual foi o papel da Poseidon nisto tudo?

— Desconheço qual foi o papel do conselho de administração da Poseidon — respondeu Filipe num tom calmo, tentando falar de uma forma politicamente correta. — O que é do meu conhecimento é que alguns elementos da empresa atentaram contra a minha vida por mais de uma vez, assaltaram propriedades alheias e, mais grave ainda, são suspeitos de vários assassinatos.

— Pode adiantar os nomes dos responsáveis?

Filipe olhou de soslaio para Pedro Vasconcelos e este fez-

lhe sinal para que deixasse o representante do Peru responder à questão. O diplomata deu indicação ao peruano para avançar.

— Temos provas concretas de que algumas pessoas ligadas à Poseidon foram os agentes morais e materiais de cinco assassinatos na zona de Cusco nos últimos meses — avançou o embaixador peruano com uma voz firme. — A polícia continua investigando o caso e deveremos ter mais informações sobre o ocorrido nos próximos dias.

— Mas confirma que os suspeitos são ligados à Poseidon?

— Sim! Pelo menos um dos suspeitos tem ligações muito sólidas com a empresa! — confirmou o peruano. — Não posso adiantar muito mais, porque as investigações estão em andamento! A única coisa que posso confirmar é que o assunto está sendo investigado em conjunto com a Interpol e as autoridades portuguesas e suíças.

— O caso está entregue à Interpol e não temos informações recentes sobre o ponto da situação! — complementou o diplomata português, tentando manter o controle da situação.

Vários jornalistas colocaram as mãos no ar, mas Pedro Vasconcelos fez indicação para que uma mulher sentada da primeira fila se antecipasse. Ainda nenhum jornalista português tinha intervindo na conferência e isso não dava uma boa imagem.

— Diana D'Orey, da SIC — avançou a jornalista portuguesa em inglês, agarrando a oportunidade. Era a primeira vez que um jornalista português conseguia fazer uma pergunta e ela estava consciente disso mesmo. — A carga estava a bordo de um navio português. O governo português tenciona reclamar parte dos despojos?

— É uma questão que está sendo discutida na sede do governo e com total articulação com sua Excelência, o

Presidente da República. Não podemos adiantar detalhes sobre esse assunto.

Os embaixadores da Malásia e da Indonésia não disfarçaram uma expressão pesada assim que ouviram aquelas palavras e foi visível que tentaram disfarçar o mal-estar.

— Pode adiantar-nos como está a situação da nau portuguesa que foi recentemente encontrada a 12 quilômetros da costa da Namíbia? — inquiriu a mesma jornalista com uma voz decidida. — Segundo algumas informações, o Estado português já declarou que parte da carga lhe pertence e que tem que ser devolvida. Suponho que o Governo português mantenha a mesma política relativamente à *Flor do Mar*...

— Como disse, confirmo que o Estado português está acompanhando a situação e que tem estado em contato permanente com o Governo da Namíbia. Mas neste momento não posso avançar muito mais sobre esse assunto.

— Confirma que foram encontradas moedas de ouro portuguesas e espanholas, astrolábios, marfim e lingotes de cobre?

— Não posso confirmar essa informação.

— Pode ao menos confirmar que tem havido conversações com a De Beers? — insistiu a mesma jornalista, deixando o diplomata encostado à parede. A De Beers era uma das maiores empresas sul-africanas vocacionada para a exploração de diamantes e que, aparentemente, patrocinava aquela expedição.

O diplomata português não respondeu e deu indicação para que outra jornalista tomasse a palavra.

— Maria Conceição, TVI — apresentou-se, falando em português. — Temos informações que o professor Francisco Silva, pai de Filipe Silva, foi assassinado. Pode confirmar essa informação?

— Não confirmo nem desminto — respondeu Pedro Vasconcelos sucintamente, querendo pôr um ponto final naquele assunto. A conferência não estava a tomar o rumo desejado e pensou que teria de a dar por concluída rapidamente. — É uma matéria de segredo de justiça à qual, por conseguinte, não podemos acrescentar nada de momento. O senhor da segunda fila... Última pergunta!

— Daniel Martins, da RTP1. Tenho uma pergunta para o dr. Filipe Silva! — atalhou, igualmente em português, marcando posição e enfurecendo grande parte dos jornalistas estrangeiros que não compreendiam o que estava se passando. — À luz das últimas notícias, as suas investigações começaram porque estudava a vida de uma pessoa e não porque estava à procura da *Flor do Mar*...

— Sim, correto! — adiantou Filipe.

— E pode adiantar-nos a identidade da pessoa que procurava?

— Sim. Chamava-se D. Rodrigo de Mascarenhas. Da família Mascarenhas que há pouco mencionei.

— E o que nos pode dizer de D. Rodrigo de Mascarenhas?

Filipe olhou para o diplomata português e, depois, fixou o olhar na sua mãe, que estava na primeira fila. Reparou que ela estava chorando. Deveria estar lembrando-se do seu pai, ou simplesmente emocionada com o que estava se passando.

— Temos informações precisas e concretas de que se tratava de um membro da alta nobreza portuguesa, sobrevivente a uma das maiores batalhas no Norte de África.

— A que batalha está se referendo? — insistiu o jornalista português, no mesmo tom. — Quando é que essa batalha teve lugar?

— 1578! — respondeu Filipe, sem hesitar. Sentiu uma emoção imensa como nunca tinha sentido. Uma dor profunda atingiu-lhe as costas e percorreu-lhe a espinha até

chegar ao pescoço. Tentou controlar a dor e manter o tom de voz. — 4 de agosto de 1578, para ser mais exato!

Os jornalistas portugueses entreolharam-se e, de repente, um pequeno burburinho instalou-se no canto direito da sala. Os jornalistas estrangeiros não perceberam a razão da agitação e levantaram o braço para retomar a palavra. Filipe viu-os a disparar uma série de perguntas, umas por cima das outras, numa tentativa de compreender o que se passava.

Pedro Vasconcelos elevou a voz, usando o microfone, e agradeceu a presença de todos na conferência. Mas Filipe não ouviu nada. Olhou para a mãe e reparou que continuava chorando. Sentiu os olhos com lágrimas e levantou-se para ir ao seu encontro.

Ao fundo da sala, sentado na última fila, um homem louro de barba rala observava a situação com atenção. Tinha a identificação de imprensa e representava o *Bleed*, o principal jornal diário afrikaans da África do Sul. Tinha uma orelha ferida por uma bala perdida que lhe acertara quando estivera fazendo recentemente uma reportagem no Zimbábue, mas ouvia bem. Compreendia português o suficiente para perceber o que se tinha passado na parte final da conferência de imprensa. Mas nada daquela história de 1578 lhe dizia muito. O que mais lhe interessara fora que tinha sido dito anteriormente. Levantou-se, abriu caminho através a fila e olhou para o palanque. Reconheceu o filho do professor e sorriu, pouco antes de sair da sala. O homem chamava-se Pieter de Kok e tinha nascido em Saldanha Bay, um nome em memória de D. Antônio Saldanha, um dos capitães de D. Afonso de Albuquerque!

Epilogo

ALCÁCER-QUIBIR, 10 DE AGOSTO DE 1578

“OS MORTOS ESTAVAM POR
CIMA DOS VIVOS E OS VIVOS
POR CIMA DOS MORTOS, EM
PEDAÇOS. CRISTÃOS E MOUROS,
GRITANDO E MORRENDO,
ALGUNS SOBRE A ARTILHARIA,
OUTROS ARRASTANDO
MEMBROS E ENTRANHAS,
APANHADOS POR CAVALOS OU
MUTILADOS. E TUDO FOI PIOR
DO QUE EU POSSO DESCREVER
AQUI PORQUE A LEMBRANÇA DO
QUE PASSEI ME CAUSA GRANDE
AFLIÇÃO.”

*Relato de um sobrevivente da batalha de
Alcácer-Quibir*



noite tinha caído sobre as areias do deserto e trouxera finalmente alguma acalmia. O ar estava mais fresco e levantara-se uma leve brisa vinda do mar que fazia descer a temperatura e afastava o odor a sangue e morte.

Maqmun esfregou a barba farta e franziu os olhos. Olhou fixamente o horizonte e procurou um pequeno sinal, uma luz, um movimento. Não conseguiu ver nada. Baixou o olhar e pontapeou um pequeno monte de pedra. Perguntou a si mesmo se a sua mensagem tinha sido entregue. As horas iam passando e começava a duvidar. Mas nem tudo eram más notícias. Maqmun já se sentia melhor. Tinha sido ferido num braço, mas já conseguia mexer o corpo sem sentir muitas dores. Mais alguns dias e já estaria restabelecido. Allah tinha sido misericordioso com ele!

Adal-Malik, o grande sultão, tinha obtido uma vitória decisiva sobre os Cruzados. Uma vitória que iria mudar o curso da História e que os portugueses jamais esqueceriam. A batalha durara quatro horas e fora devastadora. Milhares de homens de ambos os lados tinham morrido nos combates. Dizia-se que aquela batalha iria ficar conhecida como a batalha dos três reis. Contava-se que os três reis presentes no

confronto tinham perecido durante a grande batalha, incluindo o sultão Al-Malik, que não sobrevivera aos ferimentos dos combates.

Al-Malik morrera, mas Maqmub sorriu para si mesmo. Sabia que aquilo que se contava não era inteiramente verdade. Terminada a batalha, os seus mudjahideen tinham recolhido centenas de prisioneiros portugueses feridos, soldados e nobres, para serem vendidos mais tarde. No meio dos prisioneiros, tinham descoberto alguém muito especial. Desde o início que Maqmub soubera que aquele homem alto, de cabelo ruivos, era muito mais do que um simples nobre. O corpo estava ensanguentado, a armadura perfurada e tinha ferimentos em várias partes do corpo. Os mudjahideen tinham colocado o homem ruivo na gruta e ele continuava inconsciente desde então. A sua respiração era muito leve, mas já murmurara algo em português. O homem era forte. Lutava pela vida, contra a febre, contra as dores e contra as feridas. Os curativos estavam fazendo efeito e Maqmud sabia que ele estava voltando à vida. E isso, estava certo, iria valer muito dinheiro!

Os mudjahideen tinham-se abrigado num pequeno oásis, escondido no meio das montanhas a leste de Suaken, protegidos do calor do dia, do frio da noite e das areias do deserto. Ali dispunham de água fresca, frutos secos, e podiam se recuperar em paz. Havia rumores de que os infieis se preparavam para desembarcar de novo em Arzila, mas Maqmud duvidava que isso acontecesse. A derrota fora pesada, avassaladora e o inimigo não detinha uma cadeia de comando.

De repente, Maqmub apanhou um movimento no horizonte e olhou com mais atenção. Era uma luz no meio da escuridão. Primeiro tênue, mas pouco depois mais nítida. Mais tarde, percebeu que se tratavam de duas luzes e que ambas se aproximavam rapidamente. Afinal, a sua

mensagem fora entregue e surtira efeito.

— Tarik, os nossos convidados estão chegando! — gritou Maqmud para a entrada da gruta. — Prepare os homens. Quero que estejam lá embaixo quando eles chegarem.

O grupo de cavaleiros infiéis chegou algum tempo depois ao oásis. Tinham cavalgado durante longas horas, sem parar, vindos do mar, e os cavalos estavam cansados. Maqmud fitou os cinco cavaleiros do topo do monte, tentando perceber qual deles seria o líder. Vinham armados e estavam visivelmente desconfiados. Era natural. Tinham sido atraídos pela proposta que Maqmud fizera há poucos dias e ele sabia que era muito tentadora para a ignorarem.

Os cinco homens foram rapidamente cercados pelos mudjahideen e, depois, acabaram por seguir as indicações de Tarik, subindo o pequeno carreiro até a entrada da gruta. Maqmud esperava-os naquele local e tomou a iniciativa.

— Sejam bem-vindos a Al-Jamid! — cumprimentou Maqmud num tom grave, em castelhano, quando os cinco infiéis chegaram perto dele. — O meu nome é Maqmud. Que a grandeza de Allah esteja no meio de nós.

— Viemos buscar o prisioneiro! — adiantou um dos cavaleiros, sem rodeios, tentando ignorar a referência a Allah. Era muito alto e tinha o olhar gélido e fixo, por entre os cabelos negros suados. — Mas primeiro quero vê-lo!

— Sabemos ao que vindes, Cruzado! — ripostou num tom controlado, tentando disfarçar o desdém. — O prisioneiro está inconsciente faz alguns dias. Está bastante ferido da batalha, mas a febre está finalmente baixando.

— Queremos confirmar a sua identidade — insistiu o cavaleiro num tom alto e ríspido. Era o líder do grupo e o seu olhar revelava confiança e mostrava que não tinha receio de estar ali. Por certo que deveria ser um adversário de respeito no campo de batalha.

Maqmud assentiu com a cabeça. Era um pedido

razoável. Deixou que o cavaleiro alto se aproximasse, desarmou-o e depois guiou-o até a entrada da gruta, desaparecendo na escuridão.

Os dois homens demoraram algum tempo. Quando saíram voltaram cabisbaixos e em silêncio. Os cinco cavaleiros Europeus trocaram olhares, à espera que o cavaleiro mais alto confirmasse o que vira. Mas D. Miguel Alvarez de Toledo manteve-se em silêncio como se fosse incapaz de dizer o que quer que fosse. O seu olhar já não era gélido, sentia os ombros muito pesados e o seu espírito fora dominado por uma enorme perplexidade, difícil de controlar. Olhou para as suas mãos e sentiu o colar de ouro, que agarrava com demasiada força.

— D. Miguel? — inquiriu D. Pablo Estevez em tom de ansiedade, aproximando-se e olhando para o colar de ouro. — Chegou a vê-lo?

— Sim, cheguei a vê-lo! — respondeu D. Miguel, recebendo a sua espada de novo de um dos mouros. Olhou de novo para o objeto que tinha na mão e engoliu em seco. Ali, à luz das tochas, conseguia ver muito melhor. Um colar de ouro com o brasão lusitano, a cruz de Cristo e a esfera armilar. — Ele está bastante ferido, mas não há dúvida. É Sua Majestade, D. Sebastião, El-Rei de Portugal!

D. Pablo Estevez assentiu com uma expressão sorridente, não tirando os olhos do colar que D. Miguel trazia na mão. Os cavaleiros esboçaram um sorriso nervoso e depois voltaram a fixar o olhar em D. Miguel, à espera que o nobre desse as suas ordens.

— Cruzado! — interrompeu Maqmud num tom firme, vendo que o cavaleiro hesitava. Tinha que manter o controle da situação e evitar que os infiéis tentassem a via da força e tudo acabasse num banho de sangue. — Folgo em saber que encontrou o que procura. Como vê, a mensagem que enviei era verdadeira!

D. Miguel compreendeu o olhar do mouro. Olhou em redor, para os seus homens e para os guerreiros mouros. Tentou controlar os sentimentos. Percebeu o que estava acontecendo e que a sua vida iria mudar. As ordens de Madri tinham sido claras e bem precisas. Tinha que confirmar a identidade do prisioneiro, eliminar todas as provas vivas do sucedido e levar a sua cabeça para Madrid. D. Miguel tremeu! Pegou num pequeno saco de veludo e passou-o para a mão de Maqmud.

O mouro abriu o pequeno saco e descortinou os diamantes que brilhavam à luz dos archotes.

— Penso que houve um mal-entendido, Cruzado. Penso que não compreendeu a minha mensagem — avançou num tom ligeiramente irritado, tentando ao mesmo tempo manter um tom calmo.

— Não é suficiente?

Os cavaleiros espanhóis entreolharam-se e fixaram o olhar em Maqmud. Os mudjahideen ao seu lado ficaram tensos, prontos a responder em pouco tempo. Tarik chegou a desembainhar a espada, mas Maqmud fez sinal para que não avançasse, e ele recuou. D. Miguel Alvarez de Toledo concordou que o mouro tinha razão. Tirou um segundo saco de veludo e entregou-o a Maqmud, que manteve a mão estendida. Voltou a tirar mais um saco e depois colocou o quarto saco de veludos nas mãos de Maqmud.

— É tudo o que temos! — confessou o cavaleiro, baixando o olhar ao mesmo tempo que equacionava as hipóteses que tinha. Estava no terreno de Maqmud e sabia que ele tivera tempo para preparar a sua defesa e posicionara vários guerreiros escondidos no oásis. — Mas é um preço justo!

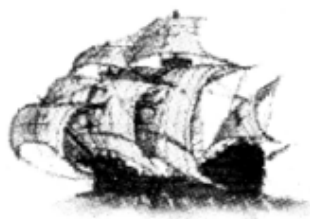
Maqmud assentiu e abriu os sacos de veludo um a um. Dois deles continham diamantes e os outros dois estavam cheios de moedas de ouro. Maqmud não perdeu mais tempo

e ordenou a Assad para aprontar o prisioneiro para a viagem.

D. Miguel ficou tenso com as palavras em árabe, mas depois percebeu que Maqmud tinha aceito a sua proposta. Olhou em volta e hesitou em ordenar a matança. Os seus homens também estavam nervosos, conscientes de que estavam em desvantagem e que dificilmente sairiam dali com vida caso prosseguissem na missão. D. Miguel não ordenou o ataque e continuou abismado com o que tinha visto na gruta. Dificilmente Deus concordaria com a missão que lhe fora confiada. Agora tinha certeza disso! Depois, pensou que teria uma viagem de regresso difícil até chegar ao mar. O céu estava limpo e as estrelas brilhavam intensamente no escuro, mas estava começando a ficar frio e ele sabia que a temperatura baixaria ainda mais dentro de pouco tempo.

— Besselama, Cruzados! — terminou Maqmud, com uma expressão enigmática, afastando-se para a escuridão da gruta, seguido dos seus mudjahideen. — Que Allah esteja convosco!

Cronologia



- 1488:** *Bartolomeu Dias dobra o Cabo da Boa Esperança.*
- 1492:** *Cristóvão Colombo chega à ilha de San Salvador, na América.*
- 1494:** *Tratado de Tordesillas entre Portugal e Espanha.*
- 1495:** *Morte de El-Rei D. João II em Alvor. Aclamação de D. Manuel I.*
- 1496:** *Expulsão dos judeus de Portugal.*
- 1498:** *Descoberta do caminho marítimo para a Índia: Vasco da Gama chega a Calecute.*
- 1500:** *Pedro Álvares Cabral lidera a segunda expedição à Índia, mas desembarca na Bahia, no Brasil.*
- 1501:** *Segunda expedição ao Brasil, liderada por Gonçalo Coelho.*
- 1503:** *Fundação da Casa da Índia em Lisboa. Terceira expedição à Índia, liderada por João da Nova.*
- 1507:** *Portugueses ocupam a ilha de Moçambique.*
- 1509:** *Afonso de Albuquerque é nomeado Governador da Índia. Primeira expedição a Malaca sob o comando de Diogo Lopes de Sequeira.*
- 1510:** *Afonso de Albuquerque conquista Goa.*
- 1511:** *Afonso de Albuquerque conquista Malaca. Naufrágio da Flor do Mar no Estreito de Malaca.*
- 1512:** *Primeira expedição portuguesa às ilhas Molucas, liderada por Antônio de Abreu e Francisco Serrão.*
- 1515:** *Afonso de Albuquerque conquista Ormuz. Morte de Afonso de Albuquerque perto de Goa. Portugueses chegam a Timor.*
- 1518-19:** *Sultão de Malaca tenta reconquistar a cidade aos portugueses.*
- 1519:** *Início da primeira viagem de circum-navegação por Fernão de*

Magalhães e Sebastián Elcano, a serviço da Espanha.

1517: *Primeira embaixada portuguesa na China, liderada por Tomé Pires.*

1521: *Morte de El-Rei D. Manuel I em Lisboa. Aclamação de D. João III.*

1524: *Primeira expedição de Francisco Pizarro ao Peru. Morte de Vasco da Gama em Cochim.*

1528: *Fundação do Sultanato de Johor pelo filho do último Sultão de Malaca.*

1529: *Tratado de Zaragosa entre Portugal e Espanha: Diferendo das Molucas.*

1530: *Portugal inicia colonização do Brasil: criação das capitanias hereditárias.*

1533: *Francisco Pizarro conquista Cusco: derrocada do império Inca.*

1535: *Francisco Pizarro funda a cidade de Lima como capital do Vice-Reino do Peru.*

1536: *Chegada da Inquisição a Portugal.*

1537: *Primeiro cerco do Achém a Malaca.*

1539: *Batalha de Sungai-Paneh entre Achém e Johor. Achém conquista temporariamente o Sultanato de Aru.*

1541: *Assassinato de Francisco Pizarro em Lima.*

1543: *Chegada dos primeiros portugueses ao Japão, entre os quais Fernão Mendes Pinto.*

1544: *Hostilidades entre China e Japão.*

1547: *Segundo cerco do Achém a Malaca.*

1549: *Tomé de Sousa nomeado primeiro governador-geral do Brasil.*

1551: *Cerco de Johor a Malaca.*

1554: *Nascimento de D. Sebastião em Lisboa.*

1557: *Portugueses fundam Macau. Morte de El-Rei D. João III em Lisboa. Regência de D. Catarina.*

1558: *Nascimento de André Furtado de Mendonça em Lisboa. Malaca*

elevada a diocese.

1560: *Tribunal da Inquisição em Goa, com jurisdição sobre os territórios portugueses na África Oriental e Ásia.*

1562: *Grande cerco muçulmano à cidade portuguesa de Mazagão, no norte de África.*

1565: *Estácio de Sá funda a cidade do Rio de Janeiro, Brasil. Início da rota dos Galeões de Manila.*

1568: *Início do reinado de D. Sebastião. Terceiro cerco do Achém a Malaca, com o apoio de Johor.*

1570: *Portugueses fundam o porto de Nagasaki, no Japão.*

1571: *Espanhóis fundam a cidade de Manila, nas Filipinas.*

1572: *Morte do Supa Inca Túpac Amaru I em Cusco: fim da última dinastia Inca.*

1573-75: *Achém cerca Malaca por três vezes consecutivas.*

1574: *Primeira expedição de D. Sebastião ao norte de África.*

1575: *Portugueses expulsos de Ternate, nas ilhas Molucas. Paulo Dias de Novais funda a cidade de Luanda em Angola. Macau elevada a diocese.*

1576: *Embarque de D. André Furtado de Mendonça para a Índia.*

1578: *Batalha de Alcácer-Quibir, no norte de África. Morte de El-Rei D. Sebastião.*

1580: *Exército espanhol invade Portugal: batalha de Alcântara. Morte de Luís de Camões em Lisboa.*

1581: *Aclamação de D. Filipe II de Espanha como Filipe I de Portugal. Independência das Províncias Unidas dos Países Baixos.*

1586: *Novo cerco de Johor a Malaca. Portugueses destroem Johor Lama, capital do sultanato de Johor.*

1588: *Armada invencível contra Inglaterra.*

1595: *Holandeses atacam ilhas portuguesas de S. Tomé e Príncipe. Início da guerra luso-holandesa.*

1596: *Holandeses chegam pela primeira vez à Ásia, desembarcando na*

ilha de Samatra.

1597: Armada de Lourenço de Brito em Bantem para expulsar os holandeses do Oceano Índico.

1598: Morte de El-Rei D. Filipe I no Escorial. Aclamação de D. Filipe II.

1600: André Furtado de Mendonça captura o pirata Cunhale.

1601: Batalha de Bantam entre portugueses (liderados por André Furtado de Mendonça) e holandeses (liderados por Wolphert Zoon).

1602: Criação da VOC (Vereeningde Oost-Indische Compagnie) em Amsterdã.

1603: Ataque holandês ao Santa Catarina, perto de Cingapura. Artur Furtado de Mendonça, Capitão-Mor de Malaca.

1605: Holandeses, liderados por Steven Van der Hagen, conquistam fortes portugueses de Amboino e Tidore, nas Molucas.

1606: Cerco holandês a Malaca liderado por Cornelis Matelieff de Jonge, com o apoio do Sultanato de Johor. Batalha do Cabo Rachado.

1607: Primeiro cerco holandês à ilha de Moçambique. Martim Afonso de Castro, Vice-Rei da Índia, morre em Malaca.

1609: André Furtado de Mendonça, Governador da Índia. Holandeses estabelecem-se no Japão.

1610: Morte de André Furtado de Mendonça, perto da ilha da Ascensão. Holandeses tomam cidade portuguesa de São Tomé de Paleacate, no Coromandel.

1613: Achém conquista o Sultanato de Aru.

1614: Cristianismo banido do Japão.

1615: Holandeses conquistam Solor aos portugueses. Holandeses tomam o Sultanato de Bantem. Novo cerco do Achém a Malaca.

1619: Holandeses fundam Batávia, em Java.

1621: Criação da WOC em Amsterdã. Morte de El-Rei D. Filipe II em Madrid. Aclamação de D. Filipe III.

1622: Fortaleza portuguesa de Ormuz cai nas mãos dos persas, apoiados pelos ingleses. Grande cerco holandês a Macau.

- 1624:** *Tomada da Bahia no Brasil pelos holandeses.*
- 1625:** *Portugueses reconquistam a Bahia, no Brasil: armada dos vassalos.*
- 1628:** *Grande cerco do Achém a Malaca.*
- 1629:** *Holandeses conquistam Recife, no Brasil.*
- 1630:** *Portugueses reconquistam Solor. Ingleses fundam a cidade de Boston, em New England.*
- 1632:** *Morte de Cornelis Matelieff de Jonge em Amsterdã.*
- 1634:** *Bloqueio holandês ao Estreito de Malaca.*
- 1637:** *Último cerco de Achém a Malaca, derrotado com o apoio de Johor. Holandeses iniciam bloqueio marítimo de Goa, até 1645.*
- 1638:** *Holandeses conquistam fortaleza portuguesa de S. Jorge da Mina, no golfo da Guiné.*
- 1639:** *Xogun Tokugawa encerra portos japoneses aos portugueses.*
- 1640:** *Restauração da independência portuguesa: aclamação de D. João VI.*
- 1641:** *Holandeses conquistam Malaca. Holandeses tomam Luanda aos portugueses.*
- 1642:** *Casa da Índia abandona política de monopólio.*
- 1648:** *Paz entre Espanha e Holanda: Tratado da Vestfália. Portugueses reconquistam Luanda em Angola.*
- 1650:** *Fortaleza portuguesa de Mascate cai nas mãos dos omanis.*
- 1652:** *Jan van Riebeeck, da VOC, funda a Cidade do Cabo, perto do Cabo da Boa Esperança.*
- 1654:** *Portugueses reconquistam o Recife: expulsão dos holandeses do Brasil.*
- 1656:** *Morte de El-Rei D. João IV em Lisboa. Aclamação de D. Afonso VI.*
- 1658:** *Derrocada portuguesa no Ceilão, conquista definitiva dos holandeses.*
- 1661:** *Cedência de Tanger e de Bombaim aos ingleses (dote de D. Catarina de Bragança).*
- 1662:** *Holandeses conquistam Cochim aos portugueses.*

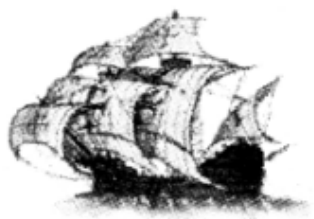
1663: *Paz entre Portugal e Holanda: Tratado de Haia.*

1667: *Abdicação de D. Afonso VI. Regência de D. Pedro II. Holandeses conquistam Makassar.*

1668: *Paz entre Portugal e Espanha: Tratado de Madri.*

1680: *Portugueses fundam a Colônia de Sacramento, nas margens do Rio da Prata.*

Referências



As minhas viagens e a paixão pela História portuguesa foram as maiores fontes de inspiração para a elaboração deste livro. A principal referência bibliográfica foi, sem dúvida, a internet. Milhares de horas de navegação em várias línguas, resultaram em inúmeras folhas impressas sobre Malaca, Império Português do Oriente e a América do Sul Colonial.

Destaco os websites:

www.treasurenet.com,

www.colonialvoyage.com e

www.wikipedia.com.

Devo ainda citar as seguintes obras:

“Portugueses e Malaaios, Malaca e os sultanatos de Johor e Achém” – Paulo de Sousa Pinto – Fundação Oriente.

“O Império Marítimo português, 1415-1825” – Charles R. Boxer – Edições 70.

“O Império Asiático português, 1500-1700” – Sanjay Subrahmanyam – Difel.

“A Presença portuguesa no Golfo de Bengala 1500-1700” – Sanjay Subrahmanyam – Edições 70.

“Malacca, Voices from the Street” – Lim Huck Chin and Fernando Jorge.

“A Aventura portuguesa” – Verbo.

“El Pacifico Espanol – Mitos, viajeros y rutas oceanicas” – Prosegur Ediciones.

“André Furtado de Mendonça ” – Charles R. Boxer e Frazão de Vasconcelos – Agência Geral do Ultramar.

“André Furtado de Mendonça – O Grande Capitão” – Mário de Mendonça Frazão.

“Reviver Malaca” – Viana de Lima.

"A Stroll through Ancient Malacca" – Padre Manuel Pintado – Instituto Cultural de Macau.

"Em Malaca, Redescobrir Portugal" – Beatriz Basto da Silva – Direção Estudos de Educação.

"Campanhas da Índia: Sofala, Goa, Malaca: 1505-1600" – Maria Benedita de Almeida Araújo – Academia Portuguesa da História.

"The Japanese Diaspora in the XVII Century" – Madalena Ribeiro, UNL.

"The Christian Century in Japan: 1549-1650" – C. R. Boxer – Carcanet.

"Cidades e Fortalezas do Estado da Índia – Séculos XVI e XVII" – José Manuel Garcia – Quidnovi.

"A Batalha Naval do Estreito de Malaca de 1606 e as operações subseqüentes" – Armando Saturnino Monteiro – Academia da Marinha Portuguesa.

"A vida a bordo das naus da Carreira da Índia" – Antônio Lopes e Eduardo Frutuoso.

"Ascensão e declínio da Carreira da Índia (Séculos XV-XVIII)" – Paulo Guinote.

"Batalhas e Combates da Marinha portuguesa" – Armando Saturnino Monteiro.

"Frol de la Mar" – Skin Diver magazine.

"Flor de la Mar: An Early Epilogue of the lost ship, 1511" – Mohd. Sherman bin Sauffi.

"História da Arte portuguesa no Mundo – O Espaço do Índico (séculos XV-XIX)" – Pedro Dias – Círculo de Leitores.

"História dos portugueses no Extremo Oriente – De Macau à Periferia" – Direção de A. Oliveira Marques – Fundação Oriente.

"Guia da Ilha de Moçambique – Omuhipiti" – Direção Nacional da Cultura (Moçambique) e IGESPAR (Portugal).

"Ilha de Moçambique" – Eugénia Rodrigues, Aurélio Rocha e Augusto Nascimento – Alcance Editores.

"Peru" – Lonely Planet.

"Indonesia" – Lonely Planet.

"Sri Lanka" – Lonely Planet.

"New England" – Eyewitness Travel Guides .

"Chicago" – Eyewitness Travel Guides.

"Malaysia, Singapore & Brunei" – Lonely Planet.

"Singapore" – Insight Guides.

"Singapore: A Pictorial History 1810-2004" – Gretchen Liu – Archipelago Press.

"Malaysia: A Pictorial History 1400-2004" – Wendy Khadijah Moore – Archipelago Press.

"Portugal Património" – Alvaro Duarte de Almeida, Duarte Belo – Círculo de Leitores.

"Lisboa, uma Cidade Inesquecível" – Limite Visual.

"Geografia do Mundo" – Círculo de Leitores.

Mapa



1 Posição curta (*short position*): Venda a descoberto, isto é, um investidor vende um título que pediu emprestado. Beneficia-se caso o preço caia.

2 Posição longa (*long position*). O investidor é detentor de uma ação e se beneficia caso o preço suba.

3 Fundos de investimento detidos por um grupo limitado de investidores que pagam uma comissão por performance. Podem ter posições longas e curtas em ações, bem como investir em índices, obrigações, moeda ou *commodities*.

4 Matérias-primas, normalmente transacionam com um preço global.

5 Título honorífico em árabe.

6 Vinho espumante típico da Catalunha.

7 Termo português para designar os naturais de Goa.

8 Termo para designar os naturais da atual Birmânia.

9 Termo português para designar os naturais da China.

10 Termo português para designar os naturais da ilha de Java.

11 Bispo de Malaca entre 1578 e 1601.

12 Termo malaio para designar “homens brancos”. Eram, normalmente, portugueses.

13 Capitão-Mor da fortaleza de Malaca entre 1594 e 1597.

14 Naturais de Guzarate, perto de Diu, normalmente muçulmanos.

15 Termo português para designar os mercadores hindus do Coromandel, na costa leste da Índia.

16 Casado era a palavra usada nos séculos XVI e XVII para descrever os filhos de portugueses do Reino com mulheres locais. Os casados tiveram um papel determinante no Império Português do Oriente, pois foram eles que asseguraram a presença portuguesa em vários locais ao longo dos anos.

17 Capitão-Mor da Fortaleza de Malaca entre 1576 e 1579, mais tarde promovido a Vice-Rei da Índia (1600-1605).

- 18 Cognome de D. Afonso de Albuquerque.
- 19 “Bairro” em malaio.
- 20 Termo para designar os descendentes dos imigrantes chineses na região malaia.
- 21 Inglês falado em Cingapura, que mistura várias palavras de dialetos chineses e malaio.
- 22 Dialeto dos portugueses de Malaca, baseado no português antigo.
- 23 Língua indígena dos Andes, oficial no Peru, na Bolívia e no Equador.
- 24 Ponte entre Cingapura e Malásia, com pouco mais de 1 km, construída em 1923.
- 25 Revolta militar em 1974 que pôs fim ao regime de ditadura em Portugal.
- 26 Representante da comunidade queim na Malaca portuguesa.
- 27 *Tummengung* em malaio: representante da comunidade muçulmana na Malaca portuguesa.
- 28 Capitão-Mor de Malaca entre 1579 e 1582.
- 29 “Aldeia” em malaio.
- 30 Representante da comunidade chinesa na Malaca portuguesa.
- 31 Matéria-prima das garrafas de plástico.
- 32 Capitão-Mor de Malaca entre 1600 e 1603.
- 33 Espada curta japonesa, normalmente com 40 cm de comprimento.
- 34 Par de espadas dos samurais japoneses, normalmente uma *Wakizashi* e uma *katana* (lâmina fina com 80 cm).
- 35 Primeiro Capitão-Mor de Malaca (1511-1514).
- 36 Último Capitão-Mor de Malaca (1638-1640).

COPYRIGHT© 2013, EDUARDO PIRES COELHO

TÍTULO: O SEGREDO DA FLOR DO MAR

© 2013, EDUARDO PIRES COELHO

EQUIPE EDITORIAL: LOURDES MAGALHÃES E LINDSAY GOIS

APARTAÇÃO PARA O PORTUGUÊS BRASILEIRO: TÂNIA LINS E LINDSAY GOIS

REVISÃO: LINDSAY GOIS E TÂNIA LINS

CAPA E PROJETO GRÁFICO: DEBS BIANCHI | BIANCHERIA DESIGN ON & OFF

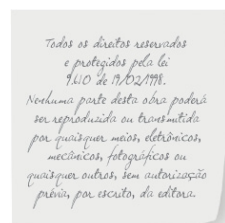
DIAGRAMAÇÃO: DEBS BIANCHI | BIANCHERIA DESIGN ON & OFF

ICONOGRAFIA (P. 484-485): MARIANA CARBONELL E DEBS BIANCHI |

BIANCHERIA DESIGN ON & OFF

DIAGRAMAÇÃO E EBOOK: [SCHÄFFER EDITORIAL](#)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)	
Coelho, Eduardo Pires O segredo da flor do mar / Eduardo Pires Coelho. -- 1. ed. -- São Paulo : Primavera Editorial, 2013. ISBN 978-85-61977-56-6 1. Romance português I. Título 13-02959	CDD-869.3
Índice para catálogo sistemático: 1. Romances : Literatura portuguesa 869.3	



0 - Vila B 37

vila hamburguesa

05319-000 - São Paulo - SP

Telefone: (55 11) 3034-3925

www.primaveraeditorial.com

contato@primaveraeditorial.com